



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Sociologia

Tese de Doutoramento

O Permanecer após a chegada: Conflitos e inquietações a respeito dos imigrantes em Portugal

Lucas Freitas de Souza

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2025



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Sociologia

Tese de Doutoramento

O Permanecer após a chegada: Conflitos e inquietações a respeito dos imigrantes em Portugal

Lucas Freitas de Souza

Orientador(es) | Bruno Dionísio

Évora 2025



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Eduardo Jorge Esperança (Universidade de Évora)

Vogais | Bruno Dionísio (Universidade de Évora)
Joana Fonseca França Azevedo (ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa)
José Maria Baptista de Carvalho (Instituto Politécnico de Portalegre)
José Resende (Universidade de Évora)
Maria Manuela Ferreira Mendes (Universidade de Lisboa)
Pedro Manuel Rodrigues da Silva Madeira e Góis (Universidade de Coimbra)

Ao estrangeiro que habita em nós.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento de um projeto de investigação, na grande maioria das vezes, requer esforços que transcendem a figura do pesquisador. Exige, direta e indiretamente, o apoio de inúmeras pessoas e instituições. Em solidão, como evidencia a história evolutiva da espécie humana, nossa capacidade de progresso se mostra limitada. Por isso, venho nas linhas a seguir expressar minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade de Évora pelo suporte durante todo o desenvolvimento deste projeto. Durante os três primeiros anos do doutoramento – infelizmente prorrogado devido a questões de saúde –, a universidade concedeu-me a Bolsa por Mérito Acadêmico para Estudantes Internacionais e proporcionou, enquanto residia em Évora, a estrutura física no Instituto de Investigação e Formação Avançada para o desenvolvimento das atividades, além da licença do software NVivo ao longo de toda a pesquisa.

Ao meu orientador, Professor Bruno Dionísio, manifesto minha mais sincera gratidão pelo apoio, orientação e dedicação em todas as etapas desta tese. Sua expertise, paciência e valiosas contribuições foram essenciais para a realização deste trabalho, oferecendo não apenas direcionamento acadêmico, mas também motivação e encorajamento nos momentos mais desafiadores.

Um agradecimento especial ao Professor Catedrático José Manuel Vieira Soares de Resende, por todo o incentivo e auxílio. Tal como Virgílio guiou Dante, ele conduziu-me pelos caminhos da Sociologia Pragmática. Mesmo diante dos inúmeros obstáculos que atrasaram o projeto, como os longos períodos de afastamento devido a questões de saúde, nunca desistiu e continuou a encorajar-me a concluir a investigação. Mais do que um professor, tornou-se um grande amigo.

À minha querida família – meus pais, Pedro e Vanusa; minha irmã e cunhado, Thais e Daniel; e meu sobrinho e afilhado, Túlio –, por sempre me incentivarem a prosseguir nos estudos e por me oferecerem apoio incondicional em todas as etapas. A distância e a saudade, durante o período em que vivi em Évora, foram como os gumes de uma faca a ferir-me o peito. Essa distância intensificou a dor em momentos de profunda tristeza, como a perda do meu querido avô materno, de quem não pude despedir-me.

À minha amada companheira, namorada e amiga, Aline, que partilhou comigo parte da jornada em Portugal. Juntos, enfrentámos a saudade da família e fomos suporte emocional um para o outro. Ela ergueu-me o ânimo todas as vezes em que o desânimo ameaçou vencer. Estendo meus agradecimentos à sua família pelo carinho, atenção e constante incentivo ao longo desta caminhada. Um agradecimento especial, *in memoriam*, à Laine, minha querida cunhada, que partilhou connosco uma parte dessa experiência em Évora, tornando esse período ainda mais significativo.

Aos amigos Elias Dornelas, Marina Silveira, Renato Lima, Victor Hugo, Sueli Faria, Marcos Vidal, Márcio Almeida, Renato Oliveira e Paulo Eduardo de Almeida Santos, por todo o apoio e pelas ricas discussões que enriqueceram este percurso.

Agradeço também a David Beirante, Luís Gouveia e Vera Faria, com destaque para José Maria Carvalho, pela disponibilidade em analisar as primeiras versões da tese e pelos pertinentes apontamentos, que, seja pelo cansaço ou por falha humana, eu já não conseguia identificar sozinho.

A Manoel Santana Cardoso, que me orientou no mestrado e incentivou-me a seguir para o doutoramento. Ao Professor Eduardo Esperança, meu primeiro contacto na Universidade de Évora, que me guiou numa visita pelo Colégio do Espírito Santo, sugeriu leituras fundamentais e gentilmente me emprestou alguns livros. À Professora Maria da Saudade Baltazar, sempre solícita em auxiliar e esclarecer dúvidas.

*Quando eu não tinha o olhar lacrimoso
Que hoje eu trago e tenho
Quando adoçava o meu pranto e meu sono
No bagaço de cana do engenho
Quando eu ganhava esse mundo de meu Deus
Fazendo eu mesmo o meu caminho
Por entre as fileiras do milho-verde que ondeia
Com saudade do verde marinho
Eu era alegre como um rio
Um bicho, um bando de pardais
Como um galo, quando havia
Quando havia galos, noites e quintais
Mas veio o tempo negro e, à força, fez comigo
O mal que a força sempre faz
Não sou feliz, mas não sou mudo
Hoje eu canto muito mais.*

(Galos, noites e quintais, canção de A. C. Belchior, 1977, sic)

RESUMO

O Permanecer após a chegada: Conflitos e inquietações a respeito dos imigrantes em Portugal

Resumo: A temática das migrações envolve uma amplitude de aspetos, contextos e conceitos inerentes a própria complexidade do fenómeno migratório na atualidade, e exige igual complexidade metodológica para compreendê-lo. A presente obra buscou perceber, analisar e compreender os conflitos e inquietações gerados pela chegada e permanência de indivíduos em migração, e como e quais fatores de influência impactuam nesse processo de integração desses atores na sociedade portuguesa. Diversos aspetos históricos, socioculturais, político-económicos e pessoais incidem influências que impactuam na receção desses atores. Requer a percepção dos variados fatores que permeiam todo processo, o qual evidencia-se como uma composição plural de múltiplas interconexões e influências recíprocas. Exige a compreensão conjunta dos diversos aspetos e fatores que precedem o *partir*, *chegar*, *permanecer* e *retornar*, etapas que formam o ciclo migratório. Além dos efeitos produzidos entre elas, recebem e incidem influências sobre a constituição e transformação do *ser* em *estranho*, conduzem a modificações identitárias que dificultam o reconhecimento do *eu*, por *si mesmo* e pelo *outro*, e como um *outro* igual ao *eu*, a impactar no reconhecimento de pertencimento ao *espaço-tempo*. Realizou-se, aliado ao arcabouço fornecido pela Sociologia Pragmática e o uso interdisciplinar de variadas metodologias, métodos e ferramentas, uma revisão sistemática sobre a evolução científica e a amplitude conceitual do fenómeno migratório, essenciais para a compreensão dos modelos utilizados no desenvolvimento teórico da obra; estudos de caso e coleta de dados etnográficos, netnográficos e estatísticos; Análise de Conteúdo e do Discurso; observações-participantes e entrevistas. O Processamento foi realizado com o *software NVivo*, com o objetivo de extrair as justificações dos atores sobre diversos aspetos do ato de migrar e interações com outros atores e *espaços-tempo*. Estes possibilitaram a compreensão dos múltiplos aspetos de influência interdependentes, que impactuam tanto no permanecer, quanto no próprio estudo das migrações.

Palavras-chave: Permanecer; Migrações; Sociologia Pragmática; Portugal; Reconhecimento e Pertencimento.

ABSTRACT**The Staying After the Arrival: Conflicts and Concerns Regarding Immigrants in Portugal**

Abstract: The theme of migration involves a wide range of aspects, contexts, and concepts inherent to the complexity of the migratory phenomenon nowadays, what requires an equally complex methodology to be understood. The present work sought to perceive, analyze, and understand the conflicts and concerns generated by the arrival and permanence of individuals in migration, as well as how and which influencing factors impact this process of integration of these actors in Portuguese society. Several historical, socio-cultural, political-economic and personal aspects have an impact on the reception of these actors. It requires the systemic perception of the various factors that permeate the whole process, which is evidenced as a systemic and autopoietic whole of multiple interconnected and reciprocally influent systems. It requires a joint understanding of the various aspects and factors that precede the leaving, arriving, staying, and returning stages that form the migratory cycle. In addition to the effects produced between them, they receive and affect influences on the constitution and transformation of the being into a stranger, leading to identity modifications that hinder the recognition of the self by oneself and by the other, and as an other equal to the self, influencing the recognition of belonging to the space-time. Allied to the framework provided by Pragmatic Sociology and the interdisciplinary use of various methodologies, methods and tools, a systematic review was carried out on the scientific evolution and conceptual breadth of the migratory phenomenon, essential to the understanding of the models used in the theoretical development of the work; case studies and data collection, ethnographic, netnographic and statistical; Content and Discourse Analysis; participant observations and interviews. The Processing was carried out with the NVivo software, with the objective of extracting the actors' justifications on various aspects of the act of migrating and interactions with other actors and space-time. These made it possible to understand the multiple aspects of interdependent influence, which impact both on the permanence and on the study of migrations itself.

Keywords: Remain; Migrations; Pragmatic Sociology; Portugal; Recognition and Belonging.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
SUMÁRIO	IX
LISTA DE ABREVIATURAS	XII
LISTA DAS SIGLAS, CÓDIGOS, ACRÓNIMOS E REDUÇÕES	XIII
LISTA DE TABELAS	XIV
LISTA DE FIGURAS	XV
OBSERVAÇÕES INICIAIS	XVI
PRÓLOGO	20
EXÓTICO ESTRANGEIRO: O ESTRANHO DE SCHRÖDINGER.....	20
A HIDRA DE <i>ALIUS</i> : BREVES DEFINIÇÕES SOBRE O ESTRANHO.....	23
A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA OBRA.....	28
PARTE I	30
NOTAS INTRODUTÓRIAS	30
CAPÍTULO I	31
AS MIGRAÇÕES EM PORTUGAL	31
1 UM PAÍS DE MIGRAÇÃO	32
1.1 OS ESTRANGEIROS EM ÉVORA.....	34
CAPÍTULO II	38
O DESPERTAR DO OBJETO E DO SER	38
2 UM ENCONTRO INESPERADO	39
2.1 UM DESPERTAR TARDIO.....	42
2.2 A ETNOGRAFIA DO SER: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO EM (TRANS)FORMAÇÃO.....	49
2.3 “NESSAS ILHAS CHEIAS DE DISTÂNCIA”: EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO ETNOGRÁFICA.....	58
CAPÍTULO III	69
APONTAMENTOS METODOLÓGICO	69
3 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURAIS	70
3.1 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA INICIAL E OS TERRENOS DE PESQUISA.....	71
3.2 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS DADOS.....	73
PARTE II	79

A PATATIVA DO NORTE	79
CAPÍTULO IV	80
COMPREENDER A MIGRAÇÃO.....	80
4 O ATO DE MIGRAR: E ENTÃO, SEVERINO, QUEM ÉS?	81
4.1 DO LATIM, MIGRARE: VERBOS E SERES EM SEUS MODOS, TEMPOS, PESSOAS, NÚMEROS, MOBILIZAÇÕES E VOZES	82
4.2 A GÊNESE DA MIGRAÇÃO: UM BREVE RELATO DA “EXPULSÃO DO PARAÍSO”	86
4.3 AS DIVERSAS COMPOSIÇÕES PLURAIS E CONCEITUAIS DO ATO DE MIGRAR	91
4.3.1 Um ajustamento sociobiológico do espaço e do migrar	93
4.3.2 As múltiplas composições das fronteiras do espaço-tempo	99
CAPÍTULO V.....	108
MIGRAR PLURAL	108
5 AS COMPOSIÇÕES PLURAIS DO PROCESSO MIGRATÓRIO	109
5.1 DAS PLURALIDADES DO ESPAÇO	110
5.2 DA TEMPORALIDADE DO PERMANECER.....	116
5.3 A POLÍTICA DO PERTENCER	118
5.4 SENTIDO, QUANTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO SER E DO MIGRAR ..	120
5.5 COMPOSIÇÕES PLURAIS DA MOTIVAÇÃO DO PARTIR	122
5.5.1 Migrações forçadas	126
5.5.1.1 <i>O exílio do ser: refúgio e asilo</i>	138
5.5.1.2 <i>Um status atribuído</i>	143
5.5.2 Migrações Espontâneas	151
PARTE III	157
MORTE E VIDA SEVERINA.....	157
CAPÍTULO VI.....	158
PARTIR	158
6 DO LATIM, PARTIRE: DO SENTIR, RELINQUERE	159
6.1 A PLURALIDADE DOS ATOS E LUGARES-COMUNS.....	161
6.2 MIGRANTE, UM SER DE COMPOSIÇÕES PLURAIS	170
6.3 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DA MATRIZ.....	171
CAPÍTULO VII	178
CHEGAR.....	178
7 “UM RAPAZ LATINO-AMERICANO”: UM ESBOÇO ETNOGRÁFICO DO PRÓPRIO SER.....	179
7.1 RESIDIR E HABITAR: EM BUSCA DE UM LAR	188

7.2	A PRISÃO DA BUROCRACIA E A PERMISSÃO PARA RESIDIR	192
7.3	UMA TRANSIÇÃO ACOMODACIONAL	198
7.4	TERRA À VISTA: O CHEGAR	209
7.5	ENTRE OS MUROS DA EXISTÊNCIA: CONJETURAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A CIDADE	219
7.6	SER EM METAMORFOSE: A TRANSMUTAÇÃO DO ESTRANHO	238
7.6.1	Um ser negativado: A (re)construção da identidade	239
CAPÍTULO VIII.....		242
PERMANECER.....		242
8	O EQUACIONAR DO ESTRANHAMENTO.....	243
8.1	CAMUS, SIMMEL E SCHÜTZ: PARA ALÉM DAS MÚLTIPLAS FIGURAÇÕES DO ESTRANGEIRO.....	246
8.2	O ESTRANHO (DE)COMPOSTO	256
8.2.1	Uma crítica etnopoética: A construção cíclica de um ser em (de)formação	259
8.2.2	A proximidade distante e a pluralidade da composição do estrangeiro	265
8.3	AJUSTAMENTOS DO PERMANECER	267
CAPÍTULO IX.....		281
CONCLUINDO COM NOVAS ABERTURAS		281
9	PARTIR, CHEGAR E PERMANECER – É UM TRIÂNGULO QUE SE FECHA?	282
9.1	REFLEXÕES SOBRE O PARTIR E O CHEGAR.....	283
9.2	MATUTAR O PERMANECER.....	295
9.3	O ESTRANHO NO NINHO: O PERMANECER AFETADO PELA PROXIMIDADE DISTANCIAMENTO	301
9.4	LIMITAÇÕES E RESTRIÇÕES DO ESTUDO	310
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		313
APÊNDICES		352
APÊNDICE A -	ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021].....	353
APÊNDICE B -	DESCRIÇÃO DOS OBJETOS OBSERVADOS	358
APÊNDICE C -	GUIÃO DAS ENTREVISTAS.....	367

LISTA DE ABREVIATURAS

<i>a.</i>	Autor (a)(s)
<i>as.</i>	Aspas
<i>c.</i>	Cerca, em torno, por volta de (sentido temporal)
coment.	Comentário
<i>e.g.</i>	<i>exempli gratia</i> (por exemplo)
<i>e.l.</i>	Em linha (WEB)
<i>h.</i>	Hora
<i>i.e.</i>	<i>id est</i> (isto é)
<i>it.</i>	Itálico
min.	Minutos
<i>n.</i>	Nosso, nossa, próprio
<i>neg.</i>	Negrito
org.	Organizador
org.	Organizadores
<i>p.</i>	Página
<i>pars.</i>	Parênteses
pp.	Páginas
vol.	Volume

LISTA DAS SIGLAS, CÓDIGOS, ACRÓNIMOS E REDUÇÕES

ACNUR.....	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AML.....	Área Metropolitana de Lisboa
CES	Colégio do Espírito Santo
CL	Centro de Línguas
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
DIRPF	Declaração de Imposto sobre Renda da Pessoa Física
EC	Estudos de Caso
ECS	Escola de Ciências Sociais
GP4SS.....	<i>Global Platform for Syrian Students</i>
IIFA.....	Instituto de Investigação e Formação Avançada
INE.....	Instituto Nacional de Estatística
IOM.....	International Organization of Migrations [©]
IRS	Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares
ISO [®]	<i>International Organization for Standardization</i>
NIF	Número de Identificação Fiscal (Portugal)
OIM.....	Organização Internacional para as Migrações
PALOP.....	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PMI [®]	<i>Project Management Institute</i>
pt-BR.....	Idioma Português do Brasil
pt-PT	Idioma Português de Portugal
RIFA	Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo
<i>RPG</i>	<i>Role-playing game</i>
SEF.....	Serviços de Estrangeiros e Fronteiras
SEFSTAT.....	Portal de Estatísticas dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras
UÉvora	Universidade de Évora
UNHCR.....	United Nations High Commissioner for Refugees
WEB.....	<i>World Wide Web</i>

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - TOTAL DE IMIGRANTES EM PORTUGAL 1980 – 2022	33
TABELA 2 - POPULAÇÃO ESTRANGEIRA RESIDENTE EM PORTUGAL EM 2021	35
TABELA 3 - ESTRANGEIROS RESIDENTES NO DISTRITO DE ÉVORA EM 2021	36
TABELA 4 - ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021]	353
TABELA 5 - ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021] (CONTINUAÇÃO 1)	354
TABELA 6 - ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021] (CONTINUAÇÃO 2)	355
TABELA 7 - ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021] (CONTINUAÇÃO 3)	356
TABELA 8 - ESTRANGEIROS RESIDENTES EM ÉVORA [2008 – 2021] (CONTINUAÇÃO 4)	357
TABELA 9 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS	358
TABELA 10 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 1)	359
TABELA 11 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 2)	360
TABELA 12 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 3)	361
TABELA 13 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 4)	362
TABELA 14 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 5)	363
TABELA 15 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 6)	364
TABELA 16 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 7)	365
TABELA 17 - OBJETOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS (CONTINUAÇÃO 8)	366
TABELA 18 - GUIÃO DAS ENTREVISTAS	367
TABELA 19 - GUIÃO DAS ENTREVISTAS (CONTINUAÇÃO)	368

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - BRASÃO DA CIDADE DE ÉVORA	220
FIGURA 2 - AVENIDA SÃO JOÃO DE DEUS, EM ÉVORA	227
FIGURA 3 - PORTAL DE ACESSO À CAPELA DOS OSSOS.	229
FIGURA 4 - ESTUDANTES AO SOL NO CLAUSTRO PRINCIPAL DO COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO.	230

OBSERVAÇÕES INICIAIS

A objetivar uma melhor leitura do texto, sem interrupções para explicações de caráter técnico-normativo, são apresentadas as seguintes observações sobre a apresentação escrita do texto:

- 1) Para efeitos de melhor organização será utilizada a seguinte divisão gráfica, no que tange as citações, utilizar-se-á o padrão de níveis de aspas indicado no *Código de Redação Interinstitucional da União Europeia* (Serviço das Publicações da União Europeia [Serviço das Publicações], 2022), a ser: **aspas angulares** (« »), para indicar citações realizadas no corpo do texto; **aspas curvas dobradas** (“ ”), também conhecidas por **vírgulas dobradas**, **comas**, ou **elevadas**, para indicar a existência de citações dentro de citações ou a já utilização de aspas adentro a estas; e, **aspas curvas simples** ou **vírgulas simples** (‘ ’), para indicar situações onde, em meio as aspas já presentes em uma citação, existam frases ou termos destacados com o uso destas. Em suma, utiliza-se aspas curvas duplas e simples para indicar a sua pré-existência no texto citado. Exemplo: «Após ler o texto, ele disse: “ficou superficial, além do mais, você não pode ‘falar’ desta maneira, pois, apresenta-se de forma insolente”». As citações bibliográficas longas serão apresentadas separadas do corpo do texto, conforme padrão APA 7th (*American Psychological Association [APA], 2020; Iida et al., 2020*), sem a utilização das aspas angulares para indicá-las, visto já estarem evidenciadas, e, portanto, quando necessário a indicação de aspas já presentes na citação, será utilizada a hierarquia apresentada (« “ ‘ ’ »»);
- 2) Trechos, palavras e termos em citações, evidenciados com o uso de *itálico*, **negrito**, colchetes, parênteses e aspas, serão informados quando realizado o destaque pelo autor da presente obra. Ausente esta indicação, compreende-se que estes são originais da citação;
- 3) No que tange aos insertos de entrevistas e relatos colhidos, estes serão apresentados de forma análoga as citações, contudo, sempre evidenciados pela utilização de aspas angulares e com o texto em *itálico*. Insertos longos ou múltiplos insertos, além desta formatação, serão destacados do corpo do texto, de forma semelhante as citações longas, e.g.: «*Eu cheguei, falei com o funcionário que me respondeu de forma bruta “não é possível, ainda mais para ‘alguém como você’” e isto me deixou bem desmotivada*»;

-
- 4) As *aspas curvas dobradas*, formatadas em *itálico*, assim como o texto que destacam, serão utilizadas para indicar falas ou pensamentos do autor da presente obra, e.g.: “*como posso fazer isso?*”;
 - 5) A formatação em *itálico* de palavra ou conjunto de palavras que compõem o termo, será utilizada para evidenciar palavras e termos: (i) em outras línguas; (ii) cuja interpretação esteja além do significado linguístico; (iii) novas estruturas linguísticas até o momento não reconhecidas na língua portuguesa; (iv) abreviações; e, (v) títulos de obras mencionadas, e.g.: *Alter Ego*; o *outro*, na procura de um *outro eu*;
 - 6) Para evidenciar pontos que o autor desta julgue ser necessário o destaque, serão utilizadas as formatações em *Itálico* e **negrito**, de forma conjunta, da palavra ou conjunto de palavras que compõem o termo, por exemplo: «[...] dentro da chamada ***Sociologia Pragmática***»;
 - 7) Palavras e termos evidenciados somente com o uso de **negrito**, indicarão: (i) que estes são de caráter tópico, ou seja, podem ser estabelecidas ou pertencentes a/em uma hierarquia; ou, (ii) termos-chave para o assunto tratado, em um caráter geral. e.g.: «[...] o conceito é fundamentado pelo contexto formativo que envolve a **pessoa, tempo e espaço**»;
 - 8) Evidenciados em **negrito**, após designações relativas a localização de capítulos e tópicos desta obra, indicarão a existência de link ativo nos termos, direcionados ao texto informado, e.g.: «[...] uma melhor compreensão pode ser encontrada no **Capítulo VI - Exótico**»;
 - 9) Palavras e termos evidenciados apenas com a utilização das *aspas curvas dobradas*, utilizadas no corpo do texto fora de citações, indicarão que estes são de usos comuns nas áreas a qual são utilizados ou considerados clássicos/populares, e.g.: «[...] entre os vários “sistemas” [...]»;
 - 10) As informações dispostas nos itens de nº 2 à 9, da presente lista de Observações Iniciais, não são indicações dispostas e/ou apresentadas pelo *Código de Redação Interinstitucional da União Europeia* (Serviço das Publicações, 2022) ou pelo *American Psychological Association [APA] Style Seventh Edition* (APA, 2020; Iida et al., 2020), a ser, portanto, uma sugestão do autor para uma melhor divisão hierárquica do texto;
 - 11) No que tange ao referenciamento, a presente obra segue os parâmetros estabelecidos pelo *Publication Manual of the American psychological association* (APA, 2020; Iida et al., 2020);
 - 12) Uma exceção a observação apresentada no ponto anterior, será a apresentação de leis e regulamentos específicos de cada país na lista de referências bibliográficas, e suas

consequentes menções em citações no texto. Por força de constar na presente obra menções a normativas de diversos países, a forma indicada pela APA 7th (APA, 2020) pode levar a equívocos de interpretação ou a necessidade de se prolongar explicações sobre a origem da norma mencionada no texto, visto que, não apresenta a indicação de autoria, o que pode levar a confusão sobre a procedência de determinada norma, principalmente, na lista de referências, *e.g.*, a apresentação de duas leis seguidas, conforme instituído pela APA 7th (APA, 2020), nas quais a editoração não apresente de forma clara o país de origem. Por tal modo, os ordenamentos jurídicos aqui apresentados serão referenciados adentro aos mesmo padrões indicados para obras literárias, *e.g.*: no texto, (República Portuguesa [Portugal], 1976); (Portugal, 1976); e, na lista de referências, República Portuguesa. (1976). Constituição da República Portuguesa. (Decreto de Aprovação da Constituição com alterações à data de 25-01-2022). Diário da República Eletrónico (DRE): n.º 86/1976, Série I de 10-04-1976 [Em linha]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda [...].

- 13) A terminologia latina *sic, sicut* – a significar: assim, deste modo -, será utilizada conforme o seu uso padrão, ou seja, para informar, em *citações e insertos*, a transcrição literal, na qual, estejam presentes: (i) erros gramaticais; (ii) grafias em desuso; ou, (iii) opiniões controversias. O termo será introduzido na referência da citação, de modo a não produzir interrupções a leitura, em *Itálico, e.g.: sic.*;
- 14) Nos casos em que determinados termos, presentes em citações retiradas de publicações brasileiras – originais ou traduções -, configurem-se como não corretos em relação ao uso da língua portuguesa praticada em Portugal e nos Países Africanos de Língua Oficial Português (PALOP), doravante, pt-PT (*sic.*), mas, sejam, em suma, frutos de diferenças linguísticas existentes entre esta e o uso da língua no Brasil, futuramente, pt-BR (*sic.*) – *e.g.*, regionalismos, utilização da letra *p* e *c* em algumas palavras e determinadas acentuações -, serão utilizados os códigos informados acima, conforme padrões estabelecidos pela ISO 639-1 (International Organization for Standardization [ISO], 1998), apresentados na referência da citação, de modo a não produzir interrupções a leitura, por exemplo: «[...] perspectiva [...]» (Beltrano, 2001, p.15, pt-BR);
- 15) No caso de a ocorrência anterior ser apresentada, em palavras ou termos utilizados pelo autor do presente trabalho, em frases de sua autoria no corpo do texto da obra, *id est (i.e.)* – isto é -, não pertencentes a citações diretas, será informado o código referente, conforme o disposto no item anterior, em nota de rodapé explicativa;

16) A utilização dos parênteses mantém o uso padrão indicado na língua portuguesa, a merecer apenas a seguinte explicação: normalmente, segundo a gramática padrão, quando informados no final de palavras com letras ou termos adentro – *e.g.*, alunos (as) –, exerce a função de assinalar possibilidades de leituras. Todavia, no presente texto, poderão aparecer no início das palavras, sem espaços entre o termo evidenciado e a palavra – *e.g.*, *(des)encontros* –, com a função de indicar que a significação ultrapassa os significados das possibilidades de leitura dual – *e.g.*, encontros ou desencontros –, a designar a ocorrência de um evento, situação ou conjuntura, com possível compreensão recíproca e/ou simultânea, ao mesmo tempo em que é independente e único. Por tal modo, *e.g.*, um *(des)encontro*, demonstra uma conjuntura que evidencia um encontro e desencontro recíproco e/ou simultâneo e que está para além de um simples encontro ou desencontro, a ser individual e único em sua contextualização.

PRÓLOGO

Exótico estrangeiro: O estranho de Schrödinger

*A novidade veio dar à praia
Na qualidade rara de sereia
Metade, o busto de uma deusa maia
Metade, um grande rabo de baleia
A novidade era o máximo
Do paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo pra ceia
[...]
E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia, ali na areia
A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado
[...]
(Trecho da canção, *A novidade*, de Gil *et al.*, 1986, *sic.*)*

A porta a se abrir revela a imagem de alguém que se aproxima, a transportar consigo incerteza e medo. *O estranho* que chega, na figura do estrangeiro, é um *ser*¹ de difícil definição. Órfão de sua própria pátria, por escolha ou imposição, é a tradução do próprio abandono. Renúncia mórbida de *si mesmo* e identidade frente as dificuldades, este exótico *ser* segue sua busca em prol de melhores condições de vida.

O estranho alça voo, mesmo sem saber voar. Semente liberta, que da árvore se desgarrou, deixa-se levar pelo vento para outros campos, a pousar distante em solo, muitas vezes, hostil, para então criar raízes. Pássaro a sair do ninho familiar, abandona sua terra e entes queridos a fim de ganhar os ares até aterrar em longínquas paragens e lá construir o próprio ninho.

Figura enigmática e quase mitológica, *o estranho*, sempre despertou a curiosidade da humanidade. Romantizado e demonizado por poetas, virou herói e vilão da própria sorte. Cavaleiro errante, fantasioso Quixote, a buscar aventuras e sonhos em terras distantes (Cervantes, 1605-15/2021). Intrépido guerreiro, a chegar para salvar a todos. Monstro indómito, bárbaro invasor, a trazer medo e destruição pelos caminhos que percorre. *O estranho*

¹ Na presente obra, o termo *ser*, destacado com o uso de itálico, indicará sua forma como substantivo masculino, a significar ente, o ente humano, existência, vida, forma, figura, aquilo que é, que existe.

é o portador, ao mesmo tempo em que é, a própria *novidade*, e esta nem sempre é bem-vinda.

Este emblemático *ser*, (de)composto de mistérios, imagens e sombras distorcidas, preenche há muito o imaginário humano. Desgarrado de seus laços, ou a isto forçado, parte para enfrentar o (des)conhecido. Enfrenta *o novo* e, concomitantemente, apresenta-se como *o novo* que será encarado. *O estrangeiro* é, em sua essência e forma, *o estranho*. Não apenas por sua aparência, como pela *ausência de pertencimento* ao ambiente que se insere. Nas palavras de Antonelli (2015), «[...] é aquilo que não reconheço como sendo eu ou fazendo parte de meu reinado [...]» (p. 335). Um *estranho ser*, a ocupar um lugar ao qual não pertence.

Esta exótica e peculiar figura, objeto desta obra, define-se por meio de uma complexa e simultânea miscelânea de significados. Portador do conhecimento, é o *colonizador gentil* a trazer erudição e fé ao bom selvagem, a supor, claro, que este a deseje. *Ser* indomável, de índole heroica e desbravadora, traz notícias e *novidades* do outro lado. Herói em busca de aventuras, é o salvador dos povos oprimidos – sejam por despostas, bestas ou pela própria ignorância – que chega para oferecer ajuda.

Em outra perspectiva, do outro lado do translucido vidro, é o estrangeiro que se surge, a trazer consigo sofrimento e medo (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Besta selvagem a descer às montanhas, é o bárbaro invasor que se aproxima para dominar e mudar o que já é estabelecido. Seus hábitos, *não civilizados* – afirmam alguns –, afetarão a sociedade e mudarão os costumes já instituídos. «*Não respeitam a cultura local e querem impor a força sua cultura e suas crenças nos outros. Por mais que neguem, eles seguem o corao, e todo que não seguem, são infiéis*» (Faro, 2015, *sic.*)². Sua entrada e permanência é assemelhada a abertura da caixa de Epimeteu por Pandora, primogénita dos deuses do Olimpo (Bulfinch, 1855/2006). Conceder a entrada, abrir a porta, é, nesse caso, comparado a permitir que os males adentrem ou, a seguir uma outra vertente mitológica de Pandora³, que todas as bênçãos se escapem. Todavia,

² Comentário de usuário em vídeo no *YouTube*[®]. Relatos colhidos em pesquisa realizada entre 2018 e 2019.

³ Pandora, em grego clássico, Πανδώρα, “a que tudo dá”, “a que possui tudo”, “a que tudo tira” (Liddell & Scott, 1843/1996; Palavro, 2020; Pucci, 1977), segundo a mitologia grega, foi a primeira mulher. Feita no céu, foi construída com o auxílio de cada um dos deuses, os quais contribuíram de modo a aperfeiçoá-la. Sua beleza foi concedida por Vênus, a música por Apolo, a persuasão por Mercúrio, entre outros. O mito de Pandora, divide-se em duas vertentes: a primeira, afirma que foi enviada como punição a Prometeu – responsável, junto com o irmão, Epimeteu, pela criação do homem - por ter roubado o fogo e dado aos homens. Pandora, tomada por curiosidade, abriu uma caixa onde Epimeteu guardava certos artigos nocivos. De imediato, espalharam-se por todo o mundo inúmeros males. Assustada, fechou a caixa rapidamente, restando no fundo apenas um item, a esperança; a segunda vertente, afirma que, na verdade, foi um presente de boa-fé para abençoar o homem. A caixa havia sido

conforme esclarece o sírio Abraão (2019)⁴, é preciso mostrar que esta imagem não é uma conceção passível de ser generalizada ou concebida como verdade.

«[...] para os... estrangeiros...os muçulmanos...ou não sei o que...quem chega para Portugal tem que mostrar...a... que essa imagem que esta na mentalidade das pessoas que há...é errada...não é, não é verdade....aa...ee...pois, pouco a pouco começam a acreditar que é verdade...estas ideias não são verdade...Não são verdadeiros.»
(Abraão, 2019)

Apresenta-se necessário, portanto, modificar a mentalidade, evitar a generalização de uma representação fundamentada em imagens translúcidas transmitidas pelas redes de comunicação. Algo que, salienta o sírio, não é tarefa fácil. «[...] Mas...se calhar vai ser um bocado difícil mudar esta ideia... essa mentalidade assim» (Abraão, 2019).

O estrangeiro a se aproximar, a buscar uma paráfrase nos conceitos da física teórica, apresenta-se como um *estranho de Schrödinger*⁵. De índole ainda incerta, é bom e mau ao mesmo tempo, até que se permita abrir a caixa e descobrir. A marca de estrangeiro, similar a da besta bíblica fixada na frente do indivíduo (Apocalipse [Ap.], 2011)⁶, «[...] pode ser de “inimigo” como de “amigo” [...]» (Grinover, 2006, p. 31). As chances são iguais.

Enquanto aguarda por detrás da porta a permissão para entrar, o estrangeiro é analisado, mensurado e julgado, antecipadamente, de modo a verificar a disposição dos que ali já se encontram em abrir a caixa que este representa e ver o que se esconde no fundo. «O

dada pelos deuses com inúmeras dádivas e Pandora, inadvertidamente, abriu-a e todas as dádivas escaparam, com exceção da esperança. Como afirma Bulfinch (1855/2006) a segunda versão é mais promissora «[...] pois como poderia a esperança, que é tão preciosa quanto uma jóia, ter sido mantida dentro de uma caixa cheia de todos os tipos de males, com na primeira hipótese?» (p. 31, *sic.*).

⁴ Pseudónimo atribuído ao objeto SYR-RF-01.

⁵ Erwin Schrödinger, físico austríaco (1887 – 1961), propôs um exercício imaginário a buscar exemplificar como vigora, no mundo quântico, o Princípio da Incerteza. O exercício proposto, conhecido como *Gato de Schrödinger*, ou *paradoxo de Schrödinger*, consistia em imaginar um gato preso em uma caixa hermeticamente fechada, dentro da qual existia um frasco de veneno e uma amostra de material radioativo com 50% de chance de emitir partículas radioativas. Dentro da caixa também existe um mecanismo que, caso detete a existência de partículas radioativas, é acionado de modo a quebrar o frasco de veneno e a matar o gato. Assim, a possibilidade de o gato estar vivo ou morto é de 50% e a única forma de verificar o facto é abrir a caixa (Contín Aylón, 2012).

⁶ Ver: Apocalipse, 13:16-18. A versão aqui utilizada é a intitulada Bíblia de Jerusalém, organizada por Gorgulho *et al.* (1956/2011).

problema que ao recebe-los, não sabem quem são ou com quem estão lidando, o que pensam ou planejam» (Faro, 2015, *sic.*)⁷, esboça um nacional em um comentário a um vídeo na *internet*. A caixa, por sua vez, também existe no universo contrário, o do estrangeiro. Os ensejos são os mesmos. Entrar, para o forasteiro, é mergulhar em uma caixa da qual ele também não sabe exatamente qual o conteúdo.

O estranho que bate a porta, causa medo e aflição (Bauman, 2016/2017). É julgado e sentenciado muito antes da chegada. Ainda do outro lado da porta, este *outro* é examinado e, em muitos casos, caracterizado como erva daninha, que chega para dar fim a toda prosperidade (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Seus dotes são, muitas vezes, dispensados dessa análise. Nada poderá agregar de valor.

Na totalidade da própria essência este *alius*⁸ se divide. Concepções plurais definem, como afirmado, sua (in)existência. Um ser plural, desde a gênese. Sua índole e competências sempre serão questionadas.

A hidra de *alius*: Breves definições sobre o estranho

[...]
Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais, iguais, iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem,
bicho ou coisa.
Ninguém é igual a ninguém.
Todo ser humano é um estranho
ímpar.
(Trecho do poema, *Igual-Desigual*, de Carlos Drummond de Andrade, 2009, p. 529)

O *estrangeiro* pode ser representado em uma diversa multiplicidade de formas. O *forasteiro* a chegar é uma delas. *Alienígena* invasor que encanta e, ao mesmo tempo, gera medo.

⁷ Comentário de usuário em vídeo no YouTube®.

⁸ Do latim, *o outro*.

O *estranho* é, em sua gênese, *aquele que não pertence*. Oriundo de terras distantes, o *estrangeiro*, apresenta-se de inúmeras maneiras. É, geograficamente a falar, «[...] aquele que se desloca para além das fronteiras de sua origem [...]» (Antonelli, 2013, p. 12) , o qual, ao transpor os limites territoriais, transforma-se na figura do «[...] imigrante, o exilado, o expatriado, o viajante, o refugiado» (p. 12). Ao mesmo tempo, é o estrangulamento da raiva na «[...] garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade» (Kristeva, 1988/1994, p. 9).

É também símbolo de liberdade, de uma outra espécie de felicidade que se estrutura, entre a fuga e origem, em uma perpétua transitoriedade do *ser* (Kristeva, 1988/1994). Como um sonho utópico, cantado em canção, torna-se pássaro para, assim, ganhar asas e voar. Filho do mundo, o forasteiro visualiza este como seu legítimo lar.

[...] Eu quero ser o matador das cinco estrelas / Eu quero ser o Bruce Lee do Maranhão / A Patativa do Norte, eu quero a sorte / Eu quero a sorte do chofer de caminhão / Pra me danar / Por essa estrada, mundo afora, ir embora / Sem sair do meu lugar [...]

(Veloso & Almino, 2003)

O *estrangeiro*, assim como a Patativa, pássaro sul-americano, busca alimento e se ajusta⁹. Frente ao estranhamento daquilo que encontra, utiliza-se de *dispositivos de acomodação* na busca por melhor se integrar (Chateauraynaud, 2017). Aprende um novo idioma, tenta esconder o sotaque, muda o jeito de se vestir. O *forasteiro* é um *ser* do mundo, e este, apesar das diferenças, não lhe é estranho. O mundo não lhe é, pelo menos em parte, um *estranho* de impossível aproximação. Sua essência, a olhar por este prisma, enraíza-se na capacidade de se ajustar.

Estrangeiro, para além do sonho poético de tomar o mundo em liberdade, é o que *não pertence*, que é de *outro lugar*. Este ádvena, forasteiro, é também classificado como o *estranho*, aquele que é incomum, misterioso, que não possui relação, vínculos. Causa espanto e/ou

⁹ A Patativa possui como característica a capacidade de imitar o canto de outras espécies, como, por exemplo, o Bem-te-vi (Maciel, 2021).

admiração, a gerar estranheza pelo facto de *não ser familiar* (Larousse Cultural, 1987/1993a).

A etimologia da palavra *estrangeiro* busca raízes no francês arcaico, *étranger* – atual *étranger* –, e do espanhol, *extranjero*. Suas géneses podem ser encontradas no latim *extraneus*, e relacionado ainda com termos como: *exoticus*, *externus*, *insolitus* e *alienus*. Ambos os termos do latim, carregam consigo o sentido de estranho, de fora, alheio, que pertence a outro (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [DPLP], 2021d; Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa [Michaelis], 2021b; Rezende & Bianchet, 2014). Posteriormente, a raiz grega *ξένος* (*xenos*), a qual carrega em si o sentido de estranhamento e desprezo, proporciona a origem de vocábulos como *xenofobia*, a representar, então, a aversão a estrangeiros (Cereijido, 2008)¹⁰.

Ao se buscar uma definição para este *ser* – estranho, estrangeiro e forasteiro –, é possível encontrar descrito nos dicionários modernos como o que não pertence àquela terra (Dicionário Online de Português [DICIO], 2022b, 2022c; Michaelis, 2021b, 2021c). Cria-se, desta forma, uma divisão instituída nas inter-relações desenvolvidas entre os espaços, *dentro* e *fora*, que, concomitantemente, alicerçam, assim como buscam sustentação, em uma base *jurídico-política* ligada ao facto de *pertencer à determinada terra* ou *não ser naturalizado*; em uma divisão entre os sujeitos, *nós* e *eles*; e, em uma divisão de línguas, comunicativa. O estrangeiro, portanto, é *traduzido pela negativa, por aquilo que não é*: não é originário daquela terra e não possui o direito político e jurídico, cidadania, para ocupar àquele lugar; não se comunica com a mesma facilidade de compreensão como o demais que naquele local já habitam; e, diferencia-se do *nós*, que no espaço já residem (Borges, 2015). A sintetizar, ***ele não faz parte de nós***.

¹⁰ Xenofobia, esclarece D. de Albuquerque (2016), significa «[...] o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura a que pertence àquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade. A xenofobia pode se manifestar de diferentes maneiras, desde como uma simples recusa de aproximação, convivência ou contato com o estrangeiro até através de atitudes extremadas de agressão e tentativa de eliminação física ou simbólica do ser estranho. O estrangeiro, o estranho tende a ser visto com suspeita, pois seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando. [...] A xenofobia tende, assim, a ser uma maneira de expressão dos choques culturais causados pelo encontro de grupos e culturas humanas distintos» (pp. 9–10, pt-BR).

PRÓLOGO

O discurso sobre o estrangeiro se constrói na relação com o espaço, na defesa pelo que é interior/de dentro, que se opõe ao que é exterior/de fora (da terra). É estrangeiro o sujeito que não faz parte do domínio territorial do outro. (Borges, 2015, p. 211)

Traduzido em negativa, e estranho a tudo que se relaciona àquele espaço, o estrangeiro acaba por se tornar, gradativamente, *estranho a si mesmo*. Por fim, já não faz parte de seu domínio *sui generis*. Natural de *um outro espaço-tempo*, é estranho a tudo e a ele próprio. Anestesiado e privado das emoções, *o estrangeiro*, em seu exílio interior afasta-se tanto de *seus* compatriotas quanto de seus acolhedores (Sayad, 1991/1998). *Ser estrangeiro*, desta forma, apresenta-se para além de uma situação relacionada a localização geográfica, mas, igualmente, como *um sentimento vivenciado*. A ver por este prisma, *ser estrangeiro* não requer, essencialmente, estar longe do lar habitual. Meursault, *O Estrangeiro* de Camus (1942/2019), é exemplo disto. Mesmo dentro do próprio país, é um estranho. Privado no desterro do próprio âmagô, transforma-se, assim, em um *estranho a si mesmo* e, por força disto, para a sociedade em que vive e esta, de igual modo, também lhe causa estranheza (Kristeva, 1988/1994).

A multiplicidade de formas possíveis ao conceito de *estrangeiro*, levam ao termo uma vasta amplitude de aplicação, assim como, de sensações, motivações, representações, entre outras, possíveis ao *ser estrangeiro*.

O estrangeiro é uma categoria genérica, frequentemente recebida com reticências por quem é assim classificado, pois ela ignora as suas multiplicidades, diversidades e singularidades. Não existe um estrangeiro no sentido absoluto. A própria palavra tem várias acepções que o mundo contemporâneo favorece: exilados, refugiados, turistas, profissionais, professores e estudantes, nômades modernos (*globe-trotters*), imigrantes voluntários, cônjuges portadores de culturas diferentes. (Freitas & Dantas, 2011, p. 602, pt-BR).

Este *estranho a si mesmo* não pertencente ao lugar que ocupa, traduz-se, em suas mais variadas formas, na imagem do *estrangeiro*. *Ser* de múltiplas identidades, é complexo e pluriforme. No *estranho* que nos interessa, reside a figura do *estrangeiro*, do imigrante, e neste,

PRÓLOGO

por sua vez, além das próprias características, habita no âmago tudo aquilo que define *o estranho*. Sua estrangeiridade difere, *exempli gratia* (e.g.), do turista. Este último, também estrangeiro, tem como principal característica a transitoriedade. O primeiro, ao contrário, caracteriza-se pelo ato de permanecer. Chega para habitar um lugar desconhecido, contudo, já habitado. Um espaço que já carrega em si a noção de *casa* para alguém (Pais, 2006/2016). Não é, em suma, um simples estar em terras alheias a de origem. Mas um *habitar do já habitado* que leva ao desbravar da imensidão de *si mesmo* e, conseqüentemente, a um (re)conhecer do próprio *ser*. A este modo, pode-se afirmar que o conceito de *estrangeiro*, em sua essência primordial, não pode ser *expresso* com total exatidão, apenas, vivenciado.

Todos deveriam sentir-se estrangeiros um dia. Não simplesmente turistas, por que turismo é diversão, nem viajando a trabalho, por que o trabalho consome todas nossas emoções, mas estrangeiros mesmo, que é quando se chega a um lugar com a intenção de ficar, mas sem conhecer um único metro do que se está à frente. É algo desafiador chegar a um lugar sem conhecer nada nem ninguém, sem saber onde ficar ou o que irá fazer ao certo. Cada passo parece ser um passo em falso, cego, sem destino. [...]

(Branco, 2012, *e.l.*)

A se utilizar de um direito de visita, de hospitalidade, o turista explora a localidade com curiosidade e encanto. Não altera a composição do ambiente além de sua presença temporária, exercendo apenas o direito de visitar todos os lugares (Kant, 1795/2006) sem, idealmente, correr o risco de ser tratado com hostilidade ou compreendido como inimigo (Martinez, 2015). Do mesmo modo, pode ser considerado o antigo caixeiro-viajante, mascate, que adentrava as vilas e cidades com o simples objetivo de vender algumas mercadorias. Este *ser*, apesar de estranho ao ambiente, não o altera além do ato da presença temporária. Todavia, sua essência em si, conforme aponta Descartes (1637/2001), pode ser alterada, pois, «[...] quando empregamos muito tempo viajando, acabamos por nos tornar estrangeiros em nosso próprio país [...]» (p. 10). Gradativamente, o estrangeiro, com a essência alterada, torna-se um *estranho em todos os lugares*. Processo este passível de adquirir uma maior complexidade devido ao facto de que, em muitos casos, o empregar de longos períodos em viagem pode sinalizar a existência do *estranhamento* anterior do próprio *ser e espaço-tempo*.

O estrangeiro, portanto, é um *estranho*. Estranho ao ambiente, não pertence àquele lugar. Incomum e misterioso pode ser *estranho a si mesmo*, ou, com o tempo, tornar-se estranho em relação à própria existência. *Ser estrangeiro* – independentemente se em migração forçada, voluntária, económica ou a turismo – acaba por convocar uma sucessão de metamorfoses, a se transformar, assim, em um *outro* (Lagarde, 2004; Segers, 2009). Não familiar ao mundo, transfigura-se em não familiar a si mesmo. «Frente às mudanças de sua vida, ele perde-se, não se reconhece mais. Suas lembranças vão se perdendo» (Pereira & Farias, 2016, p. 115).

A estrutura e organização da obra

A presente obra, com o objetivo de melhor organizar o conteúdo apresentado, é composta pelo presente prólogo, no qual são apresentadas algumas observações iniciais a respeito do objeto e algumas possíveis definições sobre o ser estrangeiro e a exotividade que este carrega consigo, e três partes principais, da maneira que se apresenta a seguir:

A **Parte I – Notar Introdutórias**, é composta pelos primeiros três capítulos, os quais, objetivam introduzir alguns apontamentos essenciais ao desenvolvimento da presente tese. O **Capítulo I – As migrações em Portugal**, apresenta uma síntese a respeito da relação de Portugal com o fenómeno migratório, além de expor alguns dados estatísticos sobre a migração no país e, em especial, no distrito de Évora. O **Capítulo II – O Despertar do objeto e do ser**, apresenta a senda que levou a escolha do objeto de pesquisa, desde as primeiras experimentações até a escolha definitiva, para além de expor o processo etnográfico do próprio ser durante a (des)construção do objeto ainda em transformação. O **Capítulo III – Apontamentos Metodológicos**, realiza a apresentação dos aspetos metodológicos que envolvem o desenvolvimento da presente obra e realiza o detalhamento da pesquisa, dos objetos de observação e da divisão dos grupos de análise, além de expor como se desenvolveu todo o processo de coleta, organização e análise dos dados.

A **Parte II – A Patativa do Norte**, é composta pelos capítulos IV e V. No **Capítulo IV – Compreender a migração**, onde são apresentados alguns conceitos fundamentais para a compreensão do fenómeno migratório. Para isto, parte da definição do termo migrar, a mergulhar na génese da própria migração em busca dos ajustamentos que diferenciam o migrar

PRÓLOGO

humano das migrações animais no espaço-tempo e as diversas composições plurais e conceituais do ato de migrar. O **Capítulo V – Migrar Plural**, apresenta as diversas composições possíveis adentro ao processo migratório, a mergulhar na pluralidade do espaço, na temporalidade do permanecer, na política do pertencimento e nos sentidos, quantificação e qualificação do ser e do próprio migrar adentro as composições plurais que motivam o partir. Para além, expõe as composições possíveis adentro as migrações forçadas e espontâneas.

A **Parte III – Morte e Vida Severina**, é estruturada pelo **Capítulos VI – Partir**, no qual são apresentados alguns apontamentos relacionados ao conceito de partir, além de expor acerca da pluralidade de atos e lugares-comuns, sobre as composições plurais do ser migrante e as diversas possibilidades inerentes a este. O **Capítulo VII –Chegar**, vem a realizar um esboçamento etnográfico do próprio ser e algumas análises sobre os atos de residir e habitar, problemas burocráticos, o chegar e o processo de acomodação do ser, uma análise sobre a cidade de Évora e o processo de transformação do ser em estranho. O **Capítulo VIII – Permanecer**, apresenta como se desenrola a busca por permanecer dos imigrantes e o processo de aproximação realizado por estes. Por fim, O **Capítulo IX – Concluindo com novas aberturas**, o qual apresenta as considerações finais sobre o desenvolvimento da presente obra.

Boa leitura!

PARTE I

—

NOTAS INTRODUTÓRIAS

CAPÍTULO I

—

AS MIGRAÇÕES EM PORTUGAL

1 UM PAÍS DE MIGRAÇÃO

Actualmente, os brasileiros transformaram-se no maior grupo formal e contabilizado de estrangeiros em Portugal. Mesmo considerando os estrangeiros em situação irregular e aqueles que entretanto obtiveram a nacionalidade portuguesa, a população de origem brasileira disputará com os cabo-verdianos e, eventualmente, os angolanos, o primeiro lugar no ranking dos grupos étnicos de origem não nacional instalados em Portugal.

(J. d. S. M. Malheiros, 2007b, p. 16)

A relação de Portugal com o fenómeno migratório não é recente. Desde há muito, o país lusitano pode ser considerado uma terra de migração. Primeiro, devido aos efeitos de sua história colonial, na qual, a emigração portuguesa se estabelece como uma constante basilar de sua história (Baganha & Góis, 1999; Godinho, 1978), com marco inicial em meados de 1425 no período de colonização da Madeira (Serrão, 1970). Facto este que levou, conforme salienta Baganha & Góis (1999), a uma espécie de interiorização do ato de migrar «[...] no modo de vida e na mentalidade dos portugueses» (p. 231). Segundo, ainda por força do passado colonial, a relação com as colónias produziu, inegavelmente, um movimento de pessoas em direção à Portugal.

Apesar da profunda relação portuguesa com o fenómeno migratório, o sentido do deslocamento se alterou no decorrer temporal. Se, antes, as relações mercantis e imperiais da corte proporcionavam um movimento emigratório que partia de Portugal (Baganha & Góis, 1999), nas últimas décadas vê-se um movimento contrário, ou seja, a ter as terras lusitanas como destino de imigrantes (Baganha *et al.*, 2009). Segundo apontam Baganha & Marques (2001), o número de imigrantes em Portugal até a década de 1970 não apresentava grande significância e era constituído, principalmente, por indivíduos oriundos da própria Europa. Por força do processo de descolonização, entre 1975 e 1980, esse perfil mudou. A população estrangeira cresceu gradualmente, provenientes, em grande parte, das ex-colónias portuguesas.

Novamente, em meados dos anos 2000, o perfil dos imigrantes com destino à Portugal se modificou (Góis & Marques, 2010). Novos perfis, antes com baixa significação, começaram a ganhar relevância, como os provenientes do Leste Europeu (Baganha *et al.*, 2002). Conforme afirmam Góis & Marques (2011), na década de 1990, Portugal passou «[...] a ser reconhecido e proclamado (científica e, sobretudo, politicamente) como país de imigração [...]» (p. 214).

Para além, salientam os autores, deixou de ser apenas um local «[...] de acolhimento para imigrantes originários de países com os quais partilha uma língua e um passado colonial, passou a acolher, também, imigrantes vindos de países com os quais os laços históricos, culturais, políticos e económicos eram fracos ou inexistentes» (p. 214).

Os dados sobre o crescimento da população em Portugal, demonstram um incremento considerável do número de imigrantes residentes (**Tabela 1**), principalmente na última década. Segundo relatório estatístico, em 2021, cerca de «[...] 12,4% das pessoas residentes em Portugal, com idades entre 16 e 74 anos, tinham background imigratório: 7,6% eram imigrantes de primeira geração e 4,8% descendentes de imigrantes» (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2022, p. 1). O relatório aponta para o facto de que a composição dos imigrantes de primeira geração em Portugal é produto de suas relações históricas com outros países. Devido a isto, cerca de 70,4% dos indivíduos possuíam o português como língua materna e eram oriundos do Brasil e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Esta situação, evidencia a continuação de uma característica já afirmada por Baganha *et al.* (2004), os quais, apontaram para o facto de que até meados dos anos 2000 a migração em Portugal era marcada, e como visto, continua a ser, por ser maioritariamente originária de países lusófonos.

Tabela 1- Total de imigrantes em Portugal 1980 – 2022

ANO	Títulos de Residência	Concessão e Prorrogação de AP's	Prorrogação de VLD's	Total	Varição %
2007	401.312	5.741	28.383	435.436	3,70%
2008	436.020		4.257	440.277	1,04%
2009	451.742		2.449	454.191	3,16%
2010	443.055		2.207	445.262	-1,97%
2011	434.708		2.114	436.822	-1,90%
2012	414.610		2.432	417.042	-4,53%
2013	398.268		3.052	401.320	-3,77%
2014	390.113		5.082	395.195	-1,53%
2015	383.759		4.972	388.731	-1,64%
2016	392.969		4.762	397.731	2,32%
2017	416.682		5.029	421.711	6,03%
2018	477.472		2.828	480.300	13,90%
2019	588.976		1.372	590.348	22,90%
2020	661.607		488	662.095	12,20%
2021	698.536		351	698.887	5,60%
2022	781.247		668	781.915	11,90%

Fonte: Elaborado pelo autor fundamentado em Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [SEF] (2008a, 2009a, 2010a, 2011a, 2012a, 2013a, 2014a, 2015a, 2016a, 2017a, 2018a, 2019a, 2020a, 2021a, 2022a, 2022b, 2023)

Em dezembro de 2023, aponta o INE (2024), o número total de residentes em Portugal

era de aproximadamente 10 639 726 pessoas, valor superior ao do ano anterior de 10 516 621 pessoas. A aumentar o saldo de residentes pelo quinto ano consecutivo, o acréscimo de 123 105 pessoas, esclarece o relatório, é fruto do saldo migratório positivo de 155 701 pessoas. Em 2024, estimativas afirmam que cerca de 10% da população residente em Portugal é formada por imigrantes (Moleiro, 2024).

No que tange a distribuição geográfica, conforme aponta o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA) de 2022, grande parte dos imigrantes estabelece residência no litoral, a representar 65,5% registrados apenas nos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro (SEF, 2023). Dos dez concelhos com maior número de estrangeiros residentes, sete pertenciam à Área Metropolitana de Lisboa (AML). Neste mesmo ano, residiam no distrito de Évora aproximadamente 5 421 imigrantes.

1.1 OS ESTRANGEIROS EM ÉVORA

Não é nessa definição das categorias de migrante, imigrante, apátrida, fronteiriço, entretanto, que encontramos as formas de pensamento sobre a diferença em cada peça legislativa. O espírito geral está nas regras de naturalização e nas formas institucionais de gerenciamento da diferença

(I. J. d. R. Machado, 2016, p. 223)

Em relação ao distrito de Évora, os dados de 2022 mostram um aumento de 518 indivíduos na população de imigrantes. Segundo os dados Portal de Estatísticas SEF (SEFSTAT) (SEF, 2021c), em 2021, residiam no distrito 4 903 estrangeiros (**Tabela 2**). Para além, tornam possível verificar a preferência dos imigrantes pelas regiões litorâneas e zonas de maior movimento.

Conforme apontam os dados do SEFSTAT, entre 2008 e 2021 passaram pelo distrito de Évora cerca de 133 (cento e trinta e três) nacionalidades¹¹. Em 2021, os estrangeiros residentes no distrito eram originários de 97 (noventa e sete) nacionalidades diferentes (SEF, 2021b) (**Tabela 3**). O Brasil era o país de maior representatividade, com um total de 1 652

¹¹ Ver tabelas apresentadas no **Apêndice A - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021]**, fundamentadas nos dados fornecidos pelo Portal SEFSTAT (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [SEF], 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b).

imigrantes e a representar 33,69% da população estrangeira a residir no distrito. A seguir vinham países como Roménia (552, 11,26%); China (308, 6,28%), Ucrânia (270, 5,51%), Espanha (203, 4,14%), Índia (159, 3,24%), Países Baixos (156, 3,18%), Itália (145, 2,96%), Reino Unido (144, 2,94%), Nepal (1239, 2,83%), Cabo Verde (138, 2,81%), França (122, 2,49%), Angola (95, 1,94%), entre outros. Neste período, o distrito de Évora possuía uma população total estimada em 53 881 habitantes (INE, 2021). Por tal modo, o total de estrangeiros a residir na região representava 9,10% da população e o Brasil, país com maior representatividade, possuía 3,07% da população total. Além dos países mencionados e listados na **Tabela 3**, cabe mencionar os com baixa representatividade (agrupados em “Outras nacionalidades” e detalhados de melhor forma no **Apêndice A - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021]**), tais como Vietname, Uzbequistão, Tailândia, Sérvia, Omã, Mali, Etiópia, entre outros, que possuíam apenas 1 (um) indivíduo cada.

Tabela 2 - População Estrangeira Residente em Portugal em 2021

Distrito	Total	TRs	VLDs	Homens	Mulheres
Total Nacional	698 887	698 536	351	359 862	339 025
Aveiro	20 395	20 374	21	9 864	10 531
Beja	15 953	15 953		10 640	5 313
Braga	23 619	23 615	4	11 723	11 896
Bragança	38 56	38 56		1 784	2 072
Castelo Branco	7 006	7 006		3 751	3 255
Coimbra	17 565	17 547	18	8 538	9 027
Évora	4 903	4 897	6	2 550	2 353
Faro	105 142	105 137	5	55 691	49 451
Guarda	2 685	2 685		1 351	1 334
Leiria	26 952	26 951	1	13 862	13 090
Lisboa	294 736	294 495	241	15 1941	142 795
Portalegre	2 881	2 881		1 416	1 465
Porto	55 473	55 459	14	27 101	28 372
Santarém	18 255	18 253	2	9 706	8 549
Setúbal	66 901	66 901		33 518	33 383
Viana do Castelo	7 505	7 505		3 923	3 582
Vila Real	2 887	2 870	17	1 403	1 484
Viseu	7 288	7 284	4	3 734	3 554
Açores	4 480	4 462	18	2 268	2 212
Madeira	10 405	10 405		5 098	5 307

Fonte: SEF (2021c)

No que tange aos motivos mais relevantes de concessão de novos títulos de residência, no caso do Brasil, em 2022, cerca de 47,00% foram relacionados a atividade profissional, 30,80% a reagrupamento familiar e 8,10% para a realização de estudos, a ser o restante classificado como outros motivos (SEF, 2023).

Tabela 3 - Estrangeiros residentes no distrito de Évora em 2021

Nacionalidade	Total	TRs	VLDs	Homens	Mulheres	% Total
Total Distrito	4 903	4 897	6	2 550	2 353	
Brasil	1 652	1 652		758	894	33,69%
Roménia	552	552		330	222	11,26%
China	308	308		159	149	6,28%
Ucrânia	270	270		134	136	5,51%
Espanha	203	203		111	92	4,14%
Índia	159	159		109	50	3,24%
Países Baixos	156	156		85	71	3,18%
Itália	145	145		79	66	2,96%
Reino Unido	144	144		70	74	2,94%
Nepal	139	139		97	42	2,83%
Cabo Verde	138	137	1	78	60	2,81%
França	122	122		72	50	2,49%
Angola	95	91	4	47	48	1,94%
Alemanha	87	87		48	39	1,77%
Bélgica	68	68		40	28	1,39%
Moldávia	58	58		34	24	1,18%
Bulgária	48	48		16	32	0,98%
Moçambique	39	39		14	25	0,80%
Síria	35	35		20	15	0,71%
Bangladesh	34	34		28	6	0,69%
Marrocos	33	33		19	14	0,67%
Estados Unidos da América	27	27		11	16	0,55%
Guiné-Bissau	22	22		15	7	0,45%
São Tomé e Príncipe	21	20	1	10	11	0,43%
Paquistão	19	19		17	2	0,39%
Suíça	17	17		7	10	0,35%
Cuba	16	16		6	10	0,33%
México	13	13		4	9	0,27%
Argélia	12	12		8	4	0,24%
Áustria	12	12		6	6	0,24%
Polónia	12	12		5	7	0,24%
Suécia	12	12		7	5	0,24%
Venezuela	12	12		7	5	0,24%
Camarões	10	10		4	6	0,20%
Colômbia	10	10		5	5	0,20%
Geórgia	10	10		4	6	0,20%
Rússia	10	10		5	5	0,20%
Equador	9	9		4	5	0,18%
Indonésia	8	8		2	6	0,16%
Irão	8	8		7	1	0,16%
África do Sul	7	7		2	5	0,14%
Irlanda	7	7		4	3	0,14%
Argentina	6	6		2	4	0,12%
Outras nacionalidades	138	138		60	78	2,81%

Fonte: Elaborado pelo autor fundamentado em SEF (2021b)

Todos estes dados servem para evidenciar que Portugal se apresenta como um país de constante fluxo migratório, o qual se mostra em elevado crescimento. Este facto é evidenciado pela quantidade de estudos desenvolvidos a envolver a temática das migrações e as terras lusitanas, tais como os desenvolvidos por Baganha (1991, 1994, 1998, 2001, 2009), Baganha *et al.* (1999), Baganha & Fonseca (2004), Baganha & Góis (1999), Baganha *et al.* (2002, 2004, 2006, 2009, 2010), Peixoto (1998, 2002, 2004, 2007a, 2007b, 2019), Góis & Marques (2007, 2010, 2011, 2014, 2018), J. d. S. M. Malheiros (2007a, 2007b, 2011), I. de Oliveira *et al.* (2016); Peixoto *et al.* (2019), Patrício & Peixoto (2018), D. Fernandes *et al.* (2021), R. Carneiro *et al.* (2007), Marques (2008, 2009), Beja Horta (2011), M. S. Cardoso & Souza (2021), Carvalho & Afonso (2021), Ferrer *et al.* (2021), C. F. d. Fonseca (1969), França & Oliveira (2021), P. Costa *et al.* (2018), Henriques *et al.* (2012), Iorio & Nogueira (2019), Padilla (2005a, 2005b, 2007b, 2007a), Santinho (2009, 2016), Rossi (2007), Roldao & Machado (2005), entre inúmeros outros¹².

¹² Para um maior aprofundamento na temática relacionadas as migrações e Portugal, indica-se a leitura das bibliografias listadas nas obras Baganha *et al.* (2006) e em F. L. Machado *et al.* (2009).

CAPÍTULO II

O DESPERTAR DO OBJETO E DO SER

2 UM ENCONTRO INESPERADO

– *Diga-me, homem enigmático, a quem você mais ama? Seu pai, sua mãe, sua irmã ou seu irmão?*
– *Nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão eu tenho.*
– *Amigos?*
– *O senhor se vale de uma palavra cujo sentido até hoje me é desconhecido.*
– *Sua pátria?*
– *Não sei em que latitude ela se situaria.*
– *A beleza?*
– *De boa vontade eu a amava, deusa e imortal.*
– *O ouro?*
– *Eu o odeio tanto quanto o senhor odeia Deus.*
– *Estrangeiro fora do comum! Afinal, você não gosta de nada?*
– *Gosto das nuvens... das nuvens que passam longe... das nuvens inacreditáveis!*
(*O Estrangeiro*, poema de Charles Baudelaire, 1869/2016, p. 8)

Do outro lado da rua, enquanto degusto uma imperial, observo um jovem chegar a uma cafetaria. Seu caminhar, uma mistura de medo e curiosidade, desvela sua posição perante os demais que ali estão: ele é um estranho. Estrangeiro, recém-chegado às terras lusitanas, analisa em silêncio, na tentativa de identificar sem a necessidade de solicitar ajuda, tudo que lhe está exposto ao olhar. Por fim, como quem já soubesse desde o início o que desejava, compra uma empada e um café. Atravessa a rua e, por mais que a esplanada se apresentasse vazia, senta-se em um canto afastado. No rosto, semelhante a uma criança a descobrir o mundo, o olhar curioso de quem a tudo se apresenta como novidade. Toda a realidade, em sua ampla e extraordinária forma de ser, parecia-lhe estranha e bela.

Enquanto analiso-o, traço no diário um esboço sobre a situação. As notas compostas, ainda meros e inocentes apontamentos soltos sobre as experimentações do cotidiano, refletem sobre aquela experiência. Traduzem, o inquietante encontro, como fracassado. As mensagens trocadas pelos atores, evidenciam falhas no processo discursivo que as impossibilitam de obter êxito comunicativo. O discurso proferido não se efetivava como uma real comunicação. De um lado, um jovem africano, corporatura mediana, ectomorfo¹³, tímido. Do outro, uma ágil rapariga, de estatura baixa e humor questionável, a servir ao balcão. Questiono-me sobre este

¹³ Ectomorfo é uma definição de biótipo caracterizada pelo corpo magro e esguio, com ombros estreitos e membros compridos. Nas mulheres, em geral, há a ausência de gordura e massa muscular nos seios. Indivíduos ectomorfos tem um metabolismo rápido, com facilidade em perder peso e dificuldades em ganhar massa muscular (Cabral *et al.*, 2011; Côrtes, 2020; Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [DPLP], 2021c; Martínez-Sanz *et al.*, 2011; Zanin, 2021).

(des)encontro e os fatores envolvidos. O que explicaria aquela incidência, em uma simplória troca comercial às margens da praça do Giraldo, na calorosa tarde do verão alentejano na cidade de Évora?

O jovem se levanta. Cordialmente, cumprimento-o: “Boa tarde!”. Uma expressável mudança se torna visível em seu olhar. O rosto áfrico, antes hesitante, agora é preenchido por linhas de expressões que demonstram, incompreensivelmente, alegria e alívio. Aproxima-se e começa a conversar. Convido-o para se sentar e tomar uma imperial. Ele aceita. Senta-se, mas prefere uma cola. Recém-chegado de Angola, informa que estava a se mudar para Portugal com o objetivo de frequentar a Universidade de Évora (UÉvora) e que era a primeira vez que saía pela cidade, pois chegara ao país em um voo pela manhã. Em poucos minutos, arquivo em minha frágil memória inúmeras notas.

Nas poucas horas de experiência em terras lusitanas, o jovem já carregava consigo muitas angústias. Sua experiência, a ter como fundamento de análise as informações que apresentava, era formulada com a soma da recente vivência e, principalmente, com relatos que lhe foram transmitidos, em imagens translucidas, verbalmente ou pela internet (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Sentia dificuldade em atos simples, como comprar uma empada. Ainda no Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, não tivera uma boa recessão pelos funcionários da alfândega – realizada pelos agentes do antigo Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)¹⁴ –, traduzida por ele como «*rispida*» (Breviglieri, 2001). Uma primeira impressão que fora transformada em certeza (Resende, 2019; Stavo-Debauge, 2017c).

Instantes antes, na Praça do Giraldo, comprou a empada não devido a razão de que era aquilo que desejava comer, mas pelo facto de que era o que (re)conhecia. Um modo, evidentemente, de evitar o conflito e agir com *bom senso*, a simular, assim, um comportamento *natural* frente ao *outro* a lhe encarar (Boltanski & Thévenot, 1991/2020). A timidez, misturada com o receio de vivenciar um novo momento de rispidez, não o permitiu questionar a rapariga que lhe atendia sobre os demais itens que estavam expostos. A semelhança entre as situações, tal como a do lobo ao cão – explicada pelo Estrangeiro a Teeteto (Platão, c. 370 a.C./2019) –, levou-lhe, como escolha, na impossibilidade de identificar com exatidão as diferenças, a agir com cautela (Resende *et al.*, 2021). Em silêncio, *ocupou o seu espaço* em um canto, e sua

¹⁴ Atualmente, o serviço alfandegário é responsabilidade da Agência para a Integração, Migrações e Asilo [AIMA].

interação no café iria se encerrar ali, caso não tivesse o cumprimentado e convidado a se sentar.

A tarde chegou e nos separamos. Ele seguiu para o *hostel* no qual havia se hospedado, próximo às Portas de Moura, enquanto procurava um local para residir. Do mesmo modo, desloquei-me para o *hostel* em que estava instalado, na Rua de Aviz. Minha experiência em terras lusitanas completava, assim como a do jovem, menos de um dia. Possivelmente, creio, teríamos embarcado no mesmo comboio na Estação Oriente às 09h06 daquela manhã. Mas, por descuido, a olhar atento os livros expostos no salão central, acabei por perder a hora e a partida do comboio.

O relato acerca da experiência do jovem era, naquele momento, também minha vivência. Minutos antes era corrigido por meu próprio pensamento que, em milésimos de segundo, lembrou-me de pedir uma imperial, e não um *chope*¹⁵. Havia pesquisado, antes de embarcar, as principais diferenças linguísticas em uma tentativa fracassada de não cometer equívocos.

A atenção, devotada a experiência do estudante, era ainda inocente. Até aquele momento, não possuía objetivos específicos, tão pouco vislumbrava um objeto de estudo. Era pura e simples curiosidade. Nas escassas linhas, escritas de qualquer maneira, pouco poderia se aproveitar. As poucas notas realizadas naquele instante eram, em síntese, esparsos questionamentos sobre o convívio humano. Ainda apegado a questões simplórias, visíveis e de fácil identificação, visualizava no encontro presenciado nada além do evidente para minha compreensão: o jovem africano, sentia-se desconfortável. Seus trejeitos entregavam isso. Além, por força de uma imposição científico paradigmática, semelhante ao trabalhado por Kuhn (1962/2018), filtrava apenas o que me fora transmitido como permitido, o óbvio, pré-estabelecido como digno de investigação. Limitado por antolhos¹⁶ normativos, o olhar era restrito, parco e condicionado a mesmice. Não possuía, até então, a capacidade de percepção e uma imaginação sociológica que possibilitassem identificar algumas questões (Mills, 1959/1982, 1959/2009).

¹⁵ pt-BR.

¹⁶ Os antolhos são palas ou anteparos, geralmente, construídos de couro ou outro material que bloqueia a visão ou a luz do sol. É comumente utilizado para bloquear a visão lateral dos animais de trabalho doméstico, em geral nos pertencentes a família taxonômica *Equidae* (Y. D. Costa, 2021), equinos ou equídeos, como o cavalo e o asno, também conhecido como jumento, burro, jegue ou jericó. A função dos antolhos é limitar a visão dos animais, a evitar, assim, que estes se assustem com facilidade. De forma figurativa, seu significado leva a ideia de uma visão limitada ou reduzida, com baixa percepção e compreensão (DPLP, 2021a; iDicionário Aulete [Aulete], 2021).

Ao fim, talvez pelos motivos acima elencados, as anotações realizadas não dispunham ainda do detalhamento necessário para uma análise aprofundada. Eram meras ideias, incompletas, perdidas no papel. Perdido, também ficou o nome do jovem que, semelhante ao de atendentes de *telemarketing*, fora esquecido logo após, enquanto estava a caminhar pelo Largo Luiz Camões em direção à Rua de Aviz. O jovem estudante nunca mais foi visto, ficando, assim, apenas este relato.

As anotações realizadas naquele entardecer não faziam parte do presente estudo, mas, já previam sua existência. O objeto estava próximo demais para ser visto sem um efetivo despertar. Apenas após este processo, ao analisar as memórias e notas do passado, tornou-se perceptível todo o envolvimento. De toda a relação preexistente entre objeto e observador. E, talvez por este motivo, nunca havia, antes, levantado algum questionamento.

2.1 UM DESPERTAR TARDIO

As fases da interrogação constituem em si o caminho de um pensamento que, em vez de oferecer representações e conceitos, se experimenta e confirma como transformação da relação com o ser.

(Heidegger, 1967/2008, p. 214)

A experiência presenciada era apenas mais uma rotineira observação do cotidiano. No desenrolar do mundo moderno, apresentava-se como simplória e na singela inocência de um pesquisador iniciante não se compreendia, até aquele momento, como já afirmado, em um objeto digno de um estudo aprofundado. Talvez, no máximo, e digo talvez pelo facto de outras experiências se mostrarem mais atrativas para um poeta, poderia ser merecedora de alguns váticos versos sobre a solidão. E, assim, permaneceu-se por mais algumas semanas.

Interessante notar que, a curiosidade, geralmente, dá-se pelo desconhecido, distante. O que não é familiar produz *estranhamento* e *encantamento*. Gera, por assim dizer, interesse. E, neste processo, é possível que os olhos se fechem para o que, apesar de intrigante, está próximo. Similar a “*A carta roubada*”, do conto homónimo de Edgar Allan Poe (1844/2011), que, apesar de clara e evidente a localização da carta por todos procurada, não era encontrada. «De tão visível, estava oculta» (Villa, 2017, p. 7). Ou, ainda, semelhante ao expresso nos versos da

canção da banda de rock brasileira, Capital Inicial, perdido e cego para assuntos visualizados como banais os problemas do cotidiano, compreendidos como triviais, tendem a ser ignorados (Lemos *et al.*, 1986)¹⁷.

Critica-se, assim, o jardim do vizinho, enquanto permite que o seu seja tomado pela erva daninha. Ocorre que, ver o próprio jardim não é atitude fácil. É moldada, talhada, a exigir dedicação e humildade para, tal como a Sócrates, assumir àquilo que ainda não possui conhecimento e competência (Platão, c. 399 a.C./2011). Muitas vezes, fala-se do quintal alheio por ignorar ou não saber da existência do próprio quintal. É preciso, *além de residir, habitar o próprio espaço, (re)conhecê-lo, explorá-lo*. Do mesmo modo, é necessário adquirir o conhecimento que possibilite (re)conhecer, e compreender, este inóspito terreno e suas (de)limitações.

Este processo de autoconhecimento, proporciona a capacidade de identificar o que ali existe e acontece. Identifica-se, assim, tudo aquilo que lhe é estranho e, imerso em curiosidade, joga-se em um mergulho vertical em busca do conhecimento. Este estranhamento, espanto, é, tal como apresentado por Aristóteles (c. 384-22 a.C./2009), o partir «[...] desde o mais cognoscível e mais claro para nós em direção ao mais claro e mais cognoscível por natureza [...]» (p. 23, [184^a 16]), mas que, por vezes, não se apresenta de forma clara.

Quando o indivíduo começa a adquirir o saber sobre determinados aspetos, principia, então, a se questionar sobre aqueles factos. Compreender a própria realidade leva a ver que ali também existem questionamentos a serem solucionados. Possibilita ver o que antes não era capaz de enxergar. Assimétrico a Weber (1919/2011), é retirar de si mesmo os antolhos que o obrigam a ver apenas aquilo que convém ou é permitido, por especialidade ou não, e, ao seu modo, despertar-se de um sonho dogmático para se tornar, na compreensão da própria existência ou em sua metamorfose, aquilo que já é (Kant, 1783/1988; Kuhn, 1962/2018; Mills, 1959/1982, 1959/2009; Nietzsche, 1882/2008).

Um processo metafísico gradual de eterno libertar, no qual, já livre, o *ser* se aprisiona, agora, no lapidar. O “conhece-te a ti mesmo” – atribuído a Sócrates e, anteriormente, ao oráculo de Delfos (Brazil, 2012) – é, portanto, um processo evolutivo, progressivo, no qual o *ente* se torna artesão do próprio *ser*, que, apesar de existir, não é, efetivamente, praticado ou

¹⁷ «[...] Estou perdido, sei que estou / Cego para assuntos banais / Problemas do cotidiano / Já não sei como resolver [...]» (Lemos *et al.*, 1986).

conscientizado. Em síntese, enxergar o próprio mundo, a visualizar de forma próxima sua realidade, é *praticar a existência de si mesmo*. Um mergulhar em direção e adentro a própria sombra, «[...] um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo» (C. G. Jung, 1933-55/2000, p. 31, *sic.*) Esta *prática de si mesmo*, por sua vez, torna-se possível apenas com a aquisição do conhecimento necessário, o qual permitirá ao indivíduo *ver, enxergar* e questionar as próprias experimentações.

Este foi, então, o caminho seguido. Devido a ausência de um arcabouço apropriado, em um primeiro momento, o encontro com o jovem africano não produzira nenhum interesse científico. Não permitia compreender a proximidade existente entre as duas realidades. Ocorre que, no processo de autoconstrução, visualiza-se o objetivo, para, só então, buscar conceber e compreender em si a imagem representada. Assim como Michelangelo, que visualizou na pedra o anjo e talhou-a até libertá-lo (Lewis, 2007). Claro que este processo, vale ressaltar, apesar de individual, não é realizado em total solitude. De mesmo modo, também não é, efetivamente, acompanhado. O Virgílio desta empreitada não segue junto no barco de Caronte¹⁸, tal como o fez a Dante (Alighieri, 1306-21/2012), apenas indica os tortuosos caminhos possíveis.

É certo que, apesar de pertencer a áreas próximas – nomeadamente, o Direito, a Ciência Política e a Economia – e buscar a realização de algumas simplificadas análises sociais, até aquele momento a práxis sociológica estava ausente de todo o resto. Neste contexto, para a aquisição do autoconhecimento sobre a própria existência era preciso, antes, compreender e praticar uma arte, até então, incompreendida. E, assim, ao se aprofundar em um mergulho sociológico de aprendizagem na busca da construção profissional do *ser*, tornou-se possível identificar o antes ignorado, compreender o, dantes, incompreendido. A banalidade da vida cotidiana passou a ser analisada com *outro olhar*, o qual buscava, incessantemente, a compreensão de seus sentidos (Martins, 2013).

A porta que se abre, uma nova compreensão do mundo, conduziria a um processo de

¹⁸ Caronte, *Cáron* ou *Kháron* (em grego, *Χάρων*), é conhecido como o barqueiro de Hades (em grego clássico: *Αΐδης* ou *Αἰδης*), deus do mundo inferior e dos mortos. Caronte, segundo a mitologia grega, era o responsável por transportar para o submundo o mortos recém-chegados, através do rio Aqueronte (em grego, *Akhêron*), um dos rios que separavam os mundos dos vivos e dos mortos (Bulfinch, 1855/2006; Hacquard, 1976/1996; Kury, 1984/2009). Na obra poética de Dante Alighieri [1265 – 1321], *A Divina Comédia* (1306-21/2012), o próprio autor é um dos personagens principais, ao lado de Virgílio [c. 70 – 19 a.C.], poeta romano autor do clássico *Eneida* (c. séc. I a.C./2017), que guia e acompanha Dante na travessia pelo inferno e purgatório (Alighieri, 1306-21/2012).

alternação¹⁹ e reconhecimento de *si mesmo* (Berger, 1963/2001). Esta senda levou ao *estranhamento do próprio ser* e, por conseguinte, ao reconhecimento deste como *outro* e, também, como objeto (Martins, 2013). O reflexo do espelho revela um *ser*, no qual, similar a poética de A. Antunes (1985), já não se reconhece, não possui a mesma face de outrora²⁰. Neste processo, a releitura da própria vivência nas memórias, e das notas relatadas, apresentaram uma nova perspectiva, agora, preenchida por um novo arcabouço que possibilitava «[...] observar sociologicamente mesmo as coisas banais da vida cotidiana» (Martins, 2013, p. 16).

À medida que nos lembramos do passado, o reconstruímos de acordo com nossas idéias atuais sobre o que é e o que não é importante. É o que os psicólogos chamam de “percepção seletiva”, embora geralmente apliquem o conceito ao presente. Isto significa que, em qualquer situação dada, diante de um número quase infinito de coisas que poderiam ser notadas, só notamos aquilo que tem relevância para nossos objetivos imediatos. O resto, ignoramos. (Berger, 1963/2001, p. 68, [pt-BR, *sic*])

Deste modo, o processo intelectual que levou a compreensão da realidade pessoal, aproximando-a da vivenciada pelo jovem africano, deu-se em um talhar lento. Ao observar e questionar, ao tentar e errar, em suma, o aprendizado ocorreu, efetivamente, com a própria prática da profissão. A parafrasear Comte (1830-42/1978), que nos ensina acerca da aprendizagem do método, a Sociologia, semelhantemente, não deve ser estudada separadamente das investigações sociológicas. Corre-se, assim, o risco de que esta seja «[...] um estudo morto, incapaz de fecundar o espírito que a ele se entrega» (p. 15). É preciso assumir que, por um longo período, a negação e o apego aos textos levou a um completo infortúnio. Longe da compreensão prática, a percepção da realidade se tornava, assim, distante. Simplória utopia, romantizada em artigos e livros. Apenas com o processo de imersão é que se tornou possível o verdadeiro talhar do saber.

¹⁹ «A experiência daquilo a que demos o nome de “alternação” (que é precisamente a **percepção de si mesmo diante de uma sucessão infinita de espelhos**, cada um dos quais transforma a imagem numa diferente conversão potencial) leva a uma sensação de Vertigem, uma agorafobia metafísica diante dos intermináveis horizontes do possível» (Berger, 1963/2001, p. 75, pt-BR, *neg. n.*).

²⁰ «[...] Eu não tenho mais a cara que eu tinha / No espelho essa cara já não é minha / Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho / A minha barba estava deste tamanho [...]» (A. Antunes, 1985).

Entregue a este propósito, a construção do conhecimento foi iniciada. Preencheu-se, assim, um vazio pessoal preexistente entre o trabalho – a profissão idealizada – e o *ser*. Em um *processo de renúncia e reconhecimento da própria existência*, ao se transformar também em objeto, a busca pelo conhecimento apresenta, concomitantemente, seu preço. A estar as lacunas da existência preenchidas, forma-se a *si mesmo*, enquanto procura adquirir os saberes do ofício (Mills, 1959/1982, 1959/2009).

Os antolhos, em um sentido weberiano, outrora retirados, são reajustados ao corpo (Weber, 1919/2011). A empreitada exige, além da indissociação entre a vida pessoal e do trabalho (Mills, 1959/1982, 1959/2009), a realização de um exílio intelectual imposto por um novo paradigma, no qual tudo aquilo que não é inerente deve ser afastado, esquecido (Kuhn, 1962/2018). É permitir-se ver o cosmo, contudo, logo a seguir, direcionar o foco para a compreensão do inquietante visualizado por um novo prisma. Assume-se, desta maneira, a incapacidade de se dominar todo o mundo do conhecimento, tal como fora a pretensão de Fausto (Goethe, 1808-32/2022)²¹, e ideal estabelecidos por muitos iniciados. É preciso, assim, dedicar-se a uma ramificação, escolhida com paixão (Weber, 1919/2011). A visão do mundo e da própria existência devem ser, neste momento, compreendidas e explicadas dentro desta especialidade. Em outras palavras, *é se permitir ver* a amplitude por meio da nova consciência adquirida, a abandonar antigos paradigmas e *se admitir conhecer* a um novo, para então, dedicar-se com fé e coragem em um processo de total imersão, exilado no novo mundo, à apenas aquele saber (Kuhn, 1962/2018). Nesta troca de antolhos, o indivíduo, torna-se consciente da realidade que o cerca, tornando-se, muitas vezes, inconsciente de outras realidades externas ao seu mundo (Kuhn, 1962/2018; Mills, 1959/1982, 1959/2009; Weber, 1919/2011).

Este processo de total imersão, leva a construção de uma *outra forma de ver* com o desenvolvimento de um *novo olhar*, no caso em questão, sociológico. Vale ressaltar que, a especificidade não exclui a necessidade do conhecimento geral, porém, concomitantemente, específico, da Sociologia e, em alguns casos, de disciplinas correlatas. O que também se aplica a outros contextos e áreas. Compreender fenômenos que possuem como plano de fundo os

²¹ A história de Fausto (Goethe, 1808-32/2022), personagem do poema trágico homônimo de autoria de Johann Wolfgang von Goethe [1749 – 1832], é fundamentada em uma lenda alemã que relata a realização de um pacto com o demônio. Na obra literária, o protagonista manifesta o desejo de dominar o conhecimento sobre tudo que se pode ser conhecido. Desiludido com o fracasso em cumprir o seu objetivo, acaba por celebrar um acordo proposto por um demônio, Mefistófeles, o qual promete realizar todos os desejos de Fausto.

contextos sociais exige o entendimento, mesmo que parcial, da pluralidade de relações contextuais que se desenvolvem adentro ao contexto geral (Mills, 1959/1982, 1959/2009).

Ao destruir as fronteiras entre a vida pessoal e a profissional, transformando-as em unidade, torna-se possível compreender melhor o mundo exterior dentro da totalidade a qual é pertencente. A habilidade desenvolvida é, então, assim como em um estudo de caso, transportada do particular para o geral (Meirinhos & Osório, 2010). Ao visualizar a generalidade, transfigura-se possível *ver-se* dentro do cosmo a qual pertence (Heidegger, 1927/2005b, 1927/2005a) e, ao compreender o próprio mundo, vislumbra-se praticável transportar, analogicamente, o conhecimento adquirido para outros universos, enxergando-os com a sensibilidade adquirida com o novo olhar.

Desenvolvida esta capacidade, é possível, então, retornar do exílio e, pautado no conhecimento adquirido, compreender a realidade apresentada. Em síntese, o processo de autoidentificação de *si próprio* como objeto, deu-se com entrega total a uma nova maneira de olhar sociologicamente. Ao reler os textos inicialmente apresentados, antes, incompreendidos, tornou-se possível, nesta nova fase, os relacionar e aplicá-los a realidade concreta além da própria existência. O retorno a memória, como no processo de alternância proposto por Berger (1963/2001), desenvolve-se, portanto, também no retorno às leituras anteriormente realizadas. Compreende-se que se, na essência, já não é o mesmo indivíduo que aplica uma reanálise às suas memórias, também não o será em suas releituras.

A retornar à relação teórico-prática, a teoria se apresenta como fundamental para esta construção e compreensão deste novo pensar. Ocorre, porém, que a relação desenvolvida entre teoria e prática é recíproca e pesada de forma igualitária. A compreensão teórica só é existente quando aliada a aplicação real, ou seja, sempre que se torna possível identificar e aplicar a teoria nas relações concretas. De igual modo, a prática, apenas se ostenta exequível quando o indivíduo possui o arcabouço teórico necessário para desenvolvê-la. Produz-se, assim, uma espécie de habitabilidade aos conceitos estudados (Certeau, 1990/1998). A experiência, efetivada na prática, constrói-se apenas com a execução desta dualidade, onde o confronto da realidade vivenciada no campo com o conhecimento teórico levado a este resultarão em «[...] uma invariável bricolagem intelectual» (Peirano, 2014, p. 381).

No desenvolvimento deste processo, por vezes, a incompreensão teórica se fez presente. A insistente dedicação a cargas de leituras amplas, afastadas da percepção prática, conforme

mencionado, levam a um distanciamento ainda maior da compreensão. Apenas com o despertar consciente, da necessidade de uma efetiva atuação plural de ambas as forças, transformou-se a incompreensão em vivências da própria ciência. Ou seja, na construção da própria experiência, transfigura-se possível a compreensão de todo o arcabouço envolvido.

Ao se adquirir a experiência, torna-se apto a desenvolver e reconhecer a possibilidade de novos questionamentos. Apenas carregado de um arcabouço contextual sobre a temática que se torna possível o desenvolvimento do que ainda não foi dito. Esta aptidão, desenvolvida na dualidade teórico-prática, proporciona a capacidade de «[...] estabelecer a relação, de fazer a conexão, de ler as entrelinhas» (Durand, 2015, p. 19), por tal modo, de identificar aquilo que ainda não foi dito. Reconhecer situações semelhantes na realidade, geral e individual. É, por assim dizer, reconhecer, em meio ao acaso, as possibilidades. A casualidade, portanto, apresenta-se como o resultado da capacidade de identificar o novo perante os acontecimentos, e não o simples acaso (Mlodinow, 2015). E está, por sua vez, ostentar-se-á possível apenas com a aquisição do conhecimento e experiência, logo, «[...] teoria e prática precisam ser conduzidas concomitantemente [...]» (Fortuna, 2015, p. 66) e, somente desta maneira, torna-se possível a consciência da própria realidade (P. Freire, 1968/2013).

Esta construção, além dos aspetos acima elencados, conclui-se no desenvolvimento do novo olhar, de uma nova imaginação. A *imaginação sociológica* – e aqui não entraremos em questões relativas ao dom, mas, sim, em um processo de cultivo desenvolvido adentro ao entrelaçar dos mundos habitados pelo *ser* –, apresenta-se, então, como o aprender de um artesanato, um ofício, que, em sua execução habitual e rotineira (Boltanski & Thévenot, 1991/2020), torna-se, gradativamente, parte inerente da realidade do indivíduo (Mills, 1959/1982, 1959/2009). Vinculado a própria existência, a imagem pessoal e de artífice, unem-se em um processo de *(re)construção da identidade* (Hall, 1992/2006), a transformar o *ser*, no caso em questão, no cientista, no pesquisador, no sociólogo. Tudo agora é visualizado e compreendido de outra forma.

Você não precisa realmente estudar o tópico em que está trabalhando; pois, como disse, depois que o escolhe, ele está em toda parte. Você se torna sensível a seus temas; passa a vê-los e ouvi-los sempre em sua experiência, sobretudo, segundo uma impressão que sempre tenho, em áreas aparentemente não relacionadas. (Mills, 1959/2009, p. 41)

Manifestada em toda a parte, a temática do estrangeiro, evidenciou-se presente na própria existência. A experiência do jovem africano, outrora presenciada, era agora visualizada e indagada. Em suma, era a gênese de um desassossego, e este despertava o anseio por maior compreensão. A inquietude sentida era também observada em outros, porém, o objeto em si era, ainda, carente de estudos e análises capazes de proporcionar sua completa compreensão. Desta, então, nasceu o interesse pelo presente objeto.

O *mergulho* na **Sociologia Pragmática**, propiciado, inicialmente, pelos textos produzidos pelo *Coletivo Pragmaticus*, levou a uma nova e intrigante maneira de compreender a construção social. O despertar do sonho dogmático, ou, em uma simplória tradução, o relacionar teórico-prático dos textos analisados com o cotidiano da vida, deu-se por intermédio da identificação, e aplicação teórica do conteúdo assimilado, em situações simples do relacionamento humano. O olhar, agora atento às variações e regimes envolvidos nas operações e ações dos sujeitos (Boltanski & Thévenot, 1991/2020), não apenas visualizava, como enxergava nas entrelinhas toda a complexa e plural realidade do cotidiano que, simplificada pela proximidade, era, outrora, ignorada. Tudo aquilo que antes era visualizado como ordinário, deixou, então, de ser comum, simplório, habitual.

2.2 A ETNOGRAFIA DO SER: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO EM (TRANS)FORMAÇÃO

Qualquer tema pode se transformar em objeto de estudo, o problema está no enfoque, na perspectiva, no ângulo que a pessoa queira adotar para desenvolver seu estudo.
(Durand, 2015, p. 26, [pt-BT])

O *ser estrangeiro*, agora identificado na própria existência, despertava, muito além de uma simples curiosidade e inquietudes, um interesse científico. Desperto, então, um novo mergulho era iniciado (Kuhn, 1962/2018). Para além dos clássicos problemas oriundos das migrações, normalmente estudados, o pragmatismo sociológico levou ao provocar de um interesse em uma realidade mais próxima da existência do *ser*, como indivíduo e coletivo, sobre os (re)ajustes e (re)arranjos que realiza na coordenação do urso das ações nas mais diferentes

situações que transpassam seu quotidiano. Um *ente* que necessita ser compreendido não de forma apartada e isolada, mas envolto nas pluralidades relacionais que o vinculam ao contexto do fenómeno do qual é parte e nas relações que este, como partícula de um contexto maior, desenvolve com o todo do constructo social (Giddens & Sutton, 2014/2017; Mills, 1959/1982, 1959/2009). O estrangeiro, tornou-se, assim, frente a um novo arcabouço paradigmático, um objeto de interesse investigativo digno (Kuhn, 1962/2018).

Após longas análises o objeto de investigação fora delimitado: Estudantes Sírios refugiados em Portugal, apoiados pela *Global Platform for Syrian Students (GP4SS)*²². O projeto de pesquisa inicial, construído em prol deste tema, fora desenvolvido e aprovado pela universidade. Trabalhado durante todo o ano letivo de 2018/2019, o objeto, começou a apresentar algumas limitações. O apoio dos grupos de auxílio a refugiados, primordial para a execução do projeto, acabou por se tornar escaço, tal como o da plataforma mencionada.

A alteração na lei de proteção de dados, acompanhada pelo enxame investigativo, jornalístico e académico sob os refugiados, conduziu a um completo abandono dos suportes, antes, confirmados. A presente situação, acabou por levar o desenvolvimento da pesquisa a uma completa estagnação. Sem o apoio da GP4SS, e outros grupos de apoio aos refugiados, responsáveis pela intermediação do contato entre os estudantes e o pesquisador, o objeto de estudo se tornou, aos poucos, inviável.

Após meses sem respostas aos contatos – presenciais, telefónicos e por correio eletrónico –, e com pouco sucesso na busca pela *World Wide Web (WEB)* por formas de contactar os estudantes sírios refugiados em Portugal diretamente, o objeto de estudo se transformou, gradativamente, em uma utópica quimera. Os poucos contatos obtidos na *internet* não possibilitavam a construção de um estudo aprofundado, e, quando muito, os participantes se apresentavam dispostos a realizar apenas uma rápida conversa. Alguns, em resposta, afirmavam apenas que não possuíam tempo ou autorização para conceder entrevistas. Outros, esclareciam que a participação estaria condicionada a concessão da referida permissão e que, em alguns casos, sujeita a ser acompanhada por representantes das instituições de apoio – facto que, evidentemente, poderia exercer influências na construção dos discursos dos entrevistados

²² A Plataforma Global para Estudantes Sírios é uma organização sem fins lucrativos fundada pelo ex-Presidente de Portugal, Jorge Sampaio, em 2013. A iniciativa recebe o apoio de alguns parceiros institucionais, tais como: o Conselho da Europa, a Liga dos Estados Árabes, a Organização Internacional para as Migrações, entre outros. Possui como missão prover educação de qualidade para estudantes sírios afetados pela guerra (2021).

–, e, nas situações de respostas a questionários, este deveria ser antes analisado²³. Dos 15 (quinze) contatados obtidos pela *internet*, apenas um respondeu ao segundo contato, a informar que não seria possível participar da entrevista, pois não possuía autorização²⁴.

No decorrer dos meses de tentativas de contatos, já, também, a outras organizações e com o objeto de pesquisa expandido para os refugiados em caráter geral, e não apenas estudantes sírios apoiados pela GP4SS, a resposta se apresentava similar a um jogo de cartas marcadas. Ao contatar as organizações, e a ter êxito na resposta, era informado, em muitos casos, que a decisão em participar caberia aos refugiados, porém, não poderiam intermediar o contato. Este facto, por si só, já se instituía como um dificultador de todo o processo. Quando obtido sucesso na busca pela *internet* por formas de contatar os refugiados apoiados pela respetiva organização, os poucos que se dispunham a responder ao contato informavam não possuir autorização para participar, porém, sem informar quais seriam os responsáveis por emitir esta concessão.

Transcorrido já, aproximadamente, um ano e meio do tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa, a contar do ingresso no curso de doutoramento, o objeto escolhido se efetivava como inviável. O facto do tema se constituir no assunto do momento, acabou por levar a um enxame investigativo, jornalístico e académico, sob os refugiados e acerca das organizações de auxílio e o processo de acolhimento, que, por sua vez, tornou-se influenciador na construção da conjectura vivenciada na execução do projeto (Ruscheinsky &

²³ Quando da confirmação do apoio ao projeto inicial pela GP4SS, ocorrido em reunião presencial em sua sede, foram estabelecidas diretrizes semelhantes. Um questionário eletrónico deveria ser enviado para a plataforma, antes do envio para os estudantes e, após isto, a organização encaminharia o questionário aos estudantes apoiados por ela que, por sua vez, informariam ao final do questionário, em caso de aceite em respondê-lo, sobre a disposição pessoal para participar de uma entrevista/conversa. No mesmo dia da respetiva reunião e estabelecimento de tais diretrizes, todos os documentos solicitados foram encaminhados, via correio eletrónico, ao endereço de contato já utilizado nas negociações. Nenhuma resposta, desde a data da referida reunião, fora obtida. O questionário eletrónico, também, não apresentou nenhuma resposta ou, ao menos, acesso para leitura. Todas as outras tentativas de contato – telefónicas ou por correio eletrónico, pessoais ou com apoio institucional – não obtiveram êxito. O agendamento da reunião, anteriormente referida, apenas se tornou possível com o apoio do Professor Catedrático José Manuel Resende e da Professora Associada Maria Saudade Baltazar, os quais, em uso institucional, realizaram contato telefónico à organização, questionando-os sobre ausência de resposta aos contatos anteriores realizados por mim que, apesar de visualizados, no caso dos correios eletrónicos, e das chamadas telefónicas atendidas, não apresentavam, até então, respostas. Após isto, tornou-se possível o agendamento da reunião e o estabelecimento, com respostas, de efetivo, porém curto, contato. Após a data da reunião, os contatos telefónicos deixaram de apresentar respostas, quando aceitas as chamadas, e os correios eletrónicos passaram a não apresentar mais a resposta de leitura, apenas a confirmação de recebimento.

²⁴ O que fez emergir um segundo questionamento sobre a temática, notadamente, com execução limitada pelos mesmos motivos do objeto inicial e, por tal modo, suspensa sua execução de forma temporária, a ser: por qual motivo os refugiados seriam desautorizados de conceder entrevistas, mesmo quando dispostos a isso? A questão, apesar de inúmeras conjecturas sobre o motivo emitidas por alguns, permaneceu sem resposta, a ficar aberta para a possibilidade de no futuro buscar tais motivações.

Tulbure, 2017)²⁵. Apegar-se ao objeto, era, naquele momento, definhar-se na sua completa indisposição e se estagnar na ausência de dados.

O quebra-cabeça investigativo (Kuhn, 1962/2018) estava a faltar peças, não estava a funcionar e, assim como esclarece Durand (2015), quando «[...] o panorama está confuso, é necessário tentar encontrar a peça perdida que permite de terminar de montar o quebra-cabeça» (p. 15). Novamente, após muito conjeturar, uma luz, similar a trazida por Aurora²⁶, aproxima-se junto a um novo despertar (Kant, 1783/1988; Kuhn, 1962/2018). Despertar complexo e dolorido, tal como a quem mal dormiu em seu curto descanso e vê-se obrigado a levantar, antes mesmo do efetivo amanhecer. Apegado ao objeto, torna-se incómodo aceitar que este já não possui – naquele momento e a visar a especificidade dos objetivos – capacidade explicativa (Canclini, 2014/2020), pelo simples facto de não se apresentar como acessível. Tal como a sociedade e o próprio homem evoluíram desde a sua génese, a ciência também, de uma forma geral e a exemplo da Antropologia com a obra de Bronislaw Malinowski²⁷ e de Franz Boas²⁸, evoluiu. Transfigura-se necessário ao cientista, do mesmo modo, evoluir, ajustar-se.

Isto não invoca, cabe esclarecer, abandonar de modo definitivo a pesquisa, mas, tendo em vista a delimitação temporal para sua realização e a limitação de acesso ao objeto, reconhecer que, naquele momento em específico, insistir na especificidade do objeto é o equivalente a se condenar ao fracasso. Deste modo, é necessário deixar a investigação atual para outro momento, no qual, disponha de mais tempo ou o objeto, no caso em específico, mostre-se mais acessível. Todavia, não significa – em muitos casos – abandonar por completo o objeto em um canto, mas deixar, temporariamente, sua delimitação e ampliar a estrutura, de modo que, apesar de não o estudar em seu caráter específico, ainda se mostre exequível visualizar sua existência. Com isto, torna-se possível desenvolver sua pesquisa, enquanto,

²⁵ Ressalta-se que, o bloqueio ao acesso aos refugiados, nada mais é que um compreensível sistema de proteção, de preservar a imagem destes atores.

²⁶ Deusa romana do amanhecer, equivalente à grega *Eos*. Todas as manhãs, *Aurora*, corria o céu a anunciar a chegada de um novo dia e a levar a luz de seu irmão, *Sol* (equivalente ao deus grego *Hélio*), para iluminar e preencher de esperança os corações dos mortais. *Aurora*, *Sol* e *Luna*, personificação da lua (equivalente a deusa grega *Selene*), eram filhos da união dos irmãos titãs *Hiperião* e *Teia*, filhos de *Gaia* e *Urano* (Bulfinch, 1855/2006; Hacquard, 1976/1996; Kury, 1984/2009). O político e advogado brasileiro, Ulysses Silveira Guimarães (1916 – 1992), presidente da Assembleia Nacional Constituinte, ocorrida entre 1987 e 1988 (Gutemberg, 2016) e cujo fruto se efetivou com a promulgação da Constituição Federal da República Federativa do Brasil em 5 de outubro de 1988, doravante, CRFB/88, ainda vigente e conhecida como Constituição Cidadã (República Federativa do Brasil [Brasil], 1988/2020), em seu discurso de proclamação da referida magna carta brandou, em tom poético, as seguintes palavras: «[...] esperamos a Constituição como um vigia espera a aurora» (Brasil, 1988/2006, e.l.).

²⁷ Cf. Malinowski (1913, 1945, 1947/1948, 1948, 1935/1966a, 1935/1966b, 1944/1970, 1927/1973, 1929/1975, 1935/1977, 1966/1997, 1926/2011, 1926/2015, 1947/2015, 1922/2020, 1920/2020).

²⁸ Cf. Boas (1911/1995, 1930/2015, 1896/2015, 1920/2015, 1932/2015, 1931/2015, 1932/2021).

paralelamente, recolhe materiais para, em outro momento que se apresente mais oportuno o contato com o objeto resguardado, dar continuidade ao projeto inicial.

Fazer ciência é, em essência, permitir-se ir contra a corrente do próprio rio – na medida em que lhe for permitido –, ajustar-se, tal como o nômade, as mais diversas situações e, de forma contínua, desperta-se do sonho de sua própria dogmática (Kant, 1783/1988; Kuhn, 1962/2018) e, após permitir-se adormecer imerso em um novo sonho, *dar asas a imaginação* na busca por novas conjecturas. Por tal modo, para libertar o artista intelectual aprisionado no âmbito do *ser*, mostra-se necessário deixar de ser o burocrata taquígrafo, a anotar de maneira automática o cumprimento das normas (Canclini, 2014/2020) em um restrito preencher de tabelas (Resende, 2017), e alar a imaginação e a criatividade (Durand, 2015; Mills, 1959/1982, 1959/2009). Todavia, ainda a manter esta capacidade metódica, devido a necessidade científica de detalhamento dos processos e análises.

Semelhante a Malinowski (1922/2020), imerso em uma cultura diferente, é necessário visualizar o processo de construção do objeto idealizado e, ainda na validade do método por tentativa e erro (Durand, 2015), procurar, incessantemente, por uma resposta. Na cíclica evolutiva da existência, vejo-me tal como o vivenciado pelo mencionado antropólogo: «A cada nova tentativa, novos problemas e dificuldades apareciam» (Malinowski, 1922/2020, p. 70).

Com base em minha própria experiência, posso afirmar que muitas vezes, apenas ao fazer um esboço preliminar dos resultados de um problema aparentemente resolvido, fixado e esclarecido, é que eu deparava com enormes deficiências em meu estudo – deficiências essas que indicavam a existência de problemas até então desconhecidos e me forçavam a novas investigações (Malinowski, 1922/2020, p. 70)

Por tal modo, cabe ressaltar ao facto de que a elaboração e desenvolvimento de qualquer projeto está sujeita a riscos. Desta forma, é preciso realizar a Gestão do Projeto desde o planejamento inicial e, como estabelecido pelos parâmetros do *Project Management Professional (PMP®)*²⁹, estar atento e buscar identificar os possíveis riscos e respetivas

²⁹ Sistema de credenciamento profissional de Gestores de Projetos, emitido pelo Project Management Institute [PMI] (2021), visa o desenvolvimento e manutenção rigoroso de técnicas de gerenciamento de projetos, o PMBOK® (PMI, 2017), reconhecido pela International Organization for Standardization [ISO] (2021).

soluções prováveis. Inegavelmente, prever todas as possíveis situações críticas a envolver um projeto é uma atividade deveras complicada. No geral, a prevenção de risco se restringe aos comuns a especificidade do objeto e, a este modo, procura-se deixar prontas soluções análogas para, caso aconteça deste se efetivar, seja possível uma solução rápida de modo a não afetar a execução do projeto.

No caso em questão, o risco da não aceitação em participar do desenvolvimento da pesquisa fora previsto, porém, não fora levado em conta a possibilidade, de certa maneira, da incomunicabilidade total do objeto. As soluções, previamente previstas, tornaram-se ineficazes para a resolução. Concediam resposta apenas a problemas, corriqueiramente, simples. Ao primeiro problema cogitado, a baixa aderência do objeto a entrevista, fora previsto como resposta a ampliação do objeto a figura do refugiado em caráter geral. Ao segundo, a não intermediação do contato pelas plataformas de apoio teve como resposta planeada a busca de contatos dos refugiados pela *internet*.

Evidenciou-se, desta maneira, um risco não previamente previsto e, portanto, sem uma solução pré-estabelecida: a *impossibilidade*, quase que em caráter geral, da efetiva participação do objeto na pesquisa. Neste momento, como já expresso anteriormente, mostra-se necessário ao pesquisador a humildade para reconhecer as falhas de seu projeto e a capacidade criativa para desenvolver uma solução, ajustar-se. É preciso, assim, ter o conhecimento e a imaginação que possibilitem não apenas desenvolver, mas, também, identificar as possíveis soluções (Mills, 1959/1982, 1959/2009).

O objeto inicialmente idealizado apresentava-se com um tema de grande magnitude. Comumente, temáticas assim tendem a ser enganosas (Durand, 2015) e, para o pesquisador iniciante – o qual, geralmente, busca solucionar todos os problemas do mundo com o seu trabalho –, vislumbram-se mais atrativas. A popularidade do assunto, em muitos casos, amplifica o interesse do investigador que se torna cego para outras temáticas semelhantes, próximas, mas, concomitantemente, como antes apresentado, distantes.

Outro facto negativo ao desenvolvimento do tema inicial, como se os desencontros até então apresentados não justificassem alterações ao projeto, deu-se na barreira da linguagem. Tal como vivenciado por Malinowski (1922/2020), em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ao etnógrafo que aprende a língua nativa é possibilitada uma melhor compreensão do objeto. Torna-se, assim, possível compreender aquilo que seu interlocutor consegue transmitir apenas

em sua língua nativa. Semelhante a experiência do antropólogo, o inglês, em seu caso o *Pidgin*³⁰, não se apresentava como instrumento suficiente para a transmissão de sentimentos, tanto para o observador quanto para o observado, visto que, não era a língua materna de ambos. A língua portuguesa, de mesmo modo, também não se apresentava como suficiente para tal empreitada, pois, além do primeiro motivo apresentado, no caso dos refugiados, eram acrescidas as variações linguísticas existentes entre a língua falada no Brasil e em Portugal. Este facto, tendia a levar incompreensão aos entrevistados, que, além de pouca experiência com a língua, findavam-se os seus saberes na fonética portuguesa.

Ao contrário de Malinowski (1922/2020), as condições para aprender a língua, de forma a possibilitar uma melhor interlocução entre observador e observado, não se apresentavam como ideais. Diferentemente do autor, não havia a imersão total na cultura do objeto estudado, pelo contrário, este se encontrava, assim como o pesquisador, no estrangeiro. Aprender o árabe, a ponto de desenvolver uma capacidade interlocutória capaz de promover uma melhor interação em tempo hábil para o desenvolvimento da pesquisa, sem uma efetiva imersão cultural, semelhante a Malinowski, longe de todos os falantes da língua portuguesa, mostrava-se inviável. A plena compreensão linguística de um novo idioma apenas se evidencia possível quando, efetivamente, vive-se adentro a respetiva língua (Godoy, 2016). A utilização de intérpretes intermediários ao diálogo também se apresentava como não aplicável, visto que não seria permitido confirmar a “veracidade”, adentro as traduções³¹, das sensações e outros

³⁰ Sistema de linguagem oriundo da simplificação de uma língua em contato com outra. Em relação a língua inglesa, é comum a existência de inúmeras variações do inglês *pidgin*, fruto do contato do inglês com algumas línguas do Extremo Oriente. É, em suma, uma variação linguística simplificada, a qual tem por objetivo sanar necessidades comunicativas básicas, ou seja, é uma forma de linguagem limitada e não permite a prática de uma comunicação complexa. Pode também ser criada com base em outras línguas ou, ainda, na mescla de duas ou mais formas, tais como o espanhol, francês, inglês, português, entre outras. A origem da palavra possui relação com uma alteração chinesa de *business*, negócio, comércio. Criada para contatos de curta duração em relações comerciais, não é atualmente muito utilizada, visto que, a globalização acabou por elevar a necessidade de melhor comunicabilidade nas trocas comerciais. Este facto levou aos chineses, *e.g.*, a buscarem aprender a língua inglesa de maneira formal. Em relação ao contato estabelecido por Malinowski (1922/2020), os nativos utilizavam o *Malanesian Pidgin*, comumente praticado na região. Por não ser a língua materna de nenhuma das partes, e sim um recorte linguístico de várias línguas, o *pidgin* se mostra como uma forma de comunicação limitada. Cabe ressaltar que, o uso contínuo do *pidgin* pode levar a efetivação de uma nova forma língua e se desenvolver com capacidade plena de comunicação. Um exemplo disto são as variações das chamadas línguas *crioulas* (Encyclopaedia Britannica [Britannica], 2021a, 2021b; Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural [Larousse Cultural], 1987/1993; Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa [Michaelis], 2021g). A ISO® 639.2 reconhece a variação linguística constituída pelas línguas *crioulas* e designa o código de identificação das *Creoles and pidgins, Portuguese-based* com CPP (ISO, 1998).

³¹ É preciso esclarecer que esta frase não procura denegrir a profissão dos tradutores e intérpretes, mas evidenciar uma complexidade que abrange a possibilidade em questão. É do conhecimento comum que, a tradução de uma língua não se realiza de forma robótica. Muitas palavras podem, inegavelmente, como ocorre na própria língua

sentimentos expressos pela fala, mesmo no silêncio do objeto, necessários para uma melhor compreensão da realidade (Peirano, 2014).

O objeto inicial, portanto, mostrava-se fadado ao fracasso – pelo menos de forma temporária e relacionada a este projeto. Era preciso encontrar uma solução para a complicada questão, e esta mostrava-se mais próxima da realidade vivenciada. Ampliar a delimitação do objeto para a figura do estrangeiro, em um caráter geral, permitiria um leque maior de possibilidades, o que poderia ser benéfico ou não. Ainda, realizar a ampliação do objeto, sem estabelecer uma nova delimitação de origem, possibilitava, concomitantemente, o aproveitamento do material até então recolhido. Definiu-se, deste modo, o objeto de estudo. O estrangeiro, tal como era o próprio pesquisador, em terras lusitanas. O forasteiro, nas suas mais variadas formas, contudo, essencialmente, aquele que idealizava permanecer. Objeto e observador, a ocupar o mesmo espaço. Compreender, dessa maneira, a realidade próxima como forma de quem sabe, desenvolver uma interpretação para aquilo que, apesar de semelhante, não se apresenta, plenamente, próximo.

Como já afirmado, a proximidade tende a levar a normalização de diversas situações do cotidiano. Se, outrora, a figura do estrangeiro era vista distante, e como aquele que se encontra distante, esta já não se apresentava da mesma maneira. Compreender a própria realidade levou a um processo de reconhecimento e, posteriormente, a uma reanálise de todo o contexto.

Assim como o jovem africano, era, também, estrangeiro em terra distante. Mas a figura

portuguesa, possuírem mais de um significado e serem compreendidas, adentro ao contexto que são expressas, de forma incorreta ou adquirirem sentidos não idealizados por seu emissor. Para além, aspetos como a influência dos sentimentos e a entonação do indivíduo, que podem produzir outros significados as palavras e frases – *e.g.*, o uso da ironia – correm o risco de serem perdidos caso o intérprete responsável não esteja preparado, atento ou interessado em dedicar atenção a tais detalhes. A ausência de conhecimento aprofundado sobre a língua árabe, no caso em questão, não possibilitava ponderar acerca da fala emitida e da versão objeto da tradução o que, por conseguinte, poderia levar a interpretações errôneas sobre as representações construídas pelas falas dos entrevistados. Para além, a indisponibilidade de recursos próprios e a ausência de apoio financeiro oriundo de instituições de fomentos dificultavam a contratação de recursos qualificados para esta ação. Outro ponto, talvez um pouco mais polêmico, diz respeito as estruturas ideológicas presentes em todos nós e que, no caso do intérprete, poderiam exercer influências ocultas em suas traduções e nos resultados das análises fundamentas por estas. Seria, *e.g.*, o mesmo que construir uma análise com fundamento em texto transcrito de uma fala, sem, contudo, conhecer o áudio original. A veracidade das informações fica, deste modo, restrita a fé depositava sobre o texto que pode apresentar o conteúdo conforme foi pronunciado ou não. Na própria língua portuguesa, a modificação de uma simples vírgula pode produzir interpretações completamente diferente do que se idealizava ser expresso pelo emissor. Deste modo, peço perdão aos amigos tradutores e intérpretes que venham ler esta obra e possam, com frases como estas, sentirem-se ofendidos. Este não era o objetivo. O que se procura dizer com a afirmação aqui exposta é que, na maioria das vezes, a tradução literal da fala pode não *traduzir* o que, na essência e nas entrelinhas, vislumbrava-se exprimir.

do estrangeiro já se apresentava, muitos antes do deslocar, como a realidade vivida. De modo inconsciente e simultâneo, habitava-o e era habitado, sem saber, ou, pelo menos, sem ter a percepção de que vivia tal situação.

Desde a génese da infância convivia com o deslocamento e era um estrangeiro, em seus variados aspetos. Estranho notar e apontar isto agora, pois o interesse pela temática pode, assim, ser remontado a um passado longínquo e inocente. Ainda no alvorecer da infância o deslocar transportava o simples garoto do rancho de pau a pique³² em uma herdade, afastado de todo o convívio social de outros mundos além do familiar (Boltanski & Thévenot, 1991/2020), para uma vila com maior movimento. Ao passar dos anos, já na mocidade, levou-o para a cidade, contudo, ainda no interior. Os estudos o levaram, novamente, a migrar. Primeiro, de cidade, duas vezes, depois, de país. Em seu âmago, estrangeiro, desde o sempre.

O objeto delimitado não significava a resolução de todos os problemas a envolver a investigação. Novamente, tal como para Malinowski (1922/2020), a apresentação de uma resposta para o questionamento era apenas uma nova porta para um novo problema. Assim, logo após a definição do objeto final, iniciava-se a Pandemia do COVID-19, o que iria restringir a possibilidade de realização das entrevistas pessoais, a afetar a qualidade destas – visto não permitir a captura de outras formas de linguagens, *e.g.*, movimentos com os pés e mãos –, assim como limitar as demais observações etnográficas. Por sorte, o estágio atual da modernidade dispõe de ferramentas tecnológicas que permitem a execução parcial de diversas atividades, facto que, possibilitou a execução do projeto.

³² Sistema de construção que utiliza materiais encontrados na própria natureza, como: madeira, barro, palha, entre outros. Isto lhe possibilita um isolamento térmico e resistência ao fogo. Extremamente utilizado no Brasil desde o período colonial nas áreas rurais e de difícil acesso. «O barro e a água são amassados com os pés ou com o pilão até se obter uma massa compacta que é misturada a fibras vegetais, a exemplo do capim ou da palha. Alguns acrescentavam sangue e estrume de gado. Os vãos são preenchidos com essa mistura. Em lados opostos, na parede interna e externa, ficavam duas pessoas e ambas atiravam o barro ao mesmo tempo contra a estrutura de madeira formando as paredes da casa» (Botelho, 2019).

2.3 “NESSAS ILHAS CHEIAS DE DISTÂNCIA”: EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO ETNOGRÁFICA

*Há tempo, muito tempo
Que eu estou
Longe de casa
E nessas ilhas
Cheias de distância
O meu blusão de couro
Se estragou
(...)
(Trecho da canção *Tudo outra vez*, de Belchior, 1979)*

Entre as figurações possíveis para a constituição do *ser estrangeiro*, a do migrante, notavelmente, é a que desperta maior interesse acadêmico e mediático. Sucede, porém, que o processo de desenvolvimento do *ser estrangeiro* ocorre muito além do olhar sobre a fronteira territorial. O processo de identificação do *ser migrante* e do próprio *ser* como migrante – e objeto de estudo –, torna-se de difícil compreensão sem, antes, compreender, ou pelo menos tentar, o próprio processo migratório e as conjunturas contextuais que o envolvem. Estudar o objeto de forma separada permite um aprofundamento sobre este em si, contudo, não possibilita compreendê-lo na complexidade das dimensões dos contextos plurais aos quais está imerso (Mills, 1959/1982, 1959/2009). Compreender esta entidade quase mitológica, *o estrangeiro*, necessita o desenvolvimento de um olhar que possibilite não apenas o entendimento das forças que *as artes de fazer o comum no plural* exercem sobre a constituição deste *ser*, mas, também, nos modos de agir e olhares dos outros que o cercam e nas relações que são desenvolvidas (Resende & Gouveia, 2013).

O compreender deste desenvolvimento está sujeito a inúmeros fatores. A amplitude das formas de migrar, como poderá ser melhor assimilado posteriormente, conduzem a uma igual variedade de formas de olhar. São olhares curiosos, que chegam e encontram o novo. Atentos, alguns analisam aqueles que chegam, enquanto outros, os que partem. Mas, por vezes, este olhar sobre o novo, lugar ou *o outro*, esquece-se de olhar para *si próprio* ou nega-se a aceitar que é, também, objeto do olhar curioso e questionador do *outro* (Cereijido, 2008). O olhar que se segue busca seus fundamentos iniciais no *partir*, individualizado e/ou coletivo, assim como no *chegar*, para, então, compreender em suas múltiplas formas o *permanecer* e, conseqüentemente, o *retornar*. É, também, um relato sobre as percepções e caminhos, do estrangeiro – visto, relatado e compreendido –, por um estrangeiro.

Tendo isto dito, busca-se, desta maneira, a transcrição para o papel de uma espécie de *etnografia da subjetividade*, ou seja, da experiência dos migrantes nos mais variados níveis e graus de consciência. Um mergulho, em direção ao subjetivo e (in)consciente (des)conhecido *mundo interior* do próprio sujeito migrante. Um deslocar que, de modo mútuo, transporta *ser* e *mundos*, independentemente de qual seja o destino (Antonelli, 2013). O processo, então, transcende as fronteiras de uma *etnografia do corpo social* e cria uma espécie de *etnografia do inconsciente* ou, em outras palavras, busca a compreensão dos efeitos das vivências do *ser migrante* sobre seu olhar e percepção da realidade, que mascarados por outros dispositivos afetam, em um primeiro momento, as representações que constrói sobre o próprio universo. Concomitantemente, procura compreender a maneira que essas experiências exercem influências no processo de construção de suas representações da realidade, individual e coletiva. Uma espécie de óculos que, ajusta o olhar, enquanto se adapta a este.

De tal modo, antes, é preciso se questionar sobre este processo etnográfico, mas, acima de tudo, sobre o executor deste olhar e as condições de sua realização. O que é o etnógrafo – ou seja, o pesquisador a aplicar o método etnográfico, seja de qual for a disciplina – em terras distantes, senão um estrangeiro? O que define este etnógrafo perante a sociedade a qual estuda? Como este, com sua curiosidade inerente, é, então, visto pelo corpo social no qual imerge? Um *estranho*, claramente, a bisbilhotar o conforto da vida social. O pesquisador, a utilizar-se de um estudo etnográfico com o objetivo de compreender uma cultura, tem, por força do ofício, o dever de mergulhar o mais profundo possível na sociedade estudada. Ávido em conhecer o objeto, não deve se contentar com predefinições, mas, em busca do conhecimento, observar, analisar, questionar e procurar compreender tudo aquilo que está estabelecido como certo e verdadeiro (Peirano, 2014). Assim, é necessário que este se dedique – a se entregar em exposição e vulnerabilidade, salienta Peirano (2014)–, e mergulhe rumo ao abissal ainda incompreendido. Semelhante ao experienciado por Malinowski (1922/2020), é preciso acordar antes do nativo e ir dormir bem depois dele. E, em alguns momentos, permanecer a noite acordado, em uma eclesiástica vigília, de forma a perceber o movimento noturno que envolve o objeto. É essencial, portanto, estar de facto entre o objeto.

É enorme a diferença entre relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar de fato em contato com eles. Que significa estar em contato? Para o etnógrafo, significa que sua vida na aldeia, no começo uma estranha aventura ora desagradável, ora

interessantíssima, logo assume um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia. (p. 62, pt-BR)

Este *estranho*, mergulhado em um mundo pertencente a outrem, analisa e compara todos os aspectos do corpo social ao qual esta imerso, semelhanças e diferenças, em relação a sua sociedade de origem. Busca construir, com base nas anotações que realiza, a melhor compreensão possível daquela cultura. Estuda, portanto, um objeto estranho ao seu contexto, mas, a buscar compreendê-lo não sobre o seu olhar, e sim sobre o olhar nativo daqueles que ali já são pertencentes (Geertz, 1983/1994).

Ocorre que a presença do etnógrafo não é invisível ou impercetível. Ela é notada e sentida. De início, passa a ser objeto de curiosidade dos nativos até que, por fim, acaba por ter a presença relevada. Apesar do objeto estranho parado a porta, a rotina do cotidiano segue o contínuo fluxo. Com o tempo os nativos se acomodam com sua presença e, na medida do que for possível e permitido, a normalidade da vida social é retomada.

Com o passar do tempo, acostumados a ver-me constantemente, dia após dia, os nativos deixaram de demonstrar curiosidade ou alarme em relação à minha pessoa e não se sentiam mais tolhidos com minha presença – deixei de representar um elemento perturbador na vida tribal que devia estudar, alterando-a com minha aproximação, como sempre acontece com um estranho em qualquer comunidade selvagem. Sabendo que eu meteria o nariz em tudo, até mesmo nos assuntos em que um nativo bem-educado jamais ousaria intrometer-se, os nativos realmente acabaram por aceitar-me como parte da vida deles, como um mal necessário, como um aborrecimento mitigado por doações de tabaco. (Malinowski, 1922/2020, p. 63)

A figura ali parada a porta, como um totem a enfeitar a aldeia, é o etnógrafo. De olhar atento produz notas mentais, gravações, anotações e imagens sobre tudo que é capaz de capturar com o objetivo de poder reconstituir, de forma fiel, aquilo que visualiza (Lévi-Strauss, 1958/2021). Com o transcorrer temporal, deixa de ser objeto de curiosidade e a causar estranheza, sem, contudo, deixar de ser em sua forma mais simples, forasteiro. É, acima de

tudo, um *estranho*, na figura do estrangeiro, que busca compreender um mundo, ou uma situação, diferente da sua realidade. A figura clássica do antropólogo em processo etnográfico, a ser o europeu a estudar tribos distantes, evoluiu (Uriarte, 2012). Observador e objeto já não compreendem o mesmo que outrora. Se, antes, o princípio da simplicidade da física clássica estabelecia uma separação entre objeto e observador, hoje, com o advento da física do interior do átomo (Capra, 2002/2002, 1982/2007, 1996/2012; Capra & Luisi, 2014/2014), estes se mostram indissociáveis (Sommerman, 2011), visto as múltiplas composições plurais. Tal como expresso por Morin (1982/2005), uma ilusão na qual acreditávamos ser possível separar o observador de seu objeto, visto que, «não é só o sociólogo que está na sociedade; conforme a concepção hologramática, a sociedade também está nele; ele é possuído pela cultura que possui» (p. 185, pt-BR).

Comum, logicamente, a troca de posições. O observador, em processo de imersão, é também objeto. Observado pela tribo, é objeto de estudo e compreensão de seu próprio objeto. Como nos lembram Giddens & Sutton (2014/2017), «as pessoas que sabem que suas atividades estão sendo inspecionadas podem não se comportar da mesma forma como normalmente o fazem. Podem, consciente ou inconscientemente, mostrar a si mesmas de modo diferente de suas atividades usuais» (p. 45). A complementar esta fala, é possível encontrar suporte nas palavras de Martins (1997/2021), que estabelece como de real importância as intenções ocultas e questionamentos não revelados pelo objeto. Contudo, é preciso ressaltar que, para além do que é ocultado ou exposto de forma livre pelo ator, a relação entre estas também exerce importância. É preciso, desta forma, também estar atento aos fatores que podem levar o indivíduo a se abrir ou a esconder/manipular algumas informações do pesquisador³³. Muito mais que buscar o real, é preciso compreender os ajustamentos, suas formas de transmissão e

³³ Em pesquisa realizada para o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, *e.g.*, intitulada, *O Aborto da Lei: um estudo comparativo da questão do biopoder no Brasil e no Uruguai* (Souza, 2017), a negativa de grande parte dos parlamentares brasileiros abordados em responder ao questionário proposto se evidenciou como um importante dado, a revelar que, a carência legislativa no Brasil sobre a temática da Interrupção Voluntária da Gravidez é, antes de tudo, fruto da própria abstenção dos representantes eleitos em se abordar o tema, devido sua natureza polêmica. Este facto faz levantar o questionamento - o qual se vislumbra, em um futuro próximo, o desenvolvimento de uma investigação a visar uma melhor compreensão acerca dos contextos que o envolvem - sobre o porque dos grupos de apoios em Portugal limitarem o acesso de algumas pesquisas e investigadores aos refugiados por eles apoiados. Limitar-se-ia, tal questão, aos fatores de preservação da identidade e em se evitar o desgaste mental destes, já abalado pelas complexidades envolvidas ao seu processo migratório? Ou haveria nas entrelinhas, por assim dizer, algo a mais a ser abafado, amenizado, a “colocar panos quentes” com o objetivo de evitar a instauração de uma nova confusão? Além destas inquietudes, inúmeras outras, também, apresentam-se sobre as motivações do respetivo impedimento e quais os reflexos podem, estes, produzirem sobre o processo de acolhimento e integração.

representação, as quais podem informar muito sobre o *ser* e a relação que desenvolve consigo mesmo, com o pesquisador, ambiente e pluralidade contextual nas quais esta inserido.

A construção de uma representação condizente com a realidade do objeto e que possibilite a compreensão deste e do contexto ao qual se envolve, evidencia-se possível apenas quando o objeto se acomoda com a presença do etnógrafo e retorna, então, a uma certa normalidade da rotina, ao mesmo tempo que visualiza na relação com o investigador um local de segurança para se abrir sobre detalhes pessoais que, em muitos casos, nem ele (re)conhece como importantes ou se permite falar. Assim, torna-se possível que a presença do etnógrafo adquira uma certa invisibilidade, proporcionada por uma espécie de *antolhos do habitual* – pelos quais, sua representação por parte do objeto adquire um aspeto *familiar* –, e, desta forma, passar a não promover alterações visíveis ao cotidiano social, todavia, sem deixar que sua presença seja ainda notada.

Para que isto ocorra, é necessário que o contato entre observador e objeto não seja, efetivamente, curto. Este deve ser prolongado o suficiente para que o objeto observado possa, então, acostumar-se com a presença do observador e, de retorno a rotina, seguir o cotidiano de sua vida (Malinowski, 1922/2020). Mostra-se necessário, portanto, que o observador entre em um estágio no qual não desperte mais interesse do objeto pelo facto de *ser estranho* ao ambiente, a se tornar comum, na medida do possível, e passe a fazer, então, parte da paisagem³⁴.

Por sua vez, ao estudar aspetos específicos da própria sociedade, como a vida em algumas comunidades e bairros de sua cidade, o pesquisador convive com a proximidade entre seu mundo particular e o mundo analisado. Esta proximidade tende a facilitar, em alguns aspetos, o trabalho. Não é preciso, por exemplo, assimilar uma nova língua, como o vivenciado pelo sírio Abraão (2019), que a respeito da necessidade de se aprender o idioma: «[...] *é sempre uma nova língua... tem que aprender*». Quando muito, como salienta o imigrante brasileiro Roberto (2019)³⁵ o facto de falar a mesma língua «[...] *facilitava muito essa troca de ideias [...]*», a ser necessário apenas incorporar determinados regionalismos e gírias ao vocabulário. Por outro lado, tende também a complicar devido a tênue linha entre a realidade estudada e a

³⁴ Deste modo, desenvolveu-se nessa pesquisa uma aproximação com alguns indivíduos e grupos da amostra de forma a permitir que a imagem do pesquisador que está a observar todos os movimentos, falas, atos e ações fosse então absorvida pelos atores. Adquirida certa normalidade da presença e compreendida esta não mais como alguém que observa, mas que pertence ao grupo, os questionamentos eram introduzidos nas conversas do cotidiano de maneira indireta.

³⁵ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação BRA-EIM-01.

pessoal.

Se, por um lado, ao ter como objeto o estrangeiro, o etnógrafo busca compreender a presença deste novo *ser* em sua sociedade e tudo aquilo que a este diz respeito, por outro, quando penetra em uma cultura distante para desenvolver um estudo, assume também o papel do *estranho* que chega em uma nova sociedade com o objetivo de melhor compreendê-la a partir do «[...] próprio corpo do objeto [...]» (Geertz, 1973/2008, p. 11). Ocorre, porém, que no caso do estudo em questão, a situação transfigurasse em múltiplas complexidades. Desta forma, é passível questionar: e quando o objeto do estudo etnográfico é o estrangeiro em outro país, que não o do etnógrafo, a levar o investigador a realizar uma imersão em outra sociedade para estudar a presença de um *ser estranho* a esta, assim como ele mesmo o é? Neste caso, o pesquisador estrangeiro a estudar imigrantes em outro país apresenta-se como observador de seu objeto, da sociedade na qual ele busca se integrar e das relações desenvolvidas entre estes, enquanto é, simultaneamente, objeto de observação de seu objeto, sociedade de imersão e de sua própria pesquisa. Objeto e observador a habitar o mesmo *ser*. Evidencia-se, assim, uma tênue linha entre a realidade estudada e vivenciada, onde a figura do observador e do objeto se mostram indissociáveis (Morin, 1982/2005).

Uma pesquisa desta forma possui as suas vantagens, claro. Em um caso como este o pesquisador dispõe de uma chance muito maior de coleta de importantes materiais, além de poder produzir interpretações, não apenas em segunda ou terceira mão, mas também por fazer parte do objeto, em primeira (Geertz, 1973/2008). Reclamações comuns, como dificuldades básicas, xenofobia e outros preconceitos, *e.g.*, podem ser não apenas recolhidas, como experimentadas, vivenciadas, sentidas pelo etnógrafo. Possui, desta maneira, maior capacidade de compreender em sua própria experiência os sentimentos, alegrias e frustrações, vividos pelos estrangeiros em terras distantes.

Todavia, ocorre que tal situação de favorecimento a pesquisa pode ser vista, também, como uma faca de dois gumes. Navalha afiada, com a qual é possível tanto ferir como se cortar. Se, por um lado, existe a possibilidade do pesquisador se beneficiar no processo de captação e compreensão da realidade vivenciada, por outro, pode acabar influenciado a falsas conclusões fundamentadas em uma experiência pessoal boa ou ruim, como também exercer influências sobre o objeto.

É preciso, portanto, que este tenha cuidado para filtrar aquilo que vive, relata e utiliza

na pesquisa, assim como a forma que irá tangê-la. Sua experiência, no formato de objeto do próprio estudo, deve ser utilizada com cuidado e maestria, a servir apenas como um ponto de triangulação em relação aos dados obtidos, e não sustentáculo fundamental de construção dos resultados. Ou seja, a experiência pessoal servirá como contrapeso, de maneira a ponderar a realidade transmitida pelos outros objetos, evitando, desta forma, a construção e compreensão de *representações da realidade viciadas*. Semelhante a Malinowski (1922/2020), «o etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros» (p. 67, pt-BR). Esta situação pode ser benéfica ao pesquisador, pois a proximidade em relação ao objeto permite levar este último a se sentir mais à vontade e livre para se abrir, o que possibilita uma melhor aproximação. Fruto disto, transfigura-se possível ao investigador a possibilidade de confirmar com o objeto se as representações construídas sobre sua realidade expressão o que quis informar (Giddens & Sutton, 2014/2017).

Contudo, é preciso cuidado. Concomitantemente, corre-se o risco de que a situação se apresente também como uma armadilha. Por força dos antolhos da normalidade e comodismo, a proximidade com o objeto e sociedade pode acabar por “normalizar” determinadas situações, condutas, falas, ações, entre outros, fundamentais para a execução da investigação. O que aqui se afirma não é que o pesquisador deixará de lado estas informações por escolha, o que é possível ocorrer, evidentemente, devido a influências paradigmáticas presentes no indivíduo como *ser* e investigador. Porém, o olhar normalizado e conformado a representação da realidade que acompanha pode estar sujeito a não ser capaz de enxergar todas as nuances que envolvem o objeto, o corpo social e o observador, assim como as inter-relações desenvolvidas por e entre eles.

Certamente, é inegável que o tirocínio vivido sobre a experiência de se encontrar na figura do estrangeiro acaba por gerar materiais para, por si só, produzir estudos significativos. Mas, vale ressaltar, sua utilização como fundamento estruturante pode ser alvo de críticas devido a falta de rigor científico causada pela ausência de triangulação dos dados obtidos. Porém, utilizada como baliza e/ou ponto de partida das inquietações, e não fundamento justificante, a experiência pessoal, acompanhada de outros casos que ponderem sua análise, possui a capacidade de sustentar trabalhos significativos, tal como a obra de Hannah Arendt (Lafer, 2007).

Com isto, é possível se questionar: como o pesquisador deve agir no desenvolvimento de uma pesquisa em que atue, em simultâneo, na figura de observador e objeto do estudo? Como identificar os pontos importantes sem, no entanto, deixar-se influenciar pela experiência pessoal? Como utilizar esta experiência no processo de triangulação ou pressuposto inicial para identificar inquietações? A resposta para estes questionamentos reside no próprio processo de construção da arte de pesquisar. O artesanato intelectual, exige do indivíduo o desenvolvimento de uma capacidade de percepção, a qual adquire-se apenas com a própria execução da pesquisa (Mills, 1959/1982, 1959/2009).

Semelhante ao poeta espanhol Antonio Machado³⁶, que no poema *Cantares*, expressa ao caminhante a necessidade de se construir o próprio caminho:

[...] Caminhante, são tuas pegadas / o caminho e nada mais; / caminhante, não há caminho, / se faz caminho ao andar / Ao andar se faz caminho / e ao voltar a vista atrás / se vê a senda que nunca / se há de voltar a pisar / Caminhante não há caminho / senão há marcas no mar [...]

(A. Machado, 1917-23/2021)

De forma análoga, o cantor e compositor brasileiro Chico César³⁷, na icônica canção *Deus me proteja de mim*, apresenta, em meio as suplicas que dirige a Deus distribuídas por sua poética, ensinamentos sobre o caminho e o caminhar: «[...] Caminho se conhece andando / Então vez em quando é bom se perder / Perdido fica perguntando / Vai só procurando / E acha sem saber [...]» (César, 2008).

De modo semelhante, a construção da “imaginação sociológica”, proposta por Mills (1959/1982, 1959/2009), pode, assim, ser visualizada. A capacidade de desenvolver pesquisas é estruturada pela execução prática do ato de pesquisar (Durand, 2015). Desta maneira, retorna-se à dualidade teórico-prática. A inexistência de um método fácil e automático, proporcionado apenas pelo estudo teórico, desta forma, conduz o jovem pesquisador ao eterno caminhar. A

³⁶ Antonio Cipriano José María y Francisco de Santa Ana Machada (1875 – 1939), nascido em Sevilha é relacionado ao modernismo.

³⁷ Francisco César Gonçalves, nascido em Catolé do Rocha, na região da Paraíba no Brasil, em 1964, é um músico, escritor, cantor, jornalista e compositor brasileiro.

sintetizar, é através do próprio ato de caminhar que o caminho é construído. De modo semelhante, é por meio da ação de pesquisar que o pesquisador adquire a *expertise* necessária à profissão e se desenvolve.

Construção gradual de eterno lapidar, o desenvolver desta *expertise* para a pesquisa, etnográfica ou não, mostra-se como um tortuoso caminho a ser seguido pelo pesquisador. Por tal modo, adquirir a capacidade de identificar inquietações passíveis de investigação e de filtrar suas próprias experimentações, evidencia-se como uma atividade complexa. Contrário fosse, estaria hoje a academia repleta de pesquisadores de excelência. Certamente, seria imprudente não reconhecer a existência daqueles que possuem no âmago um talento, desejo e inquietação, natural e inexplicável, que os induz sempre a levantar questionamentos interessantes, contudo, sem o devido conhecimento, de nada valem tais inquietações. É preciso saber reconhecê-las.

Novamente, conforme esclarece Malinowski (1922/2020), não basta apenas estar próximo ao objeto e esperar que este venha ao seu encontro. É preciso que o pesquisador saiba reconhecer, atrair, aproximar, ajustar-se e se posicionar frente ao objeto. Necessita-se, portanto, preparo para lidar com algumas situações que possam surgir. Apenas sua presença não se mostra suficiente para encontrar situações conflitantes ou produtoras de interesse. É fundamental a capacidade para reconhecer. Em retorno a questão teórico-prática, é essencial ao pesquisador um arcabouço teórico que o possibilite, não apenas a identificação de situações pré-existentes, mas também àquelas que ainda não foram trabalhadas e suas limitações. «Conhecer bem a teoria científica e estar a par de suas últimas descobertas não significa estar sobrecarregado de ideias preconcebidas» (p. 64).

O conhecimento teórico levado ao campo pelo pesquisador, mostra-se fundamental no processo construtivo de suas próprias teorias, a lhe fornecer auxílio e inspiração. Ocorre que, como afirmado, é preciso que este compreenda de modo concreto todo o arcabouço teórico que esteja disposto a levar consigo na jornada e o desenvolvimento efetivo desta capacidade se torna possível apenas por meio da construção dualística teoria-prática. Provido deste conhecimento, o pesquisador apresentar-se-á apto para, além de reconhecer e compreender, criar novas teorias e/ou aprimorar conceitos já existentes (Malinowski, 1922/2020).

Em resumo, deve-se dentro do próprio ato da pesquisa, aprender a pesquisar. Da mesma maneira que em outras artes, como a música ou a pintura, capacidade e qualidade da produção serão o resultado de exaustiva dedicação ao estudo e a prática. Desta forma, desenvolver a

capacidade de separar sua presença como objeto do próprio objeto de estudo – e utilizá-la como ferramenta de triangulação ou trampolim para inquietações, sem permitir que esta exerça influência no processo de análise –, é um trabalho artístico de libertação. É, semelhante a Michelangelo, esculpir o próprio “anjo aprisionado” e libertá-lo da pedra bruta (Lewis, 2007). Mostra-se preciso visualizar em si o pesquisador, talhar o rústico mármore de sua existência em busca do conhecimento necessário e inerente a pesquisa, a libertar, por fim, o pesquisador existente em si. Evidentemente, a ação de lapidar a pedra em busca de algo ainda incompreendido e, em muitos casos, não visualizado, é um trabalho árduo. Apesar de muitos desistirem, aqueles que visualizam e persistem no talhar da libertação – a compreender os elementos necessários para formação do pesquisador –, tendem a adquirir altos níveis de excelência.

Desenvolvida esta capacidade, o pesquisador se apresenta apto a executar a atividade de pesquisa. No caso da etnografia, é requisitado ao executor um extenso detalhamento, de modo que todas as informações sejam transmitidas a fim de demonstrar, com a maior honestidade possível, todo o processo de pesquisa. Malinowski (1922/2020) salienta que,

[...] um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, do outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica. (p. 57)

De retorno aos exílios, a pesquisa etnográfica também requer do etnógrafo, enfatiza Malinowski (1922/2020), que este se isole dos seus, a praticar um convívio total e exclusivo com o objeto. É evidente e inegável que, uma situação que permita estas condições, muitas vezes apresenta-se possível apenas para aqueles que possuem como objeto de estudo nativos isolados. No mundo globalizado, afastar-se totalmente de sua cultura e dos seus se apresenta inviável e, em muitos casos, impossível. Este facto, adentro ao estudo que se propõe a presente análise, mostrou-se extremamente complexo, visto que o objeto era, também, parte do observador e, frequentemente, estes dividiam a origem pátria.

Por outro lado, proporcionou o desenvolvimento de uma análise multiforme que, hora em alternância hora em simultâneo, imergia na totalidade da figura do estrangeiro e/ou na

sociedade acolhedora. Constrói-se, assim, um estudo no qual, duplamente infiltrado, desenvolve-se a compreensão da(s) representação(ões) da(s) realidade(s) fundamentada(s) em uma pluralidade das análises. Peso e contrapeso, ponderados na busca de uma construção desprovida de vieses. Logicamente, nem sempre esta tarefa se apresenta de forma fácil e simplificada. É indispensável uma constante (re)análise e, assim como no processo de alternância proposto por Berger (1963/2001), revisar de modo constante o que já fora produzido. A permanente revisão, aliada a evolução pessoal do indivíduo *ser* e pesquisador, acaba por produzir a cada nova verificação, uma análise sempre mais aprimorada, limpa, pura e refinada.

CAPÍTULO III

—

APONTAMENTOS METODOLÓGICO

3 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURAIS

Não parou em Tomar, não chegou a Santarém, jantou incógnito numa vila da margem do Tejo, a gente da terra é curiosa de seu natural, mas não ao ponto de indagar do viajante, à queima-roupa, Olhe lá, como é o seu nome, se por cá se demorasse, então sim, em pouco tempo lhe averiguariam a vida passada e o destino para o futuro.
(Trecho de *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, 1986/2006, p. 28)

O fenómeno das migrações é, por si só, complexo e multiforme (Durand, 2015). Do mesmo modo, tudo aquilo que o permeia finda por herdar esta vasta complexidade. Adentro aos inúmeros contextos que abrangem o fenómeno, o estrangeiro, na figura do migrante, mostra-se de igual modo composto por uma pluralidade de contextos e inter-relações recíprocas (Brumes, 2013). Desta forma, desenvolver um estudo a respeito deste não se apresenta como algo simples, visto que, evidencia-se necessário manter atenção as variadas multiplicidades contextuais que exercem sobre sua constituição inúmeras influências recíprocas (Capra & Luisi, 2014/2014). Assim, na execução da pesquisa que fornece a presente tese seus arcações e dados estruturais, utilizou-se uma ampla gama de ferramentas, métodos e metodologias, de maneira interdisciplinar. Objetivou-se com isto, desenvolver uma melhor compreensão acerca das múltiplas representações da realidade construídas pelos objetos e sobre estes, como das inter-relações desenvolvidas com outros atores, fatores e contextos que os envolvem, os quais incidem sobre ambos, de maneira recíproca, influências que exercem suas forças e impactam na própria (re)constituição do fenómeno e *ser*.

A pluralidade que envolvem o ato de migrar e própria constituição da figura do estrangeiro imigrante, levam ao estudo da temática a necessidade de se manter um olhar vigilante a todos os contextos que permeiam o fenómeno migratório. Por este motivo, ao buscar a compreensão das inquietudes relacionadas a figura do estrangeiro adentro ao processo migratório, mostra-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa provida por um olhar plural atento aos variados contextos, fatores, atores e as inúmeras inter-relações, interações e influências recíprocas que exercem entre si. Desta forma, a escolha dos atores aqui analisados, buscou evitar distanciar o objeto principal, o estrangeiro, dos demais contextos aos quais se envolve. Assim, para além de imigrantes internacionais, *leitmotiv* estruturante desta obra,

também foram observados residentes nacionais locais e migrantes internos, e as conexões desenvolvidas entre estes.

3.1 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA INICIAL E OS TERRENOS DE PESQUISA

Ele passa a ser encarado como inimigo, como alguém que não se adequa e que, portanto, deve retornar ao país de origem ou ser mantido fora do convívio social, como um mal que não pode se instalar e precisa estar apartado do todo.
(Figueiredo, 2021, p. 105)

Com o objetivo de estabelecer as fundações conceituais da investigação, realizou-se, primeiro, uma busca na internet aberta³⁸, em plataformas científicas *online*³⁹, com o suporte de *software* de pesquisa⁴⁰ especializado e em repositórios institucionais por publicações relacionadas à temática. Nesta fase inicial, para melhor filtrar os resultados, foram selecionados termos⁴¹ inerentes ao fenômeno e objeto, os quais foram relacionados através de operadores lógicos booleanos⁴². O resultado apresentado, foi filtrado para retirada de duplicatas e, após, realizou-se uma revisão sistemática da literatura.

³⁸ Por meio da plataforma de pesquisa aberta fornecida pela *Google LLC*.

³⁹ Tais como o *Google Acadêmico*, *Scielo*, *Web of Science*, Plataforma *Capes*, *B-On*, entre outros.

⁴⁰ *Publish or Perish*. Copyright© 2024 Anne-Wil Harzing. Software gratuito. Disponível em: <https://harzing.com/home>. Acesso em 16-04-2024.

⁴¹ Foram utilizados na pesquisa os seguintes marcos: migração, migrações, migrante(s), migrar, imigrar, emigrar, emigrante, imigrante, imigração, emigração, partir, chegar, permanecer, retornar, reconhecer, reconhecimento, dispositivo(s), regime(s), adaptação, engajamento, pertencimento, proximidade, distância, sociologia pragmática, Portugal, conflitos, inquietações, outro, encontro e pertencer.

⁴² Os operadores utilizados para realizar este filtro na chamada pesquisa booleana são expressos pelas designações **AND**, **OR** e **NOT** e sua utilização é, comumente, designada como uma busca avançada. Uma arte que visa encontrar «[...] pedras preciosas em meio aos simples cristais, seria, em linguagem popular, passar um peneira na informação, separando assim, o joio do trigo» (Souza, 2019, p. 81). Agregados a estes, são utilizados outros operadores que também auxiliam no processo de filtragem das informações que irão retornar, tais como a utilização das aspas curvas (“ ”), que limitam a busca a especificidade do termo expresso entre elas; o símbolo de menos (-), que exclui dos resultados os documentos que contenham o termo expresso apresentado após seu uso; uma busca coringa por meio da utilização de um asterisco (*), quando não se sabe ao certo quais termos utilizar ou quando o termo pesquisado possui diversas variações com o mesmo prefixo, e.g., “*migra*”.

O presente estudo possui uma abordagem de natureza essencialmente qualitativa e compreensiva. Foram realizadas a recolha de dados etnográficos⁴³ na cidade de Évora e, esporadicamente, na Área Metropolitana de Lisboa [AML] e na cidade do Porto, assim como de dados netnográficos. Utilizou-se no processo de observação-participante, observação direta, conversas informais e entrevistas, análise documental, coleta de relatos e comentários em sites de notícias, canais de vídeos e grupos de redes sociais. Inicialmente, as entrevistas foram realizadas de modo presencial em locais escolhidos pelos entrevistados, como bares e cafés nas respetivas cidades e nas dependências da Universidade de Évora. Posteriormente, devido as situações impostas pela pandemia do COVID-19, as entrevistas passaram a ser realizadas de modo remoto, por meio de aplicativos de reunião e redes sociais. Todas as entrevistas foram gravadas, de modo a permitir a transcrição posterior. A obtenção deste material permitiu identificar as inter-relações desenvolvidas pelos atores, entres eles e com a cidade. Por força das restrições impostas pela crise do COVID-19, optou-se também pela utilização de uma pesquisa netnográfica realizada em grupos de redes sociais no *Facebook*, como o *Nossas*

⁴³ A Etnografia, definiu-se como o principal método antropológico, através da obra de Malinowski (1922/2020)⁴³. Antes dele, a Antropologia se resumia ao colecionar de dados sobre culturas distantes, realizado do conforto dos gabinetes e uma modesta visitação a locais remotos, acomodados em um conforto mínimo oferecido pelos administradores ou missionários das colônias (Lévi-Strauss, Cit. em Durand, 2015). Ao se colocar a viver entre seu objeto, Malinowski, rompeu com está definição. Sua obra, assim como a de Boas (1911/1995, 1930/2015, 1932/2021), estabeleceram os princípios norteadores para o desenvolvimento da pesquisa de campo. A abordagem etnográfica desenvolvida por Malinowski, possibilitou e evidenciou a necessidade do estabelecimento de um contato com laços mais estreitos com o objeto. Imerso, o pesquisador se encontra próximo a vida íntima de seu objeto. Uma proximidade que lhe permite presenciar até os detalhes mais triviais do convívio social. A rotina do cotidiano, em todos seus aspetos, permitiram a Malinowski uma melhor compreensão sobre a cultura ali praticada na totalidade (Gonçalves, 2016). É o que nos aponta o próprio Antropólogo, ao esclarecer que, o abismo entre o simples e esporádico se relacionar, e o estar de facto em contato, a viver com o seu objeto, é gigantesco (Malinowski, 1922/2020). Para Lévi-Strauss (1958/2021), o processo etnográfico pode ser compreendido como uma densa análise e observação, da qual deverá ser possível restituir, de forma fiel, o modo de vida observado. A prática etnográfica do trabalho de campo, possibilita «[...] um maior aprofundamento na experiência de outros modos de vida, com valores diferentes do nosso, mas que, ao fim, enriquece nossa própria visão de mundo e acaba por nos trazer mais para dentro da nossa própria sociedade» (Rocha, 2001, p. 150). Faz, desta maneira, uma «[...] transformação do familiar em exótico e do exótico em familiar [...]» (p. 150), o que, por sua vez, é o responsável por desenvolver um novo olhar sobre o próprio mundo, livre do comumente já pré-estabelecido. É, também, uma troca bilateral, por onde ocorre um intercambio de informações (Lévi-Strauss, 1955/2020). Vale notar, portanto, que, por mais que a ideia seja não interferir na vida do objeto, o mesmo não ocorrerá. A simples ação de se abrir com o interlocutor – ato que, em muitos casos, não o poderia fazer com sua comunidade –, já é, em si, uma mudança que carregará por sua existência. Para Ingold (2008, 2017), a Antropologia não se resume na Etnografia, tão pouco está última, limitar-se-ia a atuar apenas em relação a primeira. Para o autor, a Antropologia envolve uma reflexão realizada entre os interlocutores, onde o Antropólogo desenvolve um aprendizado sobre objeto etnográfico (Cesarino, 2021). Tem-se, a Etnografia não como disciplina, mas como um método e descrição, definição por alguns questionada (Peirano, 2014). Constitui-se, não em um desenvolvimento especulativo da visão adquirida sobre o *outro* no processo etnográfico, mas em uma conjuntura teórica de *como o outro se vê*. Desta maneira, a teoria etnográfica é, de certa forma, uma *teoria do outro* (Peirano, *Prefácio*, In Malinowski, 1922/2020).

dúvidas – SEF⁴⁴; páginas do *Instagram*, a exemplo do *Brasileiras não se calam*⁴⁵; acompanhamentos das interações dos objetos de observação nas redes sociais; análises de comentários a notícias veiculadas por jornais eletrônicos, canais de vídeos, entre outros. Este processo, realizou-se entre novembro de 2018 e janeiro de 2022.

3.2 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS DADOS

Durante a expansão da imigração, os estrangeiros se integraram à nova sociedade sem renunciar às suas características.
(Ferrerias, 2004, p. 104)

Devido aos contextos da pandemia, evidenciou-se possível a observação de 67 (sessenta e sete) indivíduos⁴⁶, a ser 53,73% (36) do sexo feminino e 46,27 % (31) masculino. Realizou-se o processo de observação participante com 80,60% (54) atores da amostra e entrevistas semidiretivas⁴⁷ com 19,40% (13) indivíduos, das quais, 5,97% (4) foram objeto de apenas entrevistas, 8,96% (6) de entrevista e observação, e 4,48% (3) de entrevistas indiretas⁴⁸ e observação.

A amostra, composta por sujeitos oriundos de dez nacionalidades diferentes, era formada por: 31 (46,27%) imigrantes internacionais, com origens em Angola (2), Brasil (18), Cabo Verde (2), China (2), Colômbia (1), França (1), Síria (3) Timor-Leste (1) e Ucrânia (1); e, 36 (53,73%) nacionais portugueses, constituído por 12 (33,33%) migrantes internos e 24 atores eborenses, a serem 17 (66,67%) trabalhadores locais, três estudantes do secundário, dois trabalhadores-estudantes de curso de formação profissional e dois trabalhadores-estudantes de

⁴⁴ «Grupo destinado a dar informações as pessoas com dúvidas sobre processos e leis do SEF» (Montano *et al.*, 2023)

⁴⁵ Página gerenciada por Mariana Braz, pesquisadora e ativista pelos direitos de mulheres imigrantes (Braz, 2021a)

⁴⁶ A descrição dos objetos observados e entrevistados pode ser encontrada no Apêndice B - Descrição dos objetos observados, Tabela 9 Tabela 9 - Objetos observados e entrevistados e continuações.

⁴⁷ As entrevistas semidiretivas foram guiadas pelas questões apresentadas no Apêndice C - Guião das entrevistas.

⁴⁸ As entrevistas indiretas foram realizadas de forma a evitar influência contextual, exercidas pela figura do pesquisador, da pesquisa e da consciência pelos objetos da relação com os questionamentos realizados. Para tal, inquietações eram levantadas pelo investigador em meio a conversas comuns do cotidiano com o objetivo de levar a abertura dos objetos de investigação sobre o tema que lhe era proposto.

licenciatura. Apesar da origem em Évora, alguns trabalhadores locais moravam em outras zonas do distrito e realizavam o processo de deslocamento diário para a cidade.

Esta amostra foi dividida em nove grupos principais, estruturados conforme o convívio social e relações entre os atores. Estes grupos e círculos de convivência, desenvolviam-se em ambientes distintos e seus membros, na maioria das vezes, relacionavam-se entre si, por escolha, conveniência e/ou obrigação. Alguns indivíduos, adentro a determinados grupos, tinham conhecimento de outros indivíduos pertencentes a outros grupos, contudo, não desenvolviam relações de proximidade consideráveis. A divisão apresentada, permitiu analisar as diversas composições de interações desenvolvidas entre os atores de modo interno e externos aos grupos. Com exceção disto, a divisão apresentada possibilitou uma melhor organização dos indivíduos e dados recolhidos.

O **Grupo 01** era composto por estudantes matriculados em um curso de aperfeiçoamento linguístico em língua inglesa, oferecido pelo Centro de Línguas [CL] da Escola de Ciências Sociais [ECS] da Universidade de Évora [UÉvora] e desenvolvido em uma das salas junto ao claustro central da universidade. O processo de observação-participante, desenvolvido no segundo semestre de 2019, era realizado na sala designada para o curso, junto ao claustro central da universidade, durante as atividades didáticas, que ocorriam de forma semanal nos dias de segunda e quarta-feira com duração de 4 (quatro) horas por dia, com exceção de apenas um encontro realizado fora deste ambiente. Dois indivíduos deste grupo foram entrevistados. O grupo era composto por uma turma heterógena e diversificada, formado por 8 (oito) indivíduos de 4 (quatro) nacionalidades diferentes, a ser: 2 (duas) alunas portuguesas⁴⁹; 1 (uma) estudante de origem ucraniana⁵⁰; 1(uma) mulher de nacionalidade colombiana⁵¹; e, 3 (três) estudantes de doutoramento com origem brasileira⁵². Para além dos alunos, também compunha o grupo a professora responsável pela execução do curso, de nacionalidade portuguesa⁵³. Dois indivíduos deste grupo participaram de entrevistas diretas e foram objeto de observação durante todo o período do curso até meados de agosto de 2020. Os demais atores, foram objeto de observação participante e de entrevistas indiretas durante o

⁴⁹ PRT-TENL-01 e PRT-TENL-02.

⁵⁰ UKR-EIL-01.

⁵¹ COL-NAI-01.

⁵² BRA-EID-01, BRA-EID-02 e o observador participante, OP-INV.

⁵³ PRT-TL-07.

período de realização do curso. O presente grupo era constituído por cerca de 62,50% de estrangeiros.

O **Grupo 02** era composto por alunos matriculados em um curso de aperfeiçoamento linguístico em língua francesa, também oferecido pelo CL da ECS da UÉvora e desenvolvido em uma das salas junto ao claustro central da universidade. O processo de observação-participante, ocorreu no segundo semestre de 2019 e era realizado na sala designada para o desenvolvimento curso, junto ao claustro central da universidade, durante as atividades didáticas, que ocorriam de forma semanal nos dias de terça e quinta-feira com duração de 4 (quarto) horas por dia. De modo externo, com exceção do contato realizado com um dos indivíduos selecionados para as entrevistas e um encontro casual com uma das alunas em um ambiente alheio a universidade, nenhum outro encontro foi registado. O grupo era composto por uma turma heterógena, contudo, menos diversificada. Era formado por 8 (oito) indivíduos, a ser: 3 (três) estudantes do ensino secundário portuguesas⁵⁴; 2 (duas) trabalhadoras locais de nacionalidade portuguesa⁵⁵; 1 (um) estudante de mestrado brasileiro⁵⁶; e, o observador participante. Para além dos alunos, também constituía o grupo a professora responsável pelo desenvolvimento do curso, de nacionalidade francesa⁵⁷. Um indivíduo deste grupo concedeu entrevista direta e foi objeto de observação participante do período do curso até meados de agosto de 2020. Os demais atores foram objeto de observação participante e de entrevistas indiretas durante o período de realização do curso. Estrangeiros representavam cerca de 12,50% do presente grupo (excluído o pesquisador).

O **Grupo 03**, de natureza diversificada e heterógena, era ambientado, parcialmente, no local de trabalho dos indivíduos observados e nos encontros realizados por alguns membros do efetivo após o labor em alguns bares eborenses. O processo de observação foi desenvolvido de forma diária, com períodos curtos que giravam entre 30 (trinta) minutos e 1 (uma) hora – com algumas exceções semanais, nas quais, o tempo de observação perdurava por algumas horas – , realizado entre janeiro de 2019 e outubro de 2020. Composto por 19 (dezanove) indivíduos, a ser: 16 (dezasseis) de nacionalidade portuguesa, a ser 9 (nove) migrantes internos⁵⁸, 2 (dois)

⁵⁴ PRT-ES-01, PRT-ES-02 e PRT-ES-03.

⁵⁵ PRT-TL-01 e PRT-TMN-11.

⁵⁶ BRA-EIM-01.

⁵⁷ FRA-TMIR-01.

⁵⁸ PRT-TMN-01, PRT-TMN-02, PRT-TMN-03, PRT-TMN-04, PRT-TMN-05, PRT-TMN-06, PRT-TMN-07, PRT-TMN-08 e PRT-TMN-09.

trabalhadores-estudantes de curso de qualificação profissional⁵⁹ e 5 (cinco) trabalhadores locais⁶⁰; e, 3 (três) trabalhadores imigrantes internacionais regulares, 2 (dois) oriundos do Brasil⁶¹ e 1 (um) de origem cabo-verdiana⁶². Dois indivíduos deste grupo participaram de entrevistas diretas e, junto com os demais atores, foram objeto de observação participante e entrevistas indiretas durante todo o período. Semelhante a proporção de imigrantes em Portugal, estimada em aproximadamente 12% pelo INE (2022), o número de imigrantes pertencentes ao grupo representa 15,78% de sua totalidade.

O **Grupo 04**, de encontro esporádico mensal e monitoramento via redes sociais, foi analisado entre março de 2019 e janeiro de 2022. Era constituído por 3 (três) indivíduos de origem brasileira, dois do sexo masculino e um do sexo feminino, trabalhadores do setor da construção civil⁶³, residentes na AML, os quais foram objeto de observação e entrevistas indiretas.

O **Grupo 05** era composto por 19 (dezanove) indivíduos que, com exceção de algumas relações casuais entre certos atores, não desenvolviam conexões entre si. Era formado por 10 (dez) sujeitos de origem brasileira, a ser 4 (quatro) trabalhadores migrantes internacionais regulares⁶⁴, 1 (um) trabalhador-estudante internacional de mestrado⁶⁵, 3 (três) estudantes internacionais de mestrado⁶⁶, 1 (um) estudante internacional de licenciatura⁶⁷ e 1 (um) estudante internacional de doutoramento⁶⁸; 1 (um) imigrante empreendedor cabo-verdiano⁶⁹; e, 8 (oito) nacionais portugueses, a ser 6 (seis) trabalhadores locais⁷⁰ e 2 (dois) migrantes internos⁷¹. Estrangeiros representavam 57,89% do grupo.

O **Grupo 06**, analisado apenas por meio de entrevista, composto por 3 (três) refugiados sírios⁷², a ser dois indivíduos do sexo masculino e um do sexo feminino. A busca por atores refugiados se mostrou um problema durante a pesquisa, não devido a ausência, mas a falta de

⁵⁹ PRT-TENQP-01 e PRT-TENQP-02.

⁶⁰ PRT-TL-02, PRT-TL-03, PRT-TL-04, PRT-TL-05, PRT-TL-06.

⁶¹ BRA-TMIR-02 (Rodolfo, 2019) e BRA-TEIM-01 (Enila, 2020).

⁶² CPV-TMIR-01.

⁶³ BRA-TMIR-03, BRA-TMII-01 e BRA-TMII-02.

⁶⁴ BRA-TMIR-01, BRA-TMIR-04, BRA-TMIR-05 e BRA-TMIR-06.

⁶⁵ BRA-TEIM-02.

⁶⁶ BRA-EIM-02, BRA-EIM-03 e BRA-EIM-04.

⁶⁷ BRA-EIL-01 (Valdir, 2020).

⁶⁸ BRA-EID-03.

⁶⁹ CPV-TMIE-01.

⁷⁰ PRT-TL-08, PRT-TL-09, PRT-TL-14, PRT-TL-15, PRT-TL-16 e PRT-TL-17.

⁷¹ PRT-TMN-10 e PRT-TMN-12.

⁷² SYR-RF-01 (Abraão, 2019), SYR-RF-02 (Najla, 2019) e SYR-RF-03 (Omar, 2019).

interesse ou autorização em participar das entrevistas. O primeiro ator entrevistado, foi contactado via e-mail (encontrado em pesquisa na WEB) e sua entrevista realizada em um café na Estação do Oriente, Lisboa, em abril de 2019. O contacto com os outros dois atores, foi proporcionado por meio da participação em um evento, no qual estes apresentavam sua história de vida⁷³. Durante este encontro, tornou-se possível entrevistar os indivíduos e questioná-los a respeito da experiência do refúgio.

O **Grupo 07** era composto por 3 (três) estudantes internacionais de doutoramento, a ser 2 (dois) de origem angolana⁷⁴ – um homem e uma mulher – e 1 (um) indivíduo do sexo masculino proveniente do Timor-Leste⁷⁵. O grupo desenvolvia relações entre os atores adentro a UÉvora. Deste grupo, apenas um indivíduo do sexo feminino de origem angolana participou de entrevista direta e, juntos com os demais, foi objeto de observação participante entre janeiro e junho de 2020. A entrevista e o processo de observação foram realizados nas dependências da ECS na UÉvora.

O **Grupo 08** era estruturado com por 4 (quatro) trabalhadores nacionais locais⁷⁶, os quais, desenvolvia atividades no comércio de alimentos e realizavam interações diárias com alguns imigrantes e migrantes nacionais. O grupo foi objeto de observação participante, no qual eram analisadas suas interações com imigrantes no comércio local. O processo de observação foi realizado entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

O **Grupo 09**, estruturava-se por apenas 2 (dois) estudantes internacionais de doutoramento chineses⁷⁷, com a observação realizada nos edifícios da UÉvora entre janeiro de 2019 e janeiro de 2020. Os atores desenvolviam apenas relações entre si, com algumas visitas semanais dos filhos de um deles e baixa abertura para contato.

Esta classificação dos atores conforme os grupos de relacionamentos, permitiu a organização dos dados obtidos e possibilitou uma melhor visualização das inter-relações desenvolvidas por estes. O material recolhido foi tratado e organizado, de modo a viabilizar o desenvolvimento de estudos de caso (Yin, 1993/2003, 1994/2010, 1984/2014, 2018),

⁷³ Com o objetivo de proteger a identidade dos participantes, dados relacionados ao evento foram omitidos.

⁷⁴ AGO-EID-01 (Amara, 2020) e AGO-EID-02.

⁷⁵ TLS-EID-01.

⁷⁶ PRT-TL-10, PRT-TL-11, PRT-TL-12 e PRT-TL-13.

⁷⁷ CHN-EID-01 e CHN-EID-02.

analisados através de Análise do Conteúdo⁷⁸ e do Discurso⁷⁹. Utilizou-se no processo de coleta, transcrição, catalogação, codificação, análise e triangulação, primordialmente, o *software* de análises de dados qualitativos *NVivo*⁸⁰, além do auxílio no desenvolvimento e organização da pesquisa do *software* *XMind*⁸¹, *Microsoft OneNote*⁸² e *Outlook*⁸³. No desenvolvimento da escrita, fora utilizado o editor texto *Microsoft Word*⁸⁴ e o gerenciador de referências *CITAVI*⁸⁵ com o objetivo de melhor desenvolver um organograma de leituras, citações e referências.

A presente obra não está isenta de limitações, é essencial reconhecer isso com transparência. Embora o esforço intelectual e metodológico tenha sido dedicado à sua elaboração, é evidente que uma coleta de dados mais abrangente e diversificada poderia ter conferido maior solidez e profundidade às análises realizadas. Um volume mais significativo de informações, além de ampliar as possibilidades interpretativas, teria permitido conclusões ainda mais embasadas e nuances enriquecedoras. Infelizmente, devido a inúmeras conjunturas este facto não se mostrou possível.

⁷⁸ Seu método de análise do texto, a dividi-lo em categorias (Bardin, 1977/2011) ou códigos – análise temática (Ghiglione & Matalon, 1978/2001) –, possibilita quantificar o conteúdo por meio do um desmonte e reagrupamento dos fragmentos. Devido a isto, alguns tendem a defini-la como um processo quantificador de dados qualitativos (Morgan, 1993). Ao mesmo tempo, esse procedimento possibilita relacionar dados numéricos, estatísticas, ao conteúdo qualitativo codificado, a produzir, assim, relações entre eles.

⁷⁹ O processo de produção do discurso deixa sinais, rastros, que permitem a reconstituição da enunciação e dos valores em que se assenta (Fiorin, 1989/2000; Gregolin, 1995). A seguir as pegadas, o enunciatário analisa e interpreta as marcas deixadas. Seu objetivo é verificar a veracidade e valores que esta carrega, fornecedores das estruturas que lhe proporcionam de sentido (Maingueneau, 1995/2008). Um intrincado encadeamento entre «[...] sujeitos, discursos e condições de produção [...]» (Jesus & Adorno, 2017, p. 15) que podem germinar incalculáveis aceções. A elocução pode, com isto, perder-se de seu objetivo inicial e, à deriva em um mar de possibilidades, conceber outros discursos. Por tal modo, «[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro» (Pêcheux, 1988/2006, p. 53). Nesta senda é que se configura o trabalho da Análise do Discurso (AD). A constituição do discurso não se realiza em espaços bem estabelecidos, mas entre cosmos diferentes. Um espaço incerto, a (des)construir os laços existentes entre os mundos que evoluem e a linguagem (Maingueneau, 2014/2015). O discurso, logo, não se configura como algo evidente, «[...] não é transparente também porque sujeitos não são transparentes nem mesmo para si próprios» (Jesus & Adorno, 2017, p. 15). Apresenta a necessidade interpretativa.

⁸⁰ Licença de utilização concedida pela Universidade de Évora.

⁸¹ *Copyright* © *XMind Ltd. Software* Pago. Licença própria. Disponível em: <https://www.xmind.net/>. Acesso em 16-04-2024.

⁸² Programa para recolhimento e organização de informações de forma livre e colaboração multiusuário. Licença própria. Pacote *Microsoft Office 365. Copyright* © *Microsoft 2024*. Disponível em: <http://onenote.com/>. Acesso em 16-04-2024.

⁸³ Gerenciador de agenda eletrônica e e-mail. Pacote *Microsoft Office 365. Copyright* © *Microsoft 2024. Software* pago. Licença própria. Disponível em: <https://products.office.com/outlook>. Acesso em 16-04-2024.

⁸⁴ Editor de textos. Pacote *Microsoft Office 365. Copyright* © *Microsoft 2024*. Licença própria. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-365/word>. Acesso em 16-04-2024.

⁸⁵ Desenvolvido pela *Swiss Academic Software. Copyright* © *QSR International. Software* pago. Licença de uso do autor. Disponível em: <https://www.citavi.com/en>. Acesso em 16-04-2024.

PARTE II

—

A PATATIVA DO NORTE

CAPÍTULO IV

—

COMPREENDER A MIGRAÇÃO

4 O ATO DE MIGRAR: E ENTÃO, SEVERINO, QUEM ÉS?

*O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
[...]
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(Trecho introdutório do poema *Morte e Vida Severina*, de
João Cabral de Melo Neto, 1955/2010)*

O poema de João Cabral de Melo Neto⁸⁶, o qual o pequeno inserto faz epígrafe a este capítulo, retrata a migração no nordeste brasileiro. Uma peregrinação em busca de um mínimo existencial, vista por muitos como fuga, onde o indivíduo assume uma identidade generalizada que se resume naquele que emigra e que, na maioria das vezes, mostra-se insuficiente. Assim como o poema – composto por uma trilogia que tem início com a publicação de *O cão sem plumas* (1949 – 1950), primeira parte, e, após, *O rio* (1953) e *Morte e vida severina* (1954 – 1955), segunda e terceira partes (B. Tavares, 2010) –, o ato migratório se transfigura em uma conjunção das múltiplas fases do mesmo processo (Schappo, 2004). Etapas interligadas, subsequentes e dependentes, entre si.

⁸⁶ Nascido na cidade do Recife (1920 – 1999), no estado de Pernambuco, foi um diplomata brasileiro que, por força da profissão, peregrinou por diversos países durante a sua carreira. Ocupou o cargo de Cônsul-geral na cidade do Porto (Portugal), em 1984, a retornar ao Brasil em 1987, três anos antes de sua aposentadoria, já a ocupar o posto de Embaixador. Em 1968, obteve o reconhecimento de seu trabalho literário, ao ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras [ABL] (2021).

Migrar, assim, conforme apresentado por Lee (1966), não pode ser traduzido na simples «[...] mudança permanente ou semipermanente de residência» (p. 49, *trad. n.*)⁸⁷. Envolve, expressa o autor, origem, destino e outros fatores que atuarão semelhantes a obstáculos durante todo o processo. Este, por sua vez, em sua totalidade, constitui-se por diversas multiplicidades que, na decomposição de cada etapa, surgem, também, como obstruções que o migrante deverá enfrentar.

Por tal motivo, mostra-se necessário, antes de tudo, compreender, nas entrelinhas que compõe o texto, ou, nos nós e fibras que estruturam o fio do tear da vida, a composição deste complexo ato.

4.1 DO LATIM, MIGRARE: VERBOS E SERES EM SEUS MODOS, TEMPOS, PESSOAS, NÚMEROS, MOBILIZAÇÕES E VOZES

*Era uma vez um cara do interior / Que vida boa, água fresca
e tudo mais / Rádio e notícia de terra civilizada / Entram no
ar da passarada / E adeus paz / Agora é vencer na vida / O
bilhete só de ida / Da fazenda pro mundão / Seguir sem
mulher nem filho / Oh! Brilho cruel dos trilho / Do trem que
sai do sertão / Acreditou no sonho / Da cidade grande / E
enfim se mandou um dia / E vindo viu e perdeu / Indo parar,
que desgraça! / Na delegacia / Lido e corrido lembra / Um
ditado esquecido / "Antes de tudo um forte!" / Com fé em
Deus um dia / Ganha a loteria / Pra voltar pro Norte
(Canção *Notícias de terra civilizada*, de A. C. Belchior &
Mello, 1993, *sic.*)*

Migrar, constitui-se por uma variada amplitude de significados. É, inexoravelmente, um ato de mobilização. A mobilização dos atores é responsável pelo desenvolvimento de inúmeras atividades e acontecimentos no mundo, tais como movimentos sociais que pleiteiam transformações, direitos e produzem revoluções. Com origem etimológica no francês, *mobiliser*, o termo conduz a ação de movimento e carrega significações como *movimentar(-se)*, *conclamar*, *chamar*, *pôr(-se) em movimento*, *ação e/ou uso* com o objetivo de executar uma tarefa ou campanha, *colocar em circulação*, *convocar*, *causar*, *incitar(-se) à participação de*

⁸⁷ Texto original: «*Migration is defined broadly as a permanent or semipermanent change of residence*» (Lee, 1966, p. 49).

algo, alguém ou de *si mesmo* a tomarem parte de atividade social, política, entre outras (DICIO, 2022d; DPLP, 2021h; iDicionário Aulete [Aulete], 2023; Michaelis, 2021d)

Linguisticamente, o próprio verbo **partir** carrega inúmeras significações. Com origem etimológica no latim *partio*, *-ire*, em suas variadas formas, transporta sentidos como o de *quebrar(-se)*, *fazer(-se)*, *reduzir(-se) a pedaços/partes*, *retirar(-se)*, *afastar(-se)*, *sair*, *fugir*, *causar rompimento de relações*, *separar(-se) de forma abrupta*, *provocar danos*, *causar e/ou sofrer fratura*, *distribuir*, *repartir*, *confinar*, *(pros-)seguir*, *ir-se embora*, *retirar(-se)*, *arremessar(-se)*, *pôr-se a caminho*, *passar a movimentar(-se)*, *seguir viagem*, *deslocar(-se)*, *estender(-se)*, *prolongar(-se)*, *proceder*, *provir*, *morrer*, *perecer*, *investir contra*, *lançar mão*, *afligir-se*, *doer-se*. Assim como, transmite um marco de delimitação, *fazer fronteira*, *(a) partir de*, a demarcar o *início*, a *origem*, um *ponto de partida*, seja teórico, espacial ou temporal (DICIO, 2022e; DPLP, 2021i; Larousse Cultural, 1987/1993f; Michaelis, 2021e).

O termo, por tal modo, ajusta-se de forma plena a complexidade do fenômeno das migrações. O *ato de partir*, apresenta-se aos atores envolvidos no processo migratório como uma ação carregada por variados sentimentos, semelhante a própria amplitude de significações do termo linguístico. O **partir** do migrante reflete um *sair*, *afastar(-se)*, *fugir*, *ir-se embora*, *retirar(-se)* de uma situação ou local que já não lhe oferece condições para desenvolver a vida e *proceder*, *seguir viagem*, *(pros)seguir*, *pôr-se a caminho*, *arremessar-se* em uma jornada a procura de um nirvana pessoal, um lugar que poderá ou não fornecer melhores perspectivas (Figueira, 2004). Todavia, também impõe um preço. Por mais bem planejado – ou não – que seja o **partir**, este, antes mesmo de ser efetivado, exige o *abandonar*, deixar para trás conquistas, bens e entes queridos (Breviglieri, 2010). Uma espécie de *quebrar* que leva a um *separar de forma abrupta* do *ser* dos indivíduos próximos, da sociedade e, por fim, do próprio *eu*, a *repartir* estes pelo *espaço-tempo* – *decompostos*, *fragmentados*, *fraturados* – a levá-los a um *afligir-se*, *doer-se* pelo que foi *despedaçado* e a conduzi-los ao *perecer* de *si próprio*.

O *partir* é, primariamente, o início de um movimento que leva ao migrante inúmeras ações e sentimentos. Estes, podem ser expressos por variadas significações de outros verbos, como: **transitar** – uma espécie de *passar*, *andar através* ou *ao longo de*, *trocar de lugar*, *posição* ou *situação*, *ter contatos em lugares variados*, *fazer caminho*, *mudar* (de lugar, condição ou estado), *sofrer transição* –; **mudar** – um *deslocar*, *dispor e/ou remover para outro lugar*, *trocar*, *substituir*, *tomar outra forma*, *alterar(-se)* ou *tornar(-se) diferente* (física ou

moralmente), *tomar* ou *dar outra direção*, *converter(-se)*, *modificar(-se)/transformar(-se)* algo ou *a si mesmo*, *deixar de existir*, *desaparecer* –; e **mover** – a *movimentar(-se)*, *transferir(-se)*, *remover(-se)*, *puxar*, *balançar*, *agir*, *produzir*, *conduzir*, *despertar*, *entusiasmar*, *estimular*, *fomentar*, *impulsionar*, *incentivar*, *incitar*, *induzir*, *inspirar*, *mobilizar*, *motivar*, *inquietar*, *perturbar* (DICIO, 2022i; DPLP, 2021i; Michaelis, 2021i).

O *deslocar*, iniciado antes mesmo do efetivo **partir**, não apenas coloca os indivíduos em movimento, como finda por infligir sobre estes e outros atores envolvidos no processo variadas significações/implicações. O **transitar**, leva-os a *passar por lugares*, *fazer contatos*, *traçar caminhos* e concede-lhe a possibilidade de *mudar* não apenas de lugar, mas, com isto, alterar seu *estado* e condições existenciais. Neste **mudar**, *desloca-se* em busca de um nirvana, *troca* o conhecido pelo desconhecido e, durante o processo, *modifica* tanto o *espaço-tempo* que adentra como o que deixou, os outros *seres* que nestes existem e a *si próprio*. Concomitantemente, *adquire outra forma* frente a estes *seres*, *espaços-tempo* e a *si mesmo*. A certo modo, situações e momentos, por falta de reconhecimento desta nova forma, *desaparece*, *deixa de existir*. Em outros, este **mover** se mostra além do simples *movimentar(-se)* no *espaço-tempo*. Termina por *conduzir* ao *despertar* de um sonho, um desejo, uma fuga e passa a *motivar*, *impulsionar*, *incentivar*, *entusiasmar* e *fomentar* o **partir** de outros indivíduos. Todavia, aquém de *inspirar* e *mobilizar* novos deslocamentos, também culmina por *balançar*, *perturbar* e *inquietar* ambos os *espaços-tempo*, de origem e destino, o próprio *eu* e os *seres* que nestes habitam.

O deslocamento iniciado com o **partir** conduz a outra etapa da migração, regida pelo verbo **chegar**. Quem parte, mesmo que de forma passageira, chega a um determinado ponto em *outro espaço-tempo*. Traduz-se, assim, em *alcançar* até o fim o movimento de ir e/ou vir, uma posição atingida após vencer etapas. Chegou pelo facto de *vir* ou *regressar* de algum lugar. É *atingir* um objetivo, ponto, situação e/ou momento no *espaço-tempo*, *acontecer*, *ocorrer*, *bastar*, *conseguir*, *surgir*, *colocar(-se)* em *contato/perto*, *aproximar(-se)*, *começar*, *ascender* (DICIO, 2022a; DPLP, 2021b; Michaelis, 2021a).

Ao **chegar**, tem-se o fim de uma etapa que pode ou não ser o objetivo da jornada. *Alcançou* o que buscava. Por *vir* de outro lugar, *surge* em um *espaço-tempo* em que antes não existia. Uma nova presença que passa, então, a *acontecer* no novo e, frente a este, também é novidade. Um novo que procura *colocar(-se)* em presença, *aproximar(-se)*, *ascender*, *começar* uma nova vida, *ser reconhecido*.

O *chegar* será então regulado por outro verbo: *permanecer*. A ser transitória a estadia, um simples ponto de suporte para renovar as forças e *seguir* jornada, um novo *partir* será então realizado. Caso contrário, transfigurará em efetivo *permanecer*. Este, configura-se em um *continuar a ser, existir, ficar, demorar(-se), persistir, insistir, conservar(-se), perseverar, estar, perdurar* (DICIO, 2022f; DPLP, 2021j; Michaelis, 2021f). Ao insistir, a estadia poderá se tornar permanente. Por outro lado, se porventura o permanecer não se mostrar como planeado, um *novo partir* poderá se desenvolver com destino a um novo *outro lugar* ou, em alguns casos, em retorno à origem. *Retornar*, desta forma, também se apresenta como um dos verbos do migrar. É, assim, um *voltar ao ponto inicial, regressar, restituir, manifestar-se de novo* (DICIO, 2022h; DPLP, 2021k; Michaelis, 2021h). O retorno da batalha, seja na glória, a transportar consigo as conquistas, ou na derrota, a suportar a lamurias do fracasso.

Partir, chegar, permanecer e retornar, constituem-se como em etapas do processo migratório. Um ciclo, por assim dizer, em que o *permanecer* será decisivo para a jornada. Neste, o migrante poderá se estabelecer no novo local ou seguir sua jornada, seja em direção a *um novo local* ou de *retorno* ao ponto original. Em cada etapa, novas experiências serão vivenciadas, as quais incidirão inúmeras influências sobre o sujeito principal da migração, àqueles que deixou ao emigrar e sobre todo o processo migratório em um contexto geral, o que afetará outros indivíduos que planeiam migrar.

O *ciclo migratório*, desenvolve-se como uma composição plural que, ao produzir resultados específicos na individualidade de cada migração, *(re)constitui-se a si mesmo* de modo a afetar toda a composição. Cada nova migração receberá influências próprias a sua especificidade, assim como, concomitantemente, sofrerá com os efeitos dos contextos gerais que envolvem toda a composição plural migratória.

Por fim, os frutos deste processo, para além das consequências que ressoa em cima do indivíduo e sua migração, retornam experimentações que alteram a composição plural e o afetam na própria essência e maneira de *(re)constitui-se a si mesmo*, a produzir impactos sobre este e na forma como exercerá influências em outros indivíduos que venham a se colocar em migração. Do mesmo modo que a *composição plural do estrangeiro* recebe e exerce influências de diversos fatores, o *processo migratório* também receberá e exercerá influências de maneira recíproca de diversos fatores, inclusive, da própria *composição plural do estrangeiro*.

4.2 A GÊNESE DA MIGRAÇÃO: UM BREVE RELATO DA “EXPULSÃO DO PARAÍSO”

[...]
 Há de haver aí
 Mais de um Havai
 Lua cheirando a luar
 E a abacaxi
 Numa savana africana
 O luar-luz no capim
 Lamento babuíno, o hino
 Do pai primata em mim
 [...]

(Trecho da canção *Lua Zen*, uma composição de Belchior, 1987)

O homem macaco, nu e embriagado, levanta-se no coração do continente mãe. Diretamente da África para habitar, praticamente, toda extensão do globo terrestre. Diferente dos outros primatas e símios, o macaco nu, evoluiu em proporções, até então, jamais vistas (Morris, 1967/1975). Levantou-se em meio a savana africana e em um piscar de olhos, em termos evolutivos é claro, desenvolveu novas habilidades⁸⁸. Sentiu o cheiro adocicado do álcool, exalado pelas frutas maduras no chão e, em um ato de coragem temperado pela necessidade, desceu da árvore (Cruz, 2019). O homem macaco, romantizado por Arthur Clarke (1968/2020)⁸⁹ no clássico, *2001: Uma Odisseia no Espaço*, evoluiu a si e sua própria sociedade. Apenas pelo facto de pertencer a ordem dos primatas tinha, inevitavelmente, um certo grau de organização social (Morris, 1967/1975).

Tal como nos assevera Morland (2019/2019), «os seres humanos não são uma espécie naturalmente solitária, eles vivem em grupos. As lealdades inicialmente são para com o bando ou tribo. Um sentimento compartilhado de ancestralidade comum, linguagem e costume é

⁸⁸ É interessante informar que, conforme relata Morris (1967/1975), “O tronco americano dos primatas nunca atingiu a fase de símio” confirmando, portanto, a origem africana da humanidade (p. 16). “Apesar de haver controvérsia sobre os detalhes do processo migratório dos nossos ancestrais, os dados paleontológicos demonstram que, a partir da África central, houve uma ampla dispersão direcionada a norte, atingindo a Europa, e a oeste, chegando à China, há cerca de 45 mil anos” (A. R. Cordeiro, 2008, p. 60).

⁸⁹ «Um novo animal caminhava sobre o planeta, espalhando-se lentamente a partir do coração do continente africano. Ele ainda era tão raro que um censo apressado poderia tê-lo ignorado, entre os bilhões de criaturas fervilhantes que percorriam terra e mar. Ainda não havia evidências de que ele iria prosperar ou mesmo sobreviver: naquele mundo, onde tantas feras mais poderosas tinham se extinguido, seu destino ainda estava pendente» (Clarke, 1968/2020, p. 59).

universal em sociedades caçadoras-coletoras» (p. 39). Este convívio e desenvolvimento de relações e ligações com *o outro*, grupo social ou indivíduos, é o que, efetivamente, fornece ao ser humano o caráter social (Jabur, 2009; Morris, 1967/1975; Stavo-Debaugue, 2010). Conforme já mencionado, semelhante ao afirmado por Aristóteles (384-322 a. C./2006), no âmago era um animal cívico, social. Todavia, não por um caráter natural, mas devido a necessidade. Em essência, era sociável, comunicativo (Fry, 1977/1978, p. 13). Capaz de, em comunidade, *produzir o comum* (Boltanski & Thévenot, 1991/2020).

Progressivamente, perdeu o medo de ir ao chão. Das pequenas e rápidas escapadas para pegar as frutas que haviam caído, para o maior salto, até o presente momento, de sua história. Das poucas escapadelas, um dia, o macaco nu já não subia mais nas árvores. Escalá-las, só em caso da necessidade de se observar longas distâncias ou por mera diversão. Migrou, da árvore para o chão. A quantidade de recursos disponíveis no solo para ele, ainda um coletor, eram infinitamente maiores. Assim como os perigos que ali habitavam.

Todavia, já nesta fase, possuía uma agilidade e capacidade de utilização das mãos desenvolvidas por sua vivência nas árvores que o diferenciavam de grande parte dos outros animais (Day, 1969/1978). Ao descer para o solo e se colocar ereto, de pé, o macaco nu possibilitou que suas mãos ficassem livres⁹⁰, o que, por sua vez, permitiu-lhe a confecção de instrumentos primitivos, atirar objetos e, evidentemente, o manejo de armas rudimentares (Capra & Luisi, 2014/2014). Sua capacidade de produção e utilização, de objetos e ferramentas com fins predeterminados, distinguiu-o do restante dos outros animais em menor estágio evolutivo e lhe concedeu a possibilidade de, apesar de desprovido de garras ou dentes grandes e afiados, atacar e matar presas maiores (Day, 1969/1978; Howell, 1971/1982). Como romantizou Clarke (1968/2020), «As ferramentas que eles foram programados para usar eram

⁹⁰ Conforme aponta Day (1969/1978), «a mão humana é concebida para agarrar, e é o produto final de um processo evolutivo que começou há vários milhões de anos [...]» (p. 74). Apesar da maior parte dos animais ter modificado esta característica, a levá-los a não desenvolver capacidades manuais, o homem primitivo a manteve. Isto possibilitou a ele um órgão diferenciado e de grande adaptabilidade de usos, que, aliado seu desenvolvimento cognitivo, permitiu-lhe agarrar e, conseqüentemente, produzir ferramentas e utensílios básicos que o auxiliavam em sua sobrevivência. Outro fator importante, esclarece o autor, é a capacidade de caminhar ereto. «O domínio de um método econômico de locomoção, isto é, de caminhar ou correr, deixando livres as mãos, mais a capacidade de fabricar armas, instrumentos e, ainda, de produzir fogo, deu ao homem meios para que ele explorasse a sua situação. Os horizontes foram, assim, ampliados, os bandos de animais de caça podiam ser perseguidos e as partes mais frias do globo podiam ser colonizadas» (p. 120).

bastante simples, mas podiam mudar aquele mundo e tornar os homens-macacos seus senhores» (p. 49).

A enfrentar todos os riscos e a se ajustar a cada nova situação, de simples coletor, transformou-se, pouco a pouco, em exímio caçador. Os alimentos, que agora possuía em abundância, permitiram-lhe energia suficiente para – além de suprir os gastos energéticos básicos – evoluir sua principal ferramenta: o cérebro. O desenvolvimento cerebral, concedeu-lhe a capacidade adaptativa que o possibilitou habitar outros lugares e controlar, até certo ponto, seu processo evolutivo (Jarman, 1970/1978). Já não estava mais, de forma total, a mercê do destino natural. A medida que aprimorava técnicas, aperfeiçoava também seus métodos de organização social (Morris, 1967/1975). Mas, agora, como caçador que era, viu-se obrigado, afirma Morris (1967/1975)⁹¹, a escolher entre duas sendas diferentes. «Os símios primitivos foram obrigados a escolher entre dois caminhos: ou se mantiveram no que restou das florestas antigas, ou tiveram de se resignar, quase num sentido bíblico, a serem expulsos do Paraíso» (p. 17).

Apesar de nômades, concomitantemente, viam-se agora obrigados a migrar e a deixarem o nomadismo. Era preciso migrar para um lugar onde a oferta de alimentos suportasse sua sociedade em crescente expansão e, ao mesmo tempo, mostrava-se necessário estabelecer um assentamento. «A satisfação das condições materiais dos grupos estava condicionada à busca de territórios com maior oferta de animais, frutas e outros alimentos» (Neto, 2019, p. 3).

Mesmo com o complexo desenvolvimento do cérebro, acompanhado do desenvolvimento da linguagem, habilidades manuais e comunicativas, os bebês dos humanos primitivos nasciam, por assim dizer, de forma prematura – o que ainda ocorre, comparado aos outros animais –, a levá-lo a constituírem grupos familiares e, posteriormente, comunidades. A sintetizar, como assevera Arendt (1958/2022), «[...] a comunidade natural do lar nascia da necessidade, e a necessidade governava todas as atividades realizadas nela» (p. 37). Necessárias para o desenvolvimento biológico da espécie, a vida em sociedade fornecia aos indivíduos apoio

⁹¹ Desmond Morris, biólogo inglês especializado em sociobiologia humana, reconhecido pelo seu trabalho como zoólogo e etólogo. Formado pela Universidade de Birmingham, em 1951, obteve seu Doutorado na área pela Universidade de Oxford, em 1954. Autor de inúmeros livros sobre o comportamento animal e humano. É o autor do famoso conceito “iguais, mas diferentes”, tipicamente utilizado para caracterizar a diferença entre homens e mulheres (Vera, 2001). É ainda conhecido por seu trabalho na televisão na década de 1950, *Zoo Time*, e por ser um talentoso pintor surrealista.

nas atividades diárias, como os cuidados com a prole e a manutenção dos recursos, e se transformaram na estrutura fundamental da existência social humana (Capra & Luisi, 2014/2014). «Expulsos do Paraíso», agora «era necessário ter uma base fixa, um local para onde trouxesse os despojos, onde se mantivessem as fêmeas e as crias e onde pudessem partilhar a comida» (Morris, 1967/1975, pp. 19–20).

E assim, o macaco nu, agora caçador, observou tudo a mudar. Todas as normas de sua sociedade, em expansão, mas, ainda em construção. A vida coletora havia ficado, em parte, para trás. O homem macaco era, a partir de então, um macaco territorial que desenvolvera sociedade e, conseqüentemente, normas e cultura. «O macaco da floresta, que se tornou macaco terrestre, que se tornou macaco caçador, que se tornou macaco territorial, acabou por se tornar macaco culto [...]» (Morris, 1967/1975, p. 20), era mais que nunca, um animal social (Aristóteles, 384-322 a. C./2006).

De tempos em tempos, a acompanhar os percalços da natureza, o homem macaco, agora *Homo Sapiens Sapiens*⁹², via-se obrigado a mudar. Sazonalidades do clima, assim como ocorre aos animais (Morrison, 1973/1993), ditavam seus trajetos. Sua vida e sociedade, mostravam-se dependentes da disponibilidade de alimentos. Apesar disto, já não se apresentava nômade como antes.

Em vez de se submeterem à chateação de migrar e construir novas aldeias, seguindo o comportamento incerto dos grãos silvestres, passaram a colher grãos excedentes, levá-los para casa e plantá-los. Parece uma mudança quase insignificante, um jeito de poupar o trabalho das longas caminhadas, mas foi imensa para a humanidade. No Crescente

⁹² «O *homo sapiens sapiens* é, na verdade, uma subespécie do *homo sapiens*. Além disso, pertence ao reino *animalia*, do filo *chordata* e subfilo *vertebrata*. É da classe *mammalia*, de ordem *primata* e subordem *antropoidea*. Sua superfamília é a *hominoidea* e a família *hominidea*, sendo do gênero *homo*. O significado do nome dado a essa subespécie é “homem que sabe o que sabe”, o que faz referência a principal características desses seres: o pensamento» (Bezerra, 2015, e.l.). Desenvolvido nos últimos 40 mil anos, o *Homo Sapiens Sapiens*, se diferencia pela autoconsciência, racionalidade e a sabedoria, «[...] não só dos seus ancestrais, mas de todos os seres vivos que habitam o planeta terra. A sociedade humana se construiu e atualmente podemos utilizar diversos sistemas de comunicação, como o verbal, gestual e escrito, sendo possível a troca de ideias, as formas de expressão e até uma melhor forma de organizar o social” (e.l.). Morin (1982/2005), ao comentar sobre a racionalidade e razão humana, afirma que este já não se apresenta apenas como ser de sabedoria, mas, também em seu inverso: «A razão complexa já não concebe em oposição absoluta, mas em oposição relativa, isto é, também em complementaridade, em comunicação, em trocas, os termos até ali antinômicos: inteligência e afetividade; razão e desrazão. *Homo* já não é apenas sapiens, mas *sapiens/demens*» (p. 168).

Fértil e na China, onde uma mudança semelhante se deu com relação ao arroz e ao painço, a agricultura começara.

(Marr, 2012/2015, p. 42)

A Revolução Agrícola, cerca de 12 mil anos atrás, modificou a rotina do homem primitivo (Neto, 2019). Passou a possuir bens, recursos – produzidos, em grande parte, por ele mesmo (Marconi & Presotto, 1985/2009) – e a cada nova mudança tudo deveria ser reconstruído ou transportado consigo. Com exceção de algumas poucas tribos⁹³, deixou de ser nômade. Migrar, nesta nova etapa evolutiva, apenas por maior necessidade.

Por sua vez, a diversidade das ditas “necessidades” voltaram a colocar o *Homo Sapiens Sapiens*, doravante, chamado apenas de *homem*, de volta à vida errante. Se, na aurora da evolução, a migração humana era motivada por questões de sobrevivência, como fugir de um predador que percorria a região e buscar alimentos e/ou locais com melhores condições de vida. Hoje, mesmo milhares de anos depois, talvez não tenha mudado muito. As ditas necessidades, carências das mais variadas formas, ainda determinam sua existência. E estar em movimento, migrar, ainda é uma delas (Harari, 2012/2015). O ato de migrar leva a humanidade a outro problema: o contato com outros grupos humanos diferentes do seu. Este encontro, e suas múltiplas faces, constituem, em parte, o chamado problema migratório. O encontro com *o novo*, nem sempre, mostra-se como encantador.

⁹³ Morrison (1973/1993), exemplifica a questão a afirmar que «muitas tribos ainda sobreviventes realizam migrações anuais. Uma das mais famosas é a dos *Bakhtiari* persas. Esse povo se estabelece nos desertos meridionais, acompanhando as pastagens: no inverno, dirige-se para o sul e no verão, para o norte, seguindo sempre o caminho que muitas gerações seguiram durante séculos. Até há poucos anos, a tribo inteira levava dias para passar por determinado lugar, com toda a sua gente e o seus camelos, mas, ultimamente, o governo passou a exercer pressão sobre essas tribos, numa tentativa de alterar sua forma de vida. É possível que em breve deixem de existir. Bem mais primitivos são alguns dos silvícolas da América do Sul, especialmente os *Guaiaquis*, no Paraguai, que se movimentam pela floresta, bem pouco conhecendo do mundo exterior e não tendo até agora passado do estágio das simples caçadas. Perseguem animais de caça e insetos e, na sua procura de alimento e sobrevivência, seguem sempre os mesmos caminhos» (p. 31, *it. n.*).

4.3 AS DIVERSAS COMPOSIÇÕES PLURAIS E CONCEITUAIS DO ATO DE MIGRAR

Migrar [...] é viver, em espaços geográficos diferentes [...] é viver como presente e sonhar como ausente. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.
(Martins, 1988, p. 46)

Alterações climáticas e a escassez de alimentos, ainda hoje – assim como em toda a história –, continuam a infligir sobre a sociedade seu peso. Complementadas por conflitos armados, crises políticas, económicas e causas ambientais, ditam o caminhar da humanidade. Migrar, em suas mais variadas formas, ainda se institui como necessidade.

O instinto levou o *homem* a descer da árvore. O cheiro do alimento, forneceu-lhe a motivação necessária para modificar seu percurso migratório (Cruz, 2019), o qual até aquele momento era realizado apenas entre as árvores e até onde estas o permitiam. Significava a estabilização de um dos fatores que o moveria, como animal que era e ainda o é, por toda existência. Na atualidade, a busca por alimento e abrigo pode não ser, pelo menos para uma parte razoável dos indivíduos, o motivo migratório mais comum. Contudo, estes fatores se (re)definem e (trans)formam(-se) na essência em novos motivadores. Para muitos, instituem-se agora como uma busca interior, enquanto, para alguns, uma fuga da própria realidade. Todavia, edificam-se também em uma mescla de variados fatores. Semelhante a Roberto (2019), imigrante brasileiro em Évora, o qual deixou o Brasil devido uma experiência de agressão policial vivenciada, todavia, extrai-se esta não como fator motivador principal, mas o gatilho de um partir sonhado e planeado no (in)consciente muito antes do incidente.

«[...] já havia uma ideia de sair, mesmo que fosse para conhecer, passear, usufruir de meu estado lá no Brasil de aposentado... passear. Mas, no decorrer...precisava aprender uma língua antes. Fui reativando o que tinha na minha infância, que era o aprendizado de francês que eu tinha tido na minha pequena infância, junto com minha mãe e convivência com minha mãe e eu não sei explicar qual a origem do francês que ela tinha, que ela conhecia. Mas, por ouvi-la muitas vezes ouvir músicas francesas, chorar, eu notava que ela entendia bastante, enfim, eu comecei a estudar francês

literalmente para, aprofundando, aprofundando, tentando aumentar o meu vocabulário para que isso me desse condição de trocar ideias e, enfim, usufruir da condição. E comecei a estudar online francês, para vir pra...literalmente para vir para a europa e, em um primeiro momento eu queria ...[reflexão]... "Não, quero passear na França e depois da França eu vou ver pra onde vou" [negativa com a cabeça]. Isso [estudar francês] foi a coisa de 5/6 anos atrás, mas, numa condição mais recente [reflexão] eu fui agredido no Brasil por um policial militar e isso foi a gota d'água...aí eu chutei o copo literalmente e resolvi: "Vou agora!", e dei um prazo pra mim mesmo: "Eu tenho 3 meses pra fazer isso". Os três meses não foram suficientes, prorroguei mais dois, mas já decidido a vir ou não voltar.» (Roberto, 2019)

No caso do relato apresentado, é possível notar toda uma estrutura a fundamentar o partir. Percebe-se a existência de um imaginário prévio movido por um arcabouço de sentimentos e memórias afetivas. Sabores, cheiros, músicas, entre outros, despertam lembranças que levam a reflexão do partir uma dimensão afetiva. Deslocar-se não se apresenta, neste momento, como uma necessidade vital, mas um prospecto que visa acalantar o âmago. Todavia, o partir efetivo deu-se com o facto da ocorrência de um gatilho que o levou a deixar de sentir-se em casa na origem e a buscar o quanto antes efetivar seu partir. A efetivação do ato, contudo, não se mostra fácil. Existem preparativos que devem ser cumpridos antes de se colocar em deslocamento.

A outros, apresenta-se como uma procura incessante pelo nirvana pessoal, a exemplo da jovem brasileira imigrante em Portugal Enila⁹⁴, que questionada se visualizava o migrar como objetivo instaurado em sua vida, com lágrimas nos olhos e voz trémula, gesticula de forma negativa em resposta e, após alguns segundos em silêncio a refletir, esclarece «*talvez ... na verdade, eu descobri que ... eu tinha que continuar viajando até eu encontrar um lugar ... que me deixasse em paz*» (Enila, 2020). Interrogada se já havia encontrado este lugar e em como reconhecê-lo, afirma se sentir a habitar uma espécie de passagem metafísica e que não poderia definir o lugar ideal, pois, o reconhecimento (Honneth, 1992/2003, 2008, 2013) deste seria uma experiência interior:

⁹⁴ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TEIM-01.

«[reflexão]... *eu continuo num lugar de transição. [...] não é um conceito, é um sentimento. [...] seria chegar ...[reflexão] ...o que eu imagino é que eu vou chegar em um lugar ... [pausa curta] ... e eu vou ter certeza na hora que eu chegar lá ... que é lá que eu tenho que estar*» (Enila, 2020)

Similar ao apresentado por Morrison (1973/1993), se o ser humano, no alvorecer da evolução, deslocava-se conforme a necessidade da busca por provisões alimentares – ditadas, em boa parte, por fatores climáticos –, em seu entardecer, as relações estatais, conflitos por territórios, forças políticas, entre outros elementos, tendem a deixar as causas naturais – e leia-se: naturalmente naturais – na “lanterna vermelha” dos principais motivadores da migração humana⁹⁵. A objetivar a compreensão dessa “busca por algo melhor” é preciso, primariamente, compreender o que é, de facto, migrar. Estabelecer «os conceitos, enfim, ajudam os historiadores e cientistas sociais a organizarem o céu (ou o inferno) que pretendem examinar» (J. D. Barros, 2016, p. 23).

4.3.1 *Um ajustamento sociobiológico do espaço e do migrar*

[...] as migrações têm formatado as sociedades ao redor do mundo e vão continuar a fazê-lo.
(Lara, 2023, p. 30)

Apresenta-se inerente a condição humana, encontrar-se em uma eterna procura por melhores condições de vida que o acompanha desde a gênese primata. Milhares de indivíduos, desde os primórdios da humanidade, deslocaram-se em busca de novos territórios para se

⁹⁵ Segundo esclarece Volpe (2002), o termo “lanterna vermelha”, utilizado em Portugal para se referir ao último colocado em uma corrida, possui origens na competição ciclística francesa a volta da França, realizada desde 1903 e com um percurso de cerca de 3300 quilômetros. Conforme esclarece o autor, «nessa competição, o último colocado passou a ser chamado de *lanterne rouge* (“lanterna vermelha” em francês), em alusão às luzes vermelhas que os trens possuem em seu último vagão – e que os automóveis também adotaram em suas traseiras (e.l., *It. n.*). Apesar da tradução literal do termo francês pelos portugueses, no Brasil a expressão foi traduzida com “na lanterna” ou “na lanterninha”.

estabelecerem. «Em termos geográficos, sociais e humanos, as migrações sempre estiveram presentes na história da humanidade» (Moreira & Borba, 2021, p. 2), não apenas no ato de deslocamento a visar melhorias. Não se resume, esclarece Morrison (1973/1993), no partir em busca de algo melhor, mas, também, como o bom que chega, tal como eram compreendidas as migrações animais pelas sociedades primitivas e que garantiam a provisão de alimentos. Em um **conceito biológico**, aponta o autor, a migração é definida em uma movimentação periódica de uma espécie que se desloca de um ponto para outro a buscar, entre outras coisas, condições para reprodução e fartura de alimentos. Em síntese, a migração procura, fundamentalmente, melhorar ou dar continuidade a vida do animal que parte a procura por um local com disponibilidade de recursos naturais que atendam suas necessidades, a mover, desta forma, sua espécie (R. Malheiros, 1998).

Migrar, a ver por este prisma, não se configura em um vagar sem direção, a esmo, pela imensidão terrestre. E isto é o que diferencia, principalmente, mas não exclusivamente, as migrações humanas das animais. O migrar é humano é, antes de tudo, carregado de sentimentos e reflexão. É mover-se com objetivo, mesmo que o ponto de referência, pelo menos em relação aos humanos, seja ainda incerto, impreciso, porém, pertencente a um determinado *espaço domiciliar* (Alho, 1978, cit. por R. Malheiros, 1998). É o ato de se deslocar, *e.g.*, para a Europa, sem definir o destino exato ou a manter as possibilidades de uma nova migração abertas, semelhante ao expresso pelo refugiado sírio Abraão (2019), quando questionado sobre o interesse de permanecer em Portugal.

«Eu, para mim, eu gosto de Portugal. Eu gosto de ficar cá. Agora, na carreira, se eu encontrar, como qualquer outra pessoa, gosta de ter uma carreira melhor ou melhorar na carreira, vamos dizer, se eu conseguir encontrar algo interessante para mim aqui em Portugal, claro que vou continuar aqui. Agora, chegar a um ponto em que Portugal já não é ou não encontro algo que não me interessa aqui em Portugal, se calar vou continuar a viver em outro sítio. Podia ser na Síria, podia ser noutra sítio ... na europa ou no mundo, não sei» (Abraão, 2019)

O permanecer, por tal modo, mais do que o desenvolvimento de um sentimento de

pertencimento, também apresenta uma face direcionada a acomodação, a qual não lhe impede, a depender da situação, em sair, migrar novamente. Está, desta forma, aberto as novas possibilidades. O estrangeiro, assim, é um ser que, por mais que permaneça, ainda carregará adentro ao âmago a consciência de que, se preciso for, poderá iniciar uma nova jornada rumo a um outro lugar no *espaço-tempo*.

Este *espaço domiciliar*, conceito importado da Biologia, é definido como a área que, por costume, uma espécie utiliza na atividade migratória, ou seja, em sua busca por abrigo, locais para reprodução e alimentos (Burt, 1943). Inúmeros fatores delimitam este espaço. No contexto animal, a falar, portanto, dos animais silvestres, a delimitação deste espaço é baseada em disponibilidade de alimentos, refúgio e a relação com indivíduos de outras espécies, como predadores ou em disputas por território (Morrison, 1973/1993). Ao aplicar este conceito zoogeográfico⁹⁶ ao comportamento humano, na busca por um **conceito sociobiológico** do *migrar*, o *espaço domiciliar* pode ser delimitado, por alguns fatores, tais como: o domínio da língua falada no local de destino; o conhecimento sobre a cultura praticada no local de destino; ofertas de emprego; qualidade de vida; existência de indivíduos conhecidos na região; entre outros fatores. Além disso, como afirmado, inúmeros sentimentos permeiam todo o ato a exercerem influências sobre este. Portanto, a ter isto em conta, imagina-se que o indivíduo, antes de realizar o procedimento migratório, irá ponderar suas opções, pelo menos teoricamente e quando possível. Contudo, a ter em conta as disposições sobre os processos migratórios atuais, esta afirmação não pode ser, efetivamente, definida como máxima.

A busca por este *espaço domiciliar* acaba por levar o indivíduo a passar, em muitos casos, por outros locais durante o percurso migratório. Constitui-se, assim, as chamadas **rotas de viagens** – também conhecidas como **rotas migratórias** –, a depender das escolhas de trajetos realizadas pelos atores. A escolha destes, e a repetibilidade destas por outros atores, estabilizam e definem tais caminhos como rotas migratórias seguidas por determinados grupos. Não são, evidentemente, o destino final escolhido pelos indivíduos, mas pontos de passagem, um caminho, (re)conhecido por estes como o ideal a ser seguido (Foster & Humphrey, 1995; Peterson, 1988). No que tange aos animais, estes, seguem as rotas guiados por instintos; nós, humanos, quando possível, ponderamos entre os relatos transmitidos, sentimentos,

⁹⁶ A zoogeografia é o campo de estudo responsável pela análise de como ocorre a distribuição dos animais pelo globo terrestre (DPLP, 2021m).

ajustamentos necessários e as escolhas disponíveis. Os indivíduos, a buscarem fundamento nas escolhas de atores anteriores, reconhecem a rota como escolha sensata a ser realizada. É um caminho que, muitas vezes, já é percorrido por gerações e, desta forma, reconhecido como trajeto que possibilitará chegar ao sonhado nirvana.

Migrar⁹⁷ – a compreender, deste modo, o conceito biológico do termo – é motivado pela busca por melhor qualidade de vida, a qual pode ser sintetizada em alimento e segurança. As rotas traçadas pelos animais em seus processos migratórios, constituem caminhos a serem seguidos e que já o são por gerações (Morrison, 1973/1993). O mesmo efeito é possível de ser verificado na migração humana. Diversos grupos sociais e étnicos migram há gerações, em geral a seguir as mesmas rotas já instituídas como ideais. São exemplos disso a migração interna que ocorre no nordeste brasileiro com direção ao sudeste, as correntes migratórias de brasileiros, em um contexto genérico, em direção à Europa, em especial para Portugal (Bógus, 2007), e o fluxo de portugueses em direção a outros países, como Luxemburgo e Suíça (J. d. S. M. Malheiros, 2011; Marques, 2008).

A constituição e repetição/afirmação de uma *rota migratória*, acaba por incrustar sua presença ao próprio existir do grupo social e, conseqüentemente, do próprio *ser* individual. Transfigura-se, deste modo, não mais como algo que lhe é apresentado, mas natural, que faz parte e está, inexoravelmente, interligado a essência matriz do viver destes atores. Assim como ocorre de forma instintiva aos animais, as rotas migratórias se estabelecem para determinados grupos sociais humanos como algo inato a própria constituição do *ser*.

Sayad (1991/1998), em seu livro *A imigração: Ou os paradoxos da alteridade*, apresenta a fala do jovem argelino, Mohand, o qual expõe como o exterior, em muitos casos, acaba por se transfigurar na representação de algo próximo e não distante da realidade vivenciada.

Antes de conhecê-la, eu não acreditava que a França era [uma terra] estrangeira. Eu pensava que era como se a gente fosse para uma das aldeias nos arredores, só que era mais longe ... como se a gente fosse para uma terra que a gente conhecesse [...] não fui

⁹⁷ Com origem no latim, *migrare*, pode ser definido como «mudar-se periodicamente; passar para outra região ou para outro país; arribar» (Larousse Cultural, 1987/1993e, p. 4051).

eu quem inventou a França, quantos me precederam, e desde tempos imemoriais, não sou o primeiro nem o último. A começar por meu irmão, já faz mais de quarenta anos que ele está na França. Meu próprio pai, na época dele, já tinha vindo para a França; ele trabalhou nas minas de carvão do Norte e até mesmo na Bélgica, ele conheceu a época em que havia cavalos no fundo das minas, ele sempre contava [...] Quanto a mim, ouvi falar da França desde que nasci e todos os dias, dez vezes por dia. (p. 32, *sic.*)

Este relato apresentado por Sayad (1991/1998), demonstra a constituição de uma tradição, criada por determinados grupos e regiões, a envolver a perspectiva de migrar. Deste modo, incrusta-se no *seio* da sociedade e dos indivíduos pertencentes a esta, a necessidade de partir, em seguir a rota e buscar, em terras distantes, melhores condições de vida. Com isto, regulariza-se nos atores o local exterior não como algo distante, mas próximo, parte de suas existências e normalidade. Semelhante a fala do cantor e compositor A. C. Belchior (1984), no programa *Som Brasil*, em 1984, onde ao contar um pouco sobre sua história de vida, afirma em tom poético e cômico: «vim pra São Paulo, a cidade mais populosa do Nordeste» (c. 40s, *sic.*). O tom espirituoso conferido por ele a sua fala, enfatiza a imagem da capital paulistana como destino migratório típico da população nordestina, a ponto de conceber à cidade como a “mais populosa do Nordeste”, apesar de estar situada no sudeste brasileiro.

Em outros casos, a rota é produzida, e os indivíduos, induzidos a segui-la. A repetição de um discurso em prol da migração – seja de forma espontânea ou forçada por alguns –, torna possível estabilização de determinado caminho como rota migratória, comumente seguida por determinados grupamentos. A incrustação junto ao âmago dos indivíduos e a construção no imaginário popular do nordeste brasileiro em relação a migração com destino a São Paulo, visualizada como solução para fugir das dificuldades vivenciadas na terra natal, é um exemplo disto. Um discurso secular, repetido por agenciadores que visavam obter lucro no traslado destes indivíduos no século passado, e que acabou por efetivar a cidade paulistana como o caminho para a salvação nordestina.

Em uma narrativa apresentada por Villa (2017), retirada do jornal *Folha da Tarde*, de 15 de dezembro de 1954, um transportador de migrantes esclarece acerca da distribuição das funções na atividade e informa sobre a atuação do pai de sua esposa como agenciador. Segundo o recorte, o homem teria a função de «[...] propalar as vantagens da vida paulistana: “vá gozar

a vida em São Paulo, filho. Aquilo é que terra, lugar de ganhar dinheiro”» (p. 63). O autor também enfatiza a importância dos dispositivos mediáticos no processo, a esclarecer que, no caso da migração nordestina para a cidade paulista, reportagens eram veiculadas e publicitadas de forma a trabalhar a imagem da referida urbe como paraíso, o nirvana nordestino, na qual «os sertanejos, suas mulheres e seus filhos eram apresentados sempre alegres e bem-dispostos» (p. 80).

Apesar de certa estabilidade e habitualismo nas rotas migratórias, novos fluxos são possíveis e, em muitos casos, forçados pelo fenômeno migratório moderno. Análogo ao caso de Portugal e outros países costeiros da europeia, como Grécia e Itália, compreendidos como porta de ingresso para a Europa e utilizados como rotas de viagem por imigrantes e refugiados com destino a outros Estados (A. D. Cordeiro, 2017). Semelhante ao apresentado por Roberto, o qual afirmou ser esta a ideia inicial ao expressar: «[...] *no sair, no literalmente vir para cá, a primeira coisa que ocorreu foi assim: “já que eu vou passar, vou entrar em Portugal, vou entrar na Europa por Portugal” [...]»* (Roberto, 2019). Ou, ainda, como vivenciado sírio Abraão (2019), que seguiu para Portugal a partir do Líbano. Todavia, mesmo que o destino seja apenas uma rota no caminho, não invalida a existência de um permanecer temporário. É o caso de Roberto (2019) que, apesar de objetivar seguir para a França, permanece, a criar vínculos em Portugal, enquanto se prepara para seguir sua jornada. Situação semelhante, também, a de muitos refugiados que, ao adentrarem na europa por determinado país, permanecem enquanto se preparam para seguir rumo a outro destino.

Estes países de entrada não são o objetivo final da migração, mas um *ponto de passagem*, necessário para completar a jornada dos migrantes. Semelhantes as migrações animais, esses *Migrantes passageiros*, termo importado da zoologia, permanecem por curto período em determinado local, o qual funciona como escala em sua marcha migratória (Morrison, 1973/1993).

Todavia, cabe salientar novamente, apesar serem apresentados aqui alguns conceitos zoológicos em analogias, é preciso salientar que as migrações humanas não podem ser sintetizadas a seus significados. Como afirmado, o migrar humano é permeado por sentimentos e ajustamentos, os quais impactam não apenas o partir dos atores, mas exercem também influências em seu permanecer. Podem, assim, alterar as rotas antes planejadas. O seguir viagem, a ter o local como um *ponto de passagem*, como será apontado mais a frente, poderá se

transformar em um permanecer efetivo. Do mesmo modo, um permanecer antes planejado pode vir a se tornar um novo ponto de partida.

4.3.2 *As múltiplas composições das fronteiras do espaço-tempo*

O problema se torna acirrado quando começamos a nos perguntar pela sua origem, seu fundamento último.
(M. B. da Silva, 1995, p. 30)

A migração humana⁹⁸ pode ser compreendida, para além do conceito sociobiológico apresentado, como o processo realizado por determinados indivíduos e grupos que se efetiva com transpor de uma fronteira (Organização Internacional para as Migrações [OIM], 2009). Um fenómeno que se relaciona, assim, ao deslocar destes atores «[...] de um lugar ou de uma região para outra» (Jabur, 2009, p. 9). Todavia, assevera Nolasco (2016), compreendê-lo como simplório movimento de pessoas é um ato que tende a banalizar «[...] um dos fenómenos sociais mais significativos do mundo contemporâneo [...]» (p. 1).

Evidentemente, o ato de se estabelecer um conceito não é, em essência, uma atividade de natureza fácil (Cierco, 2017). Por si só, mostra-se como uma atividade que se desenvolve por meio da produção de análises, sintetizações, inclusões e exclusões de várias «[...] características, dimensões e dinâmicas num tipo ideal [...]» (Nolasco, 2016, p. 2) que se apresentam como representações de uma realidade específica. Semelhante a outras definições oriundas «[...] das ciências sociais, a complexidade dos fenómenos migratórios remete-nos para a pluralidade da sua definição. O conceito de migração reveste-se de imprecisões várias e não existem consensos plenos em relação às diferentes manifestações do fenómeno» (Patrício, 2015, p. 39). A multiplicidade de contextos que permeiam o fenómeno migratório, transportam a ele dicotomias que levam-no, simultaneamente, a amplitudes de várias formas de mobilidade,

⁹⁸A Nova Enciclopédia Barsa [Barsa] (1998b), define migrações humanas como o «termo que designa geralmente o deslocamento de contingentes humanos de uma região para outra, em caráter permanente ou temporário» (p. 133). O conceito se diferencia das migrações animais pelo facto de que, esta última, é compreendida como «[...] deslocamentos realizados, periodicamente ou não, pelos animais em limites de espaço ou de tempo consideráveis com relação à duração da vida da espécie» (p. 133), ou seja, há, na segunda, um caráter de periodicidade e alternância no deslocamento que se caracteriza por partir, chegar, permanecer e retornar. Contudo, em muitas migrações humanas é possível, de mesmo modo, encontrar esta relação de migração periódica adentro a um determinado espaço e tempo.

ao mesmo tempo que, fornecem-lhe uma restrição sobre determinados tipos de movimentos (Nolasco, 2016).

Peixoto (1998) esclarece que, estabelecer um conceito rigoroso sobre o que de facto pode ser definido como migrações, é uma atividade complexa e, em um primeiro momento, pode levar a equívocos simplistas⁹⁹. O autor elucida que, apesar da facilidade de se distinguir em determinados contextos «[...] um “migrante” de um “não migrante (como, por exemplo, quando comparamos um estrangeiro recém-chegado com um nativo sempre residente num determinado local) [...]» (p. 12), a multiplicidade e mescla de inúmeras situações conduz ao panorama novas problemáticas que acabam por afetar a delimitação de um conceito único.

Contudo, muitos autores tendem a definir as migrações fundamentados apenas nos aspetos relativos ao deslocamento humano (Lee, 1966; Petersen, 1968), tal como ocorre nas migrações dos animais (Morrison, 1973/1993), adentro aos limites temporais e espaciais, que levam os indivíduos a estabelecer residência em outros lugares que não o de origem. Adentro a este aspeto, o conceito de migração busca alicerces na alteração de moradia dos indivíduos, de forma permanente ou semipermanente, e a uma distância mínima do local de residência original.

A compreender desta forma, «a troca de espaços geográficos, de ambientes sociais é o que desencadeia a essência do processo de migrar» (Araújo *et al.*, 2014, p. 3). Os parâmetros **espaciais e temporais** exercerão influência, portanto, na constituição efetiva do conceito de migração, a dividi-la, assim, entre estes dois critérios: no primeiro, a questão **espacial**, «[...] exige-se que uma distância mínima entre as localidades de origem e destino do deslocamento seja percorrida [...]» (Campos, 2017, p. 453); por sua vez, o segundo, de carácter **temporal**, fundamenta-se em critérios de permanência e/ou durabilidade. Exige, desta maneira, «[...] que o indivíduo resida no local de destino por um período minimamente estabelecido [...]» (p. 453) para que seu ato de deslocar seja classificado como migração.

Migrar, a ver sob este ângulo, pode ser instituído como o deslocar, a mudança, realizada

⁹⁹ A Enciclopédia Larousse Cultural (1987/1993c), define o termo migração como o «deslocamento definitivo de população de uma região para outra ou de um país para outro, por razões econômicas, políticas ou culturais» (p. 4050). O verbete, também apresenta uma definição sociológica, a estabelecer que «o termo “migração” é atualmente mais aplicado aos movimentos populacionais que ocorrem dentro de um mesmo país» (p. 4051), a apresentar uma diferenciação terminológica, ao afirmar que, «os deslocamentos de pessoas entre diversos países podem ser chamados de *imigração*, se considerados do ponto de vista do país de destino, ou *emigração*, se vistos do país de origem» (p. 4051).

por determinado indivíduo do espaço de origem para outro, até então, desconhecido ou não. Não é, todavia, um deslocar passageiro, semelhante ao turismo, mas com uma permanência que percorre um período temporal mínimo e significativo. A precisão dos critérios temporais e espaciais é o que diferenciará a migração de outros tipos de movimentações espaciais. Em relação a temporalidade, tem-se instituído uma «[...] permanência no local de destino por um período mínimo de meses ou anos (geralmente 6 meses ou 1 ano)[...]» (Campos, 2017, p. 453). No que tange ao aspeto espacial, é usualmente classificada como migração quando o deslocamento produz «[...] o cruzamento de uma fronteira político-administrativa» (p. 453), tais como os limites territoriais entre cidades, estados ou países (Campos, 2017; Jabur, 2009).

Contudo, o conceito de migração – a ter o migrar como o ato de realizá-la (Larousse Cultural, 1987/1993c) – não se limita as definições sociobiológicas, espaciais e temporais apresentadas. Como salienta Peixoto (1998), «se procurarmos, em contrapartida, adotar critérios não territoriais, as mudanças (ou “migrações”) são ainda mais complexas – trata-se de mudanças no tempo ou entre meios e grupos sociais [...]» (p. 13, *sic*). O processo evolutivo humano transformou não apenas seu *ser*, como todos os contextos que o envolvem. As fronteiras físicas, definidas pelo tempo e espaço, modificaram-se com o transcorrer evolutivo e a definição de **lugar** transcende hoje o *espaço-tempo* e passa a ser, concomitantemente, algo próximo e distante. Encontra-se, modernamente, além dos limites fronteiriços. «Lugar é uma forma de interação, seja do homem com o ambiente, ou do homem com um espaço específico. Lugar demanda pertencimento. Pertencimento demanda identidade» (Araújo *et al.*, 2014, p. 3). Deste modo, transfigura-se a migração não apenas como a mudança de espaços, mas uma forma de «[...] reprodução social [...]» (p. 3) que se estabelece por força da dualidade oriunda do deslocar e se define adentro as relações temporais e espaciais.

Por tal modo, o ato de migrar se apresenta, ao mesmo tempo e para além dos conceitos expostos, como um **processo socioespacial** (Araújo *et al.*, 2014). A migração acaba por produzir modificações nos atores que, por sua vez, em um complexo de múltiplas composições recíprocas, transmuta o *espacial* e o social ao qual está imerso (Araújo *et al.*, 2014; Jabur, 2009; Morland, 2019/2019). Ambiente, sociedade e indivíduos se transmutam, a modificar a essência *mater* de seus âmagos. Estas alterações são produzidas por força do encontro com o desconhecido, que ocorre mutualmente entre as partes. Uma transposição social entre indivíduos, grupos e mundos. É o encontro do *estranho* com o *novo*. É o *novo* que chega para habitar o espaço desconhecido, todavia, habitado. São tempos, experiências e ambientes

compartilhados e alterados, que qualificam *seres* e ambientes em múltiplos contextos e historicidades (Resende, 2021). As migrações, então, apresentam mais uma dimensão do fenômeno, que passa a ser – para além de **temporal** e **espacial** –, também **social** (Jackson, 1981/1991). O caráter social vem para suprir uma insuficiência, por assim dizer, dos aspetos espaciais e temporais em delimitar um conceito único para todas as possibilidades do fenômeno migratório.

A complementar espaço e tempo adiciona-se a variável social. Assim, a mobilidade no espaço e a sua durabilidade no tempo, para e constituírem como movimento migratório, têm que ter consequências sociais. Consequências para o imigrante ao nível da alteração dos contextos de relacionamento social, bem como da modificação do seu estatuto social e jurídico. (Nolasco, 2016, p. 4)

Deste modo, as migrações se diferenciam das demais formas de mobilidade, tais como o turismo e outras, pelo facto destas não exercerem sobre os indivíduos a necessidade da mudança de residência, de reestruturação das relações interpessoais e/ou das atividades do cotidiano (Nolasco, 2016). Há, portanto, na migração, uma *quebra dos laços sociais* até então desenvolvidos pelo indivíduo com a comunidade, o que pode não ocorrer de forma efetiva na simples troca de residência (Clark, 1986/2020).

Migrar, desta forma, configura-se como ir além em todos os sentidos. Uma troca do certo pelo duvidoso. É, afirma Harari (2012/2015), movimentar-se. Requer coragem para, semelhante a alegoria de Platão (c. 370 a.C./2008), sair da toca – da caverna – e ver uma nova realidade, ou para dizer de outra forma, afastar-se do conforto e segurança do jardim e, análogo a Alice de Lewis Carroll¹⁰⁰ (1865/2010), jogar-se na toca do coelho. É, deste modo, desbravar o desconhecido, e, ainda como a personagem de Carroll (1872/2012), explorar cada quadrante do imenso jogo de xadrez, no qual é, concomitantemente, peça e jogador. Mesmo que esta ação, cause-lhe confusão e medo.

¹⁰⁰ Lewis Carroll, pseudónimo utilizado por Charles Lutwidge Dodgson [1832 – 1898], matemático e romancista britânico (Carroll, 1865/2010, 1865-72/2010, 1872/2012).

Como evidenciado, o fenómeno migratório não é algo novo. Faz parte da história evolutiva do homem e da terra. Papademetriou (2008) salienta que,

Poucos fenómenos sociais na história da humanidade terão tido consequências civilizacionais tão relevantes quanto as migrações. Na verdade, a história está repleta de “eras das migrações” – do estabelecimento das colónias gregas e das conquistas romanas, passando pelos impérios bizantino, árabe e otomano e pelos diversos impérios asiáticos, até às colonizações europeias e às migrações em grande escala do século XIX e de inícios e finais do século XX. Para além do mais, poucos outros fenómenos sociais desta dimensão se relacionam de forma tão próxima com o progresso humano, ou têm tido um papel tão fundamental na ascensão e declínio de entidades politicamente organizadas quanto as migrações. (p. XV)

Em síntese, os diversos aspetos apresentados e que exercem influência na constituição do conceito de migração, são frutos do processo evolutivo do próprio fenómeno. Este, gradativamente, deixou de ser apenas um deslocar por entre territórios na busca por recursos básicos. Desenvolveu uma relação temporal, na qual o deslocar passou a ser medido em distâncias temporais e espaciais. Por conseguinte, o próprio desenrolar transfigurou modificações nos indivíduos e, por tal modo, em reciprocidade, ao corpo social ao qual estão inseridos. Outro aspeto de importância, insere-se adentro ao fenómeno migratório como um elemento significativo para sua própria constituição, evolução, compreensão e debate. Este, diz respeito a **questão política** que envolve os Estados e territórios.

Se, outrora, as **fronteiras**¹⁰¹ eram limites que não se definiam de forma específica, tais como “para além da savana” ou “onde os mares se encontram”, hoje, apresentam-se de forma bem delimitada e em linhas milimetricamente traçadas. Evidente que, certos limites territoriais,

¹⁰¹ Fronteira, segundo os dicionários e enciclopédias, designa «limite, confim, o extremo de uma terra ou de uma região, [...]. Limite do território de um Estado e do exercício do poder territorial» (Larousse Cultural, 1987/1993b, p. 2644), uma «[...] zona ou faixa de largura variável situada entre dois países, onde se inclui a linha convencionalizada como divisão ou limite geográfico» (Barsa, 1998a, p. 426). Com origem no latim «[...] *frons, frontis*, frente, fachada», a fronteira «[...] se *confronta* com a linha de limites, na qual termina a ação jurisdicional Estado. [...]. Fronteira, portanto, é a faixa, limites é *linha*. Entre dois Estados *confrontantes* existem duas faixas de fronteira opostas e divididas por uma linha, a linha de limite» (Acquaviva, 2011, p. 423).

há muito se efetivaram de forma clara. A exemplo da muralha da China, que representava os limites do território do império chinês, símbolo de defesa e união contra os inimigos externos que, por ventura, viessem a atacar (Martins, 1997/2021). O termo fronteira, do mesmo modo que as migrações, adquiriu no decorrer da história um amplo leque de significações. Relacionado a limites, muros, barreiras, dispositivos de controle e espaços de vigilância (Rabossi, 2015), também se relacionam, na modernidade, a termos como conflitos, ameaças, medos, contrabando, insegurança e, evidentemente, migrações.

Desta forma, transmuta-se em **lugares-comuns**, nos quais, esclarece J. L. C. Albuquerque (2017), os *dispositivos mediáticos* constroem representações que ao final são absorvidas pelos indivíduos. Ocidentalmente, «[...] o termo fronteira tem uma longa história e antecede a formação dos Estados modernos» (p. 341). Constitui-se, não apenas como «[...] barreira de proteção e de ataque aos inimigos externos [...]» (p. 341), mas uma divisão entre o conhecido e o desconhecido (G. V. Da Silva & Mendes, 2006). A evolução que envolve o termo e, de igual modo, uma melhor definição dos limites, em suma, é fruto da própria evolução científica.

Os avanços da ciência cartográfica possibilitaram o aprimoramento das projeções e representações dos territórios, a conceber – com mais eficácia, eficiência e efetividade (Chiavenato, 1976/2014) –, os limites territoriais dos Estados (J. L. C. Albuquerque, 2017). Com isto, a fronteira deixa de simbolizar apenas os marcos que separam o conhecido e o desconhecido, o seguro e o inseguro, e passa a representar os limites políticos e jurídicos de cada Estado. Constituem-se, como formas de controle e regulamentação, para além de ambientes de travessias de inúmeros atores sociais que, por sua vez, levam ao aumento cada vez mais crescente das formas de controle sobre estes ambientes (Papadopoulos *et al.*, 2008). Estas mudanças, tanto no conceito de fronteira como na própria forma dos Estados administrarem seus limites, conforme acentua J. L. C. Albuquerque (2017),

[...] concepções bastante díspares sobre as fronteiras nacionais, desde a visão apologética e romântica de que vivíamos em um mundo globalizado e “sem fronteiras” até as visões mais realistas que demonstram que o aumento das mobilidades acentuou as formas de controles nos territórios de fronteiras internacionais e vários outros espaços fronteiriços. (p. 343, *pt-BR*)

As fronteiras não concedem as migrações, apenas a noção relacionada a transposição de territórios. Ao se constituírem, estabelecem também divisões e limites entre bairros, cidades, estados, países, grupos, tribos e etnias. Transforma-se, desta maneira, em «[...] um espaço de conflitos sociais, culturais e simbólicos» (J. L. C. Albuquerque, 2017, p. 344), no qual acaba por emergir um processo identitário (Mendes, 2001) e de alteridade que, por sua vez, institui uma diferenciação entre os que pertencem ou não a determinado espaço e/ou grupo, **nós e eles** (M. L. de Lima, 2018). Portanto, o ato da transposição das fronteiras entre dois países, apresenta-se como um *mecanismo de filtragem*, que atribuirá ao migrante um *status* definidor não apenas de sua relação frente o Estado que o acolhe, como em relação aos que ali já habitam.

A alfandega, porta de entrada ao território, símbolo de controle, poder e soberania dos Estados, pode ser comparada a armadilha de Heligoland¹⁰², utilizada por biólogos na captura de pequenas aves. Um grande funil, que conduz aquele que chega a uma câmara desprovida de saída, na qual, antes de ser liberado, é verificado, catalogado e classificado para, só então lhe ser concedida a liberdade de seguir, ou não, sua trajetória. Atribui-lhe um *status* de pertencimento e proximidade, entre quem já habita o espaço e aquele que chega.

Por tal modo, as fronteiras não se instituem apenas como delimitação geográfica, mas, concomitantemente, são frutos das interações sociais e identitárias que fornecem – fundamentadas nas diferenças existentes entre os grupos sociais – as estruturas para a constituição do Estado e sua política organizacional (Barth, 1969, 1969/1998). Por força disto, a migrações internacionais, diferentemente das internas, terminam por estarem sujeitas as sanções políticas dos Estados envolvidos ao processo migratório, o que, por sua vez, acaba «[...] conferindo especificidade aos processos migratórios interestatais» (Baganha, 2001, p. 135, *sic.*)¹⁰³.

A Fronteira estabelece uma divisão entre os que ali já se encontram e o que desejam entrar. Não se reduz aos limites geográficos. É, ao mesmo tempo, civilizacional, cultural,

¹⁰² Conforme apresenta Morrison (1973/1993), a armadilha de Heligoland «consiste em um grande funil de tela de arame, que termina em uma câmara onde o pássaro entra, sem possibilidade de sair» (p. 63).

¹⁰³ O Instituto Nacional de Estatística de Portugal [INE] (2003), *e.g.*, apresenta o conceito de migração como «Deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com intenção de mudar de residência de forma temporária ou permanente. A migração subdivide-se em migração internacional (migração entre países) e migração interna (migração no interior de um país)» (e.l.).

espacial, étnica, histórica e, para além, permeia a própria historicidade humana e forma de se ver o mundo. De certa forma, assevera Martins (1997/2021), a fronteira possui «[...] um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora» (p. 11). Desta forma, é também o limite fronteiriço que institui a própria humanidade. Lugar tanto de esperança em um *novo espaço e tempo*, no qual, encontrar-se-á a redenção, prosperidade, inovação e justiça, assim como as dificuldades, a morte, a desumanização. Um *ambiente social* de «[...] alteridade, confronto e conflito» (p. 30) e, por tal modo, propicio a observação sociológica. É nela que se (re)constituem, (re)estruturam e se (re)organizam as diferenças que caracterizam as sociedades. Não é um local de encontro da humanidade do *outro*, mas de desencontro (Martins, 1997/2021). A fronteira vai além das demarcações dos estados e territórios, está no âmago de cada *ser*.

Vale lembrar que esta multiplicidades de aspetos que envolvem o fenómeno migratório é, justamente, a responsável por dificultar a apresentação de um conceito único. Restringir a definição a um único aspeto pode se apresentar, afirma Martins (1997/2021), como «uma armadilha que faz perder de vista detalhes e diversidades do problema que são essenciais para compreendê-lo» (p. 73). Suas características espaciais, temporais, sociais e políticas, serão as responsáveis por criar uma outra amplitude de conceitos, designações e classificações que, em sua totalidade, definiram o que é, efetivamente, o processo migratório e as migrações. Portanto, não é a migração que definirá o processo, mas o seu oposto. O processo migratório desenvolvido pelos atores que será o responsável por delimitar o conceito de migração ao qual está inserido.

Não se mostra possível, desta maneira, apresentar uma definição única para migração e, fundamentado nesta, categorizar os processos que se originem dentro do fenómeno. Conceituar, *e.g.*, determinado deslocamento fundamentado apenas nos aspetos temporais e espaciais pode, efetivamente, não o classificar como migração, por mais que este se mostre como tal.

Há circunstâncias em que migrações internas implicam uma mais significativa alteração das condições sociojurídicas do que em circunstâncias de migrações internacionais. Na China, por exemplo, há processos migratórios internos, onde se tem que percorrer enormes distâncias, o que implica a mudança para contextos culturais estranhos, bem como a convivência com grupos étnicos distintos, como é o caso dos indivíduos da etnia

Uigar, originários da província de Xinjiang na parte ocidental da China quando se deslocam para as cidades de leste. Na União Europeia, pelo contrário, há migrações internacionais em que os indivíduos cobrem curtas distâncias, deslocando-se para contextos com os quais mantêm afinidades culturais, e onde o seu estatuto de cidadania se mantém intacto. (Nolasco, 2016, p. 5, apresentado pelo autor em Nota de Rodapé)

A sintetizar, a migração e o ato de migrar são termos que, por força das multiplicidades de aspetos que envolvem o fenómeno migratório, mostram-se de difícil conceituação única. É, por assim dizer, uma transposição de fronteiras que vai além dos limites espaciais, temporais, sociais e políticos. Deste modo, permeia aspetos relacionados diretamente com a formação do corpo social no qual determinado indivíduo possui origem ou que está a adentrar, assim como da própria constituição identitária do *ser* individual. Além de transportar o sujeito para *outro espaço-tempo*, altera, por força deste movimento, o próprio *ser*, *espaço* que adentra e *o outro* que neste habita, como também *os outros*, *espaços* e *seres*, que abandona. A migração, definida como este transitar de *seres* entre *espaços*, *tempos*, corpos sociais, culturas, fronteiras, políticas estatais, entre outras múltiplas conjunturas, apresenta-se em variadas formas. Estas, por sua vez, fornecem novas tipologias que permitem definir e categorizar, deste modo, a natureza, percursos, *status* e processos migratórios, assim como o próprio *ser* que migra, frente a *si mesmo* e ao *outro ser*, sociedade, Estado e *espaço-tempo* com o qual se defronta.

CAPÍTULO V

—

MIGRAR PLURAL

5 AS COMPOSIÇÕES PLURAIS DO PROCESSO MIGRATÓRIO

De qualquer maneira, antes de nossa migração o mundo já era habitado por povos de outras espécies.
(Marr, 2012/2015, p. 30)

Como apresentado, a própria constituição do conceito de migração e, por consequência, do ato de migrar, leva a uma pluralidade de definições que apartadas não conseguem exprimir em totalidade a complexidade que permeia o termo. De mesmo modo, este amplo leque de possibilidades terminológicas conduz a outras variações, em uma espécie de subdivisão ao processo migratório, o qual, divide-se e se subdivide em tipologias que terminam por definir não apenas o tipo da migração praticada pelo indivíduo como a eles próprios. Contudo, antes de dar continuidade a apresentação das possibilidades tipológicas e classificatórias das migrações, cabe esclarecer, tal como aponta Peixoto (1998), que não há um consenso geral sobre uma tipologia unificada.

Os diversos aspetos, vistos no tópico anterior relacionados as variações possíveis da constituição dos conceitos de migração, constituirão as primeiras divisões tipológicas do termo. Todavia, é necessário esclarecer que a definição de um movimento de deslocamento como migração não exige que este seja em direção a uma região desconhecida pelo indivíduo. É possível que o destino seja um local já conhecido pelos indivíduos, devido a realização de alguma visita anterior.

5.1 DAS PLURALIDADES DO ESPAÇO

O deslocamento humano sempre existiu. Desde sua origem que é, em realidade, a origem do humano: sempre em outro lugar, em outro tempo. Em realidade, tratamos de reconstruir e contar nossa história, mas, em sua essência, ela nos é sempre um pouco estrangeira. Como se aquele humano do início da civilização, nos fosse sempre um pouco estranho: um outro (por mais que saibamos sua origem). Em paralelo, nossa origem – individual – também nos é sempre um pouco estranha/estrangeira. Nascemos no outro (mãe) e do outro (pai). Mesmo se um dia – na história da Cultura e na história de cada um – o homem ou o pequeno bebê, inserindo-se no mundo da linguagem, deixasse aos poucos de ser tão estranho/estrangeiro.
(Antonelli, 2015, p. 334)

Adentro ao *caráter espacial*, é necessário clarificar algumas noções geográficas. O migrar, compreendido como a simples mudança de residência de determinado ponto para outro, institui-se como uma troca de *espaços*. M. A. dos Santos (2004b), esclarece que «os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativa e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão» (p. 20). Assim, apesar dos *espaços* possuírem componentes estruturais comuns, alteram-se no espaço, localização e tempo histórico, o que leva ao facto de que um *espaço* sempre apresentará diferenças em relação a outro¹⁰⁴. Carrega também uma dimensão corpórea-afetiva de apego do ser com este (Breviglieri, 2001). Além das distinções inerentes a localização geográfica dos *espaços*, estes são (trans)formados no decorrer da evolução temporal e fatores como a globalização levam-lhes a constantes alterações (Fialho *et al.*, 2023).

Desta forma, o conceito geográfico importado evidencia que o *espaço* está para além de apenas uma questão territorial. Mostra-se, na verdade, como o resultado de um processo sistêmico de diversas interações sociais e, portanto, um produto e fator social. É, na palavras de M. A. dos Santos (2004a),

¹⁰⁴ «O espaço, considerando como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações eu se apresentam na atualidade. [...]. A noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo. A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal» (M. Santos, 1985/2008, p. 36)

[...] um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (p. 153)

Por tal modo, o espaço não deve ser compreendido de forma vazia, meras medidas e proporções, mas em conjunto com o desenvolvimento da prática social (Pattaroni, 2016). O *espaço* é, assim, o local dinâmico onde são produzidas a diversas relações sociais, sentimentos e a própria sociedade (Breviglieri, 2001; Genard, 2016; Lefebvre, 1972/2016). «O espaço produzido é um resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem» (Moraes, 2002, p. 15) e, concomitantemente, é o produtor destas relações. Desta forma, «[...] expressa determinações econômicas, (ligadas à tecnologia, aos materiais e às funções), mas também todo um rol de outros condicionantes [...]» (p. 24, pt-BR), tais como fatores culturais. Com isto, o ato migratório não representa e nem deve ser compreendido apenas como a simples mudança do local de residência em relação ao posicionamento da localização geográfica, mas, também, como algo que acarreta múltiplas alterações sobre o *ser*, sociais, ambientes e corpos sociais, que adentra e abandona, e inter-relações desenvolvidas entre estes.

Ao *espaço*, em sua totalidade, aplicam-se subdivisões categóricas relacionadas as especificidades das partes que o formam, em **regiões** de níveis macro e micro. A delimitação de uma região, expõe P. C. d. C. Gomes (2001), expressa «[...] uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive» (p. 57), percebida pelo indivíduos que a habitam por meio do sentimento de identificação e pertencimento. Conforme aponta M. A. dos Santos (1971/1986), isto evidencia que o *espaço* é, do todo ao espaço nacional e local, na verdade um produto social.

É nesta senda, que emergem as chamadas *ideologias geográficas* (Moraes, 2002), construídas pelo processo de autoconsciência dos atores e grupo sociais sobre o *espaço* em que habitam e as relações que desenvolvem com e adentro a este. Contudo, além do caráter identitário, estas fornecem parte das estruturas basilares para a instituição das ideologias nacionalistas/regionalistas, as quais, adentro a este prisma, também podem ser visualizadas como uma tentativa de «[...] legitimação da estranheza, do repúdio e da incapacidade de conviver com a diferença» (P. C. d. C. Gomes, 2001, p. 71). Para além, também abrem portas para uma *política da indiferença*, a possibilitar a gestão da «[...] alteridade que, de certo modo, é a possibilidade de um cosmopolitismo modernos que opõe à noção de comunidade a de cidadão» (pp. 71–72).

A instituição destas regiões, salienta M. A. dos Santos (2006), já não se apresenta como algo caracterizado por uma organicidade própria de sua natureza, essência ou disposição natural, mas pela «[...] valorização das coisas, por intermédio da organização, que comanda sua vida funcional» (p. 192). Segundo o autor, «as regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam um dos fundamentos da sua existência e definição» (p. 192). Todavia, o que ocorre não é a substituição da essência *mater*, mas a instituição de uma ordenação organizacional que a agrega. Uma estrutura composta por recortes variados, aos quais permeiam relações identitárias de pertencimento entre os seres e ambiente, práticas sociais e políticas regionais de gestão e controle do espaço (P. C. d. C. Gomes, 2001).

As definições das áreas regionais e do próprio conceito de região, portanto, não se resume apenas na demarcação dos limites territoriais regida por marcos ambientais e climáticos, mas se estrutura em uma ampla multiplicidade de fatores. Nos dizeres de P. C. d. C. Gomes (2001),

«[...] não se pode identificar *a priori* os traços distintivos responsáveis pela unidade regional, pode ser o clima, a morfologia, ou qualquer outro elemento, a partir do qual uma comunidade territorial cria uma forma de se adaptar, um gênero de vida. [...] O fundamental é que estamos diante de um produto único, sintético, formado pela inter-relação destes fatores combinados de forma variada.» (p. 56)

Desta forma, as regiões são o produto do particionamento do espaço em uma espécie de «[...] sistema espacial classificatório, uniforme e hierárquico [...] fruto da aplicação de critérios particulares que operam internamente na explicabilidade daqueles que as propõem, têm, pois, um caráter demonstrativo na comprovação do domínio de certas variáveis no interior de determinados fenômenos» (p. 70). A busca pela compreensão a respeito de uma região e sobre os fenômenos que se desenvolvem nesta, exige entender a ampla variedade de fatores que a definem, estruturam e como ocorrem os inter-relacionamentos em seu interior. Nas palavras de M. A. dos Santos (1998/2021), «estudar uma região significa penetrar num mar de relações formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição» (p. 53). Mostra-se necessário, salienta, estar atento aos detalhes relacionados a «[...] sua composição como organização social, política, econômica e cultural [...]» (p. 54, pt-BR) e que possibilitarão a percepção das inter-relações desenvolvidas adentro a esta, assim como as que desenvolve com outras regiões. Uma estrutura, portanto, que envolve diversos fatores, tais como geográficos, políticos, econômicos, administrativos, sociais, culturais, entre outros.

As divisões do espaço no planeta Terra¹⁰⁵, demarcam os hemisférios, continentes e países, estes últimos, podem ser divididos de forma *subnacional* por regiões¹⁰⁶, estados, departamentos, distritos e províncias; *subentes* em condados, concelhos, municípios, paróquias e regiões administrativa; *subsecundárias* em bairros, distritos, freguesias e regiões administrativas. A estas classificações, ainda são possíveis *subdivisão regional*, a nível micro e macro, como regiões hidrográficas, turísticas, políticas, geográficas e econômicas. Todas estas demarcações do espaço, acabam por exercer influências na classificação migratório.

As **migrações intrarregionais**, ocorrem quando é realizada a mudança de um determinado local em direção a outro pertencente a mesma região, em níveis micro e macro. No nível macro, com a transposição de demarcações das regiões que subdividem determinado Estado, e, no nível micro, ao transpor os limites das subdivisões internas. Esta classificação, também pode ser aplicada quando o ponto de referência for uma unidade específica da

¹⁰⁵ O próprio planeta Terra é, em essência, uma subdivisão da totalidade que forma nosso Sistema Solar, o qual é apenas um dos inúmeros outros *sistemas* que compõem a *galáxia* que habitamos, a *Via Láctea*, que com outras formam um *aglomerado de galáxias* chamado de Grupo Local, pertencente a um *superaglomerado*, denominado *Laniakea*, que junto com outros compõem o *Universo Observável*, uma região do Universo (Kravtsov & Borgani, 2012; Tully *et al.*, 2014).

¹⁰⁶ O Brasil, *e.g.*, é subdividido em cinco Grandes Regiões, a ser: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2024; M. H. P. Lima *et al.*, 2006).

subdemarcação interna. Neste caso, o nível macro, será a transposição dos limites das regiões que a subdividem e, no nível micro, dos subentes e subsecundário que o estruturam¹⁰⁷.

Por sua vez, as **migrações inter-regionais**, são compreendidas como as mudanças realizadas de um local de residência para outro localizado em uma região diferente, todavia, ainda pertencente ao mesmo território (Guitarrara, 2012). Tal como a migração, realizada por um indivíduo residente do Norte em direção ao Sul¹⁰⁸. Outro exemplo destas migrações intra e inter-regionais, são os chamados *êxodos urbano*, quando os moradores das cidades deixam a urbe em direção ao campo, e o *êxodo rural*, quando as populações rurais abandonam os campos e se deslocam para as áreas urbanas (F. B. d. S. Medeiros, 2018).

A classificação da migração como *intra* ou *inter-regional*, dependerá do enfoque concedido aos limites que demarcam as divisões e níveis transpassados. Ou seja, a transposição de uma subdivisão microrregional para outra de mesmo nível pertencente a mesma macrorregião pode ser compreendida como inter-regional, porém, também se apresenta como intrarregional, pois ocorre adentro a mesma macrorregião.

Além destas classificações, outras duas merecem atenção especial, a ser: as **migrações internas**, ou migrações nacionais, e as migrações externas, ou **migrações internacionais**.

O cruzamento das variáveis espaço e tempo com as várias camadas da espessura social dão origem a inúmeros tipos de migrações. Tendo em consideração a dimensão espacial, estaremos a referir-nos a migrações internas se a mobilidade ocorrer dentro de um mesmo Estado, e a migrações internacionais se a mobilidade implicar a transposição de fronteiras políticas e administrativas de países. (Nolasco, 2016, p. 9)

As **migrações internas**, definem-se pelo processo de deslocamento realizado pelos

¹⁰⁷ Na mudança de um município para outro vizinho, e.g., são ultrapassados os marcos que delimitam uma área subsecundária em direção a outra de mesmo nível micro, todavia, quando ambos são pertencentes a mesma região, nível macro, não ocorre a transposição dos limites que a delimitam, a ser, portanto, intrarregional, ou seja, uma migração realizada adentro a esta.

¹⁰⁸ No nível macro, e.g., podem ser considerados os movimentos migratórios desenvolvidos no nordeste brasileiro em direção ao sudeste, em especial para a cidade de São Paulo, ou o migrar de indivíduos do norte português em direção ao Algarve e ao Alentejo.

atores adentro ao país de origem. A principal característica destas migrações, é o facto de que apesar de desenvolverem um movimento de deslocamento do lugar de nascimento em direção a outro, os indivíduos não transpõem os limites territoriais estatais. Ou seja, ainda permanecem dentro do país de origem. Apesar de não ocorrer a transposição das fronteiras estatais internacionais, acontecem o cruzamento das diversas demarcações limítrofes existentes adentro aos Estados, o que possibilita o desenvolvimento destas migrações em diversos subníveis, de forma *intra* e *inter*, adentro as **subdivisões internas nacionais**, *subnacionais*, *subentes*, *subsecundárias* e de subdivisões *regionais*, de níveis macro e micro. Este transpassar de demarcações internas, proporciona que tais migrações sejam subcategorizadas como **intrarregionais** e/ou **inter-regionais**.

No que tange as **migrações internacionais**, estas, caracterizam-se essencialmente pelo facto de que no ato de deslocamento do lugar de origem/residência com destino a outro – seja este desconhecido ou não –, os indivíduos cruzam fronteiras e limites que delimitam os territórios dos Estados. Ou seja, ocorre nesta modalidade o transpor das fronteiras entre países. Em contraste com a migrações nacionais, nas internacionais há uma alteração no *status* legal do indivíduo que necessitará se legalizar no país de acolhimento, portanto, ter a permissão deste Estado para que, então, possa permanecer naquele local (OIM, 2009).

Do mesmo modo que nas migrações nacionais, as migrações internacionais podem ser subcategorizadas conforme a transposição pelos migrantes dos limites que subdividem o espaço, como: **Intracontinentais**, realizadas dentro do mesmo continente, e **intercontinentais**, quando realizadas entre continentes diferentes. A estas, incidem ainda subcategorias intrarregionais e/ou inter-regionais relacionadas as demarcações do espaço que permitem subclassificá-las em: **membros de um mesmo bloco económico**, intrablocos, quando o deslocamento é realizado entre países pertencentes de uma determinada comunidade económica a possuir, geralmente, acordos bilaterais entre eles, tais como os existentes entre os países membros do Mercosul e da União Europeia; **não pertencentes ao mesmo bloco económico**, interblocos, quando não possuem relações de reciprocidade por força da existência de vínculo a um determinado bloco económico; entre *países com acordos bilaterais*, tais como Brasil e

Portugal; e, *sem acordos bilaterais*, raros no contexto atual¹⁰⁹.

O deslocamento Intracontinental, pode ocorrer entre *países vizinhos*, ou seja, que fazem fronteira direta um com o outro (e.g., Brasil-Paraguai ou Portugal-Espanha) ou entre *países não vizinhos*, que, apesar de pertencentes as mesmas regiões geográficas não possuem fronteira direta entre eles (e.g., Brasil-Chile ou Portugal-França). Vale ressaltar que, na compreensão que se desenvolve na presente obra, a questão espacial não é, essencialmente, apenas uma medida geográfica, mas *geopolítico-espacial, económica e sociocultural*. Não é, efetivamente, somente a distância que irá configurar a migração como interna ou internacional, mas a relação espacial relacionada com as normativas políticas, culturais, económicas e sociais que estabelecem as fronteiras estatais. Um migrante interno pode, em muitos casos, percorrer um caminho maior que o realizado por um migrante internacional, tal como, e.g., as migrações realizadas no Brasil do estado do Ceará em direção a São Paulo ou em Portugal do Porto rumo a Lisboa, apresenta um deslocamento maior que migrações realizadas do Rio Grande do Sul com destino ao Uruguai ou Elvas, em Portugal, rumo a cidade espanhola de Badajoz¹¹⁰.

5.2 DA TEMPORALIDADE DO PERMANECER

Reconhecer as diferenças possibilita de fato uma real proximidade, baseada no conhecimento e não em fantasias ou expectativas irreais.
(Dantas, 2010, p. 35, pt-BR)

Outro fator tipológico das migrações diz respeito a **questão temporal**. Nolasco (2016), esclarece que o tempo de permanência implicará algumas características tipológicas sobre a

¹⁰⁹ As migrações, adentro aos contextos territoriais, podem ser divididas fundamentadas em alguns critérios que visam facilitar a elaboração de análises a respeito do fenómeno migratório. Dentro deste panorama, a divisões entre intrarregionais e inter-regional são exemplo disto, a ser, a primeira, constituída pelo deslocamento que «ocorre entre dois lugares distintos dentro de uma mesma região» (Guitarrara, 2012, *e.l.*), e, a segunda, caracterizada pelo «fluxo que se dá entre diferentes regiões de um mesmo país» (e.l.). No que tange as diferenciações entre intercontinental e Intracontinental, a primeira designação é definida pelo dicionário como algo «1. Situado entre continentes. 2. Que se faz de continente para continente. 3. Relativo a dois ou mais continentes» (DPLP, 2021e, *e.l.*), e, a segunda, como aquilo que ocorre adentro a um mesmo continente (DPLP, 2021f).

¹¹⁰ A título de curiosidade e como forma de evidenciar o exemplo narrado, a distância entre Fortaleza e São Paulo é de cerca de 2940 quilómetros, enquanto entre Porto Alegre e Montevideo é de, aproximadamente, 800 quilómetros. Cerca de 315 quilómetros separam as cidades portuguesas de Porto e Lisboa, enquanto de Elvas está a apenas 20km de Badajoz, na Espanha.

migração. A estar o migrante em uma situação definida como transitória, «[...] permanecendo pouco tempo no local de destino, estaremos perante uma migração temporária, por oposição às migrações em que o migrante, no destino, estabelece residência de forma definitiva, sendo que neste caso estamos perante migrações permanentes» (p. 9).

Neste aspeto, as migrações podem ser classificadas como *temporárias* ou *permanentes*. As chamadas **migrações temporárias** subdividem-se em *transumância*, que ocorrem de forma periódica, em geral, por força de trabalhos temporários vinculados, em muitos casos, a atividades agrícolas e extrativistas – com duração curta, porém, indeterminada –; *Sazonais*, relacionadas as mudanças das estações e ao clima; *Nômades*, quando, por costumes socioculturais, ocorre a migração do grupo inteiro, de forma unida, para outros locais, *e.g.*, algumas tribos ciganas; as de *tempo determinado*, realizadas por períodos de residência curtos a objetivar, *e.g.*, a execução de um contrato de trabalho com tempo específico ou períodos de estudos¹¹¹; e, as *migrações pendulares*, realizadas de forma diária por trabalhadores e estudantes que se deslocam todos os dias de uma localidade a outra para trabalhar ou estudar¹¹².

Por sua vez, as **migrações permanentes**, caracterizam-se, justamente, por força da durabilidade do permanecer dos migrantes no local ao qual imergem. Estas, não necessariamente, deverão ser definitivas, contudo, caracterizam-se pelo transcorrer de um longo período em habitar determinado local. O migrante poderá partir novamente de lá, em retorno para seu local de origem ou para um novo local distante do segundo, sem deixar, contudo, de caracterizar a migração anterior como permanente, preenchido, logicamente, o fator temporal necessário (*e.g.*, permanecer um ano ou mais em um determinado país, que não o seu de origem, e, depois, migrar para outro país, também diferente do seu original). Estas subdivisões temporais das migrações se aplicam como subcategorias das migrações internas e internacionais, as quais podem se apresentar, respetivamente, como temporárias ou permanentes¹¹³.

¹¹¹ Por exemplo as migrações realizadas pelos objetos de observação de prefixo AGO-EID-01 e 02; BRA-EID-01, 02 e 03; BRA-EIM-01, 02, e 03; BRA-TEIM-01; CHN-EID-01 e 02; e, TLS-EID-01.

¹¹² Por exemplo, os deslocamentos diários realizados pelos objetos de observação FRA-TMIR-01, PRT-TMN-07, 11 e 12, e UKR-ENL-01.

¹¹³ O Instituto Nacional de Estatística de Portugal [INE] define como **migração temporária** a «deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com o objetivo de aí fixar residência por um período inferior a 1 ano» (2002b, *e.l.*) e a **migração permanente** como a realizada «[...] com o objetivo de aí fixar residência por um período igual ou superior a 1 ano» (2002a, *e.l.*).

Cabe notar que, no que tange a permanência, as migrações humanas também se diferenciam do conceito de migração animal, pelo menos na utilização atual do termo, visto que, adentro a zoologia, a migração será sempre temporária e rotineira, a finalizar sempre o processo migratório com o retorno à origem. Conforme dispõe Morrison (1973/1993), «a maior parte da movimentação realizada pelo homem, na era atual, não propriamente migratória» (p. 33), não são consideradas, de modo genuíno e zoológico, como «[...] verdadeiras migrações [...]» (p. 20). Segundo o autor, o mais correto seria considerar tais movimentos, de permanência efetiva e sem regresso ao local de origem, como colonizações. Contudo, esta ressalva não se aplica a todas as formas de migração humana, apenas no que tange a migração com estabelecimento de residência permanente, sem retorno ou um novo partir. Porém, a movimentação de trabalhadores migrantes para a realização de atividades específicas de determinadas estações, esclarece o zoólogo, é, adentro os conceitos definidores das migrações animais, efetivamente, uma migração.

5.3 A POLÍTICA DO PERTENCER

A consequência da ação de qualquer objeto material sobre um outro só é conhecida na medida em que este último age agora diferentemente de antes sobre o objeto imediato, e consiste apenas nisso.

(Schopenhauer, 1819/2015, p. 10)

Outro aspecto tipológico das migrações, busca fundamentos adentro as **questões políticas** dos Estados. Possibilita, primariamente, a instituição de duas tipologias (Peixoto, 1998). A primeira, a chamada **migração regular**, define-se pela permissão legal do país recetor, ou seja, o lugar de destino do migrante, para que determinado indivíduo adentre a ele e estabeleça residência naquele local, além de poder utilizar os serviços oferecidos pelo Estado acolhedor – tais como saúde, segurança e educação – sem riscos a sua permanência, de forma similar a um nacional originário daquele Estado (Nolasco, 2016). Interiormente a esta definição, emergem-se calorosos debates, teóricos e conceituais, a respeito de questões como nacionalidade, integração, para além de, direitos e deveres, em suas mais variadas esferas.

A segunda, tange sobre o aspecto contrário a migração regular. É a chamada **migração**

irregular, outrora denominada por *migração ilegal*. A substituição de um termo por outro é, contudo, recente adentro ao direito internacional e é justificada pela própria terminologia das palavras.

O uso do adjetivo *irregular* tem por finalidade questionar e substituir o termo *ilegal*, já consagrado para qualificar a migração ocorrida em desacordo com padrões legais. Sob a ótica técnico-jurídica, é possível estabelecer a distinção entre atos irregulares e atos ilegais. Definem-se como ilegais os atos humanos que não observem, contrariem ou violem normas vigentes, sendo tais atos reprováveis e insuscetíveis de gerarem efeitos jurídicos positivos para assegurar direitos aos sujeitos que os realizam. Os atos irregulares, por sua vez, podem conter elementos em consonância ou em discordância com a previsão normativa ou serem realizados sem observar certo procedimento ou formalidade administrativa exigida pela lei. A distinção entre esses termos fica mais clara se forem levadas em consideração as diferentes finalidades que orientam o direito nacional, interno de cada país, em oposição às que orientam os direitos humanos e as normas internacionais aplicáveis aos estrangeiros em processos migratórios.

(Gediel, 2017, p. 468)

Em essência, estes fatores, que estatuem a regularidade das migrações adentro a um determinado Estado, são frutos do direito interno de cada ente estatal. Estes, por meio de sua ordenação político-administrativa, buscam estabelecer a organização e o exercício de sua soberania que, por sua vez, acaba por incidir diretamente nas relações exteriores e, conseqüentemente, sobre os cidadãos estrangeiros ali estabelecidos (Gediel, 2017). É, por meio desta espécie de *poder jurisdicional*, que serão estabelecidas as diretrizes que, inicialmente, irão separar os nacionais dos não nacionais, impor as regras para a permanência legal, os direitos e deveres inerentes a esta permanência – enquanto compreendida adentro a um direito limitado de permanecer – e, por fim, estabelecerá os requisitos para a concessão de nacionalidade, a equiparar o cidadão estrangeiro ao nacional daquele Estado. «O *status* de nacionalidade, na tradição jurídica ocidental, aparece como a porta de entrada para obtenção e exercício de direitos e funciona como elemento indicativo ou marcador da posição a ser ocupada

pelo indivíduo em determinada ordem jurídica» (Gediel, 2017, p. 469).

Cabe ressaltar que não apenas as diretrizes estabelecidas por cada Estado exercem influência neste processo. Normativas internacionais, como os Direitos Humanos, também apresentam sua cota de influência. Contudo, são uma mera indicação e cada país pode atuar de forma diferente sobre como receciona e aplica as diretrizes indicadas. O Estado pode, *e.g.*, agir de forma discricionária e recusar a entrada ou permanência de um determinado indivíduo, ou forçar seu retorno, mesmo que, este, esteja a preencher todos os requisitos normativos para a estadia e permanência (Gediel, 2017). Estas situações acabam por gerar intrigantes debates acadêmicos e políticos sobre questões como nacionalidade, cidadania e o direito de migrar (Aleinikoff & Weil, 2008; Bauböck, 2008; Brigagão, 2018; Vidal, 2003). Uma vasta possibilidade de espécies migratórias emerge desta questão normativa, relacionada a situação jurídico política do sujeito que migra e, por tal modo, adentra a outro país na figura de imigrante, seja como estudante, trabalhador, turista, comerciante, refugiado e, por lá, decide permanecer.

5.4 SENTIDO, QUANTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO SER E DO MIGRAR

Na atitude do imigrante, porém, a natureza não é apreendida só no nível da emoção e da contemplação. O imigrante conjuga contemplação e ação, emoção e razão, pois tem que dominar a natureza, enfrentando também o seu lado selvagem.

(Huber, 2010, p. 80)

De retorno a classificação tipológica, adentro as oriundas dos aspetos temporais, espaciais e políticos, e dos fatores de motivação que levam ao deslocamento migratório, as migrações podem, ainda, serem classificadas quanto ao **sentido**. A está subdivisão, apresentam-se duas possibilidades. A primeira, tange sobre o *sentido do destino*, a ser; *partida*, quando o indivíduo deixa o seu lugar de origem com destino a um lugar de chegada; a segunda, *um novo partir*, quando o migrante deixa um lugar ao qual já era ali imigrante com destino a um novo local de migração, diferente do seu de origem e do para o qual havia, anteriormente, migrado¹¹⁴; e a *migração de retorno*, quando o sentido do migrar é o retorno ao local de origem do imigrante

¹¹⁴ Como é o caso da refugiada Najla (2019) e do imigrante Rodolfo (2019).

ou de sua última residência.

A segunda subdivisão, relacionada ao *sentido do ato de migrar*, apresenta-se em cinco possibilidades tipológicas, a ser: *cidade-cidade*, quando o migrante se desloca de sua cidade de origem para outra com o mesmo porte geoeconómico; *interior-urbe*, quando o deslocamento é realizado de uma cidade do interior para uma metrópole; *urbe-interior*, a ser o ato de deslocar realizado da cidade grande para uma de menor porte no interior; *rural-cidade*, também conhecido por *êxodo rural*, realizada quando os indivíduos do campo partem para tentar a vida na cidade; e, *cidade-rural*, ou *êxodo urbano*, que se evidencia quando os indivíduos da cidade deixam a urbe para desenvolver suas vidas no campo. Vale ressaltar que, em relação as duas últimas possibilidades, estas não se exemplificam pelo deslocar para uma cidade do interior, mas, sim, com real destino ao campo, as herdades e quintas.

Mostra-se possível, também, categorizar as migrações fundamentado no quantitativo do número de indivíduos a realizar determinado deslocamento. Adentro a este **critério dimensional**, apresentam-se duas categorias. A primeira, *individual*, diz respeito a migração realizada por um único indivíduo ou família. A segunda, *em massa*, caracteriza-se, justamente, pelo quantitativo de um grande número a realizar determinado deslocamento, *e.g.*, o movimento de refugiados a buscar auxílio na Europa (OIM, 2009). Individualmente, cada imigrante será, ainda, classificado conforme o seu **grau de instrução/qualificação** para a execução de atividades laborais. Estas irão lhe atribuir como um imigrante *qualificado*, apto para o exercer funções específicas, ou *sem qualificação* e, portanto, com capacidade de realizar apenas trabalhos básicos e braçais.

Contudo, cabe ressaltar, nem sempre a alta qualificação do imigrante lhe permitirá ocupar funções que requeiram formações específicas, mesmo que este tenha a instrução necessária, ou mesmo ou atuar em sua área formativa ou próxima a esta. Muitos, por vezes, apesar de currículos invejáveis, são levados a atuar em áreas gerais, nas quais, não há nenhuma exigência de formação específica.

Fundamentado nas estruturas estabelecidas nas descrições tipológicas do fenómeno migratório, o próprio indivíduo será, então, classificado em acordo com o perfil da migração a qual realiza. O perfil do migrante, portanto, se apresenta como uma composição oriunda da soma dos aspetos espaciais, temporais e políticos, dos fatores de motivação e de sentido que sustentam seu deslocamento.

5.5 COMPOSIÇÕES PLURAIS DA MOTIVAÇÃO DO PARTIR

Muitos poucos indivíduos têm força para conservar a sua própria integridade se o seu estatuto social, político e legal estiver completamente confuso. Faltando a coragem para lutar pelo nosso estatuto social e legal, decidimos, em vez disso, tantos de nós, tentar mudar de identidade.
(Arendt, 1943/2016, p. 321, Tradução livre)¹¹⁵

Do mesmo modo que o conceito de migração se apresenta complexo e multiforme devido a amplitude do fenómeno migratório, a definição de migrante, igualmente, mostra-se permeada por uma vasta complexidade. Os dicionários, apresentam a definição do verbete “migrante” como o que ou aquele que migra, a se mudar, desta forma, de localização, região ou país (DPLP, 2021g; Larousse Cultural, 1987/1993d). Todavia, adentro aos organismos internacionais, esta definição acaba por não expressar a vastidão de sentidos possíveis ao termo. Desta forma, a Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2009), esclarece que,

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceite de migrante. O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias. (p. 43, *sic*)

Contudo, devido a complexidade que permeia o fenómeno migratório e semelhante a própria constituição do conceito de migração, a definição do *ser migrante* não se apresenta, também, como algo fácil e simplório. Evidentemente, o migrar não é realizado somente por livre e espontânea vontade e, portanto, não se apresenta permissível definir o migrante apenas

¹¹⁵ Texto original: «Muy pocos individuos tienen la fuerza necesaria para conservar su propia integridad si su condición social, política y jurídica es completamente difusa. A falta de valor para luchar por un cambio de nuestra condición social y jurídica, muchos de nosotros hemos decidido intentar, en lugar de eso, un cambio de identidad» (Arendt, 1943/2016, p. 321).

como aquele que parte por escolha própria. A este modo, os diversos fatores que fornecem as migrações sua amplitude conceitual, exercem também influências na constituição de uma definição conceitual sobre o migrante. Sobre este, os vários aspetos que definem as modalidades migratórias implicam subdivisões tipológicas, as quais multiplicam as possibilidades de definição do próprio *ser* adentro a cada especificidade migratória.

Além das composições apresentadas até o momento, fundamentadas nos aspetos espaciais, temporais e políticos, as migrações também podem se dividir em outras composturas, que atuam de forma simultânea com as até o momento apresentadas. A natureza da migração, o *leitmotiv* do ato de migrar produzirá subcategorias que definirão, de mesmo modo, a migração e, por consequência, o próprio migrante. A **motivação**, que leva ao imigrante o *desejo* – *atração, pull* - ou *necessidade* – *repulsão, push* – do partir, irá lhe fornecer o fator de *incentivo* para o seu deslocamento, concomitantemente, classificará sua migração como **voluntária** ou **forçada**.

A **migrações voluntárias**, ou espontâneas, são aquelas que são realizadas pelo indivíduo por vontade. Geralmente, ocorrem devido a fatores de atração (*pull*) e repulsão (*push*) (Giddens & Sutton, 2014/2017), muitas vezes, caracterizadas pela ausência de auxílio do Estado ou de entes internacionais e que levam os indivíduos, após um processo reflexivo, decidirem por deixar os locais de origem em busca de outros para residirem (OIM, 2009). Podem ser motivados por diversos fatores, tais como políticos, laborais, económicos ou, inclusive, por motivações pessoais, como aposentadorias e sonhos de viver em outras localidades. O migrar humano, enfatiza-se, não é motivado apenas por estes fatores, como por diversos sentimentos, experiências e ajustamentos que as diferenciam das migrações animais.

As migrações humanas podem, ainda, serem divididas em novas composições, relacionadas aos fatores motivadores de sua realização, tais como: *migrações económicas*, quando o indivíduo decide, mesmo a possuir certa estabilidade financeira, deslocar-se em busca de melhoras económicas em sua vida¹¹⁶; *migrações para estudos*, realizadas pela decisão de buscar formação em outro país¹¹⁷; *migrações de aposentados*, que buscam, em outro local, aproveitar sua reforma¹¹⁸; *migrações por insatisfação* sobre seu local de residência atual,

¹¹⁶ A exemplo dos objetos de observação BRA-TMII-01 e 02, BRA-TMIR-01 a 06 e PRT-TMN-01 a 12.

¹¹⁷ Como os objetos de observação AGO-EID-01 e 02, BRA-EID-01, 02 e 03, BRA-EIL-01 e BRA-EIM-01 a 04.

¹¹⁸ Objeto de observação BRA-EIM-01.

quando, apesar de não existir algo que os force, efetivamente, a se deslocarem e possuírem estabilidade ou uma vida confortável no local de origem, decidem partir por se mostrarem insatisfeitos com algum aspecto particular de suas vidas ou das relações sociais, políticas e económicas que ali desenvolvem, tais como os deslocamentos para países que ofereçam uma melhor segurança ou educação.

No que tange as **migrações forçadas**, estas são, atualmente, o enfoque principal de inúmeros debates académicos, políticos e económicos. Definidas pela realização do movimento migratório motivado por força de coação, perigo a vida ou à sobrevivência (OIM, 2009). Na maioria das vezes, realizada sem o devido planeamento e preparo, tais como o caso dos refugiados, não possibilitam uma plena ponderação reflexiva sobre o partir. Adentro a este aspecto migratório, assim como nos demais, novas subdivisões se formam, de maneira a caracterizar especificidades que envolvem variados contextos aos quais se aplica. A migração forçada, pode ser, então, realizada por força motivações *provocadas pelo homem*, tanto por questões *sociopolíticas*, como confrontos armados – fundamentados em ações políticas, civis ou religiosas –, ou por *interferências ambientais*, como desastres naturais, ambientais, químicos e nucleares – influenciados pela ação do homem, *e.g.*, acidentes nucleares, rompimento de represas, poluição, entre outros –, ou por força de projetos de desenvolvimento, como a construção de barragens; e, *motivações naturais*, como causas ambientais de natureza climática, *e.g.*, secas, tornados ou inundações.

Contudo, é preciso salientar, a linha entre a migração voluntária e a forçada é, por vezes, tênue. Conforme esclarece C. R. Oliveira *et al.* (2017) «[...] os migrantes “voluntários” sentem-se, muitas vezes, “obrigados” a migrar, devido a situações de pobreza extrema, enquanto os migrantes “forçados” procuram refletir nas melhores escolhas possíveis [...]» (p. 77), evidentemente, nestes casos, não é desprezada a possibilidade de melhora económica. «Apenas em situações extremas, como a do risco imediato de vida, não existe reflexão e ponderação, isto é, não há escolha racional» (p. 77). Os autores ainda salientam que,

Muitos dos migrantes “económicos”, aparentemente voluntários e proactivos, são forçados a abandonar seus países devido a situações de carência económica severa, privação extrema ou degradação ambiental crescente. Muitos dos refugiados, aparentemente forçados e reativos, desistem voluntariamente de viver no país de origem

ou nos países de primeiro asilo, devido à falta de condições em campos de refugiados ou à dificuldade de encontrar trabalho e/ou ter acesso à educação. Este último problema é agravado pelo facto de muitos não possuírem o estatuto jurídico adequado, tornando ainda mais frágil sua situação e mais incertas suas perspectivas de vida. Nestes casos, não sendo ainda “refugiados” ou requerentes de asilo, são-no *de facto* mas não *de jure*, o que impede o seu acesso a mecanismos de proteção internacional. (p. 77, *sic.*)

Como exemplo a esta afirmação, é possível elencar a fala do sírio Abraão que, questionado sobre os fatores que o levaram a buscar refúgio, esclarece que não se considerava, por assim dizer, classificado adentro aquele *status*.

«... não foi mesmo o refúgio ... era mais ... [Expressa dificuldades e busca auxílio para expressar em português a busca pela formação superior]» – “A continuação dos estudos” [auxílio do entrevistador] – «sim, sim [continua Abraão], mas ... eu vim cá com a intenção de estudar ... não era, pois ... a... se calhar, nas notícias aqui em Portugal, o grupo que vem dos sírios era mais refugiados ou estudantes sírios fugiram da guerra, não sei o que... se calhar havia alguns sim. Para mim, foi mais uma ... [novamente busca ajuda no uso da língua]» – “uma opção para continuar sua vida profissional” [auxílio do entrevistador] – «isso mesmo [continua com risos]».

[...]

“Você disse que foi uma escolha sua sair da síria, se você tivesse conseguido ingressar na faculdade para fazer o mestrado em [cidade omitida], mesmo com os conflitos armados você continuaria na síria?” [fala do investigador].

*«a... não sei...mas...acho que não...porque eu na altura que sai da síria estava a ficar cada vez pior a situação geral...a.....por isto...se calhar....podia começar não sei....a procura de outra forma de ter uma vida normal...porque lá...depois de começar este conflito...a vida das pessoas parece que começou a ficar mais complicada...mais difícil...apesar de...isto fora do perigo da guerra...a vida começou a ficar mais difícil....acho que sim...se calhar...mesmo continuar na universidade lá podia procurar outra coisa para sair de vez sim.» (Abraão, 2019, *sic.*)*

A fala de Abraão (2019) torna perceptível uma certa restrição deste em relação ao termo refugiado. Similar ao apresentado por Arendt (1943/2016), o sírio, apesar de vir com o apoio da GPSS como refugiado não considera sua partida como um efetivo refúgio. Para ele, seu partir foi um migrar, a certo modo, comum. Porém, cabe notar que o ato de adentrar ao país na categoria de refugiado conduz ao ator, automaticamente, a um *status* que lhe é atribuído: refugiado. E, assim, será para o restante do corpo social, por mais que não se considere como tal. A marca de refugiado, assim como a de estrangeiro, permanecerá.

Apesar de ser apresentado acima um esboço sobre as migrações forçadas e espontâneas, a temática não se exaure no exposto. Por tanto, passamos agora a um aprofundamento, o qual, do mesmo modo, não visa exaurir o debate sobre o tema, mas construir a base para outras análises.

5.5.1 Migrações forçadas

Em primeiro lugar, não gostamos de ser chamados “refugiados”. Chamamo-nos uns aos outros “recém-chegados” ou “imigrantes”. Os nossos jornais são jornais para “americanos de língua alemã”; e, tanto quanto sei, não há e nunca houve qualquer clube fundado pelos perseguidos por Hitler cujo nome indicasse que os seus membros são refugiados.

(Arendt, 1943/2016, p. 315, Tradução livre)¹¹⁹

A definição exposta pela OIM (2009) para migrante, evidentemente, deixa de compreender os migrantes forçados, refugiados, como efetivos migrantes, visto que, nos termos em que apresenta, a decisão de migrar não foi objeto de uma decisão livre e espontânea do indivíduo. Inegavelmente, o conceito apresentado estabelece uma diferenciação generalista entre migrantes e refugiados, contudo, devido a amplitude do fenómeno migratório, esta não se mostra suficiente e acaba por não abranger todas as possibilidades. Acaba por criar uma espécie de limbo existencial, no qual algumas migrações passam a habitar, tal como os migrantes

¹¹⁹ Texto original: «En primer lugar, no nos gusta que nos llamen “refugiados”. Nosotros mismos nos llamamos unos a otros “recién llegados” o “inmigrantes”. Nuestros periódicos son diarios para “estadounidenses de lengua alemana” y, por lo que yo sé, no hay ni hubo nunca ningún club fundado por los perseguidos de Hitler cuyo nombre indicara que sus miembros eran refugiados» (Arendt, 1943/2016, p. 315)

ambientais, que não se deslocaram por livre escolha e, por tal modo, não são efetivos migrantes na essência do termo, todavia, também não são compreendidos como refugiados.

Nos termos da definição apresentada pela OIM (2009), os migrantes ambientais podem ser classificados como um subespécie de migrantes, porém, no que tange a respeito dos refugiados, estes são compreendidos como um gênero diferente. A OIM (2009) aponta que, os **migrantes ambientais**¹²⁰ são os indivíduos ou grupos de indivíduos que, por força das alterações climáticas repentinas ou progressivas que venha a afetar de forma negativa suas condições de vida, são obrigados a se deslocarem de seus locais de habitação de costume, «[...] ou escolhem fazê-lo, temporariamente ou permanentemente, e que se deslocam dentro do próprio país ou para o estrangeiro» (p. 43).

A analisar os conceitos apresentados pelo órgão, é possível verificar que a confusão relacionada a esta classificação, reside em uma falha de taxonomia. O sujeito migrante não deve ser visualizado como uma espécie, mas um gênero, do qual fazem parte as espécies migrantes voluntários e migrantes forçados. Os refugiados e migrantes ambientais são, na verdade, subespécies da última.

Os **refugiados**, são definidos como os indivíduos que deixam os seus locais de origem em fuga de conflitos armados ou perseguições (Edwards, 2015). Geralmente, estes últimos, relacionam-se

[...] a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política, ou pertencimento a um determinado grupo social e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. Ou ainda, pessoas que estão fora de

¹²⁰ Conforme J. C. L. Silva & Rei (2013), «a nomenclatura desses migrantes já chama a atenção por sua diversidade: ecoevacuados, migrantes ambientalmente forçados, refugiados ambientais, refugiados ecológicos, pessoas ambientalmente deslocadas, ecovítimas, deslocados ambientais, ecomigrantes. Há autores que utilizam a locução refugiados ambientais como gênero do qual seriam espécies: refugiados em razão de catástrofes, refugiados por expropriação e refugiados por deterioração do meio ambiente. Os estudiosos do assunto tentam encontrar uma locução que melhor defina essas pessoas e que tenha clareza suficiente para demonstrar a complexidade da situação em que elas se encontram. Porém, dentre essa miscelânea de expressões e das definições que as acompanham, até o momento nenhuma se revelou apta a lhes conferir um *status* peculiar» (pp. 106–107, *sic*).

seu país de origem devido a conflitos, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”. (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], 2016, *e.l.*)

Está diferenciação se fundamenta, principalmente, no olhar aplicado sobre o deslocamento, em específico, sob o movimento realizado por determinados indivíduos. Aos olhos do país recetor, todo aquele que nele adentra com a intenção de permanecer é, em suma, imigrante, contudo, a migração forçada pode ocorrer tanto de forma interna como internacional, enquanto a prática do refúgio exige, pela definição e enquadramento legal a que se vincula, que ocorra a transposição de fronteiras internacionais. A sintetizar, é possível afirmar que, do « [...] ponto de vista do país receptor, então, se poderia afirmar que todo refugiado é um “migrante”; mas, por outro lado, nem todo “migrante” é um refugiado» (Museu da Imigração do Estado de São Paulo [MI], 2019, *e.l.*, pt-BR), o que evidencia a taxonomia apresentada. O refúgio chama a atenção, justamente, pelo *status* da proteção requerida, a nível internacional, decorrente da situação que levou ao deslocamento.

Tem-se o **migrante**, desta forma, como toda e qualquer pessoa que se transfira do lugar de origem, nascimento ou residência habitual, para outro lugar ou território (Instituto Migrações e Direitos Humanos [IMDH], 2014). Todavia, diferente do refúgio, a decisão de migrar foi, pelo menos em teoria, espontânea e livre. O refúgio não deixa de ser, com está delimitação conceitual, uma **migração forçada**, já aqui conceituada (OIM, 2009). Contudo, apresenta-se, ao mesmo tempo, pertencente a está e diferente. Este facto, justifica-se pela situação teórica de que, na migração forçada, a exemplo das motivadas por fatores ambientais, não há uma efetiva necessidade de sair, em muitos casos, de imediato, a abandonar tudo e partir em busca de salvação, mas que, em certas situações, o agravamento de uma situação crítica – *e.g.*, uma seca –, força os indivíduos a saírem. No refúgio, por sua vez, há a necessidade de saída imediata, muitas vezes, sem a possibilidade de se levar bens materiais e a deixar para trás, em alguns casos, até mesmo os documentos que possibilitem sua identificação.

Portanto, o que diferencia de início o refúgio da migração forçada, neste contexto, é que no primeiro ocorrerá, necessariamente, o cruzamento de fronteiras internacionais, enquanto a migração forçada pode vir a ocorrer adentro a um mesmo território ou não. Para além, o forçar

do refúgio se apresenta como algo carregado de uma brutalidade imediata, ou seja, imprevista e que não possibilita ao indivíduo, em muitos casos, preparar-se para o partir, à medida que, na migração forçada, é algo que acontece, frequentemente, de forma gradativa, a levar os indivíduos a conclusão de que já não é possível permanecer naquele local e continuar a viver daquela forma.

A sintetizar a conceituação das **migrações forçadas**, pode-se dividir e exemplificar estas entre os indivíduos e grupos forçados a abandonar seus locais de origem em decorrência de desastres¹²¹ motivados por *causas ambientais*, como bruscas ou gradativas alterações climáticas; por *perseguições ou pressões territoriais*, a forçar os atores a migrarem de forma interna pelo território – *e.g.*, os indígenas obrigados a sair de suas terras por invasão dos fazendeiros ou, inclusive, pequenos proprietários de terras que são levados a abandonar suas propriedades por força de ameaças a sua segurança e (re)tomadas de terras por grupos étnicos ou grandes latifundiários –; por força de *projetos de desenvolvimento*, tais como a construção de barragens; por força de *catástrofes naturais*, como enchentes ou terremotos; ou, *provocadas pela ação humana*, como o rompimento de barragens mal projetadas e sem a devida manutenção ou acidentes nucleares (Bates, 2002; Castles, 2006; Claro, 2012, 2020; Zolberg *et al.*, 1989); e, por fim, adentro ao instituto do asilo em sentido amplo, os *refugiados*, conforme a definição apresentada pela OIM (2009), a ser o deslocamento motivado por *temor a vida* por força de *conflitos armados*, com as mais variadas origens, e, ainda, os indivíduos que, devido suas visões políticas e poder de liderança, são compreendidos como *perturbadores da ordem pública* e, por tal modo, compreendidos como inimigos políticos e forçados a solicitar *asilo* em outro Estado.

Sá & Guarabyra (1977), na canção *Sobradinho*, exemplificam de forma poética a influência dos atos humanos nas alterações do meio ambiente, seja por sua intervenção indireta, em reflexo as suas ações, ou de forma direta, como em projetos de desenvolvimento que levam inúmeros indivíduos a um deslocar forçado. Em sua trova, os compositores relatam sobre as consequências ao povo do processo de construção da Barragem de Sobradinho, no norte do

¹²¹ A Organização das Nações Unidas [ONU] (2016/2021), define como desastre «[...] um evento calamitoso ou uma série de eventos resultando em perda generalizada da vida, grande sofrimento humano e angústia, deslocamento em massa, ou material em grande escala ou danos ambientais, perturbando gravemente o funcionamento da sociedade» (p. 25, Tradução livre). Original: «(a) “disaster” means a calamitous event or series of events resulting in widespread loss of life, great human suffering and distress, mass displacement, or large-scale material or environmental damage, thereby seriously disrupting the functioning of Society» (p. 25).

estado brasileiro da Bahia.

O homem chega e já desfaz a natureza / Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar / O São Francisco, lá pra cima da Bahia / Diz que dia menos dia vai subir bem devagar / E passo a passo vai cumprindo a profecia / Do beato que dizia que o sertão ia alagar / E o sertão vai virar mar, dá no coração / O medo que algum dia o mar também vire sertão [...] Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-sé / Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir / De baixo d'água lá se vai a vida inteira / Por cima da cachoeira o gaiola vai subir / Vai ter barragem no salto do Sobradinho / O povo vai-se embora com medo de se afogar [...]. (Sá & Guarabyra, 1977, *sic.*)

Construída na década de 1970, a Barragem de Sobradinho, foi um projeto de desenvolvimento do governo brasileiro com o objetivo de realizar o aproveitamento hidrelétrico da região. Para isto, empreendeu a construção da barragem, a visar o represamento das águas do Rio São Francisco. O resultado desta ação, foi a constituição do Lago de Sobradinho. Com uma área de, aproximadamente, 4.214 km² (quatro mil duzentos e catorze quilômetros quadrados) e mais de 32,2 km³ de água (trinta e dois inteiros e dois decimais quilômetros cúbicos), encontra-se entre os maiores lagos artificiais do mundo. Ocorre que, a região em que a barragem foi construída e, conseqüentemente, as terras tomadas pelo avanço das águas, não era totalmente desabitada, a existir, nos arredores, algumas cidades. Com a conclusão do projeto, em meados de 1974, as águas começaram a subir, de modo a cobrir as áreas urbanas das cidades de Pilão Arcado, Casa Nova, Remanso, Sento Sé e, a que fornece o nome ao lago, barragem e canção, Sobradinho. Este facto, obrigou a realocar cerca de 12.000 (doze mil) famílias – por volta de 70.000 (setenta mil) pessoas –, as quais, foram transferidas para novos locais nas margens do lago, onde, construiu-se novos assentamentos que mantiveram seus nomes originais (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [EMBRAPA] & Companhia Hidro Elétrica do São Francisco [CHESF], 2021; Wikipédia, 2022).

As populações que habitavam a região já eram frutos de outros processos migratórios. Seus antepassados, entre os séculos XVII e XIX, foram atraídos para a área por força da riqueza mineral existente às margens do Rio São Francisco e, após o declínio da atividade, pelo Ciclo

do Couro e Gado, no qual, a região se transformou em uma rota de passagem e parada, das comitivas que transportavam os rebanhos de gado de um ponto a outro do país. Aqueles que não se ajustaram ao novo ciclo, restou, dedicar-se a atividade agrícola ou partir, em uma nova migração, em busca de outras atividades para o sustento (EMBRAPA & CHESF, 2021). Já no século XX, o próprio processo de construção da barragem e o desenvolvimento da agricultura – a aproveitar a riqueza hídrica –, levaram à região um novo fluxo de migrações. Apesar de se evidenciar como um enorme fator de desenvolvimento – a garantir a vazão do rio para o aproveitamento hidrelétrico e possibilitar a ampliação das áreas de irrigação –, a construção da barragem também afetou, evidentemente, a vida de inúmeras pessoas.

Quando da construção da barragem, o foco no desenvolvimento acelerado, necessário, não percebeu o vazio cultural/tecnológico que as populações deslocadas das margens do rio e das áreas de influência da barragem tinham, para que pudessem se apropriar das novas oportunidades que se apresentavam. Estas populações possuíam valores e sistemas de produção e de vida pouco compatíveis com as novas levas populacionais que chegavam atraídas pelas obras da barragem e oportunidades advindas da nova dinâmica. Com isto, as populações deslocadas, mesmo recebendo apoio na forma de indenizações e de infra-estrutura, pouco se desenvolveram, tornando-se cada vez mais susceptíveis às crises das novas atividades econômicas, levando a uma degradação acelerada dos recursos naturais, da saúde das populações e da capacidade de alavancar o próprio processo de desenvolvimento. (EMBRAPA & CHESF, 2021, e.l., *sic.*)

Deste modo, adentro a compreensão proporcionada pelos dispositivos internacionais, os migrantes forçados, assim como os indivíduos afetados pela construção da Barragem de Sobradinho, são definidos como aqueles que devido uma situação induzida por forças alheias a sua vontade, concluem, através de um processo reflexivo ou por imposição, que já não é mais possível continuar a viver em determinado local. Este processo, na maioria das vezes, dá-se de forma gradativa. Mostra-se necessário abandonar o espaço já habitado e partir para outro lugar, pertencente ou não ao seu país, em busca de melhores condições e a levar consigo o máximo que conseguirem, do pouco que ainda lhe restam.

Ao refugiado, por sua vez, não lhe é permitido refletir sobre seu partir – a ser, este, imposto de forma abrupta –, muito menos, planejar o deslocamento, a forçar sua saída de forma rápida e a levar consigo apenas o que for possível. Em muitos casos, as situações permitem apenas a roupa que está a utilizar no momento da partida e, quando muito, alguns documentos pessoais. Ou seja, a primeira distinção reside no facto de que, apesar de em ambos os casos o ato migratório ser algo que lhes é imposto, ao refugiado as condições são alteradas de forma repentinas, enquanto ao migrante forçado, geralmente as alterações ocorrem de maneira gradual. Outra diferença, já aqui evidenciada, é no tange a transposição de fronteiras dos estados. Os refugiados, necessariamente, realizam o cruzamento dos limites que delimitam o seu país, enquanto os migrantes forçados podem ou não realizar esta travessia (Luchino & Ribeiro, 2016). Contudo, é preciso salientar que grande parte das situações de refúgio são oriundas de transformações no ambiente que evoluem de forma gradativa até o momento em que rompem marcos delimitadores. Apesar do rompimento ser algo abrupto, mostra-se, na verdade, como fruto de uma situação que evoluiu até aquele ponto. Por tal modo, ao se analisar o desenvolvimento histórico de determinados fluxos migratórios de refugiados, é possível encontrar indivíduos que se deslocaram antes da situação se saturar.

Para além, é preciso salientar que, nos últimos anos, tem-se propagado um intenso debate acerca das migrações forçadas, por via de causas ambientais, no qual, postula-se o reconhecimento destes migrantes adentro a definição de refugiados (Brito, 2016; Pentinat, 2021; Ventura *et al.*, 2020). Porém, conforme Vettorassi & Amorim (2021), a identificação dos migrantes como refugiados ambientais, ou refugiados climáticos, mostra-se ainda distante e «o não reconhecimento da expressão “refugiado ambiental” por parte do Alto Comissariado das Nações Unidas sobre Refugiados (ACNUR) é um agravante» (p. 25). Esclarecem, também, que o fenómeno das migrações forçadas não é algo incomum na história humana.

As migrações forçadas são um fenómeno comum na história. Na modernidade, são muitos os exemplos: fluxos de pessoas forçadas a migrarem após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a formação de novos Estados por meio do colapso do Império Otomano e do Império Austro-Húngaro, a Revolução Russa em 1917, para nos atermos apenas ao continente europeu. Houve iniciativas anteriores à Convenção de 1951 para lidar com esse grande fluxo de pessoas forçadas a deixarem seus locais de origem, tais

como a criação da Cruz Vermelha em 1863 e a iniciativa da finada Liga das Nações de criar um alto comissariado para refugiados. Nesse âmbito, o termo “refugiado” surgiu pela primeira vez. Sem uma nacionalidade regular, refugiados eram indivíduos privados da proteção de um Estado. (p. 26)

Os refugiados, apresentam-se ao mundo moderno, como um dos maiores dramas sociais mundiais. O processo da globalização aliado ao acelerado «[...] desenvolvimento tecnológico, ainda que tenha imputada novas possibilidades para tornar a rotina mais prática e a vida mais confortável, trouxe atrelada uma série de novas questões que não encontram respaldo em referenciais éticos, morais ou legais» (Rosaneli *et al.*, 2021, p. 252). Para além das questões relacionadas ao processo migratório em si – desde o partir, os caminhos percorridos, locais de chegada e permanecer, envoltos por problemáticas como xenofobia, diferenças de culturas, fatores económicos dos países de acolhimento, questões linguísticas, entre outros (A. M. M. Carneiro, 2021) –, as alterações climáticas vem a se apresentarem como agravantes dessa situação e, por vezes, mais frequentes que outras conjunturas (D. do Nascimento, 2021; L. G. Sampaio, 2021). Fazem emergir a necessidade de evolução/ampliação do conceito de refugiado frente a ameaça que impõem aos Direitos Humanos no presente século XXI (Bonatti & Branco, 2021; Felix, 2013; A. M. L. Lopes *et al.*, 2012; A. M. L. Lopes, 2019).

Evidencia-se, assim, o dilema acerca dos **refugiados ambientais**¹²², como um verdadeiro desafio ao mundo globalizado que não pode ser ignorado (Delfim, 2018; Guerra, 2021; Malta, 2011; Ojima & Nascimento, 2008; Zarpelon *et al.*, 2010), visto que, carecem, ainda, de uma proteção específica que ampare os seus direitos (M. Da Andrade & Angelucci, 2016; Luchino & Ribeiro, 2016; Sales & Oliveira, 2019; WayCarbon, 2019). Este facto é, em parte, justificado pelo emprego específico dado ao termo “refugiado” que, a seguir a definição estabelecida pela Convenção de Genebra, de 1951¹²³, concede este estatuto apenas as migrações

¹²² Burnett *et al.* (2021), a buscar suporte em Morrissey (2009) e Castles (2002), esclarecem que «O termo “refugiados ambientais” foi primeiramente utilizado na década de 1970, pelo *World Watch Institute*, no período em que a literatura seguia a linha de pensamento neomalthusiana dos grupos do Clube de Roma, refletindo as discussões sobre as migrações, resultado do crescimento populacional excedendo os limites ambientais [...]. De acordo com Morrissey (2009), em 1985, Essam El-Hinnawi publicou um artigo tratando o debate sobre os “refugiados ambientais” como uma definição formal e tipificando as pessoas ambientalmente deslocadas em sua heterogeneidade. Desde então, o termo vem sendo mundialmente utilizado tanto no âmbito político como no âmbito acadêmico [...]» (p. 320).

¹²³ Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados (ONU, 1951).

envoltas por cenários de violência e confrontos armados, produzidos por força de crises políticas, sociais, culturais e religiosas (G. P. N. Belchior & Almeida, 2012; Cunha, 2012).

É preciso salientar que, este novo movimento em prol da efetivação do termo “refugiado ambiental”, não busca a aplicação do atual instituto aos migrantes ambientais forçados a migrar. É evidente que, as circunstâncias definidoras da situação, apresentam-se diferentes. Apesar de reconhecer por meio do Protocolo de New York (Organização das Nações Unidas [ONU], 1967), a possibilidade de novos refugiados além do marco temporal estipulado pela Convenção de Genebra (ONU, 1951), o reconhecimento e significação originais do termo e *status* atribuído, deu-se em contextos diferentes dos vivenciados na atualidade. Surgido no pós Segunda Guerra Mundial, o conceito aflora em um conturbado momento, no qual um exorbitante número de pessoas se deslocavam por força da magnitude atingida pelos confrontos bélicos (A. M. L. Lopes *et al.*, 2012).

O que os debatedores da problemática procuram é, primeiro, o reconhecimento desse *status* e, segundo, evidenciar a necessidade de se estabelecer um mecanismo de proteção para estes indivíduos (Martorelli, 2020; Mont’Alverne & Matos, 2012; É. P. Ramos, 2011; Sales & Oliveira, 2019; J. C. L. Silva & Rei, 2013). Existe, evidentemente, diferenças entre estes refugiados, porém, ausenta-se uma melhor definição para representar estas e outras especificidades do fenómeno migratório moderno. «Num mundo de mudanças, a definição tradicional e o entendimento dos conceitos de “proteção” e de “refugiados” carecem de adaptação para acomodar novas situações e circunstâncias que surgem» (Burnett *et al.*, 2021, p. 319). Adentro aos padrões atuais, a aplicação do conceito nos moldes originais a estes migrantes acaba por se tornar equivocada, visto não existir a confluência de conflitos armados (ONU, 1951), todavia, salientam A. M. L. Lopes *et al.* (2012), «[...] no presente, refugiado é o melhor termo para explicar a situação dessas pessoas. O termo migrante não é suficiente para expressar a situação de urgência em que os refugiados ambientais se encontram» (p. 410).

Os defensores da utilização do termo alegam que, apesar dos tratados internacionais não compactuarem com o uso terminológico do termo para se referir a estas migrações em específico, por serem de caráter ambiental, estas, contudo, não são um fenómeno totalmente natural. São o somatório das ações humanas, em suma, das políticas desenvolvidas pelos Estados no que tange ao incentivo, controle e manutenção de um meio ambiente saudável e que acabam por impactar a vida dos indivíduos em seu mais variados aspetos, como económico,

políticos, biológicos e sociais (Bonatti & Branco, 2021; Giddens, 2009/2012; P. E. N. Jung, 2017; Oliver-Smith, 2004; Pajares, 2020; C. J. S. e. Santos & Viegas, 2021; Zamban & Latta, 2021). A busca por apoio em Morrison (1973/1993), não são evidenciadas na natureza apenas alterações naturais do ambiente. O homem, por meio da evolução tecnológica, desenvolveu mecanismos capazes de «[...] modificar os *habitats* e até mesmo o clima de extensas áreas da superfície terrestre» (p. 15). Estas modificações, produzem reflexos na natureza e impactam tanto a existência dos animais como a humana.

Portanto, os impactos socioambientais são fruto, em grande parte, das políticas públicas de preservação ambiental dos países que, tangem-nas em uma tênue linha de flerte com a globalização e os avanços industriais (Rosaneli *et al.*, 2021). A própria Declaração de Estocolmo (ONU, 1972/1982)¹²⁴, esclarece de maneira quase poética acerca da responsabilidade ambiental humana e sobre a relação de reciprocidade existente entre o meio ambiente saudável e o desenvolvimento de uma vida com dignidade.

O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma. (p. 3, *trad. n.*)¹²⁵

Configura-se, assim, que os indivíduos em situação de deslocamento forçado em decorrência das alterações ambientais são, em síntese, vítimas das políticas estatais e, por tal

¹²⁴ Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (ONU, 1972/1982).

¹²⁵ Texto original: «Man is both creature and moulder of his environment, which gives him physical sustenance and affords him the opportunity for intellectual, moral, social and spiritual growth. In the long and tortuous evolution of the human race on this planet a stage has been reached when, through the rapid acceleration of science and technology, man has acquired the power to transform his environment in countless ways and on an unprecedented scale. Both aspects of man's environment, the natural the right and the man-made, are essential to his well-being and to the enjoyment of basic human rights—even to life itself» (ONU, 1972/1982, p. 3)

modo, os defensores desta vertente defendem o reconhecimento destes migrantes como refugiados (Barbosa, 2021). Conforme A. M. L. Lopes *et al.* (2012), as perturbações ambientais extremas, acabam por impor a estes atores a necessidade abandonar o espaço habitual com destino a outro em busca de abrigo para fugir das dificuldades provenientes das alterações climáticas causadas «[...] pela relação entre a sociedade e a natureza» (p. 412).

Apesar das vozes levantadas em prol do reconhecimento do *status* de refugiados ambientais, devido a preocupação dos Estados com ampliação das correntes migratórias e interesse em controlar os fluxos de indivíduos a entrarem, a tendência emergente sobre a temática não é pela ampliação normativa das possibilidades de refúgio, mas, por uma limitação cada vez maior (Castles, 2002; Myers, 2005). Desta forma, apesar de ignorado com frequência, mostra-se como um tema, intrinsecamente, político e adentro a um terreno frutífero para o florescer de riscos e ameaças (Adams, 1995/2002; Beck, 1986/2013).

Contudo, salienta-se que estes migrantes não estão abandonados por completo, porém, atualmente sua proteção é realizada por meio das lacunas existentes e não pelo reconhecimento real de um direito. É necessário, esclarecem Sales & Oliveira (2019), «[...] tomar consciência de que a dignidade humana destes deslocados por catástrofes ambientais está sendo atingida e que é urgente a necessidade de se adotar medidas capazes de tutelar os direitos inerentes a ela» (p. 29). Portanto, além da aplicação dos princípios e dispositivos que regulam o direito internacional em relação ao meio ambiente e dos direitos humanos, evidencia-se a necessidade do estabelecimento de uma forma de proteção específica para estes indivíduos.

Na atualidade, por força das limitações impostas para o reconhecimento do *status* de refugiado (ONU, 1951), os “refugiados ambientais” são protegidos por disposições gerais que visam resguardar os direitos humanos fundamentais inerentes a todas as pessoas, como à liberdade, igualdade e dignidade, elencados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Adentro a estes, o direito a um meio ambiente de qualidade que lhe proporcione uma vida, minimamente, digna, é elencado como elementar para a construção da dignidade. Tal como expressa a Declaração de Estocolmo (ONU, 1972/1982), ao afirmar que além dos acima mencionados, considera-se direito humano o usufruição de «[...] condições de vida adequadas em **um meio ambiente de qualidade** tal que lhe **permita levar uma vida digna e gozar de bem-estar**, tendo a solene obrigação de proteger e melhorar o meio ambiente para as gerações

presentes e futuras» (p. 4. *trad., neg. n.*)¹²⁶.

Todavia, é preciso salientar que, a própria ONU (2016) se mostra propensa ao reconhecimento desta nova necessidade frente as novas adversidades do mundo moderno. Conforme esclarece a entidade, ao reconhecer o caráter histórico da movimentação migratória presente no próprio processo evolutivo da humanidade,

Algumas pessoas se deslocam em busca de novas oportunidades e horizontes econômicos. Outros se movem para escapar de conflitos armados, pobreza, insegurança alimentar, perseguição, terrorismo ou violações e abusos dos direitos humanos. Outros ainda o fazem em resposta aos efeitos adversos das mudanças climáticas, desastres naturais (alguns dos quais podem estar ligados às mudanças climáticas) ou outros fatores ambientais. Muitos se mudam, de facto, por uma combinação dessas razões.

(p. 1, *trad. n.*)¹²⁷

Com isto, assume ser imperativo implementar formas inovadoras de resposta aos novos problemas apresentados pela evolução humana e que acarretam um aumento exponencial ao fenómeno migratório do número de migrantes em deslocamento. Uma mobilidade humana sem precedentes históricos que requer urgência, de forma a proteger os direitos humanos fundamentais destes indivíduos em movimentação. Segundo dados estatísticos apresentados pela ONU (2020), no ano de 2020, marcado pela pandemia do COVID-19, o mundo atingiu a impressionante marca de 281 milhões de migrantes internacionais. Deste astronómico número, cerca de 12% representam refugiados e requerentes de asilo.

¹²⁶ Texto original: «Man has the fundamental right to freedom, equality and adequate conditions of life, in an environment of a quality that permits a life of dignity and well-being, and he has a solemn responsibility to protect and improve the environment for present and future generations» (ONU, 1972/1982, p. 4)

¹²⁷ Texto original: «Since earliest times, humanity has been on the move. Some people move in search of new economic opportunities and horizons. Others move to escape armed conflict, poverty, food insecurity, persecution, terrorism, or human rights violations and abuses. Still others do so in response to the adverse effects of climate change, natural disasters (some of which may be linked to climate change), or other environmental factors. Many move, indeed, for a combination of these reasons» (ONU, 2016, p. 1)

5.5.1.1 *O exílio do ser: refúgio e asilo*

Pois o tempo só é percebido na medida em que é preenchido, e seu prosseguir somente pela mudança daquilo que o preenche. Por isso, o permanecer de um objeto só se torna conhecido em contraposição à mudança de outros que a ele são simultâneos.

(Schopenhauer, 1813/2019, p. 87)

Estas duas espécies de proteção, **refúgio** e **asilo**, objetivam um contexto comum e pertencem ao mesmo instituto, o **asilo em um sentido amplo**, que visa conceder asilo para aqueles que sofrem uma perseguição e, deste modo, acabam por estarem impossibilitados de continuar a viver no seu local de origem ou de residência (A. d. C. Ramos, 2011). Este contexto comum, **asilo**, acaba por se subdividir em um conjunto de institutos que buscam proteger, por meio do acolhimento, estrangeiros que se encontrem na situação acima exposta. Destas subdivisões, emergem duas espécies principais: o **refúgio** e o **asilo político**. Este último, divide-se no *asilo diplomático, territorial e militar*.

Interessante notar que o instituto do asilo, não é uma criação moderna. Suas origens remontam aos tempos da Grécia Antiga, de Roma, dos povos Anglo-Saxônicos, entre outros. Todavia, evidentemente, como tudo na história humana, o conceito e o próprio instituto evoluíram junto com a própria sociedade. Inicialmente, era concedido, na maioria das vezes, a indivíduos que haviam cometido crimes comuns, pois, sua aplicação a atores considerados criminosos políticos em seus Estados poderia ser compreendida como uma afronta entre as nações dos regimes imperialistas (Barreto, 2006). Como uma forma de evitar maiores discórdias entre os Estados, estes indivíduos estavam, portanto, sujeitos a extradição (A. d. C. Ramos, 2011). O Asilo é, poeticamente a falar, o próprio significado da origem do termo. Como esclarece A. d. C. Ramos (2011), possui origens no «[...] grego “*áshlon*” e do termo do latim “*asylum*”, significando lugar inviolável, templo, local de proteção e refúgio (p. 16, *It. n.*).

Contundo, em sua origem, apresenta-se mais como um direito do Estado que do indivíduo. Cada país teria, assim, o amparo normativo, na visão tradicional, para qualificar as situações que poderiam motivar a concessão de asilo e a prerrogativa de analisar cada caso individualmente, sem, inclusive, a obrigatoriedade de apresentar os motivos da aplicação ou não do instituto (Leão, 2011). Desta maneira, salienta A. d. C. Ramos (2011), «[...] o asilo é

direito do Estado, que não outorga qualquer direito público subjetivo ao indivíduo solicitante do asilo, nessa visão tradicional do instituto» (p. 20). Porém, o contínuo desenvolvimento da sociedade levaram a uma evolução normativa, com rastros que vem desde antes do século XVII, que constituíram o que, atualmente, pode-se compreender como o Direito Internacional, esboçados no século XIX e consagrados devido as situações vivenciadas no Século XX (A. d. C. Ramos, 2011; A. d. C. Ramos & Leite, 2021).

Desta evolução, duas alterações merecem maior atenção. A primeira, tange a arbitrariedade do Estado em conceder ou não o asilo, que tende a deixar de ser uma questão de exclusiva disposição de cada país para passar a exigir a fundamentação adequada para suas decisões. Existe, agora, uma vigilância sobre as nações que já não são totalmente livres para decidirem sozinhas sobre a concessão de asilo, pois, na modernidade, este é «[...]regido também por tratados e por declarações de direitos humanos de claro conteúdo consuetudinário no plano internacional [...]» (A. d. C. Ramos, 2011, p. 20) que passaram a exigir dos entes estatais o cumprimento dos tratados e acordos internacional de direitos humanos aos quais são signatários. Não deixou de ser uma faculdade de escolha arbitrária do Estado, um ato soberano (Leão, 2011), contudo, o descumprimento de tais normativas pode acarretar, a estes, reprimendas por parte dos órgãos internacionais responsáveis (Jubilut *et al.*, 2018).

A segunda alteração diz respeito aos casos em que a aplicabilidade do instituto se mostra possível. Os crimes comuns ou os atos que possam contradizer os princípios básicos defendidos pelas ONU deixaram de ter a possibilidade de proteção por meio de asilo (A. d. C. Ramos, 2011). A alegação de perseguição política – pressuposto objetivo –, portanto, não pode ser utilizada para a obtenção de proteção por aqueles que tenha praticado, *e.g.*, crimes fundamentados em discursos de ódio. Conforme dispõe A. d. C. Ramos (2011),

A prática estatal consolidou-se no sentido de exigir três *pressupostos* para a caracterização da chamada “situação de asilo”: do ponto de vista *subjetivo*, deve ser o futuro asilado um estrangeiro; do ponto de vista *objetivo*, a natureza da conduta realizada pelo estrangeiro deve ser *política*, não caracterizando crime comum nem atos contrários aos propósitos e princípios das Nações Unidas; e, por fim, do ponto de vista *temporal*, deve existir o “estado de urgência”, com a constatação da atualidade da perseguição política (e não passada ou hipotética para o futuro). (p. 19)

O autor salienta que todos os atos a envolverem a concessão de asilo podem ser questionados, tanto por outros Estados interessados juntos aos órgãos internacionais de direitos humanos, quanto pelos próprios órgãos, no que tange a fundamentação utilizada nas decisões do Estado para conceder ou não o asilo. Enfatiza, também, a questão relacionada a deturpação do asilo e aos prejuízos que está ação venha a acarretar, que podem violar os direitos dos atores em relação processos ocorridos antes do asilo, como o direito à verdade e justiça. Esclarece que não é permissível que um ente estatal venha a, livremente, «[...] distorcer o asilo sob a unilateral alegação de “perseguição política”, concedendo-o a estrangeiro que praticou grave crime comum (e denegando, assim, a extradição), com claro prejuízo à cooperação jurídica internacional e aos direitos das vítimas que anseiam por justiça» (A. d. C. Ramos, 2011, p. 21).

Portanto, adentro a este contexto, tem-se o asilo como um direito humano em sua própria essência, mas, a ir além, apresenta-se como mecanismo protetor de outros direitos, visto que a concessão de asilo acaba por proteger direitos humanos que estão a ser violados por força da perseguição, tais como a liberdade, a vida, entre outros (Jubilut *et al.*, 2018). Até o presente momento, as descrições apresentadas sobre o asilo podem levar a percepção deste como sinónimo para refúgio, contudo, apesar da inegável semelhança entre eles – inclusive, por pertencerem ao mesmo instituto em sentido amplo –, diferenciam-se em alguns detalhes. Conforme esclarece Jubilut (2011), o asilo é caracterizado por

[...] (i) proteger pessoas que sofrem perseguições políticas, (ii) ser um ato discricionário do Estado que o concede, (iii) poder ser concedido quando a pessoa está fisicamente no Estado de asilo (asilo territorial) ou ainda no Estado de origem, mas em uma representação do Estado de asilo, como os consulados e as embaixadas, (asilo diplomático), e (iv) não gerar obrigações para o Estado de asilo, além da autorização para residência legal [...]. (p. 168)

A buscar fundamentos na análise exposta pela autora, torna-se possível perceber que as semelhanças entre os institutos em espécie se resumem no primeiro ponto abordado por ela, ou seja, a proteção dos indivíduos que sofrem perseguições. Contudo, mesmo neste aspeto, o refúgio acaba por apresentar diferenças em relação ao asilo. Este último, visa proteger pessoas

ou grupos específicos e pequenos de indivíduos que sofrem perseguições políticas por força de suas falas e/ou influências que venham a exercer sobre a população e que, por consequência, acabam por serem visualizados como inimigos políticos de seus Estados de origem o que, por sua vez, termina por colocar em risco a segurança de suas vidas e corpos.

O refúgio, por sua vez, visa proteger um maior número de pessoas, uma população, que, por força de diversos fatores, se veem obrigadas a deixarem seus locais de residência habituais, mesmo que não estejam ligadas, de forma direta, com o fator motivador do deslocamento. Para além disto, enquanto o asilo se mostra aberto as possibilidades individuais dos atores (como, *e.g.*, a manifestação política ou outro fator motivador de perseguição que impossibilite a permanência no local de origem/residência), o refúgio é (de)limitado de maneira normativa, sobre quais fatores específicos permitirão a classificação do deslocamento e os indivíduos como refugiados.

Os outros três pontos abordados pela autora, mostram diferenças evidentes entre os institutos. Enquanto se vislumbra possível a solicitação de asilo antes da efetiva saída de seu país de origem – *e.g.*, adentro aos ambientes diplomáticos –, o refúgio, caracteriza-se pela necessidade extraterritorialidade¹²⁸, ou seja, de que o indivíduo já se encontre, efetivamente, em solo estrangeiro.

Não há, também, neste último, a liberdade do Estado recetor em conceder ou não a proteção, tal como na solicitação de asilo, visto que a concessão de refúgio nos casos previstos pelo Direito Internacional é realizada de forma declaratória (Jubilut, 2007, 2011). O Estado de acolhimento, desta forma, não possui responsabilidade, por assim dizer, na decisão que aceita determinado ator como refugiado. A resolução neste molde é justificada como uma demonstração de respeito ao princípio da não-intervenção, ou seja, realiza-se como uma maneira de evitar o nascimento de discórdias políticas entres os Estados de origem e o recetor (Crawford & Hyndman, 1989). A estar, portanto, o indivíduo e o seu deslocamento, carregados das características estabelecidas pelas normativas que regulam e que permitem a concessão de

¹²⁸ Contudo, cabe esclarecer que, devido a atual tendência de bloqueio das fronteiras em alguns Estados para saída e entrada de refugiados, apresenta-se perceptível uma tentativa de diminuir a importância dada ao fator extraterritorialidade, pois, a sua manutenção se configura como um risco proteção oferecida pelo instituto do refúgio, a qual, poderia vir a se tornar inaplicável a determinados indivíduos que, apesar da evidente necessidade de proteção, não poderia se beneficiar do refúgio pelo simples facto de não conseguirem atravessar as fronteiras. Apesar disto, a necessidade de já se encontrar em solo estrangeiro segue, em muitos casos, ainda a ser considerada como essencial para a concessão de refúgio (Jubilut, 2007).

refúgio, este ser-lhe-á concedido de forma declaratória.

No asilo, ainda a falar de forma normativa, o país de acolhimento não fica obrigado a conceder ao solicitante nada além da autorização para residir – a ficar, assim, livre para regulamentar, internamente, o procedimento e outras situações pós a conceção do asilo¹²⁹ –, enquanto, o refúgio, impõem ao ente estatal o caminho e como este deverá cuidar do refugiado após o seu reconhecimento perante o instituto, por força de obrigações morais, de solidariedade e jurídicas (Jubilut, 2011). Como apontam Anjos & Magnani (2017), apesar do refúgio e asilo possuírem semelhanças adentro ao campo fáctico, apresentam «[...] diferenças essenciais que refletem na forma de atuação dos Estados quando chamados a efetivar o direito concedido aos indivíduos que abandonaram suas nações de origem na busca de melhores condições de sobrevivência no país acolhedor» (p. 53).

Este último ponto faz evidenciar a diferença normativa dos institutos. Enquanto o asilo é regido por dispositivos gerais de proteção aos direitos humanos, como a Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948), o refúgio é regulamentado por normas internacionais específicas para este fim, instituídas após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Isto ocorre pelo facto que, devido ao enorme número de deslocados no pós guerra, tornava-se evidente que, tais indivíduos, não seriam protegidos em sua totalidade pelo instituto do asilo, visto que, «[...] nenhum Estado estaria disposto a, discricionariamente, acolher milhares de pessoas, sendo necessária uma qualificação coletiva que lhes assegurasse a proteção

¹²⁹ Neste aspeto, cabe apresentar que, no caso de Portugal, conforme a dispõe a Fundação Francisco Manuel Dos Santos [FFMS] (2014) a legislação portuguesa, por meio da Constituição Portuguesa (República Portuguesa [Portugal], 1976, artigo 33, nº8) e da Lei nº 27/2008 (Portugal, 2008), possibilita a conceção de asilo, em um carácter geral, «[...] aos estrangeiros e apátridas relativamente aos quais exista fundado receio ou comprovação de que são perseguidos ou gravemente ameaçados por exercerem, no Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual, actividades em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana. Têm ainda direito a asilo os estrangeiros e os apátridas perseguidos (ou em risco de o ser) devido à sua raça, religião, nacionalidade, opiniões políticas ou integração em certo grupo social e que, por isso, não possam ou não queiram voltar ao Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual. Quando o estrangeiro tiver mais de uma nacionalidade, só se pode conceder asilo se os motivos existirem relativamente a todos os Estados de que seja nacional» (FFMS, 2014, e.l., sic). A entidade ainda esclarece que «concedido o direito de asilo, o beneficiário adquire o estatuto de refugiado e uma autorização de residência em Portugal pelo período de 5 anos, que pode ser renovada. Caso não se preencham os requisitos para a concessão de asilo, pode ainda ser concedida ao estrangeiro ou apátrida autorização de residência por proteção subsidiária (que terá apenas a duração de 3 anos, renováveis). Esta autorização pode ser concedida quando o estrangeiro seja impedido ou se sinta impossibilitado de regressar ao país da sua nacionalidade ou da sua residência habitual, quer atendendo à sistemática violação dos direitos humanos que aí se verifique, quer por correr o risco de sofrer ofensa grave (por exemplo, pena de morte ou tortura, tratamento desumano ou ameaça contra a vida)» (e.l.). Evidencia-se que, portanto, aos olhos de Portugal, a partir do momento que o asilo é concedido a um determinado indivíduo, este, passa a se beneficiar do estatuto de refugiado e, com isto, a ter o seu direito de refúgio reconhecimento.

internacional» (Jubilut, 2007, p. 44). O marco inicial desta regulamentação, e estrutura fundamental no desenvolvimento da proteção aos refugiados, é a criação e instituição pela ONU do ACNUR, o qual, possibilitou a celebração da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, que ficou conhecida como a Convenção de Genebra (ONU, 1951).

Portanto, tem-se que o instituto do asilo em sentido amplo, para além do asilo *stricto sensu*, possibilitou o desenvolvimento da modalidade de proteção refúgio. Este, possui fundamentação normativa mais recente, com maior abrangência e tipificação. Segundo Jubilut (2007), isto evidencia «[...] que não se trata de um ato discricionário do Estado concessor, pois o reconhecimento do status de refugiado está vinculado a diplomas e hipóteses legais bem definidos» (p. 42). Compreende-se, assim, que ambos, asilo e refúgio, buscam respaldo normativo nas estruturas jurídicas internacionais sobre a proteção dos direitos humanos fundamentais e visam a proteção total da integridade humana (Anjos & Magnani, 2017), contudo, o refúgio se apresenta de forma melhor instituída, restrita e delimitada.

5.5.1.2 *Um status atribuído*

A classificação do refúgio como instituto jurídico não é pacífica, existindo na doutrina nacional estudiosos que entendem que ao se referir ao refúgio se está fazendo alusão a um estatuto e não a um instituto. Tal postura, contudo, parece inadequada.
(Jubilut, 2007, p. 42)

Jubilut (2007) esclarece que a compreensão do refúgio como um instituto jurídico não se apresenta como um consenso comum e que, adentro a doutrina do Direito Internacional, há aqueles que compreendem que, quando se fala em refúgio, faz-se referência não a um *instituto*, mas a *estatuto*. A visar justificar sua fala, a autora busca fundamentação nos conceitos terminológicos de *instituto*, no sentido jurídico, compreendido como uma pluralidade de regulamentos de determinada criação legal (Vade Mecum Brasil [VMB], 2022b); e de *estatuto*, entendido como o conjunto de regras que disciplinam um funcionamento específico e estabelecem direitos e deveres (VMB, 2022a). A gênese da confusão, segundo Jubilut (2007), está arraigada na tradução realizada para o termo *status*, presente na versão inglesa da

Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, a Convenção de Genebra (ONU, 1951)¹³⁰.

Conforme esclarece a autora, o termo *status* não pode ser traduzido literalmente para estatuto, pois objetiva estabelecer uma posição ou condição do indivíduo e, adentro ao direito, qualidades definidoras da personalidade jurídica. O *status*, portanto, é uma posição assumida pelo ator perante a lei, e esta, por sua vez, estabelece a ele os direitos e deveres que lhe são inerentes adentro a especificidade de cada contexto. Com isto, conclui que «[...] o *status* de uma pessoa pode ser alterado caso o contexto do qual aquele decorre seja modificado, mesmo que o estatuto que o regula permaneça o mesmo» (p. 43). Desta forma, tem-se que a *Convenção de Genebra* (ONU, 1951) é o estatuto que regulamenta o instituto do refúgio, o qual, assegura, adentro as possibilidades e circunstâncias elencadas pela normativa, o *status* de refugiado aos indivíduos que estejam protegidos pela regulamentação.

O *status*, a este modo, apresenta-se semelhante ao esclarecido por Werneck (2020) sobre a translação do termo *cit *, a qual se mostra como uma palavra que está para além da sua significac o terminológica de origem francesa, possui, assim, também natureza metafísica e metafórica. Do mesmo modo que, «não se está em uma *cit *, não se vive em uma *cit *. Uma *cit *   mobilizada; dela se lança mão; com ela, como aparato, se justifica» (p. 11, *It. n.*), o *status* não   uma simples atribuic o, possui uma flexibilidade metafísica que   mais que vivida,   sentida e justifica o próprio conceito, situa o e ser.   uma espécie de estado de grandeza (Boltanski & Thévenot, 1991/2020) que, semelhante ao apresentado por Resende *et al.* (2019), qualifica «[...] os seres e a es envolvidos numa situa o determinada e em fun o de uma determina concec o do bem comum» (p. 17), adentro a uma situa o e ordenamentos que visam proteger não apenas o indivíduo, como um bem comum, um ideal de justiça que sobre este paira, assim como sobre a situa o a qual vivencia.

Apesar das diferenças existentes entre os institutos de asilo e refúgio, as semelhanças entre eles levam   continua confusão conceitual destes. Ambos carregam em suas entranhas o mesmo objetivo: conceder protec o aos indivíduos que venham a sofrer persegui es por meio

¹³⁰ Jubilut (2007), argumenta que «ao se falar em instituto quer-se denominar “estruturas normativas complexas mas homog neas formadas pela subordina o de uma pluralidade de normas ou modelos jurídicos menores a determinadas exigências comuns de ordem ou a certos princípios superiores”, ou ainda “entidade jurídica instituída e regulamentada por um conjunto de normas de direito positivo”. Já ao se utilizar a palavra estatuto refere-se a um “conjunto de leis, regras, código”, ou seja, um instituto pode ser regulado por um estatuto e   exatamente isso o que ocorre com o refúgio, ao ser regulado pela normativa internacional» (pp. 42–43)

de seu acolhimento «[...] em outro Estado no qual poderão gozar de seus direitos mais fundamentais e manter, deste modo, sua dignidade –, pelo que se tornam complementares e assemelhados, razão pela qual podem ser considerados espécies de um mesmo gênero» (Jubilut, 2007, p. 50).

De retorno a questão relativa aos refugiados ambientais, mostra-se evidente a semelhança com o instituto do asilo, visto que também carece de regulamentação específica por parte dos órgãos internacionais. A fundamentação geral, inerente a estes, deixa claro a necessidade da instituição de uma normativa específica de proteção aos refugiados ambientais, visto que, sua ausência faz com que estes indivíduos fiquem a sorte da boa vontade dos Estados de acolhimento. O correto seria, apontam Sales & Oliveira (2019), o desenvolvimento de um manifesto internacional que apresente, expressamente, a proteção aos refugiados ambientais, contudo, enquanto isto não ocorre, é preciso «[...] recorrer aos demais meios existentes para que os direitos humanos e fundamentais dos deslocados forçados por questões ambientais não sejam violados» (p. 31).

A palavra de ordem, portanto, apresenta-se como *reconhecimento*. Primeiramente, é necessário reconhecer, como em parte já realizado pela ONU (2016), que a amplitude dos indivíduos que necessitam nos contextos atuais de proteção é maior e específica, assim como a regulamentada pelo instituto do refúgio. Conceder a estas pessoas o *status* de refugiados, ou criar outro semelhante, não é apenas reconhecer a carência emergente e que injustiças estão a ser cometidas sobre estes atores, mas, acima de tudo, legitimar direitos humanos fundamentais, inerentes a pessoa humana (Bressiani, 2011; Honneth, 1992/2003).

Em síntese, é conceder o reconhecimento necessário não apenas ao problema, como aos indivíduos, as suas garantias, direitos, deveres e, com isto, reconhecer o próprio *ser* e o caráter humano existente em cada indivíduo. Dar este reconhecimento, possibilita tanger o indivíduo para um deslocamento conceitual, um novo migrar, no qual, move-se da invisibilidade e negação existencial, para a visibilidade. A rejeição de sua existência, retira do *ser*, de forma gradativa, sua humanidade, a torná-lo invisível perante parte do corpo social. Essa desumanização, descaracteriza-o como *ser* semelhante, próximo, membro da mesma espécie, e o transforma em um *ente* indefinido, de linhagem diferente, ao qual, nada, muito menos os direitos intrínsecos ao caráter humano, cabem-lhe.

Contudo, os deveres e sanções aplicados aos contraventores, na maioria das vezes, ainda

lhes são imputados. É um *ser* de obrigações, de reprimendas, não de direitos e proteção. A invisibilidade deste *ser*, abre portas à banalização da violência aplicada sobre sua própria existência (Souza, 2021) e, com isto, ao risco de que seus direitos sejam ainda mais desvalorizados (Adams, 1995/2002; Beck, 1986/2013), esquecidos e, por conseguinte, retroceder-se, junto a desumanização e normalização/indiferença de seu sofrimento, todo o processo civilizacional até então construído (M. S. Cardoso *et al.*, 2021).

O *status*, neste contexto, vai além deste reconhecimento aqui exposto. Ele qualifica o indivíduo, de forma impositiva, adentro a identificação de estatuto jurídico perante o Estado que lhe acolhe. Qualificação que não apenas identifica o migrante como um refugiado, como (re)constrói uma identidade que vai além do condicionamento legal da situação. Leva-o a um processo de (re)construção da essência caracterizadora de *si mesmo*. Deste modo, a alcunha de refugiado não é um formato de identificação escolhidos pelos atores em deslocamento para se identificarem, mas uma forma designativa que, ao mesmo tempo que lhes fornece garantias, delimita as fronteiras de proximidade entre quem chega e os que já habitavam o *espaço-tempo*. Reconhece a existência, concede-lhe visibilidade como *ser*, porém, limita seu pertencimento, enfatizado pelo *status* de identificação que lhe é atribuído e, com isto, define de modo paradoxal que, apesar de existir, não é um semelhante. Então, emerge-se das cinzas antropológicas a existência de um distanciamento entre *nós* e *eles*.

Deste modo, as migrações forçadas não deslocam apenas o indivíduo de um lugar a *outro*, como também alteram o próprio *ser*. Independentemente da classificação atribuída pelo tipo migratório realizado pelos atores em deslocamento forçado, e consequente classificação do *ser* adentro a esta tipologia, um facto é irrefutável: estes indivíduos necessitam de ajuda. Contudo, uma enorme diferença se apresenta no âmago dos atores nas entrelinhas do proporcionar e receber ajuda. Se para aquele que fornece auxílio, mostra-se possível, glorificar-se dos feitos bondosos perante os demais, assim como na canção *Clarisse* da banda de rock brasileira Legião Urbana, a enaltecer «[...] seu semblante de bom-samaritano / cumprindo o seu dever [...]» (Russo *et al.*, 1997), o que retira a essência de hospitalidade do ato (Stavo-Debaugé, 2018). Para os que recebem este amparo, nem sempre apresentar-se-á como algo digno de ser louvado o que acaba por limitar a capacidade de trocas que envolvem o ato e os atores (Stavo-Debaugé, 2019).

Dos confins do âmago humano, emerge um sentimento, o qual, mostra-se como um

constructo das representações inerentes a construção de cada indivíduo em sua própria essência. Compreender por que determinado ator, mesmo com todo o auxílio fornecido, não demonstra na face e atos sinais de satisfação é um algo complexo. Evidentemente, o deslocamento forçado produz modificações que fazem do migrante além das características que o *status* lhe atribui e, entender tais conjunturas em completude, mostra-se possível apenas pela própria experiência. A produção de sentido aos atores é uma construção dos significados adquiridos por eles ao longo de seus trajetos, vidas e experimentações (Elias, 1982/2012).

Portanto, não se vislumbra permissível definir ou produzir críticas ao *ser* deslocado a olhar apenas pelo translucido vidro da porta a imagem transpassada (Resende & Souza, 2019b). Ainda adentro a trova mencionada, a ajuda fornecida, claramente necessária – mas, realizada como uma forma obrigação jurídico/moral e de se enaltecer perante os outros por meio do apoio aos moribundos deslocados –, não produz satisfação plena aos amparados, tampouco possibilita o direito de compreensão plena aos bem-feitores. Estes últimos, em muitos casos, aplicam sobre seus protegidos um olhar «como se toda essa dor fosse diferente ou inexistente [...]» (Russo *et al.*, 1997), porém, de âmago silenciado, o migrante reflete que «[...] nada existe pra mim / não tente / você não sabe e não entende» (Russo *et al.*, 1997).

Desta forma, definir e conceituar, efetivamente, o ato de se refugiar, o que é buscar refúgio e se tornar um refugiado, por mais que delimitado de forma ampla pela ONU (1951) e por inúmeros autores, não se apresenta ao todo com mesma representação e compreensão do real sentimento e significado do termo e *status* por ele fornecido, daqueles que migram de forma forçada e são obrigados a buscar refúgio. Levantar bandeiras, vozes e mobilizações em defesas dos oprimidos silenciados e sem poder de fala, é, inegavelmente, ato belo e louvável. Contudo, apenas por meio de suas próprias vozes, mostra-se possível definir e conceituar a situação a qual vivenciam e, com isto, tentar compreender, a partir das representações que transmitem, o contexto ao qual se vinculam.

Por tal modo, apenas se apresenta permissível definir a experiência do refúgio àquele que esta tenha vivido. Ou seja, a melhor definição, carregada não apenas do visível e que é estabelecido por normativas, como dos sentimentos que permeiam toda a complexidade da situação, efetivamente, caberá somente àqueles que vivenciaram a experiência, viram-se obrigados a abandonar tudo e partir, a se tornarem, assim, refugiados. Desta forma, quem melhor se apresenta digna de tamanha responsabilidade, é a filósofa alemã de origem judaica,

Hannah Arendt (1943/2016)¹³¹, a qual esclarece que o termo refugiado não agrada por completo aqueles a quem o *status* é atribuído. Não se veem diferentes dos outros migrantes. A filósofa aponta que,

Um refugiado costuma ser uma pessoa obrigada a procurar refúgio devido a algum ato cometido ou por tomar alguma opinião política. Bom, é verdade que tivemos que procurar refúgio; mas não cometemos nenhum ato e a maioria de nós nunca sonhou em ter qualquer opinião política radical. O sentido do termo “refugiado” mudou conosco. Agora “refugiados” são aqueles de nós que chegaram à infelicidade de chegar a um novo país sem meios e tiveram que ser ajudados por comités de refugiados. (Arendt, 1943/2016, p. 315, Tradução nossa)¹³²

Note-se que, já em 1943, dois anos antes do fim da Segunda Guerra Mundial e oito anos

¹³¹ Johanna Arendt, conhecida como Hannah Arendt, nasceu em outubro de 1906 na Alemanha. Proveniente de uma família judia rica e culturalmente favorecida, ingressou na Universidade de Berlim em 1924, na qual, propiciou-lhe acompanhar as aulas de nomes como Heidegger e Jaspers, os quais, exerceram enorme influência sobre sua produção acadêmica e vida. Com a ascensão do nazismo, e após um curto período na prisão por tentar obter alguns documentos, deixa a Alemanha com destino a Paris. Com o desenrolar dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, ao tentar sair da França, acaba detida em um campo de concentração por alguns meses. Ao sair do estabelecimento, consegue fugir, através de Espanha e Portugal, para Nova Iorque, onde permanece até sua morte, em 1975. Apesar de não ter se considerado uma filósofa, destacou-se como uma das pensadoras filosóficas mais originais do século XX e estabeleceu em seu trabalho, realizado por meio de uma linguagem simples e acessível a todos, um modo próprio de enaltecer a liberdade ao relacionar os factos históricos às teorias filosóficas. A chegada de Hannah Arendt nos Estados Unidos da América, em 1941, ficou marcada como um período de grande dificuldade, pois, para além dos poucos bens que fora possível levar, portava consigo apenas alguns textos do filósofo Walter Benjamin, que havia conhecido na França. Apesar das dificuldades vivenciadas em sua chegada à América, resumidas em um mal sustento financeira - que permitia arcar com o arrendamento de uma morada simples e uma alimentação precária -, choques culturais e dificuldades linguísticas, Arendt conseguiu desenvolver inúmeros escritos nesse período. O regime nazista retirou sua nacionalidade em 1937, porém, devido aos acontecimentos vivenciados, Arendt se considerava apátrida desde 1933. Apenas em 1951, obteve a nacionalidade americana. Neste mesmo ano, ainda a vivenciar as dificuldades impostas pela migração forçada, conseguiu publicar, com a ajuda de amigos, seu primeiro livro, *As Origens do Totalitarismo* (1951/2013), o que lhe permitiu que ficasse conhecida como teórica política. Participou, em 1961, como repórter, do julgamento de Adolf Eichmann, oficial alemão do regime nazista, do qual produziu o livro *Eichmann em Jerusalém* (1963/1999). Em 1963 é contratada pela Universidade de Chicago, onde lecionou até 1967. Neste mesmo ano, retorna para Nova York, onde leciona na *New School for Social Research*, a permanecer na instituição até o ano de sua morte (Marasciulo, 2018; M. Oliveira, 2007; Porfírio, 2019; R. Tavares, 2018).

¹³² Texto original: «Un refugiado solía ser una persona obligada a buscar refugio por algún acto cometido o por sostener alguna opinión política. Bien, es verdad que nosotros tuvimos que buscar refugio, pero no cometimos acto alguno y la mayoría de nosotros nunca soñó con tener una opinión política radical. Con nosotros, el significado del término “refugiado” ha cambiado. Ahora “refugiados” son aquellos de nosotros que han tenido la desgracia de llegar a un país nuevo sin medios y que han tenido que recibir ayuda de comités de refugiados» (Arendt, 1943/2016, p. 315)

antes da *Convenção de Genebra* (ONU, 1951), Arendt (1943/2016) assume que não apenas os indivíduos haviam se transformados, como também o próprio conceito de refugiado. A definição da autora para o termo aplica-se a todo aquele que, forçado a migrar, chega em um outro país e necessita ser ajudado. O conceito que esta apresenta, mostra-se mais amplo que o definido pela ONU em 1951, a qual apenas em 2016 vem a demonstrar a pretensão de reconhecer novas formas de deslocamentos forçados (ONU, 2016).

Arendt (1943/2016) ainda enfatiza a dubiedade existente na sensação de ser um refugiado. Abandonados a mercê do destino, são destituídos de sua humanidade e, conforme aponta a autora, ao serem salvos e ajudados, emerge-se um inevitável sentimento de degradação e humilhação. Todavia, cabe esclarecer, não é permissível traduzir esta situação como ingratidão, mas reflexo de uma fatal angústia presente naqueles que perderam tudo que construíram em suas vidas por força de fatores que, na maioria das vezes, não estão diretamente ligados à sua existência. Indivíduos que deixaram bens patrimoniais, nacionalidade, documentos, identidade, como sua própria autonomia. Este sentimento, emerge da necessidade de ser autônomo, ou seja, de poder se formar com indivíduo e desenvolver sua vida sem a necessidade da intervenção de terceiro, e, por força de sua própria capacidade, é fundamento estrutural para a integração de migrantes nos Estados de acolhimento.

O cantor e compositor brasileiro Luiz Gonzaga, deixou em busca de melhores condições de vida e a fugir por temor a sua vida, em 1930, a pequena cidade de Exu, no sertão de Pernambuco. Partiu em peregrinação, deslocando-se por várias cidades e estados, até que, em 1939, estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro. Em uma de suas canções em parceria com Zé Dantas, intitulada *Vozes da Seca* (1953), o renomado Rei do Baião declama a gratidão do nordestino, nosso migrante severino, por todos os auxílios, contudo, evidencia as súplicas deste povo por autonomia.

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão / Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
/ Mas doutô uma esmola a um homem qui é são / Ou lhe mata de vergonha ou vicia o
cidadão [...] Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage / Dê cumida a preço bom,
não esqueça a açudage / Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage / Lhe
pagamo inté os juru sem gastar nossa corage / Se o doutô fizer assim salva o povo do

sertão / Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação! Nunca mais nós pensa em
seca, vai dá tudo nesse chão / Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos

(Gonzaga & Zé Dantas, 1953, *sic.*)

Em seu idoleto¹³³, Gonzaga & Dantas (1953) apresentam as súplicas do povo nordestino. A canção coloca de forma clara as dificuldades vivenciadas por estes atores que são as constituidoras, em parte, dos motivos que fundamentam o migrar daquele povo em busca de melhores condições de vida. Todavia, a prece declamada também apresenta outra face. Apesar da evidente necessidade ajuda, a qual, sua inexistência se estabelece como uma sentença para morte, o auxílio também se mostra como degradante para aqueles que o recebem. É, por assim dizer, semelhante a confirmação de uma incapacidade de sobrevivência própria que, apesar de não ser fruto da aptidão dos indivíduos, afeta-os em diferentes níveis.

A este modo, a poesia do Rei do Baião e do parceiro musical, Zé Dantas, evidencia, a seu modo, o sentimento expresso por Arendt (1943/2016). A necessidade de suplicar por auxílio, de ser ajudado, acaba por produzir uma situação constrangedora ao ator, que arrasta o indivíduo para os holofotes, para a exposição, a trazer a este um sentimento de não pertencimento a nenhum lugar, tanto o de origem como o de habitar atual (Arendt, 1955/2018). Não é, contudo, ingratidão, mas uma suplica para que o auxílio fornecido não seja apenas a visar saciar uma carência momentânea, mas como forma de estruturar o indivíduo para que este consiga superar as dificuldades impostas pela situação que vivencia e a possibilidade de (re)conquista de sua liberdade e autonomia (Arendt, 2003; Munck & Zimmermann, 2008).

Os autores de *Vozes da Seca* (1953), nesta e em inúmeras outras canções – como vários outros compositores, escritores e poetas –, e o desabafo de Arendt (1943/2016), apresentam-se como uma voz que se levanta, a se mobilizar (Cefai, 2017b), em nome daqueles que assim como eles em um determinado momento, encontram-se destituídos do poder de fala (Breviglieri & Stavo-Debaugé, 2004). Publicitam um problema que, até então, era visualizado apenas por alguns poucos e, assim, fornecem-lhe visibilidade de modo a chegar ao alcance do conhecimento de um maior número de indivíduos, a torná-lo, deste modo, público e permeado por um caráter político (Dewey, 1922/2014; Park, 1922, 1927). Buscam, não apenas levar a

¹³³ Escrita da língua da maneira como é falada no uso particular dos indivíduos.

problemática ao conhecimento público, mas produzir sensibilização, envolvimento e, conseqüentemente, gerar mobilizações em favor do tema publicitado e compreendido como problema público (Cefai, 2019; Park & Burgess, 1922).

O *status* fornecido ao indivíduo em situação de migração forçada institui, portanto, além de classificação normativa que lhe concede direitos, uma caracterização específica que, concomitantemente, auxilia-o, como, adentro a individualidade de cada *ser*, degrada-o. Produz a identificação legal da situação a qual os atores se encontram e um (re)conhecimento e uma (re)constituição do próprio *ser* perante *si mesmo*, a sociedade de origem e a de acolhimento. Contudo, apesar dos elementos negativos carregados por esta, mostra-se de extrema necessidade na proteção e manutenção dos direitos fundamentais inerentes a pessoa humana.

5.5.2 Migrações Espontâneas

Para os migrantes, qualquer sofrimento parecia menor do que o que tinham acumulado ao longo das suas vidas. E tinham a esperança de uma vida melhor [...]
(Villa, 2017, p. 43)

Adentro as **migrações espontâneas**, ou **voluntárias**, os (i)migrantes¹³⁴ são divididos, assim como na própria classificação das migrações, em dois principais grupos: (i)migrantes internacionais e internos. A diferença primordial entre estes dois grupos, já apresentada, será evidenciada pela transposição das fronteiras. Enquanto os internos se deslocam adentro ao território de origem – mesmo que a cruzar as divisões regionais, limites de municípios, distritos ou estados federados –, os internacionais se caracterizam pelo facto de realizarem o atravessar das fronteiras internacionais, entre seu país de origem ou residência habitual, com outro Estado, no qual visam estabelecer residência por tempo determinado ou não. As fronteiras transpostas

¹³⁴ Neste ponto, cabe ressaltar que, no geral, «[...]“imigração” e “emigração” referem-se aos deslocamentos internacionais e à permanência no país de destino. Em contraposição, o termo migrante, por muitas vezes, é utilizado para denominar aquele que se desloca em espaço circunscrito a um território nacional. “Migrante interno” ou “migrante nacional” também são expressões utilizadas, mostrando como este termo tende a compor um conjunto com os dois anteriores. Desse modo, os termos apresentados até aqui se complementam: por um lado estão os “imigrantes” e “emigrantes internacionais” e, por outro, estão os migrantes internos» (Museu da Imigração do Estado de São Paulo [MI], 2019, *e.l.*)

podem ser entre países vizinhos, quando os limites entre um território e o outro são delimitados por linhas convencionadas entre as partes acerca da abrangência territorial de cada Estado, ou de países que não fazem fronteira direta entre eles, quando há, entre o lugar de origem e destino, outros territórios ou mares¹³⁵. Cabe frisar que, em ambas as possibilidades, o local de partida poderá ser o de origem ou residência atual do migrante, a configurar, nesta última, uma segunda migração.

Às composições das migrações, no que tange a espacialidade, estabelecem-se subclassificações adentro as tipologias que se aplicam as migratórias internas e internacionais. Estas, caracterizam-se conforme os limites e fronteiras, das localidades, municípios, cidades, distritos, regiões – geográficas e/ou económicas – e Estados, transpostos pelos indivíduos ao se deslocarem. O (i)migrante, do mesmo modo, será classificado consoante as especificidades que concedem ao seu percurso migratório as características tipológicas que definem sua migração. Assim, inicialmente será classificado como um (i)migrante, interno ou internacional; inter ou intra, regional ou continental.

Após isto, serão categorizados adentro aos fatores de motivação e incentivo que produziram o deslocamento. Neste contexto, emergem classificações tipológicas que interagem entre si e instituem o (i)migrante, interno ou internacional, como: (i)migrante económico; estudante (i)migrante; (i)migrante trabalhador; (i)migrante aposentado; (i)migrantes sem qualificação; (i)migrantes qualificados; (i)migrante pendular; (i)migrante de retorno; e, os (i)migrantes por causas pessoais não justificáveis, entre outras. Destas, ainda emergem novas subclassificações, interrelacionadas as motivações e incentivos que levam ao partir, e vinculadas aos aspetos socioeconómicos que envolvem cada indivíduo. Os objetivos – então visados pelo indivíduo em processo de deslocamento migratório –, os fatores motivadores, a

¹³⁵ Cabe ressaltar que, a transposição de fronteiras entre países vizinhos não precisa, necessariamente, ocorrer por via terrestre. Apesar de ser comum, ao apresentarem reportagens sobre o problema dos refugiados, a média publicitar imagens das fronteiras terrestres fechadas, o atravessar fronteiriço pode ser realizado por outros meios, mesmo entre países vizinhos. É possível, *e.g.*, que um nacional português emigre para a Espanha sem transpor as demarcações terrestres que limitam o espaço territorial destes Estados, a realizar a sua migração via a ponte aérea Lisboa-Madrid. De mesmo modo, é possível que um migrante realize o seu deslocamento entre países não vizinhos por via terrestre, apesar de ser mais rápido o deslocamento aéreo, *e.g.*, a realização de ato de migrar por um nacional português que, a se deslocar para Luxemburgo, resolve realizar o trajeto de carrinha, de modo a lhe ser possível levar consigo um número maior de pertences. O mesmo pode ocorrer no contexto das migrações internas, a depender, logicamente, da amplitude de seu território de origem, que possibilitará o deslocamento tanto por terra como por ar, *e.g.*, Lisboa-Porto ou Fortaleza-Porto Alegre. Assim como, um migrante pode percorrer longas distâncias sem, contudo, transpor as fronteiras de seu país, enquanto outro, podem realizar esta transposição por meio de distâncias, relativamente, mais curtas, como exemplificado na Nota de Rodapé nº 110, p. 237.

qualificação profissional e situação socioeconómica do (i)migrante, acabam por exercer influência em sua categorização.

Em primeiro, é preciso analisar os fatores de **motivação** que levam o indivíduo a concluir que o lugar de habitação atual não lhe proporciona condições adequadas a sua subsistência ou a satisfação pessoal que almeja. Sua motivação, pode ser justificada por **fatores atrativos** em relação as possibilidades de se desenvolver no local de destino, *pull*, ou de **repulsão**, *push*, quando não considera seu local atual como propício para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Nesta última, não há uma obrigação ou temor como nas migrações forçadas que o obrigue a partir, mas o resultado de uma reflexão pessoal acerca de diversos fatores (económico, políticos, socioculturais e pessoais) que acabam por causar no indivíduo um sentimento de aversão, repulsa, sobre seu local atual, a caracterizá-lo inadequado para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Do mesmo modo, vale ressaltar que, em relação ao ator que se desloca por fatores de atração, não significa que seu local, essencialmente, lhe produza repulsa. Os atores podem possuir condições e *status*, políticos e socioeconómicas, razoáveis em seu local de origem, contudo, podem objetivar galgar patamares maiores economicamente ou serem motivados por outros **fatores pessoais**, como o desejo de viver em outro lugar, adentro ou fora de seu país de origem ou residência, não justificado por objetivos específicos, tais como melhoras económicas, qualificação profissional, entre outros.

O **(i)migrante económico**, como o próprio nome enfatiza, caracteriza-se pelo indivíduo que se desloca com destino a outro local motivado por fatores económicos. Os objetivos planeados podem ser relacionados, de forma específica, a busca por emprego na área de atuação ou fora dela, a execução de determinados trabalhos ou a implementação, desenvolvimento e execução de uma atividade empreendedora específica. Em um aspeto geral, todos buscam um objetivo comum: melhorar seu *status* económico. Adentro a esta subcategoria, o migrante será classificado quanto a **atividade económica que desempenhava e a que visa desempenhar/desenvolver**, ou não, e em relação a sua **condição socioeconómica**, ambas a ter em conta tanto o lugar de origem como o destino. Estas, irão fornecer uma categorização socioeconómica do migrante. Apesar do fator económico exercer influência sobre quase todos os migrantes espontâneos, este relaciona-se de forma intrínseca com o migrante trabalhador.

Desta forma, no que tange em **relação ao trabalho e a atividade económica**, o ator em

migração será classificado, de forma inicial, como um migrante trabalhador, a ser *qualificado*, quando se dirige a outro local a visar ocupar cargos que exigem altas qualificações – *e.g.*, professores do ensino superior¹³⁶ e profissionais de quadro técnico altamente qualificados, como engenheiros e programadores, entre outros – ou *indiferente*, ou *sem qualificação*, nas situações em que exercerá atividades laborais de baixa ou nenhuma exigência formativa – *e.g.*, trabalhadores da construção civil, serviços domésticos ou atendimento de mesas¹³⁷ –; ou, *migrante empreendedor*, nas situações em que o migrante visa desenvolver atividades económicas próprias no local de destino¹³⁸. Contudo, é preciso ressaltar, e já aqui afirmado, a qualificação profissional ou os objetivos propostos pelo migrante não se instituem, em nenhum momento, como garantias de que, este, irá exercer a função visada. Em muitos casos, indivíduos altamente qualificados acabam por exercerem atividades laborais de baixa ou nenhuma exigência formativa por força de impeditivos burocráticos, pressões económicas ou outros fatores¹³⁹. Outros, migram com o objetivo de exercer a atividade que executavam em seu lugar de origem, mas, para isto, veem-se obrigados a empreender – mesmo que de modo informal –, a mudar, desta forma, seu *status* migratório¹⁴⁰.

Os indivíduos podem, também, decidir se deslocar para outro local com o objetivo de adquirir, aumentar ou aprimorar suas qualificações e formações. Os chamados **(i)migrantes estudantes** partem, então, de modo a poderem frequentar instituições de ensino em outro local. As durações de suas estadias no lugar de acolhimento podem ser curtas, de modo a não configurar, como já verificado, uma efetiva migração, ou, apesar de com tempo determinado, permanecerem por um longo período, a se caracterizar, deste modo, como migração. Estes migrantes podem partir já com o plano estabelecido de se dedicarem, exclusivamente, aos estudos ou a desenvolverem estes de forma parcial, de modo a executarem, em simultâneo, alguma atividade laboral, a modificarem, assim, o status migratório para **(i)migrante trabalhador-estudante**. Da mesma maneira, o inverso, também poderá ocorrer. Ou seja, o caso de um imigrante trabalhador decidir cursar, paralelo as atividades laborais, algum curso de formação profissionalizante ou superior¹⁴¹.

¹³⁶ *E.g.*, objeto de observação FRA-TMIR-01.

¹³⁷ Como os objetos BRA-TMIR-03, BRA-TMII-01 e BRA-TMII-02.

¹³⁸ Exemplo, objeto CPV-TMIE-01.

¹³⁹ *E.g.*, objeto BRA-TMIR-01.

¹⁴⁰ *E.g.*, objeto BRA-TMIR-03.

¹⁴¹ *E.g.*, BRA-TEIM-01.

Outra possibilidade adentro a esta subdivisão tange acerca dos chamados **(i)migrantes reformados**, ou **aposentados**. Indivíduos que, ao final de suas carreiras profissionais desenvolvidas no local de residência ou origem, e com a chegada da esperada e merecida reforma, decidem, apoiados por diversas motivações de *repulsa* ou *atração*, a habitar outro local. Suas motivações podem, evidentemente, serem pautadas de forma positiva ou negativa por questões políticas, económicas, sociais, pessoais, entre outras. Estes atores, em suma, buscam um local que lhes possibilitem o conforto para aproveitar seus dias de descanso ou saciar outros desejos pessoais que carregam. A relação desenvolvida no local, como apresentado a respeito das outras subcategorias até então expostas, pode vir a abrir tanto novas possibilidades profissionais como formativas aos migrantes reformados¹⁴².

Os indivíduos em processo migratório, podem, ainda, serem classificados conforme o **sentido do seu migrar**, a ser de *partida*, quando executam um primeiro deslocamento de seu local de origem para outro de destino; de *retorno*, quando o deslocamento objetiva deixar seu lugar de residência, para o qual haviam, anteriormente, migrado, a visar retornar ao seu local de origem ou residência anterior; ou, de um *novo partir*, quando deixam seu lugar de residência – para onde já havia migrado – ou de origem – caso a este tenha já retornado – para um outro lugar de destino (DaVanzo & Morrison, 1981).

Por último, contudo não menos importante, é preciso dar nota a relação temporal, fator tipológico das migrações, e que exerce, de igual modo, influência nas classificações dos indivíduos migrantes. As subclassificações apresentadas acima podem, evidentemente, serem também atribuídas a alguns tipos de migrações temporárias – como o caso de cursos de curta duração, nos quais, os indivíduos também exercem trabalhos laborais –, todavia, um aspeto já mencionado merece nova menção.

As ditas **migrações pendulares** são caracterizadas por indivíduos que se deslocam, de forma diária, de um determinado local com direção a outro com o objetivo de cumprir responsabilidades laborais ou estudantis. Apesar de ser uma definição simples, é preciso ressaltar um ponto importante. É comum relacionar a migração pendular a deslocamentos regionais¹⁴³, nos quais os indivíduos, diariamente, movem-se de uma localidade, distrito, cidade

¹⁴² O caso, *e.g.*, do objeto BRA-EIM-01, que realizou o deslocamento migratório por força da aposentaria, contudo, ao adentrar Portugal e realizar passeios turísticos pelas universidades portuguesas decidiu, com 71 (setenta e um) anos, aplicar sua candidatura e, aprovado, matricular-se em um curso de Mestrado.

¹⁴³ Como o realizado pelos objetos PRT-TMN-07, PRT-TMN-11, PRT-TMN-12 e UKR-ENL-01.

ou região, para outra, a passar parte do dia nesta de modo a exercer as atividades que o motivaram a isto. Mas, vale lembrar, este movimento também pode ser realizado internacionalmente, quando o ator transpõe, todos os dias, as fronteiras e limites entre dois países – *e.g.*, o movimento recíproco realizado por inúmeros residentes nas cidades próximas aos limites territoriais de Luxemburgo, Alemanha, Bélgica e França – para estudar ou trabalhar.

É possível observar, conforme exposto, que as classificações tipológicas exercem influência não apenas sobre as definições do processo migratório, mas, fundamentadas nos fatores que fornecem as estruturas tipológicas que caracterizaram as migrações, instituem, também, uma classificação sobre os indivíduos. Todavia, a complexidade do fenômeno, e de todo o contexto social ao qual se envolve, não se mostra possível estabelecer uma definição única para o migrante estruturada apenas nas diretrizes que diferenciam os tipos migratórios. Outros aspectos, para além dos envolvidos nas tipologias, exercem, de igual modo, forças sobre a constituição deste *ser*, do *status* a ele estabelecido e sobre sua própria identidade.

PARTE III

—

MORTE E VIDA SEVERINA

CAPÍTULO VI

—

PARTIR

6 DO LATIM, *PARTIRE*: DO SENTIR, *RELINQUERE*

[...]

*Que a música que ouço ao longe
seja linda ainda que tristeza
que a mulher que amo seja pra sempre amada
mesmo que distante
pois metade de mim é partida
a outra metade é saudade.*

[...]

(Trecho da canção, *Metade*, de Montenegro, 1989)

O início da odisséia migratória não ocorre apenas com o ato de partir, mas, efetiva-se por meio deste. Desenvolve-se, antes do concreto deslocar, um processo reflexivo sobre as possibilidades que envolvem a decisão. Ao se pensar no processo migratório, é normal encontrar a compreensão, como afirmado anteriormente, de que apenas os indivíduos que realizam a migração voluntária desenvolvem um processo reflexivo prévio responsável por definir entre o permanecer no local atual ou partir em direção a um *novo lugar*. Todavia, o processo de reflexão sobre *se colocar ou não em deslocamento*, apresenta-se também na migração forçada. Nestes casos, o que diferencia a escolha destes indivíduos é, na verdade, o nível da reflexão realizada para se tomar a decisão.

Para alguns, a escolha é permeada por *fatores socioculturais*, como àqueles pertencentes a sociedades com histórico migratório em direção à algumas regiões e, desde a gênese da infância, são moldados a normalidade desta condição. Outros, serão motivados por mudanças no *espaço-tempo* em que habitam, como alterações ambientais, econômicas, políticas, sociais, entre outras. Modificações que podem ocorrer de forma gradativa, tal como mudanças climáticas e saturação do mercado de trabalho, a levarem os atores a refletir sobre a possibilidade de partir visto a permanência naquele local tornar-se inviável. Ou, ainda, repentinas, devido a desastres ambientais, fatores políticos extremos, conflitos armados, *e.g.*, em que a decisão por *partir* ou *ficar* deve ser tomada em pouco tempo.

Por tal modo, mesmo quando ocorre a migração forçada em massa de refugiados, é possível encontrar indivíduos que resolveram permanecer por motivos diversos. Alguns devido a incapacidade física pessoal e/ou de algum parente próximo, por questões de afeto com o local, crença sobre a transitoriedade da situação, vínculos culturais e de identidade, entre outros (Mortreux & Barnett, 2009). O processo reflexivo, portanto, mostra-se presente em todas as variações migratórias.

Neste aspeto, o debate existente reside no facto de que enquanto alguns possuem amplo tempo de reflexão e escolhas variadas, para outros a decisão entre *permanecer* e *partir* deve ser tomada em um curto espaço temporal e as opções, muitas vezes, resumem-se em incertezas, entre permanecer a mercê do sofrimento e risco de morte ou seguir uma jornada com pouco ou nenhum planeamento. Desta forma, o que deve ser questionado nestas situações não é a presença ou ausência de reflexão sobre o *partir*, mas, a assumir a existência de um processo reflexivo mínimo, o que e/ou quais fatores induzem os indivíduos a seguir viagem ou, principalmente, permanecer nestas situações de risco iminente a vida?

Em retorno ao migrar como algo voluntário e de ampla reflexão, inúmeras influências recaem sobre os atores durante o processo decisório entre *partir* e *permanecer*. *Partir*, mostra-se não apenas como o ato de seguir em direção a *outro lugar*, mas, concomitantemente, em *deixar* uma vida para trás (Breviglieri, 2010). Ao procurar a origem terminológica do termo latino, é comum encontrá-lo relacionado a outro, *relinquere*, o qual carrega consigo o significado de *deixar*, *largar*, *renunciar* (DICIO, 2022g). O *partir*, apresenta-se também como *abandonar*. Aquele que se coloca em migração, além de buscar um *novo lugar* para se estabelecer, *deixa para trás* todo um universo relacionado a *sua* existência pregressa, ao *seu* lugar, a *sua* cultura (Breviglieri, 2010; Lara, 2023). Desta forma, o ato de *partir* é também permeado por outro processo, o *desenraizamento* (Bernard, 2002). Este, caracterizado pelo uso do possessivo *seu/sua* – que apresenta uma ligação de posse (Fiorin, 2010) –, marca o rompimento de uma relação de *pertencimento do ser* com algo que acredita próprio, ou propriedade, de *si mesmo*. Uma espécie de espoliação que leva os atores a se desfazerem de tudo em prol da migração (G. d. M. Gomes, 1987/1990) e, a transcender os limites dos valores materiais, invade ao âmago de cada indivíduo. O *relinquere* é, assim, o preço a ser pago pelo *partir* na busca por uma vida mais digna.

6.1 A PLURALIDADE DOS ATOS E LUGARES-COMUNS

As associações imigrantes das mais diversas naturezas exercem um papel importante tanto na transmissão de informação e no apoio aos que chegam, passam ou partem, quanto na reivindicação coletiva dos direitos dos imigrantes e de maiores possibilidades de conquistas dos mesmos.
(M. d. O. Santos, 2010, pp. 214–215)

Normalmente, os indivíduos ao iniciarem o planejamento do migrar, utilizam-se das *redes de informações e apoio* para estruturar este processo. Em grande parte, estas são responsáveis não apenas por fornecer as diretrizes para a execução do deslocamento migratório, como também por estimular a migração de certos grupos com destino a localidades específicas. O histórico migratório em direção a determinados locais de atores que partilham em comum a origem, leva a consolidação deste local como objetivo a ser seguido.

Desta forma, estas redes funcionam, primariamente, como *sistema de transmissão* em que são informados os caminhos que se deve percorrer e apresentadas imagens do objetivo a ser alcançado. Munidos deste arcabouço, os indivíduos desenvolvem as próprias representações sobre o local destino, os trajetos que levam a ele e o *outro* que lá já habita, as quais, na maioria das vezes, não se mostram fidedignas a realidade por razão dos vícios presentes tanto na transmissão quanto na interpretação dos dados captados pelos atores e que levam as imagens transmitidas um aspeto translucido (Resende & Souza, 2019b).

A influência produzida pelas *redes de mobilização* nos indivíduos que planeiam migrar, inicia-se pela instituição do *partir* como projeto de vida e possível solução aos problemas infligidos na terra de origem. Os diversos fatores motivadores do *partir*, sejam eles sociais, políticos, económicos, culturais, pessoais, entre outros, a atuarem de forma inter-relacionada, conduzem os atores a prospeção da possibilidade de seguir rumo a *outro lugar*.

Em alguns casos, em geral nas sociedades que desenvolvem o costume migratório direcionado a algumas regiões, a prospeção do partir como ideal a ser seguido se institui desde a génese da infância, talhado durante toda a existência e que leva os atores a ter este ato como uma etapa normal de suas vidas (Sayad, 1991/1998). A migração, apresenta-se para estes com naturalidade por força de certa familiaridade que possui em relação ao contexto pessoal e sociedades. É, por assim dizer, apenas mais um ciclo habitual a existência coletiva comum, algo

que faz parte, necessário e o caminho certo a se seguir. Em parte, o lugar destino deixa de ser uma terra estrangeira e apresenta-se como extensão do local de origem. A história pessoal dos indivíduos passa a contar com uma semelhança natural própria de seu contexto, o qual pode ser territorial ou, inclusive, relacionado à experiência migratória em si. Tal como poetizado na canção *Fotografia 3x4* de A. C. Belchior (1976b), em que relata o deslocamento dos nordestinos com destino à São Paulo, o migrar dos atores apresentam certas similaridades.

[...]

A minha história é, talvez / É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte, que no sul viveu na rua / E que ficou desnorteado, como é comum no seu tempo / E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo / E que ficou apaixonado e violento como, como você [...] (A. C. Belchior, 1976b, *sic.*)

Em retorno à genuinidade de pertencimento adquirida pelo *outro espaço* na vida dos atores, é possível regressar ao já citado caso do jovem argelino Mohand, apresentado por Sayad (1991/1998), para o qual o ato de migrar para a França se mostrava algo natural ao ponto de que, para este, àquela não parecia uma terra estrangeira, mas uma aldeia próxima, apenas um pouco mais longe. O local para o qual o inato ciclo da vida encaminhava todos de sua origem. Um lugar «[...] onde se encontra toda a aldeia, onde estão reunidos todos os parentes, tios paternos e tios maternos» (p. 32), onde encontrar-se-ia, diferente da aldeia, «[...] como se estivesse em uma bairro de Argel [...]» (p. 32) na companhia de todos os parentes.

A naturalidade construída pela necessidade de migrar, conduz a normalização do partir de determinados indivíduos, que compartilham pontos em comum – como origem, etnia, entre outros –, em direção a localidades específicas. Para estes atores, ainda em sua origem, o estar neste *outro lugar* normalizado não seria diferente do estar na terra de origem, apenas um pouco melhor. Seria semelhante a estar em «[...] uma aldeia vizinha; aquele que chega sabe onde ir, sabe o que o leva lá; vendo-o, todos sabem na casa de quem ele vai; espera-se que ele tenha chegado e todos podem convidá-lo» (Sayad, 1991/1998, p. 32). Observa-se, assim, uma naturalização de um *migrar comum*, que normaliza o ato de partir dos atores não apenas para a sociedade de origem e para *si mesmo*, como também para aqueles que já estão no *outro lugar*.

Compreende-se, desta forma, uma espécie de *regime do comum aos comunais*, aos que pertencem a determinada comunidade. A origem comum – o lugar, a comuna, aldeia, bairro, cidade, região e/ou situação –, nestes casos, traduz-se em um tipo *comuna da dor*, na qual movidos pela *comunnis dolor*, uma *dor comum*, os indivíduos se colocam em deslocamento em direção a outro *locus communis*, ou seja, a outro *lugar-comum*. A transmissão desse *lugar-comum*, realiza-se, primeiramente, no próprio processo de formação dos atores como *seres* individuais e membros do corpo social. Um processo histórico-social, que forma o *ser* como indivíduo por meio das inter-relações sociais que este desenvolve adentro a rede, na qual cada *ser* é considerado um nó desta estrutura (Bonin, 1998/2014).

Desde o nascimento, os indivíduos pertencentes a estas estruturas sociais moldadas por gerações, são instruídos e disciplinados acerca da necessidade de migrar (Bonin, 1998/2014). Crescem a ver outros indivíduos a partir e, com isto, o ato de deixar o conhecido com destino ao (des)conhecido acaba por adquirir certa naturalidade, torna-se a certo modo, um *habitus social* (Elias, 1987/1994), comum àquela sociedade e, portanto, considerado pelos indivíduos como algo normal. Uma normalidade que leva ao desconhecido um semblante de conhecido. É, desta forma, um conhecido desconhecido. Um espaço (des)conhecido, que o *ser* (des)conhece pelo facto de ainda não estar lá, mas, concomitantemente, (re)conhece, pois pertence a constituição de lugar próprio pessoal com tamanha profundidade que se assemelha ao próprio conhecido de origem. Crescem a ver que a terra de origem não é ruim para se viver quando já possui os meios de subsistência, contudo, não permite que estes sejam nela adquirido (Breviglieri, 2001). É preciso partir. Semelhante ao relato de Mohand, «todos aqueles que têm dinheiro, todos aqueles que fizeram alguma coisa, que compraram, ou construíram, foi porque tinha o dinheiro da França» (Sayad, 1991/1998, p. 29).

A migração, realizada por gerações com destino ao mesmo local, incrusta-se na essência do *ser* e se torna algo instintivo. Semelhante as realizadas por outras espécies, transformam o *outro lugar* em um *espaço domiciliar* próprio e a utilização repetitiva dos mesmo caminhos como *rotas migratórias* típicas (Burt, 1943; Morrison, 1973/1993). Estes espaços e rotas, sustentam-se por meio das *redes de informações*, nas quais os atores que já realizaram o trajeto apresentam representações pessoais sobre todo o processo migratório a outros que ainda não se encontram naquele local.

Esta transmissão, realiza-se pelo compartilhar da experiência daqueles que partiram e retornaram ou ainda permanecem e mantém ativo o contato com a origem. Quando em retorno, permanente ou apenas em visita, a própria imagem do *eu* (re)constituído no novo lugar se torna uma representação das possibilidades existentes naquele local, construídas por aqueles que ficaram e fundamentadas na imagem do *eu*, agora um *outro*, que retorna. Semelhante a representação conduzida ao leitor por João Guimarães Rosa, no clássico romance “*Sagarana*” (1946/2012), sobre a vida construída pelo personagem Turíbio Todo em outras terras após sua fuga. Seu retorno, é marcado pela representação que sua imagem transmite àqueles que o veem chegar, assim como, é o momento oportuno para propagar as vantagens do outro lado.

Turíbio Todo soube da boa notícia, por uma carta da mulher, que, agora carinhosa, o invocava para o lar. Ele tinha ganho já bons cobres, e a carta acabou de o convencer: comprou mala, comprou presentes, pôs um lenço verde no pescoço, para disfarçar o papo; calçou botas vermelhas, de lustre; e veio.

Saltou do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo.

[...]

Por que é que uns como você não vão também trabalhar lá? Podiam ganhar dinheiro, aprender a viver. Isto, por aqui, não é vida, é uma miséria-magra de fazer dó!... Se você quiser ir, eu explico tudo direito, te ajudo com dinheiro, até. (pp. 145–147, *sic.*)

Em alguns casos, também se desenvolve por meio das histórias e lembranças compartilhadas pelos atores que nunca partiram sobre outros que foram e não voltaram. O regresso dos atores, em muitos casos, ocorre devido a conclusão de uma etapa/objetivo, seja na glória ou na derrota. Enquanto nenhuma destas é confirmada e o ator ainda permanece em terras estrangeiras, seu caso é considerado por aqueles que ficaram como vitorioso.

As histórias sobre o *partir* e o local destino, tornam-se a normalidade e passam a fazer parte do processo social formativo dos indivíduos. Semelhante ao relato do jovem argelino

Mohand ao comentar sobre a presença da França na aldeia de origem, apresentado por Sayad (1991/1998), o *outro lugar* se transforma no assunto principal de todos os momentos.

Mesmo nas conversas, do que falam todos os homens do aldeia? Da França! Os antigos da França repetem suas lembranças ... Os que estão "de folga" falam da França, no meio de sua aldeia eles acham que ainda estão na França; os jovens que estão à espera de partir sonham com a França. Só se ouve falar da França: a França é assim, a França é assado; parece que na França é assim; ou que fulano na França disse isso ou aquilo; faz isso ou aquilo; comprou um táxi [ou seja, um carro; neste sentido, o termo francês *táxi* se opõe a caminhão], uma moto e assim por diante ... Nossa aldeia é uma aldeia “comida” pela França; ninguém escapa.

(p. 32, *sic*)

Desta maneira, torna-se perceptível que a constituição e instituição do ato de *partir* como projeto de vida nos indivíduos não se valida apenas com a ação de *partir*, mas resulta de múltiplas composições. Na pluralidade compositória do ciclo migratório do *migrar comum*, o *partir* se efetiva pelas influências exercidas pelas experiências transmitidas do ato de *retorno* daqueles que voltaram em visitas temporárias, de modo definitivo com recursos para estruturar modestamente sua subsistência familiar, pelas notícias transmitidas pelos que se encontram no *outro lugar-comum* ou, ainda, pelas histórias contadas por àqueles que permaneceram sobre os que partiram e nunca voltaram. Constitui-se, assim, uma *rede de transmissão de informações*, na qual os atores se mobilizam em prol do deslocar (Cefai, 2007, 2009, 2017a; Cefai & Lafaye, 2001).

Outrora, estas informações eram transmitidas pelos correios, semelhante ao Postal dos Correios cantado em canção pela banda portuguesa Rio Grande (Monge & Gil, 1996) ou, semelhante a trova entoada por Belchior, já citada em epígrafe, *notícias de terra civilizada*, veiculada através do rádio, que «[...] entram no ar da passarada e adeus paz [...]» (A. C. Belchior & Mello, 1993). E assim, tal como o relato apresentado por Sayad (1991/1998), adentram a composição óssea do *ser* e «uma vez que você enfiou essa idéia na cabeça, acabou, não sai mais da mente; para você acabaram os trabalhos, acabou a vontade de fazer outra coisa;

não se vê outra solução a não ser partir» (p. 29, *sic.*). A partir deste momento, é seguir o sonho em busca de uma vida melhor. Sem planos de retorno a curto prazo, um «[...] bilhete só de ida da fazenda pro mundão» (A. C. Belchior & Mello, 1993). Colocar-se a caminho do (des)conhecido, a abandonar o mundo que (re)conhece e tudo que nele está. «Seguir sem mulher nem filho / Ó, brilho cruel do trilho do trem que sai do sertão» (A. C. Belchior & Mello, 1993, *sic.*). Partir, a deixar apenas o vazio da solidão de sua ausência em uma terra esvaziada pelo os que se foram (Sayad, 1991/1998).

Os que seguem na busca pelo sonho de se estabelecerem no nirvana, nos casos do *migrar comum*, partem com uma incumbência a eles conferida por aqueles que ficaram: notícias. Como poetizado na música de Milton Nascimento, é preciso mandar «[...] notícias do mundo de lá [...]» (M. Nascimento & Brant, 1985), dizer quem ainda permanece e como estão. A missão, portanto, não é apenas transmitir informações sobre o *outro lado*, mas, inconscientemente, manter ativa a mobilização. As *redes de informações*, por tal modo, apresentam-se, também, como *dispositivos mobilizacionais* responsáveis por estimular os atores a realização do ato migratório.

O movimento do *migrar comum*, embora conte no geral com mais partidas que retornos, compõe-se por um “vai e vem” de sonhos, recursos, informações e indivíduos. É, tal como na obra acima mencionada, constituída por um movimento rotineiro, o qual, por si só, transfigura-se como a própria essência local.

« [...] Todos os dias é um vai e vem / A vida se repete na estação / Tem gente que chega pra ficar / Tem gente que vai pra nunca mais / Tem gente que vem e quer voltar / Tem gente que vai e quer ficar / Tem gente que veio só olhar / Tem gente a sorrir e a chorar / E assim chegar e partir / São só dois lados da mesma viagem / O trem que chega é o mesmo trem da partida / A hora do encontro é também despedida / A plataforma dessa estação / É a vida desse meu lugar [...]» (M. Nascimento & Brant, 1985, *sic.*)

Partir nesta jornada, mostra-se como jogar-se em um mar de incertezas. Os planos de podem ser alterados durante a expedição, como a permanência em determinado local planejado

inicialmente ou nunca mais voltar, como o brasileiro Rodolfo (2019)¹⁴⁴, que imigrou para a França, mas acabou por seguir depois para Portugal, onde se estabeleceu. Do mesmo modo, alguns que partem com o objetivo de um dia retornar com recursos para construir uma vida melhor no local de origem, podem se estabelecer de modo permanente e não retornar. A exemplo da imigrante brasileira Clarice¹⁴⁵, que seguiu para terras lusitanas com o objetivo de trabalhar por cerca de dois a três anos, guardar recursos e, então, retornar para (re)construir sua vida na terra natal. Por fim, estabeleceu-se de modo definitivo em Portugal, onde reside há mais de vinte e cinco anos. Outro exemplo, é o de Enila (2020), a qual entre idas e vindas a terra de origem, passou por três países e retornou ao primeiro duas vezes. Um deslocar movido por sonhos, lágrimas, saudade e sorrisos.

O comboio, que outrora se apresentava como o principal meio de locomoção utilizado no partir, memorado nas trovas mencionadas e na obra de Sayad (1991/1998), deu lugar ao transporte aéreo. De maneira similar, os serviços dos correios e as transmissões radiofônicas, que levavam informações aos atores entre o destino e a origem, a acompanhar a evolução tecnológica, foram suplantados por outras formas de comunicação. Primeiro, pelas ligações telefônicas, depois, com o advento da *internet*, pelas comunicações através das redes sociais.

Hoje, tal como dantes, uma translúcida imagem mantém a mobilização migratória em prol do partir ativa. Uma rede que incentiva e fornece auxílio aos que pretendem migrar (Padilla, 2005b). Todavia, a imagem muitas vezes transmitida pelas redes sociais leva a compreensão ilusória de beleza em que «[...] tudo é divino, tudo é maravilhoso» (A. C. Belchior, 1976c), porém, a representação construída sobre o nirvana nem sempre se confirma. A distorção das imagens, tende a tornar mais amarga a terra de origem quando cogitado o migrar, assim como, a embelezar o destino antes de lá estar (Sayad, 1991/1998). Porém, semelhante ao poetizado por Belchior, «[...] o sol não é tão bonito para quem vem do norte e vai viver na rua» (A. C. Belchior, 1976b).

Para além das migrações motivadas por fatores sociais, económicos, políticos, culturais, entre outros, é preciso apontar uma motivação pouco mencionada na literatura científica e que aqui já fora apontada em alguns momentos. Adentro as motivações pessoais, existe outra leva de migrantes que partem movidos por fatores cuja explanação apenas se apresenta possível, ou

¹⁴⁴ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMIR-02 (Rodolfo, 2019).

¹⁴⁵ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMIR-04.

pelo menos traduzida de melhor forma, através dos versos de poetas. O amor próprio, pelo *outro* próximo ou dos corações enamorados, mostra-se como o *leitmotiv* do deslocar de determinados atores rumo a outras paragens. Semelhante ao trecho da epopeia satírica *Don Juan*, de Lord Byron (1819-24/2023), mesmo que o *espaço-tempo* de residência atual possa ser considerado satisfatório, este perde sua beleza frente a impossibilidade de viver a plenitude do amor, seja ele próprio ou do próximo, e conduzem os indivíduos a partir de modo a vivenciar suas paixões.

Perfeita, sim – porém, a perfeição

É bem insossa, em nosso mundo pífilo,

Onde a mãe Eva e o nosso Pai Adão

Pra aprender a beijar, foram pro exílio,

Abandonando a paz e a quietação

(Que tédio imenso, aquele paraíso)

[...] (p. 38, *sic.*)

Partem em uma busca que não se encontra justificada na construção de uma melhor vida económica, mas na necessidade de uma felicidade pessoal amparada por um sentimento de completude pessoal. Alguns, a exemplo da imigrante Enila (2020), deslocam-se movidos pela procura de um nirvana que creem em algum momento poder encontrar. Com destino ainda indefinido, seguem movidos pela esperança. Outros, semelhante a imigrante colombiana Patrícia (2019)¹⁴⁶ ou aos brasileiros Cássia¹⁴⁷, Valdir (2020)¹⁴⁸ e Norbeto¹⁴⁹, movem-se motivados por laços afetivos, com o objetivo de permanecerem juntos de seus cônjuges em Portugal. Patrícia, seguiu para o país a objetivar estar com o marido, um nacional português em retorno, o qual conheceu quando trabalharam juntos no Panamá. Cássia, para permanecer ao

¹⁴⁶ Pseudónimo atribuído ao objeto COL-NAI-01.

¹⁴⁷ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMII-02.

¹⁴⁸ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-EID-01.

¹⁴⁹ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMIR-06.

lado do companheiro Carlos¹⁵⁰, imigrante a tentar a vida no país. Valdir, que para acompanhar a esposa que desejava residir um tempo fora, aproveitou para realizar um curso de doutoramento. Já Norberto, mudou-se para as terras lusitanas para acompanhar a esposa, a brasileira Kiara¹⁵¹, trabalhara-estudante de mestrado.

A influência dos laços afetivos não se apresenta apenas nas relações dos amantes, é também notada nas relações de proximidade afetiva e familiar dos indivíduos. Viviane¹⁵², imigrante brasileira em Portugal, seguiu para o país pelo facto de neste já residir de maneira permanente sua tia, a já mencionada Clarice. Comum também, mostra-se aqueles que ao imigrar levam consigo membros mais jovens da família, como Valdir (2020), Adolfo¹⁵³ e Amara (2020)¹⁵⁴, aos quais acompanharam os filhos. Existem ainda, àqueles que são levados a partir não pela existência de afetividade, mas devido sua ausência ou perda em relação ao *espaço-tempo* de origem. O que pode ocorrer por diversas razões, tais como fatores políticos, económicos, sociais, entre outros. O imigrante brasileiro Roberto (2019) é exemplo disto, o qual devido uma situação de violência vivenciada no Brasil, como já apresentado, decidiu aproveitar as facilidades oferecidas pela aposentadoria e migrar para Portugal, onde resolveu retornar aos estudos e cursar o mestrado: «[...] eu fui agredido no Brasil por um policial militar e isso foi a gota d'água...aí eu chutei o copo literalmente e resolvi: "Vou agora!" [...]» (Roberto, 2019).

Os vínculos de parentesco e afetivos, apresentam-se com enorme importância no processo reflexivo sobre partir. Normalmente, os atores se deslocam para locais onde já residem outros com os quais desenvolve relações de proximidade, tais como parentes, amigos ou conhecidos. As redes de comunicação e auxílio, constituem-se, desta forma, um fator de grande influência no processo reflexivo do ato de partir. Mobilizam os atores não apenas na instituição do ideal de migrar, como oferecem suportes para o desenvolvimento de todo o processo com informações sobre rotas, maneiras de agir no lugar destino, procedimentos para obtenção dos

¹⁵⁰ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMII-01.

¹⁵¹ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TEIM-02.

¹⁵² Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMIR-05.

¹⁵³ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-EID-03.

¹⁵⁴ Pseudónimo atribuído ao objeto AGO-EID-01.

documentos necessários¹⁵⁵ e, em muitos casos, apoio dos indivíduos em sua chegada. Desta forma, atuam também como *dispositivos de mobilização*, utilizados pelos atores para incentivar o partir de outros indivíduos.

6.2 MIGRANTE, UM SER DE COMPOSIÇÕES PLURAIS

O sujeito da diáspora, à diferença de um exilado político expulso de sua própria pátria, nasceu em um país no qual ele se situa simultaneamente dentro e fora, num entre-dois cujas “fronteiras” lhe permitem partilhar a identidade do povo da nação na qual ele existe e manter um “pedaço de si” sempre alhures, no espaço marginal do não lugar. Portanto, a experiência diaspórica se traduz como vivência permanente de estrangeiridade.
(Fuks, 2017, p. 34)

O sujeito migrante é um *ser* de múltiplas composições existenciais, as quais, conduzem-no a uma igual pluralidade de atos. Pré-existe, muito antes da própria existência como *estrangeiro*. Antecede-lhe a presença em *outro espaço-tempo*, onde já experimentava e produzia diversos sentimentos e interações (Breviglieri, 2001). A ação de se deslocar em direção a *outro espaço-tempo* não o desliga do anterior, o que lhe concede uma característica multidimensional pelo facto de existir, por mais que habite a apenas um, em temporalidades e espaços diferentes.

As interações que desenvolve, incidem sobre si inúmeras influências, as quais o levam a transmutar o próprio *ser*, (in)conscientemente, na busca pelo reconhecimento de *si mesmo* como *outro* igual ao *eu*. Estas alterações, fruto da utilização de uma espécie de *dispositivos de acomodação transacional*, afetam o indivíduo em deslocamento e aqueles que, deslocados da própria realidade, são *estranhos* ao próprio mundo. Do mesmo modo, a presença destes acaba por infligir recíprocas influências sobre o *outro* que já habita o *espaço-tempo* em que imergem, a levá-los a sofrer, igualmente, transmutações.

¹⁵⁵ Grupos em redes sociais – e.g., o organizado por Montano *et al.* (2023), denominado *Nossas dívidas – SEF* –, funcionam como uma rede mobilizada em prol do migrar. Adentro a eles, os indivíduos oferecem auxílio uns aos outros e guiam àqueles que planeiam realizar a migração em como proceder para realizar o percurso e cumprir os ditames burocráticos estatais para a obtenção do visto.

Mesmo antes de migrar o indivíduo já apresenta uma face instituída e *status* reconhecido como nacional ou residente. Ao se colocar em migração, adquire nova forma e passa a habitar, concomitantemente, *espaços-tempo* diferentes. No ato de partir, institui-se em relação ao local de origem um *emigrante*, aquele que sai, e, ao chegar, transforma-se em *imigrante*, o que vem de fora. Todavia, sem deixar de ser o primeiro. É, desta forma, duas faces diferentes da mesma moeda (Sayad, 1991/1998). Em síntese, um *ser* em constante (trans)formação que modifica a *si mesmo*, enquanto também altera ambiente e relações.

6.3 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DA MATRIZ

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.
(Woodward, 1997/2020, p. 18)

Ser estrangeiro, apresenta-se como algo que está muito além do simplório *estar fora* do local de origem. É também sentimento, um *sentir-se deslocado*. Compreende, dessarte, um tipo social¹⁵⁶. A pluralidade da experiência do *estranho*, permite-se representar em variados formatos. *O estrangeiro*, em sua multiplicidade, pode, perfeitamente, não se sentir atópico no exterior. Pelo contrário, é possível que desenvolva maior aproximação com o novo local de acolhimento do que de distanciamento em relação ao local de origem. Mesmo assim, ainda poderá ser visualizado como *estrangeiro*, e, portanto, levado a se sentir como tal. Nestes casos, o sentimento do *estranho* denota o facto de que ele, assim como Meursault de Camus (1942/2019), já era *estrangeiro* perante os seus e a *si mesmo*. Semelhante ao relatado pela trabalhadora-estudante Enila, para além da busca por pertencer com *o novo*, em alguns casos,

¹⁵⁶ O conceito de tipo social, pode ser compreendido como um modelo construído a partir de padrões de comportamento, valores e características compartilhadas por indivíduos em determinado grupo ou sociedade. Weber (1922/2009, 1922/2015), descreve o tipo social por meio do conceito de tipo ideal, instrumento analítico que auxilia na compreensão da ação social e das estruturas de dominação, servindo como referência para analisar perfis existentes em uma coletividade. Já Durkheim (1895/2007), considera que o tipo social emerge da divisão do trabalho e das normas coletivas, sendo expressão das expectativas sociais atribuídas aos indivíduos em contextos históricos e culturais específicos. Giddens (1986/2008), por sua vez, amplia o debate ao relacionar tipos sociais a identidades dinâmicas, influenciadas pela globalização e pelo avanço tecnológico, o que demonstra a atualidade do conceito para o estudo das novas formas de pertencimento e papéis sociais.

antecede a ausência do reconhecimento de pertencimento com o próprio local de origem e do *ser* em *si mesmo*.

«Mas talvez não seja o lugar, mas a pessoa que está lá ... [pausa] ... Eu, mas a pessoa eu, [nome omitido], que já viveu... [pausa] ... que já viu o por do sol e o nascer do sol e nunca se sentiu completa de novo até chegar naquele local de novo ou ... [pausa] ... é tão difícil achar esse lugar.»

(Enila, 2020)

Todavia, quando encontra este local com o qual desenvolve maior reconhecimento de pertencimento que em relação ao de origem, não deixa, efetivamente, de ser *estranho*. Continua a se apresentar desta forma, porém, agora e na maioria dos momentos, apenas para os *outros* ou em forma – estrangeiro, imigrante –, raramente, em/para *si mesmo*.

O reconhecimento de pertencimento por *si próprio* e pelo *outro*, portanto, passa por um processo de *transação acomodacional*. Desta forma, não se resume em um simples pertencer nato do indivíduo a determinado espaço, mas de um pertencimento desenvolvido por este em relação a certo *espaço-tempo*. Por tal modo, é perfeitamente possível que em determinado *tempo* o *ser* não desenvolva o reconhecimento de pertencimento de *si mesmo* a um *espaço* específico, todavia, em outro *tempo* venha a produzir este reconhecimento com o mesmo *espaço*. Apesar da localização física do *espaço* se manter, o âmago de sua essência é alterado, assim como o próprio *ser*, no transcorrer do *tempo*. Em suma, são *outros seres* em *outro tempo* a ocupar um *espaço* que, apesar de ainda se encontrar no mesmo lugar, também já não é o mesmo.

A essência do lugar depende tanto de seu caráter espacial como da relação que os atores desenvolvem com este. Não se apresenta como uma estrutura estática, mas dinâmica. Altera-se em resposta aos usos e relações que são desenvolvidas com e adentro a ele. O *espaço*, portanto, *altera-se a si mesmo* e é alterado pelos usos que lhe são conferidos e, a cada nova relação, modifica-se e é modificado. Uma espécie de *composição plural do espaço*, em que sua própria constituição é transformada a cada nova interação desenvolvida com e adentro a ele. Esta transformação, desenvolve-se em meio a um processo recíproco de interações e

reconhecimento do *ser* por *si mesmo* e pelo *outro* em um *espaço-tempo* específico. O reconhecimento de pertencimento, *e.g.*, de um primeiro *estranho* que chega, conduz a alterações no *espaço-tempo* que o transformam também em um *outro* aberto ao reconhecimento daquele que chega e possibilita, portanto, que outros atores venham a ingressar naquele espaço. Desta forma, o lugar antes não recetivo aos olhares externos se transforma um espaço-tempo aberto a novas experiências. Do mesmo modo, o inverso pode ocorrer e uma má experiência levar um determinado *espaço* a não ser mais visualizado e compreendido como recetivo.

Semelhantermente, o *ser* também passa por alterações plurais. As experiências levam-no a (trans)formar sua própria constituição. O sentimento de pertencimento, do mesmo modo que o lugar no *espaço-tempo*, não pode ser compreendido como algo estático e sim dinâmico. O *ser* pode, também, tornar-se mais ou menos recetivos ao reconhecimento de pertencimento em relação a determinado lugar no *espaço-tempo*. Ou seja, é possível que passe a desenvolver um sentimento de pertencimento com o *espaço* antes não reconhecido como *seu*, ou, ainda, que seja levado a não reconhecer o que, antes, considerava-se pertencente. É o que aponta Enila (2020), ao expressar que

«E pode ser... que esse lugar não seja um lugar físico, mas um lugar no espaço-tempo... por exemplo... [reflexão]... pode ser que esse lugar seja... sei lá, Brasília daqui a 20 anos.... seja a [Nome omitido] daqui a 20 anos, chegar lá e perceber que a vida inteira levou ela para aquela [Nome omitido] voltar ali e se sentir em casa. Pode ser que seja... Lapônia daqui dez anos... [...]. Mas talvez não seja o lugar, mas a pessoa que está lá.... Eu, mas a pessoa eu, [Nome omitido], que já viveu.... que já viu o por do sol e o nascer do sol e nunca se sentiu completa de novo até chegar naquele local de novo ou... [reflexão]... é tão difícil achar esse lugar». (Enila, 2020)

O *sentir-se estrangeiro*, por tal modo, evidencia-se além da simples transposição dos limites dos Estados e territórios. Mostra-se, também, como um transpor das fronteiras do próprio *ser*. Desenvolve-se adentro a uma complexa rede de fatores que, interligados de maneira recíproca, apresentam-se como produto e, concomitantemente, fornecem as estruturas de sustentação das inúmeras relações desenvolvidas pelos atores *consigo mesmo* e com o corpo

social de origem e destino em determinado *espaço-tempo*. Os relacionamentos dos indivíduos são, portanto, afetados pela própria composição do *ser*, ao mesmo tempo em que também o afetam em sua (des)constituição. Estas múltiplas relações, constituem os chamados **fatores de influência**, os quais agrupo em **aspectos psicossociais** e **aspectos motivacionais**. Estes fatores, exercem forças sobre todos os indivíduos envolvidos no processo.

Os **aspectos motivacionais**, no que tange aos migrantes, são formados pelos motivadores migratórios responsáveis por colocar o indivíduo em deslocamento, seja voluntário ou forçado. Constitui-se, portanto, como apresentado anteriormente, por questões culturais, étnicas, históricas, ambientais, económicas, sociopolíticas, pessoais, entre outras, que acompanham os atores por todo o percurso migratório, a anteceder, inclusive, o efetivo partir e se conservam mesmo após o permanecer. Estas mesmas questões, podem influenciar os nacionais no processo de recepção dos imigrantes e serem utilizadas como alicerces dos *dispositivos de aceitação* para sustentar falas e mobilizações contra a entrada e permanência de determinadas nacionalidades, produção de políticas e programas de apoio, entre outros.

Em relação aos **aspectos psicossociais**, estes são compostos por fatores que não necessitam, necessariamente, que o indivíduo se coloque em migração. Todavia, quando em deslocamento, tornam-se mais perceptíveis as influências que exercem. Podem ser experimentados por qualquer ator, mesmo adentro o próprio contexto de origem e é por meio destes fatores que o *ser*, tal como Meursault (Camus, 1942/2019), pode vir a se tornar *estranho* ao próprio mundo e a *si mesmo*. Um *estrangeiro*, por assim dizer, da própria história. Estes aspectos, agrupo em três grupos responsáveis por, a certo modo, delinear a maneira *como as conexões entre os indivíduos serão desenvolvidas*, porém, concomitantemente regulados por estas.

O primeiro grupo, semelhante a (Simmel, 1908/2005), constitui-se pelas **relações de proximidade e distanciamento**. Nestas, os atores podem se encontrar *fisicamente, socialmente* ou *psicologicamente próximos e/ou distantes*, ou, ainda, próximos em uma conjuntura, mas distantes em outra. É possível, então, que o indivíduo esteja *fisicamente próximo*, semelhante ao migrante em um novo bairro ou a alguém em sua terra natal, no entanto, *distante socialmente e/ou psicologicamente* por não desenvolver de modo efetivo vínculos afetivos e de pertencimento com o corpo social.

O segundo grupo é formado pelas situações de ***estranhamento e encantamento***

vivenciadas pelos indivíduos. Desenvolve-se, principalmente, mas não de modo exclusivo, no *contato com o novo*. Nestas, os atores experimentam situações em que podem tanto *sentir-se estranhos* e/ou *(des)encantados*, assim como *gerar estranhamento* e/ou *(des)encantamento*. Mostra-se possível, ainda, que possam experimentar situações em que o encantamento seja motivado e/ou incentivado por momentos de desencantos vivenciados no cotidiano. O jardim do vizinho, o distante, torna-se mais belo que o próprio jardim. Desencantado com o cosmo particular, visualiza no mundo do *outro* melhores condições. O desencanto por si só, sem outro encantamento pode, também, ser motivador para o partir. Semelhante ao apresentado pelo imigrante brasileiro Roberto (2019).

[...] *eu fui agredido no Brasil por um policial militar e isso foi a gota d'água... aí eu chutei o copo literalmente e resolvi: "Vou agora!", e dei um prazo pra mim mesmo: "Eu tenho 3 meses pra fazer isso". Os três meses não foram suficientes, prorroguei mais dois, mas já decidido a vir ou não voltar. E isso foi definitivo, então, usufrui-me da minha condição de aposentado, que tinha que fazer uma ginástica tremenda pra aprender pegar o meu salário la transformar em euro e sobreviver aqui. Eu tive que vender minha casa, tive que vender meus bens. Eu tive que disponibilizar ou literalmente doar muitas coisas [...].*

(Roberto, 2019)

As situações de *estranhamento* e *encantamento*, exercem diversificadas forças sobre todos os indivíduos do corpo social. Enquanto determinado ator pode *sentir(-se) encantado*, é possível *sentir(-se) desencantado*, *sentir(-se) estranho/estranhamento* em outro aspeto e/ou, ainda, *gerar desencanto* e/ou *estranhamento* frente a atores diversos.

Por fim, o terceiro grupo é constituído pelas relações de familiaridade e pertencimento. Nestas, os atores podem *gerar*, *sentir(-se)*, *reconhecer(-se)* e/ou *ser reconhecido*, *familiaridade* e/ou *pertencimento* de *si mesmo* e do *outro*.

Em meio as possibilidades expressas, o indivíduo pode, concomitantemente, *sentir*, *gerar*, *sentir-se*, *ser reconhecido*, *reconhecer-se* e/ou *reconhecer* ao *outro*, por, para, pelo e/ou sobre este. Desta forma, mostra-se possível que os atores reconheçam determinado indivíduo

como familiar – no sentido de origem, sangue, nacionalidade, físico existencial, entre outros – todavia, não o reconheçam com familiaridade e pertencimento pelo facto deste *ser estranho* ao contexto, por não se encaixar, tal como Meursault, *O Estrangeiro* de Camus (1942/2019). É exequível, portanto, que o ator seja ao mesmo tempo reconhecido como *familiar e não familiar* com e/ou sem o desenvolvimento de *familiaridade e/ou pertencimento*, assim como *não ser familiar* e obter este reconhecimento ou, ainda, apesar de *ser reconhecido* como *familiar* e ter o *reconhecimento* de sua *familiaridade e pertencimento*, *não reconhecer, sentir-se e/ou reconhecer-se* adentro a estes aspetos.

Para complicar, os contextos e relações desenvolvidas pelos, entre e para com os indivíduos e que formam estes três grupos que compõem os *aspetos psicossociais*, inter-relacionam-se de modo recíproco entre si e com as questões que permeiam aos *aspetos motivacionais* na formação dos *fatores de influência*. Estes, ainda, recebem e exercem, mutualmente, influências sobre a *equação do estranhamento* no processo de transformação do *ser em estranho*.

Desta forma, a (des)constituição do *ser estranho* se apresenta como fruto e fonte de uma complexa rede de múltiplas composições recíprocas, desenvolvidas pelos atores *consigo mesmo* e com o corpo social de origem e destino em determinado *espaço-tempo*. Estas relações, constituem-se no confluir de variados contextos e aspetos que findam por gerar um amplo leque de múltiplas possibilidades. Estas, refletem e incidem sob o *ser* variadas influências sobre sua própria constituição e identificação pessoal. Por fim, acabam por afetar a forma como desenvolve ligações de pertencimento e reconhecimento no *espaço-tempo* com o corpo social e *consigo mesmo*.

O estranho pode, adentro as possibilidades apresentadas, ser um **próximo** – que está presente e participa da sociedade –, mas é **distante**, pois, não coadjuva e/ou comunga de todas as ações¹⁵⁷. **Familiar**, por ser originário dela, e **não familiar**, por ser identificado pelos outros e/ou se identificar como *estranho* pelo facto de *não reconhecer*, tampouco, devido ao *desencanto*, não procurar desenvolver uma *relação de pertencimento*¹⁵⁸. Do mesmo modo, é possível ser um **distante** – que não está presente –, contudo, **próximo**, pois apesar da distância

¹⁵⁷ Assim como indivíduo, nacional ou estrangeiro, que participa dos ditames burocráticos, mas não confraterniza fora destes com o grupo. O trabalhador ou estudante, *e.g.*, que não se relaciona com os demais fora do contexto institucional.

¹⁵⁸ Semelhante a figura de Meursault, *O estrangeiro* de Camus (1942/2019).

participa da sociedade¹⁵⁹. **Não familiar**, por não possuir a origem, mas **familiar**, por ser identificado pelo demais como pertencente¹⁶⁰. Por tal modo, são diversas as possibilidades.

Deste modo, o sentido de *proximidade e distância* pode ser relacionado com o estar perto ou longe, ativo ou não, enquanto a *familiaridade* pode ser relacionada com o *reconhecimento de pertencimento* e a *aceitação* deste como pertencente ou relacionado, conhecido ou não (Breviglieri & Stavo-Debaugé, 2004). Sentir-se próximo não produzirá, necessariamente, familiaridade. O mesmo ocorre no inverso. O tipo social *estrangeiro* permite, portanto, um vasto leque de configurações que vão além do simples imigrante. Este último pode, ainda, habitar adentro a uma complexidade específica da definição de sua própria *estranheidade*. Cabe enfatizar que, a relação de *proximidade e distanciamento* produzida pelo estrangeiro será resultado de sua respectiva transformação de *estrangeiro* em *estranho*, e esta, reciprocamente, será baliza destas relações. Ou seja, quanto mais estranho, maior distanciamento produzido. Quanto maior o distanciamento, mais estranho o indivíduo aparentará ser.

¹⁵⁹ Tal como o imigrante que, apesar da distância entre o local de residência atual e o de origem, mantém uma relação de proximidade com o local e habitantes. Mesmo distante, é atuante. Envia remessas de dinheiro e realiza constantes melhorias estruturais em sua terra de origem.

¹⁶⁰ Assim como o imigrante de longa data que, apesar de não possuir uma familiaridade natural com o local, desenvolveu uma relação de pertencimento recíproca. Não apenas se identifica como pertencente, mas tem o seu pertencimento reconhecido pelo demais. Como é o caso da, já mencionada, imigrante brasileira Clarice.

CAPÍTULO VII

—

CHEGAR

7 “UM RAPAZ LATINO-AMERICANO”: UM ESBOÇO ETNOGRÁFICO DO PRÓPRIO SER

*Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Sem dinheiro no banco, sem parentes importantes
E vindo do interior
[...]
(Trecho da canção, *Apenas um Rapaz Latino-Americano*, de Belchior, 1976c)*

É certo que o ato de migrar é preenchido por diversas experiências, boas e ruins. Uma tênue linha de “dualidades dúbias” – entre existência ou não de hospitalidade, reconhecimento e pertencimento, entre outros –, dita o caminhar do migrante que, ao chegar, depara-se com *o novo*. O primeiro contato, um dos retratos possíveis da realidade vivenciada, permitirá algumas possibilidades, dentre elas as oriundas do estranhamento, sintetizadas em: ora um *encantamento* – que acolhe curioso aquele chega ou o faz submergir encantado pelo que lhe é apresentado ao chegar –; ora um *desencanto*, repulsa, que se fundamenta no medo do diferente que chega ou que encontra ao se aproximar, ou em uma desatenção e desinteresse sobre a existência do *outro*.

Ao chegar, ainda atordoado pelo ato de partir, o indivíduo se encontra, a certo modo, no centro do processo migratório. *Partir, chegar e permanecer* ditarão, de certa forma, seu futuro (Schappo, 2004). A relação com o local de acolhimento, e com aqueles que lá já habitam, será composta, muitas vezes, pelas intenções que possui sobre aquele local. Compreendido como ponto de chegada, a ser sua *estadia temporária*, ser-lhe-á concedido/permitido um determinado regime de acolhimento, gerido por uma *hospitabilidade* (Lashley, 2015). Diversamente, caso o permanecer seja compreendido como algo duradouro – decifrado nisto uma longa duração ou estabelecer raízes –, o acolhimento será determinado sobre outro ângulo, guiado por uma *hospitalidade* (Gotman, 2019). Desta forma, diferencia-se aquele que chega com o intuito de permanecer daquele que se aproxima a visar o turismo (Schütz, 1944/2010; Simmel, 1908/2005). A hospitalidade – ou o direito a ela –, reger-se-á fundamentada neste movimento.

Ao chegar o indivíduo está envolto, em um primeiro momento, por uma *áurea de estranhamento*, seja de *encanto* ou *desencanto*. Os motivos que o levaram a partir e a

natureza de seu processo migratório exercerão sobre ele múltiplas influências, inclusive, no que tange a seu acolhimento. No caso em questão, do pesquisador que lhes escreve, o ato de partir fora motivado pela aprovação para o curso de Doutorado em Sociologia na Universidade de Évora (UÉvora) em Portugal. Alguns dias antes, ainda distante da realidade que estava por conhecer, era surpreendido por um correio eletrônico a informar sobre a aprovação. Além da universidade mencionada, outra universidade no mesmo país respondera positivamente a candidatura. Pouco depois de uma semana, partiria em direção ao além-mar, ainda assim, como muitos imigrantes, com o destino exato incerto e a ter como única certeza o país.

A saída organizada de forma ágil, desenvolveu-se, primeiro, devido a indecisão/indeterminação em relação ao destino final e, segundo, também por motivos burocráticos. A Embaixada de Portugal no Brasil, localizada em Brasília, apesar da apresentação de todos os documentos comprovativos de aprovação e demais exigidos para a emissão do visto, mostrou-se, por motivos oficiais, incapaz naquele momento de emitir o visto em tempo hábil para o embarque de modo a realizar a matrícula no curso. A opção, geradora de ansiedade devido às incertezas, era entrar como turista no país – conforme orientação informal de uma jovem que se apresentava no local para retirar sua Autorização de Residência Emitida a Estudantes do Ensino Superior¹⁶¹ que se encontrava pronta e, de modo extraoficial, por um funcionário do próprio órgão –, para então, já em solo português, solicitar a almejada autorização de residência.

O *chegar* é afetado, portanto, mesmo antes do efetivo início do deslocar. Atordoado, confuso e cheio de incertezas, o *partir* – sinônimo tanto de abandono como de melhores perspectivas – acaba por influenciar, positiva e/ou negativamente, na chegada e desenvolvimento posterior. A refletir no *chegar*, o *partir* é a contextualização dos motivos que levaram ao migrar, que irão incidir efeitos na vida daquele que migra (Araújo *et al.*, 2014).

O *chegar* concreto deu-se em exatos 13 (treze) dias após o referido correio eletrônico. O atraso na passagem pela alfândega, causado pelo tumulto de voos que

¹⁶¹ Conforme o *website* do SEF (2022a), na data de 15 de setembro de 2022, a Autorização de Residência Emitida a Estudantes do Ensino Superior é regida segundo o enquadramento legal apresentado no Artigo 91º do Regime Jurídico de Entrada, Permanência, Saída e Afastamento de Estrangeiros do Território Nacional (REPSAE) (Portugal, 2007/2022), conjugado com o Artigo 57º do Decreto Reg. n.º 84/07 de 05/11 (Portugal, 2007/2018), em sua redação atual, e pela Portaria n.º 1563/2007, de 11/12 (Portugal, 2007).

aterrizavam no mesmo horário, aumentava a ansiedade. Durante quase duas horas uma longa espera, em uma lenta fila que seguia até o atendimento alfandegário, agravava a situação. A saída, próxima às 08h30min., deu-se após um olhar por cima dos óculos, sem muito interesse, de um agente que por simples obrigação questionava acerca da estadia. A primeira impressão, após a longa espera, era de que nem escutara a resposta. Um olhar modulado (Breviglieri & Stavo-Debauge, 2007), sem muito interesse, apesar da obrigação profissional. Indiferente, de certa forma, quanto a figura que se apresentava a sua frente. Tal como o relato de Resende (2019), vivenciado nas cidades brasileiras de Rio de Janeiro e Niterói, experimento uma espécie de *desatenção civil* (Goffman, 1963/1966) formulada em uma nova cultura relacionado a presença do próximo (Joseph, 2007). Concede-me, por assim dizer, um estranho *direito a indiferença* por minha existência (Resende & Dionísio, 2016; Stavo-Debauge, 2020). Apenas um carimbo, quase imperceptível no passaporte, e um chamado de próximo, de modo a fazer a fila seguir, e tudo estava resolvido.

Ao sair do aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, sigo em direção ao metro, e não metrô¹⁶², onde embarco no transporte com direção a Estação Ferroviária de Lisboa – Oriente. De lá, objetivava apanhar o comboio, e não o *trem*¹⁶³, em direção a Évora. Neste momento, a decisão sobre o destino final já estava efetivada. Passara todo o voo a refletir sobre a escolha e, a ponderar diversos fatores (Góis & Marques, 2007), efetivara a escolha. No caminho até à estação desejada, deliciava-me com a pequena variação linguística em relação ao nome do transporte que me levava e, semelhante ao afirmado por Amara (2020) ao apontar sobre a questão que «[...] é quase outra língua. [risos]», reflito sobre o nascimento de uma nova língua. O caminho era curto, apenas três estações. Todavia, insuficiente.

O pequeno espaço temporal entre sair do aeroporto, apanhar o metro até a estação Oriente, adquirir o bilhete para o comboio, perder-se desatento entre os livros expostos no saguão central e embarcar no transporte (como é triste para um *mineiro*¹⁶⁴ não dizer “*trem*”), somado ao *encantamento* pelo *novo* que preenchia a imensidão do olhar curioso

¹⁶² pt-BR.

¹⁶³ Termo [pt-BR] utilizado para designar o meio de transporte *comboio* [pt-PT]. Para além do significado informado, é comumente utilizado pela população do Estado de Minas Gerais, no Brasil, com amplas significações e pode designar uma coisa, ação, situação, sentimento, entre outros.

¹⁶⁴ Gentílico designativo para indivíduos que nasceram no Estado de Minas Gerais, no Brasil.

(Naves Corrêa, 2010), acabou por levar a perda do último embarque da manhã com destino a Évora, o qual partia exatamente às 09h06min. O próximo partiria apenas no final da tarde daquele dia, às 17h06min. Passagem comprada, contudo, em um distanciamento físico e temporal, sem tempo suficiente para chegar à plataforma de embarque. Perdido em meio *a novidade*, os simplórios cinco minutos que dispunha para o deslocamento entre o guichê e à plataforma de embarque não foram suficientes para chegar a tempo. Imerso, a «[...] um sem-números de percepções, de situações e de processos importantes de informações» (Grinover, 2006, p. 31, pt-BR), o *mineiro* perdeu o *trem*, vendo-o seguir, distante, na plataforma de número seis¹⁶⁵. Era esta a estreia em terras lusitanas.

O estranhamento no caso em questão, e em um primeiro momento, efetivou-se por um *encantamento com o novo*. A primeira vez que saía do país e adentrava a um outro, a cidade – ainda por explorar –, as pessoas, ruas, cheiros, cores, as pequenas diferenças linguísticas, em síntese, tudo produzia *sedução e deslumbre*.

Mas o *chegar*, envolvo por todo o *encantamento da novidade*, não é formulado apenas por sedução. Também pode ser composto de extremos como *encanto e repulsa*, ou pela mescla destes. O *encantamento* é quebrado pelo desinteresse, ora dos funcionários dos guichês, seja do atendimento alfandegário ou das bilheteria, ora por alguns nacionais. O primeiro choque, fora do círculo de atendimentos burocráticos, dá-se quando, após requerer esclarecimentos em um outro guichê, conseguir a devolução parcial do valor do bilhete e seguir, novamente de metro, para a estação rodoviária mais próxima, torna-se necessário, novamente, solicitar informações. A próxima paragem se dava na Estação Ferroviária Sete Rios, onde poderia adquirir na rodoviária, que levava o mesmo nome da estação, um bilhete do próximo autocarro com destino a Évora. Apenas na segunda passagem por Lisboa viria a saber que o autocarro também partia da estação Oriente, mas que, por descuido, desatenção ou desinteresse, havia sido indicado pelo funcionário do guichê a seguir para a Estação Sete Rios. Ao descer na estação –

¹⁶⁵ Há um ditado brasileiro, com origem atribuída ao começo das construções ferroviárias no país no século XIX - motivadas em grande parte pela busca de um melhor escoamento da produção de café (Brandão, 2007/2012) -, que, por força política, tiveram seu início no Estado de Minas Gerais e buscavam realizar a ligação férrea entre a então capital, Rio de Janeiro, as minas, a Bahia e, posteriormente, a São Paulo e a região sul. Após dado início o funcionamento das linhas férreas o atrasos eram comuns e, devido ao facto dos mineiros chegarem sempre adiantados, surgiu o ditado de que: “O mineiro, não perde o trem” (W. Santos, 2010).

encantado, perdido e confuso –, é solicitada informação a um senhor que por ali transitava. «*Cá já estás*», transmitiu o transeunte a seguir sem maiores explicações, parar para dar a resposta ou, tão pouco, apontar para alguma direção. Falha na comunicação? “*Expressei-me errado*”, refletia acerca da rápida interlocução.

Após uma curta distância caminhada, já por fora da estação do metro, encontra-se a entrada para a estação rodoviária. Ao adquirir o bilhete, a primeira correção em relação a forma de falar: «*É autocarro*», informa a funcionária, com ar rude e de desprezo, após solicitar uma “*passagem no próximo ônibus para Évora*”. Em delírio, e a ignorar a indelicadeza e rispidez da senhora do guichê, novamente, deliciava-me com o jogo de palavras e, internamente, construía, aos poucos, um dicionário particular das diferenças linguísticas: “*Autocarro é ônibus, metro é metrô, comboio é trem, [...]*”, repetia, enquanto, em outra pasta mental, memorizava os termos pesquisados antes do embarque e que deveria evitar o uso¹⁶⁶. Evidenciava-se, assim, um distanciamento linguístico entre os falantes de uma mesma língua – verificado, de igual modo, entre as regiões do vasto território brasileiro e que não iria se apresentar diferente nas terras lusitanas –, que se mostrava, ao mesmo tempo, diferente. «Além das gírias, tão incompreensíveis como as de qualquer gueto, era preciso aprender a ouvir num outro ritmo» (Miranda, 2011, p. 195), e isto, evidentemente, requer tempo. Semelhante ao que enfatiza a estudante angolana, Amara¹⁶⁷, imigrante em Portugal,

«Só depois de um mês, mais ou menos, é que nós, o ouvido, acostuma-se aquela pronúncia. Embora a língua seja a mesma, digamos as mesmas coisas, mas, depois, os contextos, é...a maneira de construir a frase... é ... é diferente, e então, sentimos. Sentimos algumas diferenças, queremos dizer isto, e sentimos aquilo.»

¹⁶⁶ As diferenças linguísticas existentes entre o português falado no Brasil [pt-BR] e em Portugal [pt-PR], podem levar o recém-chegado às terras lusitanas a passar por situações, no mínimo, constrangedoras. Exemplo disto é a utilização do termo *bico*, utilizado no Brasil para designar trabalhos e serviços avulsos, biscates, esporádicos ou como sinónimo de birras infantis, possui, em Portugal, conotação sexual, a ser compreendido como a prática de sexo oral masculino. Outros termos, mais amenos, demonstram diferenças singelas, como, *camisola*, a significar, em Portugal, o similar a *camiseta* no Brasil, já em terras brasileiras, o termo lusitano, designa a roupa feminina utilizada para dormir. O mesmo ocorre com o termo *durex*, utilizado pelos brasileiros para se referenciar a fita adesiva, enquanto, os portugueses, associam o termo em metonímia a preservativos sexuais, comumente chamados no Brasil de *camisinha*.

¹⁶⁷ Pseudónimo atribuído ao objeto AGO-EID-01.

As vezes até expressões que eles usam, que para nós parecem agressivas, mas, é o jeito deles de despachar a conversa [...]»

(Amara, 2020)

Todavia, apesar das diferenças linguísticas, aos falantes nativos de português a situação ainda se apresenta como benéfica. Alguns imigrantes, a exemplo de Abraão (2019), é exigido um esforço maior: aprender uma nova língua. Este, questionado a respeito, relata que a aquisição de um novo idioma nem sempre é algo fácil e prazeroso.

«Difícil....Não há nada fácil na vida...tudo é preciso um esforço para fazer...agora...a língua portuguesa se calhar é uma das línguas um bocado mais complicada...na minha opinião...não é a mais complicada ...mas é complicada porque....é mistura de várias línguas na minha opinião...tem o português, algo latim...algo do árabe...francês....inglês....e outra coisa...o que se aprende nos curso de língua não tem nada a ver com a língua a usa no dia a dia....não tem nada haver [risos]» (Abraão, 2019)

Semelhante ao apontado por Malinowski (1922/2020), é preciso um mergulhar efetivo na cultura e se entregar por completo ao propósito. O que, evidentemente, não se mostra possível em todas as ocasiões.

«Pois...eu aprendi português nas aulas, mas na altura a maioria de meus amigos eram estudantes internacionais então falava sempre em inglês com eles e não tinha oportunidade de falar português com muita gente...mesmo meus amigos portugueses queriam praticar o inglês comigo... [risadas]...Por isso não tive oportunidade de eu falar o português. Agora quando eu cheguei ao trabalho fiz um esforço enorme para começar a falar em português ...porque no ambiente de trabalha era tudo em português eu conseguia perceber mais ou menos o que estão a dizer, mas não tinha a vontade...não tinha as palavras para fazer uma conversa...para falar...era um bocado difícil...depois» (Abraão, 2019)

Apesar das dificuldades em se aprender um novo idioma, em se ajustar as formas

de falar, gírias e, em alguns casos, novos significados para certos termos, o processo de acomodação transacional exigem do estrangeiro força de vontade para se alinhar as novas disposições. Semelhante ao afirmado por Abraão (2019), «[...] é sempre uma língua nova ... tem que aprender».

A aguardar o embarque, que iria ocorrer apenas às 11h30min, e já com o novo número de *celular* temporário, ou melhor, telemóvel, é realizada a primeira ligação para o Brasil, com o objetivo de transmitir notícias. Enquanto a conversa se desenvolve ao telemóvel, um miúdo com cerca de quatro a cinco anos, a conversar com a mãe, constata-lhe: «*Ele fala estranho*». A mulher, em uma forma simples e automática enquanto estava a folhear uma revista, responde-lhe de maneira instintiva: «*ele fala brasileiro*». Neste instante, uma nova nota mental é apontada e, ainda longe de se constituir como um objeto de estudo, a elevação da diferença linguística como um idioma distinto é, então, constatada. Posteriormente, seria como semelhante ao afirmado por Enila (2020), a ressaltar que, apesar da proximidade linguística, as diferenças sempre seriam lembradas: «[...] mas, no geral, sempre ter que lidar com a piadinha de que eu não falo português, eu falo brasileiro [...]» (Enila, 2020). Tal como salienta Godoy (2016), a respeito da importância da linguagem: «Duas pessoas de realidades diferentes podem falar a mesma coisa gramaticalmente, mas dizerem coisas diferentes, especialmente quando não compartilham o mesmo universo simbólico» (p. 41).

O *encantamento com o novo*, sentido naquele momento de descoberta, assemelhava-se ao da criança, a se encantar com o diferente, e que, atentamente, continuava a olhar e a prestar atenção a cada palavra transmitida pela figura que lhe despertava interesse e curiosidade. De modo análogo, faço o mesmo e devoto zelo a cada conversa que acontece aos arredores. Com o mesmo ar de descoberta, assemelho-me, enquanto forasteiro, a criança. Equiparável a esta, o estrangeiro é um aprendiz dos códigos de conduta que devem ser assimilados com o objetivo de se integrar no novo mundo ao qual busca ser incorporado (Boltanski & Thévenot, 1991/2020), assim como a criança (Elhajji & Paraguassu, 2021). O estranho encanta, na maioria das vezes, pela diferença e exotividade, o que igualmente, por vezes, pode vir a gerar repulsa.

No caminho para a cidade de Évora, uma mescla de sentimentos. O cansaço, devido a ausência de sono durante o voo, mistura-se com a euforia de estar em um novo país. Ao olhar pela janela do autocarro – a repetir sempre o termo com intuito de gravar

–, refletia sobre tudo que estava a acontecer. Perdia-me, a olhar a imensidão do chaparral¹⁶⁸. Até alguns momentos antes do desembarque, no aeroporto em Lisboa, não possuía ainda a certeza de para onde iria: Évora ou Coimbra. Agora, chegava a urbe milenar, sem conhecer ninguém, na cidade ou no país, para residir de forma definitiva. Pelo menos pelos próximos dois a três anos. Da aprovação para ingresso no doutoramento, entrega de imóvel arrendado no qual residia em Brasília, guardar todas as pertences na casa dos pais, aquisição da passagem, organizar a mala apenas com o necessário e mudar-se para um novo país, o qual conhecia apenas por histórias e imagens da *internet*, foram exatos 13 (treze) dias. Diferente de Roberto, que apesar da incerteza quanto ao destino, partiu sem a pretensão de retorno, não me desfaz por completo de meus bens. Enquanto guardo os livros em caixas para um possível retorno, este se desfaz de tudo.

«[...] eu tive que vender minha casa, eu tive que vender meus bens. Eu tive que disponibilizar ou literalmente doar muitas coisas, inclusive minha coletânea de rádios antigos que eu tinha ao longo de quase 30/40 anos juntado com quase 100 peças» (Roberto, 2019)

O *chegar*, seguindo o processo natural da migração, logo se transformaria em *permanecer* (Schappo, 2004). Deixaria efetivamente de ser apenas um *emigrante*, pois já me encontrava em outro país – o *partir* era, então, uma etapa concluída – para ser então, concomitantemente, um *imigrante*. Transfigurava-se, desta forma, nas duas faces de uma mesma moeda, a dar sequência na lógica do processo migratório (Sayad, 1991/1998). No âmago, já talhado pela essência migrante, pré-visualizava as mudanças que logo tenderiam a acontecer. Três anos antes, havia deixado o interior de Minas Gerais com destino a capital do país, Brasília, de forma a dar prosseguimento aos estudos e cursar o mestrado. De mesmo modo, a levar apenas uma mala com alguns pertences, chegava agora às terras portuguesas. O salto, desta vez, era maior. Existia um oceano de águas e sentimentos. Milhas e milhas distante da pátria, família e amigos. O migrante, ao partir,

¹⁶⁸ Bioma característico de clima mediterrâneo. Possui invernos amenos e chuvosos, com verões quentes e secos.

deixa *os seus* para, mergulhado nas lembranças, conviver com a solidão¹⁶⁹ e a saudade.

Após chegar e apanhar um táxi, acomodo-me em um *hostel*. Já marcava às 15h00min quando, ao badalar dos sinos da Basílica Sé de Nossa Senhora da Assunção, mais conhecida como Catedral de Évora ou Sé de Évora, consigo algum lugar disposto a ainda servir o almoço. Em uma conversa amigável com o empregado de mesa, nomeado no Brasil por *garçon*, já treinado a lidar com turistas, revelo minha intenção em *permanecer* na cidade. Após algum tempo, e várias explicações a fim de sanar sua curiosidade sobre o motivo de meu *permanecer*, consigo o contato de alguns possíveis locais para arrendar.

Após o almoço, sigo em caminhada pela cidade. Depois de beber uma imperial na Praça do Giraldo, na companhia do jovem africano recém-chegado, o cansaço, que já há muito dominara meu corpo, chega ao ápice. De volta ao quarto do *hostel*, adormeço em solitude. Desperto após algumas horas, já com o quarto apinhado por desconhecidos. O desconforto começa, então, a consumir o *ser*. A necessidade de independência principia, horas após a chegada, a aflorar. Uma reivindicação justificada pela busca por *autonomia e individualidade* (Simmel, 1903/1967). Neste momento, a *capacidade de independência e liberdade* se apresentam como fator crucial para o *permanecer*. Um conforto, mesmo que mínimo, apresenta-se necessário. É, então, iniciada uma busca por um *espaço de liberdade*, dentro da autonomia projetada por variados aspetos – sociais, financeiros, políticos, entre outros relacionados as questões estruturais da cidade – permitida para a situação (Boltanski, 2013; Breviglieri, 2009).

¹⁶⁹ Como salienta Pais (2006/2016) «Poderíamos, por exemplo, ser tentados a proceder na base de um “senso comum” sobre o que pode significar a solidão, até na medida em que cada um de nós, com a sua experiência individual de solidão, poderia rever-se nesse mesmo senso comum. Mas a minha solidão, atendendo às suas circunstâncias, não é necessariamente a solidão que o leitor já terá vivido, não é a solidão dos outros, não é uma experiência comum sobre a qual haja um senso compartilhado, um consenso. E mesmo que fosse esse o caso, à sociologia não importa atingir um conhecimento decalcado do senso comum. Muito pelo contrário, interessa-lhe, sobretudo, compreender os mecanismos sociais que o produzem. Ou seja, a compreensão prévia do que significa a solidão para quem a vive é uma via mediadora para o entendimento das formas sociais como ela é vivida» (p. 7).

7.1 RESIDIR E HABITAR: EM BUSCA DE UM LAR

Os lugares são histórias fragmentárias e isolada em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

(Certeau, 1990/1998, p. 189)

O primeiro desencontro efetivo ao estrangeiro que chega, aflora-se, para muitos, na procura para algum local para residir. Uma das dificuldades que podem ser elencadas, encontra-se no facto da escolha da cidade. A pequena e milenar Évora, e.g., não oferece muitas opções para arrendamento e os impeditivos burocráticos, aliados aos aspetos identitários construídos relacionados a origem – tal como a imagem projetada dos brasileiros ou africanos –, dificultam ao estrangeiro recém-chegado, conseguir algum local para arrendar. Estes impeditivos burocráticos, simples mecanismos estatais de proteção financeira, tornam-se cruciais no processo de independência e liberdade.

Muitos, a exemplo dos imigrante brasileiros Robson¹⁷⁰ e Gonçalo¹⁷¹, são levados a locar apenas quartos em casas compartilhadas, a restringir, assim, sua liberdade, porém, facilitados por uma menor burocratização (Sayad, 1991/1998). Contudo, com esta *aceitação*, acabam por se expor as experiências conflituantes proporcionadas pelo convívio dos vários moradores que habitam a residência (Simmel, 1903/2013). Um mero morar, sem, efetivamente, habitar (Breviglieri, 2012a; Noguero, 2013). «*Precisas de três fiadores e do NIF*», informa um agente imobiliário quando procurado para arrendar um imóvel. «*É preciso dois fiadores e IRS*», afirma outro. Neste meio tempo, refletia sobre o que seriam estas siglas requisitadas, termos, até então, desconhecidos¹⁷². Apenas depois de realizar algumas pesquisas vinha a compreender as abreviaturas e identificar as conjunturas que envolviam os referidos Número de Identificação Fiscal (NIF), similar ao

¹⁷⁰ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação BRA-EIM-02.

¹⁷¹ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação BRA-TMIR-03.

¹⁷² Ao imigrar, o indivíduo busca conhecimentos prévios que possam facilitar seu convívio na sociedade em que almeja se integrar. No entanto, muitas vezes, acaba por esquecer, desvalorizar ou ignorar – por força dos antolhos do desejo e da emoção –, de outros fatores importantes ao seu processo migratório. No caso em questão, o esquecimento sobre este detalhe crucial se deu por força da emoção e pressa que envolvia todo o momento.

Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) no Brasil, e o Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS), vertente portuguesa da Declaração de Imposto sobre a Renda da Pessoa Física (DIRPF) brasileira.

Levantava-se, assim, uma inquietação interior que buscava responder: “*Como eu, que acabo de chegar, vou ter fiador se não conheço ninguém? E IRS? E o NIF, que para ser emitido é preciso alguém que assine um documento a atestar que assume a responsabilidade como representante fiscal, uma espécie de garantidor das obrigações do inscrito com o fisco, ou um contrato de arrendamento, para o qual a maioria das imobiliárias solicita a já existência destes documentos?*”. Questionamentos estes semelhantes aos levantados por Valdir (2020), o qual aponta:

[...] O que eu senti, assim, é que tem uma... uma grande quantidade de ofertas que pedem o...e aí eu acho que talvez seja uma barreira, pedem o fiador. Mesmo com renda e caução, pedem ainda um fiador. E, ainda, definem que tem que ter o IRS, que eles chamam, né. O fiador tem que ter o IRS, ou seja, tem que ser um fiador português, no caso, que tenha um imóvel aqui, que tenha renda aqui, contribua, enfim... E isso para quem é de fora é um limitador, né. Difícil você achar um fiador aqui, né. A não ser quem já tem parentes aqui ou amigos muito próximos, que já estejam aqui há tempo. Eu mesmo os que pediam fiador eu descartava... Eu teria um colega aí que eu, talvez, pudesse ter pedido, mas,... eu não tive coragem de pedir para ser fiador e... não teria condições de ter um fiador aqui. [...] Então acho que isso aí é uma barreira. E tem... Mas são bem claros, né, com os anúncios. Já põem logo lá “fiador com tal, tal, tal” e um ou outro que eu liguei para saber “olha eu sou servidor público e tal, não dá para dispensar o fiador? Eu tenho, eu tenho um salário fixo, sou estável” não, não...não mudava assim a posição. Exigia o fiador. (Valdir, 2020)

A busca começa, desta forma, a ser repensada. Primeiro, no que tange ao nível de liberdade desejada e, segundo, sobre a escolha da cidade. Talvez, em cidades maiores, a situação poderia ser diferente. Todavia, outros problemas, ligados como herança à questão da origem são também levantados e, por infelicidade, **os imóveis já não estavam disponíveis**. Semelhante ao relato por M. L. de Lima (2018), em seu livro *Nós e os outros: O poder dos laços sociais*, existem, em alguns casos, a influência dos estereótipos:

«Há muitos exemplos dos efeitos destes estereótipos no quotidiano, mas vou apenas lembrar alguns que se passaram comigo. Um casal de colegas brasileiros não conseguia alugar casa em Lisboa porque sempre que telefonavam para os números dos anúncios eram informados de que as casas já tinham sido arrendadas. Então resolveram pedir a amigos portugueses para fazerem eles os telefonemas e as mesmas casas estavam disponíveis: os senhorios, baseados em estereótipos negativos acerca dos brasileiros, nem lhes davam oportunidade de verem a casa» (p. 30).

Contrário a experiência vivenciada por este pesquisador e por outros como os imigrantes Robson, Kiara, Carlos e inúmeros outros, apresenta-se Valdir (2020), o qual, ao descrever sua procura por um imóvel para arrendar em Évora logo quando chegou, relata acreditar que sua experiência seja uma exceção.

[...] agora, assim, eu creio que eu tive muita sorte, né. Por que o corretor que... que me atendeu... ele já tinha experiência de ter alugado imóvel para brasileiro na mesma situação que eu, ou seja, de ser servidor público. Então ele já conhecia um pouco desse processo de vir para cá estudar, com um salário fixo, seguro, sem risco de demissão e tal. E assim, acho que pela nossa idade também [...] já um casal mais maduro, acho que se sentiu bastante confortável, assim, já conhecia mais ou menos o processo... e foi tranquilo. (Valdir, 2020)

De volta ao relato pessoal, após três dias de buscas, o limiar de um alvorecer. Enfim um lugar que, diferente dos outros, apresentava como requisito apenas a caução de garantia, no valor de dois meses de arrendamento¹⁷³. O primeiro problema, a burocratização, é solucionado pela possibilidade do depósito financeiro, contudo, para muitos imigrantes este também pode se apresentar como um impeditivo. Se para os

¹⁷³ Agradeço, neste momento, ao senhorio que, prontamente, antes mesmo que lhe perguntasse a respeito das condições necessárias para o arrendamento, afirmou que, por ser recém-chegado e não possuir IRS poderia dar-lhe, como garantia, a caução. Permitiu também a assinatura do contrato a constar apenas os dados de identificação brasileiros, tais como o passaporte e CPF. Durante dois anos e dois meses residi – junto de minha companheira, que fora estar comigo depois, e, por um curto período, também de sua irmã – em seu imóvel, situado no rés-do-chão de sua casa, e a dividir consigo, sua família e outra inquilina, uma simpática viúva, o quintal multifamiliar. A este senhor deixo sinceros agradecimentos.

nacionais o arrendamento é possível, em muitos casos, apenas com a apresentação do IRS, para o estrangeiro o alto custo da caução, não apenas do valor do arrendamento, acaba por se tornar um novo dilema. No caso narrado, por já possuir certa experiência migratória, mesmo que apenas nacionalmente, estava consciente de que poderia enfrentar dificuldades semelhantes. Já havia vivenciado isso antes, na chegada à Brasília. É o que nos relata também Valdir (2020), ao apontar que sua busca por um imóvel para residir foi tranquila, todavia, com um alto custo.

«Aqui varia muito, assim, as exigências para aluguel. Pela...na busca que eu fiz, eu identifiquei... assim, variações muito grandes da quantidade de renda, o número de rendas e valores de caução solicitados nos anúncios. Uns pedem uma renda e uma caução; e outros pedem, até já vi anúncios de seis rendas, ou então três rendas e três cauç...três ... valores de caução no valor da renda. Seis vezes o valor como garantia. Então varia muito. Mas o mais comum que vi nos anúncios é duas rendas e uma caução. Esse é o mais comum que vi nos anúncios. E, eu não sei porque, esse aqui que aluguei, tive a sorte de uma proprietária que ela acha que isso é um exagero [...] ela estava pedido uma renda e uma caução de 400€, abaixo do valor da renda... que....ela diz que acha que não fazia sentido pelo que ela tinha aqui dentro de móveis, ela não tem nada... é um apartamento simples, um apartamento de um quarto, não tem nada caro aqui dentro. Ele é mobiliado, mas não tem TV, ele não tem...não tem lava-louças, o frigorífico é um frigorífico pequeno, né. E...então, assim, ela diz que não acha que não faz sentido pedir duas, três ...duas cauções no valor de duas rendas porque se estragar alguma coisa... “eu não vejo nada que se estragar aqui vai custar esses valores”. Então, ela não acha justo. Política dela, né. Eu creio que deve haver poucos igual a ela por aqui [risos]» (Valdir, 2020, sic)

Superar tais dificuldades e impeditivos, fazem do imigrante um camaleão. Ajustar-se, é necessário e imprescindível. Decompõe-se, desta forma, o estrangeiro, e costura-se, já adaptado, ao novo seio social (Hall, 1992/2006). Para isto, por tal modo, realiza o que julgar necessário e faz uso de diversos *dispositivos de acomodação transacional* (Breviglieri, 2010; Breviglieri & Stavo-Debauge, 2004; Chateauraynaud, 2017). Já com o local de residência definido, tem-se, assim, um momento de paz.

7.2 A PRISÃO DA BUROCRACIA E A PERMISSÃO PARA RESIDIR

Mesmo quando é legalmente e administrativamente aceito, nem por isso o estrangeiro é admitido nas famílias.

(Kristeva, 1988/1994, p. 45)

Apesar de não se encontrarem livres dos impedimentos burocráticos, o chegar de atores como Valdir (2020), apresenta-se inúmeras vezes menos turbulento que de outros indivíduos. O fato de vir para o país já com o visto autorizando sua permanência em território português o faz, frente aos demais, um privilegiado.

Os impedimentos burocráticos são um grande transtorno para àqueles que buscam se integrar à sociedade, principalmente, para quem ainda não se encontra com sua permanência devidamente legalizada. Os tramites burocráticos para a obtenção do visto podem afetar os indivíduos em inúmeras situações. Em meio a alta procura, o sistema do antigo SEF se mostrava, por vezes, defeituoso. Ou, nas palavras de Rodolfo (2019), «*O SEF...o SEF é enrolado. O SEF é enrolado. Ninguém atende o telefone. E-mail ninguém responde*» (Rodolfo, 2019).

Projetado para agilizar todo o processo burocrático, na verdade, o que acabava por ocorrer era o contrário. A ausência e/ou a falta de clareza na transmissão das informações, levavam inúmeros imigrantes a procurarem as agências do antigo SEF com o objetivo de sanarem suas dúvidas. Uma busca que nem sempre era concluída com êxito. Ora os questionamentos estão fora do domínio dos funcionários, ora, em meio ao tumulto de agendamentos, deixam de agir com cordialidade. É o que expressa Enila (2020) ao expor que

«A princípio parece não ser burocrático, porque... eles solicitam que a gente envie online os documentos para poder pedir...é...só que tem pouca informação sobre isso online e quando a gente se dirige ao SEF os funcionários são grossos ou não querem atender, atendem de má vontade, o SEF está sempre muito cheio, então ficava difícil de tirar dúvidas, ter certeza que estava fazendo o processo de maneira certa... [...]»

Em meio ao tumulto das agências lotadas, o despreparo dos funcionários, nem sempre rudes, sobressai a outros imigrantes. Conforme aponta Rodolfo (2019), a solução para o agendamento da manifestação, em alguns casos, não era concedida pelos atendentes do SEF.

«Fui lá eles me indicaram uma igreja para mim...de...para mim... pra... .de refugiados [risos]. Fui até a igreja, tive essa reunião com a senhora lá que ajuda as pessoas. E ela que conseguiu encaminhar meu SEF para mim a manifestação» (Rodolfo, 2019)

Sua exposição vai de encontro ao apontado por Enila (2020) que, ao ser questionada sobre como definiria a atuação do órgão, exprime que considera existir uma certa incompetência fruto de um despreparo.

«incompetente... Eu acho que... ou despreparado, assim... são pessoas que... é um órgão inteiro que tem uma boa... tem boas intenções, só que não está preparado. Não está preparado pra...pra quantidade de imigrante, não está preparado para atendimento ao público, são grossos, são... é... são apressados, eles estão ali...só querem...parece que só quer que o dia termine para eles irem pra casa, então, não ouvem as histórias que chegam lá...não dão atenção aos casos. Eu acho que é...despreparado e incompetente. A incompetência deve ser por causa do despreparo mesmo» (Enila, 2020)

Devido situação semelhante, o sírio Abraão (2019) considerou o serviço prestado parvo: «Eu, na altura, achei muito estúpido». Questionado sobre os motivos de sua opinião, afirma que

«O SEF é o serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Estrangeiros não falam português... aa...sim... há estrangeiros brasileiros, ou moçambicanos, ou da angola...ou não o que que falam português...mas o resto mundo não fala português... e aa...era um bocado estúpido ter pessoas ...la... que não falam inglês [risos].

[...] sou estrangeiro. Cheguei a este país...tem que ir lá para organizar minha vida... fazer o meu título de residência..., mas não consigo falar com ninguém lá porque não há ninguém que fale inglês [risos] ...aa...era muito estranho [risos]...e agora o que vamos fazer? Na altura houve uma senhora lá que conseguia fala um bocadinho e que era a única que... a... no meu caso, lá em braga, não sei nos outros centros... não sei se calhar são diferentes, não sei...estou a falar sobre a minha experiência....a....a primeira vez foi. Um bocado complicado» (Abraão, 2019)

O exposto pelos imigrantes enfatiza um certo despreparo do antigo SEF para lidar com as demandas. O tempo de espera também é um fator complicado. Além das longas filas nas agências de atendimento do SEF, o serviço online não funciona como esperado. Pelo menos como imaginado pelos imigrantes. A falta de informação se apresenta como agravante não apenas para saber quais documentos encaminhar corretamente, mas, permanece após o envio de toda a documentação. Um silêncio que levava incerteza quanto ao posicionamento de sua solicitação. Assim aponta Enila (2020),

«[...] dai eu enviei uma manifestação de interesse para poder tirar o visto de trabalho aqui, como eu já tinha o emprego, eu já tinha os documentos necessários, só precisava mesmo desse visto...e ai em Janeiro de 2019 eu enviei os documentos online pela plataforma deles...e nunca recebi nem uma noticia disso, eles nunca me mandaram um email de confirmação, não tenho tracker, então não da para saber qual que é a posição da minha manifestação...até que em abril de 2019, ou seja, 3 meses depois, eu recebi um e-mail dizendo que os documentos que eu havia submetido estavam ok e que eu poderia então marcar uma data para tirar o visto.» (Enila, 2020)

O silêncio sobre o posicionamento da solicitação é então substituído por uma momentânea sensação de alívio. Tudo esta se encaminhado. É então que o imigrante se depara com um novo problema: realizar o agendamento.

«[...] e ai a gente fica feliz por dois segundos, porque depois a gente descobre que não...é impossível marcar uma data, é impossível...a gente entra no sistema... todas as delegações de Portugal, assim, eu coloquei até Madeira, e não tem vaga... e eu fiquei a procura de uma vaga durante muitos meses...assim...até julho e nunca tinha vaga,...então eu cheguei a telefonar lá e eles disseram que não tinha nada que pudesse ser feito e que basicamente eu tinha que da a sorte de apertar F5 para atualizar a página e aparecer alguma vaga em alguma delegação para eu poder me inscrever.» (Enila, 2020)

A crítica proferida por Enila (2020), recai sobre a forma que o processo se desenvolve. Não havia, segundo ela, uma ordem procedimental. Apresentava-se mais como um jogo de azar ou sorte.

«[...] você pode marcar uma data mais não existem datas disponíveis, e ai pode ser que alguém amanhã consiga...receba o mesmo e-mail dizendo que ela pode marcar uma data... e ai essa pessoa entra na página no horário que estaria no trabalho, por exemplo, e lá tem uma vaga disponível e ela consegue marcar a data dela antes de eu marcar a minha, por exemplo...nada garantia que eu fosse conseguir encontrar uma data, ou que houvesse uma vaga a minha espera [...]» (Enila, 2020)

O imigrante, na busca de uma solução para seu problema, no caso a regularização de sua permanência no país, esta disposto ao que lhe for imposto. Vai aonde for necessário, espera o tempo que for preciso, desde que a espera seja permeada por alguma certeza. Todavia, a ausência de previsão acaba por corrompê-lo ao âmago.

«[...] mesmo que me dissessem: “olha daqui 6 meses vai ser o dia que a gente tem uma disponibilidade em...Braga”, por exemplo, eu moro em Évora e eu não teria problema nenhum em me deslocar para Braga em 6 meses se eu tivesse a certeza de que estava tudo certo, mas isso não aconteceu.» (Enila, 2020)

A incerteza da espera, conduz o ser a uma espécie de prisão. Primeiro, um aprisionar do atualizar a cada novo instante da página de agendamento. É, semelhante ao afirmado por Enila (2020), um jogo de sorte e azar. Um único momento longe da tela em atualização constante, no trabalho ou a jantar, pode significar a diferença entre conseguir ou não realizar o agendamento. Segundo, pelo facto de que enquanto não vir a efetivar a regularização de seu permanecer, o imigrante encontra-se, por assim dizer, aprisionado fisicamente aquele determinado espaço. A legalidade do ato de enviar a documentação e tê-la rececionada, permite-lhe apenas o direito para aguardar em silêncio o lento transcorrer do tempo até ter sua situação regularizada. Seu direito de ir e vir se encontra, assim, restrito aos limites territoriais do Estado.

«[...] é...então, basicamente, eu estava presa em Portugal, porque dentro de Portugal as autoridades sabiam que eu estava em vias de legalização da minha estadia, então, assim...era...estava tudo bem...então se algum, por acaso...algum policial pedisse algum documento eles tinham acesso a isso, a essa informação. Porém, os meus documentos não eram válidos para fora e se eu tentasse...se eu saísse da UE, por exemplo, e tentasse voltar é...a minha...o meu reingresso poderia ser negado, porque, quando eu entrei em dezembro, não, em novembro de 2018 o meu passaporte foi carimbado no dia 21 de novembro aqui em Portugal e ..pelos acordos eu teria só 3 meses de permanência, sem precisar de nenhum visto...já abril, por exemplo, já era maio, junho e eu ainda não tinha nenhum visto, então eu já tinha passado o tempo ee.... enfim, e ai... é ... por conta desse atraso também deixei de fazer viagens, fora a ansiedade, né, de estar sempre a esperar de achar uma data e não ter a data, então...o que mais...aa...eu acho que a pior parte de todo esse processo é a falta de...de certeza [...].» (Enila, 2020)

Este aprisionamento da espera, não finda com o ato de conseguir realizar o

agendamento do atendimento na agência do antigo SEF. É, agora, substituído por uma nova espera. O grande número de manifestações não reflete apenas no tumulto por conseguir realizar o agendamento, como sobre o prazo temporal entre a obtenção de êxito nesta missão e o efetivo atendimento. É o que aponta Rodolfo (2019), ao relatar sobre o tramite de seu processo e expor que entre sua chegada e o efetivo atendimento o prazo supera um ano: «*agora, vai ser agora em dezembro, depois de um ano*» (Rodolfo, 2019). Após o auxílio externo, como relatado anteriormente, conseguiu encaminhar a solicitação e realizar o agendamento. Obteve êxito na missão, todavia, não conseguiu agendar o atendimento na cidade de Évora. «[...] *a minha ficou para dezembro, mas não aqui em Évora...vou pra Beja. Aqui não tinha mais vaga.*» (Rodolfo, 2019)¹⁷⁴.

Além de seu relato pessoal, apresenta a história de uma colega de trabalho brasileira que também conseguiu agendar o atendimento. Porém, o prazo entre realizar o agendamento e o efetivo atendimento, enfatiza, continuar a ser um problema: «*Uma amiga lá do hotel [nome ocultado], também é brasileira, conseguiu agendar para junho do ano que vem também [2020]. Acho muito longe [...]*» (Rodolfo, 2019).

Mesmo com a obtenção de êxito em realizar o agendamento, o desejo por conseguir regularizar sua situação o mais breve possível, de modo a ter paz de espírito e liberdade plena para circular, leva o imigrante a continuar a tentar um novo agendamento. E, em raras ocasiões, obtêm sucesso na empreitada. É o que aponta Rodolfo (2019), ao continuar o relato sobre sua colega de trabalho: «[...] *ficou tentando...agendou, mas ficou tentando mudar a data. Ela conseguiu para fevereiro também. Mas também não é em Évora. É em Faro*» (Rodolfo, 2019). Assim como expresso por Enila (2020), em busca de acomodar-se e se integrar ao corpo social de forma regularizada, o imigrante vai aonde for preciso.

Contudo, é preciso salientar, o ato narrado por Rodolfo (2019) evidencia a falha no sistema de agendamento. Devido não existir uma ordem para o agendamento, a abertura de novas vagas em períodos em que antes não existiam, acaba por beneficiar àqueles que, providos de maior sorte, entraram no sistema de agendamento no momento certo, mesmo que sua solicitação seja mais recente que a de outros, tal como exprimido por Enila (2020). Por força disto, muitos imigrantes que sem disponibilidade de tempo

¹⁷⁴ Entrevista realizada no dia 20 de novembro de 2019, em uma cafeteria na cidade de Évora.

para ficarem a atualizar constantemente a página do antigo SEF ou os recursos tecnológicos necessários, como telemóvel com acesso à *internet* ou um computador à sua disposição, acabam por ter seu atendimento sempre postergado. Como o relatado em conversa informal por Carlos¹⁷⁵, que tentava, sem sucesso a quase um ano, realizar o agendamento.

7.3 UMA TRANSIÇÃO ACOMODACIONAL

A criação do outro, ou a atribuição de certas características ao outro, provém da necessidade de proteger a coerência da própria imagem.
(Cereijido, 2008, p. 64)

Com o objetivo de conhecer a cidade e libertar a mente dos pensamentos da solidão, sento-me em um quiosque junto ao Rossio de São Brás¹⁷⁶, o qual logo se transforma em um espaço de contato e trocas culturais (Grinover, 2006). Uma forma de fugir da solidão é «[...] experimentar o ambiente a que ele se encontra ligado» (Resende *et al.*, 2021, p. 15). Algumas palavras trocadas e novas amizades começam a se tornar possíveis. Um convite para um churrasco, uma espécie de «[...] festa do paladar: pão, sal e vinho» (Kristeva, 1988/1994, p. 19), onde o encontro é iniciado. Nada de carne, tal como é comum no Brasil, mas, sim, sardinhas. De forma camaleónica, o (i)migrante se integra ao ambiente, faz vista grossa aos detalhes que não lhe são familiares, mistura-se. Olha tudo com curiosidade e se adapta.

Como um estranho que bate à porta (Bauman, 2016/2017), não se vê no direito de questionar a inexistência, por exemplo, da carne no churrasco. Há um respeito silencioso ao que lhe é estranho, uma espécie de bons modos (Boltanski & Thévenot, 1991/2020).

¹⁷⁵ Pseudónimo atribuído ao Objeto de Observação BRA-TMII-01.

¹⁷⁶ Aproveito para dedicar esta obra a memória do amigo, António Doce, proprietário do Quiosque Rossio e agente da Polícia de Segurança Pública [PSP], sendo, este, a primeira amizade que construí em Évora. Doce, recebeu-me de braços abertos em seu quiosque e, ausente de qualquer fundamentação de estereótipos, acolheu-me como amigo, convidando-me para um churrasco em homenagem ao seu aniversário e para outros eventos. Amigo para todos os momentos, prestativo e de grande coração, demonstrou sempre a prática de um *regime de envolvimento protetor* (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Thévenot, 2006/2016). Mesmo no dia de folga da PSP, momentos os quais dedicava a caça e ao quiosque, presenciou em frente ao quiosque um crime de violência doméstica, em dezembro de 2020, onde, ao intervir para salvar a vítima, acabou por ser atropelado e arrastado por longos 40 (quarenta) metros. Gravemente ferido, acabou por não resistir aos ferimentos e veio a óbito. Faleceu a fazer o que mais lhe dava prazer, ajudar ao próximo.

A possível queixa é emudecida pelo desafio da novidade (Kristeva, 1988/1994). Uma tentativa de evitar sua desconsideração e depreciação como figura humana, enquanto, gradativamente, realiza um reconhecimento dos exercícios corporais por intermédio da prática de um princípio do comedimento em seu contato (Resende *et al.*, 2021). Pequenas diferenças são, desta maneira, deixadas de lado em prol de um convívio harmónico e da integração. Já familiarizado ao ambiente, da melhor forma possível, entrelaça os braços aos novos amigos e, em uníssono, brandamos a canção *Postal dos correios*, do grupo musical português, Rio Grande (Monge & Gil, 1996).

A cantiga, que acabara de conhecer – e que retratava também uma história de migração interna –, atua como um *mecanismo facilitador* aos múltiplos arranjos e possibilita a transposição de um regime de envolvimento de ação familiar e de proximidade para um regime, então, planificado (Thévenot, 2006/2016). A saudade da família e do que lhe é familiar, constante na vida do imigrante, é, mundo afora, objeto de poesia. A migração, desde os tempos homéricos, faz do (i)migrante o personagem central de inúmeras narrativas. *A Ilíada* e *a Odisseia*, de Homero (c. 700 a.C./2013, c. 700 a.C./2018), são provas disto¹⁷⁷. Aquele que parte e chega, desde os tempos mais remotos, despertou, e ainda desperta, interesse e sentimentos controversos, seja por encanto, medo, curiosidade, admiração ou repulsa.

A novidade é uma constante para aquele que se coloca a migrar. Tudo é novo. O trânsito e seu fluxo; as avenidas, ruas, praças e construções, o clima, as árvores, jardins; as pessoas, roupas e trejeitos, o quais, inevitavelmente, compara com a experiência que carrega de sua origem (Resende *et al.*, 2021). Até mesmo a disposição dos itens no mercado, tudo desperta curiosidade. Um novo desencontro, por assim dizer, ocorre na busca pelos alimentos de costume. No primeiro deslocamento ao mercado, aquele que acabou de chegar se encontra perdido. Os cortes de carne, diferentes dos usualmente conhecidos no Brasil, *e.g.*, acabam por trazer a mente uma nova confusão. Internamente, em uma nova nota mental um lembrete é adicionado para, posteriormente, pesquisar e assimilar as diferenças nos cortes e nomenclaturas de modo a saber o que solicitar na

¹⁷⁷ Considerado um dos primeiros livros da literatura europeia, *A Ilíada*, possui como característica o facto de que, de certa maneira, «[...] nenhum outro livro conseguiu superá-lo — nem mesmo a Odisseia. Lida hoje, no século XXI, a Ilíada mantém inalterada a sua capacidade esmagadora de comover e perturbar» (Lourenço, 2013, p. 57). Sua continuação, *A Odisseia*, é o livro que possui maior influência na construção do imaginário no ocidente depois da Bíblia (Lourenço, 2018).

próxima ida ao talho. Os produtos oriundos do mar, para um jovem vindo do interior a mais de 1.200km do litoral, são motivo de encantamento devido a quantidade, qualidade, diversidade e, diferentemente do Brasil, razoável custo financeiro. A alimentação se torna, então, um novo desafio. É preciso, novamente, conformar-se com o que está disponível. Enquanto alguns itens adquirem novas perspectivas de consumo, outros de sua alimentação habitual, os quais não refletiam em seu orçamento no país de origem, podem, no novo local de morada, apresentarem-se onerosos ao migrante. Banana não é mais a “preço de banana”, principalmente para aqueles que estão a realizar conversões financeiras. Como salienta Amara, paga-se o preço pela exotividade de determinados itens.

«há preços e preços [...], pois, são coisas exóticas, digamos. Se eu pensar em um prato típico africano, então eu... [reflexão]... mas vou encontrar, por exemplo, azeite de dendém no supermercado [...] a gente faz o que quer, só que tem que depois pagar o preço do exótico, né. Do diferente. [...] batata-doce, que nós comemos muito, banana, coisas assim também do dia-a-dia e...e mesmo... uma espécie de uma polenta, que é o funje, que é feita da farinha de mandioca e... encontro também aqui, a venda e tudo. Loja africana, por exemplo, também, com produtos africano, portanto.... é na verdade...é paciência é ...um cadinho... gastar um cadinho mais de dinheiro e, depois, como nos somos de língua portuguesa então também temos hábitos de comer, acho que é um dos países que se come melhor por que é mais próximo, né [risos]» (Amara, 2020)

A cada encontro com algum alimento costumeiro, um sorriso de contentamento. Um gostinho de lar, de aconchego. Sentir-se em casa pelos sabores que lhe fazem lembrar às origens. Comidas típicas, como ressalta Rodolfo (2019), na grande maioria das vezes é o que desperta maior desejo no imigrante: «coxinha, pão de queijo... coisas típicas».

Junto ao corredor dos congelados, próximo aos bolinhos de bacalhau, raros no interior do Brasil, o olhar é atraído para um produto em especial: pão de queijo. O *mineiro*, que vem do local onde a iguaria possui extensa fama e consumo, enlouquece. Apesar de ter a origem de produção brasileira, o produto deixa um pouco a desejar, algo normal para produtos industrializados, contudo, semelhante a canção portuguesa supramencionada, «pão de trigo e linguiça pra merenda [...]», e, no caso, a iguaria mineira, «[...] sempre dá para enganar a saudade» (Monge & Gil, 1996, p. 1). E, assim, segue o (i)migrante, a

enganar a saudade com pequenos detalhes. Tudo que lhe faz lembrar ao local de origem, torna-se, desta forma, sagrado. É, para o mineiro, o pão de queijo; para o gaúcho¹⁷⁸, a rara erva mate do chimarrão; para o nordestino¹⁷⁹, o cuscuz, a tapioca. A um *modesto* preço, leia-se com ironia, a saudade se engana e o tempo segue. O imigrante reside e resiste, e assim, permanece.

Se para alugar dificuldades foram impostas, o restante, pelo menos no caso deste pesquisador, não representou uma efetiva dificuldade. Em uma manhã, de posse do contrato de arrendamento, fora possível emitir o NIF, dificultado por todos na *internet*, a revelar uma inconsistência, relatividade e amplificação dos problemas enfrentados e transmitidos nas redes sociais que, por sua vez, produzem influências na construção das representações da realidade para aqueles que almejam realizar determinado processo migratório. De posse deste, tornou-se possível realizar a abertura de conta bancária, assim como, assinar o pacote de *internet* e telemóvel. Agora, era necessário aguardar a ativação do plano telefónico por parte da empresa e que esta fosse à residência instalar o serviço de *internet*. O prazo, inicialmente previsto para três dias, levou três semanas. «*Problemas técnicos*», reportaram. Este facto levou a um novo problema, comum a todos os estrangeiros: *comunicação*.

Na data do mencionado churrasco, coincidira com o dia dos pais no Brasil, celebrado no segundo domingo de agosto. Sem telemóvel, visto o plano do número provisório já haver expirado e o não estabelecimento dos serviços de comunicação pela empresa responsável, entrar em contato se mostrava impossível. O que fazer? Adquirir um novo plano temporário? Por sorte, Gomes¹⁸⁰, um dos amigos que fizera durante o evento, apresentado de forma intermediada pelo anfitrião, oferece-me o telemóvel para utilizar. Poucas palavras trocadas, visto ser uma chamada internacional, e pronto. Sentimento de alegria e satisfação, para ambas as partes. *O estranho*, nem sempre age com estranheza.

No caso em questão, era perceptível no olhar do benfeitor, um senhor que já se aproximava dos 60 (sessenta) anos, uma mistura complexa de sentimentos. Em conversas posteriores, tomei conhecimento de que também já havia vivenciado a experiência da

¹⁷⁸ Gentílico que designa os indivíduos oriundos do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

¹⁷⁹ Gentílico que designa os indivíduos com origem na região nordeste do Brasil.

¹⁸⁰ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação PRT-TL-09.

migração, internamente, ainda quando jovem e, portanto, compreendia as dificuldades impostas pelo deslocamento. Seu olhar, uma mistura de lembranças da juventude e saudades dos pais, já falecidos há alguns anos, expressava compreensão e reconhecimento da situação apresentada. Sentia-se, apesar de já há muito de retorno a sua origem, semelhante ao expresso por Kristeva (1988/1994), *estrangeiro de seu próprio ser*. Reconhecia, em um processo de alteridade com o *outro* (Ricoeur, 1995/1995, 2004/2006, 1990/2014), sua própria existência e deixava-se afetar pelo *outro*, próximo, com o qual se relaciona, ao mesmo tempo que, também, afeta-o (Breviglieri, 2008; Mead, 1934/1972). Este facto vem a confirmar o apontado por Kristeva (1988/1994): «os amigos do estrangeiro, excetuando as boas almas que se sentem obrigadas a fazer o bem, somente poderiam ser aqueles que se sentem estrangeiros de si mesmos» (p. 30).

Durante os próximos dois anos não iria desenvolver muitas novas amizades. A rotina académica iria me prender por completo à universidade. Passaria mais tempo no Colégio do Espírito Santo (CES), local de funcionamento da Escola de Ciências Sociais (ECS), e no Instituto de Investigação e Formação Avançada (IIFA), localizado no Palácio do Vimioso, do que em casa. Todavia, o tempo preenchido pela pesquisa não evitaria os problemas pertinentes a figura do estrangeiro, pelo contrário, ao mergulhar em busca do despertar e da libertação de uma «[...] ilusão ingénua [...]» (Morin, 1982/2005, p. 24), evidenciaria um novo objeto de estudo, modificando, assim, o objeto inicial. As dificuldades de qualquer estudante seriam agravadas pelo facto migração (Iorio & Nogueira, 2019)¹⁸¹. O olhar, agora aprofundado pelo objeto académico, começaria a identificar, nos *outros*, os olhares e a ver em *si mesmo* o reflexo de um olhar sobre o *outro* (Antonelli, 2013).

A visualizar agora, porém, com o auxílio do novo olhar que fora lapidado, torna-se perceptível a divisão da presença do estrangeiro em dois átomos distintos: o primeiro, resume-se na visualização e compreensão do estrangeiro como turista, temporário, provisório. Sorrisos e palavras de atenção, contudo limitados e carregados, em muitos casos, de interesses comerciais, podem sintetizar este momento; o segundo, a se

¹⁸¹ Interessante notar que a influência do fator migração não se apresenta apenas aos imigrantes internacionais. Em relação aos migrantes nacionais, também foi possível notar diferenças nas construções de relacionamentos. No geral, os estudantes originários do distrito de Évora possuíam um relacionamento com maior envolvimento entre eles, enquanto os estudantes com origem em outros distritos, a estar na cidade apenas por força das atividades académicas, desenvolviam com os primeiros uma relação diferenciada, contudo, melhor que a desenvolvida por estudantes internacionais.

diferenciar do primeiro tal como em Simmel (1908/2005) e em Schütz (1944/2010), dava-se quando, *e.g.*, ao realizar algum pagamento com o cartão bancário, ato no qual, mostrava-se possível identificar um olhar de surpresa no interlocutor do outro lado que, ao manuseá-lo, constatava que este era emitido por instituição portuguesa. O sorriso, ocasionalmente, a evidenciar um conflito interno, desmanchava-se no ar (Berman, 1982/1986). A frondosa atenção, também.

Nota-se, com isso, a diferenciação no tratamento entre a existência do estrangeiro tida como passageira ou permanente. O cartão bancário significava, para o operador a receber a comanda – nem sempre nacional português –, que aquele imigrante era algo permanente. O *permanecer* é, então, gerador de incómodo (Resende & Souza, 2019a). Quando demonstrado, em conversas com outros interlocutores, a intenção de permanecer em Portugal, tornou-se comum o retorno de respostas como a do português Gilson¹⁸²: «*Mas seu país precisa de você para melhorar [...] nosso país é pequenino, o seu é maior*»¹⁸³. Em suma, a sensação produzida, poderia ser definida como: “*Seja bem-vindo, se for temporário*”. Convívio e integração limitados pelo *estar* e pelo *permanecer*.

O olhar atento sobre a figura do imigrante, e sobre o estrangeiro a habitar o *ser*, buscou questionar a influência desta figura no contexto do *outro* e na própria essência. Agora, além de *permanecer*, por tempo determinado ou indeterminado, questionava a sociedade acolhedora e os indivíduos acolhidos sobre este *permanecer*. A colocar o dedo na ferida aberta em que me encontrava, os olhares furtivos a fugirem do questionamento começam a serem notados. Logo, tornou-se possível concluir que: falar sobre o assunto era algo delicado. «*Não vejo problemas, a vida é sua*», branda outro nacional, após a fala de Gilson, já a mudar o assunto da conversa de modo a não se aprofundar ao debate.

Temos, portanto, a *hospitalidade* e *hospitalidade* para com aquele que chega regulada, enfim, pela duração de sua permanência (Derrida, 1994/2003; Kant, 1795/2006). Na *gramática dos motivos*, a vontade explicitada de estender a estadia regulará a *hospitalidade* daquele que ali já habita e reside (Mills, 1940; Resende, 2019; Trom, 2001). A *temperatura da convivência*, semelhante aos conceitos físicos da termodinâmica, regulada pela *pressão do permanecer*: quanto maior a pressão, maior a

¹⁸² Pseudónimo atribuído ao objeto de observação PRT-TL-17.

¹⁸³ Relato de conversa informal desenvolvida em um comércio local em novembro de 2018.

temperatura.

Com o objetivo de analisar tudo de forma externa, em alguns momentos passo a deixar de efetuar pagamentos com o cartão. O tratamento dado, quando realizado o pagamento em dinheiro ou omitida a informação sobre a duração da permanência, mostrava-se, efetivamente, diferente. Assimilado como temporário não era visualizado, talvez, como perigo. Estava dentro de uma razão de *ser* permitida (Sayad, 1991/1998). O permanecer, porém, era, inegavelmente, gerador de incomodo. Sentimento de concorrência? Lembranças dos tempos das invasões? Nestes casos, compreendido como *o estranho* a chegar para ocupar empregos que poderiam ser preenchidos por nacionais e mudar a cultura, *o estrangeiro*, é o portador do medo que invade os corações daquelas que no local já habitam. *O estranho*, que bate a porta, deseja entrar (Bauman, 2006/2008, 2016/2017; Resende & Souza, 2019b).

Logicamente, o ato de migrar não é constituído apenas de medos. Hipocrisia seria dizer que todos os olhares reprimem *o estrangeiro* ou que a tudo que este repousa seu olhar lhe é estranho. Pelo menos na vivência relatada, está máxima não se configura verdade unificada. Se por um lado alguns olhares visualizam o estrangeiro como perigo, por outro, e para outros olhares, este é visto como algo agregador. É a mão de obra qualificada (Góis & Marques, 2007), experiência em outras áreas¹⁸⁴; ou, apesar de qualificada ou sem qualificação, disposta a executar variadas funções, a demonstrar maior flexibilidade em relação ao trabalho (R. Carneiro *et al.*, 2007) e a se aplicar para vagas que alguns nacionais não estejam dispostos a ocupar¹⁸⁵. «*Falta gente capacitada*» diziam alguns poucos, enquanto outros, com olhares distorcidos a ouvir a conversa nas mesas dos bares, franziam a testa e balburiavam que estava a ocupar uma vaga de emprego ou estudo que poderia ser de um nacional. «*Enquanto isso meu filho não tem bolsa*»,

¹⁸⁴ A exemplo do objeto de observação FRA-TMIR-01.

¹⁸⁵ Apesar de possuírem qualificações profissionais, muitos imigrantes acabam por exercerem atividades não relacionadas a sua área de formação. Estes, devido as dificuldades burocráticas impostas para validação de seus certificados no país de acolhimento, como longos processos administrativos ou custos financeiros elevados para a realização do procedimento, são levados a aceitar, por força da necessidade, trabalhos fora de sua formação, ou que não exigem nenhuma qualificação. No geral, é comum encontrar, no caso português, trabalhadores de origem brasileira com formação superior, alguns com mais de uma licenciatura e/ou já a possuírem especializações/pós-graduações, a exercerem atividades no setor da restauração, a lavar os pratos nas cozinhas, quando muito, como atendente de mesa - *e.g.*, os objetos de observação Enila (2020) e BRA-TMIR-01 (Glória, 2020)-, ou, ainda, a se dedicarem a atividades no setor da construção civil - *e.g.*, o objeto BRA-TMII-02 que, apesar de possuir qualificação profissional tecnológica, devido as dificuldades de regularização do status imigratório e, por consequência, da validação de seus certificados em Portugal, auxiliava seu companheiro, objeto BRA-TMII-01, na execução de obras neste setor.

brandava um senhor, sentado junto do balcão, ao dono do *Snack-Bar* Chocolate D'el Rei, enquanto, eu, discorria sobre alguns temas com o Senhor Tício¹⁸⁶, companheiro das noites na taverna e ativo leitor.

Com o objetivo de evitar discórdias, parei de informar que era beneficiário da Bolsa de Estudos por Mérito para Estudantes Internacionais, um desconto que, em resumo, leva o valor da propina do curso ao preço pago normalmente pelos nacionais. Durante algumas conversas, e com o objetivo de analisar as diversas situações, expunha tal informação. Um certo desconforto, tornava-se perceptível em alguns olhares, não em todos, deixa-se claro. E depois, já distantes, ouvia-se, aos sussurros, alguns estudantes dizerem frases como «[...] e os nossos não tem bolsa» pelos corredores. Frases como estas também foram encontradas, posteriormente, em comentários a manchetes jornalísticas na *internet* e em redes sociais em pesquisa realizada acerca do acolhimento de refugiados em Portugal¹⁸⁷. O **sentimento de abandono governamental**, clamado por parte de alguns nacionais portugueses no que tange à falta de recursos e a aplicação do pouco permissível com estrangeiros (P. de Medeiros & Fontes, 2021), é, então, utilizada como justificativa para algumas falas e ações (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Fazem levantar em mobilização inúmeras vozes (Thévenot, 2014), a problematizar, em opiniões diversas, acerca de um problema que consideram público (Cefaï, 1996, 2002, 2005), e levam o estrangeiro a compreender que, aos olhos de muitos, seu lugar não é ali.

De forma a não deixar que a balança de Témis¹⁸⁸ penda para apenas um lado, mas

¹⁸⁶ Pseudónimo atribuído ao objeto PRT-TMN-12.

¹⁸⁷ Dentro do projeto intitulado Pesquisa Lusitana das Migrações – desenvolvido com o apoio institucional oferecido pela Universidade de Évora, Portugal, por meio da Bolsa por Mérito Académico para Estudantes Internacionais e recursos próprios do pesquisador -, foram colhidas em redes sociais, jornais eletrônicos, plataformas de transmissão de vídeos *online* e em sites dedicados a apresentação de petições eletrônicas, comentários realizados, em sua grande maioria, por nacionais portugueses. Mais de 5000 mil comentários foram filtrados e analisados, excluindo-se, assim, comentários repetidos ou sem expressão de conteúdo definido. Durante a pesquisa foram identificadas, inclusive, petições eletrônicas de projetos de lei que propunham o não acolhimento dos refugiados e outros estrangeiros. Interessante notar que, além dos comentários emitidos por nacionais portugueses, eram também encontradas manifestações de apoio as petições proferidas por estrangeiros, já residentes de longa duração, em Portugal.

¹⁸⁸ Deusa grega das leis eternas, uma das *Titanides* (divindades primordiais da mitologia grega, filhas de Urano e Gaia) e segunda esposa de Zeus, união da qual «nasceram primeiro as *horas*, chamadas *Dike* (a justiça), *Irena* (a paz) e *Eunomia* (a Boa Legislação ou a Ordem); depois nasceram as *Moiras* (v.), cuja função era impor inexoravelmente o destino aos homens e aos próprios deuses, para que prevalecesse a ordem no universo» (Kury, 1984/2009, p. 1932, *It. n.*), após, nasceram «[...] a virgem *Astreia* (a justiça personificada) (vv.), e as ninfas do rio Eridano [...]» (1984/2009, p. 1794, *It. n.*). *Témis*, ou *Témis*, é o equivalente a deusa romana *Iustitia*, a justiça personificada. *Astreia*, sua filha, também, personificação da

ainda assim, tendenciosa, é preciso ressaltar que se, por um lado, a permanência desperta inquietudes, por outro, em outros lugares e olhares, já não é identificável a existência de incomodo pelo preenchimento de determinados cargos, considerados não atrativos pelos próprios nacionais (Peixoto, 2007a), por imigrantes. É o que expressa Enila (2020), ao afirmar que grande maioria dos (i)migrantes acabam por ocupar cargos «[...] *mais marginalizados [...] que nenhum português quis [...]*» (Enila, 2020). As cozinhas dos restaurantes, a lavar os pratos, são vagas aptas a serem ocupados por estrangeiros. É o que nos relata também Rodolfo (2019), ao apontar

«[...]a gente trabalha com metade da equipe é de fora... é estrangeiro... é brasileiro, é moçambique, é cabo verde, é da madeira...ali no bar, onde eu trabalho, só tem uma pessoa que é de Évora... o resto tudo de fora... tem um só de Portugal, mas o resto é tudo de fora... [inaudível] também... Restaurante também...cozinha também... é bem variado, é bem misturado» (Rodolfo, 2019)

Atender as mesas, nem sempre. «*Prefiro ser atendido por alguém que fale português*» (Enila, 2020), solicita o nacional em um restaurante, ao se sentir incomodado com o sotaque da brasileira, a classificar sua fala como outro idioma¹⁸⁹. Situação semelhante também ocorre com aqueles pertencentes a etnias específicas, tais como os ciganos, pelos quais, alguns indivíduos se negam a serem atendidos¹⁹⁰. De olhar atento, a absorção de cada detalhe, torna-se, assim, imprescindível.

Fora do contexto da universidade, a buscar (re)conhecer a cidade, recolher relatos e realizar apontamentos etnográficos, verifica-se possível o contato com situações, no início, incompreendidas. Por vezes, ocorriam o oferecimento de vagas para trabalho em

justiça, após a Idade do Ouro, ao ver a decadência moral da humanidade, abandonou o convívio dos mortais e refugiou-se no céu, a se transformar na constelação de Virgem (Kury, 1984/2009). Na tradição romana, suas filhas *Moiras*, ficaram conhecidas como Parcas e representavam o destino individual. São, para os gregos, as fiadeiras do destino a tecer o manto da existência (Hacquard, 1976/1996).

¹⁸⁹ Relato descrito em conversa informal pelo objeto de observação BRA-TEIM-01 (Enila, 2020).

¹⁹⁰ Fora presenciada uma situação no saguão de um respeitado hotel da cidade de Évora, local onde funciona um, igualmente, famoso restaurante alentejano, na qual, ocorreu a negativa de um nacional português em ser atendido por um empregado de mesa nacional, contudo, de origem cigana (objeto de observação PRT-TENQP-01). Cabe notar que, situações semelhantes a está última, também foram presenciadas, a ter como autoria, desta vez, brasileiros, angolanos e moçambicanos residentes há muitos anos no país.

obras de construção civil. De facto, apesar de já ter exercido a profissão (em trabalhos esporádicos e, na grande maioria, em projetos pessoais), esta não era uma informação que, por costume, mencionava, visto o contexto de atuação profissional visada ser outro. Mas a reflexão sobre tal facto acabou por levar a construção/descobrimto de uma das imagens (re)(a)presentadas e (re)afirmadas sobre a figura do brasileiro, homem, na sociedade portuguesa. Os anos de imigração, relacionada a mão de obra para a construção civil (R. Carneiro *et al.*, 2007; Peixoto, 2007b), acabaram por construir a imagem identitária de que se é oriundo do Brasil e do sexo masculino, vai para a obra. E de facto, em contatos realizados fora da universidade, e durante a pesquisa e coleta de dados nas redes sociais, foi possível constatar que esta ainda se apresenta, embora já reduzida e em transição, como uma profissão muito ocupada por brasileiros¹⁹¹. O restante? Nas cozinhas, semelhante ao cabo-verdiano Diego¹⁹², a lavar pratos, ou a brasileira Clarice¹⁹³, a preparar refeições. Quando muito, se demonstrarem o domínio de outros idiomas, a exemplo de Enila (2020), empregados de mesa nos restaurantes, além de outros trabalhos subalternos.

As mulheres, além dos contextos pejorativos relacionados, que vinculam estas a prostituição (Padilla, 2005a, 2005b, 2007b; Peixoto *et al.*, 2005; Peixoto, 2007b; Téchio, 2006), são dedicadas também as funções relacionadas à atividade doméstica, em uma imagem, igualmente, já estereotipada.

«No meu primeiro ano em Portugal eu fui ajudar uma senhora que estava de costas querendo entrar num banheiro. Ela me agradeceu, ainda de costas, mas quando virou e me olhou de cima abaixo, perguntou se eu [por ser brasileira] não conhecia alguma empregada doméstica» (Braz, 2021d, sic., comentário nosso)

Uma nova leva de imigrantes segue, atualmente, para uma variada ramificação de

¹⁹¹ São exemplos de imigrantes brasileiro que desenvolvem tais atividades, seja por opção ou por imposição das circunstâncias, os objetos de observação BRA-TMIR-03, BRA-TMII-01 e BRA-TMII-02.

¹⁹² Pseudónimo atribuído ao objeto de observação CPV-TMIR-01.

¹⁹³ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação BRA-TMIR-04.

prestação de serviços, como a instalação e manutenção de equipamentos residenciais¹⁹⁴. Outros, em uma crescente demanda para as centrais de atendimento dos *call centers*, longe, fisicamente, do público. Ainda assim, os conflitos se mostram presentes. Relatos colhidos em publicações no Instagram do Projeto *Brasileiras não se calam!*¹⁹⁵ dão prova disto:

«Trabalho em uma linha de apoio ao cliente e atendi uma norte americana, que tinha um português muito precário, então perguntei se ela preferia falar em inglês. Ela disse que não, que gostaria de falar com um supervisor que falasse português, porque eu falava brasileiro e ela não conseguia entender nada. [...]»
(Braz, 2021f)

«Eu trabalho na linha de apoio ao cliente. Quando informei ao senhor que precisaria transferir a ligação ele me chamou de burra e perguntou o que eu estava fazendo lá, se não sabia dar a informação pra ele. Ele ainda corrigiu a minha frase dizendo que eu atendo portuguesas, então tenho que aprender a falar português» (Braz, 2021e, sic.)

¹⁹⁴ Por exemplo como o objeto de observação BRA-TMIR-03, o qual, após algum tempo a trabalhar na construção civil, estabeleceu contrato de trabalho com uma empresa de instalação e manutenção de aparelhos de ar condicionados.

¹⁹⁵ «O Brasileiras Não Se Calam é um projeto que tem como objetivo apoiar mulheres brasileiras que já sofreram algum tipo de assédio, discriminação e xenofobia no exterior de forma gratuita. O Projeto nasceu a partir da necessidade de atender algumas demandas específicas das mulheres brasileiras imigrantes, que enfrentam uma discriminação particular causada pelo estereótipo da “mulher brasileira”. Além de dar voz a essas mulheres, publicando em nossas redes sociais os relatos de assédio, discriminação e xenofobia sofridos por elas no exterior, também apoiamos mulheres brasileiras imigrantes, oferecendo apoio psicológico, apoio jurídico, aulas e cursos, divulgamos o trabalho dessas mulheres que estão em busca de emprego, divulgamos casas e quartos disponíveis para aluguel onde vivem outras mulheres brasileiras, promovemos encontros para integração na comunidade, disponibilizamos um grupo de apoio, e divulgamos outras organizações de apoio a mulheres brasileiras no exterior. Todo o nosso trabalho é feito de forma gratuita, através do voluntariado de outras mulheres» (Braz, 2021a). Segundo o Relatório Anual Julho 2020 – Julho 2021, publicado pelo projeto, foram encaminhados 802 (oitocentos e dois) casos de discriminação e xenofobia com origem em 39 (trinta e nove) países, destes relatos, 541 (quinhentos e quarenta e um) possuem como origem Portugal (Braz, 2021c).

«Eu trabalho na linha de apoio ao cliente e uma senhora pediu para que eu transferisse a chamada para supervisora pois ela não me compreendia, já que eu falava “brasileiro” e não português» (Braz, 2021b)

De certa maneira, verifica-se a existência de uma espécie de *hierarquia silenciosa*, a qual estipula a permissividade de ocupação de determinados cargos por nacionais ou estrangeiros, de acordo com a nacionalidade (Peixoto, 2007b). Uma crítica, comumente ouvida nas conversas com os imigrantes, acaba por construir a imagem de que *permanecer* é possível, desde que ocupe cargos que não sejam de interesse dos nacionais. Pensamento de muitos, todavia, não generalizado. Frente a esta situação, é preciso buscar compreender inúmeros pontos de vista antes de, indevidamente, carregar tal afirmação como verdade universal. Ocorre que, tal panorama, não deixa de levar a debate memórias do período das grandes navegações onde as colônias, e as pessoas que de lá vinham, existiam para o simplório objetivo de servir.

7.4 TERRA À VISTA: O CHEGAR

*Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana [...]*

(Trecho da canção *Fotografia 3x4*, de A. C. Belchior, 1976b)

O *partir* dos atores de determinado *tempo* e *espaço*, inevitavelmente, conduz a *outros lugares* no *espaço-tempo*. Em muitos casos, um *chegar* que pode não caracterizar o final da jornada migratória, mas um ponto de passagem até o destino, planejado ou não, a fazer parte da *rota migratória*. O *chegar*, desta forma, não se apresenta como o fim da jornada e sim o início de uma nova etapa no processo migratório. Esta, é afetada por diversos fatores que acompanham os indivíduos muito antes do início da jornada e, frequentemente, transcendem a própria especificidade de cada migração, a carregar consigo influências que estão além da personalidade histórica de cada indivíduo.

Por tal modo, mostra-se possível identificar na constituição do ato de *chegar* a influência de *dispositivos específicos* a cada migração e de *dispositivos gerais históricos*. Os primeiros, estruturam-se por fatores relacionados a individualidade de cada *ser*, responsáveis por conduzir os atores ao deslocamento, e, agregam-se a estes, a própria constituição e desenrolar do ato de migrar, desde o planejar do *partir*, a forma do deslocamento e as experiências vivenciadas durante o percurso, até a constituição do próprio ato de *chegar*. Os segundos dispositivos, referem-se a uma generalidade de aspetos que, em muitos casos, não estão relacionados de modo direto aos atores e/ou ao seu deslocar em específico, mas a um arcabouço de fatores estruturados na relação *origem-destino* pelo *migrar-comum*. Geralmente, relacionam-se a estruturas históricas das quais os indivíduos não possuem domínio e/ou consciência da existência.

Neste ponto, convém apontar que os fatores do *migrar-comum* podem se apresentar com força para além de uma especificidade da *comuma*, ou seja, dizem respeito não apenas a uma limitação geográfica e/ou sociocultural específica, mas a uma amplitude regional e/ou sociocultural maior, composta por diversas outras especificidades. Assim, o *chegar* dos atores à uma localidade pode ser afetado pela (pré)existência histórica de um *migrar-comum* entre o destino e outro microcosmo diferente da origem pessoal, mas pertencente a este.

Retorna-se, assim, a uma compostura, onde as especificidades que formam cada parte, e suas respectivas alterações, interagem entre si e findam por afetar a composição plural do todo, o qual, por sua vez, exerce novas influências sobre estas. As influências geradas e recebidas por uma parte – que apesar de não possuírem relação contextual histórica direta com os outras partes, mas que pertencem a uma composição comum –, eventualmente, podem transcender a constituição de um todo, o qual, mostra-se como um microcosmo de uma composição plural ainda maior.

Por força disto, a recepção de indivíduos que partilham traços em comum com outros de diferentes origens e/ou contextos, acaba por receber influências externas a sua individualidade contextual própria. O *chegar*, portanto, é afetado pelo partilhar não apenas da origem ou contextos específicos em comuns, como também pelo pertencimento das semelhanças compartilhadas com estes ou, ainda, por contextos maiores que envolvem o próprio fenómeno migratório.

Desta forma, apesar de não partilharem um *migrar-comum* específico, certos indivíduos podem receber durante todo o processo migratório, e principalmente no ato de *chegar*, influências de elementos externos a especificidade de sua migração. Regressa-se com isto, ao partilhar comum de características específicas, as quais findam por levar a atribuição de determinados *status* e/ou *estereótipos* a indivíduos que partilhem especificidades comuns com outros atores e/ou contextos, como origem, historicidade, etnia, cultura, entre outros. A amplitude destas influências, tem o potencial de deixar de lado todos os fatores que estruturam as particularidades migratórias e dedicar foco apenas na constituição do próprio fenômeno migratório.

Nesta conjuntura, o *chegar* dos atores a determinados *espaços-tempo*, arrisca-se a sofrer turbulências motivadas pelas “semelhanças” dos indivíduos com outros que transitaram por aquele *espaço* em outros *tempos*. Esta disposição, de modo concomitante e recíproco, apresenta-se como produto e fonte dos fundamentos que fornecem as estruturas para a instituição, manutenção e proliferação dos *estereótipos* e *status depreciativos*. Em síntese, são o que conduz ao *ser*, logo ao chegar em determinado *espaço-tempo*, a receber a alcunha, *e.g.*, de *china*, *brasileiro*, *portuga*, *terrorista*, entre outras. Semelhante ao relato do imigrante brasileiro Rodolfo (2019) que, quando questionado sobre situações vivenciadas que identificava como preconceito, esclarece:

« Mas tem muito preconceito por género, por raça, por idade...aqui eu vejo mais isso....não gosto quando chama os outros de preto... “a é aquele preto ali”... é uma pessoa, por favor, respeita... já ouvi isso onde eu trabalho» (Rodolfo, 2019)

O problema em questão, afeta o *chegar* não necessariamente pelo *estereótipo instituído* aos atores designativo de origem, mas pelo significado que este carrega naquele *espaço-tempo* específico. Estes, serão adquiridos no processo de transmissão dos discursos em que figuram. A forma da mensagem, tonalidade, situação, entre inúmeros outros aspetos psicossociais e socioideológicos presentes na relação desenvolvida entre emissor e recetor no *espaço-tempo* em que foi enunciada, exercerá influências na produção de sentido e, portanto, nos significados que lhe serão conferidos (Fiorin, 1989/2000; Florêncio *et al.*, 2009; Gadet & Hak, 1997; Maingueneau, 2014/2015;

Pêcheux, 2001). Marcados, o primeiro contato dos indivíduos com o *novo lugar* é afetado pelas alcunhas que lhes são atribuídas. Estas, tem o potencial de exercer influências positivas ou negativas na composição do *ato de chegar* e produzem consequências nas primeiras experimentações de contato vivenciadas pelos atores com o *novo espaço-tempo* que adentram.

Um exemplo desta situação é o caso da imigrante colombiana Patrícia. Quando se deslocou com destino a Portugal para reencontrar o marido, realizou escala em Amsterdão, onde pegaria um novo voo para Lisboa. Todavia, a passagem pela cidade não fluiu como planejado e na alfândega, que atua como uma represa a conter a água, acabou por ser retida, o que conduziu a consequente perda do voo¹⁹⁶. Patrícia foi vítima de algo que ela elucida como uma triste herança relacionada a sua nacionalidade, «*um legado muito duro ... que tem sido a droga e a prostituição*» (Patrícia, 2019). Definida como a pior experiência de sua vida, apesar de apresentar todos os documentos comprobatórios dos motivos do deslocamento e mesmo após os funcionários da alfândega realizarem contato telefônico com o marido, foi interrogada por horas com questionamentos repetitivos, uma tática utilizada para identificar inconsistências nos padrões de resposta. Apesar de não possuir relação direta com o histórico de migratório relacionado a exploração sexual e/ou tráfico de drogas, sua origem e beleza exótica para os padrões europeus, acabaram por lhe classificar como perigo em potencial. Um exemplo da atuação direta das influências nas diversas composições da pluralidade.

O contato com o *novo*, a ser analisado como uma *experimentação plural*, constitui-se por uma mescla de inúmeras *experiências* formadas por uma ampla variedade de *influências*. Do mesmo modo que podem existir pré-formulações que influenciam e classificam os indivíduos ao *chegar*, igualmente, estes adentram ao *novo espaço-tempo* carregados por pré-formulações levadas em sua bagagem durante o processo migratório sobre o *novo* que agora é confrontado. Estas simbologias pré-existentes, semelhante aos *estereótipos* e/ou *status*, podem influenciar de forma positiva ou não no ato de chegar.

A equação do *estranhamento*¹⁹⁷, utilizada no processo de *estranhamento do ser*, desenvolve-se também no lado oposto, tanto em relação a expectativa criada sobre os

¹⁹⁶ Ironicamente, o nome Amesterdão, ou Amesterdã [PT-BR], possui origem terminológica em *Amstelredamme*, que significa *represa, dique* do Rio Amstel (Harper, 2023).

¹⁹⁷ Ver: **8 O Equacionar do estranhamento.**

outros seres que irá encontrar quanto a respeito do *novo lugar*. Em grande parte, os fatores utilizados neste cálculo proveem dos conhecimentos transmitidos previamente por outros atores que já vivenciaram o processo, seja através da própria formação dos *seres* como indivíduos socioculturais pertencentes a determinadas *comunas*, por meio de redes mobilizadas de transmissão de informações ou pelos próprios indivíduos em sua constituição particular do *ser* e do migrar como objeto, e que levam a (pré)constituição de uma imagem própria.

Na primeira, tal como o relato de Mohand apresentado por Sayad (1991/1998), os atores carregam consigo uma memória sociocultural e afetiva incrustada ao âmago sobre o *lugar destino*, transmitida a eles desde o florescer da infância e que levam uma espécie de normalidade ao local de destino de um *novo* que não é novidade em essência, apenas em forma. Na segunda, os indivíduos instituem uma preconceção sobre o *novo* estruturada nas informações que lhes são transmitidas por meio das comunicações que realiza através das redes mobilizadas de contato e auxílio durante todo o processo. Por fim, na terceira, desenvolvem essa (pré)constituição através dos conhecimentos que adquirem nas redes abertas ou, ainda, em uma imagem pessoal sobre o *outro lugar* como um nirvana de salvação. Em ambas, apresenta-se a influência de um contexto histórico prévio da estrutura, específico e geral, relacionado ao ato de migrar e o local destino. Por fim, em todos os casos, o que ocorre na essência é o desenvolvimento por parte dos atores no processo migratório de uma representação sobre o *lugar destino*, influenciada pelos fatores históricos relacionados e instituída por meio das imagens, muitas vezes translúcidas (Resende & Souza, 2019a, 2019b), que lhes são transferidas nas redes mobilizadas de contato e transmissão de informações sobre o *outro lugar* e o ato de migrar para este.

Providos desta representação pessoal desenvolvida sobre o *novo* que agora confrontam e de uma alcunha que lhes institui um *status* e/ou *estereótipo*, também formulada adentro a rede de outro microcosmo interrelacionado e de influências recíprocas, os atores desenvolvem suas primeiras experiências de contato. O *chegar* concreto, representado pelo contato com o *novo* dá-se, então, efetivo início.

As imagens pré-concebidas a respeito do *novo*, tanto sobre o que chega como o encontrado por este ao chegar – atores e lugares –, inicialmente, permitem levar a duas possibilidades básicas que podem ser confirmadas ou desconstruídas pelo contato, a ser:

encanto ou *desencanto*. Ambas, ainda estão sujeitas a deturpação de suas imagens devido falhas na transmissão das mensagens que levam a alterações dos sentidos produzidos nos discursos, a ampliar ou a reduzir as adversidades experimentadas (Fiorin, 1989/2000; Florêncio *et al.*, 2009; Gadet & Hak, 1997; Maingueneau, 2014/2015; Pêcheux, 2001). O encanto por estar no nirvana, pode se tornar translucido para os atores em algumas vivências, de modo a amenizar, ou até mesmo colocar fora do campo de visão, possíveis desencontros que ocorram. Do mesmo modo, é possível que situações positivas não sejam compreendidas desta forma, devido a ativação de determinados mecanismos de defesa. Assim, para àquele que chega, como para o que visualiza *o novo* a chegar, a visibilidade e compreensão da imagem real sobre os (des)encontros nem sempre se mostra possível.

Estas imagens deturpadas por influências anteriores, conduzem a novas influências que findam por impactar nas experimentações vivenciadas pelos indivíduos quando do chegar (Breviglieri, 2001). Semelhante ao caso do *jovem africano*, apresentado no Prólogo, em que a rispidez vivenciada logo ao chegar em terras lusitanas acabou por limitar sua forma de agir frente a atendente do café no final do dia. Os estereótipos talhados e (pré)estabelecidos, muitas vezes, impedem ver que a representação que trazem a respeito dos seres e lugares pode não condizer com a realidade. A falta de atenção que lhe foi dedicada pela empregada de mesa na Praça do Giraldo, pode não ser resultado de sua presença em específico, mas, talvez, relacionada ao estresse que lhe fora produzido pelo senhor embriagado junto ao balcão. Situações como esta, conduzem alguns indivíduos a se fecharem logo ao *chegar*, seja devido a representação (pré)construída de que não serão bem acolhidos e que o *preço* a se pagar para estar no nirvana é se manter nas sombras, por força da representação de que desenvolver relações com *o outro* é sinônimo de problema ou, ainda, como forma encontrada para obter a aceitação do permanecer.

Semelhante a marca da besta (Ap., 2011, 13:16-18), a alcunha atribuída atua como uma forma de identificar aqueles que não pertencem para os nativos originais. Um sinal, que etiqueta os indivíduos que se aproximam como *estrangeiros* e alerta os residentes sobre o perigo. Todavia, em muitos casos, estes arcabouços da construção de representações refletem influências que não possuem vínculo direto com os atores principais do processo. Em síntese, são fatores oblíquos, reflexos de ingerências passadas, que exercem influências diretas sobre os seres nas representações que desenvolvem e na

(re)constituição do *outro* e de *si mesmo*. Alcinhas, cujos significados transpassam a mera identificação e são permeadas por constructos simbólicos históricos. Um emaranhado de fatores de defluências recíprocas, que exercem poder nos processos de (trans)formação e (re)constituição dos *seres* e *espaço-tempo*, assim como no desenvolvimento das representações pelo *eu* acerca do *outro*, ambos, individual, coletivo e/ou social.

A representação do *outro*, portanto, desenvolve-se fundamentada nas (pré)concepções históricas oferecidas por este aparato. Devido a esta historicidade alheia, permeiam interferências no encontro com *o novo* que antecedem, muitas vezes, a própria constituição individual do *partir*. Os confrontos com *o novo* induzidos por estes fatores, possibilitam a confirmação destas (pré)concepções já instituídas como verdades ou o estabelecimento de *novos rótulos*, quando frutos de influências inéditas ou transformadas pelo próprio processo de composição plural.

Ao adentrar ao *novo espaço-tempo*, os atores encontram *o novo*, o qual confronta-os ao mesmo tempo em que é confrontado com as representações (pré)concebidas sobre sua constituição. Ao *novo*, atores e *espaços-tempo*, o passado reflete seu peso. Por força disto, os indivíduos vivenciam experimentações que tendem a ratificar paradigmas já instituídos. Os *status* e *estereótipos* atribuídos, servem como marcas invisíveis de identificação para os outros saberem como agir frente a este *novo*. Como mencionado, os efeitos da atribuição destes transcendem os significados terminológicos dos termos utilizados ou do próprio discurso em que são utilizados, a carregarem uma simbologia histórica que antecede, muitas vezes, a própria existência do *ser* alcunhado.

Todo este arcabouço, acaba por acarretar choques inevitáveis e fundamentam, e.g., as dificuldades iniciais dos recém-chegados em se estabelecer no local, tais como conseguir emprego ou arrendar um local para residir, entre outros. Por força dos *status* e/ou *estereótipos* (pré)instituídos, os (pré)conceitos e paradigmas emergem, sustentam-se e se proliferam. Neste ponto, para além da relação nacionalidade e profissão, contextos pejorativos anteriores a própria existência dos sujeitos que chegam são evidenciados. O facto de um indivíduo de uma origem ter gerado problemas em anos, décadas ou séculos anteriores, pode afetar a outros que compartilhem com este a proveniência, seja ela micro ou macrorregional, ou, ainda, sem ligação com a origem, a compartilhar apenas a experiência migratória em comum como quando a sociedade acolhedora possui ressalvas contra imigrantes em geral.

Retorna-se, assim, ao exemplo apresentado por M. L. de Lima (2018), em que os imóveis anunciados para arrendamento se tornavam indisponíveis no momento em que os senhorios se apercebiam do sotaque brasileiro no contato telefónico e, de modo misterioso, minutos depois contactados por um nacional português os imóveis se apresentavam disponíveis. Ou, ainda, como relatado nos bares eborenses, o desgosto pela presença dos estudantes estrangeiros a frequentar a Universidade de Évora¹⁹⁸. Fruto de outros tempos, a memória regional atua como mantenedora de estereótipos. Entre negativas, afastamentos e modificação do tom de fala, entre outros, os desencontros são expressos em variadas formas.

O *chegar*, por tal modo, apresenta-se como um momento de descobertas. Em ambos os lados da relação, tanto o encantamento como o desencanto pela novidade e/ou pelo exótico podem surgir, serem modificados ou, ainda, desconstruídos. A desconstrução, todavia, ocorre com maior facilidade no sentido de positivar aquilo que até então se mostrava negativo. Raramente, ou pelo menos com maior dificuldade, o inverso ocorrerá. Para àquele que chega, na grande maioria dos casos, o próprio ato de estar no local de destino já se apresenta como uma vitória, uma etapa concluída. O novo lugar, mesmo com a presença de diversos problemas e dificuldades, representa «[...] a libertação, a possibilidade de se construir um futuro mais próspero. E com um espaço de liberdade na esfera do trabalho, da vida sociais e política que não possuirão [...]» (Villa, 2017, p. 120).

Como já apresentado, o indivíduo ao *chegar* encontra um *novo*, do qual já possui uma representação construída e que influenciará nos relacionamentos desenvolvidos pelos atores com este novo. De modo concomitante, o *chegar* é um momento de confirmação e/ou (re)estruturação das representações e de descobertas daquilo que não foi possível extrair nas redes mobilizadas de informações. O estrangeiro recém-chegado, assimila-se a uma criança em descoberta do mundo (Elhajji & Paraguassu, 2021). Encanta-se pelas novidades e diferenças, ao mesmo tempo em que procura se ajustar e aprender as regras sociais. Ao mesmo tempo, é também *a novidade* que chega. O exótico estrangeiro desperta curiosidade a fim de verificar as representações gerais (pré)instituídas que o envolvem, assim como por sua especificidade.

¹⁹⁸ Ver Nota de Rodapé nº 202, p. 73.

A maneira com que estes fatores se relacionaram, exerceram sobre seu *chegar* forças que influenciaram todo o processo migratório desenvolvido por este. A confirmação do encanto, em ambos os lados, pode permitir ao estrangeiro melhores chances de acomodação e integração com a sociedade em que adentra. O contrário, todavia, pode levar a possibilidades variadas que produzirão impactos em seu processo migratório e afetaram os modos de *acomodação transacional* utilizados para tentar permanecer.

Ocorre que, nem sempre, a recepção se desenvolve como imaginada. É o que relata Amara (2020), a qual, esclarece que esperava um pouco mais de atenção a sua acolhida:

«[...] pensávamos que como viemos com bolsas e acordos com governos, pensávamos que a universidade fosse nos dar uma atenção melhor, assim, alguma atenção, alguma coisa especial, que não há [...] mas não há propriamente uma preocupação que realmente... ninguém chama, pergunta assim: “você chegou, então, como esta? Esta se sentindo...” não há está, não há... não sei... falta qualquer coisa» (Amara, 2020)

A hospitalidade de acolhida daquele que chega, mostra-se semelhante a uma espécie de *Kula* (Malinowski, 1922/2020), uma economia de trocas, a qual, assenta-se sobre um elemento de espontaneidade recíproca e, concomitantemente, assimétrica (Stavo-Debauge, 2019). Depende tanto daquele que acolhe como de quem é acolhido (Derrida, 1993/1995). É um processo que se desenvolve por meio de permutações desequilibradas, de um dar e receber desproporcional que exige abertura de ambos os lados (Derrida, 1991). Todavia, salienta Amara (2020), muitas vezes a responsabilidade recai apenas sobre «*quem está chegando, isso sim!*».

A hospitalidade regida por este *kula*, inexoravelmente conduz a mudança em todos os seres e ambientes envolvidos e a falha neste ato retira desta sua autenticidade (Derrida, 1997/2003). Por tal modo, apresenta a necessidade de entrega mútua dos atores em saber dar e receber (Derrida *et al.*, 1997/2008; Derrida, 1993/2018), visto que a restrição por uma parte afetará o desenvolvimento da hospitalidade do acolhimento (Stavo-Debauge, 2019).

A forma como o estranho irá manifestar seu encantamento e/ou desencanto pelo novo universo também produziram reflexos diversos (Breviglieri, 2008). Seu encantar-se pode facilitar sua inserção ao ambiente e, do contrário, dificultar. De certa forma, adentro a questão da hospitalidade pode ser compreendido como a troca oferecida (Stavo-Debauge, 2019). Por outro lado, o olhar distanciado que possui lhe permite ver de melhor forma aspectos que àqueles que estão próximos não conseguem enxergar e ao evidenciar estes fatores finda por conduzir emoções ao *outro* que neste já habita. Pode levá-lo a se fechar e a dificultar o processo de aceitação de seu permanecer ou, ainda, semelhante ao vivenciado por Veloso (1989) em sua canção etnopoética motivada pela opinião sobre o que considerava belo em sua terra emitida por Lévi-Strauss (1955/2020), a uma quebra de um paradigma instituído e conseqüente despertar para uma nova compreensão sobre o lugar que habita (Stavo-Debauge, 2019)¹⁹⁹.

Por tal modo, a experiência proporcionada pelo contato com o novo no ato de chegar não se apresenta como algo exclusiva daquele que vem de outro lugar, é também vivenciada pelos atores que já habitam. O contato entre o *estranho* que chega com os *outros*, *seres* e ambientes, as opiniões emitidas por ambos, sobre este encontro e pronunciamentos proferidos pela outra parte, e alterações produzidas por este contato e troca de opiniões, produzem uma nova gama de influências. Estas, por sua vez, tendem a produzirem efeitos que ultrapassam os atores principais do contato e as relações que desenvolvem, a transpor as fronteiras contextuais deste microcosmo e a conduzir implicações também a outros atores e relações desenvolvidas em diferentes composições de cosmos variados. Produzirão influências sobre as informações, *status* e/ou *estereótipos*, imagens e representações transmitidas pelas redes mobilizadas que fornecem sustentação à inúmeras manifestações que envolvem todo o fenômeno migratório em ambos os lados.

¹⁹⁹ Ver 8.2.1 Uma crítica etnopoética: A construção cíclica de um ser em (de)formação.

7.5 ENTRE OS MUROS DA EXISTÊNCIA: CONJETURAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A CIDADE

*Oh! Évora do Alentejo!
Sigo-te de longe a pensar,
E neste anseio de desejo,
Não resisto sem te sonhar.
Rodopia o lápis na tela,
Criando tudo o que vejo,
Escrevo-te a pintar a mais bela,
Ceifeira do Alentejo.
Imagino cada encanto,
Vou pincelando a sorrir,
Na sonoridade me espanto,
Sentindo a obra a surgir.
Desenhando a sua Praça,
Sala que abraça a cidade
Sento a ceifeira com graça
No auge da hospitalidade
(Ceifeira do Alentejo, poema de Matos, 2014)*

Os relatos se diferenciam, assim como de indivíduos, entre cidades. As vivências e experiências de mesmo modo. No nosso caso, o medo do estranho à porta (Bauman, 2016/2017), permeia e preenche de insegurança as altas muralhas da histórica Évora. A cidade, reclusa em sua veste de pedra, mantém-se segura e desconfiada como há séculos fora. Sua história, é permeada pela presença do estrangeiro desde sua gênese. Ainda no século XXI, transporta consigo as marcas do passado.

Em seu brasão, transporta a lembrança de outros tempos (Figura 1). A memória de uma época marcada pelo domínio estrangeiro na região. Um tenebroso aviso, pode-se dizer, aos forasteiros que ali chegam: as duas cabeças dos mouros decapitadas por Geraldo²⁰⁰, o sem pavor (Sousa Pereira, 2000) – destemido salvador a cavalgar seu cavalo –, são recordadas com honra no glorioso estandarte, donde abaixo ostenta os dizeres: ***Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Évora***, de forma a manter vivo o aviso para aqueles que vem de terras distantes²⁰¹.

²⁰⁰ Alguns autores, a exemplo de Simplicio (2003) apresentam a grafia do nome do conquistador como *Giraldo*. A praça em sua homenagem, existente na cidade de Évora, é denominada por ***Praça do Giraldo*** (*sic*).

²⁰¹ Conforme a descrição informada na página da WEB da Câmara Municipal de Évora (2021), o brasão é composto por: «Escudo peninsular de ouro, com um cavaleiro armado de prata, realçado de azul, galopando

Figura 1 - Brasão da cidade de Évora

Fonte: Câmara Municipal de Évora (2021)

Cidade do templo, das altas muralhas que a circundam, das fogueiras da inquisição (Saraiva, 1964). Urbe do medo, de tudo que está além de sua compreensão, assim como *o estranho*. Receio, logicamente, justificado pelo passado de batalhas e invasões. O centro continua em segurança. Seus muros, em muitos, estão além das pedras da construção.

Em contraste as muralhas, que fecham e buscam proteger a cidade, a Universidade de Évora vem como uma ousada e (in)oportuna porta. Passagem aberta para o novo que chega. Transeuntes do conhecimento. A cidade enfrenta então o desafio secular de, ainda fechada em seu claustro, acolher, a cada início de ano letivo, a multidão do novo que a sua porta se aproxima. Defronta-se, dessa maneira, com a recepção e acolhimento destes *seres* em suas grandezas (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Resende, 2019; Thévenot, 2006/2016), e transporta ao coração do tranquilo Alentejo uma vasta multiplicidade cultural. O choque torna-se inevitável. Conforme aponta Amara (2020), isto leva a

em cavalo negro e empunhando uma espada de prata ensanguentada; em contra-chefe duas cabeças de carnação, caídas e cortadas de sangue, uma de homem à dextra e outra de mulher à sinistra toucadas de prata. Coroa mural de prata de cinco torres. Listrel branco com legenda a negro “Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Évora”. Concebido pela 1.º República à cidade em 1919, o brasão ostenta o colar da Torre e Espada» (e.l., *sic.*).

sensação de existir um distanciamento entre a instituição e a comunidade.

«*Não sei, não sei. Talvez a universidade não esteja envolvida com a comunidade, é só um corpo estranho ali, não sei. É só uma coisa que eu sinto para criar laços, para sentir que a universidade é importante para a comunidade, que a comunidade ganha alguma coisa com a presença da universidade, mas não sinto que seja assim uma coisa que sequer a comunidade chega a perceber o quão importante é uma universidade, ou, não sei.*» (Amara, 2020)

Histórias narradas em um dos bares locais, o *Chocolate D'el Rei*, discorriam sobre a desconfiança dos antigos moradores para com aqueles que se mudavam para a cidade de forma a frequentar a universidade²⁰². «*Arruaceiros*», complementavam alguns em suas “justificações”. Fechada em sua muralha, a cidade, mantém vivos os medos e lembranças de eras passadas. Um medo fundamentado na «[...] representação do *outro* e de todos os *outros*, a quem se que atribui o mal de todas as coisas, a crueldade, a violência e o fracasso [...]» (F. N. Dias, 2006, p. 301, *sic.*). Nem sempre, o que de fora se aproximou, fez-lhe bem. A cidade, a mesclar entre exposição e uma espécie de ostracismo, experimenta um conflito fruto de sua própria história e da busca pela ascensão turística. Isto acaba por transpassar aos habitantes e àqueles que chegam inúmeros sentimentos. É o que expressa Amara (2020), ao afirmar que sente «[...] também que a cidade está um cadinho cansada de turistas [risos]. Então, é muita gente de fora, de repente eu sinto que eles estão invadidos e sentem essa excessiva».

Fruto disto, emergem, ora combinadas ora separadas, uma certa *inospitalidade*, em contradição com o desejo de acolher e *ser hospitaleira* (Campos Maciel, 2019). Novamente, a relação entre o *transitório* e o *permanente*, *distância* e *proximidade*, retornam à arena (Siqueira, 2007). Claro, é preciso deixar evidente que a *inospitalidade* não se apresenta como máxima estrutural da cidade, mas, de mesmo modo, torna-se

²⁰² Relatos colhidos em conversas informais com estranhos, no sentido de recém conhecidos, nos bares e cafés pela cidade de Évora, entre os anos de 2018 e 2020, demonstraram isso. Segundo alguns, em sua maioria homens eborenses com mais de 50 anos, os moradores mais antigos da cidade não demonstravam afeição pelos estudantes estrangeiros que vinham residir na localidade com o objetivo de cursar a universidade, em seus mais variados graus, a ser: 1º ciclo (licenciatura), 2º ciclo (mestrado), ou 3º ciclo (Doutoramento). O facto era justificado por histórias, algumas seculares, a respeito de estudantes imigrantes, internos e internacionais, que, em épocas passadas, acabavam por produzir desordens pela cidade, a vandalizar o património público e privado e, em alguns casos, relatos de violência sexual e roubos. Por este motivo, por exemplo, alguns senhores e senhorias da cidade se negavam a arrendar imóveis para estudantes estrangeiros.

inevitável constatar sua existência.

Nas ruas, a mescla entre a modernidade e história. Classificada como monumento nacional, em 1922, e eleita Património Mundial pela Unesco, em 1986, a cidade guarda no âmago um orgulho, plenamente compreensível, do passado histórico. Sua origem deixa, até os dias de hoje, uma dúvida corrente a inúmeros pesquisadores, porém, sua secularidade é, por todos, um consenso. «[...] não há dúvida de que Évora tem origem muito remota, visto que a área da sua implantação apresentava, já na época neolítica, grande ocupação humana traduzida, nomeadamente, por diversos monumentos de carácter sagrado» (Simplício, 2003, p. 365). Tal como enfatiza o imigrante brasileiro Rodolfo (2019), ao afirmar

A história...porque tudo... por onde anda tem história, tem religião, tem cultura...sempre tem um cantinho bonitinho, tem alguma coisa que já se passou ali...é fácil de você saber, sempre está escrito ou as pessoas falam ou se pesquisar também (Rodolfo, 2019)

Na cidade, marcada pelo transcorrer dos séculos, os transeuntes caminham pelas ruas e vielas, vivem, essencialmente, sobre a história. Seus primeiros muros datam, ainda, do período de domínio romano. Passou também por tempos de dominação árabe e visigótica, sendo que, deste último, pouco se sabe. O período árabe, encerra-se com a (re)conquista por Geraldo, o Sem Pavor, em 1165, integrando-a ao reinado de D. Afonso Henriques. Devido a importância estratégica, sua muralha foi ampliada em diversos momentos da história e passou a ser a sede da corte nos reinados de D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, facto este que levou a cidade a um contínuo desenvolvimento²⁰³. Além de importante polo agrícola, Évora se apresentava, também, como local de comércio e artesanato, e, em 1559, é inaugurada pelo Cardeal D. Henrique, com a anuência do Papa Paulo IV, a Universidade de Évora, ampliando, assim, sua importância (Simplício, 2003; Universidade de Évora [UÉvora], 2021). Muito além de um mero aglomerado de indivíduos, a localidade, desde os primórdios, mostrou-se

²⁰³ Conforme aponta Boxer (1969/2006), «apesar de Lisboa ser, em todos os sentidos, a capital de Portugal, o rei e a corte nem sempre residiam ali. Como a maioria dos monarcas medievais e renascentistas, os reis portugueses mudavam frequentemente de residência, e, até o fim da dinastia de Avis, em 1850, instalaram-se muitas vezes em Évora» (p. 19, *sic*, pt-BR)

como importante polo de desenvolvimento da vida alentejana, com enormes reflexos para o contexto lusitano. Protegidos por seu capote de pedras, uma multiplicidade de indivíduos e grupos desenvolveram diversificadas socialidades e mundos (Boltanski & Thévenot, 1991/2020) que, em contínua inter-relação, moldaram o passado, que agora, incide sob a identidade da urbe sua força e influência.

Por suas ruas, grande maioria revestidas por pedras, as lembranças de outros tempos caminham junto a modernidade, sem deixar, claro, de evidenciar o glorioso passado. Seu apego histórico, notadamente, não deixa de lhe trazer, também, para além da capacidade turística, uma limitação a caminhabilidade, a reduzir a *habitabilidade* de seu *espaço público urbano* (Breviglieri, 2002, 2008; Stavo-Debaugue, 2003). As ruas, mostram-se como um árduo desafio para àqueles com dificuldades locomotoras, como os deficientes físicos e visuais (Von der Weid, 2015)²⁰⁴. Não proporciona, desta maneira, uma acessibilidade igualitária a todos que por lá vivem ou estão apenas de passagem (Grinover, 2006). Por força disto, acabam por produzir um mundo distanciador das interações sociais (Breviglieri, 2008/2016), permeado por uma hospitalidade limitada (Stavo-Debaugue, 2017b). Suas esquinas são, para além da definição arquitetônica, um elemento estrutural de sua memória e das pessoas que por ali transitam e transitaram desde seus primórdios (H. B. L. Magalhães, 2018)²⁰⁵.

Suas casas, semelhantes as encontradas em alguns pontos do interior brasileiro – geralmente, em cidades históricas –, apresentam os portais de acesso à residência com ligação direta para as ruas. O local de chegada e de origem, desta forma, é carregado por um somatório de experiências. Ambos, são sentidos e percebidos com base nas experiências acumuladas. É o que nos leva a refletir a fala de Rodolfo (2019), ao afirmar que, Portugal, no geral,

²⁰⁴ Durante a estadia na cidade de Évora, em apenas três momentos, são levadas à memória recordações de encontrar, a transitar pela cidade, pessoas com deficiências ou limitações físicas, a utilizar suportes como, e.g., cadeiras de rodas. Em duas dessas ocasiões, tratava-se de estrangeiros. É preciso salientar que, este facto, não pode ser traduzido como uma ausência de portadores de necessidades especiais na cidade, mas, que as limitações a acessibilidade – ou seja, a locomoção, a caminhabilidade –, possivelmente, tendem a “impor” uma espécie de exílio a estas pessoas, visto a dificuldade em se locomoverem, sozinhas ou acompanhadas, pela cidade.

²⁰⁵ O ponto em questão foi levantado pelo amigo Márcio Almeida que, após passar alguns dias de férias na cidade, em outubro de 2018, afirmou que, com exceção de uma turista, não tinha visualizado pessoas com deficiência física a transitarem pela cidade.

«[...] lembra muito a região norte do Brasil, nordeste assim [...], agora na minha região lembra muito a Alemanha, lembra mais o leste europeu que nossa colonização é toda do leste europeu... então lembra muito Itália, Alemanha... tem muita coisa ali no Sul.» (Rodolfo, 2019)

Não possuem, assim, jardins ou frentes amplas a separar o *mundo exterior* da *intimidade do lar*. Ao caminhar pela cidade, é fácil visualizar, através das portas escancaradas ou pelos translúcidos vitrais, o conforto íntimo da residência, as entranhas da vida privada. Semelhante a situação vivenciada por Amara (2020) que, com dificuldades para abrir a porta de sua casa logo ao se mudar, foi abordada por sua vizinha.

Então chega [a vizinha] e me lembro que minha porta tinha uma dificuldade e ela até no terceiro dia não aguentou e veio: "olhar você tem que falar com o dono da casa por que essa chave que lhe deram não serve ou a fechadura não serve e é a terceira vez que a senhora veio a chover e não consegue abrir a porta"' [risos]. Então ela fica atenta [a vida alheia] (Amara, 2020)

O olhar, que invade o privado de forma inocente outrora curioso, não deixa de capturar a intimidade. Os aparelhos televisores a transmitir os jornais, as fotos de família expostas por sobre os móveis, os jantares sobre as mesas, as disposições das mobílias, tudo é, ao olhar bisbilhoteiro, atrativo.

Diferente do olhar direcionado ao *espaço público*, este, que parte do público, a rua, para o privado alheio, não é provido de uma *desatenção civil* (Goffman, 1963/1966, 1974/1991) a fim de respeitar a privacidade do *outro* (Tonnelat, 2016). Ao mesmo tempo, o ato não possui como intenção o desrespeito. Contudo, não deixa de ser invasivo e, a se aproveitar da distração do *outro*, apodera-se da privacidade alheia durante o tempo que lhe é permitido pelo campo de visão, ao transitar de um ponto ao outro, a cessar sua impertinência poucos segundos depois. A invasão é limitada pelas regras da física, onde, a capacidade perceptiva será regulada pelo campo de visão proporcionado pela porta e/ou janela entreabertas, ou pelos vitrais, e o tempo necessário para percorrer a área em que a visualização lhe é permitida. Quando o *outro* está à porta, ou se apercebe do olhar que lhe invade, é, novamente, realizado o retorno a uma certa *desatenção civil* (Goffman, 1963/1966, 1974/1991). Um respeito reservado – direcionado não a privacidade do *outro*,

mas sobre sua presença – que, ao encenar uma completa distração, finge-se de desaparecido e faz com que o *espaço público* volte a ser o objeto do olhar.

As diferenças arquitetônicas se mostram, também, como um fator de estranhamento. Portais adentro, a divisão e a disposição dos cômodos tende a chamar a atenção. Os interruptores da iluminação da casa de banho, comumente instalados no Brasil na parte interna desta, encontram-se do lado de fora. Detalhes, os quais, após um leve estranhar, são então absorvidos pelo processo de *acomodação transacional* ao novo. A porta, escancarada ou entreaberta, gera uma relação entre o *particular* e o *público*, o *interior* e o *exterior*, a criar uma ligação entre a intimidade do lar e o restante do mundo (Simmel, 1909/1996).

Em contraste as ruas principais, nas vielas, vestimentas a dessecar, dispostas em estendais de chão montados próximos às portas das casas, são expostas aos olhares e, em muitos casos, ao alcance das mãos dos transeuntes. Outras, distribuídas em suportes externos, penduradas do lado de fora das sacadas dos sobrados, distanciam o olhar e inibem o indelicado toque das mãos, sem, contudo, evitar a *invasão ao íntimo*. O ostracismo pessoal do *ser* é quebrado, assim, pela exposição de suas peças de vestuário íntimo a secar ao sol. A situação, claramente, diferencia-se da experiência transportada do Brasil, onde a intimidade do vestuário é, na maioria das vezes, preservada e protegida dos observadores externos no fundo das residências, longe, assim, dos olhares intrometidos. O interior da casa é, de mesmo modo, geralmente preservado, a ter o portal de acesso afastado da rua por onde transitam o alheio.

As edificações diferenciam-se ora devido ao período cronológico de sua construção, ora pela localização. Dentro das muralhas, a cidade apresenta-se aos olhos de uma maneira afeiçoada aos vínculos históricos. Longe da proteção dos muros, a modernidade começa, então, a exercer influência, todavia, sem abandonar por completo o vínculo a arquitetura da cidade.

A residência na qual estava a habitar, situada próxima aos muros da cidade, na parte exterior, representava a transição destes fatores. A porta, a dar diretamente para a rua, trazia ao interior o olhar intrusivo dos passantes, tal como o meu era levado ao transitar pela cidade. A rusticidade dos móveis antigos era quebrada pelo contraste tecnológico do aparelho televisor e outros aparelhos eletrônicos. Ao fundo, compartilhado

com outros moradores, um quintal *dedicado a intimidade do lar*, por onde crescia uma parreira de uvas até a parte superior do sobrado, no qual residia o senhorio. Intimidade, logicamente, restrita pelo convívio multifamiliar, o que impossibilitava um maior desenvolvimento afetivo ao espaço, visto que este não se apresentava como um *território de domínio individual* (Fischer, 1944) e, portanto, com a utilização limitada do espaço compartilhado. Um contato bilateral, por onde a paz e a discórdia são regidas por uma *proximidade* que testa, a todo momento, a reação dos temperamentos (Simmel, 1903/2013).

O aspeto multifamiliar não permite, *e.g.*, a utilização do *espaço comum* como extensão do interno e, por conseguinte, o desenvolvimento de uma afetividade relacionada ao *habitar do próprio espaço* (Breviglieri, 2014). Torna-se, assim, um *espaço desvalorizado* e abre margens a idealização da busca por um *novo espaço* (Lalanda-Gonçalves, 2010). A residência transfigura-se, desta maneira, em um *simplório residir*. Um *habitar por simples habitar* sem, efetivamente, a configuração do espaço como um lar. Morar, porém, sem estar em casa (Sayad, 1991/1998). No interior da moradia, distante emocionalmente do espaço externo, constrói-se, de portas e janelas fechadas, uma espécie de *exílio pessoal* (Segers, 2009), local seguro para, afastado dos olhares externos, em solidão, exercer as manias e se libertar do aprisionamento imposto por *si mesmo* ao próprio *eu* (Breviglieri, 2012b). Adentro a casa, o *ser* é envolvido em uma área de proteção, um abrigo de solidão onde reina tal como um eremita em solitude frente a Deus e a *si mesmo* (Bachelard, 1957/2000). Um sentimento regido pelo evitar, agir com cautela (Resende *et al.*, 2021), que funciona como *dispositivo de acomodação transacional* e objetiva a obtenção do reconhecimento, ou pelo menos a tolerância, do permanecer (Chateauraynaud, 2017; Schütz, 1944/2010).

Evitar sons, aromas ao preparar as refeições, receber visitas, a exposição visual da intimidade, entre outras. Um espaço de hospitalidade limitada (Stavo-Debauge, 2017a). Fora do exílio, adentro ao convívio social, aprisionar-se novamente. *Evitar*, transforma-se no princípio norteador de uma espécie de boas maneiras em prol de um convívio harmonioso (Boltanski & Thévenot, 1991/2020). É preciso evitar adquirir visibilidade, discórdias, confrontos, em suma, gerar incómodo.

Figura 2 - Avenida São João de Deus, em Évora

Fonte: Fotografia do autor. Novembro de 2018.

Longe do *conforto residencial*, a cidade pulsa. Transeuntes apressados transitam em direção aos seus trabalhos, idosos, a pegar o sol da manhã, ocupam os bancos das praças, pedintes suplicam algumas moedas ou algum cigarro, crianças a caminho da escola correm em frenesi. Por fora das muralhas, as ruas são, comumente, preenchidas por árvores que, no outono, cobrem-nas com suas folhas a cair (Figura 2). Laranjeiras, em constante produção, adoçam o aroma ao caminhante. Nas praças e jardins, oliveiras que encantam o olhar e amargam o paladar desavisado. As estações do ano transitam, diferentemente de grande parte do território brasileiro, de forma visível.

O verão alentejano mostra seu poder e as altas temperaturas desconstroem o imaginário pré-concebido de um clima europeu ameno. Semelhante a influência exercida em Portugal pelas telenovelas brasileiras no processo de construção de uma imagem sobre o Brasil (Miranda, 2011), a concepção de um inverno frio e melancólico percorre as terras

tupiniquins, em um processo construtivo de uma representação geral do clima da Europa. No inverno, as chaminés das lareiras a aquecer as residências trazem novamente ao âmago do imigrante a visão antes construída sobre o clima. Acrescentam a cidade uma beleza melancólica, que apenas o frio é capaz de conceber, mas, também, evidenciam a ausência estrutural de suas residências para suportar tal empreitada. Itens antes dispensáveis, tais como o aquecedor, tornam-se bens essenciais ao conforto e saúde.

Ao sair pelas ruas, a caminho do CES, transeuntes reclusos em suas próprias existências a evitam o contato no olhar. Outros, raros, de forma mais amigável desejam um contido «*bom dia*», quase que automático, sem um efetivo envolver. Em uma prática de *desatenção civil*, tal como afirma Blanc (2017), «[...] todos fingem que não se viram enquanto se espreitam mutuamente [...]» (p. 16). Suas roupas, a mudar conforme a estação, evidenciam o ajustar humano sobre o clima. No inverno, as vestimentas leves dão lugar ao pesado Capote Alentejano, àqueles que, assim como eu, deslocam-se a pé pela cidade.

Por toda a urbe, ecoam os estrondosos sinos da Sé de Évora. Ditam, ao som dos badalares, o caminhar de toda a vida urbana. Soar que marca, a cada quarto de hora e ao início da hora completa, que o tempo está a passar na milenar cidade do templo. Aos pés das ruínas romanas, erroneamente, e por muito tempo, conhecido como Templo de Diana²⁰⁶, turistas admiram seu esplendor. Ao descer pela rua cinco de outubro, a ter a costas vigiadas pela Sé, uma longa sucessão de lojas de lembranças turísticas mantém a importância histórica da cidade como polo comercial e artesanal, característica da Évora moderna (Arantes, 2019), herança do período medieval.

²⁰⁶ A História demonstra que o Templo Romano de Évora foi construído em homenagem ao Imperador Augusto, considerado uma divindade, integrando o antigo fórum romano. Ao longo dos séculos II e III d.C., o templo passou por modificações e, no século V, durante as invasões bárbaras, parte da sua estrutura foi destruída (C. Dias, 2018).

Figura 3 - Portal de acesso à Capela dos Ossos.



Fonte: Fotografia cedida por Magalhães, A. B. L., dezembro de 2018.

Já aos pés da Praça do Giraldo, jovens ao sol fumam seus cigarros sentados no chafariz da praça e nos cafés do entorno. Local de martírios e atormentações, concede hoje lugar aos risos e casais apaixonados onde, antes, queimavam em suplício as fogueiras da santa inquisição²⁰⁷. Próximo ali, na Igreja de São Francisco, a temporalidade cronometrada pelos sinos é novamente lembrada, de modo sombrio, no portal de acesso a Capela dos Ossos, por àqueles que ali jazem no descanso eterno (Figura 3). A assumirem a fragilidade da vida humana e a evidenciarem a única certeza da existência, avisam, em

²⁰⁷ O primeiro contato estabelecido com a Universidade de Évora fora realizado por intermédio do Professor Eduardo Esperança, o qual realizou um pequeno *tour* de modo a apresentar a instituição. Ao mostrar e comentar as obras expostas nas paredes do centro do mundo, falou sobre o período vivido pela cidade nos tempos da inquisição e, gentilmente, emprestou-me sua cópia pessoal do livro *A Inquisição Portuguesa* (Saraiva, 1964), o qual aproveitei o momento para agradecer toda a atenção dedicada à minha chegada.

sinal de boas-vindas, que por toda a eternidade estarão a nos aguardar: *Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos.*

Já no Largo dos Colegiais, a transitar sentido a Rua do Cardeal Rei, a Igreja do Espírito Santo, da qual o colégio onde funciona a Escola de Ciências Sociais leva o mesmo nome, abençoa, em eterna vigília, àqueles que procuram tal casa em busca do conhecimento. Ao descer a Cardeal e adentrar o jardim da entrada da Universidade, evidencia-se logo o valor atribuído pela prestigiosa instituição ao património histórico a qual representa. Adentro ao claustro, circulado pelas salas de aula, jovens praticam o convívio social antes das lições. A fumaça dos cigarros e o tumulto das vozes que se misturam trazem ao ambiente um aspeto neblinado, onde, outrora, residia o silêncio clerical.

Figura 4 - Estudantes ao sol no claustro principal do Colégio do Espírito Santo.



Fonte: Fotografia do autor. Novembro de 2019.

No interior das salas, os azulejos das paredes fazem menção as disciplinas antes trabalhadas naquele espaço, assim como, outros temas decorativos. Na *Sala dos Atos*, palco das defesas doutorais e de outros atos solenes, o estilo barroco setecentista com seus azulejos do século XVII trazem ao ambiente a imponência merecida. Na parte superior, por entre os gabinetes dos professores e salas de estudo, a *Sala das Bellas Artes*, local de funcionamento parcial da biblioteca, é preenchida por estudantes em busca de

silêncio para longas tardes de estudo. Silêncio este que é quebrado, ora pelo transitar ininterrupto de turistas em busca da beleza arquitetônica do local, ora pelo rangido triste de sua pesada porta ou pelos passos apressados no corredor externo. Diferentes composições de regimes de envolvimento na ação emergem das formas de apropriação do espaço. O espaço transmuta entre diversas composições plurais que, ora permeiam o familiar ora o plano comum. Não se sintetiza, desta forma, em uma simples dicotomia entre comum e o familiar, o público e o privado, o íntimo e o geral, mas em composições que se estruturam por meio de diversos (re)ajustes. O regime de envolvimento familiar é então afetado pela quebra do silêncio, a evidenciar um certo despreparo da instituição e dos atores envolvidos na construção e coordenação do comum (Thévenot, 2019). Conforme aponta Amara,

«[...] e mesmo os trabalhadores, conversam atendem o telefone, tratam dos assuntos de família, assim, a vontade. Então, é um grupo mais familiar, então, as pessoas expressam-se mais abertamente, também, então, estão mais a vontade, então, são...são seus habitares [barulhos externos] ... Isso prejudica um pouco em tentar estudar. (Amara, 2020)

Próximo à entrada da biblioteca, o chamado *Centro do Mundo* divide o ambiente em distintos mundos, ao mesmo tempo em que os interliga. De um lado salas de estudos e acesso a biblioteca, do outro alguns departamentos administrativos, uma sala de aula e os gabinetes dos professores, onde, outrora, residiam os eclesiásticos. Nada mais justo que a localização deste marco se encontre adentro aos recintos da Universidade de Évora. Todo arcabouço histórico que a envolve e as mentes que por aquele local já transitaram evidenciam-na como um ambiente formado por variadas grandezas, em meio as quais um constante deslizar proporciona a alteração entre múltiplos estados (Boltanski & Thévenot, 1991/2020).

Se, antes, as ascensões de grandeza que permitia eram destinadas a poucos, hoje, tornou-se símbolo de conhecimento aberto a todos, independentemente de *status*, etnias, raça, género ou nacionalidade. A inspiração, que outrora influenciava no relacionamento das *hierarquias de grandezas*, semelhante ao cantado por Belchior, a afirmar que «nesta terra de doutores, magníficos reitores, leva-se a sério a comédia / A musa pomba do Espírito Santo e não o bem comum, inspira o bispo e o Governante / Velhos católicos, políticos jovens / Senhoras de idade média [...]» (Graco & Belchior, 1987), visa hoje,

contrário aos versos da trova, a defesa do *bem comum* em busca de um mundo melhor. O símbolo da pomba do Espírito Santo, brasão da Universidade de Évora, tornou-se um signo que já não representa um direcionamento elitista do saber, mas a representação do conhecimento democratizado.

Em segurança a urbe se mantém. Adentro as muralhas não apenas a história é preservada, o conhecimento, também, é protegido. Mantém assim, *Évora do Alentejo*, seu valor para Portugal. Se outrora sua importância basilar era fundamentada na sua visão e ponto estratégico para com o estrangeiro, hoje, transpõe todas as fronteiras e, a acolher àqueles que nesta buscam o conhecimento, evidencia sua exaltada posição intelectual perante o mundo exterior.

Longe dos muros, outra face da cidade se apresenta. Aos fundos da *Residência Universitária António Gedeão* – marcada pelo símbolo da pomba do Espírito Santo, tal como todos os imóveis e bens pertencentes à universidade –, no bairro *Horta das Figueiras*, uma urbe diferente, em vários aspetos, é apresentada. Edifícios de construções simplórias, relativamente novos, lembram os conjuntos habitacionais. Ali residem àqueles que, de certa forma, não são comumente aceitos pela sociedade eborense ou, por força do destino, não possuem as condições financeiras ou os requisitos burocráticos que lhe permitam residir em outro sítio. Alguns, claro, buscam tal área como forma de, a realizar uma relativa economia no arrendamento, guardar algum dinheiro. Em sua maioria, ciganos e migrantes, nacionais e internacionais, divergentes que levam ao espaço uma identidade específica (Breviglieri, 2018). Seres que, destituídos de uma *humanidade comum* (J. Freire, 2010) e instituídos de uma *invisibilidade cultivada* por discursos históricos (Jardim, 2016), segregam-se, ao mesmo tempo que, são segregados, de *uma forma moralmente aceita*.

Cria-se, assim, uma região moral (Agier, 2011) onde as regras de convívio são fundamentadas em outras normas sociais, mas, como salientava Abelardo²⁰⁸, nacional migrante do norte, residente no complexo, em conversa informal junto ao balcão do *Quiosque Rossio*: «Eh ,pá. Mas se não mexes com eles [ciganos], nada acontece. A mim, sempre respeitam». Os que ali residem, vivem em um mundo no qual os *outros*, de fora, não pertencem e nem por lá transitam. «Pá, só não vá ao bairro dos ciganos. Todo o resto

²⁰⁸ Pseudónimo atribuído ao objeto de observação PRT-TMN-01.

é *fixe*», alerta um senhor ao balcão da antiga *Taberna Mojo*. Uma espécie de *espaço insular*, com fronteiras claramente definidas (Lalanda-Gonçalves, 2010). Os bares que frequentam, as músicas que escutam, os mercados nos quais fazem suas compras, tudo é delimitado e caracterizado por uma linha invisível, que apenas eles sabem ver.

Recordo-me de um episódio, no qual ao sair a noite com alguns amigos – nacionais trabalhadores locais, migrantes internos e internacionais –, e chegar no local escolhido, um dos portugueses, Hector²⁰⁹, informou que não poderia entrar no estabelecimento²¹⁰. Sem maiores explicações, despediu-se de todos, seguiu pela rua – sem aguardar pela sugestão de um dos que ali estavam sobre ir para outro local – e não mais retornou. Ao adentrarmos ao bar, Abelardo, guia da expedição etílica, olha para um dos cantos do estabelecimento e explana: «*esqueci-me que ele não entra cá*». Perplexo, visualizo no canto, como uma gárgula a vigiar a entrada do estabelecimento, uma escultura em porcelana de um sapo. O jovem que partiu sem maiores explicações era de origem cigana, companheiro de trabalho de todos os demais. Por alguns minutos o assunto se desenrolou na mesa, problematizado na procurar de uma compreensão para a ocorrência, a evidenciar, assim, a gênese construtiva de uma possível arena pública (Cefai, 2017b, 2017c; Santo & Andion, 2020).

Apenas no dia seguinte, ao pesquisar a respeito, foi possível compreender, de modo parcial, o motivo de sua partida e a relação existente entre a etnia da qual possui descendência e o famigerado anfíbio²¹¹. Após este episódio, a dedicar uma maior atenção aos detalhes decorativos dos estabelecimentos comerciais, decorações semelhantes, surpreendentemente, tornaram-se comuns ao olhar.

Apesar da existência de divisões, como a acima mencionada, os que ali residem representam uma enorme importância para o desenrolar da vida cotidiana da cidade. São, em grande maioria, trabalhadores, responsáveis pela produção e venda, de bens e serviços. Ali desenvolvem círculos de amizades e criam suas famílias. Movimentam um

²⁰⁹ Pseudônimo atribuído ao Objeto de observação PRT-TENQP-01.

²¹⁰ Este é o jovem, objeto de observação PTR-TENQP-01, a quem, negaram-se a serem atendidos por ele em um respeitado restaurante alentejano de Évora.

²¹¹ Apesar de realizar uma extensa busca por uma explicação para a situação vivenciada, não fora encontrada nenhuma justificação plenamente confiável para tal relação. Segundo um curto artigo encontrado na *WEB*, a origem da relação não é vinculada ao anfíbio em si, mas sim, na palavra *sapo*, a qual, na língua romani, é traduzida por *beng* que possui como significado, além do mencionado, também a palavra *diabo* (O. Silva, 2021).

mundo de instituições, do qual são, em parte, afastados. Cria-se, assim, semelhante ao expresso por Park (1915), uma urbe paralela com características próprias, oriundas de seus habitantes, a qual, transforma-se em uma vizinhança (Breviglieri, 2018). Local de sentimentos, tradições e histórias, próprios de sua existência. Produzem uma normalização dos seus espaços, que adquirem um aspeto familiar (Centemeri & Caldas, 2016), a levar aos moradores uma autonomia e individualidade razoáveis em relação a utilização do ambiente (Breviglieri, 2013/2021).

Dividida por bairros, a cidade demarca também os moradores, que qualificados pela cidade em um modelo de *humanidade comum*, similar ao expresso por Goffman (1974/1991), são distribuídos e hierarquizados, sem, contudo, questionar os estados das grandezas atribuídos a eles como ocorre no desenvolvimento da *cit * (Boltanski & Thévenot, 1991/2020). Um modelo que não se institui pelo reconhecimento da humanidade do *outro* em uma *dignidade comum* a todos os seres, mas pela categoriza o e reunião daqueles que, (des)classificados, podem ser agrupados, distribuídos e organizados em uma *humanidade hierarquizada* que, a evidenciar inúmeras diferenças de grandezas, produzem barreiras que separam a multiplicidade dos seres, a enfatizar as dissemelhanças existentes entre o *eu* e o *outro*, o *nós* e *eles*. Uma distin o ratificada pela aceita o, comodismo e ausência de vozes. Uma *espécie de consenso* silencioso, em prol do *bem comum*, regido por dispositivos de governamentalidade (Foucault, 1978/2008) que, ao categorizar os indivíduos, por força de rótulos (Goffman, 1963/2008) e estigmas (Becker, 1963/2012), gerem os limites que possibilitam o registro e inscri o destes na *vida comum*. Distinguindo-os, assim, na individualidade do *ser* e na *coletividade dos seus*, de modo individual e coletivo em rela o a urbe (Jardim, 2016). Todavia, isto não significa que os seres classificados permaneceram em silêncio. Estes, por mais que silenciados, tendem a levantar vozes quanto a estas divisões.

Por entre os vários bairros que formam a cidade, múltiplos cosmos se compõem. Afastados do movimento do centro, o mais abastados buscam a tranquilidade e espaço para criarem suas famílias nos bairros residenciais (Bourdieu, 1993/2008). Os menos afortunados, arrendamentos com valores mais acessíveis nas «[...] valas despersonalizadas nos subúrbios [...]» (Pais, 2006/2016, p. 257).

Aqueles cuja condição é denunciada assumem agora um lugar na nova representação como pobres, miseráveis, sem domicílio fixo ou então como sem-documentos, imigrantes, habitantes dos subúrbios relegados ao abandono e à violência. Na falta de uma noção clara de exploração e de alguma esperança de mudança social, a rejeição à injustiça social de alguma maneira retrocedeu para aquilo que constitui seu estímulo original: a indignação em face do sofrimento. (Boltanski & Chiapello, 1999/2009, p. 356)

Constitui-se, assim, um reconhecimento do subúrbio, ou das zonas destinadas a determinados indivíduos, como *regiões em decadência para os decadentes*. Formadas por «[...] ruas perigosas infestadas de membros da subclasse; de “distritos turbulentos”, incuravelmente contaminados pela violência [...]» (Bauman & Donskis, 2013/2014, p. 125, [as.a]) e, assim como salientou o senhor ao balcão da *Taberna Mojo*, um acesso proibido, o qual deve ser evitado.

Próximo e adentro a proteção das grandiosas muralhas, os residentes se dividem entre: as *heranças familiares*; a *comodidade* por residir na zona central, com um evidente custo; e, *acomodações compartilhadas*, grande maioria, partilhadas por trabalhadores e estudantes. Por entre as ruas e vielas estreitas, veículos e transeuntes, competem por *espaços limitados*. A beleza da urbe medieval e a comodidade de residirem na zona central é, então, quebrada. Ora pela ausência de locais livres para estacionar as viaturas, ora pelo barulho dos bares e estudantes a festejar.

A pequena Évora, outrora em tempos longínquos, centro de grande movimentação, deixou de ser o foco. Hoje é, na singular constituição das cidades portuguesas, apenas mais uma simples urbe do interior. Se em outros tempos existia sobre si uma procura por manufaturas e um caloroso comércio, hoje, resigna-se ao turismo e a suprimento básico das carências dos moradores. Claro que, para as vilas menores que a rodeiam, ainda se apresenta como ponto de apoio mais próximo. No mais, como em qualquer cidade situada no interior, para se buscar itens os quais a localidade ainda não oferece é preciso ir em direção a cidade de maior proporção mais próxima, no caso, Lisboa. *Shows*, bares badalados e festas de maiores movimentos, lojas e itens específicos. Tal como narra Amara (2020), ao expor a reclamação do filho adolescente sobre a falta

de “movimento” na cidade: «a reclamação dele maior é isto. Não tem vida para ele» (Amara, 2020). É o que também conta Rodolfo (2019), ao esclarecer

«[...] Eu gosto daqui...Eu vim de cidade grande né, Évora é cidade pequena, é diferente... A rotina é diferente. Não é tão... [Pausa] acessível 24hs igual de lá onde eu vim. [...] Aqui tem horário para almoço, tem horário para domingo, feriado, tudo fechado e eu estou acostumado com coisa tudo aberto.» (Rodolfo, 2019).

Por outro lado, conforme relata Valdir (2020), que após um ano em Évora, mudou-se para a Área Metropolitana de Lisboa (AML), o interior difere da metrópole também na forma de contato entre os atores, a proporcionar um contato mais próximo entre estes, a qual também sofreu com os impactos advindos da pandemia do COVID-19.

Em Évora, eu tinha... eu tive mais contato, assim, com a dona da padaria, com o cara da pet do bairro. É... o local que eu cortava o cabelo ali nos Alamos também, cortei várias vezes com a mesma pessoa, ela já me conhecia. É... enfim, eu também aluguei uma bicicleta da universidade, fiz amizade com o dono da loja que era credenciado para dar assistência a bicicleta da universidade, mas isso também porque eu sou corredor de rua e gosto de...e também pedalava lá no Brasil, então, puxei assunto e aí ele também...ficamos amigos, assim, conversamos, né... bastante e tal. Então, aqui em Lisboa hoje eu não tenho, assim, um...digamos assim...nenhum local aqui, assim, que eu tenha feito uma amizade, que eu converso [...] apesar que não tentei muito por conta da pandemia. (Valdir, 2020)

Para além da proximidade que “permite”, a pequena urbe proporciona uma “autonomia e diferenciação” que possibilitam, ao residente, liberdade para poder circular por todos os seus cantos sem a necessidade efetiva de transporte veicular, e a tranquilidade, por estar longe do tumulto da grande cidade. Ao mesmo tempo que, inegavelmente, leva os **limites de movimento e relações** para o exterior, visto que tudo que transcende as relações e movimentos ali permitidos, deve ser buscado na cidade grande (Simmel, 1903/2005).

(Des)individualizadora, semelhante ao proposto por Simmel (1903/2005), a pequena urbe, curiosa, invade os limites da personalidade dos seus – talvez, uma herança

do tempos inquisitórios (Saraiva, 1964) –, a retirar, assim, a personalidade, e, concomitantemente, a atribuir grandezas que categorizam os habitantes, a individualizar *ser e coletivo*. De mesmo modo, em sua esfera «[...] fechada em si mesma e consigo mesma» (Simmel, 1903/2005, p. 586), individualiza-se e restringe seus laços com o exterior, a limitar aos seus habitantes «[...] às miudezas [...]» (p. 585) possibilitadas pela cidade pequena, enquanto passa por um processo de desindividualização, a abrir as portas, em prol do apelo ao desenvolvimento turístico. Seu ostracismo não se apresenta como forma opressora, mas, de certo modo, resultado dos medos e complexidades vivenciados pela experiência da urbe em lidar com a figura do *estranho*. O que acaba por trazer a arena uma espécie de «[...] rejeição à alteridade e o “peso do outro” [...]» (Arantes, 2019, p. 128) que consuma por se apresentar como «[...] uma característica importante da experiência urbana contemporânea [...]» (p. 128).

Se a urbe, por fora das muralhas, constitui-se em uma evidente categorização e limitação dos seus, adentro aos muros procura se transfigurar em uma recetora e hospitaleira cidade turística. A mistura de suas imagens, topológicas e arquitetônicas, agarradas ao apelo histórico e acrescidas dos cheiros exalados pelos restaurantes de comidas típicas do Alentejo e dos sons, emitidos pela urbe em movimento e pelo soar dos sinos da Sé, constroem uma imagem que, composta por uma conjunção do todo, desenvolve, em seu simbolismo, a nova identidade local (Grinover, 2006). Emerge assim, das ruínas quase intactas em meio aos sítios arqueológicos e encrustada no coração do Alentejo, a turística e hospitaleira, cidade de Évora.

7.6 SER EM METAMORFOSE: A TRANSMUTAÇÃO DO ESTRANHO

O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. (Maturana, 1990/2002, p. 18)

O processo de transformação do *eu* na conjunção de *eus* que compõe o *ser estrangeiro* não se apresenta, evidentemente, como algo automático. É um constructo gradual, repleto de detalhes circunstanciais. O indivíduo é “definido” logo ao chegar, por aqueles a já habitar o espaço, como *estrangeiro*. Mas este *status* que lhe é atribuído, inicialmente, tange apenas sobre a relação político-social e geográfica de sua origem, deslocar e destino. Não é ainda, em suma, *ser estrangeiro*, mas, estar-se na situação político-social definida como estrangeiro. Esta última, define-se pelo *status* concedido pelo deslocar do indivíduo entre as fronteiras e é fruto, ao mesmo tempo em que é fonte, de inúmeras relações políticas, econômicas, culturais e sociais. *Ser estrangeiro*, por sua vez, é a integração de variados contextos que envolvem todo o processo e acabam por (re)construir o próprio *ser*.

Todavia, é preciso salientar que tanto a instituição do *status* sobre o indivíduo como a própria (re)construção de seu *eu* afetam-se de forma recíproca. Não é preciso, essencialmente, estar além de seus limites territoriais de origem para *ser estrangeiro*, semelhante a Mersault (Camus, 1942/2019), contudo, apenas na conjunção de ambas as formas se mostra exequível representar, da maneira mais aproximada possível, a essência do *ser estrangeiro*, como *ser* e sentimento. Não é algo que, apesar da inegável possibilidade, o seja atribuído logo a sua chegada ou instituído ao nascer, mas algo que lhe é talhado, lapidado junto ao cerne do âmago de cada indivíduo. Um processo que possibilita a (re)construção e a (re)estruturação do próprio *ser*. Não é necessário, como afirmado, estar no estrangeiro para *sentir-se estrangeiro*. É possível *se sentir um estranho*, e ser visto como tal, mesmo adentro ao próprio mundo. Do mesmo modo, é

possível ser estrangeiro em terras distantes e não se sentir, efetivamente, um *estranho*. O *estranho estrangeiro* é o resultado de um complexo processo de metamorfose, pelo qual o *ser* se (des)compõe, (re)constrói e (re)estrutura a *si mesmo* e ao próprio mundo, enquanto recebe e exerce influências sobre outros, mundos e *seres*.

7.6.1 *Um ser negatvado: A (re)construção da identidade*

Quanto menos livres somos para decidir quem somos ou para viver como gostamos, mais tentamos levantar uma fachada, para esconder fatos e representar papéis.

(Arendt, 1943/2016, p. 320, Tradução livre)²¹²

O *estranho*, destarte, ou a estranheza que carrega, não é algo natural, mas desenvolvido *por, para e sobre* ele. É, de certa forma e parte disso, a herança de outros *tempos, espaços* e experiências. Tal como acontece no âmago da milenar Évora, *e.g.*, medos e lembranças seculares podem, inegavelmente, incidir influência no processo de (re)construção da imagem do estrangeiro e a estabelecer, semelhante a ciência, um paradigma a respeito destes (Kuhn, 1962/2018). Estes (pré)conceitos (pré)determinam o *estranho*, muitas vezes, fundamentados em fatores como origem e/ou percurso migratório, e não na individualidade do *ser*. Desta forma, acaba por levar o indivíduo a um processo de (re)construção/(re)definição da própria identidade.

O *estranho*, na figura do migrante, será definido e acolhido, em um primeiro momento, também, mas não exclusivamente, de acordo com sua procedência. Semelhante ao expresso por Rodolfo (2019), ao comentar a respeito de sua chegada e acolhimento em Portugal e a relação com sua origem, o qual expõe que, inicialmente, é possível notar uma idealização sobre o *ser* que chega fundamentada em uma conceitos previamente instituídos.

²¹² Texto original: «Cuanto menos libres somos para decidir quiénes somos o para vivir como nos gusta, más intentamos construir una fachada, esconder los hechos y representar papeles» (Arendt, 1943/2016, p. 320)

No começo, no começo tem... porque é brasileiro... depois passa... mas é por causa da fama antiga do Brasil, né, que as pessoas vinham para cá antigamente... tinha... vinha prá... fazer dinheiro ou prostituir, principalmente mulheres....

O histórico de indivíduos que vieram antes dele exercerá influências no processo de integração individual, do mesmo modo que os motivos que o levaram a partir e a permanecer também serão levados em consideração (Freitas & Dantas, 2011). *O estranho*, assim, é aquele que *não é familiar* e a determinação do *nível de familiaridade* será relacionada a antecedentes que, nem sempre, estarão relacionados de forma direta com este. Uma simples presença que causa estranheza e produz, de certo modo, desconforto. A aceitação deste *ser* dependerá, em suma, além da *estranheza* que o habita e do desconforto produzido pela presença deste, de sua transitoriedade e está irá colaborar na definição do *estrangeiro* em si.

A recapitular, é possível compreender *o estrangeiro*, como um *ser* (de)composto por negativas. Não pertence, não possui familiaridade, não deveria estar ali, não deveria ser percebido, visto, tampouco, comparado ou compreendido semelhante aos demais que ali já habitam. Chega para ocupar um *espaço* que, por mais vazio que se encontre, já é “habitado”. Um lugar que, apesar de livre, pertence, por assim dizer, a *outros espaços e seres*. Assim como o silêncio a ocupar um *espaço-tempo* definido, social e individualmente, é valorizado – e a gerar incomodo quando quebrado –, o vazio, do mesmo modo, mostra-se como algo relevante quando é “indevidamente” preenchido.

Como objeto de negação, *o estrangeiro*, nega-se a *si mesmo* o direito a identidade (Breviglieri, 2009). (De)compõe-se com o objetivo de melhor preencher e se mesclar ao espaço que lhe é permitido. Transforma-se em uma multiplicidade de *eus*, na qual a definição do próprio *eu* se perde no processo de constituição do *outro* em que se transformou. Transmuta-se com o simples objetivo de se encaixar e se acomodar ao ambiente. Uma estratégia de acomodação, um dispositivo de ajustamento ao novo ambiente que enfrenta (Chateauraynaud, 2015, 2018a, 2018b; Hirschman, 1970, 1980).

O estrangeiro, transfigurado na figura do *estranho*, causa estranheza na busca por permanecer, justamente, pelo facto de não produzir relações de pertencimento. Destituído de individualidade, é analisado, não a ter como fundamentos estruturantes a

própria identidade deteriorada, mas, em uma multiplicidade de fatores, muitas vezes, não relacionado diretamente a ele.

Ser estrangeiro, para além do sentido migratório, é constituído pela sensação de *sentir-se estrangeiro*. Sentimento este que acaba por transformar, gradativamente, o estrangeiro no efetivo *estranho*. Estrangeiro de *si mesmo* e do *nós*, estranho a tudo e a todos. *O estranho*, na figura do estrangeiro, como aqui apresentado, é um *ser* de múltiplas e amplas definições, a transitar em uma vasta multiplicidade de conceitos, contextos, sentimentos, interações, motivações, entre outros.

O estrangeiro, visualizado na forma do imigrante, produz incomodo por ser um *outro* que chega sem a pretensão de partir. É uma entidade que visa permanecer (Breviglieri, 2009). Sua presença *não familiar*, aliada a estranheza que o habita, produz um desconforto na sociedade a qual adentra. É o choque do *outro*, do *novo* que chega com

CAPÍTULO VIII

—

PERMANECER

8 O EQUACIONAR DO ESTRANHAMENTO

[...]
*Mas eu preciso de outros sapatos
De outras roupas, outros temperos
Para formar minhas ideias e meus sentimentos
Eu sou a soma de tudo que vejo
E minha casa é um espelho
Onde a noite eu me deito e sonho com as coisas mais loucas
Sem saber porque
É porque trago tudo de fora
Violência, dúvida, dinheiro e fé
Trago a imagem de todas as ruas por onde passo
E de alguém que nem sei quem é
E que provavelmente eu não vou mais ver*
[...]
(Trecho da canção, *Meu Reino*, de Nunes *et al.*, 1989,
gravada pela banda brasileira Biquíni Cavado)

A intenção do estrangeiro em permanecer, apresenta-se como uma variável importante no processo de definição da situação deste. De mero e transitório objeto no *espaço-tempo*, passa a figurar como efetivo ou, pelo menos, existente. Desta forma, é uma presença que chega a visar se encaixar e habitar o espaço. Aparição incômoda, passível de gerar conflitos (Breviglieri, 2009).

A busca por compreender o conceito de *estrangeiro/estranho*, apresenta-se como uma grandiosa odisseia. Para além dos significados comumente encontrado nos dicionários, sua constituição transita por diversas composições plurais, as quais produzem adentro definições próprias e exercem, em reciprocidade, influências nas composições que emergem adentro outros contextos. Eventualmente, este *ente* pode ser definido interiormente a cada especificidade contextual, contudo, nenhuma irá refletir sua totalidade conceitual. Esta, emerge no íntimo da pluralidade multidimensional do *ser* como indivíduo e das inter-relações que desenvolve como membro do coletivo, com a própria coletividade e entre os contextos que circundam a ele e ao coletivo de forma direta ou indireta. A composição do *ser estrangeiro/estranho*, apresenta-se como o reflexo recíproco e plural de múltiplos conceitos, os quais, na busca por defini-lo, acabam por exercer influências na própria composição do *ser*, ao mesmo tempo em que a constituição dos conceitos é influenciada pela multiplicidade contextual e pelo próprio *ser* que se procura definir.

Por tal modo, refletir sobre *o estrangeiro/estranho* exige a indissociabilidade deste dos

contextos aos quais se relaciona. Compreender sua constituição, conceitos e significados, assim como a própria estruturação do *ser*, exigem atenção a fatores históricos, pessoais, étnicos, políticos, sociais, culturais, territoriais, entre inúmeros outros. Do mesmo modo, ao refletir acerca de um contexto específico, é preciso estar atento a outros que a circundam. Assim, pensar o *estrangeiro* e seu significado social é, igualmente, analisar questões relativas a sua (de)composição e (re)estruturação identitária (Hall, 1992/2006). Sua trajetória de vida, caminhos que o levaram até àquele determinado *espaço-tempo*, origem, cultura e os fatores históricos que o precederam, influenciarão na (re)construção do próprio *eu*, classificação – amigo ou inimigo – e possibilidade de aceitação (Santos Peixoto, 2018).

O processo de *estranhamento do estrangeiro*, por tal modo, mostra-se como uma via mão dupla. Pode tanto desencadear um (*re*)*conhecimento de si mesmo* como *estranho* e levar a um *sentir-se estrangeiro/estranho*, como ser desencadeado ou agravado pela preexistência deste sentimento no *ser*. Este (*re*)conhecer, não significa, essencialmente, o final do processo, mas pode levar a (trans)mutação dos fatores e conduzir uma nova, ou amplificada, estranheza. Desta forma, não é um processo linear, com começo, meio e fim, mas circular e plural, no qual cada nova alteração torna possível um resultado diferente.

Na *equação do estranhamento*, diversos fatores exercerão influências. Não apenas os contextos relacionados ao indivíduo serão considerados. Aspetos relacionados aos contextos históricos, político-econômicos, socioculturais, entre outros, inerentes aos corpos sociais de origem e destino, e interações desenvolvidas por estes, também impactarão no resultado. Para além destes, fatores como a estranheza/estrangeiridade preexistente no *ser*, transitoriedade/permanência do permanecer e sensação de pertencimento mútuo desenvolvida nas relações entre os indivíduos e o novo corpo social ao qual busca se inserir – um complexo de múltiplas sensações ocasionadas e vivenciadas, recíproco e sistemicamente, adentro a *si próprio* (em sua multiplicidade de *eus*) e na sociedade (na individualidade e na conjunção de variados contextos), sobre, por e através deles –, influenciarão durante todo o processo.

Nesta equação, por vezes, males advindos do estrangeiro tendem a ter um peso maior – a variar conforme o contexto migratório – e o sentimento de pertencimento tende a ser afetado pelas adversidades. Em muitos casos, a depender dos fatores apresentados no processo de estranhamento do estrangeiro, apenas a inconveniente soma dos males ou das adversidades serão computados.

Ao adentrar a determinado espaço, *o estrangeiro* o faz com objetivos, pelo menos em teoria, definidos. Chega com um tempo de permanência, por mais que às vezes incerto, já conjecturado. A dualidade, desta forma, condensa-se na (in)mobilidade de seu *ser*: *transitório* ou *permanente*. O estrangeiro que nos interessa, assim como em Simmel (1908/2005) e em Schütz (1944/2010), é aquele que, diferente da figura do turista²¹³, exprime o interesse em permanecer. Este, destarte, será o *leitmotiv* de uma sucessão de acontecimentos sociais relacionados a sua figura e a interação desta com a sociedade na qual se insere. Ambos os autores tratam, logo no início de suas obras, de estabelecerem está distinção, definindo assim, seu objeto de trabalho.

Estas obras, possuem profunda importância para o estudo relativo a figura do estrangeiro, visto que, até então, este raramente era beneficiado por estudos aprofundados. Longe, até esse momento, de ser considerado um conceito filosófico (Waldenfels, 2009) e sociológico fundamental. O *estrangeiro*, desta maneira, dificilmente é encontrado de forma dedicada em obras consideradas clássicas. Simmel (1908/2005) e Schütz (1944/2010), desenvolvem, assim, uma análise sobre a figura do estrangeiro até aquele momento desprovida de qualificações, de certa forma, ainda em sua nudez (Stavo-Debaugé, 2015).

O estrangeiro apresentado por eles é constituído, essencialmente, pela figura do imigrante. Negam, assim, já no início de seus trabalhos, a imagem do turista devido sua transitoriedade. *O estrangeiro* se estabelece em sua obras, como aquele que adentra a um novo espaço com o objetivo de permanecer.

²¹³ É preciso ressaltar que, o turista, em sua transitoriedade, também se apresenta como um objeto fascinante para estudos. É um *ser* que se afasta de sua sociedade e adentra à outra sociedade de forma momentânea (Siqueira, 2007). Desloca-se entre o sair, chegar e retornar, porém, distinto do imigrante quando retorna, seu retorno é, na maioria dos casos, mais rápido e já programado. Diferencia-se, neste estudo, o *sair* do *partir*, tendo o primeiro como um deslocamento já a imaginar o retorno e o segundo como um deslocar com objetivo de permanecer, a longo ou a curto prazo. O turista, em seu deslocar, é submetido a *rituais de passagem* (Van Gennep, 1909/2013) que, por vezes, acabam por moldar também seu imaginário. Dessarte, «[...] pode ser entendido como o sujeito que, ao adicionar imagens às dos cartões-postais, põe seu imaginário a misturar, fundir e refundir imagens dinamicamente» (Siqueira, 2006, p. 138).

8.1 CAMUS, SIMMEL E SCHÜTZ: PARA ALÉM DAS MÚLTIPLAS FIGURAÇÕES DO ESTRANGEIRO

Olhou-me de modo estranho, como se eu lhe inspirasse uma certa repulsa. Disse-me, quase maldosamente, que, de qualquer forma, o diretor e os funcionários do asilo seriam ouvidos como testemunhas, o que “poderia me deixar em maus lençóis”. Comentei que essa história não tinha nenhuma relação com o meu caso, mas ele me respondeu que era óbvio que eu nunca me envolvera com a justiça. Foi embora com um ar zangado. Gostaria de tê-lo retido, de explicar-lhe que desejava a sua boa vontade, não para que me defendesse melhor, mas naturalmente, se posso dizer assim. Percebia, sobretudo, que não o deixava à vontade. Não me compreendia e ficava com uma certa raiva de mim. Desejava afirmar-lhe que eu era como todo mundo, exatamente como todo mundo. Mas tudo isso, no fundo, não era de grande utilidade e deixei de lado por preguiça.
(Camus, 1942/2019, pp. 69–70)

Em sua obra *O Estrangeiro*, Simmel (1908/2005), ao buscar delimitar o objeto de estudo, sintetiza sua definição na atitude do indivíduo que, mesmo com a capacidade de continuar seu trajeto – seja em retorno ou não –, escolhe permanecer. Embora seja possível se deslocar, decide ficar. Como afirma,

Não se usa aqui, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento de ir e vir. (Simmel, 1908/2005, p. 265)

O *estrangeiro* é compreendido pelo autor não como indivíduo carregado de especificidade, mas uma posição, a qual pode ser ocupada em inúmeras situações (Mello, 2015). Desta maneira, é uma forma específica de interação social, em sua essência, constituída pelo «[...] sair/afastar e o ficar/permanecer» (Freitas & Dantas, 2011, p. 604). Simmel (1908/2005) compõe a figura do *estrangeiro* como o *ser* desenvolvido através das *relações de proximidade e distanciamento*. O *estranho* é, portanto, todo indivíduo que estabelece uma conexão simultânea de múltiplas distâncias e aproximações com a sociedade em que adentra. Por tal modo, não se apresenta como qualidade do indivíduo, mas condição relacional. Esta

constituição permite ao *estranho* estabelecer uma conexão com a sociedade na qual submerge e estar presente nesta, contudo, concomitantemente, sem desenvolver relação de pertencimento.

Sua conexão, fundamentada na proximidade e distância – e que constituem um *estranhamento* e uma *familiaridade* – são alicerces fundamentais para a definição do estrangeiro como um tipo social (Freitas & Dantas, 2011; Mello, 2015; Simmel, 1908/2005). A relação de *estranhamento* e *familiaridade* é que ira gerar, efetivamente, o *estranho*. Produzida está ligação, o indivíduo, em um sentido simmeliano, tornar-se-á *estrangeiro*.

Esta movimentação de aproximações, estranhamentos e familiarização é, em suma, a procura do indivíduo por se encaixar e se acomodar ao novo ambiente. Uma busca pela aceitação adentro a novo corpo social ao qual está a mergulhar. Em meio a um flerte, a definição e constituição do *estrangeiro* de Simmel (1908/2005), assemelha-se com a apresentada posteriormente por Schütz (1944/2010), o qual, define-o como «[...] um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo ao qual se aproxima» (p. 118).

Assim como o faz Simmel (1908/2005), logo no início de sua obra, Schütz (1944/2010), trata de delimitar a figura do estrangeiro a qual lhe interessa: o *imigrante*. Exclui da análise, tal como o primeiro, o turista, «[...] o visitante ou convidado que pretende estabelecer contato meramente transitório com o grupo» (p. 118), as crianças, povos primitivos e o relacionar entre indivíduos com diferentes níveis civilizacionais. Apesar disto, assume que, inevitavelmente, outras figurações do estrangeiro se apresentam possíveis.

O notável exemplo para a situação social aqui examinada é aquela do imigrante, e as análises seguintes são, como uma questão de conveniência, elaboradas com este ponto de vista. Porém não significa que sua validade está restrita a este caso especial. O candidato a membro de um clube fechado, o futuro noivo que quer ser admitido para a família da garota, o filho do fazendeiro que entra na faculdade, o morador da cidade que se muda para o ambiente rural, o “selecionado” que ingressa nas forças armadas, a família de um trabalhador simples que se muda para a metrópole – todos são estrangeiros de acordo com a definição dada, embora nesses casos a típica “crise” que o imigrante sofre possivelmente poderia assumir formas amenas ou até mesmo estar inteiramente ausente. (p. 118)

Simmel (1908/2005) rejeita de seus estudos a figura do turista, justamente pelo facto de esta não produzir, por força da transitoriedade, a mesma movimentação de aproximações e distanciamentos que o imigrante na busca por se estabelecer. Contudo, não se pronuncia no texto, tal como Schütz (1944/2010), a respeito da exclusão de outras configurações possíveis para o *estranho*. Ambos olham para o mesmo indivíduo em busca de pertencimento em nova organização social, o *estrangeiro*, contudo, para o primeiro, este se define como aquele que, apesar de possuir a capacidade de prosseguir seu caminho, escolhe ficar. Há, claramente, a valorização da liberdade de *ir e vir* e da escolha por *ficar*, pois, o que o torna *estrangeiro* não é um ato impositivo, mas a escolha própria e livre por ali permanecer. Por sua vez, no segundo, define-se como aquele que procura, constantemente, a aceitação perante o novo contexto social ao qual se insere. Não o define por sua escolha livre em ficar ou partir, mas pela incessante busca – mesmo que sua presença não se apresente como espontânea – por aceitação como um membro efetivo do grupo.

A analisar por este prisma, o indivíduo alocado em um campo de refugiados em um determinado território, aos olhos de Simmel (1908/2005), não poderia ser, assim, considerado um estrangeiro, visto que o permanecer não é motivado por seu querer, e sim, uma imposição fruto da situação que lhe levou ao *status* de refugiado. O direito de *ir e vir*, portanto, está afetado. Do mesmo modo, também não será estrangeiro na perspectiva de Schütz (1944/2010), pois não busca ser aceito naquele local ou grupo, mas em outros grupos e lugares longe da realidade que esta a vivenciar.

Desta forma, a correlacionar com o expresso por Simmel (1908/2005), o refugiado será, efetivamente, um estrangeiro quando conseguir ser reassentado em um determinado país, recuperando assim, em parte, seus direitos. Em busca do efetivo permanecer, será capaz de se deslocar – mesmo que isto seja compreendido como ilegal ou não visualizado com bons olhos –, contudo, tanto o deslocar como a decisão de ficar serão uma escolha própria. Será, por tal modo, aos olhos do sociólogo alemão, um efetivo *estrangeiro*.

Todavia, tanto sob o olhar de Simmel (1908/2005) como na perspectiva de Schütz (1944/2010), a decisão do *estrangeiro* por permanecer é essencial para sua própria constituição como tal. Em relação ao primeiro, o será pelo facto da escolha em permanecer no novo local, mesmo ainda que existir a possibilidade de continuar o trajeto. Sua opção o leva a desenvolver,

assim, uma movimentação de *aproximações* e *distanciamentos* que, por sua vez, em uma visão simmeliana, definem-no como *estrangeiro*. No que tange ao segundo, a escolha por permanecer o conduz, inegavelmente, a tentativa constante e permanente por aceitação. Ausente a vontade de ficar, conseqüentemente, não irá despende esforços em busca de consentimento para sua permanência. O *estrangeiro* definido pelo filósofo e sociólogo austríaco é, por assim dizer, mas não em essência ou unicamente, uma fase posterior do *estranho* simmeliano. O será apenas se, motivado pela decisão de permanecer, buscar permanentemente a aceitação como membro efetivo do novo grupo.

Adentro as configurações possíveis para figura do estrangeiro, Simmel (1908/2005) – o qual, logo esclarece que este não deve ser traduzido com um significado único –, ao exemplificar, apresenta a figura do comerciante. O *estrangeiro*, segundo sua perspectiva, aparece por toda a história da economia e, «[...] por toda parte, como comerciantes, ou os comerciantes como estrangeiros» (p. 266). Apesar de seu caráter, muitas vezes, transitório – como o Caixeiro Viajante –, o comerciante é o *estranho* responsável pela ligação, em muitos casos, do mundo interno com o externo (Simmel, 1909/1996). A figura de *estrangeiro* acaba por misturar, desta forma, o indivíduo e o comércio, ou seja, estabelece uma relação entre «[...] o estranho a sua atividade» (p. 266). O *estrangeiro*, na figura do comerciante, é o responsável – e, para isto, retorna-se a imagem do *estranho* como portador da novidade – por realizar uma *economia trocas*, uma espécie de *kula*, onde a necessidade básica é envolta pelos produtos produzidos fora, ou seja, além do contexto interno. Economia esta que, em muitos casos, acaba por transcender as funções mercantis e se torna um mecanismo de interação social e trocas culturais.

No documentário *O Mercador (Sovdagari)*, de Tamta Gabrichidze (2018), produzido em 2017 e distribuído em 2018 pela *Netflix Inc.*, é apresentada a figura do comerciante Gela Kolochovi. Este, a se utilizar de uma carrinha²¹⁴, adentra ao interior da República da Geórgia em direção aos pequenos vilarejos da área rural, onde a principal atividade econômica e de subsistência é a plantação de batatas. Longe de toda a civilização, itens como aparelhos televisores, telemóveis, simples esponjas, papel higiênico, ou até mesmo dinheiro, não fazem parte da vida das pessoas da localidade. Gela Kolochovi, com a carrinha cheia de mercadorias de segunda mão, tais como ferramentas, roupas, sapatos e outros itens, percorre a região a realizar trocas com a única moeda disponível, batatas, as quais venderá, posteriormente, no

²¹⁴ Van, Furgão.

mercado da cidade. Gela Kolochovi é, na mais pura tradução, o comerciante. A figura do estrangeiro é, automaticamente, associada à sua profissão. Ao estacionar a carrinha próximo às vilas, em poucos instantes, torna-se perceptível o movimento de pessoas em sua direção. Caminham em busca de itens os quais não é possível a produção local – muitas já a levar a *moeda* de troca –, a deduzirem, assim, que aquela figura estranha ao ambiente parada junto a uma carrinha é um mercador.

É certo que, talvez, a imagem produzida por Simmel (1908/2005) dizia respeito mais ao estrangeiro/comerciante fixo em uma região, que, em viagens periódicas ou através de contatos, levava produtos para a localidade onde é membro permanente. *O estrangeiro*, a realizar assim o comércio, é a ponte entre o *externo* e o *interno* (Simmel, 1909/1996). A praticar, desta forma, uma *relação de proximidade e distanciamento*. Mantém seus vínculos externos ao mesmo tempo em que é, também, elemento do grupo (Simmel, 1908/2005). A exemplo disto, em terras lusitanas se vislumbra possível encontrar a figura do imigrante chinês, onde sua imagem é, na maioria dos casos, associada ao comércio. Em muitos casos, o comércio praticado pelos chineses em Portugal é o responsável por levar grande parte de produtos variados e (in)utilidades domésticas ao interior. São, como afirmado, o contato que possibilita a entrada da novidade, a praticar, assim, uma *relação de proximidade e distanciamento*. Membros permanentes, contudo, que não participam efetivamente do grupo. Cabe ressaltar que isto não é um marco delimitado, mas realizado por meio de uma espécie de holística na qual, ora participam, quando permitido, ora se afastam.

Interessante notar que o comércio praticado pelos chineses em Portugal, apesar de cada estabelecimento possuir um nome específico, é comumente chamado de *loja dos chineses* ou simplesmente *China*, a carregar, desta forma, relação com a origem. Isso demonstra a *perda de identidade* não apenas do indivíduo que se desloca da China com o objetivo de realizar o comércio em terras portuguesas, mas também a impossibilidade de se construir uma identidade pessoal e comercial própria, visto que estas são, automaticamente, relacionadas a atividade e origem. É também utilizado como forma depreciativa para se referir aos produtos comercializados por eles, a levar a compreensão de que estes são de baixa qualidade.

A posição de estrangeiro, portanto, é intensificada, conforme esclarece Simmel (1908/2005), pela atividade exercida e esta, por sua vez, vincula-se a linhagem. Demonstra-se, desta forma, uma profunda relação entre a identidade do estrangeiro, sua atividade laboral e origem (Hall, 1992/2006). Esse facto pode ser também relacionado a outras nacionalidades que

imersão no contexto português, ou fora dele. Exemplo disto, é o próprio caso brasileiro em Portugal, já mencionado, onde os homens são comumente relacionados a construção civil e a prestação de serviços, e as mulheres, ao serviço doméstico, restauração e, de forma pejorativa, a prostituição (Góis & Marques, 2014; Padilla, 2007b; Peixoto, 2007a). É o que nos reforça Rodolfo (2019), ao enfatizar ser comum tais comentários: «[...] eu ouvia muito isso. *Que as mulheres vinham do Brasil vinham para cá pra se prostituir aqui. Ouvi muito*» (Rodolfo, 2019, *sic.*).

A identificação do imigrante fundamentada na origem não será sempre pejorativa. Pode ser neutra, pelo simples identificar, apelidar, alcunhar – a variar da tonalidade utilizada na expressão – ou, raras vezes, positiva, quase sempre complementada de algum adjetivo, *e.g.*, brasileiro fixe. Poderá também não ser, necessariamente, vinculada a origem real, mas a que aparenta ter. Como o ato de identificar um indivíduo como *china* mesmo sem, contudo, ser está sua origem, apenas pelo facto de apresentar características físicas específicas semelhantes à dos chineses. Todavia, em muitos casos, a identificação fundamentada na nacionalidade irá se estabelecer como marca de inimigo, similar a marca da besta (Ap., 2011), ou pelos menos um aviso de cuidado, «[...] impresso como uma maldição eterna no nebuloso mapa daquela migração» (Meruane, 2014/2019, p. 22)

Ocorre que, ao vincular o indivíduo a profissão, origem ou a ambas, propagam-se *estereótipos* que rotulam e exercem influência na transformação do estrangeiro em *estranho*. Estes rótulos acabam por contribuir para a construção da *relação proximidade/afastamento*, dando ênfase nas questões relativas ao afastamento. O estrangeiro, portanto, passa a exercer uma *relação de proximidade* apenas enquanto ferramenta para executar uma função, sendo, após isso, necessário que mantenha o distanciamento. Esta posição, mostra-se passível de análise ao se visualizar o convívio desenvolvidos por inúmeros imigrantes, não apenas em Portugal, onde as rotinas pessoais podem ser sintetizadas no executar das funções laborais, *proximidade*, e, após isso, enclausurar-se em seus dormitórios em casas compartilhadas, *distanciamento* (Sayad, 1991/1998). Realidade vivenciada também por muitos estudantes.

O *estrangeiro*, assim, na figura do imigrante trabalhador ou estudante, exerce a *relação de proximidade*, semelhante a apresentada por Simmel (1908/2005), na medida em que adquire alguma paridade fundamentada na função atribuída, na qual acaba por criar laços, e de *distanciamento*, na medida em que a relação concebida por ele exerce apenas uma conexão abstrata, da qual não são produzidos vínculos efetivos de pertença. Todavia, ao aceitar esta

movimentação de ligações abstratas, sem levantar questionamentos ou pleitear uma melhor inclusão, o indivíduo acaba por ter sua presença suportada junto ao novo contexto social. Seu silêncio, portanto, ecoa como a forma que utiliza para buscar ser, pelo menos, tolerado (Schütz, 1944/2010). Por tal modo, a buscar fomento em Freud (1919/2016), a imagem representada do indivíduo torna possível sua visualização como ser *familiar* (*eimlich*), a depender das relações que desenvolve em determinados momentos, contudo, frente a outras situações, para não se transformar no *estranho* (*unheimlich*) ou não sentir o peso deste *status*, deve-se aos claustros retornar. A figura do estrangeiro útil, amigo e solícito possui, desta forma, os momentos possíveis para sua representação.

Apesar de Schütz (1944/2010) evidenciar o interesse pelo estrangeiro na figura do imigrante, Simmel (1908/2005), por sua vez, não o faz com muita especificidade. Seu estrangeiro não é alguém que *vem de outro lugar*, mas, que já se encontra em determinado lugar por livre escolha. Define-se não por sua *ausência de pertencimento*, mas pela incapacidade de produzi-lo por meio de suas *relações de aproximação e distanciamento*.

Outro exemplo de relação de proximidade e distância, estranheza e familiaridade, pode ser verificada em Meursault, *O Estrangeiro* de Camus (1942/2019). Distante e próximo de forma concomitante, é *estrangeiro* para ele mesmo e para a sociedade a qual está incluso.

Constrói laços sociais de um convívio, do qual, tão pouco ele, enxerga pertencimento. Não visualiza um vínculo, assim como não possui capacidade ou interesse em pertencer (Stavo-Debaige, 2013). Um *estranho* ao próprio mundo e no de outrem, para si e para os outros (Kristeva, 1988/1994). Será *estrangeiro*, e continuará a ser, afirma Sartre (1947), mesmo a estar entre outros estrangeiros. Sua relação com o espaço é, em uma perspectiva sartriana, a de alguém que não aceita o “jogo da sociedade”, diferente dos demais membros do grupo social. Por tal motivo, «[...] é considerado alguém estranho, deslocado do mundo comum que o cerca, ao mesmo tempo em que é também um homem comum entre os outros homens» (L. V. Sampaio, 2016, p. 127).

Todavia, ainda está, por assim dizer, a participar do jogo social, não como jogador, mas mero espectador. A *estrangeiridade* de seu *ser* está além da decisão por permanecer, em um sentido simmeliano (Simmel, 1908/2005). Transmuta-se durante o próprio processo de busca pela aceitação de seu permanecer, o que lhe efetiva como *estrangeiro* na perspectiva de Schütz (1944/2010). Ocorre que, muitas vezes, o não reconhecimento de seu *ser* pelo *outro* o

faz deixar a busca pela aceitação – que poderia lhe possibilitar a participação efetiva no jogo social –, e o leva a se contentar com o simplório “ser tolerado”. Este facto acaba por ter um custo expansivamente alto no processo de (re)constituição e (re)conhecimento, por *si mesmo* e pelo *outro*, do próprio *ser* como um *outro* semelhante ao *eu*.

Prisioneiro de *si mesmo*, para evitar a *expulsão do paraíso*, o *estrangeiro* entra em um estado de conformismo e *superdomesticação*, no qual, em busca de garantir a segurança do permanecer, sacrifica, de certo modo, seu reconhecimento como um *outro* igual ao *eu* (Kristeva, 1988/1994). Esta ação é o resultado inconsciente dos conflitos entre as necessidades e desejos individuais com os do *outro* o qual confronta. Por tal modo, em prol da sobrevivência no novo espaço, decide amortecer o próprio *eu* (Breviglieri *et al.*, 2003). Em síntese, este comodismo silencioso atua como *dispositivos de acomodação transacional* (Chateauraynaud, 2017), por meio dos quais busca reconhecimento e/ou, pelo menos, aceitação. Em uma decisão ao inferno, cruza as fronteiras da própria existência e resigna-se ao lugar que lhe é designado no jogo. Com passividade, torna-se mero espectador e, a reconhecer e a aceitar a posição que lhe imputada, passa a desenvolver uma tediosa *rotina de aproximações e distanciamentos coordenados*. Fora dos momentos que lhe é permitido *ser reconhecido* como um *outro* existente, como afirmado, recolhe-se no recôncavo de sua residência, muitas vezes compartilhadas, «[...] apartamentos empilhados como pombais ou casas nos subúrbios que se diferenciam apenas pelo número» (Keen, 1992/1994, p. 22). Reflexo de suas identidades decompostas e da *falta de reconhecimento* por *si mesmo* e pelo *outro*, até mesmo as moradias em que residem carecem de identidade.

O tédio da rotina acaba por gerar em si, gradativamente, uma certa impotência (Breviglieri, 2009, 2010). O problema não está em seu *ser*, mas na situação que vivência. Psiconauta sem mapa, perde-se em meio a própria existência estagnada. A passividade em relação a sua situação serve de alimento para a fadiga. É cansativo não ser *si mesmo*, buscar uma constante aprovação e viver no eterno medo de julgamentos. Na reclusão de rotina, submerge-se cada vez mais nos confins da monotonia e acaba por criar o autoaprisionamento de *si mesmo* adentro ao cárcere do tédio. Pouco a pouco, em um processo de castração emocional, desconstrói sua humanidade ao «renunciar aos sentimentos e refugiar-se no nevoeiro emocional do tédio crônico [...]» (Keen, 1992/1994, p. 105). De modo gradativo, tal como Meursault (Camus, 1942/2019), torna-se apático e «[...] desiste de ter esperança e de agir. [...] uma vítima inocente que desiste do afeto por causa de circunstâncias esmagadoras»

(Keen, 1992/1994, p. 121). Destituído por *si mesmo* de sua voz pela aceitação do que lhe é imposto, transfigura-se em vítima de uma vida passiva, moldada pelos *outros*, e habitua-se ao seu desgaste próprio (Breviglieri, 2007a). Dividido e lançado ao limbo existencial pelo tédio, passa a habitar, concomitantemente, dois espaços – próximo e distante –, sem habitar, efetivamente, nenhum deles e nem a *si mesmo* (Breviglieri, 2004).

A silenciosa aceitação das injustiças que vivencia e da ausência de reconhecimento de seu *ser*, nada mais é que um mecanismo de defesa e sobrevivência. Semelhante ao afirmado por Amara ao explicar sobre o convívio com os vizinhos, onde esclarece que

«Aqui os vizinhos ignoram, mas por acaso eu tenho uma vizinha que mal cheguei e eu nem prestava atenção, não olho para ninguém, nem para a esquerda nem para a direita, tenho medo de ser maltratada então eu maltrato todo mundo, já não olho, não digo bom dia não estendo a mão nem nada para não sofrer é...então acabo agredindo mesmo.»
(Amara, 2020)

O ato de ignorar, realizado pelos vizinhos em algumas situações, é também realizado pelo imigrante. Um espécie diferente de desatenção civil (Goffman, 1974/1991) que, em síntese, mostra-se como um não reconhecer mútuo do *outro* à sua frente, realizado por meio de dispositivos de acomodação transacional, todavia, com objetivos diferentes em cada lado (Breviglieri, 2010; Breviglieri & Stavo-Debauge, 2004). Enquanto para o imigrante este ato se apresenta como uma forma que utiliza para tentar garantir sua permanência, para àquele que já habita o espaço em que um *novo outro* busca se inserir, constitui-se como uma forma de tentar manter a normalidade de seu *espaço-tempo*. Não possui reconhecimento como um *outro* que é igual ao *eu*, todavia, também não é reconhecido como o *outro* que ofereça perigo.

O ignorar mútuo, reflete mais que um simplório “não se importar” ou uma negativa do reconhecimento da presença do *outro*, mas, concomitantemente, apresenta-se como um possível reconhecer da existência deste. Todavia, não é um reconhecer da semelhança com o *novo ser*, e sim, de sua diferença em relação ao *eu*. Podem, ainda, constituírem-se como resultado de experiências passadas, as quais, refletem influências nas experiências vividas por *novos seres*. Desta forma, a impressão deixada por/em um *outro*, *seres* e *espaço-tempo*, conduz a um mútuo “fechar-se” em segurança (Breviglieri, 2001; Stavo-Debauge, 2017c). Este reflexo proveniente

destes outros, pode ser tanto um fruto direto de *espaços-tempo* passados em que outros *seres* vivenciaram experiências semelhantes, como de experiências diferentes e não relacionadas de modo direto, mas que incidem impactos sobre aquelas novas experimentações.

No caso em questão, o ato de ser ignorado pelos vizinhos na pequena e milenar Évora, pode se apresentar como um reflexo indireto de *outro espaço-tempo* distante. Uma herança, por assim dizer, talvez oriunda dos tempos inquisitórios em que o desenvolvimento de vínculos de proximidade com o *outro* poderia levar a graves penalizações (Saraiva, 1964). Uma experiência que, incrustada nos atores por gerações, é transformada em certeza (Resende, 2019; Stavou-Debaugue, 2017c) e leva a uma espécie de ostracismo dos *seres* e corpo social. Uma forma de proteger o corpo e alma (Foucault, 1975/2013), da urbe, seus habitantes e/ou daquele que chega, dos possíveis sofrimentos advindos do contato com o *outro*.

As experiências passadas por outros *seres* e/ou em *espaços-tempo* diferentes, portanto, podem refletir sobre as novas experimentações, tanto daquele que chega, como daquele que já habita o espaço. O sentimento das lembranças do chegar e/ou acolher aquele que chega, vivenciadas pelos atores naquele e/ou em outros *espaços-tempo*, por si mesmo e/ou por outros e transmitidas por canais translúcidos (Resende & Souza, 2019a, 2019b), podem influir sobre novas experiências seus impactos (Breviglieri, 2001).

Como mecanismo de defesa, por serem ignorados os atores passam, então, a também ignorar (Hirschman, 1970, 1980). Esta ação abre portas para a reprodução e amplificação deste ato a outros indivíduos que venham a chegar. O *sentir-se ignorado*, também pode se apresentar como um reflexo da diferença existente entre a proximidade desenvolvida pelos atores na origem e no destino. Se antes havia o desenvolvimento de relações próximas com os vizinhos, agora reside no lugar afastamento da atenção dedicada um ao outro.

Sua estratégia o destitui da inclinação para a ação. Em defesa, ambos se silenciam. Sem a capacidade de reivindicar em prol de *si mesmo*, tornam-se dependentes das vozes alheias que, por algum facto aleatório de sorte, o reconheçam, ou a outros semelhantes a ele, e se mobilizem em seu benefício (Keen, 1992/1994). Atualmente, a *internet* se apresenta como uma importante ferramenta de publicitação das mobilizações, tal como as realizadas nas redes sociais em páginas como o *Brasileiras não se calam!* (Braz, 2021a), que buscam o reconhecimento do direito de mulheres imigrantes ou, ainda, aqueles que visam maiores

limitações à entrada de estrangeiros no país (S. Costa *et al.*, 2019)²¹⁵.

8.2 O ESTRANHO (DE)COMPOSTO

[...]
 Desde que eu nasci, tô num conflito
 Aflito pra saber por que
 Com tanta gente que eu podia ser
 Nasci eu?
 Eu nasci eu
 Perdido entre sentimentos bons
 Pequenos delitos e contradições
 Eu vou entre a luz e o breu
 [...]
 Mas eu
 Eu não sou um só, não sou só um
 Eu também sou milhões de Eus
 Eu não sou Deus, mas sou Eus
 [...]
 Eu acredito em mim
 E me explico, quando me complico
 Eu mesmo atendo minhas preces
 Eu mesmo ouço meus próprios gritos
 Buscando minha a própria conclusão
 [...]
 (Trecho da canção *Eus*, de Baia & Passos, *sic.*)

Para melhor se encaixar ao novo ambiente, o *eu* (pré-)existente se desconstrói. De identidade (de)composta, torna-se, então, *outros eus* que compreendem ele mesmo em seu *eu* (Hall, 1992/2006). Transforma-se em um *outro ser*, apto a viver naquele *espaço-tempo*, sem deixar ao todo, por completo, de ser ele mesmo. Neste *outro*, no qual habitam vários *eus*, decompõe-se em micro partículas e, a analisar cada pedaço de *si mesmo*, (re)descobre/(re)constrói a própria identidade (S. Leite, 2012).

De identidade (de)composta, preenche com melhor desenvoltura aquilo que lhe é possível e permitido, na modernidade líquida da sociedade em que mergulha (Bauman, 2000/2011). O estrangeiro (de)compõe-se a *si mesmo*, como forma de melhor se acomodar ao novo ambiente e, conseqüentemente, ser aceito. Faz uso, em sua busca por aceitação, de

²¹⁵ Outros exemplos que buscam a limitação da entrada de imigrantes em Portugal são as petições: «*Cidadãos Portugueses contra a assinatura do Pacto Global para a Migração*» (Petição Pública, 2019a) e «*Contra refugiados islâmicos em Portugal*» (Petição Pública, 2019b).

estratégias e *dispositivo de acomodação transacional* que visam alcançar este objetivo específico (Dodier & Barbot, 2017). É semelhante ao apontado por Glória (2020), ao esclarecer «[...] *eu estou aqui, eu tenho que me adaptar*».

Semelhante a Física dos Flúidos, novamente a importar os conceitos aplicados na Física, o *estranho* ocupará o volume correspondente ao espaço que lhe é possível e permitido (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais [INPE], 2021). Decomposto em partículas, mistura-se de melhor forma ao corpo social ao qual mergulha, mesclando-se na densidade que lhe for consentida. Densidade esta que lhe será concedida a desfrutar como fundamento de análise seu nível de estranheza.

O *estranho (de)composto*, escorrerá pelas fendas sociais, preenchendo lugares que nem sempre se encontram, efetivamente, vazios. Assim como o ar é expelido de delimitada área quando preenchida a até então lacuna, o *estrangeiro* ocupará um espaço dantes ocupado, mesmo que seja pelo vazio. O desabitado, assim visto como parte de um determinado lugar, será então modificado. Habitado pelo *estranho*, deixará de ser, então, um *lugar não praticado*, para se transformar, desta maneira, em um *espaço habitado e praticado* (Certeau, 1990/1998; Certeau *et al.*, 1980/2005; Dosse, 2013; R. P. Leite, 2010).

Por sua vez, ao adentar a um espaço já habitado e praticado, o *estranho (de)composto* ocupará apenas as fendas que forem possíveis da sociedade na qual se insere. Terá sua densidade – concedida conforme seu nível de estranheza – como medida de mescla e o hiato permitido de limite de imersão. Ao preencher as lacunas de lugares inabitados, o *estranho* interliga os *espaços já praticados*, a estar ele, nem sempre, a habitar por completo o *espaço* ou este por completo. Estranho para ele e para a sociedade a qual adentra, apresenta-se denso demais e, por vezes, em excesso. Mesmo que ocupe o que dantes era considerado vazio, o *estranho* será notado e, em muitos casos, a lembrança, de como era boa a época em que nada ali habitava, memorada. Em síntese, a presença do *estranho* incomoda. Leva o desassossego, aonde, anteriormente, habitava o silêncio. Em muitos casos, o constrangimento gerado por esta presença não é reflexo direto de sua existência, mas fruto das alterações que promove no *espaço-tempo* e que afetam o comodismo de um cotidiano já instituído e estabelecido (Breviglieri, 2010; Breviglieri & Stavo-Debaugé, 2004).

Em sua emblemática obra, *O Estranho*, Freud (1919/2016) apresenta a relação entre o *familiar* e o *estranho*. No decorrer do texto, define que estes possuem naturezas opostas. *O*

estranho, portanto, é apresentado como oposto ao que é *familiar* e, desta forma, «[...] somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque *não* é conhecido e familiar» (p. 239)²¹⁶. A continuar a explanação, esclarece que,

Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. (p. 239)

O autor apresenta o *estranho* por meio do termo alemão *unheimlich*. Com origem em *heimlich* – aquilo que é familiar, íntimo, que permite conforto – seus significados «[...] aparecem misturados com o não-familiar e o prefixo *un* complica ainda mais as coisas. Assim o conhecido, o íntimo, (*heimlich*), transforma-se no desconhecido e no estranho» (Cereijido, 2008, p. 63). Freud (1919/2016) reconhece que a definição do *estranho* apenas como o *não familiar* é, deveras, incompleta. Após a exposição de um longo excerto – no qual exhibe outras definições para ambos os termos –, traz uma nova compreensão para *unheimlich*. A partir das intelecções dispostas nos excertos que expõe – tais como escondido e oculto da vista –, sintetiza que,

[...] a palavra ‘*heimlich*’ não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado **significa o que é familiar e agradável** e, por outro, **o que está oculto e se mantém fora da vista**. ‘*Unheimlich*’ é habitualmente usado, conforme aprendemos, apenas como o **contrário do primeiro significado de ‘heimlich’**, e não do segundo. Sanders nada nos diz acerca de uma possível conexão genética entre esses dois significados de ‘*heimlich*’. Por outro lado, percebemos que Schelling diz algo que dá um novo esclarecimento ao conceito do *Unheimlich*, para o qual certamente não estávamos

²¹⁶ Após apresentar a utilização termo em algumas línguas, Freud (1919/2016) aponta que «em árabe e hebreu ‘estranho’ significa o mesmo que ‘demoníaco’, ‘horrível’» Freud (1919/2016, p. 239).

preparados. Segundo Schelling, *unheimlich é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz*. (pp. 242–243, *sic, neg. n.*)

O estranho, por tal modo, é, para além do *não familiar*, aquele que *não precisaria estar ali* ou que, quando presente, *não deveria ser notado*. É, antes de tudo, alguém que já foi, ou ainda é em algum lugar, familiar, mas não naquele *espaço-tempo* em que está a habitar. Sua presença, quando notada, não permite a plenitude do conforto do cotidiano. *O estranho*, isso posto, não é apenas alguém que já chegou ao espaço como estranho, mas transformou-se, ao imergir naquele *espaço-tempo*, em um *estranho*. Desta forma, o ato de *ser estrangeiro* em outro lugar pode ser visto como o *leitmotiv* para a transformação do *ser* em *estranho*. Ressalta-se que o ato em si, *ser estrangeiro*, não será o causador da transformação, mas sim a experiência proporcionada pela ação «[...] de exilar-se de si, de inventar-se outro, de voltar-se ao não idêntico – aventura que se passa no estranho “país do Outro”, ou seja, alhures além do semelhante, do idêntico e do espelho [...]» (Fuks, 2017, p. 37). Um exílio pessoal de sua própria essência e história, necessário para a (re)construção como um *novo eu* (P. de Barros & Hoffmann, 2018; Fuks, 2000, 2015), um *outro*, moldado conforme a experimentação vivenciada pelo indivíduo no processo migratório, e não apenas pela própria experiência em si (C. N. V. Tavares & Silva, 2015). Todavia, salienta-se ao facto que, conforme apresentado, é possível sentir-se estrangeiro mesmo antes de migrar, ainda adentro a própria origem.

8.2.1 *Uma crítica etnopoética: A construção cíclica de um ser em (de)formação*

*E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento
Sigo mais sozinho caminhando contra o vento
(Trecho da canção, O Estrangeiro, de Caetano Veloso, 1989)*

Na etnopoética do compositor e cantor baiano, Caetano Veloso, o estrangeiro apresenta uma crítica em meio a representação que constrói da realidade que lhe é exposta. Em sua obra *O Estrangeiro* (1989), convida o ouvinte a realizar, antropologicamente, um olhar «[...] sobre o fenômeno social do “outro” e, portanto, sobre o problema da diferença» (Rocha, 2001, p. 146). Expõe, para isto, logo no início da canção, um conjunto de opiniões emitidas por

alguns celebres estrangeiros – que apesar de apenas em viagem pelo Brasil, fugindo assim do conceito trabalhado por Schütz (1944/2010) e Simmel (1908/2005) – acabam por despertar o *estrangeiro* existente no *outro*.

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de Guanabara / O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela / A Baía de Guanabara / O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara: / Pareceu-lhe uma boca banguela / E eu, menos a conhecera mais a amara? / Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela / O que é uma coisa bela? / O amor é cego / Ray Charles é cego / Stevie Wonder é cego / E o albino Hermeto não enxerga mesmo muito bem / Uma baleia, uma telenovela, um alaúde, um trem? / Uma arara? / Mas era ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara [...]

(Veloso, 1989, *sic.*)

A diferença na percepção, que pode ou não gerar discórdia, é então apresentada. Diferentemente de Paul Gauguin e Cole Porter, Lévi-Strauss (1955/2020) não visualizou a beleza da Baía Guanabara. A imagem da enseada, em encontro ao olhar do antropólogo, causou-lhe estranhamento.

[...] sinto-me ainda mais embaraçado para falar do Rio de Janeiro, que me desagrada, apesar de sua beleza celebrada tantas vezes. Como direi? Parece-me que a paisagem do Rio não está à escala das suas próprias dimensões. O Pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses pontos tão enaltecidos lembram ao viajante que penetra na baía cacos perdidos nos quatro cantos de uma boca desdentada. Quase constantemente submersos no nevoeiro sujo dos trópicos, esses acidentes geográficos não chegam a preencher um horizonte vasto demais para se contentar com isso. Se quisermos abarcar o espetáculo, teremos que atacar a baía pela retaguarda e contemplá-la das alturas. Perto do mar e por uma ilusão contrária à de Nova York, aqui é a natureza que se reveste de um aspecto de canteiro de obras. (p. 84, pt-BR)

A retornar, assim, a Simmel (1908/2005), destituído das paixões o indivíduo desenvolve

uma maior capacidade crítica [distanciamento] sem, é claro, deixar se familiarizar [proximidade] com o senso comum até então recebido. Submerso, agora, em uma *relação de proximidade e distanciamento, familiaridade e estranhamento*, o indivíduo, para o sociólogo, enquadra-se na condição de *estrangeiro*, definindo-se, desta forma, como um tipo social. Uma figura que, para o autor, constitui-se por um constante e recíproco *movimento de aproximações e distanciamentos*. Movimentos estes que, a buscar a perspectiva de Schütz (1944/2010), apresentam-se como tentativas de efetivar o permanecer. Estes não são um binómio quantitativamente aferível, mas uma oscilação entre um e outro a depender do momento.

Está movimentação se apresenta, concomitantemente, não apenas como produtora e fruto dos limites físicos, territoriais, sociais, políticos, económicos, culturais, entre outros, mas, também, das limitações do *ser* como indivíduo e das relações que desenvolve com o mundo e consigo próprio. Um movimento que, enquanto produtor e produto das situações acima expostas, coloca em evidência as fronteiras inerentes a própria sociabilidade humana. Uma socialidade que se desenvolve no constante flerte das diferenças. Um mergulho aos confins da proximidade e distanciamento, do dentro e fora, daquilo que é familiar e não familiar, que pertence ou não, do *eu* e do *o outro, eles e nós*.

O estrangeiro de Simmel (1908/2005) assemelha-se ao de Veloso (1989). Ambos são, ao seu modo, portadores da novidade. Apesar de Simmel (1908/2005) e Schütz (1944/2010) excluïrem de suas análises a figura do *estrangeiro* como turista, estas apresentam relevância na construção de outras representações possíveis do *estrangeiro*, não rejeitadas, efetivamente, pelos autores.

O comerciante simmeliano mostra-se como *o portador da novidade*, uma conexão ao mundo exterior. Do mesmo modo, *o estrangeiro* de Veloso (1989) é, também, *o portador do novo* e, para muitos, o contato com *outro mundo*. É o responsável por levar *uma nova forma de ver* ao nativo, o qual poderá ignorar o que lhe é transmitido, a impedir com os antolhos que, semelhante ao apresentado por Kuhn (1962/2018) e Weber (1919/2011) – por condicionamento ou obrigação –, limitam o *ser* do mergulho a uma nova forma de visualizar o próprio mundo; ou, de posse desse novo prisma, submergir no desconhecido do próprio cosmos e *ser*, para então, a se livrar dos antolhos que aprisionam a *visão*, emergir do sonho dogmático do mundo perfeito e passar a (re)conhecer a multiplicidade que reside o âmago do universo em habita e de *si mesmo* (Kant, 1783/1988; Nietzsche, 1882/2008). Um despertar para um novo olhar, semelhante ao trabalhado por Mills (1959/1982), que possibilita ver o que antes não se via ou

se aperceber das variações de *visões* que lhe permeiam a existência.

O inverso a isto também se mostra possível. Do mesmo modo que o estrangeiro que chega apresenta-se como portador da, e é, simultaneamente, *a novidade*, tudo aquilo apresentado ao forasteiro em sua chegada também lhe é novo. A *novidade* que o *estranho* carrega, assim como a que encontra ao chegar, é permeada por diversas nuances, simultâneas e recíprocas, pessoais e coletivas, que compõem os **fatores de influência**, tais como aspetos culturais, históricos, económicos, políticos, modificações do corpo social, alterações do ambiente, origem, psicológicos e bagagem pessoal de cada indivíduo das relações. Estas nuances presentes na novidade irão exercer influências, proporcionais a quantidade e qualidade das inter-relações desenvolvidas pelos atores de forma individual e coletiva, no processo de construção das representações da realidade em ambos os lados e serão cruciais no processo de transformação da figura do estrangeiro no *estranho*. Semelhante a *equação do estranhamento*, que afere a estranheza do *estranho*, a representação construída por ele sobre o novo que encontra poderá ter o valor dos males ampliados por força de experiências pessoais ou coletivas ruins que vivencia ou lhe são transmitidas. Do mesmo modo, a representação projetada a respeito do *estranho* também será influenciada por experiências passadas, individuais e coletivas.

A relação que aqui se institui, entre *o estrangeiro* em Simmel (1908/2005) e Schütz (1944/2010), a opinião expressa pelo antropólogo francês Lévi-Strauss (1955/2020) acerca da experiência como turista na cidade do Rio de Janeiro e os versos de Veloso (1989) sobre o que é expresso por renomados turistas sobre a “cidade maravilhosa”, transcende a evidência conferida a palavra “estrangeiro” presente no título das mencionadas obras científicas e poéticas.

O *estrangeiro* da canção assemelha-se ao de Simmel (1908/2005), na figura do comerciante, por *levar e ser a novidade*. A imagem do *estranho* permanente como *novo*, tende a perder importância quando este passa a desenvolver uma relação de pertencimento com o novo local e seu valor como novidade será aferido de acordo com o nível de alterações que sua chegada produziu no corpo social e em quão exótico presente ser. Um brasileiro, *e.g.*, será mais facilmente assimilado por uma pequena vila portuguesa do que um indivíduo de origem vietnamita, pois, a figura do primeiro, já se apresenta como comum quando comparada ao segundo. Do mesmo modo, dois indivíduos com a mesma origem regional a imigrar para o mesmo país, um a buscar trabalho não qualificado e ou outro com o objetivo de empreender e

realizar investimentos produzirão alterações diferentes ao local de acolhimento e, portanto, assimilados de maneira diferente.

A duração e lembrança do turista como novidade, por sua vez, irá depender do local pelo qual transita – se é uma região acostuada ao turismo –, do quão exótico é em relação aquela comunidade e do impacto que produz em sua rápida passagem, tal como, fazer amizades com os habitantes nativos. A memoração de um turista alemão a passar férias nos Alpes Suíços, *e.g.*, causará menos impactos e será esquecida de maneira mais rápida que a passagem do mesmo turista por uma pequena tribo interior da República Centro-Africana. O mesmo turista pode ser lembrado por mais tempo pelo dono de um *pub* nos alpes que tenha feito amizade ou inimizade, do que pela mesma tribo se sua passagem foi de apenas alguns minutos.

Adentro a este ponto, a canção de Veloso (1989) transporta algo que está além da imagem produzida e publicitada pelos *forasteiros* que transitam seus versos. Se Simmel (1908/2005) assume que, por «[...] não se encontrar preso na sua ação por costumes, piedade, ou antecedentes de dependência» (p. 268), o estrangeiro se encontra livre para examinar e produzir ponderações da realidade relacionadas ao contexto que está a habitar, teoricamente, livres de antolhos. A trova baiana coloca em evidencia outro estrangeiro, o qual não faz referência direta em sua poesia. Um fruto do reflexo das análises produzidas em liberdade pelos forasteiros sob o mundo que se apresenta aos seus olhos.

A construção da representação da realidade é uma estrutura pessoal e coletiva, a qual se fundamenta adentro a variados contextos que envolvem a percepção de mundo e a experiência vivida pelo indivíduo. O belo pode, efetivamente, não ser belo para determinado ator ou cultura. Apesar de outros estrangeiros enaltecerem a beleza da Baía de Guanabara (Veloso, 1989), a imagem transmitida por Lévi-Strauss (1955/2020), difere-se das apresentadas pelo pintor Paul Gauguin e pelo compositor Cole Porter. As experiências pessoais e sociais do antropólogo, levam a representação que constrói acerca da imagem que lhe é apresentada da Baía de Guanabara que, esta, assemelhava-se para ele a uma boca sem dentes.

Ocorre que, a representação que vem do *outro* e enaltece o que é próprio do nativo, do *eu* – ou seja, quando o *outro* reconhece a beleza inerente ao *outro que habita em mim* ou no qual o *eu* habita –, tende a aproximar o *outro* do *eu*, pois, o primeiro, reconhece a beleza, utilidade e simpatia do segundo. Todavia, quando a imagem transmitida pelo *outro* oferece uma visão, da qual o nativo não possuía perspectiva, duas possibilidades, aqui já expostas, emergem

frente a novidade: a primeira, apresenta-se como uma revalidação dos antolhos que limitam o *eu* de ver e compreender o que e como o *outro* vê; a segunda, mostra-se como o despertar de um sonho dogmático, no qual o *eu* não apenas se permite ver e compreender o que é apresentado pelo *o outro*, como desenvolve um novo olhar que lhe possibilita enxergar além do visível e apresentado. Ambas as situações incidem sobre a constituição da figura do *estrangeiro* e sobre a relação de aproximar e distanciar que desenvolve.

A primeira possibilidade acaba por levar a um distanciamento entre o *eu* e o *outro*. A ausência de compreensão do *outro* sobre aquilo que, para o *eu*, é belo, certo, instituído, normal, entre outros – por força das estruturas socioideológicas que governam a sociedade em que o *eu* habita –, enfatizam que o *outro* não possui as características necessárias para desenvolver uma *relação de pertencimento* com aquele *espaço, tempo* e sociedade. Produzem, assim, um distanciamento não apenas do emissor do discurso, como daqueles que estão a chegar ou ainda por vir, pelo simples facto de possuírem algumas semelhanças com o emissor, tais como a origem.

Os efeitos produzidos pela publicitação da representação possuem a capacidade de transitar pelo *espaço-tempo* e se fundir, muitas vezes, a cultura. Vale ressaltar que não apenas as imagens apresentadas pelo *outro* poderão produzir efeitos na relação *proximidade/distancia*, mas, também, as produzidas e publicitadas pelo *eu* podem incidir peso. Juntas, são responsáveis pela construção de uma imagem translúcida que afeta a representação do *outro* construída pelo *eu* e vice-versa (Resende & Souza, 2019a, 2019b). A cada novo *outro* que chega, os efeitos desta representação são alterados e, na maioria das vezes, amplificados, de maneira que a estranheza do *estranho* aumentará sempre de modo exponencial. Todavia, a desconstrução da imagem estabelecida não ocorrerá na mesma proporção. Em síntese, os efeitos no *espaço-tempo* das representações negativas construídas adentro as relações desenvolvidas entre o *eu* e o *outro* serão, quase sempre, inúmeras vezes mais devastadores e prolongadas que as positivas desenvolvidas por eles. Semelhante ao dito popular, no qual, afirma-se que um erro pode derrubar o que foi construído por cem acertos, mas, cem acertos não podem recuperar o que foi destruído por um erro.

A segunda possibilidade pode, em um primeiro momento, causar alvoroço no nativo, porém, também possibilita fazer com que este inicie um processo de transmutação do seu *ser* em *estranho*. A imagem, que agora carrega na mente, apresenta uma ideia do seu espaço que ele, até aquele momento, «[...] cego de tanto vê-la, de tanto tê-la [...]» (Veloso, 1989) não

havia imaginado ou se apercebido. Ocorre, portanto, uma «[...] transformação do exótico em familiar e do familiar em exótico, pois, estranhamente, aquilo que está distante (o exótico) muitas vezes está próximo (conhecido) e o que está próximo (familiar) pode estar distante (não conhecido)» (Rocha, 2001, p. 151). Assim como no despertar do olhar sociológico (Mills, 1959/1982, 1959/2009), torna-se possível *ver o que dantes não se via* e, ao visualizar de uma nova forma o mundo, *vê-se diferente em si mesmo*.

De modo semelhante, *o estrangeiro* da canção assume sua cegueira, contudo, apesar de se conceder o direito de considerar «[...] ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara [...]» e, a admitir a mudança dos valores e a necessidade de retirar os antolhos, *reconhece a si mesmo* «[...] menos estrangeiro no lugar que no momento [...]» (Veloso, 1989) adentro ao *espaço-tempo* em que habita. Na poética da trova, *o estrangeiro*, portanto, não se apresenta deslocado geograficamente, mas na temporalidade. Após despertar, seu *eu*, em essência, não demonstra capacidade de produzir um sentimento de pertencimento com o local em que habita. Tornou-se, assim, semelhante a Mersault de Camus (1942/2019), um *estrangeiro* adentro ao próprio território e *ser*. O *estranho*, portanto, não altera apenas o próprio *ser*, como pode conduzir a alterações do ambiente e dos *seres* que ali já habitam.

8.2.2 A proximidade distante e a pluralidade da composição do estrangeiro

A experiência da mobilidade traz também importantes conseqüências para a personalidade dos indivíduos envolvidos. É fácil que as pessoas móveis e suas famílias experimentem situações de acentuado isolamento social.
(Cavalli, 2016, p. 764, *sic.*)

O estrangeiro, na medida em que é distanciado acaba por produzir distanciamento. Distancia-se de tudo, até dos *seus* e de *si mesmo*, e, por fim, torna-se crítico, mesmo que em silêncio, da distância e dos padrões culturais impostos *por, para e sobre ele*, os quais ele mesmo, (in)conscientemente, em grande parte alimenta. Se «gentileza gera gentileza», como profetizava José Datrino, o Profeta Gentileza, pelas ruas do Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1990 (E. de Magalhães, 2023), semelhantemente, o distanciamento acaba por produzir, a cada novo ciclo, um maior distanciamento. Por não fazer parte do jogo social, acaba por ser um crítico do jogo e da sociedade que o joga.

O estrangeiro em Simmel (1908/2005), pelo facto de estar dentro e fora, destaca-se dos demais atores por ser desfavorável a forma como o “jogo da sociedade” é praticado (Sartre, 1947). Desta forma, terá uma visão crítica externa e, ao mesmo tempo, interna do grupo social ao qual imerge. Isto lhe possibilitará a realização de críticas as questões locais (Mello, 2015), justamente, pelo facto de «[...] não se encontrar preso na sua ação por costumes, piedade, ou antecedentes de dependência» (Simmel, 1908/2005, p. 268). Destituído de paixões o *estrangeiro* examina o mundo alheio, enquanto produz críticas que não teceria ao próprio cosmos, visto que não iria ter a capacidade de enxergar e analisar os factos com a mesma lente que utiliza na análise de outrem.

As representações críticas (re)produzidas pelo estrangeiro serão fundamentadas não apenas na imagem identificada por ele da sociedade, mas também na relação que construiu com o grupo social ao qual se insere e como está afeta as representações que produz da realidade que lhe é exposta. Por tal modo, as opiniões produzidas por estrangeiros sobre um mesmo *espaço-tempo*, podem variar de acordo com a perspectiva utilizada por cada indivíduo. O ponto de vista, ou a lente utilizada pelo *estrangeiro* para ver o *novo mundo* que lhe é apresentado, será turvado pela *estranheza* que adquire durante o processo de transformação na figura do *estranho*.

O estranho, portanto, e sua *estranheza de si* e do mundo, poderá produzir análises, muitas vezes, não condizentes em totalidade com a realidade a qual imerge, porém, a ter como parâmetro a maneira que esta lhe foi apresentada, serão representações reais de como compreende a sua própria realidade. Suas críticas, por sua vez, podem refletir na maneira em que esse mundo lhe acolherá no contínuo *processo de aproximação*, assim como, no modo de acolhimento de futuros forasteiros. Influenciará, também, na construção das (pré)concepções daqueles que ainda não partiram, os quais carregarão as críticas produzidas pelo primeiro como uma possível verdade sobre aquele cosmos e estas refletirão nas representações que venha a desenvolver a respeito.

Da mesma forma, aqueles que já ocupam o *espaço-tempo* de destino irão estabelecer uma imagem do *advena* que chega. Fundamentada nas críticas um dia tecidas contra sua sociedade e na imagem apresentada pelo *estranho* que as teceu, reforçará os estereótipos relacionados a origem, a afetar, ainda durante o processo migratório, o novo *estrangeiro* no decurso da transmutação de seu *ser* em *estranho*. Com as lentes turvas, as construções das representações da realidade sofrem interferências em ambos os lados. Amplificam-se fatores irrelevantes e diminuem fatores relevantes, construindo-se, assim, uma distópica realidade

fundamentada em críticas onde a interpretação da ação possui, muitas vezes, um peso maior que a própria ação em si (Resende & Souza, 2019a, 2019b).

Essas críticas, emitidas por ambos os lados, acabam por compor um arcabouço de medos que se assentam nas imagens transmitidas pelos emissores. Cabe salientar que, a emissão e entrega destas pode, muitas vezes, serem deturpadas no decorrer do processo de transmissão. Assim como nas imagens visualizadas por uma porta ora translúcida ora turva, o conteúdo transmitido carece de informações e sensações. O real significado do discurso, ausente as estruturas que permitem o compreender de forma plena, transfigura-se inteligível apenas ao emissor. Deforma-se durante o processo de transmissão, a amplificar e a adquirir novos significados quando em contato com o recetor final.

Por fim, novas configurações fazem com que a *estranheza do estranho* seja, a cada novo forasteiro que chega, amplificada. O *estranho* será, desta forma, infundavelmente mais *estranho*. Do mesmo modo, o lugar será sempre mais hostil. A constituição do *ser estranho*, mostra-se como um processo recíproco e plural em que as diversas interações contextuais recíprocas desenvolvidas não apenas pelos atores em determinado momento, como as ocorridas antes mesmo de sua existência e os resultados destas, refletem sobre sua constituição. O processo de transformação do *ser* em *estranho*, compõem-se com o entrelaçar dos *fatores de influência*, na *(de)composição do estranho*, na *equação do estranhamento e cíclica de (de)formação dos seres*, em uma *composição social plural*, a **composição plural do estrangeiro**. Nesta, as experiências, que conduzem a constantes experimentações e alterações da composição, findam por propagar e amplificar de modo contínuo a transformação do *ser* em *estranho* e a aumentar o distanciamento destes.

8.3 AJUSTAMENTOS DO PERMANECER

[...] *Você me pergunta / Pela minha paixão / Digo que estou encantado / Como uma nova invenção / Vou ficar nesta cidade / Não, não vou voltar pro sertão / Pois vejo vir vindo no vento / O que? / O cheiro de nova estação / E eu sinto tudo na ferida viva / Do meu coração [...]*
(Trecho da canção, *Como nossos pais*, de A. C. Belchior, 1976a)

Os fatores apresentados até o presente momento, mostram-se essenciais para a compreensão do *permanecer* dos imigrantes no local de destino. Analisá-lo sem dedicar atenção

a estes fatores, resume-se em desenvolver conjecturas superficiais sobre uma etapa de um processo complexo e plural. Todo o arcabouço constituído pelas múltiplas composições que envolvem o fenómeno migratório, a prospeção dos atores a respeito do migrar e os contextos sociais, políticos, económicos, culturais e pessoais de cada indivíduo e/ou grupo social tanto no local de origem como destino, assim como as experiências vivenciadas e manifestações de opiniões emitidas por ambos os lados, produzidas pelo contato com o novo, exercem influências sobre o *permanecer* dos indivíduos.

Como analisado, o *chegar* é afetado por diversas representações estruturadas pelas translucidas imagens obtidas pelos indivíduos nas variadas redes mobilizadas de transmissão de informação e suporte e/ou, ainda, por uma idealização de um nirvana pessoal e/ou imagem do *outro* apoiada nestas redes. Estas representações, por sua vez, não afetam apenas o contato inicial dos atores no *chegar*, mas refletem impactos em todas as etapas do *fenómeno migratório* que se estrutura como uma composição plural. Por tal modo, a análise do permanecer dos imigrantes exige, concomitantemente, atenção a todas as conjunturas que envolvem todo o fenómeno migratório.

As representações construídas sobre o *novo* que chega, são produto do interrelacionar de diversas influências recíprocas, tais como as oriundas dos fatores da *equação do estranhamento*. O *estranho*, na figura do imigrante, será rececionado conforme o *nível de estranheza* que lhe é atribuído. Do mesmo modo, a instituição de um *status* e/ou *estereótipo* será desenvolvida em relacionamento de reciprocidade com a *equação do estranhamento*. Algumas alcunhas podem exercer grandes impactos no resultado deste cálculo. Quanto maior a estranheza estabelecida ao indivíduo, maiores as chances das representações pejorativas que envolvem sua presença serem validadas e os *estereótipos* e/ou *status* confirmados. Esta situação, produz efeitos na receção e afetam os níveis de *hospitalidade* e *hospitabilidade* (Abrassart & Uhl, 2018) direcionadas a estes atores. A dedicação de níveis médio para alto, conduz a maiores chances dos indivíduos se acomodarem e, com isto, de permanecerem. O contrário, por sua vez, leva a complicações na *acomodação transacional* e, conseqüentemente, menor probabilidade de permanência.

Proveniente de diversos fatores, a receção hostil ao estrangeiro que adentra conduz a diversas dificuldades a serem enfrentadas no seu cotidiano. Atos simples como arrendar um imóvel, conseguir trabalho ou ir ao mercado podem se transformar em verdadeiros desafios, os quais o fazem questionar o *partir* e, conseqüentemente, o *permanecer* naquele local. Agregada

ao *estranhamento do indivíduo*, dá-se início a um processo em que o indivíduo busca preencher as lacunas permitidas. Em muitos casos, as dificuldades enfrentadas conduzem a *solidão do que lhe é permitido* (Breviglieri, 2010). Evitam contatos desnecessários e passam a se limitar apenas ao convívio básico, a enclausurar-se nos covis da mediocridade da própria existência.

Interligados de forma direta, o *permanecer* é regulamentado pelo *reconhecimento de pertencimento*. Todavia, como já afirmado, este pode se apresentar de forma limitada, quando os atores possuem o reconhecimento em determinados ambientes, porém, fora destes retornam a solitude de seus dormitórios. Uma relação de *proximidade e distanciamento*, onde o vínculo exercido em determinado ambiente, como o trabalho ou estudo, concede-lhe permissão momentânea para permanecer (Simmel, 1908/2005). Contudo, encerrado o momento temporal em que a relação se desenvolve, a permissão é cessada e qualquer ação com o objetivo de prolongá-la será compreendida como demasia de sua parte. De forma a manter a harmonia do convívio, o estrangeiro aceita o lugar que lhe é determinado e nas sombras da própria existência se recolhe. Seu silêncio, como outrora afirmado, apresenta-se com a forma encontrada de ser, ao menos, tolerado (Schütz, 1944/2010). Semelhante ao afirmado por Amara (2020), uma forma de proteção frente ao novo: «*como nós não conhecemos as pessoas, temos um cadinho, acho que de medo, para sentir que estamos a invadir espaços, espaços alheios[...]*».

Esta situação, apresenta-se comum, principalmente, a dois grupos de indivíduos observados durante a pesquisa e que possuem como característica comum o facto de imigrarem sozinhos, a ser: Imigrantes Trabalhadores e Imigrantes Estudantes. Em grande parte, o convívio social destes atores se resume aos ambientes e átimo temporal de exercício de suas atividades laborais e estudantis. Finalizado este momento, na maioria das vezes, encerra-se o convívio e os atores retornam a reclusão residencial. Maioritariamente, quartos em casas compartilhadas com outros migrantes e estudantes que carregam a frieza dos alojamentos, do simples viver (Breviglieri, 2006), como o caso dos imigrantes brasileiros Robson²¹⁷, na cidade de Évora, e Gonçalo²¹⁸, na Área Metropolitana de Lisboa. Alguns poucos, quando providos de melhores recursos, residem em imóveis individuais sem a necessidade de partilhar o espaço com outros atores, tal como os brasileiros Ademir²¹⁹ e Valquíria²²⁰. Todos estes, fora dos momentos em

²¹⁷ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-EIM-02.

²¹⁸ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-TMIR-03.

²¹⁹ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-EID-03.

²²⁰ Pseudónimo atribuído ao objeto BRA-EIM-03.

que as atividades laborais e estudantis eram desenvolvidas, permaneciam no recôncavo de suas residências. Em raras ocasiões, realizavam atividades em comum com outros imigrantes.

Mostra-se necessário ressaltar que o ato de residir em casa compartilhada com outros imigrantes não produz, por si só, o convívio entre os atores. Robson, por exemplo, apesar de dividir a residência com dois migrantes nacionais e outro imigrante brasileiro, não desenvolviam nenhuma comunhão para além do compartilhar do espaço comum em encontros esporádicos. Em raras ocasiões, confraternizava com outros Imigrantes Internacionais Estudantes de Mestrado. Todavia, no geral, sua rotina era composta por frequentar as aulas na universidade e depois retornar para a residência, onde permanecia enclausurado até a o próximo encontro. Imerso na solidão do próprio *ser*, não desenvolvia vínculos, todavia, também não produzia discórdias. Outro caso semelhante é o de Ademir, o qual residia sozinho em uma casa de um quarto e seu convívio se resumia as aulas do doutoramento e do curso de língua inglesa na universidade. Após, retornava para a residência onde permanecia em solidão. O desenvolvimento de relacionamentos com outros imigrantes e nacionais portugueses, no caso deste, era dificultado pela fala rápida e sotaque característico da região nordeste do Brasil, da qual era proveniente²²¹.

Nota-se, desta forma, um processo de autorreclusão, por meio do qual os atores se acomodam em prol da boa convivência (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Hirschman, 1970, 1980). Evitar conflitos, agir com cautela (Resende *et al.*, 2021), mostra-se como uma tática utilizada para não chamar a atenção (Stavo-Debauge, 2003). Os indivíduos citados, quando adentro aos ambientes de convívio, apresentavam-se comunicativos e dispostos a fortalecer as relações de convívio. Todavia, desenvolviam outra face introvertida como forma de garantir o *permanecer* sem a produção de choques. Situações como estas, evidenciam o *processo de negatização dos atores*, como indivíduo e *ser* social. Objeto de negação, o comodismo do silêncio é uma forma que estes encontram de se encaixar. Este negatizar, faz parte da *(de)composição do ser*, no qual o indivíduo se desarranja para melhor preencher o espaço que lhe é permitido. Um processo que se desenvolve quando o indivíduo já não dispõe de forças para enfrentar conflitos e prefere evitar os possíveis choques. Ao se fragmentar em múltiplos

²²¹ Em vários momentos foi possível presenciar o modo de falar do objeto como alvo de risadas durante as aulas, situação que o levava a uma espécie de ostracismo. Por fim, a final do semestre já não demonstrava interesse em participar das aulas e falava apenas quando inquerido de modo direto pela professora.

eus, (re)constrói um novo eu especificamente moldado para essa atuação. Um falso self que opera como estratégia de evitação (Winnicott, 1971/1975).

Nestes casos, o *sujeito negativado* é condição necessária para o *reconhecimento do permanecer*, por mais que condicional, do *estranho* na relação social. Este, apenas existirá como sujeito da relação social reconhecido, quando aceitas as condições impostas (Green, 1993/2010). A aceitação destas condições, apresentam-se semelhante a uma troca em prol do acolhimento (Stavo-Debauge, 2019). Do contrário, seu permanecer não será reconhecido. Este processo, inicia-se com a própria atribuição ao indivíduo de uma alcunha definidora de *status* e/ou *estereótipo*. A aceitação desta pelos atores, constitui um conformismo em prol do bom convívio, por mais que não a considere justa. Semelhante ao apresentado por Culioli (2000), a negação do sujeito é uma forma de demarcação composta pelo relacionar de enunciadores e representações, a qual finda por colocar em evidência, suprimir e/ou mascarar a alteridade, todavia, esta permite a representação do sujeito adentro as possibilidades permitidas. Ou seja, no caso do *estrangeiro negativado*, o reconhecimento de seu *ser* como pertencente naquele contexto específico.

Todavia, o reconhecer da presença proveniente do *processo de negatização* do sujeito migrante, para além de não se mostrar com algo efetivo, pode não sair como planeado pelos atores. Praticado em ambos os lados da relação, a prática deste ostracismo pode acarretar a confirmação do que se evita. No caso do migrante, se objetiva não chamar a atenção, seu processo de reclusão pode justamente levar na direção contrária e passar a ser diferenciado justamente pelo facto de não se relacionar ou, ainda, se procura não gerar conflitos pelo facto de carregar consigo uma representação construída do *outro* como não hospitaleiro, seu ostracismo pode não possibilitar a abertura necessária para enxergar quando *o outro* age de forma hospitaleira (Derrida, 1991, 1993/1995, 1997/2003, 1994/2003; Derrida *et al.*, 1997/2008; Derrida, 1993/2018). Desta forma, a tentar fugir da confirmação das representações construídas, finda por ir na direção contrária e suas atitudes acabam por corroborar para a transformação das imagem (pré)instituídas em certezas (Stavo-Debauge, 2017c).

Por tal modo, concomitantemente, a *estratégia de evitação* se apresenta como uma tentativa de se encaixar ao novo ambiente, adentro o que lhe for permitido, enquanto também atua como uma espécie de antolhos, a limitar a visão e compreensão das situações vivenciadas. Importa notar que esta estratégia não é um recurso exclusivo do estrangeiro, *o outro* também a utiliza como forma de se manter distante daquilo que o conhecimento comum de sua sociedade

classifica como problemático. Em ambos os casos, o que ocorre é validação dos paradigmas pessoais, culturais e sociais (prê)instituídos e que conduzem a um evitar de relacionamentos por ambos. De um lado, o estrangeiro evita ser o foco e tenta se ater apenas ao que lhe é permitido, enquanto *o outro* se abstém de dar atenção a sua presença e envolver-se.

Todos estes aspetos apresentados, atuam de maneira concomitante e recíproca. O *permanecer do estrangeiro*, apesar de ser um objetivo, apresenta-se como o resultado de um processo. Os fatores motivadores, a maneira que se desenvolve o *partir, deslocamento e chegar*, o *nível de estranhamento*, os *status e/ou estereótipos* que lhe foram atribuídos, os impactos acarretados por estas atribuições e as estratégias utilizadas pelos atores na busca por aceitação de sua presença, entre outros, exerceram grandes influências neste *processo de reconhecimento*. Este reconhecimento, apesar de ser evidenciado como o *reconhecer do permanecer* é, na verdade, o fruto do *reconhecimento do próprio eu*, por *si mesmo* e pelo *outro*. O reconhecimento do *ser* – ou seja, da igualdade do *outro* como um *eu* (Ricoeur, 1990/2014) –, conduz inclusão deste no cotidiano. O reconhecimento mútuo e recíproco do *eu* e *outro*, mostra-se como um *processo de aproximação* entre os atores do processo.

Todavia, importa salientar, a *estratégia de evitação* não é a única utilizada pelos imigrantes na busca por permanecer, outras são possíveis. Enquanto alguns escolhem evitar problemas, choques, conflitos, abrir-se, envolver-se e mesclam-se apenas ao que lhe é concedido, outros tentam se *camuflar*. Gradativamente, modificam a forma de falar, agir e se vestir, para além de outros aspetos. Enquanto aqueles que utilizam da *estratégia de evitação* buscam se mesclar apenas ao que é permitido, os que empregam a *estratégia da camuflagem* procuram se disfarçar e alteram variados aspetos de *si mesmo* como forma de se incorporarem ao corpo social na totalidade (F. Fernandes, 1961; Villa, 2017). Tentam, a qualquer custo, fazer parte da paisagem. Para isto, modificam seus trejeitos de maneira a aproximar a constituição do seu *ser* com a do *outro*. O objetivo principal se apresenta como o mesmo da evitação, evitar conflitos, choques. Não chamar a atenção por se vestir, agir ou falar de forma diferente do *outro* é uma maneira de fazer com que este não se sinta desconfortável com sua presença por estranhá-lo. Por mais que sejam simuladas para forçar uma aproximação, possibilita um permanecer fundamentado em um *reconhecimento das similaridades* e, com isto, permite ao *estranho* se incorporar de melhor forma a maioria dos ambientes.

Contudo, assim como os primeiros, estes indivíduos também acabam por alterar constituição pessoal em prol do reconhecimento de seu permanecer. No processo de

camuflagem do *eu* para evitar conflitos, altera-se a constituição de *si mesmo* enquanto aquele é integrado ao contexto social. Desta forma, o reconhecimento provido não se apresenta como o reconhecer da singularidade individual do *eu* original, mas de um *eu* moldado, um *false self* (Winnicott, 1971/1975), especialmente modelado para adquirir pertencimento frente ao grupo. Novamente, os fatores anteriormente apresentados, exercem grande impacto na constituição do indivíduo imigrante.

Por outro lado, não apenas de resignação frente ao novo, *seres* e ambientes, desenvolve-se o *permanecer* dos atores após o *chegar*. Também existem aqueles que se indignam com as experiências vivenciadas, por *si mesmo* ou *outros* em situação semelhante, e negam-se a alterar sua constituição própria com o objetivo de adquirir o *reconhecimento do permanecer*. Buscam um *permanecer* provido do *reconhecimento do ser* sem a necessidade de realizar alterações na constituição própria. Inevitavelmente, suas ações acabam por gerar inúmeras controvérsias e produzem uma nova gama de influências que exerceram impactos no próprio *permanecer*, assim como de outros indivíduos, mesmo que estes não sejam adeptos dos mesmos princípios. Retornamos, assim, nas *influências recíprocas* que atuam na composição plural. O ato e a forma de determinado ator pleitear certos direitos com ações produtoras de conflitos, podem frutificar – a curto, médio e longo prazo – efeitos variados, positivos e/ou negativos, sobre outros indivíduos que compartilhem consigo semelhanças, mesmo que tenham em comum apenas o migrar.

Todos os fatores apresentados, contribuem para a construção não apenas da imagem da figura do estrangeiro, como para a instituição e validação dos *status* e/ou *estereótipos* que lhes são atribuídos. Por força disto, independente de como o indivíduo desenvolva sua relação com o novo, *seres* e ambientes, estará sujeito, mesmo que venha a obter o reconhecimento do *permanecer*, a atribuição destes institutos. Continuará a ser *estrangeiro* perante o grupo social ao qual se insere, mesmo que venha a se tornar um membro efetivo do grupo, pois, apesar de integrado continua a não pertencer originalmente (Simmel, 1908/2005). Ou seja, mesmo que venha a ter o *permanecer* reconhecido, sempre será aquele que *não é originário*, que *veio de algum alugar* e que *não pertence ao grupo por natureza*.

O *permanecer* após o *chegar*, evidencia-se como um processo dinâmico e contínuo. Primeiro, devido a constante rede de fatores de influência interrelacionados de forma recíproca. Segundo, pelo facto que mesmo quando o *permanecer* é reconhecido, estes fatores ainda continuam a exercer poder. Como afirmado, o reconhecimento do *permanecer* não retira do

status e/ou *estereótipo* atribuído ao indivíduo. Continuará a ser *o estrangeiro, brasileiro, chinês, português, baiano, mineiro*, entre outros. O que irá sofrer alteração são as simbologias e significados que os termos carregam. Com o tempo e reconhecimento do permanecer, deixará de ser, e.g., *o brasileiro*, para ser *o brasileiro giro*. Todavia, o termo composto carrega aspetos importantes sobre os institutos atribuídos, a ser o facto de manter em evidência a origem, enquanto qualifica o indivíduo. Desta forma, o estrangeiro se torna membro integrado e identificado como alguém de índole aprovada pelo grupo, porém, continuará marcado como uma forma de aviso: “*é boa pessoa, mas cuidado, pois continua a ser estrangeiro*”.

Outro fator referente ao *permanecer* que importa ressaltar, tange sobre os agrupamentos dos indivíduos. Como apresentado anteriormente, as redes de apoio se mostram essências em todo o processo migratório. No geral, os atores se deslocam para locais onde já residam indivíduos que partilhem consigo a origem. Tal como o exemplo do argelino Mohand, apresentado por Sayad (1991/1998), em muitos casos, devido a quantidade indivíduos com a mesma origem que residem no local de destino, este se transfigura aos atores como uma extensão da própria aldeia. Neste ponto, retornamos a questão da moradia, essencial para o permanecer efetivo. O alto número de indivíduos que partilham em comum a origem estrangeira a residir de forma predominante em uma localidade, tendem a transformá-la de acordo com as características desta população. Mesmo que alguns indivíduos venham a residir em outras localizações, na maioria das vezes, a com maior concentração se transforma em um porto seguro, ponto de encontro e comércio típico. Emergem, assim, zonas com predominância de populações estrangeiras, as quais aglomeradas em neste espaço, transportam a ele características culturais específicas que o definem como uma área, bairro, rua, vila, e outros, típico de determinado grupo.

Deste facto, torna-se possível extrair a existência de uma espécie de segregação silenciosa, na qual os atores são inconscientemente direcionados para algumas áreas, geralmente, nos subúrbios das cidades. Esta situação, conduz ao nascimento de áreas específicas de imigrantes onde a rotina da vida cotidiana, o comércio e todos os aspetos do convívio social, dentre outros, tendem a se desenvolver semelhante a uma extensão do local de origem. Evidentemente, a proporção deste ambiente dependerá do quantitativo de indivíduos que imigraram em direção a localidade. Se outrora o agrupamento dos atores proporcionava apenas o nascimento de pequenas ruas e vilas, no último século o grande fluxo migratório possibilitou o desenvolvimento de bairros e macrorregiões de grandes proporções, como por

exemplo a presença marcante de imigrantes japoneses o Bairro da Liberdade em São Paulo, Brasil, ou a de indivíduos provenientes dos países africanos nos antigos bairros 6 de Maio e Estrela de África, no concelho da Amadora na Área Metropolitana de Lisboa, Portugal, dentre inúmeros outros por todo o mundo (M. M. S. Antunes, 2002; Bogado, 2020; A. Cardoso & Perista, 1994; Fantin, 2013, 2015; Figueirinhas, 2011; Paiva, 2011; Raposo, 2005; Saavedra, 2022).

Convém salientar que o desenvolvimento destas áreas, apesar de realizar uma segregação silenciosa, nem sempre se apresenta como algo forçado pela população nativa do local de destino. Inicialmente, na busca por um local para se estabelecer, os primeiros indivíduos a migrar acabam por se acomodar no primeiro ponto que possa residir, mesmo que de modo modesto. Os próximos atores a migrar para a região tendem a ir na direção deste local, devido a existência de moradores com quem partilha a origem e desenvolve relação de proximidade. Nestes locais, a vida cotidiana segue os padrões vinculados a terra natal. As casas, jardins, lojas, ruas, entre outros variados aspetos socioculturais, tornam-se ambientes com características típicas daquela população, onde a rotina, os diálogos, os itens vendidos nas lojas e mercados, tudo remete a origem, em muitos casos até o idioma falado (Stavo-Debauge, 2012). Conforme aponta Rossolillo (2016),

Uma língua comum é o veículo de uma cultura comum e, portanto, acaba criando laços importantes entre os que a falam, laços que se inserem como elementos constitutivos da própria personalidade. A partilha em comum do ambiente físico onde vive um grupo de pessoas, por sua vez, liga suas experiências cotidianas, cria lembranças e, portanto, se torna um elemento constitutivo de sua personalidade. (p. 796)

Estes ambientes, guiam-se em parte por uma espécie de *Regime de Comunidade* (Reinheimer, 2010), o qual é centrado na transmissão e manutenção das tradições originais. Contudo, devido se apresentarem fora das sociedades originais e manterem a valorização de tradições não pertencentes ao cosmo onde se inserem, a certo modo regem-se também por um *Regime de Singularidade* (Heinich, 2016). Neste, uma *gramática de qualificação e valorização* das representações partilhadas acerca da cultura de origem, a qual privilegia aquilo que é de fora do contexto social que fazem parte e, portanto, considerado por está atípico, faz a

coletividade como entidade específica destoar do restante da sociedade a que pertencem. Contudo, a prática deste *Regime de Singularidade*, justamente pela razão de evidenciar, qualificar e valorizar tradições diferentes da sociedade em que se inserem, leva ao espaço em que a coletividade se desenvolve o semblante de uma espécie de *campo* provido de maior autonomia e certa independência das normas da sociedade em que está inserida, visto não seguir os padrões sociais comuns do mundo que lhe envolve. Cria-se, assim, uma espécie de mundo separado, regido, em parte, pelas próprias normas de conduta. Isto acaba por trazer consigo também um aspeto de competição de ambos por reconhecimento (Heinich, 2014).

Transfiguram-se, assim, estes espaços, em *locais de reafirmação da identidade* onde os atores buscam a socialização que não encontram em outros espaços (Breviglieri, 2018), os quais incluem «[...] as dificuldades para fazer amizades num círculo que não seja o familiar ou dos conterrâneos» (Villa, 2017, p. 194). Importa notar que estas limitações e consequente busca por se relacionar com seus semelhantes não se apresenta apenas àqueles que possuem compatriotas a partilhar da mesma situação. A semelhança das dificuldades enfrentadas, conduz os imigrantes a apresentarem melhor desenvoltura no desenvolvimento de relações com outros indivíduos que também partilhem da experiência migratória sem que sejam, necessariamente, conterrâneos.

Desta forma, frequentemente o evento de encontrar alguém que compartilhe de um *migrar-comum* – e, no caso, apenas o ato de migrar como comum –, apresenta-se aos imigrantes como uma sensação de alívio. Esta condição justifica, *e.g.*, a feição de alívio expressada pelo jovem africano no relato apresentado no Prólogo, quando ao escutar o cumprimento reconhece que o sotaque, tal como o dele, não é português. A timidez demonstrada até então, rapidamente desaparece e concede lugar a um *outro ser* comunicativo e curioso, o qual reconhece no *outro* um *eu* como o dele e que pode compreender os anseios de sua mente. Situação semelhante pode ser encontrada nas entrevistas, onde os atores, no geral, expressão melhor predisposição para falar sobre o assunto por força do mesmo motivo.

Em retorno a formação populacional destes espaços, com o passar do tempo outros indivíduos em migração, por mais que não partilhem os padrões socioculturais do local, devido as dificuldades em arrendarem imóveis em outras regiões da cidade, podem acabar por serem direcionados para área, classificada como própria para migrantes. Do mesmo modo, migrantes nacionais, atores regionais com baixo poder aquisitivo ou pertencentes a subcategorias e minorias nacionais tendem a serem direcionados para estes espaços (Boltanski & Chiapello,

1999/2009). Categorizados por *modelo de humanidade comum* pela *cit *, estes são qualificados, hierarquizados e distribuídos sem que sejam levantados questionamentos sobre os estados de grandeza que lhes são atribuídos (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Goffman, 1974/1991). Em suma, o agrupamento destes atores não ocorre devido ao reconhecimento de uma *dignidade comum* da humanidade presente no *outro*, mas pela (des)classifica o de uma *humanidade hierarquizada* pelas varia oes de grandezas que evidenciam as dissemelhanças existentes entre o *eu* e o *outro*, o *nós* e *eles*. Portanto, desenvolve-se não um reconhecimento da semelhança, mas das diferenças que permite classificar o ser como diferente do *eu*.

O surgimento destes espaços diferenciados, fundamenta-se em um *consenso silencioso* dos rótulos e estigmas atribuídos aos indivíduos por meio dos dispositivos de *governamentalidade* que lhes classificam, categorizam e os direcionam a uma espécie de *lugar-comum* em prol do chamado *bem comum* (Becker, 1963/2012; Foucault, 1978/2008; Goffman, 1963/2008). Concomitantemente, enquanto realizam uma espécie de segrega o dos *seres*, instituem as fronteiras que permitem a inscri o e registo da individualidade do *ser* em uma *vida comum* adentro a *coletividade dos seus* em rela o a urbe (Jardim, 2016). Diferentemente dos bairros residenciais, onde àqueles que possuem melhores condi oes procuram paz e espaços estruturados para viverem com suas famílias (Bourdieu, 1993/2008), o nascimento destas áreas de segrega o e concentra o dos indesejados, emergem como trincheiras dos subúrbios despersonalizados (Pais, 2006/2016).

Todavia, a despersonaliza o que lhes   atribuída não significa a ausência de personalidade, mas que está destoa da idealizada pela sociedade em que está incrustado. Ou seja, os *regimes de singularidade e comunidade* que compoem sua estrutura basilar e a fazem dissonar do restante do corpo social a qual pertencem (Heinich, 2014, 2016; Reinheimer, 2010), possibilita-lhes um caráter *sui generis*, o qual, de maneira simultânea, leva ao espaço características e personalidade distintas, enquanto colocam-na em desarmonia com o restante da sociedade.

Por força disto, habitualmente a vida neste ambiente se desenvolve de forma apartada do restante da cidade devido suas próprias particularidades. Se com o tempo alguns indivíduos tendem a perder o sotaque quando em contato com outras culturas, seja por forçarem para uma melhor inclusão ou devido a uma modifica o gradual da fala justificada pelo convívio com os nacionais, àqueles que residem nestas áreas, na maioria das vezes, acabam por manter essas características. Em muitos casos,   comum encontrar indivíduos que, apesar de residirem há

muito tempo, não dominam o idioma local e não conhecem a cidade fora dos limites permitidos a sua existência (Resende & Carvalho, 2021b).

As complicações inferidas no desenvolvimento das relações sociais, também conduzem a implicações em outras áreas da vida social, como trabalho e educação (Resende & Carvalho, 2021a). Por tal modo, através das múltiplas experiências vivenciadas que envolvem os atores em variadas formas de qualificação, estes acabam por ter a grandeza de seus *seres* impactada (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Garnier, 1995). Mostram-se despreparados para *fazer o comum*, ou seja, incapazes de desenvolver suas vidas, relacionamentos e convivência adentro as *formas plurais da comunalidade*, apenas no interior da comunidade (Breviglieri, 2007b, 2007c; Derouet, 2000; Resende & Gouveia, 2013).

Como exemplo, é possível analisar a questão relacionada aos filhos de imigrantes que apesar nascidos em terras estrangeiras – ou seja, possuem como origem aquele local –, carregam em sua fala características sonoras, sotaques, específicos daquela população, assim como outros aspetos socioculturais. Está situação, pode ser fundamentada nas dificuldades de socialização encontradas por estes devido o peso que lhes é imposto pela origem imigrante. Todavia, aprofunda-se visto que, afastados da possibilidade de desenvolverem novas relações sociais externas ao convívio familiar e social dos conterrâneos, estes atores acabam por permanecer apenas nas regiões que lhe são permitidas. Semelhante ao apresentado por Amara (2020), que esclarece desenvolver melhores relações com imigrantes.

«[...] *minha proximidade foi maior com os brasileiros, por que os portugueses são os mais diferentes, e aqui fico assim, somos os outros, então criou um laço maior entre africanos, brasileiros, timorenses [...]*» (Amara, 2020)

Todavia, aprofunda-se visto que, afastados da possibilidade de desenvolverem novas relações sociais externas ao convívio familiar e social dos conterrâneos e imigrantes, estes atores acabam por permanecer apenas nas regiões, geográficas e sociais, que lhe são permitidas. A limitação, portanto, transpassa o caráter físico do espaço e acaba por incidir limitações no convívio social dos atores. É o que exemplifica Amara (2020), ao relatar a experiência de um colega turco e da dificuldade em se transpor e/ou criar novos espaços de convivência.

«[...] *fica mais difícil a criar este espaços, por exemplo, conheci um turco [risos], um colega turco na biblioteca a estudar e também reclama por não se relacionar muito com os portugueses e interessava ainda por causa do português, em aprender mais o*

português, mas ele é ainda mais amigo de timorenses, de angolanos [risos] [...]»
(Amara, 2020)

O que ocorre, portanto, pode ser comparado a chamada “bola de neve”, em que a cada momento o problema é amplificado. Em síntese, são afastados por serem diferentes, estranhos – por mais que possuam a origem do lugar, mas carreguem a ancestralidade estrangeira –, e acabam por se afastar cada vez mais, pelo facto que sempre destoarão do ambiente.

Estes atores, a atribuir um *status* e/ou *estereótipo*, podem ser classificados como **filhos do limbo**. Descendentes de imigrantes, nascidos em terras estrangeiras e que desenvolvem, semelhante ao *retorno emprestado* de Meruane (2014/2019), uma vivência similar a uma *vida emprestada* de um *outro* semelhante a *ele*, vindo de *outro lugar*, diferente do *seu* de origem, porém, em certos momentos, que lhe pertence mais que o próprio lugar. Indivíduos que desde a génese da infância, vivem a *dualidade do próprio ser*. Nacionais de uma terra com a qual não partilham a cultura de modo parcial – quando já realizam algumas práticas culturais – ou totalmente e, igualmente, compartilham de aspetos socioculturais de outra terra, a qual, muitas vezes, nunca conheceram. Indesejados que não podem retornar, pois nunca partiram. Herdeiros de um legado, semelhante a experiência vivenciada pela imigrante Patrícia (2019), que não se vincula de maneira específica ao seu *ser* como *ente* individual.

Por tal modo, a obtenção de reconhecimento do permanecer dos imigrantes em terras estrangeiras, constitui-se como o produto da convergência de inúmeras influências presentes não apenas na relação que desenvolve com o outro que já habita o *espaço*, mas também oriunda de outros contextos que precedem, em muitos casos, a própria existência do *ser* que pleiteia pertencer. Todos estes fatores, sejam eles psicossociais, políticos, económicos, pessoais, entre outros, atuam na constituição individual do *ser* e findam por afetar os modos utilizados por este no processo aquisição do reconhecimento de seu permanecer efetivo. Afetados por estes fatores, os indivíduos tendem a desenvolver variadas formas de agir. Estas, podem levá-lo a agir de diferentes formas, tais como a evitar situações que possam produzir conflitos, se camuflar de modo a não gerar estranhamento exacerbado de si mesmo pelo outro ou, ainda, confrontar intencionalmente o outro, seres e sociedade, a visar o reconhecimento de seu ser sem a necessidade de alterações consideráveis em sua matriz.

O permanecer, portanto, rege-se na essencialidade pelo reconhecimento por parte do *eu* do *ser* existente no *outro* que o confronta em busca de pertencimento. Desta forma, depende do

reconhecer de que *o outro* é um *ente* como o *eu*, presente no mesmo *espaço-tempo* (Ricoeur, 1995/1995, 2004/2006, 1990/2014). Um *eu* que possui voz, por mais que seja silenciado, e que assim como *eu* tem sentimentos, pensa, sonha e é capaz de olhar para *o outro* da mesma forma em que também é visualizado (Breviglieri, 2008/2016). Todavia, o reconhecimento não depende de modo exclusivo do reconhecer por parte do *outro* do *eu* que o confronta, mas é também afetado pelo *autorreconhecimento deste consigo mesmo* e da forma em que interage na busca por este reconhecimento. Assim, o *eu decomposto, negativedo, estranho e desconstruído de si mesmo*, tende a não impor ao *outro* que sua presença carece de reconhecimento. Por *não reconhecer-se a si mesmo*, quando reconhecido pelo *outro*, finda por não visualizar a efetividade deste reconhecimento que lhe é concedido. O ato de não compreender este reconhecimento e *não reconhecer-se a si mesmo*, leva-o a se afundar cada vez mais na (des)constituição do próprio *ser*. Mesmo que não se apresente desta forma frente ao *outro*, continuará *estrangeiro* adentro ao âmago e sofrerá impactos no seu permanecer.

CAPÍTULO IX

—

CONCLUINDO COM NOVAS ABERTURAS

9 PARTIR, CHEGAR E PERMANECER – É UM TRIÂNGULO QUE SE FECHA?

Embora a migração não seja um fenómeno novo, é um fenómeno que parece estar a acelerar como resultado do processo de integração global.
(Giddens, 1986/2008, p. 260)

Refletir sobre as migrações humanas, como apresentado, requer uma visão ampla de todo o fenómeno migratório. Não se apresenta perspicaz desenvolver reflexões sobre uma de suas etapas sem, contudo, levar em consideração as demais. Por tal modo, ao buscar o desenvolvimento de uma compreensão sobre o permanecer de estrangeiros imigrantes em outras terras além das suas de origem, mostra-se sensato compreender também as demais etapas que estruturam o fenómeno. Migrar, como visto, estrutura-se em uma complexa rede de composições. Nesta, cada etapa exerce influências sobre as demais enquanto também, de modo recíproco, recebe influências destas. Além dos impactos advindos das experiências vivenciadas em cada etapa, outras interferências influem efeitos sobre o processo e, em alguns casos, tais fatores podem se apresentar anteriores ao próprio processo migratório.

Antes mesmo de partir, o indivíduo é afetado por diversas composições, as quais produzem sobre ele inúmeros reflexos e atuam como fatores motivadores para a sustentação do efetivo partir. Este ato, ao ser efetivado, apresenta-se ao ator de maneiras distintas e simultâneas. Tange sobre as possibilidades advindas do próprio deslocamento e do contato que virá com *o novo*, assim como diz respeito a tudo aquilo do qual se afasta. *Partir*, por tal modo, é formado por uma composição entre o ato de sair em direção a um novo local e, conseqüentemente, *abandonar*, afastar-se de toda uma vida até então construída.

O entrelaçamento existente entre as etapas, começa aqui a apresentar seus efeitos. Os fatores motivadores do partir exercerão influências sobre como as demais etapas do processo migratório serão desenvolvidas. Ou seja, afetarão o desenrolar do *chegar* e *permanecer* dos atores em migração. Deslocamentos motivados por fatores geralmente relacionados as migrações espontâneas, assim, permeados por uma maior reflexão e preparo dos indivíduos para a realização do *partir*, influenciarão tanto como será

desenvolvido o próprio ato de *partir*, assim como o *chegar* e o *permanecer* dos atores. O que também irá ocorrer no caso das migrações forçadas, contudo, com uma menor ou, em muitos casos, nenhuma, possibilidade de reflexão e planeamento.

9.1 REFLEXÕES SOBRE O PARTIR E O CHEGAR

Apreender o processo de deslocamento de um indivíduo ou grupo social, é constatar que a migração é um processo que para além “do estar em espaços sociais diferentes”, é um modo de reprodução social definido nas relações de tempo e espaço, enfatizando a dualidade de se estar em movimento.

(Araújo *et al.*, 2014, p. 3)

As influências exercidas atuam desde sobre a própria constituição do *ser* e reconhecimento deste até nas formas em que irá realizar os ajustamentos e composições. Influenciam nas formas em que realizará o deslocamento inicial, assim como, impactuam no desenvolvimento do *chegar* e nos ajustamentos necessários ao permanecer.

Ao partir o indivíduo deixa o universo no qual habitava. Um cosmo preenchido por tudo aquilo que construiu até aquele momento em sua vida, formado por bens materiais, experiências vividas, familiares e amigos. Todavia, todo este arcabouço pode não significar de modo pleno um reconhecimento de pertencimento com a origem. A própria ausência deste sentimento pode, efetivamente, atuar como um dos fatores motivadores para o migrar. Nestes casos, mostra-se preexistente à própria experiência de partir uma espécie de estranhamento. Semelhante a Mersault (Camus, 1942/2019), por falta de reconhecimento de *si mesmo* com o *espaço-tempo* e com os *outros* que neste habitam, já o é *estranho*, um estrangeiro em sua própria terra.

Todavia, nem sempre o migrar é realizado pela falta de reconhecimento do *ser* com o *espaço*, o que aqui agrupamos junto aos aspetos motivadores pessoais. Em muitos casos, o partir é motivado pela necessidade e esta, como visto, é um fator que atua sobre o ser humano desde os primórdios da humanidade. A necessidade move a espécie humana e o leva a se colocar em movimento na busca por melhores condições de vida. Uma busca que já não se apresenta simplória como antes, na génese de sua história migratória, por

apenas um local que possa oferecer abrigo, alimentos e segurança. Porém, não se encontra efetivamente longe destes aspetos de necessidade. O migrante procura um ambiente onde possa desenvolver sua vida com mais dignidade e, inevitavelmente, aspetos como um local para residir com segurança e um trabalho que lhe possa fornecer a capacidade para prover alimentos e seguridade para si e seus entes se apresenta como fator essencial. Em síntese, uma busca por melhores condições de vida. Desta forma, migrar ainda é uma necessidade (Harari, 2012/2015).

Este migrar pode dar-se por diversas maneiras, seja ele motivado por questões laborais, estudos, aproveitar a aposentadoria, pessoais, entre outros. Ainda, convém salientar, existem aqueles que são motivados por fatores de força maior e, por tal modo, são forçados a migrar. Nestes casos, o *partir* não é uma escolha realizada a objetivar uma simples melhora nas condições de vida, mas uma condição necessária, muitas vezes, para a própria manutenção desta. Diferente dos demais casos, ao migrante forçado não é permitido, na maioria das vezes, o devido planeamento de seu deslocamento, o qual, para muitos, é realizado de maneira abrupta e sem a possibilidade de se preparar para a viagem. Nestas situações, leva-se apenas o que é possível carregar. Por tal modo, o migrar humano, realiza-se, tal como outrora, motivado pela necessidade de ir ao encontro de um nirvana, seja este pessoal ou não, em que possa desenvolver sua existência com dignidade.

Portanto, *partir* não se apresenta apenas como uma etapa simplória, um ato, mas uma composição repleta de sentimentos. Aquele que parte em direção a um outro local, em busca de um nirvana, também deixa parte de sua origem. Não abandona ao todo, pois, carrega consigo na memória as lembranças deste lugar. Todo aquele que parte, chega a algum lugar no *espaço-tempo*. Este momento é marcado pelo encontro com o *novo*, uma mescla de encanto e estranhamento, somado a saudade de um outro *espaço-tempo* que deixou. Se para aquele que chega tudo é novidade, inclusive a *si mesmo* em relação ao novo *espaço-tempo* em que passa a habitar, e é inevitável a comparação entre a origem e o destino, também o é para aquele que o visualiza a se aproximar.

Desta forma, emerge-se a comparação de como a vida era fácil ou difícil na origem, como são belos ou estranhos os costumes do novo, ou, ainda, do outro lado do prisma, como era melhor a vida antes da presença daquele que agora ali se encontra. Somados a estes novos sentimentos, todo o arcabouço de fatores que motivaram o partir exercerão sobre os atores em migração influências sobre o *chegar* a impactar nas diversas

composições possíveis ao seu acolhimento. Do mesmo modo, refletirão suas forças no seu *permanecer*. Por isso, migrar não é simplesmente um ato, mas, também, um sentimento composto por experiências gratificantes, atos de euforia e encanto, assim como por desconfortos, decepções.

O planejamento do *partir* é permeado por diversos ajustamentos iniciais que o indivíduo desenvolve a visar o cumprimento de seu objetivo: migrar. Antes mesmo de efetivar o início do deslocamento, o ator é afetado por diversas composições que o conduzem ao partir. Suas motivações para migrar podem ter diversas origens, como estudos, fatores políticos, económicos, sociais, culturais, pessoais, entre outros. A migração que realiza pode ser precedida, por exemplo, de um *migrar comum* preexistente em sua sociedade, na qual, por diversas gerações os atores são levados a seguir rumo a determinada localidade (Sayad, 1991/1998). Para estes indivíduos, o *partir* adquire um aspecto de normalidade, algo que faz parte da própria existência.

Ao *partir* o indivíduo carrega consigo todo um arcabouço de fatores que motivaram a migração, além das lembranças do lugar que deixou. Estes, acabam por impactar nas múltiplas maneiras que irá realizar os ajustamentos ao chegar. Os fatores que o levaram a partir influenciarão na forma em que realizará o deslocamento. Estes, por sua vez, afetarão na maneira em que será desenvolvido o *chegar* e como este será acolhido. Isto conduz a uma possível compreensão do motivo pelo qual determinados imigrantes são acolhidos de melhor maneira, apesar de não estarem livres de conflitos, enquanto outros são afetados por inúmeras dificuldades. Imigrantes empreendedores, que apresentam a possibilidade de gerar empregos com seus investimentos, ou aposentados, que movimentarão o comércio local por meio de seus gastos básicos de sobrevivência, possuem melhor chance de terem uma boa recepção ao contrário daqueles que migram a procura de trabalho, estudos e/ou refúgio, visto que, estes últimos, podem ser compreendidos apenas como um peso. Em certos casos, também visualizados como aproveitadores, a roubar vagas de emprego e/ou estudo dos nacionais, ou, ainda, de recursos financeiros, os quais, explanam alguns, considerar-se-iam melhor aplicados quando investidos com a nação.

Outro fator importante presente nas motivações do *partir* é a motivação principal do deslocamento. Neste ponto, retornamos à diferenciação entre o migrante e o turista (Schütz, 1944/2010; Simmel, 1908/2005). Motivado pelo desejo de apenas conhecer e

retornar a sua origem, o turista não gera tanto desconforto, apesar de ainda assim produzir alguns conflitos²²². Todavia, o migrante parte com o objetivo de desenvolver um *permanecer* no local de destino. Este desejo de *permanecer*, por si só, finda por produzir inúmeros conflitos, tais como os mencionados no parágrafo anterior.

A forma que desenvolveu seu deslocamento o afetará de igual modo. Isto conduz a diferenciação no acolhimento de imigrantes irregulares e regulares, assim como dos refugiados²²³. Mesmo a gerar conflitos, como os anteriormente apresentados, imigrantes regulares terão melhores chances de desenvolver um bom acolhimento que aqueles classificados como irregulares, visto que, ao desenvolverem suas atividades laborais acabam por pagar tributos tal como os nacionais, além de estarem protegidos por dispositivos legais. Todavia, ainda assim, isto não pode ser compreendido como uma garantia de uma boa recepção.

Fatores como a origem também afetarão o acolhimento dos atores. Indivíduos oriundos de determinadas localidades podem ser rececionados de maneira diversa de outros provenientes de outras regiões. Advindos de áreas de migração comum em direção a determinado local, em vários casos, podem sofrer com impactos relacionados a historicidade migratória entre origem e destino. A presença anterior de indivíduos com os quais partilhem as origens e a forma como estes realizaram seus ajustamentos a visar o *permanecer*, podem exercer impactos na recepção de novos atores naquela localidade. Todavia, cabe salientar, este apego à memória da presença de outros estrangeiros não se restringe apenas aqueles que partilhem as mesmas origens. Uma única experiência ruim, vivenciada no passado por determinada região em relação a presença de estrangeiros, pode afetar atores que não partilhem com àqueles a origem, a terem em comum apenas o facto de serem imigrantes.

Portanto, o *chegar* dos atores é marcado por diversas influências provenientes tanto do próprio processo migratório como no histórico de migrações anteriores a ele. Este momento é marcado pelos choques desenvolvidos no encontro com *o novo*. Uma mistura de sentimentos, por meio dos quais, os indivíduos se encantam e/ou estranham tudo que lhes é apresentado. Tudo é novidade e as diferenças existentes podem gerar tanto

²²² Apesar disto, é possível notar nos últimos anos o nascimento de movimentos anti-turistas por toda a Europa.

²²³ Ver: 5.3 A política do pertencer e 5.5.1 Migrações forçadas.

encantamento como estranhamento. Do mesmo modo, a presença do próprio *ser* no novo local é novidade e, por tal modo, também pode produzir encantamento e/ou estranhamento.

Novamente, os fatores motivadores do *partir*, assim como o histórico preexistente, incidem sobre o indivíduo suas influências. Agora, estas atuam sobre o processo de estranhamento do próprio *ser*, o qual, por sua vez, influenciará em como este realizará os ajustamentos necessários ao *permanecer*. Este processo, conduz a transformação do estrangeiro em *estranho*, no qual, para além dos fatores mencionados, são levados em consideração as formas em que realiza os ajustamentos iniciais ao *chegar*.

Cabe notar que o *ser* pode já possuir junto ao âmago a essência de *estranho/estrangeiro* e, nestes casos, o processo não lhe transformará em *estranho*, contudo, é possível que amplifique sua estranheza frente ao outro. Todavia, nem sempre aquele que já possuía uma *essência estrangeira* na origem, será visualizado no destino como *estranho*. Em determinados casos, é possível que este desenvolva uma melhor relação com o novo local que com a origem e, em razão disso, não se sinta *estranho* naquele local. Sua familiaridade ao se ajustar ao novo ambiente pode conduzir a uma melhor aceitação de seu *ser*, não estranhado por completo.

O estranhamento do *ser*, apresenta-se como uma complexa composição. O *estranho* é fruto de uma equação que leva em consideração diversos fatores, tais como a essência do próprio indivíduo, a forma que realiza os ajustamentos a visar o *permanecer*, o histórico pessoal e sociocultural que o envolve, entre outros. Todos estes fatores podem transformá-lo em um *estranho* e/ou, ainda, amplificar sua estranheza. Por sua vez, esta última retorna como fator de agravamento na equação, a amplificar ainda mais sua estranheza. O *ser*, desta forma, torna-se sempre mais *estranho*.

Com isto, é possível que mesmo aquele que não se sentia *estranho* em sua origem passe a sentir-se como tal e, quando já preexistente este sentimento ao âmago, torne-se cada vez mais *estranho*. Emerge, assim, o sentimento de *sentir-se estranho*, *sentir-se estrangeiro*. Estrangeiro, como visto, sintetiza-se pela negação. É aquele que *não pertence*, sente-se não pertencente e não desenvolve, por conseguinte, uma relação de pertencimento com o local e seus habitantes. Não é reconhecido como um *outro* igual ao *eu*, mas diferente. Por tal modo, nestes casos, seu reconhecimento não é regido pelo

reconhecer de sua igualdade com *o outro*, mas pela diferença existente entre o *eu* e *o outro*, *nós* e *eles*. Portanto, não é um reconhecimento da alteridade existente, mas daquilo que marca o *ser* como uma classe, um gênero, uma espécie diferente, à parte (Varikas, 2007/2014)²²⁴.

Outro fator de estranhamento do *ser* remete, como mencionado, as formas de ajustamento que são utilizadas pelos atores. Quando pertencente a determinadas categorias comumente desprezadas, os atores acabam por serem confrontados com um dilema: aceitar ou rejeitar, em silêncio ou não, o lugar que lhes é atribuído. O aceitar silencioso proporciona um reconhecimento limitado do permanecer. Não é efetivamente aceito, mas tolerado (Schütz, 1944/2010). É admitido apenas nos ambientes e momentos que convém. Nos demais, o indivíduo acaba por se manter enclausurado, tal como os exemplos apresentados dos imigrantes trabalhadores e estudantes, de forma a evitar a produção de choques. Uma relação estruturada na *proximidade* e no *distanciamento*, em que, quando permitido, aproxima-se e adquire certa paridade fundamentada na função que lhe é atribuída, todavia, distancia-se, visto não produzir vínculos efetivos, mas abstratos (Simmel, 1908/2005). Ao rejeitar, o indivíduo acaba por produzir manifestações de descontentamento, as quais, acabam por afetar a forma como é visto e compreendido pela sociedade em que imerge. Suas opiniões podem tanto restringir o reconhecimento de seu pertencimento como abrir portas para novas formas de aceitação.

Ao manifestar encantamento, o estranho terá um ponto positivo na equação do estranhamento, visto que revalida aquilo que lhe é apresentado. Todavia, ao demonstrar estranheza ao que lhe é transmitido será amplificada sua estranheza, pois, além de não pertencente, rejeita a cultura local. Contudo, em certos casos, sua manifestação de estranheza pode, também, conduzir a um novo olhar naqueles que já habitam o local²²⁵.

As manifestações vociferadas pelo estrangeiro repercutem não apenas no reconhecimento pessoal de seu *permanecer*, mas produzem reflexos sobre outros indivíduos que também busquem o mesmo. Retornamos, assim, as influências geradas pelos contextos históricos. Opiniões emitidas por um ator em migração a respeito de

²²⁴ «A construção da diferença é, [...] uma *construção social do universal e do particular*, visto que a diferença não é mais uma relação entre duas particularidades, mas um *desvio* ou um *afastamento da norma*» (Varikas, 2007/2014, p. 89)

²²⁵ Ver: **8.2.1 Uma crítica etnopoética: A construção cíclica de um ser em (de)formação.**

determinado aspeto da sociedade de imersão podem acabar por impactar no acolhimento não apenas deste, como no de outros indivíduos que venham a migrar para aquele local. Afetam o processo de estranhamento do *ser*, o qual, devido as opiniões proferidas por si ou outros antes dele, é visualizado como *estranho*. Com isto, em muitos casos os indivíduos acabam por se silenciar a respeito de variados aspetos que considerem estranhos em relação a sua origem. Uma aceitação silenciosa que visa sua aceitação. É, por exemplo, manter-se omissos em relação a ausência de determinado alimento em um evento que, por costume, seria consumido em sua terra de origem.

Ao planejar o *partir* o indivíduo busca suporte em *redes mobilizadas de apoio e informação*. Para além de funcionarem como um sustentáculo a própria migração, também atuam como estrutura de manutenção do próprio fenómeno migratório, a incentivar os indivíduos a migrarem. Por meio delas, os atores se informam sobre os fatores básicos do migrar, como as rotas, procedimentos e documentos necessários, assim como são informados a respeito dos ajustamentos básicos necessários, tanto para desenvolver o *partir* como a serem realizados ao *chegar* de forma a garantir sua permanência. Estas redes, acompanham os atores durante todo o processo migratório. Antes e durante o ato de *partir*, fornecem os arcabouços necessários para sua execução até o efetivo *chegar* no local destino e busca por *permanecer*. Também é por meio delas que fatores como o *migrar comum*, realizado por determinados indivíduos pertencentes a certas regiões e/ou etnias em direção a outras localidades, são mantidos e propagados por gerações. Estabelecem, assim, semelhantes as migrações animais – todavia, diferentes em variados aspetos –, um *espaço domiciliar, rotas migratórias e pontos de passagem*²²⁶.

Por meios destas redes, os atores estruturam o máximo que lhes é permitido o seu deslocamento. Planeiam, quando e o quanto for possível, como será desenvolvido o *partir* e se preparam para o *chegar*. Todavia, cabe salientar, nem sempre o planeamento é suficiente ou direcionado da forma correta. As redes não estão livres de distorções, as quais podem afetar as informações transmitidas e levar a construção de representações deturpadas da realidade (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Nestas, determinados fatores podem ser amplificados, enquanto outros minimizados. Estas deturpações da realidade acabam por afetar as formas de agir dos atores, as quais são moduladas conforme as

²²⁶ Ver: 4.3.1 Um ajustamento sociobiológico do espaço e do migrar.

situações vivenciadas pelos indivíduos. Cabe salientar que a existência destas redes mobilizadas de transmissão de informação não é algo exclusivo daqueles que procuram migrar, mas, também, existem do outro lado, no destino. Por intermédio das deturpações existentes em ambas as redes de comunicação, os *estereótipos negativos* são desenvolvidos, mantidos e disseminados. Situações deturpadas, sejam amplificadas ou minimizadas, tendem a levar a formas de agir que podem criar, confirmar, manter e disseminar certos *estereótipos*, raramente, refutá-los.

Retornamos, assim, a questão do *migrar comum*. *Estereótipos* criados sobre determinadas nacionalidades – ou, ainda, no âmbito geral, da figura do estrangeiro – podem impactar nas formas em que as representações são construídas em ambos os lados e, conseqüentemente, em como se desenvolverá o acolhimento dos indivíduos e os ajustamentos realizados por estes a visar o *permanecer*. Ambos os lados do processo migratório são influenciados por estas distorções da realidade. Aquele que migra pode sofrer com o peso das semelhanças de sua migração com outras anteriores, assim como, as representações construídas por este sobre o destino e seus habitantes podem afetar na maneira em que realizará os ajustamentos necessários ao *permanecer*. Já no destino, em muitos casos, a existência de apenas uma situação semelhante as transmitidas pelas redes servirá como uma confirmação daquela informação. Semelhante ao caso narrado do jovem africano, a experiência ríspida vivenciada funciona como uma confirmação da imagem que lhe foi transmitida sobre os nacionais portugueses, a transformar em certeza as primeiras impressões (Stavo-Debaugé, 2017c).

Os *estereótipos* são acentuados na relação que desenvolvem no processo de atribuição dos *status*. Estes últimos, assim como os primeiros, acabam por afetar o *chegar* e conseqüentemente o *permanecer* dos indivíduos. Todavia, o *status* não pode ser traduzido literalmente, visto que, está para além do simples estabelecimento de um estatuto que define o indivíduo como estrangeiro, imigrante e/ou refugiado²²⁷. Como aqui apresentado, não é uma simples atribuição, mas possui uma flexibilidade metafísica que é vivenciada, sentida e que tende a justificar a sua própria atribuição, conceito, situação e *ser*. Uma espécie de estado de grandeza, a qualificar ações e seres envolvidos em determinadas situações (Boltanski & Thévenot, 1991/2020; Resende *et al.*, 2019).

²²⁷ Ver: 5.5.1.2 Um status atribuído.

A palavra de ordem para *status é reconhecimento*, visto que, ao reconhecer *o outro* como pertencente a determinada categoria e classificá-lo adentro a certo estado de grandeza, também exige deste o reconhecimento do *status* que lhe foi atribuído, seja a aceitá-lo, evitá-lo ou a negar. Ocorre que os *estereótipos* e *status* atribuídos podem acabar por afetar os atores em migração em diversos contextos, em muitos casos, não relacionados diretamente a própria pessoa. Por força da classificação como brasileiro, *e.g.*, os indivíduos podem passar a ter dificuldades com arrendamento de imóveis e na busca por empregos na área de formação.

Além da transmissão de informações e suporte ao *partir*, as redes influenciam também o *chegar* dos atores. Por meio delas, antes mesmo de se colocar em deslocamento, os indivíduos constroem representações que influenciam todo o desenvolvimento do processo migratório. As redes, por exemplo, guiam os atores para locais onde, segundo as informações que transmite, este será acolhido de melhor forma. Antes mesmo de *partir*, em muitos casos, os atores já sabem em quais locais devem procurar por residência e suporte.

Este fato leva a construção de *zonas de habitação* formadas, essencialmente, por grupos migrantes e outras minorias. Estruturadas, em muitos casos, por indivíduos pertencentes a mesma nacionalidade e/ou etnia, estas zonas fornecem apoio na chegada do indivíduo e, conseqüentemente, no permanecer que será desenvolvido por estes. Adentro a estas áreas, a vida segue um cotidiano semelhante ao da origem com o desenvolvimento, inclusive, de comércios típicos. As festas, reuniões, encontros, em síntese, tudo, desenvolve-se adentro a cultura de origem. No comércio local, é possível encontrar alimentos típicos e manter uma certa normalidade da vida cotidiana em relação ao local de naturalidade. Apresentam-se, desta forma, como uma extensão da origem (Sayad, 1991/1998).

Todavia, o vínculo desenvolvido com estas zonas de conforto também acarreta fatores negativos. Emerge um comodismo relacionado ao local, no qual, os indivíduos passam, muitas vezes, a desenvolver suas vidas apenas naquele ambiente, a se afastar, de certa forma, de uma real imersão com o novo ambiente que, em muitos casos, permanece externo às áreas de imigrantes. Cria-se, assim, um afastamento entre o mundo daqueles que imigraram com o cosmo no qual residem. Desta forma, nascem os bairros tipicamente de imigrantes, *zonas de conforto* onde a vida cotidiana segue uma rotina diferente da

vivenciada no país destino, mas semelhante ao local de proveniência²²⁸. Todavia, estas zonas também funcionam como um importante suporte no *permanecer* dos indivíduos. A *proximidade* com a cultura de origem atua como uma estrutura de apoio em diversos momentos. Equacionar o *permanecer* é tangenciar os átimos de alegria com os de tristeza, desanimo, desalento, os quais, atuam nas variadas etapas.

Portanto, funcionam como fonte de conforto e alegria, um lugar onde o migrante pode agir adentro aos seus padrões de cultura originais. Um local onde é possível estar entre os seus, partilhar dos pratos típicos de sua cultura, encontrar itens considerados exóticos no local de residência, mas que pertencem a vida cotidiana de sua origem. Nos momentos de tristeza, um porto seguro, no qual, é possível estar na presença dos *seus*, daqueles que assim como ele partilham as mesmas mágoas e dores, que compreendem seus lamentos.

A visar o permanecer os atores fazem utilização de diversos dispositivos. Buscam, com isto, o reconhecimento de sua *permanência* ou, pelo menos, a *aceitação*. Entre os dispositivos utilizados, cabe mencionar os relacionados a adaptação dos atores ao novo ambiente. Por meio deles, eles buscam se ajustar, de diferentes formas e da melhor maneira possível, com o objetivo de serem aceitos. Modulam, assim, suas ações de forma a se adequar as exigências do novo ambiente.

Ocorre que o *chegar* afetado pelo *partir* pode levar a inúmeras situações, entre elas o silenciamento do estrangeiro. Sua voz não se apresenta como algo digno de ser ouvida e qualquer interpretação, equivocada ou não, de suas falas podem lhe acarretar graves consequências. Com o objetivo de ser aceito, em muitos casos, os atores passam a se silenciar também, visto que, a certo modo e em determinados momentos, sua aceitação esta condicionada a isto. Não ao silêncio em si, mas a inexistência de conflitos que sua voz tem o potencial de evocar. Apresentar sua essência real, pode levar a um maior estranhamento de seu *ser* e, conseqüentemente, afastá-lo da possibilidade de conseguir a aceitação no novo local de residência. Para prevenir esta negativa, o estrangeiro passa a

²²⁸ «Quando nos referimos, por exemplo, àquela casa ou àquele edifício, àquele loteamento, àquele bairro, são todos dados concretos – concretos por sua existência, mas, na verdade, todos são abstrações, se não buscarmos compreender o seu valor atual em função das condições atuais da sociedade. Casa, edifício, loteamento, bairro estão sempre mudando de valor relativo dentro da área onde se situam, mudança que não é homogênea para todos, cuja explicação se encontra fora de cada um desses objetos e só pode ser encontrada na totalidade de relações que comandam uma área bem mais vasta» (M. Santos, 1985/2008, p. 31, *pt-BR*).

agir, em muitos casos, de forma limitada, ou seja, apenas nos contextos em que lhe é permitido. Silenciado, aparece socialmente somente nas situações que lhe é permitido. Assim, silencia-se a *si mesmo* com o objetivo de adquirir a aceitação de seu permanecer. Quando não convém, afasta-se e permanece recluso no próprio mundo. Desta forma, a residência do imigrante se transforma em exílio pessoal de proteção, no qual, imerso nas lembranças de outro *espaço-tempo*, vive recluso, muitas vezes, em solidão. Uma forma de proteção e busca por aceitação regida pela modulação de seu *ser* e suas ações.

O processo migratório, constitui-se em uma complexa composição formada por um equacionar que permeia suas variadas etapas. Primeiro, os atores ponderam sobre múltiplos fatores que o levam a cogitar a realização do deslocamento, os quais lhe acompanham durante todo o processo. Uma mescla de sentimentos e tomadas de decisões marcam esta etapa. *Partir* não se apresenta apenas como uma busca por melhores condições de vida, mas, concomitantemente, em abandonar muito daquilo já construído no local de residência atual. Sua origem, assim como o histórico migratório que o precede em relação ao destino, exercerá influências em todas as etapas. Ao efetivar o *partir*, a forma que desenvolveu o deslocamento também atuará como fator de impacto no seu acolhimento. A chegada não se apresenta como o fim de uma jornada, apenas marca o início de uma nova etapa. Todos os aspetos que até aquele momento exerceram influências sobre a *si mesmo* e seu processo migratório, continuarão a produzir-lhe impactos. Destacado pela estrangeiridade e estranhamento do *ser*, será marcado com *estranho*, *estrangeiro*, e sofrerá outros impactos frutos desta nova classificação. Em todo o processo fará uso de *redes de apoio* como forma de adquirir direcionamento no desenvolvimento de todas as etapas e, de certa forma, evitar a solidão de estar no estrangeiro. Algo que mesmo aqueles que vivenciaram, sentem dificuldades de explicar, mas apenas estes se mostram capazes de entender.

Como apresentado, *o chegar* é marcado pelo encontro com *o novo*. Momento de choques, dos quais, é possível que venham a emergir conflitos. Tudo, assim como a *si mesmo* no novo ambiente em que se encontra, é novo e pode gerar tanto encanto como estranhamento. Vale notar que este não é um binómio claramente delimitado, ou um ou outro, mas uma mescla na qual ora produz ora sente encantamento e/ou estranheza. Muitas vezes, ambos ao mesmo tempo. Estes atuarão como fatores de influência no seu acolhimento e posterior permanecer. Estranhado, será cada vez mais *estranho*. Sua falas

serão pontuadas na equação e, por tal modo, requer do imigrante cuidado ao emitir opiniões. Buscará *os seus* em zonas específicas, em alguns casos claramente delimitadas como áreas de migrantes, nas quais procurará suporte para os momentos de alegria, dúvidas, tristezas e frustrações.

O encontro com *o novo*, na maioria das vezes, não se apresenta apenas com encanto. Para aqueles que chegam é uma mescla de sentimentos. Desta forma, *o chegar* não se apresenta como um ato simples, mas uma composição em que são equacionadas todas as experiências e fatores, desde o planeamento – ou não – do *partir*, sua efetivação e desenvolvimento, até o efetivo *chegar*, com todas as experiências gratificantes, atos de euforia e encanto, (de)compostos com as deceções, desconfortos e conflitos gerados em todos os momentos. Neste momento, começam a emergir das profundezas do âmago dúvidas e inquietações sobre a escolha por migrar e sua permanência.

9.2 MATUTAR O PERMANECER

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*
(*Canção do Exílio*, poesia de A. G. Dias, 1846, pp. 9–10)

Do mesmo modo que a conclusão do deslocamento realizado pelo ato de *partir* não significa o fim da jornada migratória, o *chegar* também não representa o final desta odisséia, mas marca o início de uma nova fase: a busca pelo *permanecer*. Este, dá-se por meio de um equacionar, no qual, os atores ponderam todo o processo experimentado até aquele momento com as novas situações que vivenciam. As formas de acolhimento dedicadas ao seu *chegar*, influenciarão em como os atores desenvolverão os ajustamentos necessários ao *permanecer* e as respostas a estes exercerão grandes impactos no efetivo *permanecer* e nos reajustes que se mostrarem necessários.

Ao *chegar* os atores se deparam com o encontro com *o novo*. Este, em muitos casos, não é efetivamente *novo*, pois já carregam uma representação a seu respeito construída por meio das imagens, muitas vezes deturpadas, transpassadas pelas redes (Resende & Souza, 2019a, 2019b). Uma imagem que pode ser confirmada ou refutada, total ou parcialmente.

No equacionar que marca a busca por permanecer, os atores ponderam a respeito dos motivos que os levaram a migrar, o desenrolar de todo o processo até aquele momento e as possibilidades futuras. Como afirmado, chegar não marca o final da jornada. Estar no local de destino não significa que a busca foi concluída. Deste modo, permanecer não pode ser considerado como o simples “estar” em determinado local, mas, como analisado na própria constituição de significados e sinónimos do verbo, requer um persistir, existir. Portanto, tal como todo o restante do processo migratório, não pode ser sintetizado de forma simples. O ato de *permanecer* está além da realização de um ato e resulta de uma complexa composição.

Os diversos fatores motivadores do deslocamento, atuarão também sobre o permanecer dos indivíduos no novo local de residência. Agora, acrescidos de novos aspetos motivacionais, tais como o próprio estranhamento do *ser*, as formas de acolhimento que lhe foram dedicadas e a confirmação ou não das representações previamente construídas pelos atores em migração a respeito do novo local e seus habitantes, assim como sobre seu *ser* e os possíveis impactos advindos de sua presença naquele ambiente, entre outros fatores.

Importa salientar que a validação das representações produzidas sobre os *espaços-tempos* e *seres* que o habitam exercem grande impacto no processo de permanecer. Ao migrarem, os atores levam consigo imagens que desenvolveram a respeito do local de destino e habitantes, assim como também são construídas idealizações a respeito de seu *ser* e presença naquele *espaço-tempo*. A confirmação ou não destas representações finda por impactar nas formas de acolhimento que serão dedicadas aos indivíduos e, por conseguinte, em como desenvolverão o *permanecer*.

O encontro com *o novo* não é apenas marcado pelo choque da novidade, mas pela verificação das representações construídas, fundamentadas e transmitidas pelas *redes de informação*. Uma imagem que, como apresentado, nem sempre é propalada com nitidez (Resende & Souza, 2019a, 2019b). O *chegar* dos atores é marcado pelo encontro com uma nova realidade, o que acaba por colocar em xeque as imagens desenvolvidas até aquele momento no processo migratório a respeito do lugar de destino e todos os aspetos que o envolvem.

Contudo, cabe salientar, este movimento de validação das representações previamente construídas não está livre de influências. Adentro a este processo, existem predisposições que propendem a confirmar as tendências representadas. A existência de apenas um evento favorável tende a servir como confirmação daquilo preliminarmente previsto. Como no caso do jovem africano, em que a experiência ríspida vivenciada confirmou-lhe a imagem que já carregava consigo a respeito dos nacionais portugueses, a transformá-la em certeza. Esta predisposição acaba por desenvolver também uma intrínseca relação com o *migrar comum*, na qual a imagem produzida sobre a figura do estrangeiro, fundamentada nas representações construídas acerca da presença de outros com os quais partilhe semelhanças, é confirmada por meio de simples atos de analogia.

Todavia, não se mostra perspicaz utilizar esta conjuntura como base para construir uma afirmação tida como certeza, visto que, apresenta-se plenamente possível que determinadas representações (pre)concebidas não sejam confirmadas, mas refutadas. Porém, cabe esclarecer, este não é um processo simples. O estrangeiro pode desenvolver frente ao novo local de residência uma nova imagem, agora estruturada na imagem que o próprio expõe e não em representações transmitidas a seu respeito, as quais nem sempre ditam apenas sobre seu *ser*. Do mesmo modo, pode rever as preconceções que construiu sobre o *outro* e verificar que não condizem com a realidade. O acúmulo de experiências gratificantes pode levar a modificação de representações ruins em boas, assim como o contrário. Entretanto, vale ressaltar, este não é um processo fácil e rápido, mas lento e que requer grande número de vivências contrárias a representação previamente desenvolvida. A modificação das representações, dá-se pelo desenvolvimento de uma espécie de economia das experiências gratificantes, em que o acúmulo das experiências vividas pelos atores conduz a (re)construção das representações das realidades (pre)concebidas.

As novas imagens talhadas já no destino, fornecem aos atores arcabouços essenciais ao desenvolvimento de um permanecer efetivo. É por meio da economia de grandezas desenvolvidas pelas experiências gratificantes vivenciadas que os indivíduos equacionam todos os fatores. Por meio dela, ponderam entre as experiências positivas e negativas, encanto e deceções, conforto e desconforto, entre outros variados aspetos. Ao fim deste equacionar, resulta uma nova representação, construída com alicerces mais próximos da realidade, ainda assim, influenciados por diversos aspetos. Representações

pré-concebidas tendem a sua confirmação por seguirem determinados vieses, o que não impede de serem refutadas por novas experiências.

O *equacionar do permanecer* encontra, portanto, um de seus fatores de cálculo: a validação das representações. Ao chegar, o indivíduo se depara com o novo e este ato o conduz ao confronto de validamento das representações que carregava a respeito do novo local, assim como sua própria imagem é confrontada com as representações instituídas a seu respeito. O resultado disto dá-se por meio de um (des)encanto, onde a cada momento se sente encantado e/ou desencantado por cada aspeto e, na conjunção de todos os fatores, é levado a confirmar ou não suas preconcepções. Por tal modo, matutar o *permanecer* transita pela validação do próprio sonho almejado. O nirvana de beleza incomensurável e/ou o purgatório de tribulações incalculáveis, pode não ser como imaginado. É possível que o clima seja diferente do esperado, o convívio com os habitantes divergir do amplamente divulgado e os processos burocráticos mais simples ou complexos que o propagado pelas redes, entre outros. Ao matutar sobre estas experiências, os atores podem acabar por ter o *permanecer* afetado.

Ao *chegar* o indivíduo é confrontado com diversos sentimentos. O contato com o *novo* nem sempre se desenvolve da forma como planeado. Como apresentado, as representações previamente construídas podem não condizer com a realidade. A cada ator as dificuldades podem se apresentar com forças diferentes. Para alguns podem não ser graves como transmitidas pelas redes ou, a outros, mostrarem-se ainda piores. Isto leva as modificações das representações da realidade desenvolvidas pelos atores o que acaba por afetar na forma que desenvolverão o seu *permanecer* no local de destino.

A relação desenvolvida com o local de destino e seus habitantes, mostra-se de grande importância na efetivação do *permanecer*. Todavia, apesar de possuir grande peso não se constitui como o único fator de impacto no *equacionar do permanecer*. Mesmo um indivíduo bem rececionado pode, inevitavelmente, ter seus planos alterados. Cabe notar que a alteração do inicialmente planeado pode afetar o *permanecer* de diversas maneiras. Mesmo quando com um marco temporal de permanência claramente definido, indivíduos que não buscavam um *permanecer* de longa duração podem ser levados a estender sua permanência de maneira indefinida. Do mesmo modo, aqueles que migraram com o objetivo de estabelecer residência definitiva podem ter seus planos de permanência alterados.

Por tal modo, o *permanecer* se apresenta como uma complexa composição. Tanto o sucesso como o fracasso em seu desenvolvimento podem levar a alterações nos planos inicialmente traçados. Neste ponto, cabe ressaltar que a alteração do planejado não pode ser sintetizado apenas como fruto do fracasso, mas de amplas possibilidades. É possível aos indivíduos, por exemplo, *estender um permanecer* antes tido como temporário devido a diversos fatores, tanto por não conseguirem concluir seus objetivos no tempo planejado como por terem suas expectativas superadas em relação ao *permanecer*. Da mesma forma, o *permanecer* em determinada localidade pode ser afetado pelo não cumprimento das expectativas naquele local ou, por mais que estas sejam supridas, pelas perspectivas de melhorar ainda mais a qualidade de vida em outro local.

Os atores, portanto, são afetados por diversas conjunturas que os levarão novamente, quando possível, a um processo de reflexão. Todos os fatores motivadores do deslocamento inicial continuaram a exercer sobre eles influências, acrescidos agora dos impactos advindos do *chegar* e da busca por *permanecer*. Os motivos do *partir* podem, evidentemente, levar os indivíduos a forçar um *permanecer*, por mais que as circunstâncias não sejam as melhores. A forma em que se desenvolve o processo de acolhimento e validação das representações construídas antes do partir influenciarão no processo reflexivo. O bom acolhimento, a confirmação ou, ainda, a refutação das representações negativas, podem levar os atores a estender o *permanecer*.

Outro ponto de importância reside nas redes de suporte nas quais os atores venham a buscar apoio para *permanecer*. Como afirmado, estas acompanham os atores desde o planejamento inicial do *partir* e o seguem por todo o processo migratório. Adentro as redes de apoio, os indivíduos buscam o suporte para todos os momentos experienciados, sejam de alegria ou tristeza. Nas experiências gratificantes, servem de motivação para outros que estejam a passar por momentos de dificuldade. Quando frente aos conflitos, buscam junto ao grupo respostas para os problemas e angústias.

Adentro aos bairros e zonas com maior número de imigrantes, o mundo construído segue outro fluxo com festas, restaurantes, comércios, grupos de amizades, entre outros, os quais, proporcionam aos atores em migração conforto para os diversos momentos experienciados. Neles, encontram alimentos típicos, amigos para desabafar ou compartilhar momentos de vitória, assim como diminuir a saudade ao consumir alimentos e músicas típicas de sua origem. Desta maneira, funcionam como fonte de energia ao

âmago nos momentos de fraqueza e, nos de força, alimentam a outros que compreendem no seu exemplo uma nova motivação para permanecer. Todavia, a proximidade com a essência da origem pode, também, ampliar a saudade, a funcionar como um gatilho que afete a constituição do *permanecer*.

A confirmação ou não das projeções que envolvem o migrar podem servir como fontes de incentivo ao *permanecer*, assim como motivadores para a alterações com até então planeado. Neste ponto, a duração do *permanecer* e as possibilidades previamente planeadas podem, então, sofrer modificações. Um contato desenvolvido de melhor forma que o esperado pode acabar por conduzir os atores a um *permanecer* mais duradouro, inclusive, para aqueles que não objetivavam *permanecer* por um longo período. Do contrário, quando as dificuldades impostas superam as expectativas, um *permanecer* efetivo antes planeado pode ser modificado e os atores levados a um novo partir, seja com destino a um outro novo local, em retorno as origens ou ao último local de residência.

Todavia, mesmo quando as expectativas são superadas não se pode afirmar que o *permanecer* será garantido. Os atores podem, ainda, vislumbrarem-se por outras possibilidades e serem motivados a deixar o local de residência atual em busca de condições ainda melhores, tais como novas perspectivas profissionais, como apresentado por Abraão (2019)²²⁹, ou ainda, o desejo de estar próximo a uma rede de suporte da qual possua maior vínculo, como nos casos da presença de familiares e amigos em outras regiões. Do mesmo modo, a não superação das expectativas não significará, essencialmente, uma mudança no planejamento, pois, como visto, os fatores que motivaram o partir inicial ainda incidem sobre os atores suas forças e o ato de estar em determinado local pode, mesmo com todas as dificuldades, ainda se apresentar mais atrativo aos atores que outras possibilidades.

Desta forma, o *permanecer* dos atores em migração em terras estrangeiras não pode ser sintetizado apenas como fruto do sucesso ou insucesso no desenvolvimento de um permanecer efetivo. Mesmo com o sucesso podem, inevitavelmente, chegar à conclusão de que é necessário realizar um novo partir em busca de novas possibilidades. Por tal modo, o jogo que o triângulo entre *partir*, *chegar* e *permanecer* permite não se mostra como algo com fechamento perfeito. Existe, assim, uma outra possibilidade: a

²²⁹ Ver relato da página 94.

realização de um *novo partir*. Este, pode dar-se tanto em direção a um *novo local*, no qual sejam vislumbradas melhores possibilidades e projeções de vida, ou, ainda, em *retorno* as origens ou último local de residência, de modo temporário ou a visar a permanência.

9.3 O ESTRANHO NO NINHO: O PERMANECER AFETADO PELA PROXIMIDADE DISTANCIAMENTO

*Vou pro Brasil
 Eu vou pro Rio
 Ver quem eu amo
 Pra buscar um pedaço de mim
 Vou pro Brasil
 Eu vou voltar
 Pra minha casa
 Inventar mil razões pra cantar
 Vou pro Brasil
 Vou ser feliz
 Reinventar as emoções
 Vou descobrir (vou descobrir)
 Porque eu já sei
 No fundo de mim
 Rever quem eu sou
 No profundo da raiz
 [...]
 (Trecho da canção *Estrangeiro*, de Middea & Novaes, 2019, sic.)*

No processo migratório, mais especificamente no *permanecer*, é comum que os atores realizem viagens de visita. Estas, podem ocorrer tanto em direção a origem ou a um local de residência anterior, a visitar àqueles que ali permaneceram, como em direção a outro local onde se encontrem outros com os quais partilhe vínculos de proximidade.

Ao se colocar em viagem rumo a locais em que possua indivíduos com os quais desenvolva familiaridade, os atores acabam por ter o seu *permanecer* no local de residência atual afetado. São confrontados, em muitos casos, com as diversas possibilidades inerentes ao novo local e/ou do fato de ali possuírem um certo suporte e exemplo, advindo do facto de possuírem vínculos com outros que ali já residem. Cabe salientar que este processo de influência não recai apenas sobre àqueles que já realizaram um primeiro deslocamento migratório e estão a residir em outro local. O *permanecer* na origem, também pode ser afetado por este processo quando, em visita a determinado local

onde já residam outros indivíduos de seu meio, os atores são afetados pelas possibilidades inerentes àquele local apresentadas pelos que ali já residem ou pelos encantamentos transmitidos pela localidade. Constroem, assim, representações preliminares sobre o local, as perspectivas relacionadas a ele e a possibilidade de se deslocarem para ali.

Deste modo, o permanecer na origem também pode ser afetado pela realização das viagens turísticas ou em visita àqueles que residam fora. Neste processo, ocorre uma espécie de abertura para um novo olhar onde o antes não imaginado passa a ser visto como uma possibilidade. A beleza transmitida pelo local e/ou por àqueles que ali residem podem, inevitavelmente, conduzir a uma mudança no olhar daquele que está em visita, a fazê-los se sentir encantados pelo outro local e, conseqüentemente, mas não necessariamente, conduzir a um sentimento de estranhamento em relação a origem por esta não lhe oferecer as mesmas possibilidades. Nasce, assim, um novo olhar sobre a própria origem e as perspectivas existentes fora dela.

Independente de já estar em migração em outro local ou ainda a residir na origem, retornar ao ninho pode não se apresentar como um ato fácil, todavia, para àqueles que já estão a buscar a permanência em outra localidade, é possível que se apresente com maior gravidade. O *retorno* a origem proveniente de uma viagem a passeio mescla, na maioria das vezes, mais encanto que estranhamento, enquanto fruto de uma visita à origem, além deste fator, apresenta o confronto de variadas representações. Contudo, não significa que o *retorno* de uma viagem não seja capaz de marcar os atores profundamente, porém, estes são marcados mais pelo encanto produzido pelas representações que lhe foram transmitidas pelo outro local que, em muitos casos, pela preexistência de um desencanto em relação a origem. Ainda assim, este *retorno* pode marcá-los de forma a produzir um desencantamento pelo local de naturalidade, visto que, agora, carregam consigo uma representação sobre outro local, as possibilidades oferecidas por este e (re)formulações sobre as representações que carrega consigo sobre o próprio local de origem. A ocorrer, portanto, uma espécie de *despertar* para novas perspectivas.

Desta forma, a busca por permanecer não se mostra como algo que é desenvolvido apenas por àqueles que estão em processo de migração, mas, também, por àqueles que foram confrontados por outras possibilidades referentes a estabelecer raízes em outros locais. Todavia, em relação aos atores em migração, a visita a outras localidades diferentes da origem pode conduzir a reflexões sobre novas possibilidades. Por tal modo,

é possível a estes a abertura de perspectivas diferentes a respeito de outros lugares com os quais possa vir a desenvolver melhor pertencimento, seja pelo facto de ali já residirem outros com os quais desenvolva proximidade ou por oferecer melhores oportunidades. Isto justificaria, por exemplo, o facto de inúmeros imigrantes depois de determinado tempo em uma localidade seguirem em direção a outras com as quais vislumbrem melhores possibilidades ou, ainda, devido ao motivo de ali residirem outros indivíduos com os quais desenvolva relações de proximidade.

Apesar de apresentar grande importância no debate a respeito do permanecer, devido as questões relacionadas ao sentimento de proximidade desenvolvido pelos atores com outras localidades e seus habitantes, não apenas a visita a outra terra diferente da residência atual deve ser levada em consideração. Em relação a objeto da presente obra, o permanecer de imigrantes em outras terras que não a sua de origem, além da visita a novas localidades diferentes da residência atual, cabe mencionar que o *retorno* a origem e/ou ao último local de residência se apresenta como pedra angular. Este, pode dar-se de algumas formas, tais como o *retorno em visita*, quando ainda a residir em outras terras retorna para visitar; *de modo efetivo* para tentar estabelecer novamente residência naquele local; ou, ainda, *de modo temporário*, para se preparar para um novo partir.

Ao retornar, têm-se novamente a colocação em provas das representações que os indivíduos carregam a respeito dos locais. Quando o estrangeiro retorna a sua origem um novo choque o confronta. A imagem levada com ele pode já não ser a mesma que o lugar agora apresenta. Mesmo antes de se colocar em retorno o indivíduo passa por uma espécie de processo, no qual, são colocados em provas os ganhos e perdas relacionados ao *partir*. Tudo aquilo que deixou ganha um peso especial temperado pela saudade. Tanto para àqueles que ainda residam no seu local de origem como para os que já estão em outro diferente, o facto de poderem estar próximos de outros que estão distantes pode atuar como fator de influência.

Como apresentado, o retorno ao local de origem e/ou de última residência pode dar-se de diversas maneiras. Os atores podem, por exemplo, retornar a passeio, em visita àqueles que ali permaneceram. Neste momento, são levados a reflexão a respeito do seu partir. O *espaço*, constitui-se pelas formas dadas pelo ato de habitar e, por tal modo, modificam-se no *espaço-tempo*. Isto conduz a possibilidade de que aquele *espaço* antes abandonado pelos atores já não seja o mesmo ou, ainda, que permaneça da mesma forma.

Em ambas as possibilidades, a conservação dos atores no local de residência atual será afetada pelas motivações que o levaram a se deslocar, as formas em que se desenvolve o seu *permanecer* e as perspectivas relacionadas a este. Se, porventura, o resultado do equacionar ainda for favorável, ou seja, proporcionar-lhe melhores chances de mudança na qualidade de vida, os indivíduos serão levados a continuar sua busca por *permanecer* no outro local. Por outro lado, caso as alterações sofridas pelo *espaço* durante sua ausência apresentarem uma mudança substancial nas perspectivas de melhores condições de vida, ou, ainda, existir uma queda na qualidade de vida advinda do estar longe da origem, os atores poderão ser abalados por estas novas possibilidades e levados a cogitar um possível retorno.

O peso do reencontro com àqueles que ali ficaram também influenciará neste processo. O retorno pode tanto apaziguar a saudade nos corações aflitos, a dar-lhe forças para continuar sua busca pelo *permanecer* no outro local, como ampliá-la e servir de motivação para um possível *novo partir*. A proximidade com os seus, com aquilo que lhe é familiar, mostra-se de grande importância neste processo. O retorno pode trazer à tona um sentimento de pertencimento e/ou estranhamento antes não sentido, assim como, enaltecer um preexistente. Fatores estes que influenciarão os atores na decisão entre *permanecer* ou se colocarem em um *novo deslocamento*, seja rumo a um *novo local* ou em *retorno*.

Portanto, ao retornar a passeio os atores podem ser tocados por um sentimento de que o local de origem não era ruim comparado a sua situação atual e que teria melhores condições de vida em *retorno* a este. Todavia, também pode concluir que o local ainda continua o mesmo, nada mudou, e, a ter como ponto de comparação as representações e perspectivas que possui a respeito do local de residência atual e/ou de outros locais que vislumbre possibilidades, migrar ainda se apresente como a melhor opção.

Contudo, a decisão por retornar não se restringe a transformação das representações da realidade que os atores carregam a respeito dos locais de origem, residência ou de futuros projetos migratórios. Também é possível que o *retorno* seja desenvolvido devido a conclusão ou não dos objetivos planejados ou, ainda, por força de alterações que conduzam a novas dificuldades em desenvolver o *permanecer* no local de residência atual, como crises financeiras, reviravoltas políticas, entre outras.

No que tange a última possibilidade, a instabilidade advinda de novos fatores de influência no local de residência atual pode levar os indivíduos tanto a se deslocarem no sentido de retorno como rumo a um outro lugar com melhores perspectivas. Em relação a primeira possibilidade, este pode apresentar diversas constituições.

Quando o migrar é constituído por um objetivo especificamente delimitado, o indivíduo pode ser confrontado algumas possibilidades por força de sua conclusão ou não, tais como retornar ao país de origem ou último local de residência, permanecer no local de residência atual, ou, ainda, seguir rumo a um *novo local* em busca de novas oportunidades. A busca por novas perspectivas em outros locais, como visto, irá depender das representações e projetos de vida almejados pelos indivíduos. Mesmo que estes não possuam o planejamento inicial de realizar um *novo partir*, a conclusão de um objetivo e a apresentação de novas oportunidades pode abrir caminhos para um outro migrar, seja em *retorno* ou rumo a *outro local*.

Migrar, como apresentado nesta obra, não é um simples andar a esmo, mas, motivado por uma necessidade, por um objetivo, um sonho. Ao cumprir o planejado, os indivíduos se tornam abertos as novas possibilidades. Entre elas, encontra-se a de *permanecer* no local de residência atual. Muitas migrações se desenvolvem com um tempo de permanência previamente acentuado, como por exemplo nas migrações para estudo ou com objetivo de guardar valores financeiros definidos. Contudo, ao concluir seu objetivo os atores são apresentados as opções de ali *permanecer*, *retornar* ou, ainda, seguir para *outro local*. A escolha dependerá das novas perspectivas que agora exercem influências sobre os indivíduos.

Todavia, a opção de realizar um *novo partir* não se apresenta apenas aos atores que obtêm êxito em sua primeira jornada. Como visto, estes também podem ser motivados devido alterações nas circunstâncias no local de residência atual que afetem o seu *permanecer* e a escolha entre retornar a local de moradia anterior ou a origem dependerá das possibilidades existentes em cada local.

O *retorno* dos atores à origem, assim como o deslocamento em direção a um *novo local*, dá-se de forma semelhante ao *partir* original. A diferença reside no fato de que, além dos aspetos motivadores do primeiro *partir*, que continuarão a exercer forças sobre os atores, outros relacionados a nova possibilidade serão acrescentados. O indivíduo passará,

novamente, por todo o processo migratório em um novo ciclo do *partir*, *chegar* e *permanecer*, a incluir, mesmo quando em *retorno*, o estranhamento do *ser*. Este dá-se pelo facto de que, assim como o *espaço* em que retorna não é o mesmo de antes, ele também já não o é, pois, já passou por um estranhamento de seu *ser* em outro *espaço-tempo* e carrega agora o peso de sua estranheza.

A estranheza adquirida, ou enfatizada, dos atores se torna melhor perceptível quando estes estão em *retorno* a origem ou ao último local de residência. O que antes não era estranho pode, agora, soar como diferente, inclusive a *si mesmo*. Do mesmo modo, mesmo quando este desenvolvia familiaridade com o primeiro local, pode ter vindo a desenvolver um melhor relacionamento, mesmo com ressalva em alguns momentos, no segundo e, por tal modo, desenvolver uma melhor relação de pertencimento com este *espaço*. Quando já apresentava em seu âmago um sentimento de estrangeiro em relação a origem, pode ter esse sentimento amplificado. Todavia, o inverso também pode ocorrer. O estar longe de casa pode conduzir nos indivíduos a um sentimento de pertencimento fruto da ausência e da saudade do *espaço* de origem e daqueles que ali residem. Com isto, pode ser que venha a desenvolver uma melhor relação de pertencimento que antes e, por tal modo, passe a se sentir menos estranho naquele espaço.

O *retorno* é acompanhado por uma mescla de sensações, experimentações e uma nova instituição de *status* e/ou *estereótipos*, que para além de identificar a obtenção ou não de êxito na empreitada, marca àquele que deixou tudo e todos, partiu e voltou (Breviglieri, 2010). Para os que o fazem devido a falhas no *permanecer*, é possível que passem a carregar consigo o peso da derrota, a transformarem-se naquele que *retornou*, *fracassou*, *foi e voltou por não conseguir sobreviver no novo lugar*, o que *foi obrigado a voltar*, o *retornado*. É o soldado de âmago e corpo lesionado que perdeu a batalha, a retornar para casa com ferimentos em busca de consolação. Por outro lado, os que o realizam como algo já planeado carregam consigo o semblante da glória, como o guerreiro que retorna após a vitória e traz em sua bagagem os espólios da guerra. Passa a ser aquele que tem experiência, *conhecedor do mundo*, *venceu e retornou* para ajudar aos seus.

Em ambos os casos, outros fatores referentes a constituição de *si mesmo* exerceram forças sobre a (re)construção do próprio *ser*. O *retorno*, assim como todo o processo migratório, é um ato que se desenvolve no campo *espaço-temporal*. Àquele que

parte e retorna, volta para um *espaço-tempo* que já não o mesmo, assim como seu *ser* também sofreu alterações estruturais. A cidade mudou, antigos comércios já não existem, novos bairros, empreendimento e pessoas diferentes surgiram. Os antigos habitantes também sofreram alterações, estão mais velhos, possuem novas rotinas e responsabilidades. As crianças, que à época de seu *partir* estavam no alvorecer da infância, agora são adultos. Os mais velhos, com os quais passava horas a ouvir suas histórias, já não pertencem a este plano, morreram. As memórias de outros tempos, dos odores, da paisagem, dos ambientes e das suas ressonâncias, tudo mudou.

Ao mesmo tempo em que muito mudou, algumas coisas continuam a se desenvolver da mesma forma que antes. Porém, para quem partiu e voltou, muito disso já não faz sentido, mas, para os que ali permaneceram, continua a ser maneira correta do mundo andar. Quem parte, leva consigo os conhecimentos que adquiriu na terra de origem, modifica o *espaço-tempo* que adentra e, ao retorna, também transporta na bagagem os saberes que adquiriu fora. Busca então transmitir o que aprendeu, todavia, do mesmo modo que o conhecimento que leva consigo ao *partir* em direção a um *novo local* nem sempre é valorizado, o obtido fora e transportado ao retornar também pode não apresentar valor ao local de origem.

O *lugar do estrangeiro retornado*, constitui-se no *espaço-tempo* por uma mescla das memórias, sentimentos e conhecimentos experienciados antes, durante e após o processo migratório nos locais por onde transita. Tanto o ato de *partir* inicial como o de *retorno* ou *novo partir* em direção a um outro local, não significam o fim das relações, mas são os atos que proporcionam as relações que desenvolve com os diferentes locais e habitantes. O *estrangeiro*, assim como qualquer indivíduo no mundo, forma-se pela soma de tudo aquilo que vivencia e, semelhante a um espelho, reflete estas experiências, traz consigo todo o exterior em que teve contato. Semelhante a canção já mencionada da banda brasileira Biquíni Cavado, *Meu Reino*²³⁰, o estrangeiro, na verdade, é o resultado da soma de múltiplos processos.

[...] É porque trago tudo de fora / Violência, dúvida, dinheiro e fé / Trago a imagem de todas as ruas por onde passo / E de alguém que nem sei quem é / E

²³⁰ Ver epígrafe de **8 O Equacionar do estranhamento**.

que provavelmente eu não vou mais ver / [...] / Trago a imagem de todas as ruas / Eu sou a soma de tudo que vejo [...] (Nunes *et al.*, 1989)

Os efeitos deste somatório de diversos fatores que ultrapassam os limites da temporalidade e espacialidade, tornam-se mais evidentes ao se analisar a afirmação da imigrante Enila (2020), que questionada a respeito do lugar como objetivo, afirmou que talvez não seria o lugar, mas a pessoa naquele *espaço-tempo* específico²³¹. Uma espécie de disputa medida pelas inquietações. Ao complementar sua fala sobre o ato de retornar, esclarece que

«Porque toda vez que eu volto eu tenho essa experiência do "não lugar". Toda vez que eu volto...e é [reflexão]...nossa...é uma experiência [pausa longa] é ver as pessoas continuarem a fazer as mesmas coisas do mesmo jeito esperando resultados diferentes e você sabe que não vai acontecer... mas elas não têm a visão na mesma perspectiva que você...então elas não conseguem entender isso»
(Enila, 2020)

Desta forma, compreende-se que o retorno não se institui apenas como um momento de reencontro, mas também de desencontro. É um (des)encontrar de *si mesmo* – do que foi um dia e daquilo que pensava ser – e dos outros que deixou ao partir. Por tal modo, o ato de retornar acaba por levar a constituição do sujeito um novo nível de estranheza. O *sentir-se estranho* – estrangeiro na própria terra que semelhante ao *Estrangeiro* de Camus (1942/2019) não desenvolve relação de pertencimento com espaço e atores que neste habitam –, não é solucionado pelo retorno. Pelo contrário, como um dos fatores motivadores do *partir*, ao retornar apenas é evidenciado o fracasso dos atores em desenvolver relações de pertencimento e *encontrar-se a si mesmo* nos locais por onde passou.

²³¹ Ver inserto da página 227.

Como visto, o *retorno* pode dá-se devido o insucesso em adquirir o reconhecimento de pertencimento ou o êxito em cumprir o planejado. Porém, aqueles que conseguem desenvolver um pertencimento maior ao *novo local* que com o de origem, mesmo quando planejado o *retorno*, podem vir a modificar o planejamento inicial e decidirem *permanecer* no local em que agora residem. Exemplo disto, é o já apresentado caso da imigrante brasileira Clarice que partiu com destino à Portugal com planos de trabalhar por no máximo uns 3 (três) anos e então retornar para a terra natal, todavia, já está a residir no país a mais de 25 (vinte e cinco) anos. O reconhecimento de pertencimento, por *si mesma* e pelo *outro*, que adquiriu, acabou por a conduzir ao desenvolvimento de uma relação de proximidade maior com as terras lusitanas que em relação ao local de origem. Isto levou a modificação do planejamento inicial e o que antes era temporário, transformou-se em permanente e sem planos atuais de retorno.

Todavia, isto não exclui a possibilidade da ocorrência de acontecimentos futuros que venham a se transformar no *leitmotiv* para *partir*, seja em *retorno* ou rumo a um *novo destino*. Semelhante ao apresentado na parábola bíblica do *Filho Pródigo* (Lucas [Lc.], 2011), quando sucedeu na região em que se encontrava «[...] uma grande fome e ele começou a passar privações» (15:14-20, p. 1817), o filho decidiu retornar. Portanto, os mesmos fatores que motivaram o *partir* inicial, ou outros diferentes como na mencionada parábola, podem conduzir a novas motivações para migrar.

O retorno dos indivíduos ao local de origem ou última residência marca um importante aspecto no processo migratório: a transmissão de informações. Ao retornarem, sejam vitoriosos ou não, os atores funcionam com transmissores de informações, a alimentar a rede da qual, agora, fazem parte. Quando retornados em glória, sua experiência servirá de motivação para outros que planeiam realizar o deslocamento migratório, além de um guia de como desenvolver todo o processo. No fracasso, seu caso em especial será marcado como uma exceção e sua experiência registada como exemplo de coisas que se deve evitar, ou seja, evidenciará os ajustamentos necessários para um permanecer diferente.

Os indivíduos também podem retornar de modo a se preparar para um *novo partir*. Desta forma, o local de origem ou última residência passa a funcionar como um porto onde os atores se prepararão para um novo migrar, enquanto juntam os recursos

necessário para desenvolver novamente a jornada, seja para o mesmo local de antes, porém, desta vez com melhores condições, ou em direção a outra localidade.

9.4 LIMITAÇÕES E RESTRIÇÕES DO ESTUDO

A cada nova tentativa, novos problemas e dificuldades apareciam.

(Malinowski, 1922/2020, p. 70)

Inegável pensar que o desenvolvimento do presente estudo ocorreu de forma linear e sem nenhum contratempo. Como evidenciado, inúmeros desafios foram enfrentados no transcorrer da pesquisa. Primeiramente, é preciso ressaltar as modificações as modificações realizadas no projeto, necessárias à sua continuidade. O primeiro ponto a ser afetado, tange a respeito do cronograma de execução da pesquisa. Como de início o projeto envolvia a necessidade de apoio de determinadas instituições do terceiro setor que ofereciam suporte aos refugiados, objeto inicialmente delineado para a pesquisa, os contratempos de contato conduziram aos primeiros problemas. Dificuldades em estabelecer contacto com as entidades e os atrasos nas respostas levaram a atrasos na execução do projeto então planejado.

O segundo ponto, relaciona-se aos bloqueios institucionais realizados por parte destas organizações em relação ao estabelecimento de contacto com os atores refugiados. Devido a ausência e abandono do apoio destas, de início previstas e acordadas, o contacto com o objeto inicialmente delineado acabou por se tornar escasso. Além da falta de auxílio na intermediação das relações entre o pesquisador e o objeto, a negativa acabou por afetar as respostas dos objetos contactados, orientados pelas entidades a não conceder entrevistas sem a devida autorização. Após inúmeras tentativas de diálogo, poucas respostas se mostraram positivas. A negativa em participar das entrevistas, justificadas pelos atores refugiados pela falta de autorização para sua participação por parte das entidades de apoio a qual estavam vinculados, mostrou-se como um padrão. Este facto conduziu a total inacessibilidade ao objeto inicialmente delineado e evidenciou a necessidade de ajustes ao projeto inicial.

O terceiro ponto de dificuldade enfrentado, tange a respeito das influências institucionais sobre os atores resguardados por estas. Este fato evidenciou não apenas a limitação de acesso a estes indivíduos que recebiam suporte institucional das entidades de apoio aos refugiados, como trouxe à tona outro fator importante. Além de limitar o acesso aos atores, quando permitido, estas instituições poderiam exercer influências sobre as falas dos indivíduos, visto que apresentavam como requisito que as entrevistas fossem acompanhadas por representantes das entidades. Esta fiscalização, por tal modo, acabaria por afetar a liberdade de expressão dos entrevistados. Levados a se sentirem pressionados, poderiam findar por modular o conteúdo do que viriam a expressar durante as entrevistas, a afetar, assim, a qualidade dos dados obtidos.

Devido a estes fatores, o projeto inicialmente planejado acabou por se mostrar inviável pela própria ausência do objeto. Tornou-se necessário, por tal modo, modular o perfil do objeto almejado. Uma primeira alteração já havia sido realizada, a qual, ampliava-o de estudantes sírios refugiados para refugiados em contexto geral. A nova modificação, assim como a primeira, não modificava o âmago do objeto principal por completo, estrangeiros, mas ampliava novamente o perfil almejado. Estabeleceu-se, assim, no lugar de apenas refugiados, o objeto de pesquisa como estrangeiros, na figura dos imigrantes, em geral. Esta escolha foi realizada com o objetivo de dar continuidade a pesquisa então formulada sem, contudo, a necessidade de modificar por completo os objetivos previamente traçados e a permitir, ainda, o aproveitamento do material produzido até aquele momento.

Esta senda, finaliza a primeira grande dificuldade enfrentada no desenvolvimento da presente pesquisa. Este fato serviu para evidenciar como influências institucionais podem afetar o desenvolvimento científico em determinados contextos. As alterações realizadas, objetivaram a manutenção, da melhor forma possível, do cronograma de desenvolvimento da pesquisa de doutoramento, visto esta possuir limitações temporais para sua execução. Todavia, o transcorrer de todo o processo acabou por consumir aproximadamente um ano e meio do planejamento estabelecido.

Solucionado este primeiro entrave – e a ter o objeto de pesquisa então delineado, a ser o permanecer de estrangeiros imigrantes em terras portuguesas – uma nova dificuldade veio a exercer limitações na execução da pesquisa. No final do ano de 2019, é iniciada a pandemia do COVID-19 e que viria a abalar todo o mundo. As limitações de

contacto entre indivíduos advindos da pestilência, acabaram por influenciar no andamento da pesquisa, visto que impediam o andamento e a realização das entrevistas presenciais. Por sorte, devido ao estágio tecnológico atual, ainda se evidenciou possível a realização de entrevistas remotas através dos inúmeros *softwares*, aplicativos e plataformas disponíveis. Todavia, apesar de permitir a continuidade parcial do projeto, as entrevistas realizadas não se apresentavam completas. Limitavam a captura de dados importantes, impossíveis de serem capturados por meio das translucidas imagens transmitidas, tais como trejeitos, movimentos ocultos das mãos e pés, contrações do corpo, respiração, entre outros, essenciais ao processo de captação dos sentimentos presentes nas mensagens e informações transferidas pelos entrevistados.

Devido a estas dificuldades, o presente estudo sofreu diversas limitações e atrasos em sua execução. Acabou por ter a amostra então objetivada e planeada afetada, a restringir, desta forma, a realização de análises mais aprofundadas. Contudo, ainda assim possibilitou a execução criteriosa de uma investigação em busca da compreensão do permanecer de estrangeiros imigrantes em terras portuguesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA CIENTÍFICA

- Abrassart, C., & Uhl, M. (2018). De l'hospitalité sociologique à l'hospitalité narrative : quels dispositifs de médiation? En suivant Donner la parole de Raymond Depardon. *Sociologies*, 1–20. <https://doi.org/10.4000/sociologies.6897>
- Adams, J. (2002). *Risk: the policy implications of risk compensation and plural rationalities*. (1ª ed., 5ª Reimp.). Taylor & Francis Group. <http://www.john-adams.co.uk/books/> (Publicado originalmente em 1995)
- Agier, M. (2011). *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos* (M. d. G. Í. Cordeiro, Trans.). Editora Terceiro Nome.
- Albuquerque, D. M. de, Júnior. (2016). *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. Cortez.
- Aleinikoff, T. A., & Weil, P. (2008). Cidadania. In D. G. Papademetriou (Ed.), *A Europa e os seus imigrantes no século XXI* (pp. 59–78). Migration Policy Institute; Fundação Luso-Americana.
- Andrade, M. C. S. Da, & Angelucci, P. D. (2016). Refugiados Ambientais: Mudanças Climáticas e Responsabilidade Internacional. *HOLOS*, 4, 189–196. <https://doi.org/10.15628/holos.2016.4165>
- Anjos, L. S. d., & Magnani, R. (2017). Asilo e refúgio: A cooperação internacional no direito humanitário. *Revista Do Docente Militar*, 102 (3), 50–57. <https://x.gd/51Wh9>
- Antonelli, C. C. (Figueiredo, Luís Claudio Mendonça). (2013). *O Sujeito Estrangeiro: uma escuta psicanalítica de algumas experiências multiculturais contemporâneas* [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://x.gd/irldr>
- Antonelli, C. C. (2015). Com quantos exílios se faz um estrangeiro? *Alter - Revista De Estudos Psicanalíticos*, 32 (2), 333–343. <https://x.gd/vP3mx>
- Antunes, M. M. S. (Cordeiro, Maria da Graça Índias). (2002). *Estrela d'África, um bairro sensível: Um Estudo Antropológico Sobre Jovens Na Cidade Da Amadora* [Tese de Doutorado]. Universidade Lusíada, Lisboa. <https://x.gd/wF4x1>
- Aranes, R. D. A. (2019). O(s) espaço(s) público(s) na cidade capitalista: da cidade que liberta ao declínio do homem público? *Estudos De Sociologia*, 1 (25), 111–138. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243756>
- Araújo, A. F. R. de, Paula, A. M. N. R. de, & Silva, Q. M. S. da. (2014). Partir e ficar: Dinâmicas nos processos de migração e imigração no norte de Minas Gerais - Brasil. *Jornadas de Sociologia de la Universidad Nacional de La Plata*, 1–15.
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: Uma reportagem sobre a banalidade do Mal* (J. R. Siqueira, Trans.). (eBook). Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1963)
- Arendt, H. (2003). *Du mensonge à la violence: Essais de politique contemporaine*. Agora: Vol. 37. Calmann-Lévy.
- Arendt, H. (2013). *As Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo* (R. Raposo, Trans.). *Companhia de Bolso*. Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1951)
- Arendt, H. (2016). Nosotros, los refugiados (M. Candel, Trans.) [We refugees]. In J. Kohn & R. H. Feldman (Eds.), *Escritos judíos* (pp. 315–325). Paidós. (Publicado originalmente em 1943)
- Arendt, H. (2018). A personalidade de Waldemar Gurian (B. Andreiuolo, Trans.) [The Personality of Waldemar Gurian]. In *Coleção Por que política: Vol. 3. Liberdade para ser livre* (pp. 32–42). Bazar do Tempo. (Publicado originalmente em 1955)
- Arendt, H. (2022). *A condição Humana* [Introdução de Margaret Canovan](R. Raposo, Trans.). (13ª ed. rev., 7ª reimp.). Forense Universitária. (Publicado originalmente em 1958)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles*. (2006). *A Política* (R. L. Ferreira, Trans.). (3rd ed.). *Clássicos*; Martins Fontes. (Publicado originalmente em 384-322 a. C.)
- Aristóteles*. (2009). *Física I - II* (L. Angioni, Trans.). Editora Unicamp. (Publicado originalmente em c. 384-22 a.C.)
- Bachelard, G. (2000). *A Poética do Espaço* (R. C. Abílio, Trans.). *Coleção Tópicos*. Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1957)
- Baganha, M. I. B. (1991). The Social Mobility of Portuguese Immigrants in the United States at the Turn of the Nineteenth Century. *International Migration Review*, 25 (2), 277. <https://doi.org/10.2307/2546289>
- Baganha, M. I. B. (1994). As correntes emigratórias portuguesas no século xx e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, 29 (128), 959–980. <https://www.jstor.org/stable/41011195>
- Baganha, M. I. B. (1998). Immigrant involvement in the informal economy: The Portuguese case. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 24 (2), 367–385. <https://doi.org/10.1080/1369183x.1998.9976638>
- Baganha, M. I. B. (2001). A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas migratórias em Portugal. In B. d. S. Santos (Ed.), *A Sociedade Portuguesa Perante os Desafios da Globalização: Vol. 1. Globalização: Fatalidade ou Utopia?* (pp. 135–162). Edições Afrontamento.
- Baganha, M. I. B. (2009). The Lusophone Migratory System: Patterns and Trends. *International Migration (Geneva, Switzerland)*, 47 (3), 5–20. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2009.00522.x>
- Baganha, M. I. B., Ferrão, J., & Malheiros, J. d. S. M. (1999). Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português. *Análise Social*, XXXIV (150), 147–173. <https://www.jstor.org/stable/41011358>
- Baganha, M. I. B., & Fonseca, M. L. (2004). *New waves: Migration from Eastern to Southern Europe*. Luso-American Foundation. <https://x.gd/HBnOf>
- Baganha, M. I. B., & Góis, P. (1999). Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? *Revista Crítica De Ciências Sociais* (52/53), 229–280. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/10903>
- Baganha, M. I. B., & Marques, J. C. L. (2001). *Imigração e política: O caso português*. Fundação Luso-Americana. https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1030/1/Livro_2001.pdf
- Baganha, M. I. B., Marques, J. C. L., & Góis, P. (2002). *O Sector da Construção Civil e Obras Públicas em Portugal: 1990 - 2000*. (Oficina do CES No. 173). Coimbra. Universidade de Coimbra (U.C.). <http://hdl.handle.net/10400.8/1041>
- Baganha, M. I. B., Marques, J. C. L., & Góis, P. (2004). Novas migrações, novos desafios: A imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica De Ciências Sociais* (69), 95–115. <https://doi.org/10.4000/rccs.1340>
- Baganha, M. I. B., Marques, J. C. L., & Góis, P. (2006). Bibliografia sobre a Imigração em Portugal. *Oficina Do CES* (259), pp. 1–28. <https://x.gd/vYfqB>
- Baganha, M. I. B., Marques, J. C. L., & Góis, P. (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Ler História* (56), 123–133. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1979>
- Baganha, M. I. B., Marques, J. C. L., & Góis, P. (Eds.). (2010). *Comunidades: Vol. 3. Imigração Ucrainiana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?*. Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Bardin, L. (2011). *Análise do Conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). (1ª ed., 3ª reimp.). Edições 70. (Publicado originalmente em 1977)
- Barros, J. D. (2016). *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Editora Vozes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, P. C. M. de, & Hoffmann, C. (2018). Na Errância do “Menino de Rua”, um Ato Inventivo do Sujeito. *Revista Subjetividades*, 17 (3), 32. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i3.5570>
- Barth, F. (Ed.). (1969). *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. Little, Brown and Company.
- Barth, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras (É. Fernandes, Trans.) [Les groupes ethniques et leurs frontiéres.]. In P. Poutignar (Ed.), *Biblioteca Básica. Teorias da etnicidade: Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth* (1st ed., pp. 185–229). Little Brown & Company. (Publicado originalmente em 1969)
- Bates, D. C. (2002). Environmental Refugees? Classifying Human Migrations Caused by Environmental Change. *Population and Environment*, 23 (5), 465–477. <https://doi.org/10.1023/A:1015186001919>
- Bauböck, R. (2008). Obtenção e perda de nacionalidade em 15 Estados-Membros da UE. In D. G. Papademetriou (Ed.), *A Europa e os seus imigrantes no século XXI* (pp. 79–90). Migration Policy Institute; Fundação Luso-Americana.
- Bauman, Z. (2008). *Medo líquido* (C. A. Medeiros, Trans.). Jorge Zahar Editor Ltda. (Publicado originalmente em 2006)
- Bauman, Z. (2011). *Modernidade líquida* (P. Dentzien, Trans.). Jorge Zahar Editor Ltda. (Publicado originalmente em 2000)
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta* (C. A. Medeiros, Trans.). (Edição digital). Jorge Zahar Editor Ltda. (Publicado originalmente em 2016)
- Bauman, Z., & Donskis, L. (2014). *Cegueira Moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida* (C. A. Medeiros, Trans.). (Edição digital). Jorge Zahar Editor Ltda. (Publicado originalmente em 2013)
- Beck, U. (2013). *Sociedade de risco: Ruma a uma outra modernidade* (S. Nascimento, Trans.). (2º ed., 1º Reimp.). Editora 34. (Publicado originalmente em 1986)
- Becker, H. S. (2012). *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio* (M. L. X. d. A. Borges, Trans.). (Edição digital). Jorge Zahar Editor Ltda. (Publicado originalmente em 1963)
- Beja Horta, A. P. (2011). As políticas de imigração em Portugal: Contextos e Protagonistas. *RILP - Revista Internacional Em Língua Portuguesa*, III (24), 233–253. <https://x.gd/aQ2ZM>
- Belchior, G. P. N., & Almeida, M. G. (2012). A tutela jurídica dos refugiados ambientais sob o enfoque da proteção internacional dos direitos humanos. *Revista Opinião Jurídica*, 10 (14), 128–153. <https://x.gd/0t262>
- Berger, P. L. (2001). *Perspectivas sociológicas: Uma Visão Humanística* (D. M. Garschagen, Trans.). (23rd ed.). *Antropologia: Vol. 1*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1963)
- Berman, M. (Moisés, Carlos Felipe). (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade* (C. F. Moisés, A. M. L. Ioriatti & M. Macca, Trans.). Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1982)
- Bernard, P. (2002). *Immigration: le défi mondial. Folio actuel: Vol. 95*. Gallimard.
- Blanc, M. V. (2017). Os famosos todos nós: Uma proposta de análise da experiência cidadina no pequeno-urbano. *DILEMAS: Revista De Estudos De Conflito E Controle Social*, 10 (1), 1–25. <https://x.gd/eGhti>
- Boas, F. (1995). *L'uomo primitivo* (D. C. Visca, Trans.). Editori Laterza. (Publicado originalmente em 1911)
- Boas, F. (2015). Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais (C. Castro, Trans.) [Some problems of methodology in the social sciences]. In C. Castro (Ed.), *Coleção Antropologia Social. Franz Boas: Antropologia Cultural* (6th ed., pp. 40–49). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1930)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boas, F. (2015). As limitações do método comparativo da antropologia (C. Castro, Trans.) [The limitations of the comparative method of anthropology]. In C. Castro (Ed.), *Coleção Antropologia Social. Franz Boas: Antropologia Cultural* (6th ed., pp. 20–30). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1896)
- Boas, F. (2015). Os métodos da etnologia (C. Castro, Trans.) [The methods of ethnology]. In C. Castro (Ed.), *Coleção Antropologia Social. Franz Boas: Antropologia Cultural* (6th ed., pp. 31–39). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1920)
- Boas, F. (2015). Os Objetivos Da Pesquisa Antropológica (C. Castro, Trans.) [The aims of anthropological research]. In C. Castro (Ed.), *Coleção Antropologia Social. Franz Boas: Antropologia Cultural* (6th ed., pp. 64–80). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1932)
- Boas, F. (2015). Raça e progresso (C. Castro, Trans.) [Race and progress]. In C. Castro (Ed.), *Coleção Antropologia Social. Franz Boas: Antropologia Cultural* (6th ed., pp. 50–63). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1931)
- Boas, F. (2021). *Anthropology and modern life*. Taylor & Francis Group. (Publicado originalmente em 1932)
- Bogado, D. (2020). Memória Popular: Dispositivo de luta pelo direito à habitação. *Finisterra, LV* (114), 127–140. <https://doi.org/10.18055/Finis19481> (Os casos da comunidade Vila Autódromo (Rio de Janeiro) e Bairro 6 de Maio (Amadora)).
- Bógus, L. M. M. (2007). Esperança além-mar: Portugal no "arquipélago migratório" brasileiro. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 39–58). Observatório da Imigração. <https://shre.ink/awYu>
- Boltanski, L. (2013). Sociologia da crítica, instituições e o novo modo de dominação Gestionária (P. Dietman, Trans.). *Sociologia & Antropologia*, 3 (6), 441–463. <https://doi.org/10.1590/2238-38752013v364>
- Boltanski, L., & Chiapello, È. (2009). *O novo espírito do capitalismo* (I. C. Benedetti, Trans.). WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1999)
- Boltanski, L., & Thévenot, L. (Mota, Fábio Reis). (2020). *Coleção Sociologia e Antropologia. A Justificação: Sobre as economias da grandeza* (A. Werneck, Trans.). Editora UFRJ. (Publicado originalmente em 1991)
- Bonatti, G., & Branco, M. C. (2021). Reflexões acerca das mudanças climáticas, desastres naturais e refugiados ambientais. In A. V. P. González (Ed.), *Aquila fuente: Vol. 298. Políticas públicas en defensa de la inclusión, la diversidad y el género III: Migraciones y Derechos Humanos* (pp. 513–524). Ediciones Universidad de Salamanca.
- Bonin, L. F. R. (2014). Indivíduo, Cultura e Sociedade. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Series Eds.) & M. N. Strey, M. d. G. C. Jacques, M. G. Bernades, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Vol. Eds.), *Coleção Psicologia Social. Psicologia social contemporânea. Livro-texto* (53–65). Vozes. (Publicado originalmente em 1998)
- Borges, J. K. d. C. (2015). O estranho nos dicionários de língua portuguesa: Sujeito, língua e espaço. *Polifonia*, 22 (31), 200–221. <https://x.gd/BIKpH>
- Bourdieu, P. (2008). *A Miséria do Mundo* (M. S. S. Azevedo, J. A. Clasen, S. H. d. F. Guimarães, M. A. Penchel, G. J. d. F. Teixeira, & J. V. Vargas, Trans.). (7th ed., Vol. 53). Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1993)
- Boxer, C. R. (2006). *O império marítimo português: 1415 - 1825* (A. O. d. B. Barreto, Trans.). Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1969)
- Brandão, C. A. (2012). *Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. (2ª ed.). Editora Unicamp. (Publicado originalmente em 2007)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brazil, L. G. (2012). Do “conhece-te a ti mesmo” ao “torna-te o que tu és”: Nietzsche contra Sócrates em *Ecce Homo*. *Revista Trágica: Estudos Sobre Nietzsche*, 5 (2), 30–45. <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26904>
- Bressiani, N. (2011). Redistribuição e reconhecimento - Nancy Fraser entre Jürgen Habermas e Axel Honneth. *Caderno CRH*, 24 (62), 331–352. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792011000200007>
- Breviglieri, M. (2001). L'étreinte de l'origine. *Confluences Méditerranée*, 39 (4), 37. <https://doi.org/10.3917/come.039.0037>
- Breviglieri, M. (2002). L'horizon du ne plus habiter et l'absence du maintien de soi en public. In D. Cefaï & I. Joseph (Eds.), *Codiété et territoire: Prospective du présent. L'héritage du pragmatisme conflits d'urbanité et épreuves de civisme* (pp. 319–336). La Tour d'Aigues: éditions de l'Aube.
- Breviglieri, M. (2004). Habiter l'espace de travail: Perspectives sur la routine. *Histoire Et Sociétés* (9), 18–29. <https://hal.science/hal-01578032>
- Breviglieri, M. (2006). La décence du logement et le monde habité. Une enquête sur la position du travailleur social dans les remous affectifs de la visite à domicile. In J. Roux (Ed.), *Sensibiliser. La sociologie dans le vif du monde* (pp. 90–104). Éditions de l'Aube. <https://x.gd/os3Eb>
- Breviglieri, M. (2007a). L'usage, le design et l'architecture: L'éthique professionnelle dans la conception d'un monde habitable. *Les Ateliers De La Recherche En Design* (1), 53–59. <https://hal.science/hal-01578029>
- Breviglieri, M. (2007b). L'arc expérientiel de l'adolescence: esquive, combine, embrouille, carapace et étincelle... *Éducation Et Sociétés*, n° 19 (1), 99–113. <https://doi.org/10.3917/es.019.0099>
- Breviglieri, M. (2007c). Ouvrir le monde en personne: Une anthropologie des adolescences. In M. Breviglieri & V. Cicchelli (Eds.), *Débats Jeunesses: Vol. 20. Adolescences méditerranéennes: L'espace public à petits pas* (pp. 19–59). L'Harmattan. <https://x.gd/8tbMT>
- Breviglieri, M. (2008). Penser la dignité sans parler le langage de la capacité à agir. In J.-P. Payet & A. Battégay (Eds.), *Le regard sociologique. La reconnaissance à l'épreuve: Explorations socio-anthropologiques* (pp. 83–92). Presses universitaires du Septentrion. <https://doi.org/10.4000/books.septentrion.38658>
- Breviglieri, M. (2009). L'insupportable: L'excès de proximité, l'atteinte à l'autonomie et le sentiment de violation du privé. In M. Breviglieri, C. Lafaye, & D. Trom (Eds.), *Études sociologiques. Compétences critiques et sens de la justice: Colloque de Cerisy* (pp. 1–30). Economica. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01533280>
- Breviglieri, M. (2010). De la cohésion de vie du migrant : déplacement migratoire et orientation existentielle. *Revue Européenne Des Migrations Internationales*, 26 (2), 57–76. <https://doi.org/10.4000/remi.5137>
- Breviglieri, M. (2012a). La juste distance et l'enjeu du «Bien habiter» dans le soin et l'aide à domicile. *Contact. La Revue De L'aide Et Des Soins À Domicile* (131), 15–18. <https://hal.science/hal-01578023>
- Breviglieri, M. (2012b). L'espace habité que réclame l'assurance intime de pouvoir: Un essai d'approfondissement sociologique de l'anthropologie capacitaire de Paul Ricoeur. *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*, 3 (1), 34–52. <https://doi.org/10.5195/errs.2012.134>
- Breviglieri, M. (2014). La vie publique de l'enfant. *Participations*, 9 (2), 97. <https://doi.org/10.3917/parti.009.0097>
- Breviglieri, M. (2016). Pensar a dignidade sem falar a linguagem da capacidade de agir: uma discussão crítica sobre o pragmatismo sociológico e a teoria do reconhecimento de Axel Honneth (J. Freire & D. C. Ferreira, Trans.) [Penser la dignité sans parler le langage de la

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- capacité à agir]. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, 6 (1), 11–34. <https://x.gd/U9BcU> (Publicado originalmente em 2008)
- Breviglieri, M. (2018). L'affadissement des villes méditerranéennes et la désacralisation de la figure de l'hôte. *Sociologies*. Advance online publication. <https://doi.org/10.4000/sociologies.6821>
- Breviglieri, M. (2021). Uma Brecha Crítica na "Cidade Garantida"? Espaços Intermediários e Arquiteturas de Uso (Y. G. Ribeiro, Trans.) [Une brèche critique dans la ville garantie? Espaces intercalaires et architectures d'usage]. *Antropolítica: Revista Contemporânea De Antropologia*, 2 (52), 375–416. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2021.i52.a51079> (Publicado originalmente em 2013)
- Breviglieri, M., Pattaroni, L., & Stavo-Debauge, J. (2003). Quelques effets de l'idée de proximité sur la conduite et le devenir du travail social. *Revue Suisse De Sociologie* (29), 141–157. <https://hal.science/hal-03248158>
- Breviglieri, M., & Stavo-Debauge, J. (2004). Les identités fragiles: La “ jeunesse ” et l’ “ immigration ” sous des regards sociologiques. In C. Pugeault-Ciccheli, V. Cicchelli, & T. Ragi (Eds.), *Sciences sociales et sociétés. Ce que nous savons des jeunes* (1st ed., pp. 159–176). Presses Univ. de France. <https://hal.science/hal-03249493>
- Brigagão, L. R. F. (2018). A Crise dos Refugiados: um repensamento do conceito de cidadania dos expatriados por meio do diálogo de teorias de Hannah Arendt e Immanuel Kant. *Revista Da Universidade Federal De Minas Gerais*, 25 (1-2), 88–103. <https://x.gd/i0eC4>
- Brito, B. (2016). Refugiados ambientais ou pessoas ambientalmente deslocadas. *Janus.Net: E-Journal of International Relations*, 2015-2016, 52–53. <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/2931>
- Brumes, K. R. (2013). Estudos sobre migrações: Desafios, Diversidades e Evoluções. *Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos*, 39 (107-9), 13–30.
- Bulfinch, T. (2006). *O livro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis* [a idade da fábula](L. A. Meira, Trans.). (4ª ed., 8ª reimp.). *Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro: Vol. 45*. Martin Claret. (Publicado originalmente em 1855)
- Burnett, A., Ramalho, Â., Almeida, H., & Sousa, C. de. (2021). Refugiados climáticos, aquecimento global, desertificação e migrações: reflexos globais e locais. *Revista Interseções*, 23 (2), 318–333. <https://x.gd/RKdYQ>
- Burt, W. H. (1943). Territoriality and Home Range Concepts as Applied to Mammals. *Journal of Mammalogy*, 24 (3), 346–352. <https://doi.org/10.2307/1374834>
- Cabral, B. G. d. A. T., Tinôco Cabral, S. d. A., Toledo, I. V. R. G., Dantas, P. M. S., Miranda, H. F. de, & Knakcfuss, M. I. (2011). Antropometria e somatotipo: fatores determinantes na seleção de atletas no voleibol brasileiro. *Revista Brasileira De Ciências Do Esporte*, 33 (3), 733–746. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000300014>
- Campos Maciel, J. D. (2019). A Hospitalidade e a revelação da humanidade: Notas em margem a um pequeno clássico. *Revista Hospitalidade*, 16 (2), 114–137. <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2019.v16n2.006>
- Canclini, N. G. (2020). *O mundo Inteiro como Lugar Estranho* (L. F. Locoselli, Trans.). (1st ed.). Editora da Universidade de São Paulo. (Publicado originalmente em 2014)
- Capra, F. (2002). *As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável* (M. B. Cipolla, Trans.). Cultrix. (Publicado originalmente em 2002)
- Capra, F. (2007). *O ponto de mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente* (Á. Cabral, Trans.). (24th ed.). Cultrix. (Publicado originalmente em 1982)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Capra, F. (2012). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (N. R. Eichenberg, Trans.). (Edição digital). Cultrix. (Publicado originalmente em 1996)
- Capra, F., & Luisi, P. L. (2014). *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas* (M. T. Eichenberg & N. R. Eichenberg, Trans.). *Coleção Polêmica*. Cultrix. (Publicado originalmente em 2014)
- Cardoso, A., & Perista, H. (1994). A cidade esquecida: Pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia - Problemas E Práticas* (15), 99–111. <http://hdl.handle.net/10071/1020>
- Cardoso, M. S., & Souza, L. F. de. (2021). Barreiras burocráticas e a integração: um olhar sobre os imigrantes em Portugal. In L. d. O. Xavier, A. P. Gontijo, & A. V. Ferraro (Eds.), *Série A qualidade da democracia no Brasil: Vol. 6. A qualidade da democracia no Brasil: direitos fundamentais e direitos humanos em uma perspectiva multinível - proposta de diálogo entre Europa e América Latina* (pp. 477–486). CRV.
- Cardoso, M. S., Souza, L. F. de, & Mota, C. (2021). O Indivíduo em Tempos de Pandemia e Isolamento Social: Um cenário de fálência do Processo Civilizador? *Desenvolvimento E Sociedade* (10), 37–48. <https://x.gd/DVUEQ>
- Carneiro, A. M. M. (2021). “Refugiados Ambientais”: Mudanças do Clima, Complexidade e Estratégias Adaptativas em Bases Comunitárias. In J. Ramos & M. S. Carneiro (Eds.), *Refugiados: Drama dos séculos XX e XXI* (pp. 83–137). Editora ZL Books. <https://shre.ink/aw4A>
- Carneiro, R., Cristóvão, F., Machado, I. J. d. R., Malheiros, J. d. S. M., & Peixoto, J. A. d. R. (2007). O futuro da imigração brasileira para Portugal: Olhares, perspectivas e interrogações. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 191–204). Observatório da Imigração. <https://shre.ink/awYu>
- Carvalho, G. M. de, & Afonso, L. E. (2021). Previdência social e migração: O que acontece com os trabalhadores que saem do Brasil e se aposentam na Espanha e em Portugal? *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 51 (1), 73–109. <https://doi.org/10.1590/0101-41615113gcla>
- Castles, S. (2002). Environmental change and forced migration: making sense of the debate. *News Issues In Refugee Research*, 1–14.
- Castles, S. (2006). Global Perspectives on Forced Migration. *Asian and Pacific Migration Journal*, 15 (1), 7–28. <https://x.gd/JLzZA>
- Cefaï, D. (1996). La construction des problèmes publics. Définitions de situations dans des arènes publiques. *Réseaux*, 14 (75), 43–66. <https://doi.org/10.3406/reso.1996.3684>
- Cefaï, D. (2002). Qu'est-ce qu'une arene publique? Quelques pistes pour une approche pragmatiste. In D. Cefaï & I. Joseph (Eds.), *Codiété et territoire: Prospective du présent. L'héritage du pragmatisme conflits d'urbanite et epreuves de civisme* (pp. 62–103). La Tour d'Aigues: éditions de l'Aube.
- Cefaï, D. (2005). Os novos movimentos de protesto em França: A articulação de novas arenas públicas. *Revista Crítica De Ciências Sociais* (72), 129–160. <https://doi.org/10.4000/rccs.985>
- Cefaï, D. (2007). *Pourquoi se mobilise-t-on? Les théories de l'action collective. Recherches. La bibliothèque du MAUSS*. Éditions La Découverte.
- Cefaï, D. (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *DILEMAS: Revista De Estudos De Conflito E Controle Social*, 2 (4), 11–48. <https://shre.ink/aw69>
- Cefaï, D. (2017a). *Mobilizações sociais, democracia e república* (D. S. Corrêa, Trans.). Blog SocioFilo. <https://shre.ink/awT7>
- Cefaï, D. (2017b). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: O que nos ensina o pragmatismo (Parti I). *Novos Estudos - CEBRAP*, 36 (01), 187–214. <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201700010009>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cefaï, D. (2017c). Públicos, problemas públicos, arenas públicas: O que nos ensina o pragmatismo (Parti II). *Novos Estudos - CEBRAP*, 36 (02), 128–143. <https://doi.org/10.25091/S0101-3300201700020007>
- Cefaï, D. (2019). Publicidades: um argumento pragmatista. *Estudos De Sociologia*, 1 (25), 9–44. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243753>
- Cefaï, D., & Lafaye, C. (2001). Lieux et moments d’une mobilisation collective. In D. Cefaï & D. Trom (Eds.), *Raison pratiques: Vol. 12. Les formes de l’action collective* (pp. 195–228). Éditions de l’École des hautes études en sciences sociales. <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.10900>
- Centemeri, L., & Caldas, J. C. (2016). A incomensurabilidade dos valores e a decisão pública. In L. Centemeri & J. C. Caldas (Eds.), *Valores em conflito: Megaprojetos, ambiente e território* (pp. 25–60). Edições Almeidina.
- Cereijido, F. B. (2008). O olhar sobre o estrangeiro. *Revista IDE*, 31 (47), 61–65. <https://shre.ink/afz>
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (E. F. Alves, Trans.). (3rd ed.). Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1990)
- Certeau, M. de, Giard, L., & Mayol, P. (2005). *A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar* (E. F. Alves & L. E. Orth, Trans.). (6th ed.). Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1980)
- Cesarino, L. (2021). Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 21 (2), 304–315. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39872>
- Chateauraynaud, F. (2015). Pragmatique des transformations et sociologie des controverses: Les logiques d’enquête face au temps long des processus. In F. Chateauraynaud & Y. Cohen (Eds.), *Raisons pratiques: no. 25. Histoires pragmatiques*. Editions EHESS. <https://shre.ink/af7p>
- Chateauraynaud, F. (2017). A captura como experiência: Investigações pragmáticas e teorias do poder. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 32 (95), 1–21. <https://doi.org/10.17666/329504/2017>
- Chateauraynaud, F. (2018a). *A prova do tangível: Experiências de investigação e o surgimento da prova* [Parte 1](D. Correa, Trans.). Labemus. <https://x.gd/Iy9gL>
- Chateauraynaud, F. (2018b). *A prova do tangível: Experiências de investigação e o surgimento da prova* [Parte 2](D. Correa, Trans.). Labemus. <https://x.gd/aePW4>
- Chiavenato, I. (2014). *Introdução à Teoria Geral da Administração*. (9th ed.). Editora Manole Ltda. (Publicado originalmente em 1976)
- Cierco, T. (2017). Esclarecendo Conceitos: Refugiados, Asilados Políticos, Imigrantes Ilegais. In J. Woischnik (Ed.), *Relações Brasil-Europa: Vol. 7. Fluxos migratórios e refugiados na atualidade* (pp. 11–26). Fundação Konrad Adenauer Stiftung.
- Clark, W. A. V. (2020). *Human Migration. Grant Ian Thrall*. Sage Publications; WVU Research Repository. <https://shre.ink/af8r> (Publicado originalmente em 1986)
- Claro, C. d. A. B. (Sayago, Doris Aleida Villamizar). (2012). *Refugiados ambientais: mudanças climáticas, migrações internacionais e governança global* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília, Brasília. <https://shre.ink/afeB>
- Claro, C. d. A. B. (2020). A proteção jurídica dos “refugiados ambientais” nas três vertentes da proteção internacional da pessoa humana. *Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 28 (58), 221–241. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005813>
- Comte, A. (1978). Curso de Filosofia Positiva (J. A. Giannotti, Trans.) [Cours de Philosophie Positive]. In R. M. Silveira (Series Ed.) & J. A. Giannotti (Vol. Ed.), *Os Pensadores. Auguste Comte* (pp. 3–39). Abril Cultural. (Publicado originalmente em 1830-42)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Contín Aylón, G. C. (Sellés García, D. Manuel). (2012). *La paradoja del gato de Schrödinger y los problemas de interpretación de la mecánica cuántica* [Dissertação]. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid. <https://shre.ink/afPB>
- Cordeiro, A. R. (2008). Gênese da vida humana. *Revista Ciência E Cultura*, 60, 60–62. <https://x.gd/CSscf>
- Costa, P., Sousa, L., Bäckström, B., Magano, O., & Albuquerque, R. (2018). O acolhimento de refugiados recolocados em Portugal: a intervenção das instituições locais. In Silva, A. M. C. e, I. Macedo, & S. Cunha (Eds.), *Atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* (pp. 113–133). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). <https://x.gd/OR9zF>
- Crawford, J., & Hyndman, P. (1989). Three Heresies in the Application of the Refugee Convention. *International Journal of Refugee Law*, 1 (2), 155–179. <https://doi.org/10.1093/ijrl/1.2.155>
- Cruz, A. (2019). *O macaco Bêbado foi à ópera: Da embriaguez à civilização. Retratos da Fundação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Culioli, A. (2000). *Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations. Collection L'Homme dans la langue*. Ophrys.
- Cunha, A. P. Da. (2012). "Refugiados Ambientais"? *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, 7 (7), 97–116.
- Dantas, S. D. (2010). Culturas em xeque e o desafio psicológico de ser entre dois mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão. In A. P. Ferreira, C. B. Vainer, H. Póvoa Neto, & M. d. O. Santos (Eds.), *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções* (pp. 19–38). Garamond.
- DaVanzo, J. S., & Morrison, P. A. (1981). Return and Other Sequences of Migration in the United States. *Demography*, 18 (1), 85–101. <https://doi.org/10.2307/2061051>
- Day, M. H. (1978). *O homem fóssil* (R. de Polillo, Trans.). (1ª ed., 2ª reimp.). *Prisma: o conhecimento em cores: Vol. 8*. Editora Melhoramentos Ltda; Editora da Universidade de São Paulo. (Publicado originalmente em 1969)
- Derouet, J.-L. (2000). Pluralité des mondes et coordination de l'action: l'exemple des établissements scolaires. In J.-L. Derouet (Ed.), *Pedagogies En Développement. L' école dans plusieurs mondes* (pp. 125–143). De Boeck & Larcier.
- Derrida, J. (1991). *Donner le temps. Collection La Philosophie en effet*. Galilée.
- Derrida, J. (1995). *Paixões* (L. Z. Machado, Trans.). Papyrus. (Publicado originalmente em 1993)
- Derrida, J. (Dufourmantelle, Anne). (2003). *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade* (A. Romane & P. Ottoni, Trans.). Escuta. (Publicado originalmente em 1997)
- Derrida, J. (2003). *Politiques de l'amitié: Suivi de L'oreille de Heidegger. La philosophie en effet*. Galilée. (Publicado originalmente em 1994)
- Derrida, J. (2018). *Aporias: Morrer – Esperar-Se nos Limites da Verdade* (P. Eyben & F. W. Rodrigues, Trans.). Horizonte. (Publicado originalmente em 1993)
- Derrida, J., Landa, F., & Landa, E. (2008). *Adeus a Emmanuel Lévinas* (E. Landa, Trans.). *Debates: Vol. 296*. Perspectiva. (Publicado originalmente em 1997)
- Descartes, R. (2001). *Discurso do método* (M. E. Galvão, Trans.). (2ª ed., 3ª reimp.). *Clássicos*. Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1637)
- Dewey, J. (2014). *Natureza humana y conducta: Introducción a la psicología social* (R. C. Dibildox, Trans.). (Edição digital). *Breviarios del Fondo de Cultura Económica: Vol. 177*. Fondo de Cultura Económica. (Publicado originalmente em 1922)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dias, F. N. (2006). O medo enquanto emoção social: Contributos para uma Sociologia das Emoções. *Forum Sociológico*, 15/16 (II), 295–313. <https://x.gd/nNGDv>
- Dodier, N., & Barbot, J. (2017). A força dos dispositivos. *Revista Sociedade E Estado*, 32 (2), 487–518. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3202010>
- Dosse, F. (2013). O Espaço Habitado Segundo Michel de Certeau. *ArtCultura*, 15 (27), 85–96. <https://shre.ink/afbB>
- Durand, J. (2015). A arte de pesquisar sobre migrações: Pressupostos metodológicos para a pesquisa em ciências sociais. In J. Durand & C. Lussi (Eds.), *Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações* (pp. 7–41). Paco Editorial.
- Durkheim, É. (2007). *As regras do método sociológico* (P. Neves & E. Brandão, Trans.). (3rd ed.). *Coleção Tópicos*. Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1895)
- Elhajji, M., & Paraguassu, F. (2021). Infância e estrangeiridade: duas alteridades, a mesma minoridade. *Zero-a-Seis*, 23 (43), 399–419. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e72762>
- Elias, N. (Schröter, MichaelOrg.). (1994). *A sociedade dos indivíduos* (V. Ribeiro, Trans.). Zahar. (Publicado originalmente em 1987)
- Elias, N. (2012). *A solidão dos moribundos: seguido de "envelhecer e morrer"* (P. Dentzien, Trans.). (Edição digital). Zahar. (Publicado originalmente em 1982)
- Fantin, J. T. (Feldman, Sarah). (2013). *Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP]. <https://x.gd/UoPIX>
- Fantin, J. T. (2015). Do interior para os porões, dos porões para as fachadas: os japoneses no bairro da Liberdade em São Paulo. *ACTA GEOGRÁFICA*, 9 (20), 72–95. <https://doi.org/10.18227/2177-4307.acta.v9i20.2240>
- Felix, R. B. (2013). “Refugiados Ambientais”: Desafio para a Proteção dos Direitos Humanos. *Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos*, 39 (107-9), 123–136.
- Fernandes, D., Peixoto, J. A. d. R., & Oltramari, A. P. (2021). A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana De Población*, 15 (29), 34–63. <https://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2>
- Fernandes, F. (1961). *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Anhambi.
- Ferrer, É., Sobrinho, F., & Carmozini, M. (2021). Migraciones y representación de mujeres brasileñas en Portugal: por una geografía feminista. In A. V. P. González (Ed.), *AquilaFuente: Vol. 298. Políticas públicas en defensa de la inclusión, la diversidad y el género III: Migraciones y Derechos Humanos* (pp. 115–126). Ediciones Universidad de Salamanca.
- Ferreras, N. O. (2004). Imigrantes, criollos e a alimentação porteña. Buenos Aires, final do século XIX e início do século XX. *Estudios Históricos* (33), 97–115. <https://x.gd/gmwN5>
- Fialho, L. M. F., Macêdo, L. S. M. de, & Martins, J., Filho. (2023). O conceito de região na geografia escolar. *Ensino Em Perspectivas*, 4 (1), 1–15. <https://x.gd/5GRXe>
- Figueira, R. R. (Ripper, João Roberto). (2004). *Pisando fora da própria sombra: A escravidão por dívida no Brasil contemporâneo*. Civilização Brasileira.
- Figueiredo, A. (2021). La nueva perspectiva de control de los flujos migratorios frente a la pandemia de coronavirus: Una reestructuración en la visión global de la sociedad. In A. V. P. González (Ed.), *AquilaFuente: Vol. 298. Políticas públicas en defensa de la inclusión, la diversidad y el género III: Migraciones y Derechos Humanos* (pp. 103–114). Ediciones Universidad de Salamanca.
- Figueirinhas, R. d. C. A. (Cordeiro, Maria da Graça Índias). (2011). *Bairro, identidade, interação: Um olhar etnográfico sobre o Centro Social do Bairro 6 de Maio* [Dissertação de

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Mestrado]. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/5236>
- Fiorin, J. L. (2000). *Elementos de Análise do Discurso*. (9th ed.). *Repensando a Língua Portuguesa*. Contexto. (Publicado originalmente em 1989)
- Fiorin, J. L. (2010). Pragmática. In J. L. Fiorin (Ed.), *Introdução a Linguística: II. Princípios de Análise* (5th ed., pp. 161–185). Contexto.
- Fischer, G.-N. (1944). *A psicologia social do ambiente*. (1st ed.). *Coleção Perspectivas Ecológicas: Vol. 5*. Instituto Piaget.
- Florêncio, A. M. G., Magalhães, B., Sobrinho, H. F. d. S., & Cavalcante, M. d. S. A. d. O. (2009). *Análise do Discurso: Fundamentos & Práticas*. EDUFAL.
- Fonseca, C. F. d. (1969). Sistema econômico-social e emigração (Portugal às vésperas de sua expansão ultramarina e movimentos migratórios do Nordeste do Brasil). In E. S. de Paula (Ed.), *Colonização e Migração* (pp. 533–568). Editora da Universidade de São Paulo.
- Fortuna, V. (2015). A Relação Teoria e Prática na Educação em Freire. *Revista Brasileira De Ensino Superior*, 1 (2), 64–72. <https://doi.org/10.18256/2447-3944/rebes.v1n2p64-72>
- Foster, M. F., & Humphrey, S. R. (1995). Use of highway underpass by Florida panthers and other wildlife. *Wildlife Society Bulletin*, 23 (1), 95–100. <https://x.gd/mVlmz>
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1927-1978)* (E. Brandão & C. Berliner, Trans.). *Coleção Tópicos*. Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1978)
- Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (R. Ramallete, Trans.). (41st ed.). (2013). Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1975)
- França, T., & Oliveira, S. P. de. (2021). Mulheres brasileiras imigrantes como estraga-prazeres: revelando racismo no “amigável” Portugal. *Cadernos Pagu*, Article e216301. Advance online publication. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630001>
- Freire, J. (2010). Agir no regime de desumanização: Esboço de um modelo para análise da sociabilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 3 (10), 119–142. <https://x.gd/q9ftx>
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do Oprimido*. (1ª ed. digital) [ePub. Paz e Terra. (Publicado originalmente em 1968)
- Freitas, M. E. de, & Dantas, M. (2011). O estrangeiro e o novo grupo. *Revista De Administração De Empresas*, 51 (6), 601–608. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902011000600008>
- Freud, S. (2016). O Estranho (J. Salomão, Trans.) [Das Unheimliche]. In S. Freud (Ed.), *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: XVII. Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917 ~ 1918)* (pp. 235–276). Imago Editora. (Publicado originalmente em 1919)
- Fry, D. (Com a colaboração de Rónai, Paulo (Apresentação)). (1978). *Homo Loquens: O Homem como Animal Falante* (W. Dutra, Trans.). Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1977)
- Fuks, B. B. (2000). *Freud e judeidade: a vocação do exílio*. Jorge Zahar Editor Ltda.
- Fuks, B. B. (2015). Freud e a invenção da judeidade. *WebMosaica: Revista Do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, 7 (2), 95–104. <https://x.gd/rb2Ti>
- Fuks, B. B. (2017). Vozes do exílio: sobre o impossível da identidade. *Revista Brasileira De Psicanálise*, 51 (1), 32–45. <https://x.gd/zC6vt>
- Gadet, F., & Hak, T. (1997). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à Obra de Michel Pêcheux*. (3rd ed.). Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Garnier, P. (1995). *Ce dont les enfants sont capables: Marcher xviii, travailler xix, nager xx. Leçons de choses*. Métailié.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Geertz, C. (1994). *Conocimiento local: Ensayos sobre la interpretación de las culturas* (A. L. Bargados, Trans.). *Paidós Básica: Vol. 66*. Paidós. (Publicado originalmente em 1983)
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas* (F. Wrobel, Trans.). (1st ed.). LTC. (Publicado originalmente em 1973)
- Genard, J.-L. (2016). Postface au Dossier « Penser l'espace en sociologie ». *SociologieS*. Advance online publication. <https://doi.org/10.4000/sociologies.5592>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática* (C. L. Pires & A. de Saint-Maurice, Trans.). (4ª ed.). *Métodos e técnicas*. Celta Editora. (Publicado originalmente em 1978)
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (A. Figureiredo, A. P. D. Baltazar, C. L. Da Silva, P. Matos & V. Gil, Trans.). (6th ed.). Fundação Calouste Gulbenkian. (Publicado originalmente em 1986)
- Giddens, A. (Vianna, Sérgio BessermanApresentação). (2012). *A Política da mudança climática* (V. Ribeiro, Trans.). (Edição digital). Zahar. (Publicado originalmente em 2009)
- Giddens, A., & Sutton, P. W. (2017). *Conceitos essenciais da sociologia* (C. Freire, Trans.). (2. ed.). Editora Unesp. (Publicado originalmente em 2014)
- Godinho, V. M. (1978). L'emigration portugaise (XVe-XXe siècles): Une constante structurale et les responses aux changements du monde. *Revista De História Económica E Social* (1), 5–32. <https://x.gd/emNsb>
- Godoy, G. G. de. (2016). Refúgio, hospitalidade e os sujeitos do encontro. In J. A. P. Gediél & G. G. de Godoy (Eds.), *Refúgio e Hospitalidade* (pp. 39–65). Kairós Edições.
- Goffman, E. (Com a colaboração de 4). (1966). *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. (1st ed.). The Free Press. (Publicado originalmente em 1963)
- Goffman, E. (1991). *Les cadres de l'expérience* (P. Joseph, Trans.). *Collection Le sens commun*. Les Éditions de Minuit. (Publicado originalmente em 1974)
- Goffman, E. (2008). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (Nunes, Márcia Bandeira de Mello Leite, Trans.). (4. ed.). *Antropologia social*. LTC. (Publicado originalmente em 1963)
- Góis, P., & Marques, J. C. L. (2007). *Estudo prospetivo sobre imigrantes qualificados em Portugal. Estudos: Vol. 24*. Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. <https://x.gd/ExrVn>
- Góis, P., & Marques, J. C. L. (2010). Novos fluxos de imigração em Portugal: o novo posicionamento de Portugal no sistema migratório europeu. In M. I. B. Baganha, J. C. L. Marques, & P. Góis (Eds.), *Comunidades: Vol. 3. Imigração Ucrâniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?* (pp. 13–23). Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. <https://hdl.handle.net/10316/41700>
- Góis, P., & Marques, J. C. L. (2011). A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. *RILP - Revista Internacional Em Língua Portuguesa, III* (24), 213–231. <http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf>
- Góis, P., & Marques, J. C. L. (2014). *Processo de admissão e de integração de imigrantes altamente qualificados em Portugal e a sua relação com a migração circular. Estudos OI: Vol. 54*. Alto-Comissariado para as Migrações [ACM, IP]. <https://shre.ink/afOt>
- Góis, P., & Marques, J. C. L. (2018). Portugal: um retrato ainda singular? 40 anos volvidos. *E-Cadernos CES*, 29. <https://doi.org/10.4000/eces.3307>
- Gomes, G. d. M. (1990). *A Experiência do Vazio: Significado da Educação para Migrantes de Retorno em Pernambuco. Estudos e Pesquisas/ Fundação Joaquim Nabuco: Vol. 77*. Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana. (Publicado originalmente em 1987)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gomes, P. C. d. C. (2001). O conceito de região e sua discussão. In I. E. de Castro, P. C. d. C. Gomes, & R. L. Corrêa (Eds.), *Geografia: Conceitos e Temas* (3rd ed., pp. 49–76). Bertrand Brasil.
- Gonçalves, A. F. (2016). Etnografia, Etnologia & Teoria Antropológica. *Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho* (44), 247–261. <https://shre.ink/afc9>
- Gotman, A. (2019). Hospitalidade em sentido próprio e figurado. *Revista Hospitalidade*, 16 (3), 160–174. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/855>
- Green, A. (2010). *O trabalho negativo* (F. Murad, Trans.). Artmed. (Publicado originalmente em 1993)
- Gregolin, M. d. R. V. (1995). A análise do discurso: conceitos e aplicações. *ALFA: Revista De Linguística*, 39, 13–21. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107724>
- Grinover, L. (2006). A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, 3 (2), 29–50. <https://shre.ink/aff9>
- Guerra, S. (2021). As Mudanças Climáticas como Catástrofe Global e o Refugiado Ambiental. *Revista Estudos Institucionais*, 7 (2), 537–559. <https://doi.org/10.21783/rei.v7i2.641>
- Gutemberg, L. (Ed.). (2016). *Série perfis parlamentares: n. 66. Ulysses Guimarães: Edição comemorativa ao centenário de nascimento*. (2ª Edição Digital). Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Hacquard, G. (1996). *Dicionario de mitologia grega e romana* (M. H. T. Lopes, Trans.). (7th ed.). Asa. (Publicado originalmente em 1976)
- Hall, S. (2006). *A identidade Cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. L. Louro, Trans.). (11th ed.). DP&A Editora. (Publicado originalmente em 1992)
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: Uma breve história da humanidade* (J. Marcoantonio, Trans.). (1st ed.). L&PM. (Publicado originalmente em 2012)
- Heidegger, M. (2005a). *Ser e Tempo* [Parte I](M. S. C. Schuback, Trans.). (15th ed.). *Coleção Pensamento Humano*. Vozes. (Publicado originalmente em 1927)
- Heidegger, M. (2005b). *Ser e Tempo* [Parte II](M. S. C. Schuback, Trans.). (13th ed.). *Coleção Pensamento Humano*. Vozes. (Publicado originalmente em 1927)
- Heidegger, M. (2008). *Marcas do caminho* (E. P. Giachini & E. Stein, Trans.). *Coleção Textos Filosóficos*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1967)
- Heinich, N. (2014). Práticas Da Arte Contemporânea: Uma Abordagem Pragmática a Um Novo Paradigma Artístico. *Sociologia & Antropologia*, 4 (2), 373–390. <https://doi.org/10.1590/2238-38752014v424>
- Heinich, N. (2016). A arte em regime da singularidade: Algumas características sociológicas da arte contemporânea (G. H. P. de Sousa, Trans.) [L’art en régime de singularité: Quelques caractéristiques sociologiques de l’art contemporain]. In A. Quemin, G. Villas Bôas, & G. V. B. Alain Quemin (Eds.), *Coleção Brasil/França: Vol. 10. Arte e vida social* (Em linha). OpenEdition Press. <https://doi.org/10.4000/books.oep.1466>
- Henriques, M. A., Alves, F., Bäckström, B., & Nunes, J. S. (2012). A imigração PALOP em Portugal. O caso dos doentes evacuados. *Forum Sociológico* (22), 53–62. <https://doi.org/10.4000/sociologico.573>
- Hirschman, A. O. (1970). *Exit, voice, and loyalty: Responses to decline in firms, organizations, and states*. Harvard University Press.
- Hirschman, A. O. (1980). “Exit, Voice, and Loyalty”: Further Reflections and a Survey of Recent Contributions. *The Milbank Memorial Fund Quarterly. Health and Society*, 58 (3), 430. <https://doi.org/10.2307/3349733>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Honneth, A. (2003). *Luta pelo Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* (L. Repa, Trans.). Editora 34. (Publicado originalmente em 1992)
- Honneth, A. (2008). Reconnaissance et reproduction sociale (M. Lapierre & E. Renault, Trans.). In J.-P. Payet & A. Bategay (Eds.), *Le regard sociologique. La reconnaissance à l'épreuve: Explorations socio-antropologiques* (pp. 45–58). Presses universitaires du Septentrion. <https://doi.org/10.4000/books.septentrion.38634>
- Honneth, A. (2013). O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. *Sociologias*, 15 (33), 56–80. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222013000200003>
- Howell, F. C. (Ed.). (1982). *Coleção Biblioteca da Natureza Life: Vol. 5. O homem pré-histórico* (V. Brinches, Trans.). Livraria José Olympio Editara S.a. (Publicado originalmente em 1971)
- Huber, V. (2010). A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil. In A. P. Ferreira, C. B. Vainer, H. Póvoa Neto, & M. d. O. Santos (Eds.), *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções* (pp. 69–98). Garamond.
- Ingold, T. (2008). Anthropology is Not Ethnography. In *Proceedings of the British Academy* (pp. 69–92). British Academy. <https://doi.org/10.5871/bacad/9780197264355.003.0003>
- Ingold, T. (2017). Antropologia versus etnografia. *Cadernos De Campo*, 26 (1), 222–228. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v26i1p222-228>
- Iorio, J. C., & Nogueira, S. G. (2019). O acolhimento de estudantes internacionais: brasileiros e timorenses em Portugal. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 27 (56), 197–215. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005611>
- Jabur, P. d. A. C. (2009). *Migrantes na Margem: Uma leitura sociológica do processo de desvinculação social e psíquica*. Nelpa.
- Jackson, J. A. (1991). *Migrações* (R. S. Machado, Trans.). *Sociologias*. Escher; Fim de Século Edições Lda. (Publicado originalmente em 1981)
- Jardim, D. F. (2016). Imigrantes ou refugiados? As tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX. *Horizontes Antropológicos*, 22 (46), 243–271. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832016000200009>
- Jarman, C. (1978). *Evolução da vida* (M. M. Cohen, Trans.). (2nd ed.). *Prisma: o conhecimento em cores: Vol. 1*. Editora Melhoramentos Ltda. (Publicado originalmente em 1970)
- Jesus, F. T. de, & Adorno, G. (2017). *Análise do discurso*. Editora e Distribuidora Educacional S.A.
- Joseph, I. (2007). *L'athlète moral et l'enquêteur modeste. Études sociologiques*. Economica.
- Jubilut, L. L. (2007). *O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro*. Método. <https://shre.ink/afAo>
- Jubilut, L. L. (2011). A Judicialização do Refúgio. In A. d. C. Ramos, G. Rodrigues, & G. A. de Almeida (Eds.), *60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro* (pp. 163–199). Editora CL-A Cultural.
- Jubilut, L. L., Lapa, R. C. C., & Penedo, T. G. (2018). O Direito de asilo enquanto integrante do rol de direitos humanos e o refúgio como direito. In L. F. Sgarbossa & G. Iensue (Eds.), *Direitos Humanos & Fundamentais: Reflexões aos 30 anos da constituição e 70 da Declaração Universal* (pp. 165–183). Instituto Brasileiro de Pesquisa Jurídica – IBPJ.
- Jung, C. G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (M. L. Appy, Trans.). (2nd ed.). *Obras Completas de C.G. Jung: IX/I*. Vozes. (Publicado originalmente em 1933-55)
- Jung, P. E. N. (2017). "Deslocados ambientais" e os desastres. *Revista Gestão E Desenvolvimento*, 14 (2), 1–10. <https://doi.org/10.25112/rgd.v14i2.1151>
- Kant, I. (1988). *Prolegómenos a toda a metafísica futura: que queira apresentar-se como ciência* (A. Mourão, Trans.). *Textos Filosóficos*. Edições 70. (Publicado originalmente em 1783)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Kant, I. (2006). Para a paz perpétua (B. Kristensen, Trans.) [Zum ewigen Frieden - Ein philosophischer Entwurf]. In *Ensaio sobre Paz e Conflitos: V. Para a paz perpétua* (pp. 57–115). Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz. (Publicado originalmente em 1795)
- Keen, S. (1994). *A fronteira interior: a arte de conhecer e explorar nossas emoções* (V. Caputo, Trans.). Saraiva. (Publicado originalmente em 1992)
- Kravtsov, A. V., & Borgani, S. (2012). Formation of Galaxy Clusters. *Annual Review of Astronomy and Astrophysics*, 50 (1), 353–409. <https://doi.org/10.1146/annurev-astro-081811-125502>
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos* (M. C. C. Gomes, Trans.). Rocco. (Publicado originalmente em 1988)
- Kuhn, T. S. (2018). *A Estrutura das Revoluções Científicas* (B. Vianna Boeira & N. Boeira, Trans.). (13th ed.). *Debates: Vol. 115*. Editora Perspectiva Ltda. (Publicado originalmente em 1962)
- Kury, M. d. G. (2009). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. (8th ed.). Zahar. (Publicado originalmente em 1984)
- Lafer, C. (2007). Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, 21 (60), 289–304. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000200022>
- Lagarde, P. S. (2004). *Ouverture du Séminaire "Qu'est ce que l'étranger?"*. Parole Sans Frontiere - Psychanalyse et Exil. <http://www.parole-sans-frontiere.org/spip.php?article73>
- Lalanda-Gonçalves, R. (2010). Migrações e espaço de oportunidades: Uma reflexão sociológica. In M. L. Fonseca (Ed.), *Actas da Conferência Internacional: Aproximando mundos - emigração, imigração e desenvolvimento em espaços insulares* (pp. 301–326). FLAD. <https://x.gd/wVLz9>
- Lara, G. M. P. (2023). *Entre Experiências e Memórias: Narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa*. Pontes Editores.
- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 12 (Número Especial), 70–92. <https://doi.org/10.1109/WHC.2007.5>
- Leão, R. Z. R. (2011). CONARE: Balanço de seus 14 anos de existência. In A. d. C. Ramos, G. Rodrigues, & G. A. de Almeida (Eds.), *60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro* (69-92). Editora CL-A Cultural.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*, 3 (1), 47–57. <https://doi.org/10.2307/2060063>
- Lefebvre, H. (2016). *Espaço e Política: O direito à cidade II* (M. M. de Andrade, P. H. Denski & S. Martins, Trans.). (2nd ed.). Editora UFMG. (Publicado originalmente em 1972)
- Leite, R. P. (2010). A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *Dados - Revista De Ciências Sociais*, 53 (3), 737–756. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000300007>
- Leite, S. (2012). A representação do estrangeiro e do estranho em “Fronteira Natural”, de Nélida Pinõn. *Caderno Seminal*, 17 (17), 159–167. <https://doi.org/10.12957/cadsem.2012.11011>
- Lévi-Strauss, C. (2020). *Tristes trópicos* (R. F. D'Aguiar, Trans.). (1º ed., 16º Reimp.). Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1955)
- Lévi-Strauss, C. (2021). *Antropologia Estrutural* (B. Perrone-Moisés, Trans.). *Coleção Folha Os Pensadores: Vol. 7*. MEDIAAfashion; Folha de São Paulo. (Publicado originalmente em 1958)
- Lewis, J. P. (2007). *Michelangelo's World*. (Illustrated edition). The Creative Company.
- Lima, M. L. P. de. (2018). *Nós e os outros: O poder dos laços sociais*. *Coleção Ensaio da Fundação: Vol. 81*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Lopes, A. M. L., Ab'Saber, A. N., & Hossne, W. S. (2012). O conceito de Refugiado Ambiental: É uma questão bioética? *Revista Bioethikos*, 6 (4), 409–415. <https://x.gd/H3LGj>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lopes, A. M. L. (2019). Refugiado Ambiental: uma questão Bioética. *Revista Brasileira De Bioética*, 14 (edsup), 59. <https://doi.org/10.26512/rbb.v14iedsup.24535>
- Lourenço, F. (2013). Prefácio. In E. V. Rieu (Ed.), *Clássicos. Iliada* (pp. 57–72). Companhia das Letras; Penguin Group.
- Lourenço, F. (2018). Introdução. In F. J. Viegas (Ed.), *Odisseia* (pp. 9–25). Quetzal.
- Luchino, M. M. R. F., & Ribeiro, W. C. (2016). Refugiados Ambientais e a Atuação do ACNUR como Organismo Internacional de Proteção. *Revista Eletrônica Do Curso De Direito Da UFSM*, 11 (3), 890–914. <https://doi.org/10.5902/1981369422071>
- Machado, F. L., Azevedo, J., & Matias, A. R. (2009). *Bibliografia e Filmografia sobre imigração e minorias étnicas em Portugal (2000-2008)*. Lisboa. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE). <https://x.gd/XrS5K>
- Machado, I. J. d. R. (2016). Imobilizações da diferença e os fantasmas de controle: Reflexões sobre a produção legislativa recente sobre os imigrantes no Brasil. In J. A. P. Gediél & G. G. de Godoy (Eds.), *Refúgio e Hospitalidade* (pp. 209–230). Kairós Edições.
- Magalhães, H. B. L. (2018). De esquina em esquina: boas práticas de desenho urbano. *Ensaio Teórico* (1).
- Maingueneau, D. (2008). *Gênes dos Discursos* (S. Possenti, Trans.). *Lingua[gem]: Vol. 27*. Parábola Editorial. (Publicado originalmente em 1995)
- Maingueneau, D. (2015). *Discurso e análise do Discurso* (S. Possenti, Trans.). (1st ed.). *Linguagem: Vol. 64*. Parábola Editorial. (Publicado originalmente em 2014)
- Malheiros, J. d. S. M. (Ed.). (2007a). *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal*. Observatório da Imigração. <https://x.gd/adMQg>
- Malheiros, J. d. S. M. (2007b). Os brasileiros em Portugal - A Síntese do que sabemos. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 11–38). Observatório da Imigração. <https://x.gd/adMQg>
- Malheiros, J. d. S. M. (2011). Portugal 2010: O regresso do país de emigração? *Janus.Net: E-Journal of International Relations*, 2 (1), 133–142. <https://x.gd/Hzsfid>
- Malheiros, R. (1998). Corredores de migração: Conceito e necessidade. *Boletim Goiano De Geografia*, 18 (1), 63–71. <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4291/3763>
- Malinowski, B. (1913). *The Family among the Australian Aborigines: A Sociological Study. Monographs on Sociology: II*. University of Londo Press, Ltd., by Richard Clay & Sons.
- Malinowski, B. (1945). *The Dynamics of Culture Change: An Inquiry into race relations in Africa*. Yale University Press.
- Malinowski, B. (1948). *Libertad y Civilacion*. Editorial Claridad, S. A. (Publicado originalmente em 1947)
- Malinowski, B. (1948). *Magic, Science and Religion and Other Essays*. The Free Press.
- Malinowski, B. (1966a). *Soil-tilling and Agricultural Rites in the Trobriand Islands*. (2nd ed.). *Coral Gardens and Their Magic: I*. George Allen & Unwin Ltd. (Publicado originalmente em 1935)
- Malinowski, B. (1966b). *The language of magic and gardening*. (2nd ed.). *Coral Gardens and Their Magic: II*. George Allen & Unwin Ltd. (Publicado originalmente em 1935)
- Malinowski, B. (1970). *Uma teoria científicada cultura* (J. Auto, Trans.). (2nd ed.). *Bibliografia de Ciências Sociais*. Zahar. (Publicado originalmente em 1944)
- Malinowski, B. (1973). *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* (F. M. Guimarães, Trans.). *Coleção Antropologia: Vol. 6*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1927)
- Malinowski, B. (1975). *La vida sexual de los selvagens del Noroeste de la Melanesia* (R. Baeza, Trans.). (3rd ed.). Ediciones Morata. (Publicado originalmente em 1929)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Malinowski, B. (1977). *El cultivo de la tierra y los ritos agrícolas en las isla Trobriand: Los jardines de coral y su magia (Primera parte)* (A. Desmouts, Trans.). *Monografías*. Labor Universitária. (Publicado originalmente em 1935)
- Malinowski, B. (1997). *Um diário no sentido estrito do termo* (C. C. Flack, Trans.). Record. (Publicado originalmente em 1966)
- Malinowski, B. (2011). *Myth in primitive psychology*. Read Books Ltd. (Publicado originalmente em 1926)
- Malinowski, B. (2015). *Crime e costume na sociedade selvagem* (Sobrinho, Noéli Correia de Melo, Trans.). *Coleção Antropologia*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1926)
- Malinowski, B. (2015). *Freedom and civilization*. Taylor & Francis Group. (Publicado originalmente em 1947)
- Malinowski, B. (2020). *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* (A. P. Carr & L. Cardieri, Trans.). (1ª Ed., 2ª Reimp.). Ubu Editora. (Publicado originalmente em 1922)
- Malinowski, B. (2020). *Trois essais sur la vie social des primitifs* (S. Jankélévitch, Trans.). *Collection Petite Bibliothèque Payot: Vol. 413*. Editions Payot & Rivages. (Publicado originalmente em 1920)
- Malta, F. (2011). A anomalia da anomalia: Os refugiados ambientais como problemática teórica, metodológica e prática. *Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 19 (36), 163–178. www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042013009
- Marconi, M. d. A., & Presotto, Z. M. N. (2009). *Antropologia: Uma introdução*. (7ª ed., 2ª reimp.). Atlas. (Publicado originalmente em 1985)
- Marques, J. C. L. (2008). *Os Portugueses na Suíça: Migrantes Europeus*. ICS: Imprensa de Ciências Sociais.
- Marques, J. C. L. (2009). «E continuam a partir»: as migrações portuguesas contemporâneas. *Ler História* (56), 27–44. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1936>
- Marr, A. (2015). *Uma História do Mundo* (B. Vargas, Trans.). (1º Ed. Digital). Editora Intrínseca LTDA. (Publicado originalmente em 2012)
- Martinez, M. B. (2015). Cosmopolitismo, hospitalidade e transnacionalismo. *Perspectiva Filosófica*, 42 (2), 58–69. <https://x.gd/yUdFt>
- Martínez-Sanz, J. M., Urdampilleta, A. O., Guerrero, J., & Barrios, V. (2011). El somatotipo-morfología en los deportistas. ¿Cómo se calcula? ¿Cuáles son las referencias internacionales para comparar con nuestros deportistas? *Lecturas: Educación Física Y Deportes*, XVI (159), 1–17. <https://x.gd/DncIz>
- Martins, J. d. S. (1988). *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. (2nd ed.). Vozes.
- Martins, J. d. S. (2013). O artesanato intelectual na sociologia. *RBS: Revista Brasileira De Sociologia*, 1 (2), 13–48. <https://doi.org/10.20336/rbs.41>
- Martins, J. d. S. (2021). *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. (2. ed., 4ª reimp.). Contexto. (Publicado originalmente em 1997)
- Martorelli, M. (2020). Refugiados ambientais e os desafios do direito internacional. *Migalhas*, 2020, Em linha. <https://shre.ink/afIJ>
- Maturana, H. R. (2002). *Emoções e Linguagem na Educação e na Política* (J. F. C. Fortes, Trans.). (1ª ed., 3ª reimp.). Editora UFMG. (Publicado originalmente em 1990)
- Mead, G. H. [1863-1931] (Morris, Charles W.[Edição e introdução]. (1972). *Mind, Self, and Society: From the standpoint of a social behaviorist*. The University of Chicago Press. (Publicado originalmente em 1934)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Medeiros, F. B. d. S. (2018). *Economia do Agronegócio*. Editora e Distribuidora Educacional S.A.
- Medeiros, P. D. de, & Fontes, P. V. (2021). Medo: o novo mal-estar da humanidade. *Griot : Revista De Filosofia*, 21 (2), 191–198. <https://doi.org/10.31977/grirfi.v21i2.2384>
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista de Educação*, 2 (2), 49–65. <https://doi.org/10.34620/eduser.v2i2.24>
- Mello, M. P. de. (2015). Formalismo e Generalização nas sociologias do estrangeiro de Simmel e Schutz. *Passagens: Revista Internacional De História Política E Cultura Jurídica*, 7 (3), 433–455. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-20157306>
- Mendes, J. M. O. (2001). O desafio das identidades. In B. d. S. Santos (Ed.), *A Sociedade Portuguesa Perante os Desafios da Globalização: Vol. 1. Globalização: Fatalidade ou Utopia?* (pp. 489–524). Edições Afrontamento.
- Mills, C. W. (1940). Situated Actions and Vocabularies of Motive. *American Sociological Review*, 5 (6), 904. <https://doi.org/10.2307/2084524>
- Mills, C. W. (1982). *A imaginação Sociológica* (W. Dutra, Trans.). (6th ed.). *Biblioteca de Ciências Sociais*. Zahar Editores. (Publicado originalmente em 1959)
- Mills, C. W. (2009). Sobre o artesanato intelectual (M. L. X. d. A. Borges, Trans.) [On Intellectual Craftmanship]. In C. Castro (Ed.), *Nova Biblioteca de Ciências Sociais. Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios* (pp. 21–58). Zahar. (Publicado originalmente em 1959)
- Miranda, A. P. M. de. (2011). “O Portugal que é tudo em si”: Experiências de estranhamento e compreensão da brasilidade e da lusofonia. *Antropolítica*, 31 (2), 187–197. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2011.0i31.a95>
- Mlodinow, L. (2015). *De Primatas a Astronautas: A Jornada do Homem em Busca do Conhecimento* (C. Carina, Trans.). (Edição digital). Jorge Zahar Editor Ltda.
- Mont’Alverne, T. C. F., & Matos, A. C. B. P. (2012). Refugiados ambientais e tutela jurídica internacional: algumas considerações. *Revista De Direito Internacional*, 9 (3), 45–55. <https://doi.org/10.5102/rdi.v9i3.1885>
- Moraes, A. C. R. (2002). *Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil. Série Linha de Frente: Vol. 4*. Editora Hucitec.
- Moreira, J. B., & Borba, J. H. O. M. de. (2021). Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma revisão conceitual no campo das migrações. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 38, 1–20. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0137>
- Morgan, D. L. (1993). Qualitative Content Analysis: A Guide to Paths not Taken. *Qualitative Health Research*, 3 (1), 112–121. <https://doi.org/10.1177/104973239300300107>
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência* (M. D. Alexandre & M. A. S. Dória, Trans.). (8th ed.). Bertrand Brasil. (Publicado originalmente em 1982)
- Morland, P. (2019). *A maré humana: A fantástica história das mudanças demográficas e migrações que fizeram nações, continentes e impérios* (M. L. X. d. A. Borges, Trans.). (1st ed.). Zahar. (Publicado originalmente em 2019)
- Morris, D. (1975). *O macaco nu* (H. Neves, Trans.). (Edição integral). Círculo do Livro. (Publicado originalmente em 1967)
- Morrison, T. (1993). *Migração animal* (M. P. B. d. M. Charlier, Trans.). (2nd ed.). *Prisma: o conhecimento em cores: Vol. 35*. Edições Melhoramentos. (Publicado originalmente em 1973)
- Morrissey, J. (2009). *Environmental Change and Forced Migration: A State of the Art Review* [Background Paper]. University of Oxford, Oxford. <https://x.gd/EmEp9>
- Mortreux, C., & Barnett, J. (2009). Climate change, migration and adaptation in Funafuti, Tuvalu. *Global Environmental Change*, 19 (1), 105–112. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2008.09.006>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Munck, J. de, & Zimmermann, B. (2008). *La liberté au prisme des capacités: Amartya Sen au-delà du libéralisme. Raisons pratiques*. Ecole des hautes études en sciences sociales.
- Myers, N. (2005). Environmental Refugees: An Emergent Security Issue. In Organization for Security and Co-operation in Europe (Ed.), *13th Economic Forum: Demographic Trends, Migration and Integrating Persons belonging to National Minorities* (pp. 1–5). OSCE. <https://www.osce.org/eea/14851>
- Nascimento, D. A. do (Heckler, Gabriela). (2021). *Deslocados Ambientais: desafios para a construção de uma identidade adequada* [Monografia]. Unidade de Ensino Superior Dom Bosco, São Luís/MA. <https://x.gd/RD41n>
- Naves Corrêa, M. F. (Cazelli, Sibeles). (2010). *Encantamento e estranhamento: Como moradores e não moradores de Belo Horizonte Experimentam o Museu de Artes e Ofícios* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. <https://shre.ink/afaZ>
- Neto, C. P. (2019). Dos determinantes tradicionais da migração aos impulsionados pela modernidade líquida nas perspectivas de Alice no País das Maravilhas e de Vidas Secas. *Revista De Estudos Geoeducacionais*, 10 (21), 1–11. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v10i21.733>
- Nietzsche, F. W. (2008). *A Gaia Ciência* (A. C. Braga, Trans.). (2nd ed.). *Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal: Vol. 45*. Editora Escala. (Publicado originalmente em 1882)
- Noguero, F. T. (2013). La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*, 10 (2), 161–212. <https://shre.ink/afaS>
- Nolasco, C. (2016). Migrações internacionais: Conceitos, tipologias e teorias. *Oficina Do CES* (434), 1–32. <https://shre.ink/afa3>
- Ojima, R., & Nascimento, T. T. do (2008). Meio Ambiente, Migração e Refugiados Ambientais: Novos Debates, Antigos Desafios. In Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ambiente e Sociedade (Ed.), *IV Encontro Nacional da ANPPAS* (pp. 1–12). ANPPAS. <https://shre.ink/afNU>
- Oliveira, C. R., Peixoto, J. A. d. R., & Góis, P. (2017). A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 34 (1), 73–98. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0016>
- Oliveira, I. T. de, Candeias, P., Peixoto, J. A. d. R., Azevedo, J., & Malheiros, J. d. S. M. (2016). Regresso e circulação de emigrantes portugueses no início do século XXI. *Sociologia, Problemas E Práticas*, 2016 (81), 11–35. <https://doi.org/10.7458/spp2016817155>
- Oliver-Smith, A. (2004). Theorizing Vulnerability in a Globalized World: A Political Ecological Perspective. In G. Bankoff, G. Frerks, & T. Hilhorst (Eds.), *Mapping vulnerability: Disasters, development, and people* (pp. 10–24). Earthscan Publications.
- Padilla, B. (2005a). Integration of Brazilian immigrants in Portuguese Society. In *SOCIUS Working Papers*, pp. 1–19.
- Padilla, B. (2005b). Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: ¿solidariedad étnica o empatía étnica?. In *SOCIUS Working Papers*, pp. 1–16.
- Padilla, B. (2007a). Acordos bilaterais e legalização: O impacto na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 217–226). Observatório da Imigração. <https://x.gd/iLss7>
- Padilla, B. (2007b). A imigrante brasileira em Portugal: Considerando o género na análise. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 113–134). Observatório da Imigração. <https://shre.ink/awYu>
- Pais, J. M. (2016). *Nos rastros da solidão: Deambulações sociológicas*. (3º ed.). Edições Machado. (Publicado originalmente em 2006)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Paiva, O. d. C. (2011). Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. *Revista Dell'istituto Di Storia Dell'europa Mediterranea* (6), 687–704. <https://rime.cnr.it/index.php/rime/article/view/296>
- Pajares, M. (Carballo, CeciliaPrólogo). (2020). *Refugiados climáticos: Un gran reto del siglo XXI* [Un atlas sobre los impactos y las migraciones de la crisis ecológica. Una propuesta sobre la urgencia de cambiar las políticas globales] [EPUB. Rayo Verde Editorial. <https://play.google.com/books/reader?id=AWEJEAAAQBAJ&pg=GBS.PT1&hl=ar>
- Palavro, B. (2020). Pandora hesiódica. *Nau Literária*, 16 (2), 22–52. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.105768>
- Papademetriou, D. G. (2008). Gerir melhor as migrações internacionais: Princípios e perspectivas para maximizar os benefícios das migrações. In D. G. Papademetriou (Ed.), *A Europa e os seus imigrantes no século XXI* (XIII - LXVIII). Migration Policy Institute; Fundação Luso-Americana.
- Papadopoulos, D., Stephenson, N., & Tsianos, V. (2008). *Escape routes: Control and subversion in the 21st century*. Pluto Press.
- Park, R. E. (1915). The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. *American Journal of Sociology*, 20 (5), 577–612. <https://doi.org/10.1086/212433>
- Park, R. E. (1922). *The immigrant press and its control*. *Americanization Studies*. Harper & Brothers Publishers.
- Park, R. E. (1927). Human Nature and Collective Behavior. *American Journal of Sociology*, 32 (5), 733–741. <https://www.jstor.org/stable/2765648>
- Park, R. E., & Burgess, E. W. (1922). *Introduction to the Science of Sociology*. (1ª ed., 3ª reimp.). The University of Chicago Press.
- Patrício, G. (Peixoto, João Alfredo dos Reis; Raimundo, Inês). (2015). *A migração internacional e o processo de desenvolvimento na região norte de Moçambique: estudo de caso da província de Nampula* (10400.5/10596) [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa, Lisboa. <https://x.gd/r76j8>
- Patrício, G., & Peixoto, J. A. d. R. (2018). Migração forçada na África Subsaariana: alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique. *Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 26 (54), 11–30. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005402>
- Pattaroni, L. (2016). La trame sociologique de l'espace. *SociologieS*. Advance online publication. <https://doi.org/10.4000/sociologies.5435>
- Pêcheux, M. (2001). A Análise de Discurso: Três Épocas. In F. Gadet & T. Hak (Eds.), *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 311–319). Editora Unicamp.
- Pêcheux, M. (2006). *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (E. P. Orlandi, Trans.). (4th ed.). Pontes Editores. (Publicado originalmente em 1988)
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20 (42), 377–391. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>
- Peixoto, J. A. d. R. (Ferrão, João). (1998). *As migrações dos quadros altamente qualificados em Portugal: Fluxos Migratórios Inter-Regionais e Internacionais e Mobilidade Intra-Organizacional* (10400.5/11189) [Tese de Doutoramento]. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/11189>
- Peixoto, J. A. d. R. (2002). Migrações internacionais e globalizações: mobilidade, mercado de trabalho e relações sociais. In I. Scherer-Warren & J. M. C. Ferreira (Eds.), *Transformações Sociais e Dilemas da Globalização: um diálogo Brasil/Portugal* (pp. 47–68). Cortez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Peixoto, J. A. d. R. (2004). *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*. Lisboa, Portugal. Instituto Superior de Economia e Gestão. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2037>
- Peixoto, J. A. d. R. (2007a). Dinâmicas e regimes migratórios: O caso das migrações internacionais em Portugal. *Análise Social*, 42 (183), 445–469. <https://doi.org/10.2307/41012485>
- Peixoto, J. A. d. R. (2007b). Flexibilidade e mercado de trabalho em Portugal. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 87–112). Observatório da Imigração. <https://shre.ink/awYu>
- Peixoto, J. A. d. R. (2019). Da era das migrações ao declínio das migrações? A transição para a mobilidade revisitada. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 27 (57), 141–158. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005709>
- Peixoto, J. A. d. R., Candeias, P., Ferreira, B., Oliveira, I. T. de, Azevedo, J., Marques, J. C. L., Góis, P., Malheiros, J. d. S. M., Madeira, P. M., Schiltz, A., Ferro, A., & Santana, E. (2019). *IMISCOE Research Series. New and Old Routes of Portuguese Emigration*. (C. Pereira, & J. Azevedo, Eds.). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-15134-8>
- Peixoto, J. A. d. R., Soares, A. G., Costa, P. M., Pereira, S., & Sabino, C. (Eds.). (2005). *Observatório da Imigração: Vol. 12. O tráfico de migrantes em Portugal: Perspectivas sociológicas, Jurídicas e Políticas*. ACIME. <https://x.gd/LDT2E>
- Pentinat, S. B. (2021). *Fluxos migratorios y refugiados climáticos. Serie European Climate Law Papers: Documento 5/2021*. Universidad Nacional de Educación a Distancia. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3922695>
- Pereira, Â. M., & Farias, A. A. N. de. (2016). Um estrangeiro de mim mesmo: a identidade fragmentada em Berkeley em Bellagio de João Gilberto Noll. *Revista Criação & Crítica* (17), 105–118. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i17p105-118>
- Peterson, R. W. (1988). Majestic wanderers-caribou. *The National Geographic Magazine*, 174 (6), 849–871. <https://shre.ink/afm7>
- Platão. (2008). *A república* (P. Nassetti, Trans.). (2ª Ed., 5ª Reimp.). *A obra-prima de cada autor: Vol. 36*. Martin Claret. (Publicado originalmente em c. 370 a.C.)
- Platão. (2011). *Apologia de Sócrates* (M. L. de Moura, Trans.). (Ed. especial). *Saraiva de bolso*. Nova Fronteira. (Publicado originalmente em c. 399 a.C.)
- Platão. (2019). O Sofista (C. A. Nunes, M. L. de Souza & A. M. Santos, Trans.) [Σοφιστής]. In *As grandes Obras* (194-241). Mimética. (Publicado originalmente em c. 370 a.C.)
- Project Management Institute. (2017). *Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK)*. (6th ed.). *Guia PMBOK*. Project Management Institute, Inc.
- Pucci, P. (1977). *Hesiod and the language of poetry*. The Johns Hopkins University Press.
- Rabossi, F. (2015). Desconfianças, entendimentos e preconceitos: algumas reflexões do outro lado da fronteira. *Antropolítica*, 39 (2), 284–303. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2015.0i39.a398>
- Ramos, A. d. C. (2011). Asilo e Refúgio: Semelhanças, diferenças e perspectivas. In A. d. C. Ramos, G. Rodrigues, & G. A. de Almeida (Eds.), *60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro* (pp. 15–44). Editora CL-A Cultural.
- Ramos, A. d. C., & Leite, L. (2021). Devido Processo Legal como Garantia Essencial ao Direito dos Refugiados. In A. d. C. Ramos, G. M. A. Rodrigues, & G. A. de Almeida (Eds.), *70 anos da Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados: 1951-2021) perspectivas de futuro* (pp. 38–68). ACNUR Brasil.
- Ramos, É. P. (Amaral, Alberto do Júnior). (2011). *Refugiados Ambientais: Em Busca de Reconhecimento pelo Direito Internacional* [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. <https://x.gd/PVTJU>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Raposo, O. R. (2005). Sociabilidades juvenis em contexto urbano: Um olhar sobre alguns jovens do Bairro Alto da Cova da Moura. *Forum Sociológico* (13/14), 151–170. <http://hdl.handle.net/10071/24624>
- Reinheimer, P. (2010). Como viver juntos: o nacionalismo e as artes plásticas no segundo pós-guerra. In A. P. Ferreira, C. B. Vainer, H. Póvoa Neto, & M. d. O. Santos (Eds.), *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções* (pp. 53–68). Garamond.
- Resende, J. M. (2017). Hoje a folha de Excel é que manda? As outras faces das desigualdades. In Setton, Maria da graça Jacintho, L. L. Torres, E. E. Gomes, T. Seabra, F. Jardim, B. Dionísio, & M. C. Corrochano (Eds.), *Mérito, desigualdades e diferenças: cenários de (in)justiça escolar no Brasil e em Portugal* (pp. 12–28). Editora Universidade Federal de Alfenas.
- Resende, J. M. (2019). As provas da hospitalidade nas escolas do Ensino Secundário em Portugal. In P. Esteves & P. Teixeira (Eds.), *Escola justa: Diversidades, Desafios e Possibilidades* (pp. 64–102). Brazil Publishing. <https://x.gd/dXKIi>
- Resende, J. M. (2021). Travessar as travessas sinuosas e indeterminadas em mundos agitados: indeterminadas em mundos agitados outras demandas à volta do agir humano. *Terceiro Milênio: Revista Crítica De Sociologia E Política*, 17 (2), 7–17. <https://x.gd/GuSml>
- Resende, J. M., & Carvalho, J. M. (2021a). O bulício provocador: forma desajeitada de demanda de consideração? *Análise Social, LVI* (3º) (240), Article n240a06, 548–570. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2021240.06>
- Resende, J. M., & Carvalho, J. M. (2021b). Os filhos de um deus menor: de arisco à chegada à acolhida pela philia. *Revista Vértices*, 23 (3), 615–634. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v23n32021p615-634>
- Resende, J. M., & Dionísio, B. (2016). Itinerários à luz da Sociologia Pragmática : o que os lugares comuns trazem à comunalidade escolar. *Terceiro Milênio: Revista Crítica De Sociologia E Política*, 6 (1), 198–235. <https://shre.ink/afJa>
- Resende, J. M., & Gouveia, L. C. P. (2013). As artes de fazer o comum nos estabelecimentos de ensino: outras aberturas sociológicas sobre os mundos escolares. *Forum Sociológico* (23), 1–16. <https://doi.org/10.4000/sociologico.853>
- Resende, J. M., Gouveia, L. C. P., & Beirante, D. A. A. P. (2019). Está o governo da escola sob o comando da norma padronizada? Quando a crítica mordaz curto-circuita as ordens de grandeza das formas de governação. *Sociologia Online* (21), 11–35. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2019.21.1>
- Resende, J. M., Gouveia, L. C. P., Beirante, D., & Souza, L. F. de. (2021). Compor o reconhecimento: explorar laços com os outros na escola. *Educação E Pesquisa*, 47, Article e238697, 1–20. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202147238697>
- Resende, J. M., & Souza, L. F. de. (2019a). “As flores do mal”: A experiência da denegação do outro generalizado na internet. *Estudos De Sociologia*, 2 (25), 213–235. <https://doi.org/10.51359/2317-5427.2019.244031>
- Resende, J. M., & Souza, L. F. de. (2019b). Pelas portas de vidro da internet: As examinações (in)comensuráveis da figura do estrangeiro. *Desenvolvimento E Sociedade*, 6, 95–108. <http://hdl.handle.net/10174/26993>
- Ricoeur, P. (1995). *O justo: ou a essência da justiça* (V. Casimiro, Trans.). (1st ed.). *Coleção Pensamento e Filosofia*. Instituto Piaget. (Publicado originalmente em 1995)
- Ricoeur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento* (N. N. Campanário, Trans.). Edições Loyola. (Publicado originalmente em 2004)
- Ricoeur, P. (2014). *O si-mesmo como outro* (I. C. Benedetti, Trans.). (1st ed.). WMF Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1990)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Rocha, G. (2001). Etnopoética do olhar. *Sociedade E Cultura*, 4 (1), 145–163. <https://doi.org/10.5216/sec.v4i1.2229>
- Roldao, C., & Machado, F. L. (2005). Imigrantes Idosos em Portugal: Migrações, Etnicidade e Racismo. In *VII Congresso Português de Sociologia* (pp. 1–20). Associação Portuguesa de Sociologia. <https://x.gd/61qE3>
- Rosaneli, C. F., Brotto, A. M., Pieri, L. G., & Fischer, M. L. (2021). E o mar virou sertão? As vulnerabilidades da seca nas metrópolis. *DRd - Desenvolvimento Regional Em Debate*, 11, 250–274. <https://doi.org/10.24302/drd.v11.3436>
- Rossi, P. L. (2007). Remessas de imigrantes: Estudo de caso de brasileiros em Portugal. In J. d. S. M. Malheiros (Ed.), *Comunidades: Vol. 1. A Imigração Brasileira em Portugal* (pp. 135–154). Observatório da Imigração. <https://x.gd/iox8P>
- Ruscheinsky, A., & Tulbure, C. (2017). Expectativas nas fronteiras entre Oriente e Europa: a tragédia política e as formas de solidariedades aos refugiados. *Anais dos Encontros da ANPOCS*, 1–23.
- Saavedra, M. S. (Almeida, Pedro Jorge; Duarte, Frederico André da Silva). (2022). *Ocupar, Construir, Habitar: Um projeto contra-cartográfico sobre o Bairro 6 de Maio* [Trabalho de Projeto de Mestrado]. Universidade de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/53432>
- Sales, A. G., & Oliveira, R. M. F. de. (2019). Proteção Internacional aos Refugiados Ambientais. *Revista De Direitos Humanos Em Perspectiva*, 5 (2), 18–34. <https://x.gd/DbWyg>
- Sampaio, L. V. (2016). Jean-Paul Sartre e a "Explicação de O Estrangeiro" de Albert Camus. *Lampejo – Revista Eletrônica De Filosofia E Cultura* (9), 123–134. <https://x.gd/nEmoL>
- Sampaio, L. G. G. (Anjos, Priscila Caneparo dos). (2021). *Refugiados ambientais e mudanças climáticas* [Monografia de bacharelado]. Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), Curitiba/PR. <https://x.gd/OeJgg>
- Santinho, M. C. (2009). Reconstruindo memórias: jovens refugiados em Portugal. *Saúde E Sociedade*, 18 (4), 582–589. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400003>
- Santinho, M. C. (2016). *Refugiados E Requerentes De Asilo Em Portugal: Contornos Políticos No Campo Da Saúde*. (Alto-Comissariado Para As Migrações, Ed.). CMVA print.
- Santo, A. L. d. E., & Andion, C. (2020). Imigração e cidades: uma cartografia da arena pública de apoio aos imigrantes e refugiados em Florianópolis. *Interações (Campo Grande)*, 21 (4), 781–799. <https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.2717>
- Santos, C. J. S. e., & Viegas, M. E. F. d. S. (2021). Refugiados Ambientais Urbanos: O desaparecimento dos bairros Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto - Maceió/AL. In E. M. R. de Castro & S. R. Alves (Eds.), *3º Seminário Internacional América Latina: Democracia, Natureza e Epistemologias para pensar o amanhã*. *Anais* (pp. 2044–2061). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). <https://shre.ink/afCn>
- Santos, M. (2008). *Espaço e método*. (5ª ed., 4ª reimp.). *Coleção Milton Santos: v. 12*. EDUSP. (Publicado originalmente em 1985)
- Santos, M. A. dos. (1986). *O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo* (S. Lencioni, Trans.). (2nd ed.). Editora Hucitec. (Publicado originalmente em 1971)
- Santos, M. A. dos. (2004a). *Por uma nova Geografia: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. (6th ed.). *Coleção Milton Santos: Vol. 2*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. A. dos. (2004b). *O Espaço Dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos* (M. T. R. Viana, Trans.). (2nd ed.). *Coleção Milton Santos: Vol. 4*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. A. dos. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. (4ª ed., 2ª reimp.). *Coleção Milton Santos: Vol. 1*. Editora da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Santos, M. A. dos (Elias, Denise). (2021). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. (6ª ed., 3ª reimp.). *Coleção Milton Santos: Vol. 10*. Editora da Universidade de São Paulo. (Publicado originalmente em 1998)
- Santos, M. d. O. (2010). Os "novos estrangeiros". In A. P. Ferreira, C. B. Vainer, H. Póvoa Neto, & M. d. O. Santos (Eds.), *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções* (pp. 207–208). Garamond.
- Santos Peixoto, M. D. (2018). Aquele que vem de fora: Conflitos e contradições. *Novos Olhares Sociais*, 1 (1), 213–239. <https://shre.ink/afNo>
- Saraiva, A. J. (1964). *A Inquisição Portuguesa*. (3rd ed.).
- Sartre, J. (1947). *Situations, 1*. (Tomo 1). Editions Gallimard.
- Sayad, A. (Bourdieu, Pierre [Prefácio]). (1998). *A imigração: Ou os paradoxos da alteridade* (C. Muracheo, Trans.). Editora da Universidade de São Paulo. (Publicado originalmente em 1991)
- Schappo, S. (2004). Migrantes-nômades: chegar, partir ou ficar? *Revista De Ciências Humanas*, 35, 225–240. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Schopenhauer, A. (2015). *O mundo como vontade e como representação: Primeiro Tomo* [Quatro livros, seguidos de um apêndice que contém, a crítica da filosofia kantiana](J. Barboza, Trans.). (2nd ed., Tomo I). Editora Unesp. (Publicado originalmente em 1819)
- Schopenhauer, A. (2019). *Sobre a quadríplice raiz do princípio da razão suficiente: Uma dissertação filosófica* (O. Giacoia, Junior & G. V. Silva, Trans.). *Coleção Fausto Castilho de filosofia. Série Multilíngues*. Editora Unicamp. (Publicado originalmente em 1813)
- Schütz, A. (2010). O estrangeiro - Um ensaio em psicologia social (M. Duarte & M. Hanke, Trans.) [The Stranger]. *Revista Espaço Acadêmico*, 10 (113), 117–129. <https://x.gd/vw9mW> (Publicado originalmente em 1944)
- Segers, M.-J. (2009). *De l'exil à l'errance. Psychanalyse et clinique*. Erès.
- Serrão, J. (1970). Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise Social*, 8 (32), 597–617. <https://www.jstor.org/stable/41008046>
- Silva, G. V. Da, & Mendes, N. M. (Eds.). (2006). *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. EDUFES. <https://shre.ink/afC7>
- Silva, J. C. L., & Rei, F. (2013). Invisíveis: A rejeição ao Estatuto do Refugiado Ambiental. *Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos*, 39 (107-9), 105–121.
- Silva, M. B. da. (1995). *Rosto e alteridade: pressupostos da ética comunitária. Nova coleção ética*. Paulus.
- Simmel, G. (1967). A metrópole e a vida mental (K. H. Wolff, Trans.) [The Metropolis and Mental Life]. In O. G. Velho (Ed.), *O fenômeno urbano* (pp. 10–24). Zahar. (Publicado originalmente em 1903)
- Simmel, G. (1996). A ponte e a porta (S. C. Maldonato, Trans.) [Brücke und Tür]. *Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 12, 10–14. <https://x.gd/ZxINe> (Publicado originalmente em 1909)
- Simmel, G. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito (1903) (L. Waizbort, Trans.) [Die Großstädte und das Geistesleben]. *Mana*, 11 (2), 577–591. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010> (Publicado originalmente em 1903)
- Simmel, G. (2005). O estrangeiro (M. G. P. Koury, Trans.) [Exkurs über den Fremden]. *Revista Brasileira De Sociologia Da Emoção*, 4 (12), 265–271. (Publicado originalmente em 1908)
- Simmel, G. (2013). Sociologia do espaço (R. Domschke & F. Frehse, Trans.) [Soziologie des Raunes]. *Estudos Avançados*, 27 (79), 75–112. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300007> (Publicado originalmente em 1903)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Simplicio, M. D. V. M. (2003). Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval. *Revista Da Faculdade De Letras: Geografia*, XIX, 365–372. <https://x.gd/D4oGY>
- Siqueira, E. D. de. (2006). Para uma etnografia do cartão-postal: destaque para a garota carioca. *Teoria E Cultura*, 1 (2), 129–147. <https://x.gd/gjgAc>
- Siqueira, E. D. de (2007). O turista, o estrangeiro e o viajante: Notas para uma sociologia do turismo e da viagem. In *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom* (pp. 1–15). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. <https://x.gd/jQAQf>
- Sommerman, A. (2011). Complexidade e Transdisciplinaridade. *Revista Terceiro Incluído: Transdisciplinaridade E Temas Contemporâneos*, 1 (1), 77–89. <https://doi.org/10.5216/teri.v1i1.14390>
- Sousa Pereira, A. de. (2000). *Geraldo sem pavor: Um guerreiro de fronteira entre cristãos e muçulmanos c. 1162 - 1176*. Fronteira do Caos.
- Souza, L. F. de (Cardoso, Manoel Santana). (2017). *O aborto da lei: Um estudo comparativo da questão do biopoder no Brasil e no Uruguai* [Dissertação de Mestrado]. Centro Universitário Euro-americano (UNIEURO), Brasília. <https://doi.org/10.29327/423850>
- Souza, L. F. de. (2019). Gestão da informação e do conhecimento: dicas para a pesquisa acadêmica. *Revista Interdisciplinar*, 12 (3), 79–87. <https://abrir.link/dat8u>
- Souza, L. F. de. (2021). A invisibilidade do ser: a banalização da violência no "maldito mundo moderno". In J. B. Rodrigues & V. Fonseca (Eds.), *Sociologia da Violência* (pp. 197–214). EDITORA CRV. <https://doi.org/10.24824/978652510815.5>
- Stavo-Debaugé, J. (2003). L'indifférence du passant qui se meut, les ancrages du résident qui s'émeut. In D. Cefaï & D. Pasquier (Eds.), *Les sens du public: publics politiques et médiatiques* (pp. 347–371). PUF.
- Stavo-Debaugé, J. (2010). Dé-figurer la communauté ? In L. Kaufmann & D. Trom (Eds.), *Raisons pratiques. Qu'est-ce qu'un collectif ? Du commun à la politique* (pp. 137–171). Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales. <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.11538>
- Stavo-Debaugé, J. (2012). La sociologie dite « pragmatique » et la philosophie pragmatiste, une rencontre tardive Joan. In *Pourquoi le pragmatisme? L'intérêt du pragmatisme pour les sciences humaines et sociales* (pp. 15–18). Ateliers Villa Vigoni. <https://x.gd/SeDNI>
- Stavo-Debaugé, J. (2013). Entre bienfaits de la moindre appartenance et solution de l'exit: L'étranger de Simmel à la lutte avec la reconnaissance. In F. Estelle (Ed.), *Diagnostics. Qu'est-ce que Lutter pour la reconnaissance?* (pp. 134–165). Editions Le Bord de l'eau.
- Stavo-Debaugé, J. (2015). De *The Stranger* d'Alfred Schütz au cas Agnès d'Harold Garfinkel: Des théories sociales étrangères à l'hospitalité et au pragmatisme? *SociologieS*. <http://sociologies.revues.org/4955>
- Stavo-Debaugé, J. (2017a). Hospitalité et ville inclusive. In Metrolab Brussels (Ed.), *In/Out : Designing Urban Inclusion* (pp. 1–8). Metrolab Brussels. <https://x.gd/rcRMj>
- Stavo-Debaugé, J. (2017b). Les qualités de l'hospitalité et l'idée de «ville inclusive». In *In/Out : Designing Urban Inclusion*. Metrolab Brussels. <https://x.gd/QDeHg>
- Stavo-Debaugé, J. (2017c). *Qu'est-ce que l'hospitalité? Recevoir l'étranger à la communauté*. Éditions Liber.
- Stavo-Debaugé, J. (2018). L'oubli de ce dont c'est le cas: Critique, circonstances et limites de l'hospitalité selon Derrida. *SociologieS*, 0–25. <https://doi.org/10.4000/sociologies.6796>
- Stavo-Debaugé, J. (2019). Pourquoi le 'don' de Derrida ne résiste pas à l'épreuve de l'hospitalité. *Revue Du Mauss*, 53, 217–234. <https://x.gd/GRSuE>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Stavo-Debaugue, J. (2020). De quoi (et pour qui) l'hospitalité est-elle une qualité ? In S. Bourgault, S. Cloutier, & S. Gaudet (Eds.), *Société, Culture, Histoire: Vol. 21. Éthiques de l'hospitalité, du don et du care: Actualité, regards croisés* (pp. 87–108). Les Presses de l'Université d'Ottawa. <https://doi.org/10.2307/j.ctv15d7xpz.7>
- Tavares, B. (2010). Arte de ver e de dizer. In J. C. de Melo Neto (Ed.), *Morte e vida severina: e outros poemas* (7–10). Objetiva.
- Tavares, C. N. V., & Silva, A. H. L. da. (2015). Migração, mobilidade internacional, representações de língua portuguesa: Possíveis efeitos na subjetividade de estudantes intercambistas. *Polifonia*, 22 (31), 294–319. <https://x.gd/bEeCb>
- Téchio, K. (2006). Conhecimentos de alterne. In *SOCIUS Working Papers*, pp. 1–22.
- Thévenot, L. (2014). Voicing concern and difference: from public spaces to common-places. *European Journal of Cultural and Political Sociology*, 1 (1), 7–34. <https://doi.org/10.1080/23254823.2014.905749>
- Thévenot, L. (2016). *La acción en plural: una introducción a la sociología pragmática* (H. Pons, Trans.). *Sociología y política: Rumbos teóricos*. Siglo Veintiuno Editores. (Publicado originalmente em 2006)
- Thévenot, L. (2019). Reconhecimentos: com Paul Ricoeur e Axel Honneth. *Antropolítica* (44), 15–33. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2018.0i44.a613>
- Tonnellat, S. (2016). Espace public, urbanité et démocratie. *La Vie Des Idées*. <https://laviedesidees.fr/Espace-public-urbanite-et-democratie.html>
- Trom, D. (2001). Grammaire de la mobilisation et vocabulaires de motifs. In D. Cefaï & D. Trom (Eds.), *Raison pratiques: Vol. 12. Les formes de l'action collective* (pp. 99–134). Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales. <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.10888>
- Tully, R. B., Courtois, H., Hoffman, Y., & Pomarède, D. (2014). The Laniakea supercluster of galaxies. *Nature*, 513 (7516), 71–73. <https://doi.org/10.1038/nature13674>
- Uriarte, U. M. (2012). O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe: Revista Do Núcleo De Antropologia Urbana Da USP*, 11, 0–13. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.300>
- Van Gennep, A. (2013). *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* (M. Ferreira, Trans.). (4ª e.d., 6ª reimp.). *Coleção Antropologia: Vol. 11*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1909)
- Varikas, E. (2014). *A escória do mundo: Figuras do pária* (N. Fonseca & J. A. Peschanski, Trans.). Editora Unesp. (Publicado originalmente em 2007)
- Ventura, A. C. M., Guerra, S. C. S., & Monteiro, M. F. (2020). A luta pelo reconhecimento internacional do refugiado ambiental junto ao comitê de Direitos Humanos da ONU: o caso de Ioane Teitiota, de Kiribati. *NOMOS: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Direito Da UFC*, 40 (1), 153–169. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62250>
- Vettorassi, A., & Amorim, O. (2021). Refugiados ambientais: reflexões sobre o conceito e os desafios contemporâneos. *Revista De Estudos Sociais* (76), 24–40. <https://doi.org/10.7440/res76.2021.03>
- Vidal, D. (2003). A linguagem do respeito: a experiência brasileira e o sentido da cidadania nas democracias modernas. *Dados - Revista De Ciências Sociais*, 46 (2), 265–287. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582003000200003>
- Villa, M. A. (2017). *Quando eu vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo*. LeYa.
- Von der Weid, O. (2015). "A Urca é o paraíso dos cegos": mobilidade urbana, acesso à cidade e territorialização. *ILUMINURAS*, 16 (37), 65–96. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.53140>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Waldenfels, B. (2009). *Topographie de l'étranger. Études pour une phénoménologie de l'étranger*. Éditions Van Dieren.
- Weber, M. (Cohn, Gabriel Rev. e Prefácio). (2009). *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* (R. Barbosa & K. E. Barbosa, Trans.). (4ª Ed., 4ª Reimp., Vol. 2). Editora da Universidade de Brasília. (Publicado originalmente em 1922)
- Weber, M. (2011). A ciência como vocação (L. Hegenberg & O. S. da Mota, Trans.) [Wissenschaft als Beruf;]. In *Ciência e Política: duas vocações* (18th ed., pp. 12–46). Cultrix. (Publicado originalmente em 1919)
- Weber, M. (Cohn, Gabriel). (2015). *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* (R. Barbosa & K. E. Barbosa, Trans.). (4ª Ed., 2ª Reimp., Vol. 1). Editora Universidade de Brasília. (Publicado originalmente em 1922)
- Werneck, A. (2020). Sobre a tradução. In *Coleção Sociologia e Antropologia. A Justificação: Sobre as economias da grandeza* (pp. 9–15). Editora UFRJ.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade* (J. O. d. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Publicado originalmente em 1971)
- Woodward, K. (2020). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual (T. T. da Silva, Trans.) [Concepts of identity and difference]. In T. T. da Silva (Ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais* (15th ed., pp. 7–72). Vozes. (Publicado originalmente em 1997)
- Yin, R. K. (2003). *Applications of Case Study Research*. (2nd ed.). *Applied Social Research Methods Series: Vol. 34*. SAGE Publications, Inc. (Publicado originalmente em 1993)
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos* (A. Thorell, Trans.). (4th ed.). Bookman. (Publicado originalmente em 1994)
- Yin, R. K. (2014). *Case Study Research: Design and Methods*. (5th ed.). SAGE Publications, Inc. (Publicado originalmente em 1984)
- Yin, R. K. (2018). *Case study research and applications: Design and methods*. (6th ed.). SAGE Publications, Inc.
- Zamban, N., & Latta, C. Della. (2021). Os desastres ambientais e os refugiados ambientais: parâmetros para um desenvolvimento humano sustentável. *Cadernos Zygmunt Bauman, 11* (27), 247–261. <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/18072>
- Zarpelon, J. T. G., Alencastro, M. S. C., & Marchesini, O. E. (2010). Refugiados ambientais: Um desafio global. *Revista Tuiuti: Ciência E Cultura, 4* (44), 163–182. <https://x.gd/IR3WL>
- Zolberg, A. R., Suhrke, A., & Aguayo, S. (1989). *Escape from Violence: Conflict and the Refugee Crisis in the Developing World*. Oxford University Press.

VERBETES DE DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

- Acquaviva, M. C. (2011). *Dicionário Jurídico Acquaviva*. (5th ed.). Rideel.
- Albuquerque, J. L. C. (2017). Fronteira. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Eds.), *Dicionário Crítico de Migrações Internacionais* (pp. 340–345). Editora Universidade de Brasília.
- Campos, M. B. de [Marden Barbosa]. (2017). Migração. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Eds.), *Dicionário Crítico de Migrações Internacionais* (pp. 453–455). Editora Universidade de Brasília.
- Cavalli, A. (2016). Mobilidade Social. In N. Bobbio, N. Matteucci, & G. Pasquino (Eds.), *Dicionário de Política* (13th ed., pp. 762–765). Editora Universidade de Brasília.
- Dicionário Online de Português*. (2022a). Chegar. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/eF080>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dicionário Online de Português*. (2022b). Estrangeiro. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/KY9PJ>
- Dicionário Online de Português*. (2022c). Forasteiro. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/vgMyh>
- Dicionário Online de Português*. (2022d). Mobilizar. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/KqbBa>
- Dicionário Online de Português*. (2022e). Partir. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/NA0Ka>
- Dicionário Online de Português*. (2022f). Permanecer. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/7uOkG>
- Dicionário Online de Português*. (2022g). Relinquo. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/1tC5z>
- Dicionário Online de Português*. (2022h). Retornar. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/GqxDt>
- Dicionário Online de Português*. (2022i). Transitar. In D. Ribeiro, F. Neves, & C. S. Moreira (Eds.), *Dicionário Online de Português* (Em linha). 7Graus. <https://x.gd/N1sFx>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021a). Antolhos. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/PVMZm>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021b). Chegar. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/WqddS>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021c). Ectomorfia. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/NR24B>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021d). Estrangeiro. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/O5cmM>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021e). Intercontinental. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/SZvWG>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021f). Intracontinental. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/dFONy>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021g). Migrante. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/DzRbf>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021h). Mobilizar. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/soCAw>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021i). Partir. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/XTwYQ>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021j). Permanecer. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/gRFuH>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021k). Retornar. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/hVWfq>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021l). Transitar. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/pHoUX>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2021m). Zoogeografia. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)* (Em linha). Priberam Informática, S.A. <https://x.gd/LOlyf>
- Encyclopaedia Britannica*. (2021a). Chinese Pidgin English. In The Editors of *Encyclopaedia Britannica* (Ed.), *Encyclopaedia Britannica* (Em linha). Britannica Group. <https://www.britannica.com/topic/Chinese-Pidgin-English>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Encyclopaedia Britannica*. (2021b). Melanesian pidgins. In The Editors of *Encyclopaedia Britannica* (Ed.), *Encyclopaedia Britannica* (Em linha). Britannica Group. <https://www.britannica.com/topic/Melanesian-pidgins>
- Gediel, J. A. P. (2017). Migração irregular. In L. Cavalcanti, T. Botega, T. Tonhati, & D. Araújo (Eds.), *Dicionário Crítico de Migrações Internacionais* (pp. 468–472). Editora Universidade de Brasília.
- Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural*. (1993). Pidgin. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 19, p. 4684). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Harper, D. (2023). Etymology of Amsterdam. In *Online Etymology Dictionary* (Em linha). Harper Family LLC. <https://www.etymonline.com/word/Amsterdam>
- iDicionário Aulete*. (2021). Antolhos. In P. Geider, A. Geider, P. S. Da Silva, R. d. C. M. Silva, & S. M. A. Daoud (Eds.), *Aulete Digital: Dicionário contemporâneo de língua portuguesa*. Lexicon Editora Digital. <https://x.gd/WeAfa>
- iDicionário Aulete*. (2023). Mobilizar. In C. A. Lacerda (Ed.), *Dicionário Caldas Aulete* (Em linha). Lexikon Editora Digital Ltda. <https://x.gd/9HmO6>
- Larousse Cultural*. (1993a). Estrangeiro. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 10, p. 2322). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Larousse Cultural*. (1993b). Fronteira. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 11, p. 2644). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Larousse Cultural*. (1993c). Migração. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 16, pp. 4050–4051). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Larousse Cultural*. (1993d). Migrante. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 16, p. 4051). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Larousse Cultural*. (1993e). Migrar. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 16, p. 4051). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Larousse Cultural*. (1993f). Partir. In B. H. de Assis Pereira & T. C. Pozzoli (Eds.), *Grande Enciclopédia Ilustrada Larousse Cultural* (Vol. 18, p. 4554). Editora Nova Cultural LTDA. (Publicado originalmente em 1987)
- Liddell, H. G., & Scott, R. (Eds.). (1996). *A Greek-English Lexicon*. Clarendon Press. (Publicado originalmente em 1843)
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021a). Chegar. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/qWumN>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021b). Estrangeiro. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/XwWd8>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021c). Forasteiro. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/46EETv>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021d). Mobilizar. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/TCUH7>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021e). Partir. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/narhK>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021f). Permanecer. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/QPcO2>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021g). Pidgin. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/7t0SY>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021h). Retornar. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/xHhw3>
- Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. (2021i). Transitar. In R. Trevisan (Ed.), *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Em linha). Editora Melhoramentos Ltda. <https://x.gd/Rssev>
- Nova Enciclopédia Barsa*. (1998a). Fronteira. In D. M. Garschagen (Ed.), *Nova Enciclopédia Barsa* (Micropédia I, p. 426). Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações.
- Nova Enciclopédia Barsa*. (1998). Migrações animais. In D. M. Garschagen (Ed.), *Nova Enciclopédia Barsa* (Micropédia II, p. 133). Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações.
- Nova Enciclopédia Barsa*. (1998b). Migrações humanas. In D. M. Garschagen (Ed.), *Nova Enciclopédia Barsa* (Micropédia II, p. 133). Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações.
- Organização Internacional para as Migrações (Ed.). (2009). Glossário sobre Migração [Special issue]. *Direito Internacional Da Migração* (22), 90. Genebra. Organização Internacional para as Migrações. <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>
- Petersen, W. (1968). Migration: Social aspects. In D. L. Sills (Ed.), *International Encyclopedia of the Social Sciences* (Vol. 10, pp. 286–292). The Macmillan Company & The Free Press.
- Rezende, A. M. de, & Bianchet, S. B. (2014). *Dicionário do Latim essencial*. (2nd ed.). Autêntica Editora.
- Rossolillo, F. (2016). Nação. In N. Bobbio, N. Matteucci, & G. Pasquino (Eds.), *Dicionário de Política* (13th ed., Vol. 2, pp. 795–799). Editora Universidade de Brasília.
- Vade Mecum Brasil*. (2022a). Estatuto. In O. Biazon & I. Horcaio (Eds.), *Vade Mecum Brasil* (Em linha). Projeto Vade Mecum Brasil. <https://x.gd/hahqn>
- Vade Mecum Brasil*. (2022b). Instituto Jurídico. In O. Biazon & I. Horcaio (Eds.), *Vade Mecum Brasil* (Em linha). Projeto Vade Mecum Brasil. <https://x.gd/hahqn>

NORMAS, LEIS, REGULAMENTOS, CONVENÇÕES E TRATADOS

- American Psychological Association*. (2020). *Publication Manual of the American Psychological Association: The Official Guide to APA Style*. (Seventh edition). American Psychological Association.
- Iida, P. C., Ruegg, R., Boer, M. de, Araki, N., & Agnello, M. F. (2020). *The concise APA handbook: APA 7th edition* [eBook. Information Age Publishing Inc.
- Organização das Nações Unidas (ONU) (1948). *International Bill of Human Rights: A Universal Declaration of Human Rights* (Declaração Resolution 217 A (III) of the General Assembly of United Nations). Paris. United Nations Publication. <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Organização das Nações Unidas (ONU) (1951). *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados* (Convenção). Genebra. United Nations High Commissioner for Refugees. <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>
- Organização das Nações Unidas (ONU) (1967). *Protocol relating to the Status of Refugees* (Protocolo). New York. United Nations Human Rights Office of the Hig Commisioner. <https://x.gd/syPBP>
- Organização das Nações Unidas (ONU) (1982). *Report of the United Nations Conference on the Human Environment: Stockholm, 5-16 June 1972* (Declaração 82). New York, NY. United Nations Publication. <https://x.gd/n5Mv2> (Publicado originalmente em 1972)
- Organização das Nações Unidas (ONU) (2016). *Resolution adopted by the General Assembly on 19 September 201: New York Declaration for Refugees and Migrants* (Resolution). Genève. United Nations High Commissioner for Refugees. <https://x.gd/ClvGH>
- Organização das Nações Unidas. (2021). Protection of Persons in the Event of Disasters. In *YearBook of the International Law Commission: Report of the Commission to the General Assembly on the work of its sixty-eighth session* (2, Part Two, pp. 24–58). United Nations Publication. <https://x.gd/1Yqev> (Publicado originalmente em 2016)
- República Federativa do Brasil. (2006). *Íntegra do discurso presidente da Assembléia Nacional Constituinte, Dr. Ulysses Guimarães (10'23")*. Câmara é história. <https://x.gd/NcQTR>
- República Federativa do Brasil. (2020). *Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019*. Senado Federal. <https://x.gd/CODZA> (Publicado originalmente em 1988)
- República Portuguesa. (1976). *Constituição da República Portuguesa*. (Decreto de Aprovação da Constituição com alterações à data de 25-01-2022). *Diário da República Eletrónico (DRE): n.º 86/1976, Série I de 10-04-1976* [Em linha. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. <https://encurtador.com.br/blzIO>
- República Portuguesa (Com a colaboração de Ministérios da Administração Interna e do Trabalho e da Solidariedade Social). (2007). *Portaria n.º 1563/2007, de 11 de dezembro* [Fixa os meios de subsistência de que devem dispor os cidadãos estrangeiros para a entrada e permanência em território nacional]. (n.º 238/2007, Série I de 2007-12-11, páginas 8866 - 8868). *Portaria* [Em linha. Diário da República Eletrónico. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/1563-2007-628798>
- República Portuguesa. (2008). *Lei n.º 27/2008: Estabelece as condições e procedimentos de concessão de asilo ou protecção subsidiária e os estatutos de requerente de asilo, de refugiado e de protecção subsidiária, transpondo para a ordem jurídica interna as Directivas n.os 2004/83/CE, do Conselho, de 29 de Abril, e 2005/85/CE, do Conselho, de 1 de Dezembro*. (Com alterações até à data de 25-01-2022). *Diário da República Eletrónico (DRE): n.º 124/2008, Série I de 2008-06-30* [Em linha. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. <https://x.gd/hlYIK>
- República Portuguesa. (2018). *Dec. Reglm. n.º 84/2007, de 05 de Novembro: Regulamenta a Lei n.º 23/2007, de 4 de Julho, que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de cidadãos estrangeiros de território nacional*. (6ª versão (Lei n.º 71/1018, de 31/12)). *Legislação* [Em linha. Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. <https://x.gd/2QCky> (Publicado originalmente em 2007)
- República Portuguesa. (2022). *Lei n.º 23/2007, de 04 de Julho (versão actualizada): Entrada, Permanência, Saída e Afastamento de Estrangeiros do Território Nacional* [Aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional (REPSAE)]. (10ª versão (Lei n.º 18/2022, de 28/08)). *Legislação* [Em linha. Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. <https://x.gd/GW8NC> (Publicado originalmente em 2007)
- Serviço das Publicações da União Europeia (Serviço das Publicações) (2022). *Código de Redação Interinstitucional* (Normas de escrita e edição OA-09-22-124-PT-N). Luxembourg. Serviço das

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Publicações da União Europeia; Parlamento Europeu; União Europeia.
<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-8000100.htm>

RELATÓRIOS

- Instituto Nacional de Estatística.* (2021). *População Évora: 2021.* (Base de dados População residente). Lisboa. Instituto Nacional de Estatística (INE). <https://www.ine.pt/>
- Instituto Nacional de Estatística.* (2024). *População residente ultrapassa os 10,6 milhões - 2023.* Lisboa. Instituto Nacional de Estatística (INE). <https://x.gd/z77Ta>
- Lima, M. H. P., Rodrigues, C. M., Silva, J. K. T., Martins, P. C., Terron, S. L., & Silva, R. L. d. S. (2006). *Divisão territorial brasileira.* Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. http://www.ipeadata.gov.br/doc/divisaoterritorialbrasileira_ibge.pdf
- Organização das Nações Unidas* (Com a colaboração de United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division). (2020). *International Migration 2020: Highlights* [ST/ESA/SER.A/452]. United Nations Publication. <https://www.un.org/en/desa/international-migration-2020-highlights>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2008a). *Relatório de Actividades 2007: Imigração, Fronteiras e Asilo.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2007.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2009a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2008.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2008.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2010a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2009.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2011a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2010.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2012a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2011.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2013a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2012.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2014a). *Relatório de Imigração, Fronteira e Asilo: 2013.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2015a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2014.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2016a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2015.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2017a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2016.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2018a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2017.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2019a). *Relatório Imigração, Fronteiras e Asilo: 2018.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2020a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2019.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.* (2021a). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2020.* Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2020.pdf>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2022a). *Estudar em Portugal: Art.º 91º - Autorização de Residência Emitida a Estudantes do Ensino Superior*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Solicitar Residência em Portugal. <https://imigrante.sef.pt/solicitar/estudar/art91/>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2022b). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2021*. Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2021.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2023). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2022*. Lisboa. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

FONTES DA INTERNET

- Cefai, D. (2017a). *Mobilizações sociais, democracia e república* (D. S. Corrêa, Trans.). Blog SocioFilo. <https://shre.ink/awT7>
- República Federativa do Brasil*. (2006). *Íntegra do discurso presidente da Assembléia Nacional Constituinte, Dr. Ulysses Guimarães (10'23")*. Câmara é história. <https://x.gd/NcQTR>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2022a). *Estudar em Portugal: Art.º 91º - Autorização de Residência Emitida a Estudantes do Ensino Superior*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). Solicitar Residência em Portugal. <https://imigrante.sef.pt/solicitar/estudar/art91/>
- Academia Brasileira de Letras*. (2021). *João Cabral de Melo Neto | Biografia*. Acadêmicos. <https://www.academia.org.br/academicos/joao-cabral-de-melo-neto/biografia>
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados*. (2016). *"Refugiados" e "Migrantes": Perguntas frequentes*. United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). <https://x.gd/Bbmqo>
- Barbosa, J. (2021). *Quem são os Refugiados Ambientais? A urgência do reconhecimento do refúgio por motivações ambientais e climáticas*. Universidade Federal de Goiás. <https://csvm.ufg.br/n/140699-quem-sao-os-refugiados-ambientais>
- Barreto, L. P. T. F. (2006). *Das diferenças entre os Institutos Jurídicos do Asilo e do Refúgio*. Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Refugiados e Refugiadas. <https://x.gd/P3cBy>
- Belchior, A. C. (1984). *De cantor consagrado, Belchior passou a ídolo recluso* [Som Brasil, 27/05/1984]. Rio de Janeiro/RJ. Globo News. <https://x.gd/cXE5T>
- Bezerra, K. (2015). *Homo sapiens sapiens*. Estudo Prático - iHaa Network. História. <https://www.estudopratico.com.br/homo-sapiens-sapiens/>
- Botelho, J. (2019). *Casas de pau-a-pique: uma memória afetiva*. A voz da serra. Colunas. <http://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/casas-de-pau-pique-uma-memoria-afetiva>
- Braz, M. (2021a). *Brasileiras não se calam*. <https://brasileirasnaosecalam.com/quemsomos/>
- Braz, M. (2021b). *Brasileiras não se calam: "Mais uma vez: "brasileiro" não é um idioma" [Texto em imagem]*. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CQLnH3FpPch/>
- Braz, M. (2021c). *Brasileiras não se calam: Relatório Anual Julho 2020 - Julho 2021*. <https://brasileirasnaosecalam.com/2020/12/31/relatorio-anual-2020-2021/>
- Braz, M. (2021d, julho 5). *Brasileiras não se calam: "Até quando?" [Texto em imagem]*. Instagram. https://www.instagram.com/p/CQ9buUpJ_58/
- Braz, M. (2021e, julho 18). *Brasileiras não se calam: "Até quando?" [Texto em imagem]*. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CQQzCQ1pzwe/>
- Braz, M. (2021f, setembro 4). *Brasileiras não se calam: "Não ia aturar "falta de educação" (em outras palavras, uma reação contra a discriminação) de brasileiros, mas de pessoas de outras nacionalidades sim? " [Texto em imagem]*. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CSKmwkgjumg/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Câmara Municipal de Évora. (2021). *Heráldica - Portal Institucional*. <https://www.cm- evora.pt/municipe/evora/heraldica/>
- Cordeiro, A. D. (2017). *Quase metade dos 1500 refugiados que chegaram já deixou Portugal*. Público. Integração. <https://x.gd/E0drQ>
- Côrtes, V. (2020). *Biotipo de corpo: ectomorfo, endomorfo e mesomorfo*. Treinus. Qualidade de Vida. <https://x.gd/EgQhJ>
- Costa, S., Monteiro, M., Moutinho, E., Silva, A., Nascimento, G. B., Moutinho, A., Aguiar, C. d. A., Barradas, L., Feliz, G., & Pires, A. (2019). *Pelo fim imediato da entrada de refugiados em Portugal : Petição Pública*. Petição Pública. <https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT78324>
- Costa, Y. D. (2021). *Equinos*. InfoEscola: Navegando e Aprendendo. Biologia: Animais. <https://www.infoescola.com/animais/equinos/>
- Delfim, R. B. (2018). *O conceito de refugiado ambiental: um tema que não pode ser ignorado*. MigraMundo. Migrações Ambientais. <https://x.gd/YvVdmS>
- Dias, C. (2018). *Afinal, o templo de Diana era dedicado ao imperador Augusto*. Público. Património. <https://x.gd/5jmjb>
- Edwards, A. (2015). *Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto*. United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). <https://x.gd/74Iq5>
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, & Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. (2021). *Lago de Sobradinho: Histórico*. Projeto: Lago de Sobradinho. <http://projetolagodesobradinho.blogspot.com/p/historico.html>
- Faro, D. (2015, setembro 9). *Sensivelmente Idiota: Concorda com o acolhimento de refugiados em Portugal?* [Vídeo]. <https://x.gd/YVe4M>
- Fundação Francisco Manuel Dos Santos. (2014). *Perguntas e Respostas para uma cidadania activa e responsável: Em que condições se pode obter asilo em Portugal?* Fundação Francisco Manuel Dos Santos (FFMS). Direitos e Deveres dos Cidadãos. <https://x.gd/QtAGp>
- Global Platform for Syrian Students. (2021). *About Us* [Plataforma Global para Estudantes Sírios] [Página institucional]. <https://x.gd/izpPZ>
- Guitarrara, P. (2012). *Migração: conceito, tipos, exemplos, causas*. Brasil Escola. Demografia. <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/tipos-migracao.htm>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). *Território: Divisão político-administrativa e regional*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conheça o Brasil. <https://x.gd/sfqDe>
- Instituto Migrações e Direitos Humanos. (2014). *Migrantes: Quem são?* Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Migrações em debate. <https://www.migrante.org.br/migracoes/migrantes-quem-sao/>
- Instituto Nacional de Estatística. (2002a). *Migração Permanente*. Instituto Nacional de Estatística, IP – Portugal. Conceitos. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/2459>
- Instituto Nacional de Estatística. (2002b). *Migração Temporária*. Instituto Nacional de Estatística, IP – Portugal. Conceitos. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/4182>
- Instituto Nacional de Estatística. (2003). *Migração*. Instituto Nacional de Estatística, IP – Portugal. Conceitos. <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5747>
- Instituto Nacional de Estatística. (2022). *Situação dos migrantes e seus descendentes no mercado de trabalho: Cerca de 12% das pessoas, entre os 16 e os 74 anos, eram imigrantes de primeira geração ou descendentes de imigrantes - 2021*. (Módulo Regular do Inquérito ao Emprego - 2021). Lisboa. <https://x.gd/PuJ1L>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais*. (2021). *O que é Física dos Fluidos*. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE/Brasil). <https://x.gd/QTEXC>
- International Organization for Standardization*. (1998). *ISO 639-2 [Codes for the Representation of Names of Languages]*. Language codes. <https://www.iso.org/iso-639-language-codes.html>
- International Organization for Standardization*. (2021). *About us*. <https://www.iso.org/home.html>
- Maciel, W. (2021). *Patativa*. WikiAves. <https://www.wikiaves.com.br/wiki/patativa>
- Magalhães, E. de. (2023). *Gentileza gera gentileza: Quem foi José Datrino, o 'Profeta Gentileza'?* [27 de março de 2023]. Diário do Rio. <https://x.gd/HFMRy>
- Marasciulo, M. (2018). Hannah Arendt: 3 frases para entender o pensamento da filósofa. *Revista Galileu*, 2018, Em linha. <https://x.gd/rBq32>
- Moleiro, R. (2024). *Já são um milhão: Portugal precisa de mais imigrantes?* Expresso. Grandes Temas. <https://expresso.pt/politica/eleicoes/legislativas-2024/grandes-temas/2024-02-20-Ja-sao-um-milhao-Portugal-precisa-de-mais-imigrantes--e719c081>
- Montano, R. C., Almeirim, D., Almeida, T., & Gonçalves, K. (2023). *Nossas dúvidas - SEF*. Facebook. <https://www.facebook.com/groups/2118139115139796>
- Museu da Imigração do Estado de São Paulo*. (2019). *Migrante, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar?* Governo do Estado de São Paulo. Migrações em debate. <https://x.gd/yGwYc>
- Oliveira, M. (2007). *Hannah Arendt: biografia, ideias, filosofia, obras*. Brasil Escola. Biografia. <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/hannah-arendt.htm>
- Petição Pública*. (2019a). *Cidadãos Portugueses contra a assinatura do Pacto Global para a Migração*. Petição Pública. <https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT91195>
- Petição Pública*. (2019b). *Contra refugiados islamicos em Portugal*. Petição Pública. <https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=PT78376>
- Porfírio, F. (2019). *Hannah Arendt: vida, ideias, obras, frases*. Mundo Educação. Biografias. <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/hannah-arendt.htm>
- Project Management Institute*. (2021). *O que é o PMI*. <https://pmi-portugal.org/o-que-e-o-pmi/>
- Santos, W. (2010). *Por que o mineiro não perde o trem?* Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF). <https://x.gd/rhw0t>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2008b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2008*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2009b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2009*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2010b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2010*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2011b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2011*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2012b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2012*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2013b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2013*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2014b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2014*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2015b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2015*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2016b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2016*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2017b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2017*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2018b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2018*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2019b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2019*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2020b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2020*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2021b). *Estrangeiros residentes em Évora: 2021*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*. (2021c). *População Estrangeira Residente em Portugal: 2021*. Sefstat Portal de Estatística. Estatísticas. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>
- Silva, O. (2021). *Porque é que os ciganos não gostam de sapos?* Mitologia em Português. <https://www.mitologia.pt/porque-e-que-os-ciganos-nao-gostam-de-263845>
- Tavares, R. (2018). *Hannah Arendt em Lisboa*. Público. Opinião. <https://x.gd/FUqdF>
- Universidade de Évora. (2021). *Breve História*. Sobre. <https://x.gd/0jvcC>
- Vera, J. (2001). *O zoólogo e etólogo, Desmond Morris: Ele rebate: "Não sou machista. Sou um observador do ser humano em seu cotidiano"*. Abril Mídia S.A. Ciência. <https://super.abril.com.br/ciencia/o-zoologo-e-etologo-desmond-morris/>
- Volpe, F. (2002). *Por que o último em um torneio é chamado de lanterna?* Super Interessante. História. <https://x.gd/ndKAo>
- WayCarbon. (2019). *A urgência dos refugiados ambientais e a necessidade de adaptação*. WayCarbon. Impactos Ambientais, Vulnerabilidade e Adaptação. <https://x.gd/063Xc>
- Wikipédia (Ed.). (2022). *Lago de Sobradinho*. <https://x.gd/hiEV4>
- Zanin, T. (2021). *Biotipo corporal: o que é, tipos e como identificar*. Massa Muscular. <https://www.tuasaude.com/como-identificar-o-seu-biotipo/>

ARTÍSTICAS

- Lourenço, F. (2013). Prefácio. In E. V. Rieu (Ed.), *Clássicos. Iliada* (pp. 57–72). Companhia das Letras; Penguin Group.
- Lourenço, F. (2018). Introdução. In F. J. Viegas (Ed.), *Odisseia* (pp. 9–25). Quetzal.
- Alighieri, D. [1265-1321] (Carpeaux, Otto Maria [Prefácio]. (2012). *A Divina Comédia* (I. E. Mauro, Trans.). (1st ed.). Editora 34. (Publicado originalmente em 1306-21)
- Andrade, C. D. de. (2009). A paixão medida. In *Nova Reunião: 23 Livros de Poesia* (Vol. 2, pp. 462–500). Best Seller.
- Antunes, A. (1985). Não vou me adaptar. In Titãs. *Televisão* [LP, CD]. Warner Music Brasil.
- Baia, M., & Passos, G. d. M. (2010). Eus. In Maurício Bahia. *Baia no circo* [CD; DVD]. Som Livre.
- Baudelaire, C. [1821-1867]. (2016). *O Spleen de Paris: Pequenos poemas em prosa* (A. Zir, Trans.). (1st ed.). *Coleção L&PM POCKET: Vol. 1208*. L&PM. (Publicado originalmente em 1869)
- Belchior, A. C. (1976a). Como nossos pais. In Belchior. *Alucinação* [LP]. Polygram.
- Belchior, A. C. (1976b). Fotografia 3x4. In Belchior. *Alucinação* [LP]. Polygram.
- Belchior, A. C. (1976c). Rapaz Latino-Americano. In Belchior. *Alucinação* [LP]. Polygram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belchior, A. C. (1977). Galos, noites e quintais. . *Coração Selvagem*. Warner Music Brasil.
- Belchior, A. C. (1979). Tudo outra vez. In Belchior. *Era uma Vez um Homem e Seu Tempo*. Warner Music Brasil.
- Belchior, A. C. (1987). Lua Zen. In Belchior. *Melodrama* [LP;CD]. Phillips Records.
- Belchior, A. C., & Mello, J. (1993). Notícia de terra civilizada. In Belchior. *Baihuño* [CD]. Movieplay.
- Branco, A. (2012). *O Estrangeiro*. Inforside. <https://x.gd/xnD2BL>
- Camus, A. (2019). *O Estrangeiro* (V. Rumjanek, Trans.). (45th ed.). Editora Record. (Publicado originalmente em 1942)
- Carroll, L. (2010). *Alice no País das Maravilhas* (L. Benedetti, Trans.). (Versão par). Pocket Ouro. (Publicado originalmente em 1865)
- Carroll, L. (2010). *Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá* (M. L. X. d. A. Borges, Trans.). *Edição digital*. Zahar. (Publicado originalmente em 1865-72)
- Carroll, L. (2012). *Alice no País dos Espelhos* (P. de Leão, Trans.). (3rd ed.). *Coleção a obra-prima de cada autor: Vol. 257*. Martin Claret. (Publicado originalmente em 1872)
- Cervantes, M. de, Saavedra. (2021). *Dom Quixote de la Mancha* (A. Ribeiro, Trans.). Clube de Literatura Clássica. (Publicado originalmente em 1605-15)
- César, C. (2008). Deus me proteja de mim. In César, Chico. *Francisco, forró y frevo* [CD]. EMI Music.
- Clarke, A. C. (2020). *2001: Uma Odisséia no Espaço* (F. Fernandes, Trans.). (3rd ed.). Editora Aleph. (Publicado originalmente em 1968)
- Dias, A. G. (1846). *Primeiros Cantos*. Typographia Universal de Laemmert.
- Gabrichidze, T. (Director). (2018). *O Mercador (Sovdagari)* [Em linha. Netflix.
- Gil, G., Vianna, H., Ribeiro, F. d. N., & Barone, J. (1986). A novidade. In Os Paralamas do Sucesso. *Selvagem?* EMI Music.
- Goethe, J. W. von. (2022). *Fausto* (J. K. Segall, Trans.). (1st ed.). Clube de Literatura Clássica. (Publicado originalmente em 1808-32)
- Gonzaga, L., do Nascimento, & Dantas, J. d. S., Filho. (1953). Vozes da Seca. In Luiz Gonzaga. *ABC do Sertão*. RCA Victor.
- Graco, T., & Belchior, A. C. (1987). Jornal Blues (Canção Leve de Escárnio e Maldizer). In Belchior. *Melodrama* [LP;CD]. Phillips Records.
- Guimarães Rosa, J. (2012). *Sagarana* [Texto Integral]. (Ed. especial). *Saraiva de bolso*. Editora Nova Fronteira. (Publicado originalmente em 1946)
- Homero. (2013). *Iliada* (L. Araujo, Trans.). *Clássicos*. Companhia das Letras; Penguin Group. (Publicado originalmente em c. 700 a.C.)
- Homero (Lourenço, Frederico). (2018). *Odisseia* (F. Lourenço, Trans.). Quetzal. (Publicado originalmente em c. 700 a.C.)
- Lemos, A. F. V., Souza, A. M. L., Preto, F. D. O., & Lemos, F. M. V. (1986). Leve desespero. [LP; CD]. Polygram.
- Lord Byron, G. G. (2023). *Don Juan* (J. F. Botelho, Trans.). Clube de Literatura Clássica. (Publicado originalmente em 1819-24)
- Machado, A. (2021). *Cantares - Antônio Machado Ruiz* [Antonio Cirpiano José Maria Y Francisco de Sana Ana Machado Ruiz]. Blog Gilberto Godoy: Psicologia, Saúde & Cultura. <https://x.gd/6iWyf>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Matos, M. A. R. M. V. de. (2014, novembro 4). *Ceifeira do Alentejo*. &Escritas.org. <https://www.escritas.org/pt/n/t/27319/ceifeira-do-alentejo>
- Melo Neto, J. C. de. (2010). *Morte e vida severina: e outros poemas*. (Edição digital). Objetiva. (Publicado originalmente em 1955)
- Middea, L., & Novaes, P. (2019). Estrangeiro. In Middea, Leo; Novaes, Paulo. *Single*. Tratore distribuição.
- Monge, J., & Gil, J. (1996). Postal dos correios. In Rio Grande. *Rio Grande* [LP; CD]. EMI Valentim de Carvalho.
- Montenegro, O. V. (1989). Metade. In Oswaldo Montenegro. *Ao vivo* [LP]. Som Livre.
- Nascimento, M., & Brant, F. (1985). Encontros e despedidas. In Milton Nascimento. *Encontros e Despedidas* [LP]. Barclay Records.
- Nunes, B. L. B., Lopes, A. P., Cunha, M. F. da, Silva, E. da, & Coelho, C. A. P. (1989). Meu Reino. In Biquíni Cavado. *Zé*. Universal Music.
- Poe, E. A. (2011). *A Carta Roubada e outras histórias de crime & mistério* (W. Lagos, Trans.). *L&PM Pocket: Vol. 331*. L&PM. (Publicado originalmente em 1844)
- Russo, M. J., Vila Lobos, E. D., & Bonfá, M. A. (1997). Clarisse. In Legião Urbana. *Uma Outra Estação* [CD; K7]. EMI Music.
- Sá, L. C. P. de, & Guarabyra, G. N., Filho. (1977). Sobradinho. In Sá & Guarabyra. *Pirão de Peixe com Pimenta* [LP]. Som Livre.
- Saramago, J. (2006). *A Jangada de pedra. Companhia de Bolso*. Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1986)
- Veloso, C. (1989). O Estrangeiro. In Veloso, Caetano. *Estrangeiro*. Polygram.
- Veloso, C., & Almino, J. (Com a colaboração de Los Hermanos). (2003). Lisbela. *Lisbela e o Prisioneiro*. Natasha Records.
- Virgílio. (2017). *Eneida* [Texto Completo em Edição Bilingue Latim-Português](M. O. Mendes, Trans.). *Clássicos da Literatura Universal* [Edição digital. Montecristo Editora. (Publicado originalmente em c. séc. I a.C.)

AUTOBIOGRÁFICAS

- Meruane, L. (2019). *Tornar-se Palestina* (M. Sanchez, Trans.). *Coleção Nosotras*. Relicário. (Publicado originalmente em 2014)

RELIGIÃO E ESOTÉRICOS

- Apocalipse* (Com a colaboração de João (Jo.)). (2011). O Apocalipse (I. Storniolo, Trans.). In G. D. S. Gorgulho, I. Storniolo, & A. F. Anderson (Eds.), *Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada* (1st ed., pp. 2142–2168). Paulus.
- Gorgulho, G. D. S., Storniolo, I., & Anderson, A. F. (Eds.). (2011). *Bíblia de Jerusalém* [Nova edição, revista e ampliada](E. M. Balancin, S. M. Barbosa, E. Bettencourt, E. Bouzon, G. D. S. Gorgulho, T. H. Maurer, Jr., J. C. Mota, B. C. de Oliveira, N. B. Pereira, I. N. Salum, L. I. Stadelmann, I. Storniolo, C. Vendrame, J. R. Vidigal, D. Zamagna & J. d. A. Zamith, Trans.). (1ª ed., 7ª reimp.). Paulus. (Publicado originalmente em 1956)
- Lucas*. (2011). Evangelho segundo São Lucas (I. Storniolo, Trans.). In G. D. S. Gorgulho, I. Storniolo, & A. F. Anderson (Eds.), *Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada* (1st ed., p. 1817). Paulus.

ENTREVISTAS

- Abraão (2019). Objeto de Observação SYR-RF-01. Homem, 32 anos, solteiro, refugiado sírio apoiado pela Global Platform for Syrian Students (GP4SS) [Entrevista realizada em encontro presencial na cidade de Lisboa, em um café, adentro a Estação Oriente. Gravação autorizada pelo entrevistado]. Entrevista realizada em 01/04/2019 [MP4, Duração: 00:50:12]. Entrevistador: L. F. de Souza. Lisboa.
- Amara (2020). Objeto de Observação AGO-EID-01. Mulher, 50 anos, indefinido, estudante internacional a cursar o doutoramento [Entrevista realizada de modo presencial, nas dependências da Universidade de Évora, próximo a Biblioteca das Belas Artes. Gravação autorizada pela entrevistada]. Entrevista realizada em 19/02/2020 [Digital, Duração: 39:10]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Enila (2020). Objeto de Observação BRA-TEIM-01. Mulher, solteira, 29 anos, brasileira, Estudante-trabalhadora a realizar o curso de mestrado [Primeira conversa, realizada de forma rápida, em encontro presencial, de modo aproveitar o momento. Autorizada a gravação pela entrevistada.]. Entrevista realizada em 10/01/2020 [MP4, Duração: 00:09:20]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Glória (2020). Objeto de observação BRA-TMIR-01. Mulher, solteira, 36 anos, residente na cidade do Porto, trabalhadora [Autorizada a gravação pelo entrevistado. Entrevista realizada por meio de reunião Online.]. Entrevista realizada em 03/09/2020 [MP4, Duração: 00:41:37]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Najla (2019). Objeto de Observação SYR-RF-02. Mulher, Síria, casada, 32 anos, refugiada, pós-graduada, residente em Lisboa [Gravação realizada em conversa pública no Casarão]. Entrevista realizada em 09/10/2019 [MP4, Duração: 00:30:00]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Omar (2019). Objeto de Observação SYR-RF-03. Homem, solteiro, 30 anos, pós-graduado, residente em Lisboa, [Gravação realizada em conversa pública no Casarão]. Entrevista realizada em 09/10/2019 [MP4, Duração: 00:32:00]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Patrícia (2019). Objeto de Observação COL-NAI-01. Mulher, casada, 35 anos, colombiana, Imigrou para acompanhar o marido, nacional português [Entrevista realizada nas instalações da Universidade de Évora]. Entrevista realizada em 11/12/2019 [MP4, Duração: 00:52:53]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Roberto (2019). Objeto de Observação BRA-EIM-01. Homem, divorciado, 71 anos, brasileiro, aposentado, estudante de Mestrado [Autorizada a gravação pelo entrevistado. Entrevista realizada no Colégio do Espírito Santo, Universidade de Évora.]. Entrevista realizada em 09/12/2019 [MP4, Duração: 01:27:16]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Rodolfo (2019). Objeto de Observação BRA-TMIR-02. Homem, solteiro, 32 anos, brasileiro, trabalhador [Autorizada a gravação pelo entrevistado. Entrevista realizada no Restaurante 9 da Praça do Sertório]. Entrevista realizada em 20/11/2019 [MP4, Duração: 01:23:38]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.
- Valdir (2020). Objeto de Observação BRA-EID-01. Homem, casado, 53 anos, brasileiro, estudante de Doutorado [Autorizada a gravação pelo entrevistado. Entrevista realizada por meio de reunião Online.]. Entrevista realizada em 21/09/2020 [MP4, Duração: 01:45:42]. Entrevistador: L. F. de Souza. Évora.

APÊNDICES

Apêndice A - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021]

Tabela 4 - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021]

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Total Distrito	3700	3934	3963	4077	4017	3702	3723	3724	3885	4037	4244	4505	4802	4903
África do Sul	7	6	5	4	4	2	2	2	2	2	1	2	1	7
Alemanha	56	62	60	54	56	63	57	58	65	74	75	80	87	87
Angola	58	50	42	47	46	50	62	67	73	73	96	100	108	95
Apátrida											1			
Argélia	3	3	3	4	3	2	2	1	2	1	4	4	12	12
Argentina	6	6	3	4	5	4	5	3	4	3	3	2	8	6
Arménia		5	3				1							1
Austrália	1	1	1	2	2	4	2	1	1	1	1	1	2	2
Áustria	7	7	7	7	8	9	8	8	8	8	10	11	11	12
Azerbaijão											2			
Bangladesh				5	14	8	6	11	8	12	17	25	36	34
Bélgica	31	25	20	22	25	22	22	23	24	33	40	60	70	68
Benin											1			
Bielorrússia	2	2	2	2	1	1	1							
Bolívia	1	2	1	1						1	3			
Bósnia e Herzegovina		1					1							
Brasil	1160	1208	1256	1188	1267	971	949	848	871	965	1113	1285	1528	1652
Brunei			1	1	1	1	1							
Bulgária	60	61	54	54	30	39	41	41	47	45	39	43	47	48
Burkina Faso			1	1						1		1		
Butão										1	1			
Cabo Verde	121	151	148	160	124	103	108	119	131	113	141	181	189	138
Camarões						1	1	4	6	7	7	8	7	10
Camboja							1	1	5					
Canadá						1		2	2	3	4	5	4	4
Cazaquistão	2	2	1	1	1	1	2	5	2	1	1	1	2	1

Fonte: (SEF, 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b).

Tabela 5 - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021] (Continuação 1)

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Chade		1	1					1	1	1				
Chile	3	4	4	5	5	2	1	1	2	2	2		1	
China	161	213	244	267	282	304	295	302	312	325	334	344	289	308
Colômbia	2	4	2	2	2	4	4	3	5	4	3	6	6	10
Congo		2	2	1	2	2	2	1	2	1	2		1	2
Congo (República Democrática)										1	4	3	2	
Coreia do Sul			1	1			1	1	1	1	1			
Costa do Marfim	3	5	5	5	4	4	6	6	5	4	4	4	3	3
Costa Rica								1	2	5	5	3	3	3
Croácia										1	4	4	5	4
Cuba		2	2	3	6	6	8	17	17	10	13	10	14	16
Dinamarca	2	3	3	1	3	3	2	2	2	2	2	2	3	3
Dominica										1	1	1	1	1
Egipto	1	1					1		2		2			4
El Salvador			1	1	1	1							1	
Emiratos Árabes Unidos				1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Equador		1				1	3	18	6	10	19	12	8	9
Eritreia		1				2		1	4	1	2	2	2	2
Eslováquia	1			2	3	3	3	3	3	2	2	1		
Eslovénia	1	1	1	1					2	2	2	2	2	1
Espanha	127	127	126	118	117	123	141	157	174	190	210	219	217	203
Estados Unidos da América	3	5	5	5	8	4	9	10	14	16	18	20	21	27

Fonte: (SEF, 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b).

Tabela 6 - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021] (Continuação 2)

Estónia				1	1	1	1			1	1	1	1	
Etiópia			3	4	2	2	2	1		2		3	1	
Filipinas	3	1	1	1	4	4	6	6	6	4	3	2	2	5
Finlândia								1	1	1	1	5	2	2
França	49	57	61	64	58	48	49	55	57	72	89	104	104	122
Gana			1				1						1	2
Geórgia	25	28	22	18	21	19	17	12	7	6	6	6	10	10
Grécia		1	1	2	2	4	4	5	4	5	3	4	3	3
Guatemala	3		1	1		1	1	1						
Guiana														1
Guiné			1	2	2	1	2	1	2	2	4	4	4	3
Guiné Bissau	32	25	21	22	16	10	7	7	13	16	19	26	23	22
Haiti							1							
Holanda	88	86	92	99	113	129	135	136	157	162	177	180		
Honduras													1	1
Hong Kong												1	1	1
Hungria	4	2	2	2	3	3	3	3	6	5	7	9	8	6
Índia	9	10	12	10	7	11	7	7	11	11	16	29	90	159
Indonésia				1	1	2	2	2	3	4	5	3	5	8
Irão								1	3	1	5	6	10	8
Iraque			1	1	1	1	1	1	1				3	3
Irlanda	4	5	8	8	8	7	6	5	6	5	4	5	5	7
Israel									1			1	1	
Itália	34	38	40	42	50	51	49	73	78	102	124	145	147	145
Japão				2	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2
Jordânia									1		1		6	6
Kosovo										4				
Kuwait										2		1	1	
Laos								4	1	3			3	
Letónia	2	5	5	5	4	5	3	4	4	5	5	4	4	4

Fonte: (SEF, 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b)

Tabela 7 - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021] (Continuação 3)

Libano												2	3	4
Líbia								1	1			1		
Lituânia	6	6	6	1	1	1	1	2	2	3	2	2		
Luxemburgo	2	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	6
Macedónia							1							
Madagáscar							1							
Malásia	1	1	1	1	1	1	1	2	5	2	2	2	2	1
Mali											1	1	1	1
Marrocos	8	6	4	5	6	6	5	4	4	3	7	9	28	33
México	2	6	8	6	7	9	7	6	11	8	16	11	10	13
Moçambique	29	34	27	25	17	17	18	19	24	25	37	42	37	39
Moldávia	290	299	240	219	190	145	119	101	82	77	70	64	63	58
Mongólia								5	4	5	1	1		
Myanmar (Birmânia)							1	1	3	1	1			1
Nepal				1		4	6	12	14	28	57	77	131	139
Nigéria								1	3	4	1	2	2	6
Noruega		1								2	2	2	3	3
Nova Zelândia	1	1	1	1	1		1	1	1	1	2	2	2	1
Omã				1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1
Países Baixos													174	156
Paquistão	3	3	4	2	2	1	3	4	6	5	4	4	12	19
Paraguai			1	1	1	1	1				1		3	5
Peru	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	1	5
Polónia	9	11	12	18	15	12	11	12	12	11	15	15	17	12
Quénia	1					1								
Quirguistão											1			
Reino Unido	32	34	39	42	43	46	56	56	70	77	93	109	164	144

Fonte: (SEF, 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b)

Tabela 8 - Estrangeiros residentes em Évora [2008 – 2021] (Continuação 4)

República Checa		1			1	3	4	4	4	7	4	3	3	
República Dominicana			1	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2	
Roménia	443	481	551	697	652	745	797	859	851	822	729	678	592	552
Ruanda						1								
Rússia	50	50	36	34	31	26	19	17	12	23	11	10	6	10
São Tomé e Príncipe	27	34	47	65	42	31	29	23	25	28	32	21	17	21
Senegal	2	2	1	2	1	3	3	1	2	1	2	3	1	1
Serra Leoa											1	3	5	2
Sérvia		1	1		2	2	3	2	2		1			1
Síria							6	4	15	20	20	16	32	35
Suazilândia														1
Sri Lanka											2		1	
Sudão												9	3	3
Suécia	5	5	3	5	5	5	6	6	6	8	13	9	10	12
Suíça	16	13	13	12	13	14	14	14	15	18	18	20	19	17
Tailândia		5					1	2	1	1	2	1	1	1
Tanzânia	1	1	1	1	1	1	1	1	1					
Timor Leste	2	15	19	21	24	18	15	15	35	36	38	32	17	5
Togo								1	1	1				
Tunísia	2	4	4	5	3	4	4	3	4	3	3	2	1	3
Turquia	1	1	2		2	2	6	11	11	7	11	5	4	3
Ucrânia	680	684	649	642	606	540	511	463	461	454	354	343	283	270
Uganda						2	2	2	2	2				
Uruguai	4	5	5	6	5	7	7	3	3	2	3	3	4	3
Uzbequistão	1											1	2	1
Venezuela	9	7	8	6	4	4	5	6	9	6	6	9	8	12
Vietname		1			20	2	3	5	6	4	2	1	2	1
Zimbabwe		1		1			1	1			3			

Fonte: (SEF, 2008b, 2009b, 2010b, 2011b, 2012b, 2013b, 2014b, 2015b, 2016b, 2017b, 2018b, 2019b, 2020b, 2021b).

APÊNDICES

Apêndice B - Descrição dos objetos observados

Tabela 9 - Objetos observados e entrevistados

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
AGO-EID-01	Entrevista	Feminino	50	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Angola; ▪ Categoria: Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Qualificação: Mestrado ▪ Residente na cidade de Évora; ▪ Percurso migratório acompanhado pelo filho de 14 (quatorze) anos.
AGO-EID-02	Observação	Masculino	≈ 45	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Angola; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Reside em Évora, retornou após concluir o curso.
BRA-EID-01	Entrevista e Observação	Masculino	53	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Rio Grande do Sul/Brasil; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Qualificação: Mestrado; ▪ Residência inicial em Évora, mudou-se para a Área Metropolitana de Lisboa [AML] em meados de 2020; ▪ Imigrou acompanhado de mulher e filho (idades não identificadas).
BRA-EID-02	Observação	Masculino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Pernambuco/Brasil; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Qualificação: Mestrado; ▪ Residente na cidade de Évora; ▪ Imigrou sozinho.
BRA-EID-03	Observação	Masculino	≈ 50	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Rio de Janeiro/Brasil; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Qualificação: Mestrado; ▪ Com residência inicial em Évora, mudou-se para AML em meados de 2020; ▪ Imigrou acompanhado de mulher esposa (≈ 50) e filho, estudante internacional do secundário e, posteriormente, de licenciatura.
BRA-EIL-01	Observação	Feminino	26	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito Federal/Brasil; ▪ Estudante Internacional de Licenciatura; ▪ Qualificação: Tecnólogo; ▪ Residente na cidade de Évora; ▪ Não concluiu o curso; ▪ Retornou ao Brasil em agosto de 2020; ▪ Migração motivada por irmã, já residente regular em Portugal.

APÊNDICES

Tabela 10 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 1)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
BRA-EIM-01	Entrevista e Observação	Masculino	71	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Rio Grande do Sul/Brasil; ▪ Reformado; ▪ Estudante Internacional de Mestrado; ▪ Qualificação: Ensino Superior completo com curso de pós-graduação; ▪ Residente em Évora; ▪ Já possuía alguns conhecidos em Portugal; ▪ Imigrou sozinho.
BRA-EIM-02	Observação	Masculino	26	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Brasil; ▪ Estudante Internacional de Mestrado; ▪ Reside em Évora, em casa compartilhada.
BRA-EIM-03	Observação	Feminino	30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Brasil; ▪ Estudante Internacional de Mestrado; ▪ Reside em Évora, com uma prima já imigrante regular e casada com um nacional português; ▪ Retornou ao Brasil após o fim do curso.
BRA-EIM-04	Observação	Feminino	26	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Brasil; ▪ Estudante Internacional de Mestrado; ▪ Reside na AML.
BRA-EIM-05	Observação	Feminino	28	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Brasil; ▪ Estudante Internacional de Mestrado; ▪ Reside em Évora.
BRA-EIM-05	Observação	Feminino	26	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Brasil; ▪ Trabalhador Imigrante Regular; ▪ Reside em Évora com sua esposa BRA-EIM-04.
BRA-TEIM-01	Entrevista e Observação	Feminino	30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito Federal/Brasil; ▪ Trabalhador-estudante Internacional de Mestrado; ▪ Qualificação: Ensino Superior completo com pós-graduação completa; ▪ Exerce atividade laboral sem exigência de qualificação; ▪ Residiu, na companhia de sua irmã e de seu companheiro, em Évora; ▪ Imigrou inicialmente para a França, pouco depois, seguiu para Portugal; ▪ Retornou ao Brasil no final de 2020;
BRA-TEIR-01	Entrevista	Feminino	36	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Minas Gerais/Brasil; ▪ Trabalhadora Imigrante Regular; ▪ Qualificação: Superior completo, duas graduações, com pós-graduação completa; ▪ Reside, sozinha, na cidade do Porto; ▪ Não exerce atividade laboral relacionada as áreas de formação;

APÊNDICES

Tabela 11 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 2)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
BRA-TMII-01	Observação	Masculino	40	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Rio Grande do Sul/Brasil; ▪ Trabalhador Imigrante Irregular; ▪ Qualificação: Sem formação; ▪ Atua no setor da construção civil; ▪ Imigrou a objetivar atuar na profissão de motorista de veículos pesados, por estar em condição irregular não foi possível atuar na função; ▪ Residia na AML, na companhia de sua companheira à época, BRA-TMII-01; ▪ Imigrou sozinho e, após algum tempo, sua companheira foi ao seu encontro; ▪ Antes de imigrar para Portugal, migrou internamente no Brasil, deslocando-se para Brasília/DF, de onde partiu, após alguns anos, com destino à Portugal
BRA-TMII-02	Observação	Feminino	≈ 40	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: São Paulo/Brasil; ▪ Trabalhadora Imigrante Ilegal; ▪ Qualificação: Curso Tecnólogo; ▪ Exerceu a atividade como atendente de mesa e, por fim, na construção civil; ▪ Residia na AML com o companheiro BRA-TMII-02; ▪ Migrou internamente no Brasil, de São Paulo para Brasília/DF, retornou e depois seguiu com destino à Portugal; ▪ Retorno ao Brasil em julho de 2021.
BRA-TMIR-01	Entrevista e Observação	Feminino	32	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Minas Gerais/Brasil; ▪ Trabalhadora Imigrante Regular; ▪ Qualificação: Pós-graduada; ▪ Reside na cidade do Porto, sozinha; ▪ Imigrou sozinha.
BRA-TMIR-02	Entrevista e Observação	Masculino	32	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Santa Catarina/Brasil; ▪ Trabalhador Imigrante Regular; ▪ Qualificação: Curso profissionalizante; ▪ Reside na cidade de Évora, em moradia compartilhada; ▪ Imigrou, inicialmente, para a França e, após 2 (dois) meses, seguiu para Portugal; ▪ Imigrou na companhia do companheiro à época.
BRA-TMIR-03	Observação	Masculino	43	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Pernambuco/Brasil; ▪ Trabalhador Imigrante Regular; ▪ Qualificação: Sem curso de formação profissional ou superior; ▪ Atua no setor da construção civil; ▪ Residente na AML, em moradia compartilhada; ▪ Imigrou sozinho.

APÊNDICES

Tabela 12 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 3)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
BRA-TMIR-04	Observação	Feminino	≈ 55	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Santa Catarina/Brasil; ▪ Trabalhadora Migrante Internacional; ▪ Qualificação: Sem formação; ▪ Atua no setor da restauração; ▪ Imigrante regular em Portugal há mais de 20 anos;
BRA-TMIR-05	Observação	Feminino	23	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Santa Catarina/Brasil; ▪ Trabalhadora Migrante Internacional; ▪ Qualificação: curso profissionalizante; ▪ Atuou no comércio como vendedora; ▪ Permaneceu em Portugal por um ano e depois retornou ao Brasil.
CHN-EID-01	Observação	Masculino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: China; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Reside em Évora. ▪ Interação social restrita, apenas com outro chinês; ▪ Veio com a família, esporadicamente o filho de cerca de 9 anos visita na UÉvora.
CHN-EID-02	Observação	Masculino	≈ 40	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: China; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Reside em Évora; ▪ Interação social restrita, apenas com outro chinês.
COL-NAI-01	Entrevista e Observação	Feminino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Colômbia; ▪ Situação Profissional Indefinida; ▪ Imigrou para Portugal com o objetivo de permanecer ao lado do marido, nacional português; ▪ Situação irregular no país, por não conseguir realizar o reconhecimento do casamento, realizado no Panamá; ▪ Residia nas em uma Vila Próxima à Évora e realizava o movimento de Migração Pendular.
CPV-TMIE-01	Observação	Masculino	37	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Praia/Cabo Verde; ▪ Imigrante Empreendedor Regular; ▪ Exerce atividades no setor do entretenimento; ▪ Residente na cidade de Évora.
CPV-TMIR-01	Observação	Masculino	36	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Tarrafal/Cabo Verde; ▪ Trabalhador Imigrante Regular; ▪ Qualificação: Sem informações; ▪ Atua no setor da restauração; ▪ Residente em Évora com a família; ▪ Objetiva se mudar para a França.

APÊNDICES

Tabela 13 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 4)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
FRA-TMIR-01	Observação	Feminino	≈ 55	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: França; ▪ Imigrante Internacional Regular; ▪ Qualificação: Doutorado; ▪ Atua como professora universitária; ▪ Reside em cidade próxima à Évora com o marido, nacional português, e filha; ▪ Realiza, adentro a Portugal, o movimento de migração pendular.
PRT-ES-01	Observação	Feminino	≈ 15	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante do secundário; ▪ Origem e residência na cidade de Évora.
PRT-ES-02	Observação	Feminino	≈ 15	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante do secundário; ▪ Origem e residência na cidade de Évora.
PRT-ES-03	Observação	Feminino	≈ 15	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora/Portugal; ▪ Estudante do secundário; ▪ Origem e residência no distrito de Évora; ▪ Realiza o movimento de migração pendular.
PRT-TENL-01	Observação	Feminino	22	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante de Licenciatura; ▪ Trabalhadora-estudante; ▪ Origem e residência na cidade de Évora.
PRT-TENL-02	Observação	Feminino	22	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante de Licenciatura; ▪ Trabalhadora-estudante; ▪ Origem e residência na cidade de Évora.
PRT-TENQP-01	Observação	Masculino	17	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante nacional de curso profissionalizante; ▪ Trabalhador-estudante; ▪ Origem e residência na cidade de Évora; ▪ Etnia Cigana.
PRT-TENQP-02	Observação	Masculino	≈ 25	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora/Portugal; ▪ Estudante nacional de curso profissionalizante; ▪ Trabalhador-estudante; ▪ Origem e residência na cidade de Évora;
PRT-TL-01	Observação	Feminino	≈ 30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Atua no setor do turismo; ▪ Reside em Évora.

APÊNDICES

Tabela 14 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 5)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
PRT-TL-02	Observação	Masculino	20	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Não Apresentado/Informado; ▪ Atua na Área da restauração; ▪ Reside em Évora.
PRT-TL-03	Observação	Feminino	32	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Reside em Évora.
PRT-TL-04	Observação	Masculino	29	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Secundário; ▪ Atua na Área da restauração; ▪ Reside em Évora.
PRT-TL-05	Observação	Feminino	≈ 30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Reside em Évora; ▪ Atua na Área da restauração; ▪ Mora com o namorado, imigrante italiano.
PRT-TL-06	Observação	Feminino	≈ 30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Profissionalizante; ▪ Atua na área da restauração ▪ Reside em Évora.
PRT-TL-07	Observação	Feminino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Qualificação: Doutorado; ▪ Reside na cidade de Évora; ▪ Busca emigrar para algum país de língua inglesa.
PRT-TL-08	Observação	Feminino	≈ 30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora; ▪ Trabalhadora Local; ▪ Sem qualificação profissional; ▪ Residente na cidade de Évora.
PRT-TL-09	Observação	Masculino	≈ 60	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora; ▪ Trabalhador Local; ▪ Migrou internamente, retornou; ▪ Reside na cidade de Évora.
PRT-TL-10	Observação	Masculino	≈ 50	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhador Local (Mercado familiar); ▪ Reside em Évora..
PRT-TL-11	Observação	Feminino	≈ 40	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Portugal; ▪ Trabalhador Local (Mercado familiar); ▪ Reside em Évora.

APÊNDICES

Tabela 15 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 6)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
PRT-TL-12	Observação	Feminino	≈ 50	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Trabalhador Local (Mercado familiar); • Reside em Évora.
PRT-TL-13	Observação	Feminino	≈ 25	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Trabalhador Local (Mercado familiar); • Reside em Évora.
PRT-TL-13	Observação	Feminino	23	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Formação: Licenciatura; • Trabalhador Local (Mercado Multinacional); • Reside em Évora.
PRT-TL-14	Observação	Masculino	49	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Funcionário público; • Formação: Licenciatura; • Reside em Évora.
PRT-TL-14	Observação	Masculino	≈45	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Funcionário público; • Formação: Licenciatura; • Reside em Évora, faleceu.
PRT-TL-15	Observação	Masculino	≈ 55	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Portugal; • Empresário (restauração); • Formação: Não apresentado/identificado; • Reside em Évora.
PRT-TMN-01	Observação	Masculino	32	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Norte de Portugal; • Trabalhador Migrante Nacional; • Qualificação: Ensino profissionalizante; • Residente da cidade de Évora.
PRT-TMN-02	Observação	Feminino	31	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Norte de Portugal; • Trabalhador Migrante Nacional; • Qualificação: Ensino profissionalizante; • Residente da cidade de Évora.
PRT-TMN-03	Observação	Feminino	30	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Distrito de Évora; • Trabalhadora Migrante Nacional; • Qualificação: Licenciatura; • Residente na cidade de Évora; • Não exerce função relacionada a sua formação.
PRT-TMN-04	Observação	Feminino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Costa Oeste de Portugal; • Trabalhadora Migrante Nacional; • Qualificação: Ensino Profissionalizante; • Reside na cidade de Évora; • Busca retornar para sua cidade ou seguir para o norte; • Já residiu no Reino Unido.

APÊNDICES

Tabela 16 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 7)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
PRT-TMN-05	Observação	Feminino	23	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Trabalhadora Migrante Nacional; ▪ Não exerce atividade relacionada a área de formação; ▪ Reside na cidade de Évora em casa compartilhada.
PRT-TMN-06	Observação	Masculino	29	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Qualificação: Sem informações; ▪ Trabalhador Migrante Nacional; ▪ Reside na cidade de Évora.
PRT-TMN-07	Observação	Feminino	35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Trabalhadora Migrante Nacional; ▪ Realiza movimento de Migração Pendular; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Não exerce atividade relacionada a área de formação; ▪ Reside em vila próxima à cidade de Évora.
PRT-TMN-08	Observação	Masculino	46	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Trabalhador Migrante Nacional; ▪ Qualificação: Sem formação; ▪ Reside na cidade de Évora.
PRT-TMN-09	Observação	Feminino	≈ 35	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: AML; ▪ Trabalhadora Migrante Nacional; ▪ Qualificação: Sem informações; ▪ Reside na cidade de Évora.
PRT-TMN-10	Observação	Masculino	45	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Trabalhador Migrante Nacional; ▪ Qualificação: Formação profissionalizante; ▪ Reside na cidade de Évora.
PRT-TMN-11	Observação	Feminino	≈ 25	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Distrito de Évora; ▪ Trabalhadora Migrante Nacional; ▪ Qualificação: Licenciatura; ▪ Realiza movimento de Migração Pendular; ▪ Reside em vila próxima à cidade de Évora.
PRT-TMN-12	Observação	Masculino	≈ 55	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Évora; ▪ Trabalhador Migrante Nacional; ▪ Qualificação: Sem informações; ▪ Reside em vila próxima à cidade de Évora; ▪ Realiza movimento de Migração Pendular.

APÊNDICES

Tabela 17 - Objetos observados e entrevistados (Continuação 8)

CÓDIGO	RELAÇÃO	SEXO	IDADE	DETALHES
SYR-RF-01	Entrevista	Masculino	32	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Síria; ▪ Refugiado; ▪ Adentrou a Portugal por meio da GP4SS; ▪ Qualificação: Doutorado; ▪ Residia na cidade do Porto.
SYR-RF-02	Entrevista	Feminino	≈ 38	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Síria; ▪ Refugiada; ▪ Antes de se estabelecer em Portugal, passou por outros países; ▪ Qualificação: Ensino Superior com pós-graduação completa; ▪ Reside na AML com marido e filhos.
SYR-RF-03	Entrevistado	Masculino	≈ 30	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Síria; ▪ Refugiado; ▪ Qualificação: Superior Completo com Mestrado Integrado; ▪ Reside na AML.
TLS-EID-01	Observação	Masculino	≈ 50	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Timor-Leste; ▪ Estudante Internacional de Doutorado; ▪ Reside em Évora, retornou após concluir o curso.
UKR-ENL-01	Observação	Feminino	20	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem: Ucrânia; ▪ Estudante Nacional de Licenciatura; ▪ Imigrou para Portugal com a família aos 9 anos; ▪ Realiza migração pendular; ▪ Reside na AML.

Apêndice C - Guião das entrevistas

Tabela 18 - Guião das entrevistas

Perguntas orientadoras	Enquadramento das questões
Como se deu o processo de regularização da permanência perante as autoridades portuguesas (SEF)?	Explorar o processo de regularização dos imigrantes perante a sociedade portuguesa.
Quais desencontros ocorreram durante este processo?	Identificar os possíveis desencontros ocorridos durante o contato com os órgãos de imigração no processo de regularização da permanência em Portugal.
Como avalia o atendimento realizado?	Explorar as impressões deixadas pelos desencontros no processo de regularização da permanência em Portugal.
Como são desenvolvidas as relações com a sociedade portuguesa?	Explorar os conflitos e inquietações originados com o convívio com a sociedade portuguesa.
Como se desenvolveu o contato com a Universidade de Évora e, quando não o caso, com outros órgãos públicos portugueses?	Explorar os desencontros originados do contato com a Universidade de Évora e outros órgãos públicos portugueses.
Como é desenvolvida a relação com a comunidade?	Explorar os laços, conflitos e inquietações desenvolvidos entre o imigrante e a sociedade portuguesa.
Quais foram e como se desenvolveram os primeiros contatos em solo português?	Analisar como ocorreram os primeiros contatos com o novo e os conflitos e inquietações originados deste contato.
Como avalia as questões laborais em Portugal?	Avaliar como os imigrantes são integrados a sociedade portuguesa na questão laboral e quais as impressões obtidas por estes durante este processo.

APÊNDICES

Tabela 19 - Guião das entrevistas (continuação)

Quais relações desenvolve além dos vínculos estudantis e laborais?	Explorar as relações desenvolvidas pelos imigrantes fora dos contextos laborais e estudantis.
Encontros e desencontros linguísticos, chegou a vivenciar algum?	Explorar os desencontros desenvolvidos devidos as questões relacionadas a língua falada.
Como se desenvolveu o efetivo partir da terra de origem e o chegar em Portugal?	Analisar o processo de preparação para se colocar em migração e como se desenvolveu o efetivo chegar em Portugal.
Do que mais sente falta em relação a terra de origem?	Identificar os sentimentos dos migrantes quanto a ausência do que foi deixado para trás.
Qual a relação desenvolve com o comércio local?	Avaliar como os imigrantes desenvolvem suas relações comerciais e a procura por produtos de seu consumo costumeiro.
Quais conflitos identifica no seu permanecer?	Explorar como os imigrantes avaliam a composição do seu permanecer em solo português, duração e prospeção futura sobre este.
Dados de identificação	Identificar fatores como sexo, idade, origem, formação, entre outros.